HISTORIA

DA

LITTERATURA BRASILEIRA

MELLO MORAES FILHO. — **Cancioneiro dos Ciganos,** poesia popular dos Ciganos da Cidade Nova, 1 vol. in-8.º enc. 3$000, br. . . . . . 2$000
Parnaso Brasileiro, comprehendendo toda a evolução da poesia nacional desde 1556 até 1880, 2 vol. in-8.º br. 8$000, enc. . . . . 10$000
Festas populares do Brasil, 1 vol. enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Os ciganos no Brasil, 1 vol. enc. 3$000, br.. . . . . 2$000

PORTO ALEGRE (Manuel de Araujo). — **Colombo,** poema. 2 vol. in-4.º enc. . . . . 8$000

MAGALHÃES (Dr. J. G. de) Visconde de Araguaya. — **Poesias avulsas** 1 vol. enc. . . . . 6$000
Suspiros Poeticos e Saudades, 1 vol. in-8.º enc. . . . . 6$000
A Confederação dos Tamoyos, 1 vol. enc.. . . . . 6$000
Cantigos funebres, 1 vol. enc. . . . . 6$000
Urania, collecção de 100 poesias, 1 vol. enc. . . . . 4$000

PEREIRA DA SILVA (J. M.). — **Aspasia,** 1 vol. in-8.º enc. 3$000, br. . 2$000
Discursos parlamentares, 1 vol. in-4.º enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Jeronymo Côrte Real, chronica do seculo XVI, 1 vol. in-8.º. . . . . . . 3$000
La Littérature portugaise, son passé, son état actuel, 1 vol. in-8.º enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Manoel de Moraes, chronica do seculo XVI, 1 vol. in-8.º . . . . 3$000
Obras litterarias e politicas, recordações de viagens e esboços historicos, 2 vol. in-4.º . . . . 10$000
Os Varóes illustres do Brasil, durante os tempos coloniaes, 2 vol. in-8.º enc. . . . . 8$000
Historia da fundação do Imperio Brasileiro, 2.ª edição, 3 vol. in-4.º. . . . . 20$000
Segundo periodo de reinado de D. Pedro I do Brasil, narrativa historica, 1 vol. in-4.º br. 5$000, enc. . . . . 6$000

ALENCAR (José de). — **Alfarrabios,** chronicas coloniaes, contendo :
O Garatuja, 1 vol. in-8.º enc. 3$000, br. . . . . 2$000
O Ermitão da Gloria, a alma de Lazaro, 1 vol. in-8.º enc. 3$000, br. . 2$000
Azas de um anjo, comedia, 1 vol. in-8.º br. . . . . 2$000
Ao correr da penna, escriptos politicos, 1 vol. in-8.º br. 2$000, enc. . . 3$000
Cinco minutos, A viuvinha, romances, 1 vol. in-8.º enc. 3$000, br. . 2$000
O Demonio familiar, comedia, 1 vol. in-8.º br. . . . . 1$500
Diva, perfil de mulher, 1 vol. in-8.º enc. 3$090, br. . . . . 2$000
O Gaucho (Senio), 2 vol. in-8.º enc. 6$000, br.. . . . . 4$000
Guerra dos mascates (Senio) chronica dos tempos coloniaes, 2 vol. in-8.º enc. 6$000, br.. . . . . 4$000
O Guarany, episodios dos tempos coloniaes, 2 vol. in-8.º enc. 6$000, br. 4$000
Iracema, lenda do Ceará, 1 vol. in-8.º enc. 3$000, br. . . . . 2$000
O Jesuita, drama em 4 actos, 1 vol. in-8.º enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Luciola, perfil de mulher, 1 vol. in-8.º, enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Mãi, drama em 4 actos, 1 vol. in-8.º br. . . . . 2$000
As Minas de Prata, complemento do **Guarany.** Episodios dos tempos coloniaes, 3 vol. in-8.º, enc. 12$000, br. . . . . 9$000
A pata da Gazella (Senio), 1 vol. in-8.º enc. 3$000, br. . . . . 2$000
O Sertanejo, romance, 2 vol. in-8.º, enc. 3$000, br. . . . . 4$000
Senhora (G. M.), perfil de mulher, 2 vol. in-8.º enc. 6$000, br. . . . . . 4$000
Systema representativo, 1 vol. in-4.º. . . . . 4$000
Til, romance. 4 vol. in-12 enc. 6$000, br. . . . . 4$000
O Tronco do Ipé (Senio), 2 vol. in-8º enc. 6$000, br. . . . . 4$000

HISTORIA

DA

LITTERATURA

BRASILEIRA

POR

SYLVIO ROMÉRO

da Academia Brasileira

2.ª Edição melhorada pelo auctor

TOMO SEGUNDO

(1830-1870)

RIO DE JANEIRO

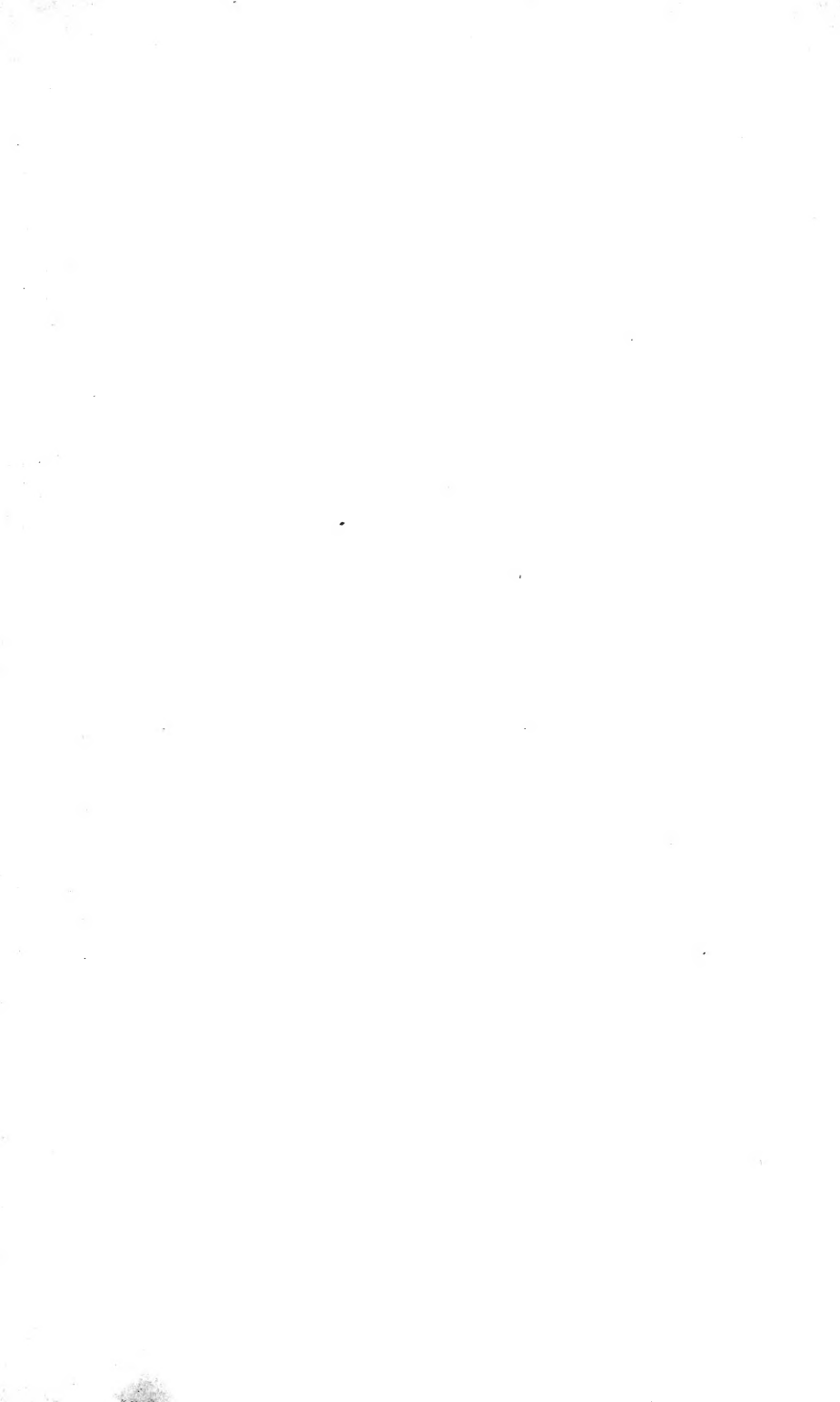
H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, Rua do Ouvidor, 71

—

1903

HISTORIA

DA

LITTERATURA BRASILEIRA

LIVRO IV

TERCEIRA EPOCA
OU PERIODO DE TRANSFORMAÇÃO ROMANTICA

(1830-1870)

CAPITULO I

Poesia. O romantismo. Sua primeira phase.

O momento historico aberto agora diante dos olhos dos leitores, o romantismo, representa só por si quasi toda a litteratura do seculo XIX, e, todavia, ainda não tem sido bem apreciado. Distendido entre dois inimigos, dois rivaes poderosos, tem levado golpes á direita e á esquerda. Nós os homens do ultimo quartel do seculo não assistimos a sua lucta com o classismo, pugna brilhante de que sahiu victorioso : presenciamos em compensação seu pelejar com o naturalismo e dez outras theorias, que o pretenderam definitivamente enterrar.

Estas em seu enthusiasmo juvenil acreditam nada dever ao velho systema... Pernicioso erro historico. Deviam reparar que a litteratura se rege pela lei da evolução, é uma verdadeira organisação de phylogenesis das ideias. Nada existe sem ante-

cedentes, mesmo na evolução cenogenetica, e os antecedentes das doutrinas de hoje são justamente o proprio romantismo... Mas que é, que foi o romantismo ? Ha vinte respostas a esta pergunta. Apreciem-se algumas d'ellas.

O romantismo foi uma reacção religiosa contra a philosophia do seculo XVIII. Assim pensam alguns, illudidos pelo primeiro momento da romantica franceza, a phase tolamente denominada *emanuelica*. Não póde haver maior engano em historia litteraria.

A par de alguns poetas catholicos, o systema produziu, por exemplo, poetas de um materialismo sem mescla. O mesmo na critica, na philosophia e no resto. Byron, Edgar Poë, Balzac, Sainte-Beuve, Baudelaire, para não falar em Gœthe, não foram catholicos. Veja-se outra.

O romantismo, se não foi uma volta ao christianismo puro, foi certamente uma reacção contra a Renascença, um retorno ás scenas e á vida da edade media... Existe ahi muito escrevinhador de momento, que possue da litteratura do XIX seculo essa misera noção e traça-lhe tão acanhada caracteristica. Um erro, uma triste vista superficialissima dos factos intellectuaes.

Que têm que ver Leopardi, Musset, Shelley com a edade media ?

Os movimentos de reacção e retorno em litteratura e em politica são sempre movimentos negativos, e seria um despreposito que o seculo XIX, o grande creador dos estudos historicos, o introductor em todas as sciencias do principio da historicidade, viésse alentar-se de uma poesia anachronica, emperrada, reaccionaria contra as leis do desenvolvimento progressivo das ideias. Impossivel.

Não podendo as duas fórmulas lembradas conter e explicar todos os phenomenos litterarios do tempo, imaginaram-se outras. O romantismo era o scepticismo, a duvida philosophica e religiosa levada para a poesia. Byron, injustamente, foi inventado para symbolisar esta tendencia.

Digo inventado ; porque o grande Byron, ao menos cá pelo nosso mundo latino, é menos o valente poeta inglez do que um certo typo convencional crêado pela critica franceza.

Este modo de explicar o romantismo é graciosamente esteril. Schiller e Victor Hugo, Tennyson e Wordsworth ficariam fóra do quadro.

Houve recurso a outros expedientes : o romantismo é o sentimentalismo na litteratura, é a continuação da melancholia de Rousseau, distendia por todo o seculo XIX. São bem conhecidos os typos de *Werther*, *Corina*, *Adolpho*, *Olympio*, *René*, *Jocelyn*, *Lelia* e muitos outros chamados para justificarem a theoria. Esta explicação é até a predominante geralmente no grande publico.

Um homem *romantico* é um typo pallido e tristonho, exhibindo magoas e desconsolos.

Uma moça *romantica* é uma creaturinha meio phantastica, de olhos langues, descoradas faces, um todo feito de sonhos e chymeras...

Quem não vê que os delirios passageiros de um tempo não podem constituir a força, a substancia activa de uma litteratura ? Não é o bom ou o máo humor dos poetas que marca a indole das doutrinas e dos systemas litterarios. O romantismo não possuio sómente chorões reaes ou affectados ; teve tambem muitos espiritos equilibrados e expansivos a communicarem enthusiasmos e alegrias.

Foi preciso á critica inventar outra medida, outra toêza para marcar os poetas, romancistas e dramaturgos.

O romantismo foi o predominio da imaginação, o principado da phantasia.

Que é um livro *romantico ?* E' um livro phantastico, eivado de miragens, de encantamentos, como o *Ashavérus* de Quinet. Que é um heróe *romantico ?* E' um ente raro, miraculoso, uma especie de archetypus em contraste com o mundo positivo, vivendo d'uma vida ideial.

Victor Hugo crêou uma galeria d'elles : *Bug-Jargal*, *Jean Valgean*, *Quasimodo*, *Hernani*, *Cimourdin*, *Lantenac*, *Angelo*, e trinta outros.

Por menos que se deseje uma litteratura que seja uma expressão da realidade, uma notação da vida mundana, não é possivel desconhecer a falsidade das crêações dos romances e dramas do grande lyrista francez.

Se o romantismo tivesse ficado n'aquillo, teria sido um movimento insignificante, despresivel, e o proprio Hugo, se tivesse produsido só esses disparates, seria hoje um nome esquecido, justamente esquecido.

Houve, porém, momentos em que os romanticos deixavam os sonhos e approximavam-se da realidade. Balzac foi um d'elles. Para esses o romantismo era a ultima palavra das crêações litterarias : tinha uma base scientifica, e seu fim era representar a vida das almas humanas, a historia natural dos caracteres, como a biologia é a historia natural da vida organica nos seus dominios inferiores.

Era esta uma pretenção exagerada, em desacordo com as maiores invenções do systema.

Não estavam esgotadas as doutrinas e as explicações.

E' mister aprender a natureza da theoria feita pelos seus grandes representantes. Em 1830, em artigo consagrado ás poesias de André Dovale, artigo reproduzido no prologo de *Hernani*, Victor Hugo definia a nova escola — *o dominio do liberalismo na arte*. Se bem entendo o poeta espiritualista, o romantismo não era uma questão de ideias philosophicas, senão uma certa franquia na escolha dos assumptos e no modo de os tratar. Os classicos tinham assumptos, ideias e linguagem consagrados ; labutavam n'um circulo estreito a remexer velhos manequins d'uma rhetorica estafada. O classismo era uma especie de pagem da velha realeza. As ideias revolucionarias abalaram os thronos, entraram pela litteratura a dentro e desconcertaram as poentas cabelleiras classicas.

Houve um grande acordar para a vida, a liberdade penetrou em todos os recessos do pensamento. Este o grande feito do romantismo.

E' a verdade em parte ; não dá, porém, toda a medida das novas tendencias. Bem cedo o novo systema teve tambem sua rhetorica vasia e retumbante, inanida e futil. Victor Hugo bem contribuio para formal-a e diffundil-a pelo mundo latino. Ao lado e ao tempo do cantor das *Contemplações*, Alf. Musset, depois dos desvarios de 1830, ridicularisava a grande escola de que era elle um dos mais prestimosos ornamentos.

Em 1836, em artigo inserto na *Revue des deux Mondes*, sa-

tyrisava a litteratura corrente, mostrando não ter ella nada avançado além da que a precedera a não ser o emprego abusivo de adjectivos... O primeiro poeta francez do seculo XIX poz o dedo em cima de uma das chagas da romantica. Espiritos de segunda e terceira classe, rabulas e mezinheiros das lettras, immiscuiram-se no meio dos grandes mestres e deitaram a perder o trabalho dos progonos.

Sem ideias e sem *vis* creadora, apegaram-se ás franjas da linguagem e esvasiaram a litteratura do seculo.

A satyra do auctor de *Don Paez* e de *Porcia* attinge perfeitamente o alvo ; tem a sensatez da justiça.

Comprehende-se, entretanto, não ser sufficiente o gracejo humoristico do poeta de *Rolla* para definir e differenciar um movimento litterario, que se protrahiu por mais de setenta annos.

Mais profundo, ou antes, profundamente serio, foi o programma traçado á nova escola por Frederico Schlegel em 1796. Sabe-se que os criticos allemães excluem da escola romantica Lessing, Klopstock, Herder, Gœthe e Schiller.

O movimento romantico allemão é para elles posterior ao famoso periodo classico em que floresceram aquelles grandes genios, e começou com Schlegel no anno pre-citado.

Ainda fazendo tão grande desconto, o romantismo germanico é bem anterior ao seu pretencioso irmão francez.

O manifesto litterario de Schlegel consigna como ideia capital da doutrina o approveitar-se ella dos ensinamentos da sciencia, da historia e da critica. E' evidentemente um prenuncio, uma antecipação ao philosophismo ou *scientificismo* defendido por alguns poetas post-romanticos. Schlegel queria apenas fornecer á poesia armas novas ; approximal-a das grandes luctas modernas, sem despil-a, porém, de seu caracter especifico. Mal comprehendida a ideia do romantico tedesco, pode-se tombar nas mais grosseiras extravagancias. Em todo caso, seu programma não foi seguido ; a poesia caminhou por um lado e a sciencia por outro.

A doutrina de Schlegel, incompleta e inefficaz para explicar a indole da poesia e da litteratura do seculo, foi adoptada e desenvolvida por aquelles moços, que tomaram a Heine e

Bœrne por chefes, e são conhecidos na historia com o nome de *Joven Allemanha.*

Para elles o grande disideratum da litteratura do tempo era luctar, pugnar pela liberdade politica, social e religiosa. Devia para tanto lançar de preferencia mão da prosa.

Seria isto muito bom nos pamphletos politicos, nos escriptos de polemica, nas obras de critica. Na poesia o eterno e sediço badalar contra Deus e o Christo, contra o papa e os reis, será de muito alcance nas mãos ou na bocca dos enthusiastas e propagandistas ; mas como arte, como poesia, é preferivel ir alli a um sitio qualquer ouvir uma sertaneja cantar algumas trovas populares.

O que alguns sonhadores novos, tomados de ancias demagogicas ou de religiophobia, julgam conquista novissima de suas cabeças, é em verdade cousa bem velha no seio do velho romantismo. Não o explica, entretanto.

Mais alentada é a ideia de quem, como Grimm, julga ser a notação fundamental da litteratura do XIX seculo — a volta de todas e de cada uma das nações ás suas crêações populares.

Foi esta certamente uma das grandes obras do romantismo.

Ajudado pela critica, pela linguistica e pela mythographia, elle penetrou na região encantada das lendas, dos contos, das canções, das crenças populares. A nativisação, a nacionalisação da poesia e da litteratura em geral foi, talvez, o maior feito do romantismo. Não o explica de todo.

Tão pouco o exclarece dizer, com Zola, que sua funcção historica foi preparar a lingua para ser empregada pelo naturalismo hodierno. Rezultado inconsciente este, não constituiu jamais o programma de uma escola.

Que foi então o romantismo ?

Tentarei explical-o. A differança existente entre a litteratura do seculo XIX e a litteratura dos outros tempos é a mesma que existe entre a sciencia e a philosophia do seculo XIX e a sciencia e philosophia dos outros tempos.

A evolução intellectual obedece á lei do *consensus* em todas as suas faces. Philosophia nova, litteratura nova.

Ora, a philosophia dos outros seculos estava no absoluto e

a nossa está no relativo ; a antiga era *apriori* e a nossa é *aposteriori.* Aquella tinha um direito universal, uma grammatica universal, uma arte universal, um modelo universal para tudo ; esta ensina ser o direito uma funcção da vida nacional, a lingua uma formação nacional, a poesia uma idealisação nacional. Ha tantos direitos, grammaticas e artes originaes, quantas são as raças que dividem a humanidade.

A poesia classica tinha ideias, linguagem, forma predeterminadas ; a poesia nova quebrou o molde antigo e vasou-se em tantos moldes novos, quantos povos e até quantos individuos de genio poetaram.

O romantismo foi, pois, uma mudança de methodo na litteratura ; foi a introducção do principio da relatividade nas producções litterarias ; foi o constante appello para o regimen da historicidade na evolução da vida poetica e artistica.

D'ahi a liberdade, a generalidade de suas creações ; elle descentralisou as lettras ; nacionalisou-as n'uns pontos, provincialisou-as n'outros, individualisou-as quasi por toda a parte.

N'este sentido largo o romantismo é a litteratura do presente e póde-se dizer que será a do futuro, não passando os systemas de hoje de resultados necessarios seus.

Foi a reforma nas sciencias do espirito, a reforma dos methodos historicos, que influio immediatamente na litteratura.

Os seus iniciadores partiram da analyse dos factos, da relatividade das cousas ; sahiram do absoluto e procederam por via de inducção. Lessing reformou a critica litteraria, Winckelmann a critica artistica, Kant a critica do conhecimento, Herder a critica historica, Wolf, Heyne, Hermann, Lobeck, Kreuzer a critica mythologica. Göthe e Schiller surgiram e a poesia nova estava creada. Movimento analogo dava-se entre os inglezes, influenciados pela philosophia de Hume.

A historia litteraria, como se escreve em Brasil e Portugal, faz partir a nova litteratura de Montesquieu, de Voltaire e nomeadamente de Rousseau. E' esquecer que o melhor das ideias de Montesquieu e Voltaire, em quem todos falam e que ninguem lê, é proveniente da Inglaterra, habitada e estudada por elles.

Rousseau, que se inspirou tambem na Inglaterra e na Suissa,

exerceu duas influencias perniciosissimas : a politica, do *Contrato Social*, abstracta, ideologica, absoluta, cujos máos effeitos a Revolução patentou ; nada mais contrario á intuição politica do seculo XIX ; a litteraria, da *Nova Heloisa* e do *Emilio*, anti-humana, doentia, anti-cultural, cujos desatinos cobriram de descredito uma parte dos seus adeptos.

Rousseau não é o pae da litteratura do seculo XIX nas suas culminações. Maior influencia teve Diderot, sem comtudo ser o chefe da intuição litteraria dos novos tempos.

A teima de fazer do amigo de Madame d'Epinay o supremo inspirador das ideias do mundo hodierno é alguma cousa de analogo á mania de fazer de Carlos Magno um francez, da arte gothica um producto da Gallia, da Renascença e da Reforma umas afilhadas do espirito parisiense.

A litteratura do seculo XIX, a despeito de sua grande variedade, obedece a um principio commum ; n'ella o espirito percuciente vae descobrir os fios directores de uma grande unidade de methodo e de intuitos geraes.

Na Europa atravessou periodos diversos em seu desenvolvimento phylogenetico, e mesmo na formação ontogenica de cada um de seus grandes representantes.

Göthe e Victor Hugo, por exemplo, podem servir de bellos *especimina* de ontogenesis litterario. Atravessaram phazes diversas e são como uma especie de resumo da evolução cultural de allemães e francezes.

Volvamos as vistas para o nosso paiz.

A primeira irrupção do romantismo no Brasil, é costume dizer-se, foi o présente feito de Paris por Domingos de Magalhães de seus *Suspiros Poeticos e Saudades* em 1836, justamente no anno em que o bom Musset ridicularisava os excessos dos ultra-romanticos.

Ja provei anteriormente a falsidade d'esse boato historico. E' preciso recuar dez annos para pegar nas mãos as primeiras manifestações brasileiras da escola.

Ja as indiquei ; e é inutil repetir-me agora (1).

Partamos, entretanto, de Magalhães e do anno de 1836.

(1) Vide o ultimo cap. do 1º volume, na parte que trata de Maciel Monteiro principalmente.

Os phenomenos historicos na vida positiva das nações não se produzem em globo, nem se produzem isoladamente, como as abstracções de um quadro logico. Manifestam-se organica e gradativamente.

O primeiro trabalho a fazer-se agora aqui, antes da caracterisação especifica dos typos litterarios, é a notação precisa das phases da evolução.

A litteratura rege-se pela lei do desenvolvimento á maneira das formações biologicas. Ainda como as creações biologicas, ella tem a sua lucta pela existencia, onde as ideias mais fracas são devoradas pelas mais fortes. As ideias têm todas um elemento hereditario e tradicional e um elemento novo de adaptação a novas necessidades e a novos meios.

Cada nação tem seu patrimonio de ideias représentativas do seu desenvolvimento natural : é a phylogenia litteraria, repetindo a linguagem de Häckel. Cada grande typo tem forças e impulsos proprios, alem d'aquelles que recebe por herança : é a ontogenia litteraria, para falar ainda como o celebre naturalista.

A ideia de força e de lucta domina sempre as grandes e até as pequenas litteraturas; é o pugnar das ideias, das theorias, das opiniões; são as polemicas, a guerra intestina dos systemas. Uma litteratura pacifica é uma litteratura morta.

As lettras seguem a marcha da civilisação, porque ellas são um producto da cultura e não da natureza.

Entre nós, como por toda a parte, o romantismo passou por momentos diversos. Cada momento teve seus progonos e seus epigonos.

O primeiro momento da romantica brasileira foi aberto sob a influencia de Lamartine; é a phase religiosa, emanuelica. Domingos de Magalhães foi o progono, o chefe.

Porto Alegre, Teixeira e Sousa, Norberto Silva, João Cardoso foram os continuadores, os epigonos.

A esta phase seguiu-se muito de perto, e pode-se dizer quasi simultaneamente, o momento do indianismo, do americanismo, inspirado por Chateaubriand e Cooper.

Gonçalves Dias foi o propulsor nunca excedido do genero.

Viu-se o curioso phenomeno de constituirem-se satelites do

grande poeta maranhense todos aquelles, mais velhos, que tinham aberto a phase proximamente anterior. Foram-no durante algum tempo, deixando-o mais tarde. Alem desses, o indianismo na poesia teve outros cultores, todos pequenos e hoje anonymos.

Não falo no romance e no drama que serão vistos depois; falo da poesia, cujo desenvolvimento foi mais normal.

Depois do indianismo rasgou outras perspectivas ao romantismo brasileiro o genial espirito de um moço de vinte annos.

Vinha imbuido de ideias mais geraes, mais universaes. A poesia não era d'aqui nem d'ali. Pallida e melancholica peregrina, era a hospeda das almas ardentes em todos os tempos, sob todos os ceus, ao calor de todos os sóes, ao susurrar de todas as brisas.

Byron e Musset eram os deuzes instigadores d'esses enthusiasmos juvenis. Alvares de Azevedo foi o progono de uma grande geração. Bernardo Guimarães, Aureliano Lessa, José Bonifacio, Teixeira de Mello, Casimiro de Abreu, Bittencourt Sampaio, Franklim Doria, Bruno Seabra, e trinta outros formaram em grupo em torno da figura do poeta da *Lyra dos Vinte Annos*. Isto em sentido muito geral.

O romantismo não se podia esquecer, deixar-se morrer n'essa poesia de muitas magoas e poucas alegrias.

Novos talentos forcejaram por arrancal-o áquelle torpor. Como acontecera nos anteriores movimentos, pediram um chefe á litteratura da velha Europa.

D'esta vez foi Victor Hugo, com o seu lyrismo ardente, arrebatado, e com seu humanitarismo sympathico, o mestre escolhido. Tobias Barreto foi o provocador do movimento. Cercaram-no em ruidoso alvoroço, n'uma especie de naturalismo lyrico e socialista, as bellas figuras de Castro Alves, Victoriano Palhares, Guimarães Junior, Altino de Araujo, Castro Rebello, ao norte do Brasil; e ao sul, sob a influencia directa de Castro Alves, Carlos Ferreira, Elseario Pinto e alguns outros, que desapparecem no anonymato.

Foi em rigor o ultimo instante do romantismo conscientemente praticado como tal.

Depois principiaram a surgir tentativas de réfórma. Sylvio Roméro (1) atacou o velho systema em repetidos artigos de critica, apresentando a fórmula de uma poesia nova, inspirada na sciencia e na philosophia do dia. Adoptada, n'aquelle tempo, a mesma intuição pelo moço Teixeira de Souza, foi depois exagerada, especialmente por Martins Junior e raros mais.

Ao lado d'esse *philosophismo* ou *scientificismo*, ergueu-se o lyrismo despreoccupado, visando fazer a poesia pela poesia, cultivando de preferencia a forma. Eram os seguidores de Leconte de Lisle e de Banville.

E' o grupo a que seu o nome de *parnasianos*. Inclinavam-se já para um naturalismo selecto, já para os puros dominios da phantasia. Quasi toda a moderna poesia brasileira veio postar-se d'este lado da montanha. Seu representante maximo foi o Dr. Luiz Delfino dos Santos.

Com ser já homem velho em idade e velho nas letras, antigo poeta *condoreiro*, nunca havia tomado parte activa em nossas luctas. Nos ultimos vinte annos do seculo, porém, desenvolveu uma tal actividade e chegou a um gráu tal de renome que foi preciso d'então em diante contar com elle.

Em deredor d'esse decantado poeta luctaram quasi todos os moços, disse eu, e, entre outros, devo lembrar os nomes de Theophilo Dias, Raymundo Correia, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac e vinte outros com os quaes me hei de occupar opportunamente.

Taes as principaes phases do romantismo brasileiro na poesia. No romance e no theatro a evolução não se fez tão normalmente, tão logicamente.

O romance e o theatro hão tido entre nós uma especie de desenvolvimento episodico e esporadico.

O romance teve uma phase embryonaria no velho Teixeira e Souza; assumiu as proporções de estudo social em Joaquim Manoel de Macêdo; multiplicou-se, para attender a todas as cambiantes da nossa população, em José de Alencar; adstringiu-se ás populações campesinas em Franklin Tavora; tomou feições psychologicas em Machado de Assis e

(1) Peço licença para, como tantos outros, falar no meu nome em 3ª. pessoa.

naturalistas em Aluizio Azevedo. Em torno d'estes têm gyrado, em suas respectivas epocas, Manoel de Almeida, Escragnolle Taunay, Bernardo Guimarães, Carneiro Vilella, Araripe Junior, Celso de Magalhães, Inglez de Sousa, Raul Pompéa e outros.

O theatro mostra um desenvolvimento ainda inferior ao do romance.

Penna, Macêdo, Alencar e Agrario iniciaram a comedia, e balbuciaram o drama nacional. Não lembro agora as producções dramaticas de Magalhães, Norberto Silva, Porto Alegre e Ernesto França ; porque não tiveram grande influencia.

Os epigonos do theatro foram Quintino Bocayuva, Castro Lopes, Pinheiro Guimarães, Sizenando Nabuco, Achilles Varejão, França Junior, Arthur Azevedo, sem falar em Machado de Assis e Franklin Tavora, mais illustres no romance e no conto.

Foi este o romantismo brasileiro (1).

Será estudado especialmente na poesia, na critica, na historia, na philosophia, nas sciencias, nas artes, em todas as manifestações em summa da intelligencia d'esta nação.

O romantismo brasileiro, em seu acanhado circulo, asylou os mesmos debates que o seu congenere europeu. Seu maior titulo, a meu vêr, foi arrancar-nos em parte da imitação portugueza, approximar-nos de nós mesmos e do grande mundo.

Seu inicio havia sido no decennio antecedente ; mas seu maior impulso foi nos primeiros annos do reinado do segundo imperador ; os dias difficeis da Regencia tinham passado ; abria-se uma epoca de grandes esperanças.

Com a inauguração do imperio, a existencia da côrte e das sessões da camara dos deputados e do senado no Rio de Janeiro, os melhores talentos das provincias affluiam a esta cidade para onde deslocou-se o centro do pensamento brasileiro. O decennio de 1840 a 50 foi talvez um dos de maior effervecencia litteraria havidos no Brasil.

(1) A determinação das phases do romantismo brasileiro foi já por mim feita na *Litteratura Brasileira e a Critica Moderna*, no *Epilogo*, e recentemente, sob forma mais completa, na memoria litteraria que faz parte do livro do 4°. Centenario do Brasil.

O estudo das revistas do tempo, nomeadamente a *Revista do Instituto Historico*, a *Minerva Brasiliense* e a *Guanabara*, facilita a reconstrucção narrativa do romantismo brasileiro. Foi o tempo em que Magalhães, Porto Alegre, Varnhagen, Torres Homem, Penna, Macedo, Gonçalves Dias, Nunes Ribeiro, Adet, Bourgain, Norberto Silva, Mello Moraes, Pereira da Silva, Ignacio Accioli, Abreu e Lima, Joaquim Caetano, e vinte outros conheciam-se, relacionavam-se, encontravam-se no Instituto Historico, em casa de Paula Brito, ou na *Petalogica* do Largo do Rocio.

Monte Alverne ainda vivia e era uma força attractiva para essa gente. Não existia n'aquelle grupo nenhum genio de primeira grandeza; mas achavam-se ali alguns dos mais valorozos talentos que este paiz tem produzido.

O decennio anterior (1830-40) foi dos primeiros ensaios d'aquella pleiada d'escriptores. Todo este periodo é o que se poderia chamar a escola fluminense na litteratura brasileira.

O Rio de Janeiro é uma lindissima cidade, capaz de ser uma terra de poetas e pensadores. O homem, em lucta com a vida do espirito, precisa de procurar descanço e alentos no mundo exterior, e aqui elle os poderá achar e variadissimos.

E' uma cidade de pedra como Paris, e não de tijolos como Londres. De um lado é cercada pelo mar, que lhe proporciona o bellissimo porto, semeado de ilhas e circulado de morros; de outro lado estende-se pela planicie a dentro a encontrar outras montanhas, que a fecham como em circulo. Tudo isto adereçado de viçosa e pujante vegetação ; grandes pedaços de matta virgem dão em muitos arrabaldes ainda hoje o espectaculo das florestas do interior.

A principio a população era retraida e modesta. Depois, nos quarenta e nove annos do reinado do segundo imperador, mudou ella inteiramente de aspecto e de indole. O commercio cresceu ; os interesses multiplicaram-se ; uma enorme immigração das provincias e do estrangeiro invadiu a cidade, onde tudo tomou um aspecto transitorio e fluctuante.

Dizem que só por si este famoso Rio vale todo o Brasil... Não duvido que assim seja ; porém não conheço outra cidade no paiz menos nacional do que esta. E' sem duvida a primeira

na riqueza material, nos interesses de momento, nos prazeres faceis, nos arranjos politicos. Não é a primeira no amor e nas tradições da patria. Um não sei que de sceptico, material e frivolo invadiu o geral dos espiritos; o amor do dinheiro sem trabalho, o favoritismo politico e o goso mercenario das mulheres tomaram proporções assustadoras n'uma terra deposta em leito de granito, cercada de montanhas de granito, onde parece que os caracteres deviam ser de bronze e as intelligencias de ouro... Entretanto, a primeira phase do romantismo mostra ainda algumas intelligencias sérias.

Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882).

Não darei por meudo a biographia d'este escriptor.

Basta-me referir que nasceu no Rio de Janeiro em 1811; formou-se em medicina em sua cidade natal, onde em 1832 publicou seu primeiro volume de poesias. Em 1833 partiu para a Europa, cujos principaes paizes visitou, tendo por companheiros Salles Torres Homem e Araujo Porto Alegre. De volta ao Brasil em fins de 1836, anno em que publicou em Pariz os celebrados *Suspiros Poeticos*, serviu de secretario do governo nas provincias do Maranhão e Rio-Grande do Sul.

Foi deputado geral. Continuou a escrever, publicando: *Antonio José ou o Poeta e a Inquisição*, em 1839; *Olgiato*, em 1841; *Amancia*, em 1844; *Memoria historica documentada da revolução do Maranhão*, em 1848; a *Confederação dos Tamoyos*, em 1856. Abraçou a carreira diplomatica, représentando o Brasil em diversos paizes da Europa e da America. Falleceu em Roma em 1882, deixando ainda publicadas outras obras.

Nenhum escriptor brasileiro fez tão rapida e tão brilhante carreira; nenhum teve tanta fama, tão facil nomeada e nenhum cahio tão depressa e tão profundamente. Hoje é preciso rehabilital-o, fixando-o num logar definitivo.

Quando appareceram as primeiras obras de Magalhães a imprensa desencadeou-se em louvaminhas formidolosas. Cada um queria ser ainda mais exagerado do que o seu ante-

cessor em balançar o thuribulo e incensar o idolo. Salles Torres Homem, Norberto Silva, Manuel de Macedo, Fernandes Pinheiro, Nunes Ribeiro e Araujo Porto Alegre foram os mais empenhados naquelle doce lidar.

Tudo isto passou; o poeta deixou de ser lido, seu nome velou-se de olvido, e quando, morto o illustre brasileiro, seu cadaver aportou a esta cidade, apenas um dos seus velhos amigos se apresentára para o levar ao descanço do tumulo...

Que lição a futuros escriptores! Houve injustiça em tanto esquecimento; houvéra antes excesso em tantos louvores. Este homem deve entrar para a historia, levando comsigo o valor exacto dos seus trabalhos. Aglumas notas capitaes lhe descubro : era activo e tinha desejos de influir; por isso tentou diversos generos: o lyrismo impessoal nos *Suspiros Poeticos*, a elegia nos *Mysterios*, a epopéa na *Confederação dos Tamoyos*, o theatro no *Antonio José* e no *Olgiato*, o lyrismo subjectivista na *Urania*, a philosophia nos *Factos do Espirito Humano* e na *Alma e o Cerebro*. Era um talento serio, encarava tudo com um certo ar de solemnidade, prestes a descombar em dureza.

Era tambem grave na escolha dos assumptos. Percorram-se por exemplo, as paginas de seus *Suspiros Poeticos*; tudo são assumptos elevados e grandiosos. A execução, porém, ficava sempre abaixo do objecto. Nenhum poeta do seculo se occupou de cousas tão remontadas e tambem nenhum accumulou tanta prosa metrificada. Era um talento objectivista, nutrido de uma philosophia palavrosa e vaga, de um pantheismo abscondito. Espirito capaz de interessar-se por grandes factos da historia e grandes scenas dà natureza, não possuia o dom de identificar-se com a grande vida do universo, e trazer de lá alguma cousa da poesia eterna, que circula e se expande por toda a immensa cadeia dos seres. A natureza lhe apparecia como um organismo abstracto e prosaicamente finalistico.

Deve ser estudado com amor e interesse, porque foi um trabalhador e porque amou este paiz. Veja-se o poeta e ouça-se o philosopho. Felizmente elle não pertence a certo grupo de

charlatães, tão communs em seu tempo, que julgava estar a grandeza intellectual em multiplicar livros e livros para tormento do publico e especialmente da critica.

Magalhães não escreveu muito; suas obras completas em primorosa edição de luxo não passam de dez volumes, perfeitamente portateis (1).

Possúe quatro producções capitaes por onde foi principalmente conhecido pelo publico brasileiro. Dão a medida dos seus talentos e dos seus defeitos. O poeta lyrico acha-se nos *Suspiros ;* o poeta epico mostra-se na *Confederação ;* o dramatista encerra-se no *Antonio José ;* o philosopho patentea-se nos *Factos do Espirito humano.*

Definir estes livros é determinar a natureza, a indole do talento do escriptor ; é desenhar-lhe a alma.

Como pensava em poesia? Elle mesmo vae dizer. Educado em pleno régimen classico, nunca foi mais do que um classico entre os romanticos. A forma e o fundo de sua poesia são de um classismo pouco variado e pouco vigoroso.

Ha uma certa nota dura e aspera que fica a vibrar perpetuamente ao ouvido. Do romantismo elle tomou apenas tres sestros capitaes : fazer da poesia uma succursal da religião, maldizer systematicamente do presente, divinisar o poeta e a sua missão.

O auctor é typico en cada uma d'essas manifestações morbidas da romantica.

As provas são faceis ; eil-o que fala do caracter e da natureza de sua poesia :

« O fim deste livro, ao menos aquelle a que nos propuzemos, que ignoramos se attingimos, é o de elevar a poesia á sublime fonte donde ella emana, como o effluvio d'agua que da rocha se precipita, e ao seu cume remonta, ou como a reflexão da luz ao corpo luminoso ; vingar ao mesmo tempo a poesia das profanações do vulgo, indicando apenas no Brasil uma nova estrada aos futuros engenhos.

A poesia, este aroma l'alma, deve de continuo subir ao Senhor; som accorde da intelligencia, deve santificar as vir

(1) Refiro-me á edição Garnier das obras completas de Magalhães.

tudes e amaldiçoar os vicios. O poeta, empunhando a lyra da Razão, cumpre-lhe vibrar as cordas eternas do Santo, do Justo e do Bello...

O poeta sem religião, e sem moral, é como o veneno derramado na fonte, onde morrem quantos ahi procuram aplacar a sêde. Ora, nossa religião, nossa moral é aquella que nos ensinou o Filho de Deus, aquella que civilisou o mundo moderno, aquella que illumina a Europa e a America : e só este balsamo sagrado devem verter os cantos dos poetas brasileiros (1). »

Por mais respeitaveis que hajam sido os sentimentos religiosos do nosso romantico, é dubitavel que andasse bem avisado em confundir a poesia com a religião. Emquanto a critica moderna não se convencer que existem no espirito humano tendencias diversas e irreductiveis, creadoras de outras tantas manifestações tambem diversas e irreductiveis, havemos de apreciar os terriveis desmantelos de que o nosso tempo tem sido por demais abundante. Poesia religiosa e religião poetica, arte scientifica e sciencia artistica, e outras tantas antinomias grotescas, são o ridiculo de nossos dias. Todas as crêações intellectuaes e emocionaes da humanidade entram num schema epecial : religião, arte, sciencia, politica, industria direito e moral são as sete grandes instituições da humanidade.

Não ha outras. A sciencia alli abrange a philosophia, e a politica margêa a moral e o direito.

E' isto, pois : existem as formações religiosas, as artisticas, as philosophico-scientificas, as economico-industriaes e as ethico-politicas e juridicas. Em o espirito humano deve reinar a paz, e por isso cumpre que suas creações fundamentaes não andem em lucta ; o conflicto entre ellas, conflicto muitas vezes crudelissimo, deve cessar ; convem que andem o mais possivel de accordo.

São, porém, distinctas ; confundil-as é prova de estreiteza intellectual. O espirito religioso póde não ter nada de poetico ; o poeta póde nada ter de religioso.

(1) *Suspiros Poeticos*, prefacio, sob o titulo—*Lêde.*

A confusão das duas cousas foi um erro grosseiro do romantismo. E nosso poeta compartilhou d'esse erro.

Outro abuso em que tropeçou foi a mania, igualmente romantica, de maldizer de seu tempo, sem razão para o fazer. Era uma das fórmas do pathos rhetorico. « Tu vais, oh! livro, ao meio do turbilhão em que se debate nossa patria; onde a trombeta da mediocridade abala todos os ossos e desperta todas as ambições; onde tudo está gelado, excepto o egoismo... » (1).

Era uma das fórmas da vaidade do poeta. Póde-se dizer sem receio; porque, feitas as reducções devidas no seu talento, ainda fica elle sendo um homem grandemente apreciavel. Aquellas palavras e outras similhantes foram preparando a crescente indisposição do publico diante de Magalhães. Refere a tradição que, de volta de sua primeira viagem á Europa, ao avistar elle a cidade do Rio de Janeiro, saúdara-a com esta imprecação : « Oh ! terra de ignorantes !... » Avalie-se do encommodo causado por taes palavras no centro do chauvinismo brasileiro.

O poeta dizia a verdade ; a occasião é que era impropria. Como lyrico o livro capital de Magalhães, disse eu, são os *Suspiros Poeticos*. E' uma collecção de poesias enormes, eriçadas de prosaismos capazes de molestar o mais contentavel dos leitores. Foi um dos grandes defeitos do romantismo francez passados para o Brasil : o desmedido comprimento das poesias.

Quando se tem, por exemplo, contado a fortuna de haver lido um *Lied* allemão, delicioso pela fórma e pelo fundo, comprimido em duas ou tres estrophes, e se encontram a *Invocação ao anjo da poesia*, *O Vate*, *A Poesia*, *Deos e o Homem* de Domingos de Magalhães, é para deveras irritar.

São peças trotadas num diapasão monotono, numa rhetorica subalterna de uma longura de estafar.

O fundo das ideias é um espiritualismo a Cousin com laivos de pantheismo.

Não existem galas nem effusões lyricas ; o tom é pesado, a metrica indisciplinada.

(1) *Suspiros Poeticos*, Lêde, *in fine*.

Um pedaço ao acaso :

« Quando se arrouba o pensamento humano,
E todo no infinito se concentra,
De milhões de prodigios povoado ;
Quando sobre o fastigio de alto monte,
Como um colibre sobre altivo robre,
Na vastidão sidérea a vista espraia ;
E vê o sol, que no Oriente assoma,
Como n'um lago em propria luz nadando,
E a noite, que se abysma no occidente,
Arrastando seu manto tenebroso,
De pallidas estrellas semeado ;
Quando dos gelos, que alcantis corôam,
Vê a enchente rolar em cataractas,
Por cem partes abrindo largo leito,
Fragas e pinheiraes desmoronando ;
Quando vê as cidades enterradas
A seus pés na planicie, e negros pontos
Aqui e alli moverem-se sem ordem
Como abelhas em torno da colmeia ;
O homem então se abate ; um suor frio,
Qual o suor que o moribundo côa,
Rega-lhe o corpo extactico ; sua alma,
Como um subtil vapor que o lyrio exhala,
Ferido pelo raio matutino,
Da terra se levanta ; e o corpo algente
Qual um combro de pó morto parece... »

E' este o estylo : periodos enormes, idéas de pouca monta.

Não tem a profundeza da poesia alleman, a ideialidade da ingleza, nem os brilhos da franceza.

Tem os defeitos do systema romantico, possuindo poucos de seus meritos.

A mania romanesca de considerar o poeta o rei dos homens não lhe foi estranha. Diz d'elle na peça *O Vate :*

« Umas vezes soberbo, impetuoso,
Qual aguia que sublime o céo devassa,
E do céo sobre a terra os olhos desce,

Teu igneo, alado genio, no ar suspenso :
Não, oh mortaes, não vos pertenço (exclama),
Eu sou orgão de um Deos ; um Deos me inspira ;
Seu interprete sou ; oh! terra! ouvi-me. »

Era esta a geral importancia que os poetas romanticos suppunham caber-lhes em partilha. Uma innocente illusão e nada mais.

O nosso fluminense escreveu poesias que são verdadeiras ladainhas ; é um outro defeito seu.

Eis um exemplo :

« Santa Religião, amor divino,
Que beneficios sobre a terra espalhas!
Quanto é mysterioso o Ser que inflammas!
De quanto elle é capaz!... Vejo donzellas,
Reboradas por ti, vencer a morte!...
Oh! das Religiões a mais perfeita,
Oh! unica de Deos e do homem digna!
Religião plantada no Calvario,
E co'o sangue de Christo alimentada!
Religião de amor, de paz, de vida! »

Falta só juntar a cada um destes versos o respectivo — *ora pro nobis* — para sahir uma perfeita ladainha. Fôra melhor que o auctor dos *Suspiros Poeticos* pugnasse pela religião em boa prosa, deixando o verso para outros assumptos.

O poeta, porém, nem sempre foi assim fraco ; teve seus momentos felizes ; aqui e alli surgem elles em suas obras. Naquella de que se trata agora acha-se inserta a celebrada ode a *Napoleão em Waterloo*, uma das producções mais elevadas do romantismo patrio. Não é toda igual ; quasi sempre, porém, é digna de apreço. Eis os trechos principaes :

« Waterloo!... Waterloo! Lição sublime
Este nome revela á Humanidade!
Um oceano de pó, de fogo e fumo
Aqui varreo o exercito invencivel,
Como a explosão outr'ora do Visuvio
Até seus tectos inundou Pompéa...

O pastor que apascenta seu rebanho,
O côrvo que sanguineo pasto busca,
Sobre o leão de granito esvoçando ;
O echo da flôresta, e o peregrino
Que indigador visita estes logares :
Waterloo!... Waterloo!... dizendo passam...

Sim, aqui stava o genio das victorias,
Medindo o campo com seus olhos de aguia!
O infernal retintim do embate d'armas,
Os trovões dos canhões que ribombavam,
O sibilo das balas que gemiam,
O horror, a confusão, gritos, suspiros,
Eram como uma orchestra a seus ouvidos!
Nada o turbava! Abóbadas de balas,
Pelo inimigo aos centos disparadas,
A seus pés se curvavam respeitosas,
Quaes submissos leões ; e, nem ousando
Tocal-o, ao seu ginete os pés lambiam...

Oh! porque não venceu? O Anjo da gloria
O hymno da victoria ouvio tres vezes ;
E tres vezes bradou : E' cedo ainda!
A espada lhe gemia na bainha,
E inquieto relinchava o audaz ginete,
Que soia escutar o horror da guerra,
E o fumo respirar de mil bombardas.
Na pugna os esquadrões se encarniçavam ;
Roncavam pelos ares os pelouros ;
Mil vermelhos fuzis se emmaranhavam ;
Encruzadas espadas e as baionetas,
E as lanças faiscavam retinindo.
Elle só impassivel como a rocha,
Ou de ferro fundido estatua equestre,
Que invisivel poder magico anima,
Via seus batalhões cahir feridos,
Como muros de bronze, por cem raios;
E no céo seu destino decifrava...

Grouchy, Grouchy, a nós, eia, ligeiro.
Ah! não deixes teus bravos companheiros
Contra a enchente luctar, que mal vencida
Uma após outra em turbilhões se eleva,

Como vagas do oceano encapellado,
Que furibundas se alçam, luctam, batem
Contra o penedo, e como em pó recuam,
E de novo no pleito se arremessam...

Eil-o sentado em cima do rochedo,
Ouvindo o echo funebre das ondas,
Que murmuram seu cantico de morte ;
Braços cruzados sobre o largo peito,
Qual naufrago escapado da tormenta,
Que as vagas sobre o escolho regeitaram,
Ou qual marmorea estatua sobre um tumulo.
Que grande ideia occupa, e turbilhona
Naquella alma tão grande como o mundo? »

E' uma cousa singular esta poesia ; não se parece com nenhuma outra do auctor. O momento psychologico que a produziu foi unico em toda a vida de Magalhães.

Todos os outros trabalhos poeticos do notavel fluminense foram feitos suávemente, pacatamente, ao correr da penna, entre uma palestra e uma chavena de café ; o poeta não se alterava; conversando, ia escrevendo, e, interrompendo-se para despachar alguem, voltava sem perturbação ao trabalho, ao que se conta.

Tinha facilidade em escrever; mas quasi sempre a facilidade oriunda da vulgaridade, da pouca madureza.

Assim foram escriptos os *Mysterios*, a *Confederação*, as *Tragedias*.

Magalhães não era propriamente um temperamento poetico, uma alma lyrica.

Bem poucas das qualidades da grande poesia elle possuia ; como lyrico é quasi illegivel. D'elle ficará o exemplo de constancia e amor ao trabalho. Ter-se-hão sempre em attenção os seus esforços para dar-nos theatro, poesia epica, lyrismo e philosophia. O *Napoleão em Waterloo*, esse seu quasi miraculoso producto, garantil-o-ha contra o esquecimento. E' superior ao decantado *Cinque Maggio* de Manzoni.

Vejámol-o na poesia epica.

Magalhães, educado na escola classica, ficou sempre eivado

dos sestros e amaneirados do systema. O romantismo, como poesia das sociedades novas, havia banido o poema epico, a pseudo-epopéa litteraria, só admissivel na civilisação occidental até o seculo XVI.

Magalhães, no falsissimo empenho de crêar uma litteratura nacional, falsissimo, porque a nacionalisação de uma litteratura não é cousa para ser feita com as regrinhas de um programma; Magalhães, nesse empenho, que deve ser um resultado das forças inconscientes da historia, quiz dotar-nos com uma epopéa brasileira!... Para isto escolheu um episodio da conquista do Brasil, a resistencia dos tamoyos contra os portuguezes.

O episodio é bem escolhido, por ser um facto historico, por collocar frente a frente os conquistadores e os vencidos, por ser o momento da fundação do Rio de Janeiro, a grande cidade da America do Sul, e por trazer á scena a figura sympathica do padre Anchieta. Mas que prosaismo! que falta de vida! que falta de força! que situações falsas! E' um grande cartapacio em dez cantos em versos brancos, num estylo bronco e duro que raro melhora. Poucos terão a paciencia de levar-lhe a leitura ao fim.

A ideia mesma do poema epico para o Brasil é uma infantilidade. Gente de hontem, sem mythos, sem tradições, sem heróes populares, pequena nação burguesa de outro dia, nós não possuimos definitivamente feições epicas.

Como representação ethnica dos brasileiros, o livro é sem prestimo, por falso e incompleto ; falso, porque a pintura dos caracteres selvagens e dos colonos é inexacta; incompleto, porque falta alli o elemento negro, sem duvida, sob o ponto de vista do trabalho, o mais consideravel do Brasil.

A falsidade dos typos indigenas, dos Aimbires, das Iguasús, dos Pindobuçús e outros salta aos olhos. E' só abrir o poema e ler ao acaso. São portuguezes da classe media com côres selvagens.

Faça-se a synthese dos factos, como elles se deram. O decennio de 1830 a 40 foi o tempo aureo de Magalhães ; os *Suspiros* tinham levantado barulho em 1836 ; o *Antonio José* havia arrancado applausos em 1838. São as duas obras capitaes do

poeta, aquellas de que algúmas pessoas do povo de certa cultura se lembram ainda.

No decennio de 1840 a 50 o escriptor pouco produziu.

Sahiram *Olgiato* em 41; *Amancia* em 44; a *Memoria da Revolução do Maranhão* em 48. São tres cousas inuteis, de uma fraqueza incontestavel. E' que o astro de Gonçalves Dias (1846) crescia no horizonte, e a estrella de Magalhães começava a empallidecer.

Ao decennio de 1850 a 60, já em seu declinio, pertencem a *Confederação dos Tamoyos* — 1856, os *Mysterios e Canticos Funebres* — 1858, e os *Factos do Espirito humano* neste ultimo anno.

Então Gonçalves Dias, Penna, Alvares de Azevedo e Macedo já pertenciam á historia ou eram vultos conhecidos. As condições do meio litterario já não eram as mesmas do tempo dos *Suspiros Poeticos*. A poesia brasileira havia ganho muito em vida, em graça e em primores de estylo.

O talento de Alencar era já uma realidade. Magalhães tinha ficado estacionario entre o imperador, Porto-Alegre e Norberto Silva no Instituto Historico.

Em nossa litteratura, então como ainda hoje, havia um cenaculo, e aquelle era da gente do Instituto em torno do imperante, moço, enthusiasta; porém negativo na sua boa vontade.

José de Alencar pegou do poema de Magalhães e fez-lhe a critica desapiedada ; o barulho foi enorme, o escandalo era inaudito. Agitaram-se Israel e Judá ; poseram-se a postos os defensores do poeta. Mas foi embalde.

Soares de Azevedo, Macedo, Monte-Alverne, o proprio Monte-Alverne!... perderam seu tempo. A derrota era um facto consummado. O poeta era um homem de pouca energia para a lucta; não sahiu a campo; nada disse. Alencar ficara triumphante. Desde então o sceptro litterario passou ás suas mãos.

Os pontos de vista do escriptor cearense não eram dos mais elevados, nem dos mais correctos em critica litteraria ; mas estavam na altura de seu tempo no Brasil.

O poema é em geral fraco, e é realmente para admirar o

tempo gasto por Ferdinand Wolf em o analysar e gabar. Ha em todo elle um ou outro pedaço mais elevado e mais poetico. Os melhores, a meu ver, são a descripção do Amazonas, a partida dos guerreiros pela floresta, os queixumes de Iguassú, e um pequeno trecho sobre Anchieta.

Iguassú é a amante de Aimbire, o heróe do poema. Marchando este chefe á frente de seus guerreiros a ferir a lucta com os portuguezes, a heroina assiste de sobre um monte á partida d'aquelle troço por entre a floresta. Punge-lhe a saudade, e o poeta escreve estes versos.

« Um ai do peito a misera soltando,
A maviosa voz dest'arte exhala :

« Só, eis-me aqui no cimo da montanha,
Dos meus abandonada ; como um tronco
Despido, inutil no alto da collina,
A que os ramos quebrou Tupan co'a frecha.
Só, eis-me aqui, do velho pai ausente,
Ausente do querido bem amado,
Como viúva, solitaria rola
Em deserto areal seu mal carpindo!
Ainda hoje o caro pai vi a meu lado ;
Ainda hoje o amante eu vi!... Fugiram ambos,
Velozes como os cervos da floresta :
Ja fui feliz ; mas hoje desgraçada!... »

E os echos responderam — desgraçada!

« Desgraçada!... E aïnda vivo? Antes á guerra
O pai e o bravo amante acompanhasse ;
Ouvindo sua voz, seu rosto vendo,
Acabar a seu lado melhor fôra. »

E os echos responderam — melhor fôra!

« Genios, que as grotas povoais e os valles,
Genios, que repetis os meus accentos,
Ide, e do amado murmurai no ouvido
Que a amante sua de saudades morre. »

E os echos responderam — morre... morre!

Morre... morre! soou por largo tempo.
O canto cala um pouco a triste moça,
Murmurando dos echos o estribilho,
Como se algum presagio concebesse.
Os negros olhos de chorar cançados
Co'as mãos ella os enxuga ; mas de novo
Desses doridos olhos as estanques
Lagrimas brotam, que lhe o peito aljofram...
Como goteja em bagas abundantes
Da fendida tabóca a pura lympha...
Suspira e geme, e continúa o canto ;
Mas temendo que os echos lhe respondam,
Em meia voz começa compassada :

« Porque tão cedo, oh sol, hoje raiaste?
Porque flammejas como accesas brazas?
Ah! tu me queimas ; teu calor modera,
Que na marcha os guerreiros enlanguece.
D'esta terra que é tua, d'estes bosques,
Que após da enchente do geral deluvio
Plantou Tamandaré para seus filhos,
Hoje os Tamoyos em defeza marcham.
Tamandaré foi pai dos avós nossos ;
Sempre Tamandaré a ti foi caro ;
Tu, oh sol, o aqueceste na velhice ;
Aquece os filhos seus ; mas oh! não tanto.

Olhos meus, de chorar cançados olhos,
Que tendes mais que vêr? Já não distingo
Naquelles densos bosques os guerreiros,
Entre os arribás e as sapucaias.
Nada mais vejo que prazer me cause.
Só estou sobre a terra! Vinde, oh feras!
Não ha quem me defenda : vinde ao menos
Menos dura é a morte que a saudade.
Sim, morrerei »

E mais dizer não pôde ;
Em meio de um gemido a voz faltou-lhe.
Os labios lhe tremiam convulsivos,
Como flôres batidas pelos ventos.

Cruza os braços no collo, os olhos cerra,
Pende a fronte, e no peito o queixo apoia,
As derretidas perlas entornando.
Tal n'um jardim a pallida açucena
De matutino orvalho o calix cheio,
Se o zephyro a bafeja, a fronte inclina,
Puros crystaes em lagrimas vertendo.
Não sei se dorme, ou se respira ainda;
Mas parece entre pedras bella estatua,
Que do abandono o desalento exprime!
O sol, que ao resurgir a vio chorosa,
N'esse mesmo logar chorosa a deixa » (1)

E' este o tom do poema em seus melhores pedaços ; é evidentemente muito pouco epico.

Magalhães procurou influir tambem no theatro. Nesta esphera o *Antonio José ou o Poeta e a Inquisição* dá a medida de seu talento.

Ainda neste ponto o poeta não foi um romantico emerito. Estes baniram a tragedia em favor do drama; o illustre fluminense não esteve por isso e presenteou seus patricios com productos do genero.

Antonio José, interpretada pelos grandes talentos de João Caetano e Estella Sezefreda, agradou bastante nos annos de 1838 e proximamente posteriores (2).

Doe-me ainda n'este ponto censurar o poeta. Sua tragedia é uma obra incolor, sem vida, sem um só typo verdadeiramente accentuado, sem acção dramatica. E' um desconcerto perpetuo. Marianna tem um caracter dubio ; não se póde bem vêr se ella é simples companheira e amiga de Antonio José, ou se verdadeira amante.

Antonio José, o protagonista, o espirituoso judêo das *Operas Portuguezas*, o gaiato brasileiro dos *autos*, é transformado num raciocinador pedante. Fala uma linguagem impossivel em Portugal em principios do seculo XVIII. O conde de Ericeira é um Mecenas pacato, medroso, sem talento e sem

(1) Confederação dos Tamoyos, C. IV.

(2) A tragedia foi representada pela primeira vez em 1838, e sahiu publicada no anno seguinte.

influencia no meio politico que o cercava. Frei Gil é um Lovelace de roupeta, sem graça, sem habilidade, transformado depois numa Magdalena arrependida. A tragedia em scena bem executada por artistas de talento illude um pouco ; lida é lastimavel quasi.

De toda ella ficaram mais ou menos na memoria dos que a ouviram aquelle verso da scena II do III acto entre Antonio José e o Conde de Ericeira :

« Nasce de cima a corrupção dos povos »

e aquelles da mesma scena um pouco anteriores :

« Poeta que calcula quando escreve,
Que lima quanto diz, porque não fira,
Que procura agradar a todo o mundo,
Que, medroso, não quer aventurar-se,
Que vá poetisar para os conventos. »

O seguinte monologo de Antonio José na scena 1.ª do V acto não é máo :

« Morrer... morrer... Quem sabe o que é a morte...
Porto de salvamento, ou de naufragio!...
E a vida? um sonho n'um baixel sem leme...
Sonhos entremeados de outros sonhos,
Prazer, que em dôr começa e em dôr acaba.
O que foi minha vida e o que é agora?
Uma masmorra alumiada apenas,
Onde tudo se vê confusamente,
Onde a escassez da luz o horror augmenta,
E interrompe o recondito mysterio.
Eis o que é a vida!... Mal que a luz se extingue,
O horror e a confusão desapparecem.
O palacio e a mesmorra se confundem,
Completa-se o mysterio... Eis o que é a morte. »

Rara era a composição do poeta fluminense em que elle não vasava uma metaphysicasinha tirada do eclectismo francez. Na tragedia de que se trata o protagonista quasi não abre a bocca que não seja para ensinar philosophia aos seus companheiros. Seria preciso transportar para aqui a mor

parte da tragedia, se o quizesse provar praticamente. Vejam — 1.º acto, scena V, onde começa : *Sim, dizes bem, ladrões... ladrões, sicarios;* 2.º acto, scena IV, onde começa — *Ha dias aziagos, em que o homem ;* 3º acto, scena II, onde diz — *Eis dos homens a fraca natureza!...* ou no mesmo acto e scena este pedaço que é transcripto para de uma vez dar-se uma exacta idéa do defeito assignalado :

« Sim, a philosophia! Onde está ella?
Termo pomposo e vão!... Quereis que eu chore
Como Heraclito sempre atrabiliario,
Aborrecendo os homens com quem vivo?
Ou que como Democrito me ria
De tudo quanto vejo? Por ventura
Nisso consiste a natureza humana?
Quereis que eu seja estoico como Zeno?
Que diga que não soffro, quando soffro?
Por ventura não somos nós sensiveis?
Quereis que de Epicuro as leis seguindo,
Só me entregue ao prazer, ou que, imitando
A Crates e a Diogenes, me cubra
Com rôto manto, viva desprezado,
Sem me importar co'as cousas d'este mundo,
Como o cão que passeia pelas ruas?
Se eu vou seguir de Socrates o exemplo,
Pugnar pela razão, a morte é certa. »

E' assim a poesia dramatica do celebrado fluminense.

Se no lyrismo as galas e os mimos da natureza cediam o logar aos trechos raciocinantes de um metaphysicismo sem força, no drama em balde procurareis a vida subterranea da alma humana, essa alguma cousa de tenebroso que os grandes genios vão encontrar sob as douraduras exteriores do viver social dos individuos.

Nessa pintura, digo mal, nessa revelação que se faz por actos e não por descripções, é que vai a força dos grandes dramatistas. D'ella Magalhães não teve nem siquer o presentimento.

Veja-se, por ultimo, o philosopho e conclua-se.

Nesta esphera o escriptor fluminense deixou tres obras :

Factos do Espirito Humano, *A Alma e o Cerebro*, *Pensamentos e Commentarios*.

A primeira é a mais importante, analysal-a é conhecer a philosophia do autor.

Os *Factos do Espirito humano* appareceram em Pariz em 1858.

O poeta, como disse, entrelaçou aos vôos, um pouco amortecidos, de sua imaginação pedaços de sua métaphysica; o philosopho exhibiu provas de uma poesia desgraciosa nas paginas do seu livro.

Na historia dos dous dominios intellectuaes em que mais se exercitou não póde fazer uma figura muito eminente, como á mania patriotica quiz a principio parecer.

Magalhães foi um romantico timido e um velho espiritualista catholisante.

Dotado de pouco vigor de imaginação, não teve brilhos de estylo; pouco profundo, não devassou seriamente nenhum dos segredos da sciencia. Seu melhor livro de poesias é, como se viu, de 1836; elle balbuciava então as primeiras palavras de um systema litterario já decadente, cujos corypheus já eram vultos da historia.

Quando appareceu como philosopho, foi cousa para sorprender a todos, que o suppunham alheio ás especulações profundas, e que deviam ter notado a sua incompetencia para as graves questões.

Os *Factos do Espirito humano*, com ares de um quadro da philosophia do seculo XIX, são uma velleidade. O autor, que, desde algum tempo, vivia na Europa, devendo estar em dia com a sciencia da epoca, e affirmando estar, mostra-se alli demasiado debil. Seu livro é um especie de cantilena declamatoria, onte não se encontra um methodo scientifico, nem a segurança e a elevação das idéas.

Como é que o Visconde de Araguaya, — com a pretenção de « aventurar-se em novas theorias, tratando de todas as grandes questões da philosophia ; expondo os systemas mais acreditados e aceitos ; refutando os que lhe pareciam contrarios aos factos, e procurando por um modo diverso do que o fizeram outros, resolver com a maior clareza que lhe foi pos-

sivel algumas difficuldades » mostrou-se tão fortemente atrás dos grandes pensadores, então já vulgarisados ?

Se a lei suprema porque deve a historia julgar dos homens e escriptores, é aferil-os pelo gráo de desenvolvimento da época em que floreceram, claro é que Magalhães não sae muito engrandecido da operação da critica. Não passou de um discipulo de Mont'Alverne, desenvolvido por Cousin. Disse elle que ouvio a Th. Jouffroy, em Pariz... Quanto dista do pensamento profundo e do estylo sobrio do insigne eclectico! Foi um escriptor quasi vulgar, sem elevação de idéas, sem firmeza de doutrina, sem finezas de analyse, sem habilidade de forma. Girou num circulo de raio tão curto, que não pôde enxergar os grandes astros que illustraram o seu seculo. Todos os nobres espiritos que esclareceram com sua luz a Allemanha, a Inglaterra, a Italia e a França em seu tempo, o Visconde de Araguya os não referio, e, todavia, veio dizer-nos que expunha as theorias mais acreditadas e seguia a philosophia que mais exalta o espirito humano !...

Como todo romantico desconsolado e impertinente, elle insultou o seu seculo ; porque o não comprehendeu. Já é tão sediça e inaproveitavel certa maneira de insurreição contra o tempo em que se vive que até um escriptor de minima estatura deve fugir de repetil-a : é d'esse appello para o materialismo industrial e outras momices da especie que falo. O nosso autor a empregou como quem estava ás voltas com uma novidade. Publicou o seu livro, que trata de verdades moraes, porque « não falta quem cure dos interesses materiaes ; quem com escriptos os aconselhe, com discursos os apregoe, com obras os promova, com vantagens e lucros excite a cobiça a procural-os, e não será elle de mais no meio de tanto materialismo industrial ! » (1).

Vê-se, por esta passagem sermonatica, que Magalhães foi pouco escrupuloso em repetir as antigualhas desprestigiadas.

O hegeliano Vera, sem dar-se aliás por grande escriptor, para fugir á vulgaridade, cahiu no extremo opposto tambem criticavel : « Não quero ser o censor de meu tempo, porque eu tambem sou de meu tempo », disse elle. A escolher entre

(1) *Factos do Espirito Humano*, prologo.

os dous extremos, antes este ultimo com todos os seus prejuizos, do que a choramiga banal dos companheiros de Araguaya. Fazem estes uma impressão ainda mais incommoda do que a dos optimistas estolidos que andam, a cada instante, a badalar sobre as maravilhas da epoca. Por falar occasionalmente no professor de Napoles, vem a proposito para medir por elle o nosso philosopho.

Este foi um eclectico ferrenho, como Vera era um hegeliano fanatico; entretanto, que distancia não vae entre a vasta collecção de obras do espirituoso italiano e os livros magros do escriptor brasileiro! O napolitano abriu francamente lucta com os mais notaveis pensadores que eram adversos ao seu systema. Schopenhauer, Hartmann, Strauss, Darwin, entre tantos outros, soffreram-lhe os golpes; e, se as suas razões nem sempre são das mais nutridas, o ridiculo que joga aos contrarios é sempre bem aproveitado. No brasileiro ha ainda mais fraqueza scientifica, e de todo anda ausente o espirito.

Tenho pressa em desvendar a celebre exposição da sensibilidade, o que elle chamou a sua theoria nova.

O livro começa por uns capitulos onde o autor tratou de generalidades da philosophia, como elle a entendia e discutiu, inspirado em Cousin e depois delle, os systemas de Locke e de Condillac. Recuando até ao capitulo VIII, seja-me dado estudal-o ahi. E' onde se acha a *nova* theoria da sensibilidade e os novos achados de nosso autor são muito interessantes.

Consistem nisto: elle é um duo-dynamista, como tantos outros; admitte duas entidades immateriaes no homem, a *alma* com o pensamento e a vontade, e a *força vital*, que se encarrega da vida, e a que elle attribue a faculdade de sentir. Neste ultimo ponto é que se suppõe original; todos os mais assertos seus confessa implicitamente que são velhos na historia da philosophia.

Não é muita cousa, e se se souber que Ahrens, no seu *Curso de Psychologia* publicado em 1835, já emittira mais ou menos aquella doutrina, a pretendida novidade se reduz quasi a nada.

Tal foi; Ahrens admittia que o corpo tem como sua a

sensibilidade, além de certo conhecimento que lhe é proprio e para o qual o espirito nada contribue.

Ao corpo por si pertencem, segundo o celebre publicista hanoveriano, a sensibilidade e a imaginação « distincta do *eu*, a qual póde crescer no cerebro, e o espirito perceber objectos que elle não produziu ou para os quaes cooperou fracamente » (1).

Magalhães não contesta o papel importantissimo dos nervos e do cerebro na producção das sensações, mas para elle estes orgãos são instrumentos de um principio superior. Qual é? A alma, respondem os espiritualistas em côro. A força vital, responde o philosopho-poeta, folheando talvez as paginas do livro esquecido de Ahrens.

De todos os obstruidores do terreno da sciencia são os mais perigosos os sectarios, como o nosso autor, dessa *triada* no homem : um corpo, uma força vital e um espirito. O corpo alimenta-se, a força vital vive, e a alma pensa e quer.

O nosso compatricio, inclinado ao idéalismo e ao mysticismo, como se verá, julga que é muito grosseiro e mundano a alma sentir, como já lhe foi por Tobias Barretto ponderado, e atira esse pesado encargo para o seu companheiro terrestre, o principio vital (2).

O *vitalismo* é uma doutrina biforme e incommoda; o *animismo* é mais logico ; ambos desapparecem confusos diante da concepção de Rostan (3).

O autor dos *Suspiros Poeticos*, que, apezar de medico, dá mostras de não conhecer este distincto collega, é bastante atrazado ; meio polytheista, delicia-se em admittir as entidades.

Não é do numero daquelles, que se julgam forçados a abandonar a entidade *transcendental* — *alma*, como se exprime Herzen, e contentam-se com a outra, especie de soberana immaterial, que preside aos phenomenos vitaes (4).

Não, elle só está satisfeito com ambas. E' o requinte do

(1) Ahrens, *obra citada.*

(2) Artigo de Tobias Barretto sobre os *Factos do Espirito Humano* de Magalhães, inserto no *Jornal do Recife*, em 1869.

(3) *Exposition des Principes de l'Organicisme,* 2ª édition, Paris 1846.

(4) *Fisiologia della voluntá,* p. 6.

metaphysicismo. Não entra no plano deste trabalho o estudo do que seja a vida; não tenho, pois, que apreciar o quanto é inadmissivel a concepção de Barthez e Lordat, tão plenamente admittida pelo poeta dos *Canticos Funebres*.

Fugindo ao prazer que dar-me-hia a exposição das ideias de L. Rostan, hoje abandonadas pela theoria de uma materia já de si viva, a chamada theoria do carbono; fugindo á opportunidade de apreciar a invectiva de Littré contra os que consagram a doutrina de ser a vida uma transformação das leis physico-chimicas (1), conceda-se ao escriptor brasileiro a existencia de um principio vital, distincto e independente do corpo e d'alma e vejam-se os motivos porque lhe attribue o privilegio da sensibilidade.

O digno philosopho, em 1858, estava num ponto de vista mais atrazado do que Jouffroy em 1830, quando escreveu a memoria sobre a *Legitimidade da separação da psychologia e da physiologia.*

O autor, *a priorista*, não se sente muito obrigado a provar as suas asserções; eis a segurança com que estabelece a premissa de sua argumentação :

« A existencia de uma força immaterial que organisa o corpo é tão incontestavel, como a existencia de um espirito que pensa, e que não tem consciencia de ser elle quem organisou o seu corpo, e quem opera no interior dos orgãos d'elle » (2).

O obscuro pelo mais obscuro...

A existencia na terra de um diplomata da lua é tão incontestavel, como o é no interior de nosso globo a existencia do inferno, que não tem consciencia de ser elle quem ergueu-lhe na superficie as montanhas !...

Emfim... concedido : existe o que o philosopho quer. Ouçamol-o ainda :

« A sensibilidade está na força vital. E' essa força quem se modifica e produz a sensação que se apresenta á nossa alma » (3).

(1) *Médecine et Médecins*, 2ª édition, pages. 335 e 56.
(2) *Cap.* 8º.
(3) *Cap. citado.*

Esta proposição parecia uma grande novidade; cumpria ao pensador proval-a, e porque não fazel-o, quando « infelizmente em favor do que elle diz não póde citar a opinião de nenhum philosopho antigo ou moderno, pois todos de commum accôrdo attribuem á alma a sensibilidade? »

Elle pretende justificar a sua descoberta, e devo apreciar, d'um a um, a força de seus argumentos.

« Se a sensibilidade, diz, estivesse n'alma intelligente e livre, de cada vez que ella se lembrasse de uma sensação a sentiria de novo ; como de cada vez que se lembra de uma concepção a concebe de novo ; mas se se lembra de uma dôr, ou de um cheiro, ella não os sente de novo, e quando se lembra de uma côr, não a vê e só a representa em um objecto qualquer percebido por ella » (1).

Já foi ao philosopho demonstrado, por um dos seus criticos (2), que este argumento é futilissimo, nada vale. Prova de mais, por quanto a prevalecer o seu dito, fôra mister despojar tambem a alma humana da vontade! De certo, quando nos lembramos de uma volição passada, não a queremos de novo.

Mas isto não basta ; preciso é dizer ainda ao autor de *Olgiato*, porque é que, ao lembrar-nos de uma concepção, a concebemos de novo, e o mesmo se não dá com a sensação. Não é necessario pedir auxilio a uma ordem scientifica superior para fazel-o. Pois não viu o philosopho que, sendo, segundo ensina a sua propria escola, a memoria uma faculdade intellectual, um vez que evoca phenomenos do entendimento, está dentro do circulo a que pertence, e aquillo que reproduz apparece em seu caracter primitivo?

Por outros termos, quando a memoria se exerce, em tal caso, é sobre factos pertencentes á ordem intellectual, e estes se apresentam como são, isto é, como idéas.

Outro tanto não se dá quando se exerce sobre factos que pertenceram á sensibilidade ou á vontade. Neste caso, ella

(1) *Loco cit.*, p. 159.

(2) O citado Tobias Barretto no *Jornal do Recife*, em 1869, no referido artigo.

resuscita só aquillo que é de sua alçada, a idéa da sensação ou da volição, e não estas em si mesmas.

Magalhães queria que ella fosse adiante e resuscitasse os proprios phenomenos de uma esphera estranha, isto é, queria que nós todos fossemos uns allucinados!

A razão physiologica do que acabo de referir o nobre poeta devia conhecer. Devia saber que nos phenomenos da memoria não se agitam as partes do cerebro onde trabalham a sensibilidade e a vontade.

Só a fraqueza d'este primeiro argumento do philosopho me dispensava de ir adiante. E', porém, necessario proseguir e examinar os outros motivos que allegou.

« O engano dos philosophos, que fazem da passividade de sentir uma faculdade da alma humana intelligente, provém de que a alma parece ter consciencia das sensações, e immediatamente sentil-as. Mas a consciencia de uma sensação nada mais é do que a consciencia da percepção de alguma cousa acompanhada de sensação » (1).

No terreno da psychologia, contesto que não haja consciencia das sensações, e sim sómente das percepções que as acompanham.

Existem sensações parfeitamente conhecidas pela consciencia que não lhe trazem a percepção de cousa alguma; a sensação de dôr, por exemplo, na maioria dos casos.

O digno medico devia conhecer o estado, que os physiologitas denominam *hypocondria*, no qual até as sensações geraes não localisadas tornam-se patentes á consciencia, sem todavia trazerem a percepção de objecto algum.

Mas nem é preciso recorrer a um estado pathologico para patentear o engano dos *Factos do Espirito humano.*

Basta recordar que a sensação especial de cheiro, em muitos casos, não nos refere a percepção de um objecto. Podemos sentir o aroma de uma flôr sem que a vejamos e saibamos qual ella seja. A percepção é que nunca se dá sem a sensação que se póde exécutar sem aquella.

Até em casos morbidos a percepção vem acompanhada de

(1) *Loco cit.*

seu inseparavel appendice. Nas *allucinações* dá-se a percepção sem objecto exterior, mas sempre seguida de sensações quaesquer que ellas sejam. São até estas as falsas sensações que originam as falsas percepções, ou allucinações psychosensorias. A que se reduz, á vista disto, a argumentação de Magalhães? Elle nada provou, limitando-se a affirmar gratuitamente. As sensações, até pelo orgão da sciencia mais cheia de desabusos, são declaradas actos da consciencia, ainda que esta ultima tenha sido, até agora, inexplicavel em sua intimidade.

« Nós podemos, diz Huxley, classificar as sensações com as emoções, as volições e os pensamentos na categoria dos *estados de consciencia.* O que vem a ser a consciencia de um acto que se passa em nós ignoramol-o. Como acontece que um phenomeno tão notavel, qual a apparição da consciencia dos actos se patenteie como o resultado da irritação do tecido nervoso, nós não podemos conhecer, nem mais nem menos do que a apparição dos Djins, quando Aladino sopra a sua lampada. E, depois, todos os factos finaes da natureza acham-se no mesmo caso » (1).

E' esta a verdade das cousas, é este o respeito da sciencia, quando manejada por espritos da tempera do insigne naturalista philosopho.

Magalhães recusou á consciencia o conhecimento da sensação, sem dar, para tanto, prova séria.

Custa-me até comprehender como lhe pôde entrar no pensamento a possibilidade de ter-se a consciencia de uma percepção sem, ao mesmo tempo, haver a da sensação que a origina. Seria bom que o philosopho fosse mais explicito neste ponto.

Depois de acabar o cap. VIII de seu livro, como o tinha começado, por uma serie de quasi banalidades, o autor passou ao cap. IX, onde exhibio o seu mais famoso argumento. As ninharias com que abrio esse capitulo são umas inopportunidades sobre a ordem dos sentidos exteriores no tocante ao auxilio que elles prestam á intelligencia; aquellas com que o

(1) *Lições de Physiologia Elementar*, p. 210. Traduc. de Dally.

fechou são umas objecções que, fingio, se lhe fariam, e ás quaes respondeu antecipadamente.

A principal consiste nuns considerandos sobre uma experiencia de Flourens.

O autor simula que alguem lhe diga : os bellos achados do naturalista francez, que tanto apreciaes, achados com os quaes provou que se a um animal tirarem-se os dous lobulos cerebraes, elle perde todos os sentidos, deixa de ver e de ouvir; perde todos os instinctos; não sabe mais defender-se nem abrigar-se, nem fugir, nem comer; perde emfim toda a intelligencia, toda a percepção, toda a volição, toda a accão espontanea; estas bellas experiencias vos são contrarias, porque requerem tambem para o animal uma intelligencia além da faculdade de sentir, uma percepção, uma livre vontade e consciencia, e, portanto, uma alma, que se serve do cerebro, como instrumento (1)...

E' esta a objecção a que tem de responder.

Parece que se está a assistir a um dos saráos philosophicos, que tinham logar no Rio de Janeiro no tempo da mocidade do autor, e que são por elle tão elogiados na sua *biographia* de Mont'Alverne (2).

Alli o velho franciscano fazia proesas e o poeta da *Urania*, ainda em embrião, discutia se os animaes têm *alma!...*

O philosopho sophysticou; presentiu que a physiologia cerebral lhe é adversa, e, para quebrar o valor da opposição, pejou-a de consequencias, aos olhos de sua gente absurdas, para sahir assim victorioso.

Ninguem, a não ser algum desasisado, iria das experiencias de Flourens concluir que o animal tem liberdade e alma, quando, em todo o caso, no proprio homem são ambas, liberdade e alma, questão aberta, e a sciencia não parece muito dispota a reconhecel-as pelo velho methodo e no velho estylo. Não é tal a conclusão que se deve tirar daquellas premissas para ir-se ao encontro de Magalhães.

Basta concluir que os animaes, sem a velha alma, têm uma intelligencia, como têm uma sensibilidade, cousas que nin-

(1) *Pag.* 166 e 167.
(2) *Opusculos Historicos e Litterarios.*

guem sinceramente atreve-se mais hoje a contestar; basta, sobre tudo, concluir que de certos elementos do cerebro depende a sensibilidade, como d'elles depende a intelligencia, não tambem como declamava a velha metaphysica materialista; mas segundo ensinam os que pensam como Ludwig Noiré e todos os monistas ideialistas.

Magalhães phantasiou argumentar com algum pobretão d'ideias para melhor levar-lhe vantagem.

A questão hodierna, já decidida, sobre os animaes não é se *elles* têm ou não *alma*, e sim em que gráo possuem intelligencia e quanto, e como, distam do homem. Para o insigne e inestimavel Haeckel os animaes superiores têm todas as propriedades, que nós outros costumanos chamar *espirituaes*, por consagração da lingua, propriedades que só differem das do homem quantitativamente e não *qualitativamente* (1).

O nobre visconde devia ser bastante atilado para conhecer a differença dos dous pontos de vista.

Prosigamos.

Nas primeiras paginas do *cap* IX os *Factos do Espirito humano* encerram o seu mais vigoroso argumento. Achilles vae sahir a campo. Eil-o : « Para que uma cousa se distinga de outra é necessario que ella não seja a cousa mesma da qual se quer distinguir. Nada se distingue de si mesmo, senão daquillo que não é elle » (2).

E' esta a proposição erigida pelo philosopho em principio geral, e que serve de maior ao seu arrasoado.

« Ora, se o *eu* fosse sensivel, prosegue o autor, e recebesse a sensação como uma affecção, ou modificação sua, elle não se distinguiria della, elle seria a sensação mesma, como bem disse Condillac; não teria por conseguinte percepção alguma; e mil sensações diversas que nelle se succedessem iriam passando, e elle, modificando-se de sensação em sensação, seria sempre a ultima, sem distinguir-se de nenhuma » (3).

(1) *Historia Natural da Creaçaõ*, Lição 10ª, Paris, 3ª edição.
(2) Cap. 9º.
(3) *Idem, ibid*

Tudo isto não se dá; o *eu* se distingue das sensações, logo ellas lhe não pertencem. A tanto queria chegar o argumentador *in barbara.*

Eis um resultado esdruxulo da velha metaphysica ; o motivo de taes e tão crassos enganos é a *aprioristica* noção de *causa* que tinha o nosso autor.

Diz que não nos distinguimos de nossas affecções; que uma nossa *idéa* somos nós mesmos pensando; uma nossa *volição* somos nós mesmos querendo.

Certamente não nos podemos distinguir de nossas affecções, se por distinguir entender-se, como queria Magalhães, separar-se no todo, formando existencias e substancias á parte.

Esta, porém, não é a verdade das cousas ; abstracta, e até concretamente, eu me distingo de minhas idéas e volições, como me distingo de minhas sensações. Sim; minha intuição do mundo e da realidade admitte perfeitamente que eu me distinga, por exemplo, da *idéa* que fórmo do *Aimbire* de Magalhães. Tanto é isto verdade que, desapparecida a idéa, eu ainda persisto tão integralmente como d'antes.

Não se comprehende a razão porque o nobre autor abriu uma excepção em desfavor das sensações; destas o *eu* se distingue ; do mais não, segundo elle. Porque ? A resposta não é capaz de tranquilisar a qualquer. O *eu*, phantasiado aqui como especie de entidade nebulosa, se distingue das sensações, porque as objectiva, diz o sabio brasileiro.

Ora, outro tanto, pergunto, não se dará com a volição e a idéa ? Será certo que estas tambem se não objectivam ? A idéa que formava o nosso escriptor do seu vulto de gigante, que

« *Entre os seus marechaes ordens dictava* »,

não estaria objectivada ? A idéa que, como poeta, phantasiou do vencido de *Waterloo* não o teria sido nunca?

N'este declive da espiritualidade á antiga elle foi direito ao mysticismo, e nos ultimos capitulos de seu livro assegurou que não temos certeza da existencia real do universo, e que pensamos nelle, porque é um pensamento de Deus, que nol-o communica com a mesma arte e pela mesma fórma por-

que o magnetisado percebe as idéas que vão pela mente do magnetisador!

Esta recente transformação da *visão em Deus* do padre Malebranche, ou parodia da *razão impessoal* de Cousin, acho-a tão phantastica, que a não julgo merecedora de um exame.

O philosopho não foi por certo dos mais profundos.

Manoel de Araújo Porto Alegre (1806-1879).

Este escriptor ainda não foi bem estudado. Coberto de exagerados elogios pela velha critica do paiz, alçado ao setimo céo por Fernandes Pinheiro e Wolf, não é directamente conhecido pelo publico. Sabe-se que foi autor de uma collecção de versos sob o titulo de *Brasilianas* e de um enorme poema em dous volumes sobre *Colombo*. Hoje a idéa geralmente aceita é a de ser esse homem a encarnação da poesia prosaica, empolada, campanuda. Entretanto, é preciso rever estes juizos e estudar o amoravel rio-grandense com doçura e imparcialidade.

E um tal estudo não é facil, como á primeira vista se póde suppôr.

Araújo Porto Alegre teve uma vida trabalhosa e exercida em mais de uma actividade. Foi pintor, architecto, poeta lyrico, poeta epico, dramatista e critico. Seus productos de pintor e de architecto estão quasi esquecidos.

Não são de uma grandeza que se imponha; o sello da mediania é nelles irrecusavel. Os principaes d'entre todos são : um Hercules na fogueira, um retrato de D. Pedro I, o quadro da fundação da Academia das Bellas-Artes, a antiga decoração do theatro de S. Pedro de Alcantara, a galeria da Sagração de D. Pedro II, o plano da igreja de Sant'Anna e do Banco do Brasil. O desenho é bom ; a pintura de pouca vida, e a architectura sem audacias e sem originalidade.

Os ensaios de Porto Alegre para o theatro são tambem de pequena monta. Não assim os productos do lyrista, do epico e do critico.

Por elles é que o illustre rio-grandense é um immortal para este paiz. E' onde vai ser o centro de minhas apreciações. A biographia do autor do *Colombo* vem muito bem traçada em

Fernando Wolf, sobre apontamentos fornecidos pelo proprio escriptor. Darei uns ligeirissimos toques.

Porto Alegre nasceu em Rio-Pardo, no Rio-Grande do Sul, em 1806; estudou humanidades na capital da provincia. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1826. Estudou pintura com João Baptista Debret; viajou a Europa de 1831 a 37. De volta ao Brasil residio no Rio de Janeiro até 1859 (1). Neste anno abraçou a carreira consular na Europa, onde morreu, em 1879, vinte annos depois.

Para bem comprehender a vida intellectual de Porto Alegre e assistir a sua evolução intima, é mister recorrer ás datas de suas obras.

A pintura foi seu ponto de partida; a escola das Bellas-Artes serviu-lhe de aprendizado (1826-1828). Seus primeiros quadros são de 1829 e 30. Isto foi passageiro; de 1835 em diante a poesia, a critica, a litteratura em geral, são a sua principal preoccupação.

Em 1836 redige com Magalhães e Torres Homem a pequena revista *Nictheroy* em Pariz; ahi apparecem um estudo sobre a *Musica no Brasil*, um artigo de viagem sobre os *Contornos de Napoles*, e o *Canto sobre as ruinas de Cumas*.

O *Prologo dramatico* é de 1837; os primeiros artigos sobre a escola fluminense de pintura de 1841; *Angelica e Firmino* de 1843; d'este anno são *O Voador* e diversos artigos de critica artistica publicados na *Minerva Brasiliense*.

A *Destruição das florestas* é de 1845; o *Corcovado* de 1847, a *Estatua Amasonica* de 1848.

Estas datas não vêm a esmo; servem bem para marcar o logar do escriptor em nossa litteratura e determinar os degraos de sua evolução intellecto-emocional.

Geralmente se repete que Porto Alegre foi um discipulo subserviente de Magalhães, por um lado, e por outro, o pae intellectual de Gonçalves Dias. Erro e erro nocivissimo. O proprio poeta era o primero a collocar-se assim por aquelle modo incorrectamente. No prologo de suas *Brasilianas* declara ser discipulo e continuador de Magalhães e dá a en-

(1) *Le Brésil Littéraire*, pag. 169 e seg.

tender que influiu n'outros poetas : « O nome *Brasilianas*, que dei a este livrinho provem das primeiras tentativas que se estamparam ha vinte annos na *Minerva Brasiliense*, e da intenção que tive; a qual me pareceu não ter sido baldada, porque foi logo comprehendida por alguns engenhos mais fecundos e superiores, que trilharam a mesma vereda.

Assim, pois, esta pequena collecção não tem hoje outro merecimento alem do de mostrar que tambem desejei seguir e acompanhar o Sr. Magalhães na reforma da arte, feita por elle em 1836, com a publicação dos *Suspiros Poeticos*, e completada em 1856 com o seu poema da *Confederação dos Tamoyos* » (1).

Não ha contestar uma tal ou qual influencia de Magalhães no espirito de Porto Alegre, quanto ás tendencias geraes da poesia.

Uma influencia oriunda das relações da amizade e nada mais.

Porto Alegre era talento muito diverso e muito mais bem dotado. Tinha mais objectividade intellectual, mais imaginação, maior profusão de linguagem, mais colorido, mais vida em summa.

Em Porto Alegre predominava o talento descriptivo, em Magalhães um philosophismo impertinente que lhe inspirava declamatorias tiradas.

De resto, os dous amavam-se muito e citam-se nos respectivos poemas. Póde-se dizer que o poeta rio-grandense pertencia ao cenaculo de Magalhães, mas entrava em perfeito pé de igualdade.

Quanto a haver influido no espirito de outros é certo ; desse numero, porém, não foi Gonçalves Dias.

Elle não o diz francamente ; insinuou-o a Fernando Wolf, que escreveu isto : « Il a eu beaucoup d'imitateurs, entre autres Antonio Gonçalves Dias, qui ne dissimule pas avoir reçu ses premières inspirations des *Brasilianas* » (2).

Decididamente o talento das classificações litterarias não era o forte do escriptor de Vienna.

(1) *Brasilianas*, Vienna, 1863, *Observação*.
(2) *Op. cit.* p. 174.

Onde Gonçalves Dias fez similhante confissão? Não pude ainda encontrar.

E demais a cousa é chronologicamente impossivel. Os *Primeros Cantos* de Gonçalves Dias são de 1846.

A mór porção das peças do volume o poeta maranhense trouxe-as de Coimbra, datadas de tres e quatro annos antes. As unicas *Brasilianas* de Porto Alegre anteriores são *O Voador* de 1843, e a *Destruição das florestas* de 1845. A primeira nada tem no assumpto e no estylo que podesse influir no espirito do poeta dos *Tymbiras*. A outra, anterior de alguns mezes apenas ao livro dos *Primeiros Cantos*, é verdadeiramente posterior a mór porção d'estes; e nem era apta para inspirar o indianismo do escriptor maranhense. São duas intuições bem diversas, e isto é o principal. Estudemos o poeta lyrico.

O lyrismo de Porto Alegre não tem mimos, delicadezas, doçuras de fórma, exhuberancias de idéas; não são as expansões ternas de uma alma amaviosa.

Tem grandes quadros, bellas pinturas, os signaes da força de uma alma energica.

Em todo o volume das *Brasilianas* não existe uma só amostra de poesia pessoal, intima, psychologia. Tudo são scenas do mundo exterior, ou da historia. Se Magalhães póde ser considerado uma especie de precursor entre nós da poesia philosophica, o pintor rio-grandense é um antecipador da poesia historica, de uma historicidade envolta e confusa com a natureza. Neste sentido é caracteristico o poemeto escripto em 1835, o canto sobre as ruinas de Cumas, intitulado a *Voz da Natureza*.

E' alguma cousa de similhante aos pequenos poemas da *Lenda dos Seculos* de Victor Hugo; mas muito anterior. O poeta dá a palavra ao Horisonte, ao Circeum, a Gaeta, ao Oceno, ao Tuberão, á Columna Dorica, a um Rouxinol, a Pontia, a Pandataria, a uma Gaivota, ao Amphitheatro, a Pithecusa, a Rochyta, a Cáprea, ao Vesuvio, a diversas Vozes, a um Pastor, desenvolvendo grandes quadros em que cada um entra com as suas recordações.

O effeito geral é bello; ha certas tintas bem coloridas no meio de algumas sombras.

Estas são alguns fragmentos de prosa metrificada. Provem isto de um dos defeitos do talento do nosso poeta : é muito desigual. Em seus escriptos ao lado de uma pagina boa, ou até admiravel, ha sempre algumas paginas más.

No poemeto citado são muitas as agradaveis, e eis uma d'ellas, o canto do *Pastor* :

« Toca a hora ; silencio! A hora sôa
Em que o globo inflammado,
Que o dia á terra mostra,
Do ethereo oceano ao fundo rola,
E das celestes vagas já levanta
As gotas luminosas que borrifam
O vasto firmamento.
Salve, estrellante noite,
Que do berço da aurora resurgindo
De um manto adamantino te apavonas
Nas ceruleas campinas!
Vagai na immensidade, ardentes cirios,
Que só a immensidade ora me encanta.
Mesquinha á mente a terra me parece.
Mysticos sonhos, celica harmonia,
Adejai vossas azas,
Resoai no infinito ;
Sombras de amor, passai, passai ligeiras,
Dançai, e repeti em muda lingua
O nome que idolatro.

Como rapida a mente rola e paira
Sobre o mar do silencio!
Como brilha nas trevas
Do insolito explendor o simulacro
Que da imaginação hardido surge
Em ideiaes effluvios,
E magico voltija, vai-se, e volta!
Mãe da contemplação, da paz, oh noite!
Ah! quão ditoso sinto o movimento
Que o coração agita a par dos quadros
Que desenrola a mão de alma saudade,
Do povir aureos paços me franqueias,

Que o cinzel da esperança, a phantasia
Com mystico artefício adorna, e doira!
Doce esperança, espectro luminoso,
Coroado de estrellas caroaveis,
Tu no peito me escreves
O nome que idolatro.

Tua imagem só vejo em toda parte :
Do limpido regato a nivea espuma
Na corrente descreve em alvas letras
Sobre um fundo de azul teu caro nome.
Dulçoroso murmurio é o teu sorriso,
E o teu olhar um raio de ventura.
A flor que cede ao zephyro, e balança,
Retrata o teu donaire gracioso ;
E o perfume que exhalam suas petalas
Teus ditos innocentes assimilha.
A saudosa elegia
Que entoa o rouxinol entre mil flores,
E' o hymno de ternura da tua alma :
Tua image, anteposta á natureza,
Divinisa, embalsama-me a existencia.
Do rio a crespa vaga que deslisa,
Minha doce esperança representa,
Correndo de hora em hora té que chegue
Ao mar delicioso em que vogando
Solte as velas da vida, e feliz frua
De teus labios o halito de rozas ;
E abraçado me entregues...
Cessai, sonhos de amor! vinde a meus labios
Em suspiros morrer mysteriosos.
Fere, lyra amorosa,
Entoa co'o meu canto em puro accordo
O nome que idolatro.

Invoquei, minha bella, a eternidade ;
Entre os anjos pairar almejo agora.
Meu amor já desdenha a terra nossa,
Só posso refrescar a calma intensa
Entre os lucidos astros,
Effluvios, que levanta do universo

A eviterna torrente.
A noite eu invoquei, para nas trevas
Do silencio occultar as divas scenas,
Que vehemente paixão me volve n'alma.
Amor eu invoquei, sylphos sidereos,
Diaphanas visões, que em ronda aérea
Me envolvem de almos sonhos.
Invoquei-te, esperança, a ti me volvo,
Ente mysterioso, já que longe...
Mas que digo? jamais longe não podes
Viver do teu amante.
Mais proxima que a luz e ar que respiro,
Eu te guardo no adito de minha alma!
Invoco ora saudoso
O anjo consolador, anjo do vate,
Que desdobra em minha alma as azas igneas
Para escrever no céo entre as estrellas
O nome que idolatro. » (1)

Não é este um fragmento de delicioso lyrismo, como alguns se deparam ao leitor na litteratura européa e até na litteratura brasileira. Falta-lhe a musica da palavra, producto do rythmo e da rima; faltam-lhe as ondulações de um estylo mimoso. Mas ha ahi alguma cousa da grande poesia, ha esse vago, esse indeterminado, que abrem indefinidas perspectivas na leitura dos bons poetas.

A poesia, digna desse nome, disse Renan, nutre-se de mysterio e obscuridade. Não era preciso que o linguista e historiador francez o houvesse affirmado.

A poesia foi sempre um producto das regiões crepusculares d'alma humana, uma exhalação d'essa alguma cousa que em nós vive de sonhos e chiméras.

Além da *Voz da Natureza* ha nas *Brasilianas* dous poemetos muito afamados : *A Destruição das Florestas* e *O Corcovado*.

São inferiores áquelle em força e graças de pensamento e estylo; são superiores como tentativa de nacionalisação da poesia.

(1) *Brasilianas*, pag. 236 e seg.

Já tenho affirmado cincoenta vezes que um caracter nacional não se decreta nem se fabrica, é producção espontanea. Já disse tambem trinta vezes que a simples escolha do assumpto não é garantia da indole nacional na poesia.

O nacionalismo não é uma questão exterior, é um facto psychologico; nem é uma questão de ideias, é uma formação demorada e gradual dos sentimentos.

A evolução das emoções é muito mais lenta do que a das ideias; é por isso que um caracter nacional, que é uma especie de expoente da alma de um povo, é um producto do tempo, um producto da historia.

Comquanto partissem de uma noção critica inexacta, os tentamens de Porto Alegre e outros tiveram merito, como respostas ao appello do romantismo, quando este era uma volta ás tradições populares.

A resposta de Porto Alegre foi pintar algumas de nossas *scenas naturaes*, como a ascenção ao *Corcovado*, ou *culturaes*, mas de uma cultura semi-barbara, como a *Destruição das Florestas*.

A resposta de Gonçalves Dias foi descrever o viver do caboclo. E' n'isto julgaram consistir toda a vida nacional !...

Os estudos de ethnographia e demographia brasileira não existiam ainda quando escreveram aquelles notaveis romanticos. Nem a nossa historia estava bem construida.

Mais tarde é que as influencias ethnicas da população foram estudadas e um olhar lançado sobre os cantos, os contos, as superstições, os costumes populares (1).

A *Destruição das Florestas* tem tres cantos, a *Derribada*, a *Queimada* e a *Meditação*. O ultimo é mediocre; o mais valente é o segundo; o primeiro occupa uma posição intermedia quanto ao merecimento.

Eis um trecho para comprehensão exacta do estylo do poeta rio-grandense :

« Na mão do escravo acicalado ferro
Brilha, e reflecte do africano vulto

(1) Vide: *Estudos sobre a Poesia Popular Brasileira, Cantos Populares do Brasil, Contos Populares do Brasil* — pelo autor.

Sorriso delator de interno gozo!
E sofrego acudindo á voz do incola,
Que na cornea busina o madrugára,
Antes que a aurora os montes contornasse,
Na frondente floresta se aprofunda.
Brada contente a parceiral caterva,
Prompta agitando as foices e os machados
Que no ar lampejam, qual sinistros raios,
Mede co'a vista os seculares troncos,
D'esses gigantes que laceram nuvens ;
Que tantas estações, e tantas eras,
Os céos e a terra em porfiada lide
Donosos empregaram na estructura
Que tem por coração cerne de ferro,
Onde verazes os annaes do mundo
Em multiplices rolos se recatam.
Prorompe o capataz com gesto fero,
Afras canções do peito borbotando,
Que alentam do machado o golpe ; troa
O hymno devastador, que em curta quadra
Lança por terra mil possantes troncos,
Timbre dos evos, pompa da natura.
Nos largos botareos, que a base escoram,
E no solo se entranham tripartidos,
Como ingentes giboias no profundo,
Talha o machado a corpolenta crosta.
Treme o chão, treme o ar, geme e se esfolha
A cup'la verdegai do amplo madeiro,
E convulso largando os verdes fructos,
Granisa o bosque com medonho estrondo,
Que as aves manda ao céo, e á toca as féras ;
Rija celeuma de confusas vozes
Applaude a queda dos pujantes lenhos.
Como uma anta feroz, sibilo agudo
Arma c'os dedos os sovados labios
O ledo capataz, e açula a turba,
Com novo metro e variado modo,
A de um golpe extinguir o parque excelso,
Que incolume surgio do cataclismo!
As foices e os machados manobrando,
Vão amputando o peristilio umbroso
Da verde tenda, monumento inculto,

Que de indomitas féras fôra asylo,
E os acentos canoros de mil aves
Nas perfumadas folhas embebera ;
E onde em barbaro côro a simia astuta
Outr-ora se embalava, até que a frecha
Do certeiro Tamoyo, o ar fendendo,
Co'a ponta hervada lhe enfiasse a morte.
Como columnas de arruinados templos
Jazem prostradas em confuso enleio
As grossas hastes, desmedidas, fortes,
D'essas umbellas, que subindo aos astros
No regaço do sol fruiam ávidas
Os puros raios de vital conforto!
A prenhe sombra de fragrancia e fresco,
Que cem plantas mimosas protegia,
Não mais amparará bolhão ruidoso,
Que a estiva sêde dissipava ás féras.
Oh! que espectac'lo grandioso e triste
Meus olhos, abarcando, contemplaram!
O ferro iconoclasta retalhando
A verdejante chlamyde da terra,
O seu manto sem par, e cuidadoso
Poupar avaro inuteis esqueletos
De eivados troncos, carcomidos galhos,
Aonde a viridente primavera
Em vão tentára, em contumazes lustros,
Nos pôdres garfos de raiz annosa
Seu insuflo vital verter benigna!
Ruïnas sacras, que eu lastimo e adoro,
Das aves throno, e odêo harmonioso!
Hoje achanado teu sublime porte
Róla na terra os prostylões soberbos
De odoros acroterios, onde a arára,
O brilho apavonando de seu manto
Como uma flôr alada resplendia. » (1)

Os trechos citados são capazes de definir o talento lyrico de Porto Alegre no que elle tinha de mais significativo.

Não seria difficil agora apontar pedaços duros, prosaicos, sem o minimo valor poetico. Prefiro mostrar os bellos frag-

(1) *Brasilianas*, Vienna, 1863, pag. 45 e segt.

mentos, as passagens em que o talento, como espirito alado, desferio grandes e harmoniosos vôos. Este livro não quero que seja uma galeria de estatuas decepadas; desejo antes que pareça uma assembléa de almas vivas que se movam e agitem em animada e deleitosa convivencia

O merecimento capital do poeta rio-grandense era a habilidade em desenhar em seus versos uma serie de quadros e scenas exteriores. O colorido não é sempre dos mais brilhantes; mas o desenho é correcto e amplo.

Porto Alegre era enthusiasta e um pouco fanfarrão na sua conversação ; o mesmo em sua poesia : sopra em cima de seu leitor de vez emquando alguns termos empolados, campanudos, capazes de tonteal-o.

Seu lyrismo não tem doçuras, delicadezas, mimos de ideia e de forma. Abre perspectivas, tem paizagens, mostra desenhos e algumas bellas côres por vezes.

Seus meritos e defeitos acham-se acumulados no seu, por uns tão encarecido, por outros tão escarnecido, e por todos tão mal estudado, poema — *Colombo*.

Nenhum outro poema da lingua portugueza é tão longo, tão massante em alguns pontos e eriçado de um maravilhoso tão deslocado e extravagante; nenhum outro, porem, possue de longe em longe versos tão sonoros, tão vigorosos, tão valentes e tantas passagens tão nutridas, tão elevadas, tão fortes, tão eloquentes.

Colombo é uma galeria, uma pinacotheca cheia de bellissimos quadros perdidos, prejudicados no meio de telas mal dispostas e mal acabadas. A viagem do observador é atordoada por difficuldades e tropeços ; mas compensada pela belleza de muitas scenas que se lhe deparam ante os olhos.

O poeta revela grande imaginação, grande vigor de traços, grande destreza de desenho, muita leitura, muita instrucção. Falta de proporções, de medida, pouca habilidade em tecer um enrêdo, raros dotes dramaticos, nenhuma synthese poetica, nenhum quadro definitivo e justo do caracter do seu herôe, eis os defeitos do livro.

Nenhum outro ha na lingua portugueza de leitura tão desigual. A parte maravilhosa é decididamente a mais fraca. Ha

pedaços falados por *Pamorphio* que são verdadeiras estopadas. O caracter de Colombo não é tambem muito nitido.

Não é uma figura audaz e illuminada de navegador e de genio. E' uma especie de beato, cheio de amuletos, um matamouros armado de uma cruz contra o demonio, que lhe apparece não se sabe bem por que motivo em caminho.

Porto Alegre, educado no regimen do pseudo-classicismo, julgava-se ainda obrigado a escrever um poema á antiga, cheio de apparições diabolicas, de encantamentos, de infernos e o mais... Era não ter uma bem clara intuição das feições e do caracter da poesia moderna.

Livre-me Deus da mania de querer fornecer preceitos a poetas. Mas um homem do nosso tempo de luctas burguezas, de trabalhos mecanicos, de creações industriaes, querendo pintar um illuminado do Renascimento, um temerario do tempo das grandes navegações e das grandes descobertas, em sua monomania por descobrir um Novo Mundo, e lançando-se para isto ao meio das solidões immensas do oceano desconhecido, um homem de nosso tempo, diante de um tal espectaculo, tem n'alma d'esse audacioso e no scenario immenso em que ella se agitava os elementos indispensaveis ao seu poema. Não ha mister da intervenção de *Pamorphio* nenhum. Sem sahir da realidade tem a trama inesgotavel da epopéa moderna. E' por isso que toda a mythologia malfazeja, toda a demonologia do *Colombo* é arida, esteril e de leitura penosa; é por isso ainda que todas as scenas reaes, todas as pinturas da vida positiva, as luctas de bordo, os levantes, as nostalgias da patria, as peripecias da navegação, as descripções de tempestades, os panoramas da natureza são de uma execução valente e, por vezes, admiravel. Os exemplos borbulham por toda a parte. E' só procural-os, o que é um pouco enfadonho, attenta a grande extensão do poema.

Colombo é em dois volumes com quarenta cantos e um prologo de 70 paginas. O todo do livro é de 950 paginas, contendo muitos milhares de versos.

No canto X apparece em scena Pamorphio e só deixa de importunar a gente com suas diabruras no canto XXIV. E' a porção mais massante do livro; entretanto é aquella onde

se lêem boas paginas sobre as theogonias e civilisações do Mexico e Perú.

Pamorphio mostrára estas regiõs em espirito ao nauta. Porto Alegre patenteia ahi grande erudição; bem se conhece quanto se preparou para escrever o seu poema.

O *Colombo* é, como disse, cheio de paginas agradaveis, especialmente em descripções.

Eis aqui uma :

« Curveteia o corcel ; no reste a lança,
O ibero pujante aguarda o emulo.
De um tranco volve o Cavalleiro negro
O tudesco ginete, e no borneio
Gruda a manopla, e espera, qual de bronze
Estatua equestre, que na trompa sôe
O terrivel signal. Lavra o silencio ;
O folego suspende a côrte e o povo :
Quasi se ouvia sob os peitos de aço
Bater o coração dos lidadores.
Os fervidos clarins abrem a lide.
Das hostes justadoras se arremetem
Os cabos triumphantes, e no encontro
As lanças estalaram. Pavorosos,
Nitrindo de furor em pé recuam
Os ardentes cavallos. Bradam todos :
Boa lança, Marquez! Alçam-se as damas
E, flores rosciando, a Cadix honram.
Sómente entregue a si, e ao seu destino,
Não colhe uma ovação o forasteiro.
Retomam novas armas, e se investem
Com dobrado vigor : ambos tocados,
Cavo som súas armas restrugiram.
Varados os broqueis, as rijas lanças
Nas couraças sulcando se inflammaram.
Palmas crepitam na dourada teia,
Alegres as donzellas no ar agitam
Niveos lenços e charpas multicôres :
Assim na estiva pompa, em grato asylo,
Mimosas rôlas no festim nectario,
Ao sibilo feroz de anta membruda,
A plumagem batendo, se alçam timidas

Pelos atrios odôros da floresta.
Não cedem no valor ; de novo ao prelio
As infrangiveis lanças correm, cruzam,
Batem, resoam, vergam como a lamina
De agudo estoque n'um marmoreo peito.
No rispido encontrão ambos tremeram.
Dormente o braço cede, e no chão rola
Do marquez o broquel, qual disco hellenio
Que em olympico jogo mede o estadio.
O negro cavalleiro então recua,
Recúa o hespanhol ; ganham seus postos.
De novo embraça o valeroso Cadix
Um aureo escudo, e o contrario envida.
Vizam, em regra ferem ; resupino
Cai o marquez nas ancas do ginete :
Do elmo cede o engaste ; núa a fronte,
Seu rosto radiou mavorcio brilho.
Um subito palor obumbra a festa ;
Soluçam as donzellas, e nas turmas
Sinistro borborinho se propaga.
Mas Cadix reganhado o prumo, investe
Como um tigre furente ; de um só golpe
As negras brafoneiras despedaça ;
E a lança revirando abola e fende
O elmo côr da noite! Estrondam bravos,
Renasce em toda a liça alma esperança :
Castella vai vencer. Oh! como é grande
A explosão que fervendo amor da patria,
Sem querer pelos labios se despede.
Dão de redea aos alipedes cavallos,
E na volta, entre vivas, grita e bravos,
N'um choque extremo e horrendo as fortes lanças
Pelo ar em mil farpas voltijaram!
Desnudam as espadas, cruzam talhos.
Qual em noite calmosa, em selva escura,
Abrazados de amor o cirio accendem
Errantes vagalumes, taes os ferros
Retalhando o arnez revesam fogos (1).

Com alguma ironia diziam os contemporaneos ser Porto

(1) *Colombo*, 1° vol ; prologo, pag, 62 e seg.

Alegre o primeiro pintor entre os poetas e o primeiro poeta entre os pintores no Brasil.

A satyra é evidente. Com Porto Alegre a cousa não ha de ser assim; teve merito em ambas as espheras, e, quanto ao seu estylo de poeta, no que elle tinha de mais eminente, era a juncção do talento do pintor ao talento do escriptor : sua *faculté maîtresse* era a descripção.

O talento de descrever tem atravessado phases diversas, tambem tem passado pela lei da evolução. A applicação d'esta noção á esthetica e á critica litteraria é capaz de renovar todo o antigo processo de analyse intellectual. Tudo obedece a um desenvolvimento constante; mas isto não é só verdade das creações exteriores da humanidade : a politica, o direito, a sciencia, a arte... E' tambem certo das qualidades internas do espirito; as aptidões da intelligencia têm-se desenvolvido, novas forças mentaes têm despontado. Os proprios sentidos exteriores hão progredido. Retomando o centro do assumpto, notarei que a descripção hoje na litteratura não é já a relação mais ou menos exacta de um facto, de um phenomeno qualquer. Quer-se mais, quer-se que a palavra pinte directamente as cousas. Os francezes têm levado isto ao supremo requinte. A prosa de Michelet, de Victor-Hugo, de Théophilo Gautier, de Paul de Saint-Victor, esses grandes pinturistas, foi a prosa que havia tirado todos os recursos e abusado de todas as ·i-quezas do vocubulario. E não fôram sómente esses romanticos os mestres proclamados da linguagem ; os modernos escriptores caminharam no mesmissimo terreno. Taine, os Goncourt, Flaubert, Leconte de Lisle, Daudet, Banville seguiram essa trilha.

Thierry, Sainte Beuve, Scherer e Renan eram prosaistas de outro gosto, escriptores mais sobrios, mais finos, mais delicados; menos ricos, porem mais deliciosos.

Porto Alegre acha-se sem duvida mal collocado entre tão grande companhia. Como prosador era mediocre. Mas foi um dos nossos mais destros descriptores em verso. Seus quadros são seguros, são animados, são vivazes.

Não é ainda a descripção á moderna, a palavra como tinta, dando cores, como os escriptores recentes exageram sem con-

seguir o almejado intento. E' a descripção á antiga, meio rhetorica por vezes; mas valente e lucida.

O artista poeta não quiz abusar de seu *savoir faire* de pintor para não cahir na requintada maneira dos seus contemporaneos.

N'isto andou, sem o saber, de perfeito accôrdo com Eugenio Fromentin, escriptor e pintor como elle. Este celebrado chefe da escola africana da pintura franceza foi ao mesmo tempo um dos primeiros prosadores de seu paiz.

Nunca li em lingua nenhuma livros mais attrahentes pelo estylo do que *Une année dans le Sahel*, *Un été dans le Sahara*, *Dominique*, e *Les maîtres d'autrefois*, do illustre filho da Rochella.

O insigne pintor, sem ser sectario do antigo modo de descrever, não achava regular o genero moderno.

Eis como elle proprio, depois de bellissimas paginas, caracterisa, synthetisando, seu modo de julgar a questão : « E' incontestavel que a plastica tem suas leis, seus limites, suas condições de existencia, aquillon que, em uma palavra, constitue o seu dominio.

Eu percebia iguaes motivos para a litteratura conservar e preservar o seu. Uma ideia póde ser expressa ao mesmo tempo de duas maneiras differentes, com a condição de prestar-se a essas duas maneiras.

Escolhida, porém, sua fórma, e refiro-me á sua fórma litteraria, não via que ella exigisse nem melhor, nem mais do que póde comportar a linguagem escripta.

Ha formas para o espirito, como existem formas para os olhos; a lingua que fala á vista não é a mesma que fala á alma. E o livro existe, não para repetir a obra do pintor, senão para exprimir tudo o que ella não pode dizer. Na pratica a demonstração de tal verdade me apazigou; eu a tirava d'uma experiencia muito segura e decisiva.

Conclui d'ahi, com o mais intenso prazer, que tinha na mão dois instrumentos differentes : podia-se perfeitatamente separar o que convinha a um, do que era conveniente a outro

E eu o fiz. A parte do pintor era necessariamente tão limitada, que a do escriptor se me antolhava immensa. Tive ape-

nas o cuidado de não me illudir com o instrumento mudanto de officio » (1).

Esta questão das relações entre a pintura, a plastica e a poesia, bem antes de Fromentin, fôra magistralmente discutida por Lessing no bello livro do *Laocoonte*, publicado em 1763. Já n'esse tempo o illustre progono allemão tinha esgotado o debate.

Porto Alegre não tinha grandes recursos de estylo, nem forcejava por fazer a lingua pintar.

Não tirava os recursos, todos os recursos que podem ser tirado do vocabulario portuguez. N'este ponto elle tinha, é verdade, uma certa monomania : a posse de um determinado numero de termos desusados, esquecidos. Era uma doença que tinha em commum com Odorico Mendes.

Não é de taes recursos que lançam mão os pinturistas da linguagem; não hão mister de mergulhar pelo mundo soterrado das palavras archaicas e abandonadas. Sem sahir das regiões da vida, imprimem exquisito e fulgurante colorido ás suas ideias.

Antes de despedir-me de Porto Alegre, como poeta, fôra ainda possivel dizer qualquer cousa a cêrca de alguns trabalhos satyricos que deixou. D'este numero são os versos debicatorios da antiga colonia portugueza do Rio de Janeiro sobre a decantada náo *Vasco da Gama*, a grande e maravilhosa náo, diziam elles, que ahi vinha impor admiração e respeito aos brasis, e, antes de entrar n'este porto, encalhou lá fora, avariando-se e sendo rebocada por um pequeno vaso de guerra nacional. E' tambem d'esse numero a introducção ao poema *O Ganhador* movido contra o jornalista Justiniano José da Rocha em 1844.

O poeta rio-grandense é desconhecido por este lado e justamente desconhecido.

Não possuia a *vis* comica e nem a satyrica. Os versos são mediocres.

Duas palavras ainda sobre o critico para concluir este perfil. Porto Alegre deixou, além das obras de que tenho falado, di-

(1) *Un Été dans le Sahara*, par Eugène Fromentin, 7e édition, Paris 1882, pag. xv, do magnifico prefacio.

versos artigos e discursos de indole litteraria. Os artigos versam especialmente sobre as artes no Brasil com particularidade a pintura.

Os principaes referem-se á antiga escola fluminense e á descripção de diversas exposições realisadas na Academia das Bellas-Artes. Estes artigos andam dispersos na revista do Instituto Historico, em a *Minerva Brasiliense* e n'outras publicações periodicas.

Os discursos foram pronunciados no Instituto em sessões annuaes commemorativas dos socios fallecidos, durante o tempo em que o poeta foi o orador official d'aquella associação.

Porto Alegre não era um critico por indole e temperamento litterario; não era tambem um orador consummado e correcto. Era um homem sensato, instruido, investigador e serio, capaz de sahir-se airosamente d'aquillo de que se deixava encarregar.

Para a gloria e a perfeita comprehensão da personalidade litteraria do afamado rio-grandense é indispensavel que alguem lhe publique em volume accessivel ao grande publico esses escriptos que elle deixou soterrados nos jornaes e revistas. O jornal garante leitura mais numerosa; mas é somente no dia de sua apparição. O livro assegura uma apreciação mais duradoura.

Em definitiva, Porto Alegre foi um bom desenhista, um poeta lyrico de grande talento descriptivo, um poeta epico sem proporções, mas onde o lyrista apparecia para salval-o repetidas vezes; um critico amoravel e intelligente. Seu poema, segundo o dito de uma celebre personagem, que o lesse até o fim só achou o revisor e a dita personagem, a quem o livro era dedicado.

Mas os bons trechos, que alli se encontram, seriam sofregamente lidos pelos mais exigentes espiritos, se alguem se lembrasse de os colher e enfeichar n'um pequeno volume.

Passo a outros.

No decennio de 1840 a 1850 appareceram as primeiras obras de *Teixeira e Souza*, *Norberto Silva*, *Dutra e Mello*, *Manoel de Macedo* e *Gonçalves Dias*.

Dividi o movimento romantico em diversas epocas.

A primeira foi inaugurada por Magalhães; gyram em torno delle *Porto Alegre*, *Teixeira e Souza*, *Norberto Silva* e *Dutra e Mello*.

Macedo vai figurar especialmente no romance e no theatro. Gonçalves Dias abre uma outra phase á nossa romantica. O criterio para grupar as escolas é a natureza intrinseca de cada uma d'ellas. O criterio para grupar os epigonos em torno dos chefes é a chronologia, não tanto dos individuos como das obras. Porto Alegre é de 1806, mas seus primeiros ensaios são posteriores aos de Magalhães, nascido em 1811.

Segue-se depois Teixeira e Souza, de 1812, cuja primeira obra é de 1840; vem após Norberto Silva, de 1820, tendo a primeira obra em 1840 ou 41.

Ao movimento iniciado por Magalhães, prendem-se, alem dos poetas citados, *Francisco Octaviano de Almeida Rosa*, *João Cardoso de Menezes e Souza*, *Joaquim José Teixeira*, *Manoel Pessoa da Silva*, *Antonio Rangel Torres Bandeira*, *Augusto Colin*, *Padre Corrêa de Almeida*, e *Symphronio Olympio Alvares Coelho*. A essa tendencia obedeceram tambem *Antonio Felix Martins* e *José Maria Velho da Silva* em quem já tive occasião de falar.

Vejam-se os principaes d'entre tantos escriptores e poetas.

ANTONIO GONÇALVES TEIXEIRA E SOUZA (1812-1861).

Foi um mestiço, filho de uma pobre familia de Cabo Frio, na provincia do Rio de Janeiro.

Tendo apenas o ensino das primeiras letras, foi forçado em 1822, por apertos pecunarios dos pais, a aprender o officio de carpinteiro.

N'este mister, já em Cabo Frio, já no Rio de Janeiro, para onde passou-se em 1825, conservou-se até 1830. De volta então á sua cidade natal, foi nomeado mestre-escola, emprego que exerceu largos annos, sendo em 1855 despachado escrivão do commercio no Rio. Falleceu em 1 de dezembro de 1861.

Foi um homem activissimo e de muito bons desejos. E' o

nosso poeta artezão. Escreveu bastante, tentando generos diversos. Publicou duas ou tres tragedias, um grande poema epico sobre a Independencia do Brasil, uma especie de poema lyrico sobre uma tradição de sua terra, grande porção de canticos lyricos, e seis ou sete romances.

E' uma bagagem litteraria assás pesada e de um manejar difficultoso. E' um grande inconveniente escrever muito, especialmente quando esse muito escrever não obedece a um plano e a uma idéa dirigente.

Torna-se a obra de um escriptor d'esses um matagal damninho em que se perde improficuamente o leitor, e d'onde sae irritado o critico, lastimando o precioso tempo perdido em atravessar matos e barrancos.

Causa dó a cegueira, a inopia de um escrevinhador, de um *sporcatore di carta*, gastador de tinta e papel...

O nosso Teixeira e Souza não é precisamente um tão profuso e diffuso productor de livros. Mas teria andado bem em escrever menos. Nas letras as mais das vezes o silencio é de ouro, e a sobriedade é sempre de brilhante.

As tragedias e o longo poema epico fazem mal á reputação litteraria de Teixeira e Souza. Fôra melhor que os não tivesse produzido. Quasi o mesmo se póde dizer de seus fracos e enfadonhos canticos lyricos.

Postos estes productos á margem, ainda restam o poema lyrico e os romances do escriptor para dar a medida e mostrar a indole de seu talento (1).

Primeiro o poeta, e isto rapidamente.

Quando digo que o poeta de Cabo Frio era bem intencionado, avanço uma verdade. Era patriota e nacionalista; forcejava por tomar parte nos esforços da geração de seu tempo no empenho de dotar o Brasil com uma litteratura. Então não tinhamos ainda vergonha de ser brasileiros, sonhavamos ainda com a formação de uma patria autonoma e progressiva. Como a mulher perdida que abre a sua porta ao primeiro viandante, o espirito nacional não havia ainda desesperado

(1) Estes escriptos de pouco valor são as tragedias — *Cornelia, O cavalleiro Teutonico;* as collecções de poesias sob o titulo de *Canticos Lyricos* o poema epico denominado — *A Independencia do Brasil.*

de si, não desejava ainda escancarrar as nossas casas a quantos desconhecidos queiram tomar conta d'ellas. Nacionalismo não era ainda synonimo de atraso e emperramento; era apenas a salva-guarda das tradições, a consciencia de um povo que se queria formar livre e forte, aproveitando as lições das nações cultas, sem perder sua indole, sua feição peculiar. O poeta ainda estava, pois, no bom terreno.

O romantismo brasileiro no seu primeiro momento foi uma prolação do espirito da velha escola mineira. Ao memos em parte foi assim.

Depois é que a imitação do romantismo francez, a macaqueação, o plagiato impensado do francesismo suffocou em nossa litteratura o sentir nacional.

O poeta estava cheio de boas intenções; porem em litteratura as boas intenções, que se não realisam, ou realisam-se mal e incompletamente, não têm valor, são como bilhetes brancos, papeis que nada valem.

E' o caso de Teixeira e Souza.

Por mais bondoso que eu queira ser n'esta geral excursão pelos dominios da litteratura patria, não posso sophysmar a minha impressão no estudo das obras d'este escriptor.

O poeta se me revelou acanhado, êrmo de graças, de vida, do movimento, de seiva, de enthusiasmo. Nem força e masculinidade, nem graciosidade e meiguice. Não tem quasi nenhum dos signaes distinctivos dos bons poetas, ou ainda dos poetas secundarios, mas interessantes na sua inferioridade.

Poucas leituras conheço em quelquer litteratura tão enfadonhas e tão nullamente compensadoras como a do poema *Os tres dias de um noivado.*

O estylo é aspero, a metrica pesada e dura; o fundo um amalgama de trivialidade e de phantasmagoria de insurportavel contextura. Nada mais facil do que adduzir trechos para lançar ahi diante dos olhos dos scepticos as provas absolutas do que affirmo...

E' bastante indicar ao leitor toda a conversação no canto quarto do poema entre o protagonista *Corimbaba* e o velho *Solitario* que elle encontrou nas brenhas de uma matta, e ainda mais particularmente as scenas do quinto canto, passa-

das entre o mesmo *Corimbaba* e os bruxos e entes sobrenaturaes do *Rochedo encantado*, onde o moço amante e recem-marido de Myriba vai inquirir do futuro. Oh! leitura displicente!... Peço dispensa de trazel-a para aqui. Prefiro mostrar o trecho que me pareceu mais agradavel em todo o poema. São no 2º canto os descantes entre os dous amantes em a noite do noivado. *Corimbaba* começa e *Myriba* lhe responde. E' por esta fórma :

« Se acaso te não conheces
Por formosa, ó minha amada,
Vai á beira de uma fonte,
E te verás retratada :
Quando, pelo sol corada,
A pastar por entre flores
O teu rebanho levares ;
Dirão estes lavradores :
— Alli vem, quem faz formosa
A nossa aldeia ditosa. »

« Se acaso te não conheces
Por formoso, ó meu amado,
Vae ás ribeiras do rio,
E te verás retratado :
Verás o rio apressado
Só de inveja suspirar,
E tua imagem formosa
Nas ondas querer levar :
Das raparigas na idéa
Serás o bello d'Aldêa. »

« Eu sou em tudo ditoso,
E tu linda, ó minha amada ;
Tens os olhos matadores
Como a rolinha engraçada. »

« E' feito de lindas flores
Nosso ninho, ó meu amado,
E junto á terna rolinha
Tu poisarás descançado. »

« Sou um pass'ro, que luzir
Vendo d'aurora os encantos,
Pelo prado alegremente
Solta seus festivos cantos :
Eu te adoro, ó minha amada,
Eu te amo, como a ave
Ama a luz da madrugada!
Tu és quem minha alma adora,
E's minha brilhante aurora. »

« Sou a flor, que, á noute, o seio
Fecha ás sombras descorada,
E que o abre a receber
O pranto da madrugada :
Eu te amo, como a flôr,
Ao orvalho, que lhe presta
Mais graça, mais viço e côr :
Tu tens de meu seio a posse,
Tu és meu orvalho doce. »

« Como a bella larangeira,
Entre as arv'res mais airosa,
Assim é entre as do campo
A minha amada formosa. »

« Como o cedro, na montanha
Entre as arv'res mais airoso,
Assim é entre os do campo
O meu amado formoso. »

« Sobre o seu leito de flores
Traze, ó noite, á minha amada
Brando somno sem temores :
Em torno volvei-lhe, ó brisas,
Porem com manso rumor ;
Traz-lhe, amante pensamento,
Comigo sonhos de amor.
O' sabiás, não canteis
Junto d'amada querida,
Se ella fôr de amor vencida
Repousar junto a meu lado. »

« Meu amado, sem temor
Ha-de dormir nos meus braços,
Um somno brando de amor :
Passae, brandas virações,
Mas sem bafejo violento.
Traz-lhe de amor doce sonho,
Amoroso pensamento ;
E, se dormir nos meus braços,
Entre flores, sobre ramos,
Não canteis, ó gaturamos
Para não quebrar seu somno. »

« Colherei as sapucaias.
E as guaticas saborosas,
O cajá, e o verde côco,
Jaboticabas gostosas :
N'um samburá enfeitado,
Por mim mesmo, de mil flores,
Eu virei depôr contente
Junto aos pés dos meus amores. »

« Colherei, todos os dias,
Pelo valle as mais cheirosas,
Engraçadas manacás,
Roxas, e brancas formosas ;
Depois de as ter no meu seio,
Espalharei com cuidado
Sobre a roupa tua, e um cheiro
Tomarão mais delicado. »

« Correrei o valle e o monte,
E o fugitivo veado,
Quaty, caxinglê, cutia,
Tudo será apanhado ;
E cheio d'alto prazer
Eu t'os virei off'recer. »

« Hei-de apanhar n'um lacinho,
Armado na larangeira,
Sabiás e beija-flores,
E a rolinha faceira :
E tudo quanto eu colher
Será para te offrecer. »

« Cantarei todos os dias
A gentil belleza tua ;
Porque, tu, ó minha bella,
E's formosa, como a lua. »

« Dos teus dons, dos teus encantos,
Meu coração tem o rol ;
Porque tu, ó meu formoso,
E's tão bello, como sol » (1).

O poema é escripto em versos brancos, na mór parte prosaicos. De todo elle a pedaço mais agradavelmente legivel são as estrophes rimadas que foram acima transcriptas. O contrario dá-se no *Colombo*, tambem escripto em versos soltos, e onde os versos rimados estão sempre abaixo dos outros.

Texeira e Souza forcejou por ser nacional; faltaram-lhe, porém, a imaginação e o vigor artistico. E' em nossa litteratura um poeta de ordem terciaria.

Atirou-se denodadamente ao romance; de 1843 a 1856 publicou. *O Filho do pescador*, *Tardes de um pintor ou as intrigas de um jesuita*, *Gonzaga ou a conjuração de Tiradentes*, *A Providencia*, *Maria ou a menina roubada*, *As fatalidades de dous jovens*.

Escriptos n'um estylo descurado, e em linguagem por vezes incorrecta, acham-se cheios quasi sempre de salteadores, esconderijos, subterraneos, assassinatos, incendios, envenenamentos, resurreições, e toda a patacoada, todas as *ficelles* do genero pavoroso.

De taes romances, os melhores são *As Fatalidades de dous jovens*, *As Tardes de um pintor* e *A Providencia*. São estudos da ultima phase dos tempos coloniaes, o descambar do seculo XVIII.

No meio das irregularidades de uns enredos emmaranhados, destacam-se certas paginas aproveitaveis. No *Filho do pescador*, a scena do banquete por occasião do casamento de *Laura* com *Augusto;* nas *Tardes de um pintor*, a descripção da cidade do Rio e especialmente do bairro de S. Christovão

(1) *Os Tres Dias de Um Noivado*, Rio de Janeiro, Typ. Imparcial de Paula Brito, 1844 ; pag. 37 e seg.

nos meiados e fins do eculo XVIII ; na *Providencia*, a descripção da Aldeia de S. Pedro e da procissão dos Passos ; nas *Fatalidades de dous jovens*, a decripção de uma festa popular, de um *samba*. Transladarei esta para aqui. E' assim :

« Meia hora depois que começou a festança dos comes e bebes, a lauta mesa de doce estava reduzida a pratos vasios, chicaras e garrafas. Era o campo em que havia sido Troya!

Tirou-se, pois, a mesa do meio da sala e começaram os matutos a gritar :

— Vamos brincar, gente, vamos brincar.

— Ahi nada *farta*, disse o dono da casa, pai da noiva ; *hai* viola, e *hai* tudo : — quem é que toca?

— E *seu* Mané Canellas.

— Mas havia duas violas...

— *Antão* o outro tocador ha de ser *seu* capitão Chico-Pedro ; elle canta bem o *desafio!*

— Prompto, disse o capitão Chico Pedro.

— Pois *antão* vamos a isto, disse o dono da casa.

— Vamos, vamos embora.

— Venham as *muieres* para cá : aqui cabe duas rodas.

— *Meninas*, venham para cá, venham dançar, disse o chefe da *famia*.

— Ellas já vão, *sinhô*, estão se apromptando ; disse a dona da casa, lá de um quarto do interior.

— Tambem ainda as violas não estão temperadas nem nada, e já estão chamando a gente... murmurou uma moçoila, que já sentia suas cocegas, ouvindo falar em dança.

— Temperem as violas, temperem as violas.

Todavia, temperadas as violas, vieram se chegando as moças e os rapazes e formaram *duas* rodas e dois tocadores encostaram seus pinhos aos peitos e começaram a repinicar a bella *Tyranna*, dança muito usada n'aquelle bom tempo, bem como o *Chico do Viamão*, a *To'ntinha*, etc.

Estas danças eram dançadas por quatro pessoas em cada roda, e as rodas podiam ser tantas quantas coubessem na sala. Havia a *Chula*, dança de um, dançando por sua vez, até ir tirar outrem, que vinha dançar, e o que dançava se ia assentar, e assim por diante até que um tirava o tocador, e terminava esta dança ; mas durante este dançado, em solo, os tocadores não cantavam, o que não acontecia em nenhuma das outras danças, em que a cantiga do tocador é que determina as voltas das rodas dos dançadores.

Havia tambem o *Sarrabulho*, dança de dous; isto é, sahia um que dançava só, e depois tirava outrem, que com elle dançava, e o primeiro que havia dançado assentava-se, ficando o outro dançando, que por seu turno ia buscar outro, e assim até o fim, que era quando um que dançava ia tirar o tocador, que tambem dançava, dando a despedida, isto é, cantando a ultima cantiga desta dança. Tinham tambem o *Vai de roda*, a mais divertida, a que menos cansava, e a mais favoravel de todas as danças aos senhores namorados, que não desperdiçam estas bellas occasiões. O *Vai de roda*, pois, é uma dança que por facillima póde n'ella dançar todo o bicho careta, ainda mesmo que nunca tivesse dançado : n'ella dançam n'uma grande roda tantas pessoas quantas caibam. Todas as mais danças são sempre de quatro pessoas. De todas estas danças, bem que todas requeressem extrema graça no dançador (excepto no *Vai de roda)*, todavia era a *Chula* a que mais dependia disto ; e era por assim dizer a pedra de toque do bom dançador.

E, pois, o Sr. Mané Canellas foi o primeiro que botou sua cantiga, e, repinicando sua viola, cantou :

« Em nome de Deus começo,
Padre, Filho, Esp'rito-Santo,
E' a primeira cantiga
Que n'este *oditorio* canto. »

Elle queria dizer *auditorio*. O capitão Chico Pedro, que alem de bom cantador tinha aza de grande improvisador, tomou o ultimo verso da cantiga de Mané Canellas, e cantou com toda a força de seus pulmões, que elle os tinha de um Stentor. Cantou pois assim :

« Que n'este oditorio canto,
Eu tambem quero cantar,
Esta primeira cantiga
Em antes de começar. »

Pegaram-se pois os dois cantadores no desafio, e não poucas vezes suas cantigas eram meia duzia de insultos lançados á cara com todo o azedume de uma affronta. Dançaram varias danças, descançaram algumas vezes, e, quando de novo principiavam, os dois cantantes travavam logo sua contenda de desafio.

O Mané Canellas era o arguente e o capitão Chico Pedro o defendente. A multidão tomava parte no combate dos dois, e dividida em dois partidos, cada um animava seu heroe com cem vivas, palmas e

outros applausos. Já o bom Mané Canellas desesperava do vencimento, quando julgou confundir seu contendor com a seguinte cantiga :

« Estudastes a grammatica,
E tambem a *tilogia ;*
Dizei-me qual é das aves
Que dá leite quando cria. »

Elle queria dizer theologia. Quando, porém, o Mané Canellas acabou de cantar esta cantiga, todos julgaram que o capitão Chico Pedro se calasse vencido, porque ninguem sabia que ave era esta ; mas o capitão Chico Pedro, que no sentir de Mané Canellas havia estudado a grammatica e a theologia, e não havia estudado para tolo, não deixou os circumstantes por longo tempo incertos ; quando, pois, foi occasião de cantar, abrio a bocca e cantou :

« Que dá leite quando cria
Vos direi com mais socego ;
Mas das aves é morcego
Que dá leite quando cria. »

Quando o capitão Chico Pedro acabou a cantiga, todo mundo bateu palmas e gritou : « Viva seu capitão Chico Pedro! Viva e viva! » Os vivas, as palmas, os applausos prolongaram-se por muito tempo : foi uma ovação completa. Deu-se a despedida d'essa dança : e finda ella, o mesmo Mané Canellas confessou que não havia quem cantasse o desafio como o capitão Chico Pedro.

Pouco depois principiou outra dança em que os cantadores desenvolveram toda a sua habilidade. Depois da cantiga cantavam elles um estribilho, que era sempre o mesmo e era assim :

« Bravo, Maricas, meu bem,
Aqui está quem te adorou :
Não se ponha de joelhos,
Que eu não sou senhor, não sou. »

N'esta cantiga, na occasião em que o cantador cantava estas palavras — *Não se ponha de joelhos* —, os homens dançantes, dançando mesmo, curvavam o joelho diante de dama, isto é, cada um diante da dama com quem dançava, a qual durante esta genuflexão, tambem dançando sempre, voltava costas ao marmanjo, que de joelhos a seus pés dançava. Era uma bella mimica.

No fim d'esta dança, Mané Canellas cantou esta cantiga :

« Vamos dar a despedida,
Mas antes quero dizer,
Que *seu* Flavio e *seu* Julio
As pazes devem fazer. »

Julio dançava n'uma roda, fez-se de desentendido. Flavio, que dançava n'outra, começou a murmurar grosseiramente, e de um modo atrevido. O capitão Chico Pedro cantou tambem assim :

« As pazes devem fazer,
E não se opponha ninguem,
Porque todos desta casa
Devem sahir muito bem. »

Acabou-se a dança, annunciou-se a ceia, e todos se encaminharam para a varanda, onde se achavam estendidas sobre o chão tres ou quatro esteiras, meio cobertas por grandes toalhas, e estas por pratos com varios guizados e assados, e todos, tanto homens, como senhoras, assentaram-se em roda das toalhas, e principiaram a comer e a beber desencabrestadamente. Começaram tambem as saudes e ditos » (1).

E um dos trechos mais supportaveis do estylo de Teixeira e Souza; ainda assim encerra quarenta e uma vezes os termos *dança*, *dançador*, *dançar*, *dançava*, e outras variantes do genero.

Não vejo ser mistér demorar-me ainda a caracterisar o talento do autor fluminense. Para este escriptor basta uma rapida *silhouette*.

JOAQUIM NORBERTO DE SOUZA SILVA (1820-1891).

Filho do Rio de Janeiro, nasceu em 1820, no mesmo anno de Macedo, e tres annos antes de Gonçalves Dias e Dutra e Mello. Não se graduou em academia alguma ; fez alguns estu-

(1) *As fatalidades de Dios Jovens*, vol. 2°, pag. 36 e seg. : Rio de Janeiro, edição de 1874.

dos de humanidades em sua cidade natal e metteu-se ainda moço no funccionalismo publico, empregando-se na Secretaria do ministerio do Imperio.

Bem cedo jogou-se ao cultivo das letras e ás luctas da imprensa.

E' um dos brasileiros que mais escreveram e em espheras mais variadas.

Sua obra é uma das mais opulentas, e, em compensação, das mais confusas das produzidas n'este paiz.

D'ahi certa difficuldade em bem tomar os traços physionomicos e caracteristicos do escriptor.

Dividir é uma condição par bem comprehender ; devo pratical-o com Joaquim Norberto. Sua vasta obra, parte publicada em livros, parte esparsa em jornaes e revistas, pode soffrer a seguinte divisão : novella, theatro, poesia, critica litteraria e historia.

Será preciso juntar a isto a estatistica; porque o primeiro trabalho que tivemos no genero é devido á penna d'este autor. Quero fa!ar do *Censo Geral do Imperio*, escripto e organisado por Norberto Silva, na sua qualidade de empregado publico. E' producção de valor, merecedora de attenção e aqui desde já citada, por ser apta a dar uma das notas, um dos tons da physionomia espiritual do notavel fluminense : a paciencia de esmeuçar, pesquizar, inquirir e verificar os detalhes.

Não é ahi, porém, que vou fazer o centro da minha analyse.

Das cinco regiões em que se manifestou a vida espiritual de Norberto, na esphera puramente litteraria, a novella e o theatro não são aquellas em que elle mais se distinguio. Os poucos ensaios praticados por este lado devem ser considerados tentativas em generos para os quaes o autor tinha pouquissima aptidão. São productos fracos, de leitura massante, e hoje completamente esquecidos.

No conto e novella pouco mais publicou além do volume intitulado *Romances e Novellas*, apparecido em 1852 em Nitheroy, e d'*O Martyrio de Tira-Dentes ou Frei José do Desterro*, impresso trinta annos mais tarde, em 1882 no Rio de Janeiro. No theatro seus principaes productos são a tragedia

Clytemnestra e o drama *Amador Bueno*. São obras de pequena monta, passos errados de um homem que procurava seu caminho. Tanto a tragedia, como o drama, são de 1843; d'esse tempo da puericia do autor são tambem as narrativas reunidas no citado volume de 1852.

E' na poesia, na historia politica e na historia litteraria que mais accentuada se nos mostrará a feição do autor. Ainda n'estas tres espheras podem-se fazer divisões e reducções, tendentes a mostrar qual a especialidade em que foi elle mais eminente. Supponho que os seus maiores titulos estão nos trabalhos de historia litteraria.

Vêr-se-ha, adiante. Por agora, e quanto antes, o poeta.

Na poesia a obra de Joaquim Norberto é das mais avultadas no Brasil. Sem falar de *Clytemnestra*, que é em verso, elle tem nada menos de cinco volumes de poesias : *Modulações Poeticas*, *Dircieu de Marilia*, *O livo dos meus amores*, *Cantos Epicos*, *Flores entre espinhos*, e possue espalhada em jornaes e periodicos materia para mais tres ou quatro. A tanto deve montar o grande numero de *ballatas*, de *canções americanas* e d'outras composições poeticas espalhadas por Norberto *un peu partout*. Já não falo nos grandes poemas que dizia possuir intitulados *O Brasil* e *Os Palmares*. D'estes existem apenas fragmentos publicados ; difficil se torna saber se os ultimou. Já não falo tambem nas promessas feitas pelo poeta de diversas collecções lyricas sob a denominação de *Novas modulações poeticas*, *Cancioneiro das bandeiras ou cantos tradicionaes dos antigos paulistas*, e outras assim. Estas provavelmente nunça existiram. O escriptor fluminense por certo trabalhou muito, um pouco de mais talvez, mas foi tambem muito prodigo em promessas, e algumas dellas irrealisaveis.

Onde foi, por exemplo, que Joaquim Norberto colligio os *Cantos tradicionaes* dos antigos bandeirantes? Onde os encontrou ? O autor era facil n'estas pequenas fraudes, capazes de illudir espiritos pouco perspicazes. Obedecendo a este sestro, deu as pretendidas respostas de Marilia ás lyras de Gonzaga.

A mesma inspiração levou-o á insinuação de serem suas *americanas* cantos *tradicionaes dos nheengaçáras ou bardos*

do Brasil... Onde encontrou Noberto os *nheengaçáras* e os seus cantos ?

Entretanto, o espirito desprevenido de algum europeu, ignorante de nossas cousas, poderá suppôr a existencia real dos *cantos dos bandeirantes* e dos *cantos dos nheengaçáras*, puros brincos da imaginação do poeta.

Noto isto e lh'o censuro, porque, como já fiz ver, elle é um homem de merecimento, e a exactidão historica é um' dos seus fortes. Prosigamos. O poeta em Norberto mostra tres aspectos principaes : lyrismo objectivista, lyrismo erotico e certo genero de composições que os allemães costumam designar sob a denominação de epico-lyricas.

As *Ballatas*, as *Flôres entre espinhos* e os *Cantos epicos* podem bem servir para testemunhar o talento do autor po esses tres lados.

O lyrismo das *Ballatas* tem um certo espirito, um tom semi-popular denunciador das boas intuições litterarias do escriptor. São quadros tradicionaes e historicos, descriptos n'uma tonalidade facil e algum tanto pallida. Não tem calor, não communicam enthusiasmo, não dão febre, não despertam expansões. São poesias de critico, feitas penosamente sob um plano assentado, n'um *canon* determinado e preconcebido. As principaes são : *A morte da filha*, *O ultimo abraço*, *A victima da saudade*, *O monte do Bispo*, *O mendigo*, *O suicida*, *D. Maria Ursula* e *O canto do marinheiro*. Aqui e alli apparecem algumas notas doces e amenas. D'este genero são as da ultima *ballata* citada — *O canto do marinheiro*. Aqui vae, como exemplificação do talento de Norberto, no que elle tinha de mais selecto :

« Nasci, como ave marinha,
Sobre estas ondas do mar ;
Na triste minha barquinha
Cresci da onda ao embalar.

Na minha infancia innocente
Por terras nuvens tomei,
E d'essa illusão contente
Mil vezes — Terra! — gritei.

Ao silvo da tempestade
As ondas via dansar,
Cheio de temeridade
Punha-me logo a rezar.

Amei a brisa, que asinha
Foi-me tormenta cruel ;
Amei a onda marinha.
Foi-me qual onda infiel.

Amei depois uma estrella,
Que no ceu via brilhar,
Ou, ĭnda mais grata e bella,
Sobre as aguas scintillar.

Na terra um dia encontrando
De meu amor lhe falei,
Porém á terra voltando
Em vão por ella busquei.

Mas ainda como estrella
No ceu a vejo brilhar,
Ou, inda mais grata e bella,
Sobre as agúas scintillar.

Na minha patria inconstante,
No oceano, vou morrer,
Onde possa a mĭnha amante
Sobre as aguas vir me ver!... » (1).

Era este o lyrismo do poeta fluminense em seus momentos mais felizes. As *ballatas* denunciam uma certa intuição da poesia popular; não que Norberto Silva a conhecesse praticamente, tivesse-a colligido e estudado com esmero. Era uma imitação, uma contrafacção inconsciente ; porém não despida de merito. Em todo o caso, é sempre uma poesia mais simples do que a de Magalhães e Porto-Alegre, sem ter absolutamente o viço da de Gonçalves Dias.

No lyrismo que chamei erotico duas faces se podem distin-

(1) *Minerva Brasiliense*, pag. 397.

guir no autor fluminense : uma pessoal, estampada no *Livro dos meus amores* e outra exterior e anecdotica nas *Flores entre espinhos*. E' a erotica da pilheria, a poetisação de casos e contos de um sabor meio picante.

Aguns têm chiste. Dão bem todos a conhecer a indole bonacheirona, pacata e calma do escriptor. Homem de estudo e de trabalho, é certo, não se afadigava, fugia de aborrecer-se e irritar-se; era alegre, bem humorado, palestrador; na conversação era cheio de anecdotas e gaiatices.

Um optimista em summa. Sua poesia, elle não a tinha como um castigo, ou como uma doença; era antes um desenfado, uma succursal do ocio e da preguiça. Era elle proprio quem dizia : « O que entendem por trabalhar ? Assim perguntava lord Byron e por si mesmo respondia, que compuzéra o seu lindo poema *Lara* n'aquelle anno de galhofas, em noite que se recolhia de uma mascarada.

Menor pretenção ainda devem ter estes insignificantes contos á vísta do poema do bardo inglez.

Não são, pois, fructos de trabalho, mas ephemeras producções de uma das variedades do ocio ou da preguiça a que muitos como eu se entregam por desenfado, afim de não cahir em verdadeiro *spleen*, e que não seriam levadas ao cabo se rapidamente, durante a sua gestão, acudisse á mente a ideia de que era uma applicação séria em horas em que o espirito parece rebellar-se contra tanta servidão, pois que tambem elle tem o seu capricho. E' como as *primas donas*. Nem por outra cousa se deve entender a poesia.

Arregimentar os poetas entre os homens que trabalham seria dar-lhes uma occupação; mas dar-lhes uma occupação que nada rendesse seria tambem uma das maiores ironias aos olhos do seculo das locomotivas, dos caminhos de ferro, do telegrapho electrico, da photographia, e talvez da navegação aerea, e que em vez de Apollo invoca Mercurio » (1).

Em meio das ironias do poeta bem se divisa sua theoria da arte. Esta era para elle um desenfado, um brinco, um emprego doce da actividade.

(1) *Flores entre espinhos, contos poeticos*, Rio de Janeiro, 1864.

Não era, ao contrario, e como pensam muitos, uma especie de condemnação que pesa sobre o espirito humano, alguma cousa de doloroso a que elle não se pode esquivar, uma imposição fatal a que não pode fugir. Eu bem sei o que se pode dizer pró e contra as duas theorias; porem não tenho obrigação de discutil-as agora.

Basta-me ponderar que o romantismo europeu e o brasileiro tiveram representantes das duas feições, que levadas ao excesso, produziram verdadeiras extravagancias.

Aquelles *bohemios* debochados e frivolos, de um lado, e aquelles mancebos tetricos, misantropicos, candidatos ao tumulo, de outro lado, que aqui tivemos, foram nitidos exemplares das duas escolas entre nós. Gonçalves Dias, com todo o seu talento e com toda a sua gravidade, era um representante da theoria opposta á de Norberto. Patenteia-o bem este pedaço do prologo dos *Primeiros Cantos* : « Com a vida isolada que vivo, gosto de afastar os olhos de sobre a nossa arena politica para ler em minha alma, reduzindo á linguagem harmoniosa e cadente o pensamento que me vem de improviso, e as idéas que em mim desperta a vista de uma paisagem ou do oceano, o aspecto emfim da natureza. Casar assim o pensamento com o sentimento, o coração com o entendimento, a idéa com a paixão, colorir tudo isto com a imaginação, fundir tudo isto com a vida e com a natureza, purificar tudo com o sentimento da religião e da divindade, eis a Poesia, a Poesia grande e santa, a Poesia como eu a comprehendo sem a poder definir, como eu a sinto sem a poder traduzir.

O esforço, ainda vão, para chegar a tal resultado é sempre digno de louvor; talvez seja este o só merecimento d'este volume. O Publico o julgará; tanto melhor se elle o despreza, porque o autor interessa em acabar com essa vida desgraçada que se diz de poeta. »

Ainda mais explicito é no prefacio dos *Ultimos Cantos* : « Eis os meus ultimos cantos, o meu ultimo volume de poesias soltas, os ultimos harpejos de uma lyra, cujas cordas foram estalando, muitas aos balanços asperos da desventura, e outras, talvez a maior parte, com as dôres de um espirito en-

fermo, ficticias, mas nem por isso menos agudas, produzidas pela imaginação, como se a realidade já não fosse por si bastante penosa, ou que o espirito, affeito a certa dóse de soffrimentos, se sobresaltasse de sentir menos pesada a costumada carga.

No meio de rudes trabalhos, de occupações estereis, de cuidados pungentes, inquieto do presente, incerto do futuro, derramando um olhar cheio de lagrimas e saudades sobre o meu passado, percorri este primeiro estadio da minha vida litteraria. Desejar e soffrer, eis toda a minha vida n'este periodo; e estes desejos immensos, indisiveis, e nunca satisfeitos, caprichosos como a imaginação, vagos como o oceano, e terriveis como a tempestade ; e estes soffrimentos de todos os dias, de todos os instantes, obscuros, implacaveis, renascentes, ligados á minha existencia, reconcentrados em minha alma, devorados commigo, umas vezes me deixaram sem força e sem coragem, e se reproduziram em pallidos reflexos do que eu sentia, ou me forçaram a procurar um allivio, uma distração no estudo, e a esquecer-me da realidade com as ficções do ideal ».

Bem se comprehenderá o significado d'estas citações ; meu fito é fazer a historia das idéas de preferencia á simples apreciação esthetica.

Uma das consequencias da theoria abraçada por Norberto Silva é requerer para os poetas o privilegio de serem sustentados, se possivel fôr, pelo governo do Estado.

D'ahi as azedas queixas contra a indifferença d'este. Ainda n'este ponto é preciso ouvil-o para bem comprehendel-o.

Lê-se no prefacio das *Flôres entre espinhos :* « Ninguem entre nós comprehendeu melhor do que o governo a missão do poeta.

O ministro a quem ahi se recommenda algum moço de imaginação ardente, capaz como Torquato Tasso de ter na cabeça meia duzia de epopéas esplendidas *(Será verdade?)*, ou um theatro como Calderon e Lopez de La Vega *(Lope de Vega)*, a primeira cousa que lhe faz é dar-lhe um emprego que o despoetise, que lhe petrifique a imaginação e o torne na maior e mais chilra prosa deste mundo e, ainda para mal dos

seus peccados, sujeita-lhe a inspiração livre e ousada ao livro do ponto!

Entrando para a repartição a que o destinam elle póde, antes de agarrar-se como um bicho de seda ás folhas do orçamento, de que fará o seu triste nutrimento, bater na testa e dizer como André Chenier antes de entregar a cabeça ao gume triangular da ensanguentada guilhotina : — E' pena, pois aqui havia alguma cousa ! »

Vê-se bem que o poeta queixa-se do *seculo positivo*, *materialisado*, *americanisado*, e queixa-se tambem do governo que não protege os poetas, não lhes garante o brilho do talento em occupações adequadas, e, quando muito, os brutalisa nas repartições publicas.

A censura é tão geralmente repetida pelos homens de letras n'este paiz que se póde bem suppôr não haver ahi de todo um simples capricho romantico.

O queixume é bem velho e não terá algum fundamento? Infelizmente tem-no e profundissimo. Creio, porém, não ser um phenomeno peculiar ao seculo XIX; é antes alguma cousa de particular á nossa terra, onde quasi tudo está ainda por fazer.

Nada n'este paiz está organisado; tudo está á flôr do sólo, nada tem raizes; nós por emquanto não temos patria.

Isto é ainda uma immensa feitoria, onde as industrias, o commercio, as emprezas, todas as fontes economicas estão na mão dos estrangeiros.

A maioria dos nacionaes tem de seu para viver a mendicidade, a praça na tropa de linha ou nas melicias urbanas e o miserando funccionalismo publico.

Os homens de letras, que não se abrigam no funccionalismo, que vão viver das respectivas profissões, arrastam existencia penosissima.

Que vale aqui a profissão de medico, de engenheiro, de advogado, diante especialmente da pobreza geral e da já crescida concurrencia estrangeira nas duas primeiras? Resta a profissão da imprensa, no jornal ou no livro.

Mas, qual foi ahi o brasileiro que já viveu de uma ou outra cousa?

O escriptor brasileiro, passa pelas quatro phases seguintes de desillusão e abatimento, consignadas aqui como attenuantes á critica :

1.ª Por pouco que tenha praticado, conhece logo que a sua arte nada lhe rende; não ha publico para os seus productos e o pauperrismo medonho lá está no fundo de todas as suas tentativas. E' a phase introductoria, a da *inutilidade economica* do seu trabalho.

2.ª Na falta de cotação no mercado para seus livros, elle procura os empregos publicos, ou, se é graduado, exercer a sua profissão, e como titulo apresenta seus escriptos, suas obras impressas. Se em tal cae, está perdido : « O *sujeitinho é litterato*, diz o governo, anda preoccupado com litteratices; não convém... Medico ou advogado poeta, diz o povo, não sabe medicina, não tem pratica do fôro; nada, não o consultem! » E' a phase seguinte á inicial, é a da *repulsa e abandono*, como um ente quasi inutilisado.

3.ª Batido pelo lado pratico da vida, raro é aquelle que persiste. Logo n'essa segunda phase abandona a mór parte o terreno. Se, porém, por qualquer circumstancia, ou por energia intima, o homem de lettras continúa, então tem que entrar no terceiro periodo do tormento. Todos se aborrecem com aquelle importuno que teima em querer ter *distincção*, *fama*, *gloria*, pelo seu talento e seu trabalho. E' o periodo das descomposturas, dos ataques, das inimizades gratuitas e temiveis. Se o homem é espertalhão e tratou de acostar-se a um grupo, se formou em torno de si uma *claque*, inda poderá algum tempo aguentar-se na refrega, enganado pelos elogios dos amigos e camaradas, todos mais ou menos interessados, e cujo barulho é infantilmente tomado como a opinião geral do paiz... Se não fez assim, se por indole é arredio e não procurou quem lhe guardasse as costas, está irremediavelmente perdido; ninguem o salva do esquecimento ou de cousa ainda peior — o descredito. E' a phase do desengano completo, da tristeza intima, por se haver perdido o tempo atraz de um sonho phantastico, *a gloria*, n'uma patria que não a quer, ou não a póde dar...

4.ª Quasi ninguem resiste á terceira provação. Se alguem,

se algum desabusado, por excessiva confiança em si proprio, ou por demasiado aferro a suas convicções, teima em produzir só com o fim de fazer triumphar suas idéas, independentemente de qualquer compensação, n'este ultimo e extremo caso, elle terá de passar pela mais horrivel provação porque póde passar um homem de lutas intellectuaes : — a consciencia da inutilidade de seus esforços!...

Tudo em pura perda!...

Ninguem se moveu, ninguem se convenceu! Tudo ficou como era d'antes : os mesmos erros, as mesmas fatuidades, as mesmas injustiças... « Ora, este brasileiro querer ter a razão, querer pugnar por doutrinas e principios, ter a pretenção de fazer a critica de nossa situação intellectual! Não é possivel!... » E' a linguagem geral.

« Quem foi que disse isto? onde está escripto? é em algum livro francez, ou allemão, ou inglez, ou mesmo portuguez? Se é, bem; é acceitavel... Se não, ora, *F.* que Não seja parvo; ora, *F*, o filho de Sergipe, ou ali de Macahé, querendo ter idéas e saber das cousas!... Pedante! » E' o modo geral de reflectir de todos ; é nas lettras a manifestação da geral maledicencia nacional, tão duramente descripta por Burmeister.

O leitor me perdôe este carregado quadro de diagnose patra. Não veio a esmo, nem são declamações. São confissões sinceras, filhas do observação e da experiencia de um homem que tem passado por todos aquelles estadios da malevolencia brasileira, e que ama seu paiz, que anhela por seu progresso. São um pedaço de auto-psychologia nacional, que fornece um criterio para a benevolencia para com os nossos pobres escriptores. Coitados! Luctam tanto e são tão mal tratados! Mais indulgencia com elles.

Quem escreve estas paginas, ao começar em sua puericia litteraria seus primeiros estudos criticos, usava de certo rigor, oriundo da inexperiencia.

Os annos e os amargos soffrimentos, que lhe infligiram, longe de o azedarem, o predispuzeram para melhor comprehender as innumeras difficuldades que assaltam os escriptores brasileiros. Quero falar d'aquelles que conquistaram palmo a palmo o seu terreno como perfeitos heróes. Não me refiro a

vinte ou trinta filhotes da politica omnipotente, mettidos nas lettras de longe em longe por desenfado, e perpetuamente incensados pelos aduladores, que nunca faltam. Comprehendo, pois, as queixas de Joaquim Norberto e faço justiça plena aos seus esforços.

Os estudos de historia brasileira, quer a historia propriamente dita, quer a historia litteraria, faziam o fundo de seu pensamento, e começaram a preoccupal-o desde os seus mais verdes annos. Elle não começou pela poesia e passou depois para a historia; não; enfrentou-as ao mesmo tempo. D'ahi o caracter de *contos*, *lendas*, *tradições* de quasi todas as suas producções poeticas.

Nas proprias *Flores entre espinhos* esse caracter é evidente.

O principio do segundo *conto poetico*, *A confissão*, traz um quadro em miniatura do Rio de Janeiro no tempo do velho *entrudo*. E' apto a dar segura idéa do espirito e das qualidades poeticas de J. Norberto. O final narra a historia de uma joven que confessara ao padre, cheia de lagrimas, ter morto um *mico*... Eis a transcripção do principio :

« Sobre as azas da alegria,
Entre enganos ruidosos,
Entre vivas jubilosos,
Expirára o Carnaval.
Oh! quanta moça faceira,
Que muito se divertira,
Morrer com pena não vira
Esse triduo sem igual.

A rotula então perdêra
Todo o sigillo, se abrindo,
E um rosto moreno e lindo
Livre e ousado se mostrou ;
E mais de um braço certeiro
Achou um alvo condigno,
Em que amavel, benigno,
Os seus tiros empregou.

Oh como então era grato
Ver bello limão de cheiro

N'um peito meigo, faceiro
Espargir mimoso odor!
Era como doce beijo,
Que, dos labios se arrancando,
Lá ia ardente voando,
Que as azas lhe dava amor.

Outras vezes, mais ousado,
O amante penetrava —
No lar que a moça habitava
Como uma pura Vestal;
E então, globos de cêra,
Contra globos mais mimosos,
Dedos trem'los... receiosos...
Espremiam... menos mal!

Ainda sobre as calçadas,
Quaes conchinhas de mil côres,
Ou quaes despencadas flôres,
Vê-se a cêra dos limões:
Signal de que o combate
Fôra forte e vigoroso,
E de parte a parte honroso
Aos valentes foliões.

Mas agora? Eis a cidade
Toda santa e penitente;
Do Janeiro a boa gente
Se apressa a se confessar;
Molhos, banhos, mil enganos
Aos incautos impingira,
Porém, agora suspira
Nas igrejas a rezar...

Oh! era um povo devoto,
Cantado pelo poeta
Naquella lyra selecta
Que o seu Rio engrandeceu;
Sim, S. Carlos fez no mundo
Celebrada esta cidade
Pela religiosidade
Que tinha... mas que perdeu.

Pela rua todo o povo
Em procissão caminhava,
E o sacro terço entoava
Ante o altar da mãi de Deos ;
Quantas luzes n'essas noites
Não reflectiam de uns olhos
Que tinham settas a molhos
Para convencer a atheus!

Através das verdes rotulas
Brilhava muito semblante,
Com seu olhar penetrante,
Vendo a pia procissão ;
Nas contas de seu rosario
As moças ali rezavam,
E se alguma vez peccavam,
Peccavam de coração!

Bello tempo! Quão depressa
Deixou a nossa cidade!
A nova sociedade
Tudo — ai tudo! — reformou!
Tanta dansa e patuscada
De nossa paterna gente,
Tanto folguedo innocente,
Tudo — ai tudo! — se acabou!

Já ia a quaresma em meio,
E a cidade penitente
Lá corria diligente
Ao templo a desobrigar ;
Ia pela madrugada,
Antes que as trevas fugissem,
A esperar que se abrissem
As portas de par em par. » (1)

Não é uma poesia muito elevada esta; em genero algum Norberto ultrapassou a media.

E' o que lhe aconteceu no genero epico-lyrico, onde é talvez inferior. Falta-lhe força na inventiva e brilho no estylo.

(1) *Flores entre espinhos*, pag. 11 e seguintes.

Nas ballatas apparece as vezes certa naturalidade e nos contos poeticos certa graça apreciaveis.

Nos *Cantos Epicos* reina quasi sempre innegavel prosaismo. Bem quizera escondel-o; porem não posso. Os *Cantos Epicos* são umas narrativas em versos brancos sobre alguns factos historicos.

O auctor publicou seis n'um pequeno volume em 1861; são os seguintes : *A cabeça do Martyr*, *A corôa de fogo*, *O Ypiranga*, *A Visão do proscripto*, *A festa do Cruzeiro*, *Os Guararapes*.

O primeiro refere-se á cabeça de Tiradentes que fôra collocada n'um poste em Villa Rica e recolhida alta noite por piedosas mãos; o segundo trata do martyrio de Antonio José nas fogueiras da Inquisição; o terceiro é relativo ao brado de nossa Independencia por Pedro Iº; o quarto é attinente á Napoleão em Santa Helena; o quinto é sobre a creação da ordem do Cruzeiro entre nós; o ultimo é referente á celebre batalha ganha pelos pernambucanos sobre os hollandezes.

Norberto publicou um septimo sob o titulo. *O berço livre* dedicado á promulgação da lei de 28 de setembro de 1871 (1).

As intenções foram boas; a execução deixou sempre a desejar. A litteratura brasileira possue alguns especimens no genero de subido valor. Nós não temos vigor epico, talento dramatico e grande chiste comico.

Em compensação temos volubilidades e ternuras lyricas. O calor lyrico, junto em algumas almas a certos impetos varonis, tem dado, de longe em longe, algumas producções, que se podem chamar epico-lyricas, de grande merecimento.

Cinco poetas especialmente, uns pertencentes á escola *condoreira*, outros verdadeiros antecessores della, foram os mestres reconhecidos d'este genero de cantos : José Bonifacio, com *O Redivivo* e o *Primus inter pares* ; Pedro Luiz, com *Tira-Dentes*, *Nunes Machado*, *Terribilis Dea* e *Os voluntarios da Morte* ; Luiz Delfino, com as *Solemnia Verba* ; Tobias Barreto, com *A' Vista do Recife*, *Os Voluntarios Pernambucanos*,

(1) *A Festa litteraria por occasião de fundar-se na capital do Imperio a Associação dos homens de Lettras do Brasil*. Rio de Janeiro, 1883, pag. 125.

Os Leões do Norte, *A Capitulação Montevidéo*, *A' Polonia;* Castro Alves, com *O Navio Negreiro*, *As Vozes d'Africa* e *Pedro Ivo*. Por todas estas poesias corre um calor, uma vida, uma seiva de enthusiasmo, que prende e electrisa. Não se tem tempo de pensar nos seus defeitos; a furia poetica nos domina. A aquelles cantos typicos podem se juntar *Napoleão em Waterloo* de Magalhães, nosso conhecido já, e *O Festim de Balthasar* de Elseario Pinto, olvidado poeta sergipano.

Outras existirão talvez por ahi; aquellas são as mais notaveis. Os portuguezes tiveram um poeta, mais conhecido por seus romances e dramas, que foi um feliz cultor do genero epico-lyrico. Quero falar de Mendes Leal, com o *Ave-Cesar*, *O Pavilhão Negro* e principalmente com a *Cruz e o Crescente*. E' o principal antecessor do *condoreirismo* em nossa lingua, systema de poesia imitado de Victor Hugo, que produzio eutre nós muita cousa boa e muita cousa ruim.

Joaquim Norberto não teve jamais o vigor de qualquer dos poetas citados. Seus *Cantos Epicos* são inferiores ás suas proprias poesias lyricas. Os taes *cantos* são cheios de allegorias, de personificações, de machinas rhetoricas de velho uso, tudo proprio a embaraçar-lhes a leitura. Qualquer delles póde servir de exemplo. *A coroa de fogo*, *verbi gratia*, começa por uma personificação de Lisboa a dormir e a apparecer-lhe, tambem em fórma de matrona, o Rio de Janeiro, sob o nome de *Guanabara*. Esta se mostra de *semblante amorenado*, *como a tez do jambo*, e outras pieguices molestantes. Segue-se um dialogo entre as duas *cidades-matronas* a respeito do poeta que vai á fogueira, tudo n'um tom displicente de meter dó... E' inutil citar. Quem quizer vá inteirar-se por si (1). Norberto é pouco eminente na poesia.

Tenho pressa de avistal-o nos seus trabalhos de historia e critica litteraria.

E' onde é mais apreciavel, por ser onde está mais a gosto e mais em harmonia com a sua indole. N'esta esphera o pri-

(1) Vide *Cantos Epicos*, por J. Norberto de Souza Silva, Rio de Janeiro, 1861, pags. 21 e seguintes.

meiro elogio que lhe faço é o seguinte : hoje é impossivel escrever a historia, principalmente a historia litteraria do Brasil, sem recorrer ás publicações d'este laborioso escriptor. E' que existem certas averiguações, especialmente na historia da litteratura, que pertencem de direito a Norberto Silva. Dividamos o assumpto e comecemos pela historia do Brasil.

N'este campo de acção o escriptor não nos dotou com uma obra geral sobre todo o paiz, ao menos n'algum periodo de seus annaes. Deu-nos quatro producções principaes : *Memoria Historica e Documentada das Aldeias dos Indios da Provincia do Rio de Janeiro*, *Historia da Conjuração Mineira*, *Estudo sobre o Descobrimento do Brasil*, *As Brasileiras Celebres*. As duas primeiras sobrelevam de muito as duas ultimas.

Os meritos principaes do historiador são a clareza na exposição e o acuramento das pesquizas. Não ha movimento dramatico, nem ha vistas philosophicas, nem ha vivacidade de estylo. Em compensação ha criterio, bom senso, conhecimento do assumpto. No livro sobre as aldeias do Rio de Janeiro fornece bons dados para o conhecimento da fundação das principaes cidades da provincia e formação da população.

No livro sobre a conjuração de Minas lança muita luz sobre a vida politica dos mineiros e do Brasil em geral nos fins do seculo XVIII, sobre a sociedade de Villa Rica, sobre o caracter dos poetas e escriptores do tempo e vinte outros pontos secundarios.

Contribuiu para reduzir as proporções assustadoras que vae tomando entre nós o mytho de *Tira-Dentes*. Não contesto aos brasileiros o direito de phantasiar heróes e encher de semideuzes o ceu de sua historia; se lhes praz crêar uma mythologia politica, crêem-na como lhes bem quadrar.

Estão no seu direito, e, quanto a *Tira-Dentes*, nas paginas mesmas d'este livro, ja tive ensejo de manifestar a minha sympathia. O que não posso tolerar é a pretenção estolida e brutalisante de se querer impedir o direito da critica. Ainda hoje não posso comprehender os selvagens ataques de que foi victima Norberto Silva, por haver tocado de leve na figura de *Tira-Dentes!*

E isto da parte de espiritos que se dizem liberaes!

E' uma grosseira intolerencia, só proprias de animos selvagens. Além de tudo, é uma enormissima injustiça ; porque o livro de Norberto, bem longe de ser obra de reaccionario, é um livro animado de fortissimo espirito liberal, alentados impetos democraticos. Qual o motivo pelo qual grandes e consagrados heróes, divinisados pela humanidade inteira, podem ter sido visitados no seu nimbo de luzes e sombras pela critica, e não se ha-de fazer o mesmo no Brasil a certos heróesinhos de hontem?

Qual a razão pela qual um Strauss pode chegar até Christo e arrancar-lhe parte da aureola, e não poderá um Norberto praticar o mesmo em *Tira-Dentes?* Ora, deixemo-nos de phantasias inuteis e respeitemos antes de tudo a verdade.

Nossa democracia não precisa, para viver, de firmar-se em exaggeros e falsidades.

Antes de tudo respeitemos os direitos da sciencia. O livro de Norberto Silva é um bom e equitativo serviço em prol da verdade. Não é obra de reaccão; é antes de propaganda liberal.

Como historiador, a epoca melhor conhecida de nossa història por J. Norberto é o seculo XVIII em Minas.

E' pena que não tenha elle tirado de seus estudos um trabalho de conjuncto.

A predilecção, porem, que tinha pelo assumpto é evidente. Como poeta, novellista, historiador, critico litterarío, sempre e sempre elle voltava ao assumpto. Na poesia, A *Cabeça do martyr* é dedicada ao protagonista da Conjuração mineira ; no conto, *O Martyrio de Tira-Dentes* é referente ao assumpto; na historia, o livro a que me tenho referido; na historia litteraria, os interessantes prologos e notas que acompanham as edições de Gonzaga e dos dois Alvarengas, alem do estudo consagrado a Claudio.

Taes e tantas pesquizas sobre a historia mineira no descambar do seculo XVIII devem ser considerados dos melhores serviços pelo operoso fluminense prestados ás lettras patrias. O pequeno volume sobre as *Brasileiras celebres* tem grande numero de paginas relativas ao assumpto predilecto. Como

amostra do estylo de Norberto darei aqui um trecho d'esse bello livrinho, e seja um de assumpto mineiro.

Eil-o :

A rica capitania de Minas Geraes achava-se sob a pressão do terror e das perseguições. Ah! e que calamidade! Dir-se-hia que o anjo da agonia tinha estendido as azas enlutadas sobre Villa Rica, e que o hymno da consternação echoava de todos os labios!

Por toda a parte a justiça sequestrava. Não exigia tão sómente o ouro, as joias, os trastes, os escravos e os animaes domesticos; sequestrava tambem a roupa do corpo, roubava tambem o tecto, o lar e o pão, e a familia isolada, malquista, ahi ficava nua á face do céu, ahi vivia sem habitação, ahi morria sem alimento!

O medo precedia os infelizes atirados como naufragos da tempestade politica a praias inhospitas. Eram os lazaros da inconfidencia, cujo contacto se temia como se tisnasse a mais pura e candida reputação. Ante elles se fechavam todas as portas, porque a piedade e a compaixão erão synonimos de complicidade no diccionario do governo colonial.

Ainda a sentença não havia impresso o ferrete da infamia sobre os descendentes dos martyres da independencia brasileira e já sobre elles pezava a mão negra e mirrada do destino acerbo que os aguardava!

Descendente das mais notaveis familias da capitania de São Paulo, distinguia-se tambem dona Barbara Heliodora Guilhermina da Silveira pela sua formosura e pelas suas prendas, e esses dotes, que lhe deram a natureza e a educação, attrahiram a attenção, mereceram a sympathia, captivaram o amor do coronel Ignacio José de Alvarenga Peixoto.

Era elle poeta como Thomaz Antonio Gonzaga e, como o cantor da belleza de Villa Rica, celebrou a belleza de São João d'El Rei. Dotada de imaginação brilhante, sentindo o estro borbulhar-lhe no cerebro, a joven donzella retribuia afeição por afeição e folgava com poder pagar-lhe igualmente versos por versos, e o commercio das musas sanctificou e engrandeceu aquelle amor em que mutuamente se abrasavam.

Bacharel formado em canones na universidade de Coimbra e despachado ouvidor da camarca do Rio das Mortes, depois de ter servido de juiz de fóra de Cintra em Portugal, Ignacio José de Alvarenga, abandonou a carreira que abraçara com tantos sacrificios, que tão longas viagens, e tão aturados estudos lhe havia custado; esqueceu-se para sempre do seu ninho natal, esse magestoso Rio de

Janeiro com seu céo esplendido, com sua magnifica bahia, suas soberbas montanhas, suas bellas florestas e estabeleceu-se no paiz, cofre dos diamantes e de gemmas de ouro.

Não era a sede d'esses thesouros, mas o amor pelas grandes emprezas quem o chamava a novas lidas que seguia. Bem depressa se viu senhor das ricas fazendas dos Pinheiros na freguesia de Santo Antonio do Valle da Piedade e do engenho de Paraopeba de Villa Rica e das terras e aguas mineraes da Boavista, de Santa Rufina, de Espigões, de São Gonçalo Velho, de Manoel José de Castro, do Campo do Fogo, dos Espigões do Aterrado, do Ourofalla, de Santa Luzia, e ainda outras, onde trabalhavam perto de duzentos escravos. E o poeta favorecido da fortuna offereceu a sua mão, deu o seu nome á joven que não possuia senão os seus dotes naturaes.

N'aquellas lidas, n'aquelles enganos d'alma, passaram os dias felizes e o céu legitimou o consorcio d'estas duas almas com tres filhos e uma filha, sendo que esta, que os precedeu, era a mais querida de seus pais, passava como o anjo da felicidade domestica, representava a alegria e o riso de toda a casa.

O coronel Ignacio José de Alvarenga, alma afinada pela lyra da poesia, jamais deixou de cultivar o talento com que Deos o destinguira ; porém sua esposa no meio de seus deveres caseiros, de sua missão de mãi, esqueceu-se de seus versos e votou-se de todo o coração á educação de sua filha Maria Ephigenia, tão formosa aos doze annos que lhe derão o nome de princeza do Brasil e essa antonomasia tornou-se popular.

Apezar de falta de recursos que havia no logar para uma educação acima da mediocre, D. Barbara Heliodora empregou todos os meios a seu alcance e a peso de ouro logrou que viessem se estabelecer na sua villa, junto do seu domicilio, os melhores mestres que existiam na capitania, e emquanto os filhos varões se entregavam aos brincos infantis, aos jogos pueris, pois eram ainda de tenra idade, a formosa menina estudava e se aperfeiçoava não só na sua lingua como nas estrangeiras e ainda nas bellas artes ; a dansa, a musica, o desenho illustravam-lhe o espirito e lhe serviam de agradavel entretenimento. A' maneira, porém, que a distincta e virtuosa mãi redobrava de esforços e se extremava pela educação de sua filha, crescia-lhe o amor maternal, excedia-se em affeição, exagerava os seus carinhos. Já não a amava ; adorava-a e exigia dos mestres não só toda a paciencia como deferencia para com aquella que, dizia ella, devia ser tratada como princeza.

Erão criticos os tempos. Sob a mascara da amizade penetrava a espionagem em todas as casas, ouvia todas as palestras, e depois

delatava tudo com a mira nas recompensas politicas. Havia o coronel Ignacio José de Alvarenga Peixoto, tomado activa parte na conjuração mineira ; a denuncia o involvera na lista dos implicados, e o despotismo colonial, viu n'elle um dos chefes mais ardentes da causa nacional, e interpretou no enthusiasmo pelas cousas da patria, que nota-se nas suas poesias, a prova cabal de sua complicidade. Foi arrancado do seio de sua familia, preso e conduzido ao Rio de Janeiro, onde o lançaram nas masmorras asquerosas e immundas da fortaleza da ilha das Cobras.

Uma portaria expedida pelo governador visconde de Barbacena em 9 de setembro de 1789 mandou sequestrar-lhe todos os bens, para o fisco e camara real. No dia 13 de outubro de 1789 achava-se D. Barbara Heliodora na sua casa do arraial de S. Gonçalo, na freguezia de Sant'Antonio do Valle da Piedade, termo da villa de S. João d'El-Rei, abraçada com seus filhos, misturando suas lagrimas com os ais das tristes criancinhas, que em vão chamavam o desditoso pai, quando viu entrar o desembargador Luiz Ferreira de Araujo e Azevedo, ouvidor geral e corregedor da comarca do rio das Mortes, com o escrivão de seu cargo, e o meirinho mor, e exigir d'ella o juramento para que declarasse os bens que houvesse do seu casal, sob pena de perjurio e das em que incorrem os que subnegam bens a inventario, e para logo procedeu ao sequestro e real apprehensão.

Toda aquella grande fortuna accumulada com o trabalho suado de tantos annos e que ainda não estava consolidada, pois havia dividas a solver, foi fazer porte do acervo amontoado pelo fisco na penhora dos bens dos implicados.

D. Barbara Heliodora submetteu-se ao despotismo colonial. Entregou todos os bens de sua sumptuosa casa, sua pesada baixela de prata, as joias que recebera de seus pais, e de seu marido, e até uma caixa de rapé que tinha o seu retrato circulado de pedras preciosas.

Dous dias depois requeria ella que achava-se casada com carta de ametade, que de seu matrimonio existiam filhos e que sendo na forma das leis do reino em todo e qualquer caso livre a meiação da mulher, se procedesse antes do sequestro o inventario e partilha para se saber o que pertencia da meiação a cada um, e na parte que tocasse a seu marido se procedesse ao sequestro, ficando a parte d'ella livre e desembarçada.

O seu requerimento foi attendido ; procedeu-se na forma da lei, e assim pôde alla amparar a miseria de seus filhos e preparar-se um futuro menos acerbo.

Não foi, porém, bastante para a tranquillidade de sua alma. A

justiça, que via fugir metade da mais importante parte do sequestro, achou na delação dos vassallos fieis o meio de envolver a illustre mineira com os implicados, e seu nome veio a figurar nas duas famosas devassas que se procederam por esse tempo.

Viu-se na antonomazia de princeza do Brasil, pela qual era conhecida a joven Maria Ephigenia, um crime de leza magestade, uma idéa de independencia nacional ; e o proprio professor de musica de sua filha, José Manoel Xavier, foi por duas vezes chamado a depôr em juizo ; porém nada disse que a compromettesse, e o depoimento de outra testemunha cahiu não só por falta de provas como por nimiamente insignificante.

Aqui da sua prisão da Ilha das Cobras, levava o coronel os olhos saudosissimos pelas serranias da magnifica bahia que o vira nascer ; lá penhascos horriveis e incultas brenhas cansavam-lhe a vista, que em vão procurava pelo ninho de sua desditosa prole ; soltava então um brado de agonia, e atirava-se sobre a barra dura que lhe servia de leito, e chorava. Pouco a pouco se resignava e a poesia do amor e da saudade vinha emfim com as suas azas de ouro afagal-o, limpar-lhe o pranto e traduzir-lhe os gemidos em harmonias eroticas. Se a imagem da sua esposa lhe estava sempre presente como uma viva lembrança, ahi tambem para seu martyrio via nos braços maternos aquella filha, aquelle anjo que aos doze annos era todo o seu encanto, toda a sua alegria e orgulho. » (1)

Em historia litteraria Norberto não possue uma obra completa.

Chegou a annunciar uma historia da litteratura brasileira; mas este livro não foi escripto.

Seus mais prestimosos trabalhos no genero são a Introducção ás *Modulações Poeticas*, diversos artigos na *Minerva Brasiliense*, na *Revista Popular*, e especialmente, os estudos e notas que acompanham as edições dos autores da *Brasilia Bibliotheca* do Sr. Garnier.

Norberto Silva dirigiu a publicação de Gonzaga, Silva Alvarenga, Alvarenga Peixoto, Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Laurindo Rabello.

Os bons serviços do escriptor fluminense n'esta esphera não são de caracter theorico e doutrinario; elle é pouco fecundo

(1) *Brasileiras Celebres*, pag. 182 e seguintes.

em recursos de analyses e apreciações litterarias. Seu merito positivo, por este lado, está na parte biographica dos autores, na verificação das datas e dos factos.

Bem se vê ser este um trabalho preliminar indispensavel para quem tiver de emprehender a historia da litteratura brasileira. E' bem possivel escrevel-a sem recorrer nunca ás publicações de J. M. Pereira da Silva e do Conego Fernandes Pinheiro. Estes não foram prodigos nem de theorias, nem de factos; seus livros são copias mais ou menos habeis dos antecessores.

Norberto não; é caprichoso e tem probidade litteraria. Seus defeitos capitaes são falta de cultura classica e falta de cultura philosophica e scientifica. D'ahi a ausencia de idéia dirigente no complexo de seus trabalhos e o desalinho perpetuo da forma em seus escriptos (1).

Antonio Francisco Dutra e Mello (1823-1846). — A historia d'este moço é rapida e commovedora. Filho do Rio de Janeiro (8 de agosto de 1823), bem cedo ficara orphão, e bem cedo tomara sobre os hombros o pesadissimo encargo de numerosa familia pobre, composta de sua mãi e quatro ou cinco irmãos menores. Dutra e Mello era tambem um menor, e ainda na infancia, quando lhe morrêo o pai. Cêdo arrojou-se aos estudos de humanidades, atirando-se loucamente ao trabalho, levando por diante o aprendizado das linguas ingleza, franceza e latina, da historia, geographia e mathematicas elementares. Com dezeseis ou dezesete annos conhecia a fundo algumas d'estas materias e jogou-se ao magisterio, e aos labores litterarios. Labutando excessivamente, inaniu-se em

(1) Cahe ás vezes em descuidos compromettedores, capazes de denunciar-lhe ausencia de elementares conhecimentos. Lope de Vega era para elle *Lopez de la Vega*. No *Martyrio de Tiradentes* fala tres vezes no *somno do philosopho Emenides* (pag. IV, 113 e 117); queria dizer *Epimenides*. Na *Historia da Conjuração Mineira* fala duas ou tres vezes *no despotismo colonial com seus algozes, seus espias e delatores, suas masmorras, com suas algemas, com suas forcas caudinas....*

Parece que Joaquim Norberto estava esquecido do que eram *Forcas Caudinas...*

pouco tempo, vindo a fallecer com vinte e dous annos e meio, a 22 de fevereiro de 1846. Antes e depois de Dutra e Mello muitos brasileiros de talento morreram na juventude, deixando renome na litteratura (1).

Nenhum, porém, como elle, é merecedor de tantas sympathias. Os outros succumbiram pela mór parte por debilidade natural, ou por descalabros produzidos pelo vicio. O moço fluminense cahio victimado pelo dever, esmagado pelo trabalho, que lhe devorou as forças e engolio-lhe a vida. Nenhum foi tão puro, tão ingenuo, tão idealista, nenhum tão profunda e verdadeiramente melancolico. Tambem nenhum teve tanta instrucção em tão verdes annos. Por este lado, só talvez Bernardino Ribeiro poderia hombrear com elle.

Muitos estragaram-se por sestros e manias romanticas, o que se não póde absolutamente dizer dos dous fluminenses, naturezas sérias, devotadas ao trabalho, e cuja vida passou-se em tempos anteriores ás sentimentalidades e choramigas systematicas.

O periodo das lastimações lamurientas, das phantasias morbidas, dos desmantelos aereos foi nos vinte annos decorridos entre 1845-1865. Foi o tempo da maior intensidade da *sensiblérie* nacional. Seguio-se o periodo da escola que hasteou a bandeira do *victor-hugoismo*, a que os nossos criticos denominaram a pleiada *condoreira*. Os sectarios d'esta nova formula conservaram-se n'um terreno intermedio entre o ve-

(1) Aqui dou uma lista extrahida do excellente estudo sobre Dutra e Mello devido á penna do Sr. Luiz Francisco da Veiga. E' esta : José Joaquim Candido de Macedo Junior — com 18 annos menos 15 dias ; Antonio Joaquim Franco de Sá — com 19 annos, 6 mezes e 12 dias ; Manoel Antonio Alvares de Azevedo — com 20 annos, 7 mezes e 13 dias ; Francisco Bernardino Ribeiro — com 21 annos, 11 mezes e 4 dias ; Luiz José Junqueira Freire — com 22 annos, 5 mezes e 24 dias : Antonio Francisco Dutra e Mello — com 22 annos, 6 mezes e 14 dias ; Casimiro José Marques de Abreu — com 23 annos, 9 mezes e 14 dias ; Antonio de Castro Alves — com 24 annos, 3 mezes e 22 dias ; Manoel Antonio de Almeida — com 29 annos e 11 dias ; Agrario de Souza Menezes — com 29 annos, 5 mezes e 29 dias ; Felix Xavier da Cunha — com 31 annos, 5 mezes e 5 dias ; Aureliano José Lessa — com menos de 33 annos de idade ; Luiz Carlos Martins Penna — com 33 annos, 1 mez e 2 dias ; Luiz Nicoláo Fagundes Varella — com 33 annos, 6 mezes e 1 dia ; Joaquim Gomes de Souza — com 34 annos, 3 mezes e 17 dias ; Trajano Galvão de Carvalho — com 34 annos, 5 mezes e 25 dias . Muitos outros falleceram antes de completar os quarenta annos.

lho romantismo e o naturalismo novo. Nem chorões, como os primeiros, nem tão nedios e gargalhadores, como os ultimos. Em nossa qualidade de povo superficial, nós não podemos ainda passar sem affectações.

Não sendo aqui a litteratura um producto forte, original, espontaeno de uma raça energica, pois em rigor ella não passa de um negocio de imitação do estrangeiro em sua quasi totalidade, nós andamos a chorar ou a rir, conforme nos tocam de fóra...

Hontem eram tristezas e magoas por toda a parte, hoje são alegrias e risos em toda a linha...

Antes isto. Ha apenas a lastimar que quasi nada seja verdadeiro ; porque quasi tudo não passa de superfetação.

Hontem no meio de algums que choravam devéras, como foi por certo Dutra e Mello, viam-se alguns jagunços nedios, rubicundos, fortes, alegres, a choramigar tambem.

Era sem duvida ridiculo.

Hoje no meio de alguns que riem devéras, amplamente, sinceramente, ha alguns pobres doentes, pallidos, dyspepticos, phthysicos ou hystericos, que teimam em se dizer *sadios* (é o termo consagrado) e apostoram mostrar-nos as feias dentaduras (1)...

E' um ridiculo de não menor vulto. E é o que se vê por ahi agora.

Ora, vamos, com franqueza, é um desparate; n'um caso e n'outro não passa de uma affectação.

Nasce tudo de uma concepção superficial da arte e da litteratura, que são verdadeiros expoentes da natureza e da cultura humana e não simples caprichos da vontade, se é que a vontade póde ter caprichos.

A vida humana não é um tecido de pilherias, nem de desventuras; é antes um labutar constante em busca de um futuro, de um alvo longinquo que nos escapa sempre.

O fim de homem não é gozar, nem soffrer; é trabalhar, é luctar.

(1) Não esquecer que estas paginas foram escriptas em plena phase *naturalista* e *parnasiana*. Com os recentes *symbolistas* voltaram as *choradeiras*.

Ora, o trabalho tem dôres e tem alegrias. Por isso uma vida toda cheia de risos, seria a de um frivolo; uma vida toda cheia de prantos, seria a de um monomaniaco.

Tal a razão pela qual uma litteratura puramente galhofeira é um impossivel e uma litteratura puramente tetrica não existiu ainda.

Tal a razão ainda pela qual nas grandes litteraturas encontram-se manifestações amplas d'aquelles dois estados do espirito conjunctamente; porque elles dois é que constituem a vida.

Por isso os grandes poetas são aquelles que têm uma nota para todos os estados d'alma, e não esses seres incompletos, que possuem uma só facêta e tangem alaúdes de uma só corda.

Um poeta, só por ser triste ou ser alegre, não merece censura, se a tristeza ou a alegria fôr sincera. Melhor será, sem duvida, que elle seja uma natureza mais complexa e variada, e tenha uma tecla para cada grupo de emoções. Ninguem melhor do que Shakespeare póde ser invocado para symbolisar a riqueza d'alma humana nos dominios da poesia. Sua vasta obra tem um accorde para quantas mutações possam se gerar dentro em nós.

A critica não deve ser mesquinha e exigir de um temperamento mais do que aquillo que elle póde dar. Todas as notas são possiveis n'uma litteratura, predominando esta ou aquella, conforme a indole do povo, e a maior ou menor complexidade ou intensidade dos temperamentos individuaes. Os nossos melhores poetas condoreiros tiveram isto de bom : não foram frivolos, nem tetricos; ao lado de muitas paginas por onde coam lagrimas, quantas paginas enthusiasticas e festivas ! A vida é isto. Seu alvo é a actividade, aconteça o que acontecer.

Nenhuma litteratura moderna, tanto como a alleman, desde Lessing, é uma tão nitida encarnação d'esse pensamento. Basta lembrar o typo do *Faust*.

Em todo o caso, isto é o principal, devemos fugir dos excessos romanticos, dos excessos parnasianos, dos excessos realistas, e de quaesquer outros sestros unitarios e prejudiciaes;

fujamos de uma receita, de um tabella, de um *canon*, de um programma exclusivista. A arte é a região da liberdade; seja cada um livre de preconceitos e só consulte sua intuição, sua individualidade. A arte deve ser a antipoda da politica, deve ser a consagração do individualismo extremado.

O poeta deve ser o que elle é e não deve attender a catechismos alheios. Deve estar n'altura de seu tempo, deve possuir-lhe a intuição geral; mas esta respira-se com o ar da vida; faz parte da atmosphera social, impõe-se por si mesma. Escusado é procural-a. E' uma acquisção quasi inconsciente.

O tom geral de uma epoca inocula-se em todos insensivelmente. E' uma especie de vegetação geral de que todos respiram os parfumes, ainda os mais refractarios. O modo de comprehender e exprimir a intuição geral é que é a obra pessoal dos artistas.

Raramente haverá um d'esses dualismos em perfeito estado de polaridade n'um mesmo tempo e n'um mesmo paiz, como aconteceu em França no seculo XVIII, no theatro. A julgar a sociedade da epoca pela tragedia, era uma população de heróes, de cavalheiros, de caracteres talhados em rarissimos modelos.

A julgal-a pela comedia, era uma sociedade corrompida até á medula. Qual a que andava com a verdade? A comedia por certo, que se inspirava na vida real; a tragedia não passava de um genero convencional e falso n'aquelle tempo. Volvamos ao nosso fluminense.

Elle obedeceu á intuição de sua epoca entre nós; não foi um reaccionario; era um perfeito producto de seu meio.

Sua meninice passou-se no tempo do 1º imperador, sua adolescencia no periodo da Regencia. Tinha dezesete annos quando inaugurou-se o segundo reinado; a phase de sua actividade litteraria decorreu de 1840 a 1846. Nascido no mesmo anno de Gonçalves Dias, não chegou a conhecel-o; quando este surgia para a fama n'aquelle ultimo anno com a publicação dos *Primeiros Cantos*, elle atufava-se no silencio do sepulchro.

E' impossivel negar o vigor e o enthusiasmo da geração que entrava em scena com o moço imperador. Na politica

Euzebio, Paraná, Vasconcellos, Uruguay, Alves Branco, Abrantes e trinta outros estavam na plenitude do talento.

Na historia Varnhagen, Norberto Silva, Pereira da Silva e João Lisboa iniciavam suas valiosas pesquizas. Na cartographia Joaquim Caetano preparava-se admiravelmente. Na jurisprudencia, Nabuco, Rebouças, Teixeira de Freitas habilitavam-se com brilho.

Na poesia Magalhães, Porto Alegre, Gonçalves Dias, e Francisco Octaviano ja cantavam bem alto.

No theatro e no romance Macedo e Penna eram realidades e Alencar pouco depois appareceria. Na critica Adet, Nunes Ribeiro e Torres Homem dictavam leis.

Hão-de convir commigo que ahi estão alguns dos mais fulgurantes nomes que brilham em nosso firmamento intellectual.

Pois bem; era um tempo de grandes esperanças, um tempo de enthusiasmo, a iniciação da patria livre no caminho do futuro.

A mocidade era activa e séria. N'esse meio, como productos espontaneos do clima social, brotaram Bernardino Ribeiro e Dutra e Mello, os dois heróes da mocidade da epoca. Morreram ambos pouco além dos vinte annos, senhores de profunda e variada instrucção. Dutra e Mello foi amigo de Porto Alegre, Nunes Ribeiro, Norberto e Macedo, todos jovens como elle e todos dados aos bons e proficuos estudos.

A poesia de Dutra e Mello resente-se do estado de seu espirito, do caracter de sua individualidade. No moço escriptor predominava a reflexão morbida, travosa de melancolia, de desalento, de desgosto pela vida e pelo mundo. Juntava-se a isto uma fervente fé religiosa, um singular desejo de morrer para gozar do infinito...

Ninguem em nossa litteratura se preoccupou tanto com o *au delá*, com o *lendemain de la mort*. Se não tivesse morrido tão cedo, teria talvez acabado pelo suicidio ou pela loucura. Não é que seu pensamento fosse obscuro, cheio de irregularidades e inconsequencias; bem pelo contrario, era profundamente claro e tonificado pela logica. E' que no organismo do moço poeta havia qualquer desequilibrio, que o feria for-

temente nas fontes da vida, abatendo-lhe damasiado o systema nervoso.

D'ahi essa tristeza incuravel, tão profunda talvez como a de Maurice de Guerin e de Amiel.

Variadas composições poeticas e artigos em prosa ficaram do merencorio mancebo. Grande porção das poesias é de pequeno merito.

Duas merecem especial mensão; porque n'ellas extravasou-se inteiramente a alma do poeta. Quero falar da *Manhan na Ilha dos Ferreiros* e da *Noite.* Só esta ultima era sufficiente para sagrar o vate.

Ouçam um fragmento da *Manhan :*

« Oh! corramos a ver tantas bellezas
Vistas sempre e tão novas sempre á vista.
Que magica mudança!
Que oceano de vida! Submergido
Qual atomo no espaço, ora me sinto
Abalar como um ramo sacudido
Aos tufões do nordeste...
Oh! que frescura que electrisa e anima!
A alma se expande, em sensações se abysma!
Bella rompe a manhan ; qual pudibunda
Arreceiosa noiva, se colora
De vermelho o oriente, e roxo um circ'lo
Abraçando o horizonte, a côr vislumbra
D'uns labios em que a dôr vem debuxar-se.
Não luceja inda Venus, despenhada
Após o dia se perdeu na tarde...

Mas alta lá no céo divulgo a lua ;
Pela manhan sorpreza na carreira
Desmaiada se esvae. Nos niveos braços
Nuvens a tomam ; semelhara a imagem
D'um guerreiro, nas ondas do combate,
Erguida a lança, ameaçando a morte,
Que a treda balla sibilando encontra.
Pende sobre o ginete, e inda no rosto
A ultima expressão paira, e 'na bocca
O suspiro e a palavra se enregelam,

Em vortices rolando pelos ares
Turbilhões d'harmonias se diffundem.
Cada nota é soberba consonancia ;
Cada leve cantar um instrumento ;
Cada arvore uma orchestra, onde se exhala
Em suspiros, em arias, em gorgeios,
A musica da terra. Oh! que suavissimo
Concerto que ondulando a melodia
Domina um todo que embriaga o ouvido.
Passada a aurora vae. Lá rompe as nuvens
Fulgido raio dardejando aos ares ;
Estira-se no mar ; escamas d'ouro
Luzem brilhando no oceano immenso.
Nova scena de pompa se afigura ;
Cada montanha té nas aguas roça
Largo manto d'azul. C'rôas aurejam
Na fronte erguida ; é cada qual monarcha,
E um cortejo de principes são todas
Ao monarcha da luz. Rapido estende
Seu tapete ceruleo o céo que o espera. » (1)

E assim se prolonga mais ou menos n'esta fórma e por este gosto o quadro da manhan sobre a cidade do Rio de Janeiro visto da ilha dos Ferreiros, situada na bahia.

Os versos sahiram impressos em o. n.° 15 da *Minerva*, a 1.° de junho de 1844; o poeta tinha pouco mais de vinte annos.

Bem se nota que seu viver subjectivo de espirito merencorio e tristonho não lhe impedia de vêr com os olhos bem abertos as scenas do mundo exterior. Mas o embevecimento pelos grandes quadros, pelos deslumbrantes pânoramas durava pouco.

Os reclamos do mundo interior não custavam muito em apparecer. A *meditação* succedia logo *á contemplação ;* o mundo subjectivo tomava logo a dianteira, e a poesia, que principiava por um quadro da realidade ambiente, passava um tanto adiante a perder-se nas sombras da melancolia psychica.

(1) *Minerva Brasiliense*, pag. 462.

Na poesia *Uma Manhan* este facto não se desmente; o poeta passou ás suas queixas, até acabar assim :

« Minh'alma inda tão limpa e tão serena
Como este céo d'America, tão calma
Como este golfo languido, amoroso,
Tão fresca e nova, como a aurora d'hoje,
Apraz-se aqui na solidão, fugindo
Ao sorrir frio e cynico dos homens.
A natureza, Deus, ella : eis seu mundo,
Que o outro só de horrores se povôa. » (1)

Dutra e Mello, segundo me informou o venerando barão de Tautphœus, que foi seu collega de magisterio no *Collegio Matheus Ferreira*, era alto, magro, esguio, pallido e profundamente melancolico pela certeza da phtysica que o consumia; immensamente dedicado ao estudo, enthusiasta imperterrito pelas letras. Alma candida, ideialista, profundamente religiosa, assim se consumiu precipitadamente.

A *Noite* é uma das producções mais sinceramente melancolicas que já uma vez foram escriptas por mão de brasileiro.

Por ser de difficil accesso, por ainda andar perdida nas paginas da *Minerva*, ou de ephemeros *Forilegios*, convido o leitor a percorrer commigo alguns trechos :

Luminoso esteirão mal deixa ao longe,
D'ouro e purpura accêso, o vasto carro
Em que o dia cercado de seus raios
Pelo ether passeia :
E a Noite melancolica e sombria,
Colhendo sobre a fronte os soltos cachos
Dos humidos cabellos,
Em tôrno aos hombros ageitando o manto,
Lança ás rédeas a mão, solta a carreira
A seus negros ginetes.
Emquanto despeitosas murcham, pendem
Nas campinas as flôres,
Emquanto um suspirar surdo e longinquo
Lamenta a ausencia do explendor do dia,

(1) *Minerva Brasiliense*, pag. 463.

Lucidas, brilham tremulas estrellas
De pharóes lhe servindo. Ai! como é triste
A solitaria marcha d'amargura
Que abatida percorre a linda Noite!
Seus negros olhos, e a carroça ebanea
Que pelos céos a tira,
As suas longas roupas tenebrosas,
Olhos desviam que o fulgor da aurora
Rutilante convida.
Oh! ninguem busca vêl-a! Aves e plantas,
Homens, tudo a abandona! Ingratos, fogem
Como ao leito mortal do extincto amigo!...

Tu és, ó dia, o predilecto encanto
Da natureza inteira ;
Todos amam colher as aureas flôres
Que as rodas do teu carro á terra lançam ;
Para o teu rutilar voltam-se os olhos,
E ninguem busca a Noite. O somno os prende,
Emquanto vagaroso vai seu plaustro
As campinas dos céos placido arando.
Mas tu me és sempre deleitosa e cara,
Oh Noite melancolica ; a minh'alma
Attractivos em ti descobre anciosa!
Não ama o pyrilampo a luz do dia,
Nem as aves da morte então soluçam! ...
Noite amiga dos homens! No silencio,
Na calma vaporosa que desdobras,
No socego dos campos, das florestas,
A vida interna saborejo ardente.
Só então vive o espirito do homem ;
Tenaz rebenta o pensamento algemas ;
Linguagem de ternura e sentimento
Lhe fala o coração nas doces horas ;
Surge a contemplação dos seios d'alma
Em cujas dobras cerra-se aos combates
Da vida labyrinthica do mundo ;
E fresca mão na fronte vem poisar-nos
Mansa a philosophia animadora.

Noite amiga dos homens! Teus'mysterios
Coração de quem ama não deslembra.

Podem muitos cantar-te em lyras d'ouro
Enlaçadas de brancas sempre-vivas,
De per'las, não de lagrimas, bordadas ;
Sons de fogo, arrancar das lisas cordas,
Confial-os á brisa das cidades,
Sem que um riso de mófa os enregele ;
Correr dedos na lyra olhando uns olhos,
E vêr descer um beijo e as mãos queimar-lhes.
Mas eu n'harpa de bronze dos finados,
Onde a roxa perpétua, onde o suspiro
Abraçando a saudade se entrelaçam,
D'onde um véo côr da morte á terra desce,
Eu só posso cantar funebres cantos.
Carpidas nenias que o feliz desama.
Só no campo e lá quando abrindo as azas
Tu me acolhes saudosa, ó Noite, experto
Essa lembrança que só tu conheces,
Que eu guardo, e que uma tumba nos comparte.

Noite amiga dos homens! Quando imperas,
Maior o creador se nos antolha :
Que importa do teu sol a pompa, ó dia?
Essa luz triumphal, de resplendores,
Esse golphão da vida p'ra os sentidos?
Que importa esse brilhar da atmosphera,
Esse vario matiz que adorna a terra?
Perde-se a alma encarando o firmamento
Quando, ó Noite, o sombreias. Vê brilhando
Milhões de estrellas, que a distancia immensa
Minora á vista Luminosa a facha,
Que em torno a infindos sóes, infindos mundos
Abysmando a rasão lhe patenteia .
E tu, magica chave das sciencias,
Tu, vasta analogia,
Quaes véos não rasgas, desdobrando á vista
Mysterios que o entrever mais engrandece!

Noite ! ó noite formosa ! Eu que amo os astros,
Eu, que n'elles suspeito mais que as luzes,
Não sei te abandonar, pois reflectindo
Prézo vêr n'esses globos outros mudos

Mais felizes que o nosso, onde outros seres
Mal, dôr, peccado e morte não conheçam ;
Onde o sopro da duvida não tolde
A argentea luz da candida verdade ;
E onde a hypothese louca e ambiciosa
Creações moribundas não produza.

Noite amiga dos homens! Teus altares
Não se mancham de tantos maleficios
Em que as aras do dia se deturpam ;
Unes o esposo á esposa, e aos dous a prole ;
A familia vê juntos os seus membros ;
Irmãos, irmãs, em doce entretimento,
Fruem prazeres que interrompe o dia.
Riso, amizade e gosto sobrevôa
N'essa amena e tranquilla sociedade.
A alma se acrysola e purifica
Das escorias que o dia lhe injectara » (1).

Dutra e Mello deixou tambem alguns artigos de critica litteraria. Os mais notaveis são os referentes á *Moreninha* de Joaquim Manoel de Macêdo e ás *Lyras* de Thomaz Antonio Gonzaga.

Ouzo dizer que o moço fluminense era mais um temperamento de critico do que um temperamento de poeta. Seus dois artigos de cirtica, dois simples ensaios, são dos melhores escriptos n'este paiz.

Era em 1840 a 45 ; o genero apenas começava entre nós e começava dirigido por dois estrangeiros Santiago Nunes Ribeiro e Emilio Adet. Porto Alegre, Torres Homem e Dutra e Mello deixaram amostras n'essa direcção.

Mas Nunes Ribeiro e Emilio Adet pouco escreveram; Porto Alegre atirou-se a outros trabalhos, Torres Homem meteu-se totalmente na politica e Dutra e Mello morreu; a critica teve de ficar muda.

Mais tarde chegou ás mãos de Norberto Silva, Conego Fernandes Pinheiro e Sotero dos Reis ; porém Norberto foi antes um pesquizador de factos historicos do que um critico, Fernandes Pinheiro e Sotero dos Reis foram dois rhetoricos des-

)1) *Minerva Brasiliense*, 2ª. serie, pag. 279

pidos de qualquer talento analytico. De todos os generos litterarios e scientificos é aquelle que tem tido n'este paiz um desenvolvimento mais enfezado e rachitico.

E' isto natural; a critica só pode tomar um forte ascendente nas litteraturas abundantes e robustamente constituidas.

Tal a razão pela qual a critica é um producto essencialmente novo, resultado da lucta e do embate de muitas correntes e direcções litterarias e scientificas.

Wolf, Winckelmann e Lessing foram os fundadores da critica moderna. Desde então as producções litterarias deixaram de ser consideradas crêações caprichosas, e entraram na categoria dos factos normaes, historicos, relacionados com o meio, as raças, as instituições fundamentaes dos diversos povos.

Herder, Niebuhr, Ottfried Müller andaram pelo mesmo caminho por onde enveradaram mais tarde Gervinus, Hermann Hettner e Julian Schmidt.

Desde então a critica tinha deixado de ser uma categorisação da rhetorica e havia abraçado o methodo das investigações scientificas.

Sainte Beuve e Scherer assim o comprehenderam; os livros de Taine e mais tarde os de Guyau, Paul Bourget e Zola popularisaram os novos processos; o movimento propagou-se e chegou até ao Brasil.

Dutra e Mello em 1845 não podia ter essa nova e forte intuição da critica. Ainda assim, sua intelligencia era tão nitida e poderosa que os ensaios que produzira no genero ainda hoje interessam pela segurança e elevação das idéas.

O meu fito não é escrever um diccionario biographico de brasileiros illustres; não tenho inclinações para o genero.

Meu fim é fazer a historia do pensamento brasileiro, individualisado, encarnado nos seus mais dignos *representative men*. Neste sentido o artigo de Dutra e Mello sobre a *Moreninha* é uma revelação; vem mostrar em sua culminação como pensava em litteratura a forte geração de 1840.

Conversemos com o moço critico ; sua convivencia é proveitosa, ouçamol-o :

« O romance, essa nova fórma litteraria que se reproduz espantosamente, que mana caudal e soberba da França, da Inglaterra

e da Allemanha, tem sido a mais fecunda e caprichosa manifestação de idéas do seculo actual. E' incalculavel o numero de paginas semivivas, pallidas e esboçadas, raramente sublimes, consoladoras ou asceticas, mas com frequencia dotadas de um verhiz brilhante, de um colorido fogoso, que a improvisação enthusiasmada pela mania d'um mundo de leitores arranca do berço horaciano, onde um novennio de cuidados as aguardava. Fluctuando aqui e ali, um publico insaciavel as abraça, devora-as com avidez, deixa-as com indifferença, calca, rola na poeira e esquece para sempre.

Não foi conhecido o romance pela antiguidade ; a fórma épica, centralisando n'um só homem raios de luz dispersos, personificando n'uma figura um seculo e annexando e fazendo entrar no seu vasto molde a gloria e feitos de uma e mais gerações ; a tragedia, medindo o alcance de uma situação, extrahindo á força do genio e reflexão tudo o que ella offerece, levantando-se ás grandes idéas religiosas, politicas e philosophicas, não podiam ser coevos do espirituoso e vivo narrador das scenas domesticas, do appreciador das qualidades parciaes, da vida objectiva, dos caracteres isolados meio tragicos, meio comicos. O drama, e tão sómente o drama, podia raiar no horisonte, quasi nos fogos da aurora do romance, Shakespeare e Cervantes deviam brilhar no mesmo seculo.

O romance é, pois, nascido em tempos mais recentes ; e, se o consideramos no pé em que está hoje, elle é genuino filho d'este seculo. Sentio uma necessidade que se pronunciava ; votou-se a preenchêl-a e fez-se uma potencia. Esposando a imprensa jornalistica, tornou-se um colosso ; mas, com dólo ou sem elle, ambos se enganaram : o jornalismo veio a ser exigente ; o romance para satisfazêl-o desenvolveu fertilidade espantosa, e o aborto começou. Tendo de satisfazer um gosto que se depravava, elle se depravou tambem ; esqueceu-se de que devia fazer a educação do povo, ou pelo menos de que podia aproveitar o seu prestigio para isso. Penetrando na cabana humilde, na recamara sumptuosa, no leito da indigencia, no aposento do fausto, perdeu de vista o fanal que devia guial-o ; deslembrou-se de levar a toda a parte a imagem da virtude, a consolação mitigadora, a esperança e o horror do vicio.

Demais, multiplicando-se, invadindo terminos sagrados, elle apregoou as mais exaggeradas pretenções ; subdividio-se em classes numerosas, que cada uma abrange populações inteiras ; tornou-se Protheo sem lembrar-se que — *La force c'est Jupiter, ce n'est pas Prothée*. E' bem de crer que meditando seriamente na sua mocidade, elle se arrependa um pouco da quadra propicia que terá perdido. Avelhentado pelas suas devassidões, lançando os olhos para essa

prole immensa de invalidas monstruosas e cynicas rhapsodias, achará para alivio de sua dôr, aqui, alli apenas um filho vigoroso um Quentin Durward, um Werther, um Cinq-Mars, um Notre-Dame de Paris, e poucos outros ; e quando em todos ao demais achar verificado o *urceus exit* do Venusino, abraçando a pedra do sepulchro, cahirá exanime e tremendo da hora do juizo final da posteridade. A arte, revelando-se pela bocca de uma critica posthuma e severa, vendo surgir das catacumbas columnares de olvidados jornaes esse numero sem fim de Quasimodos, dir-lhes-ha voltando a face — *Nescio vos*. Como quer que seja, o romance tem percorrido uma esphera de gloria na Europa ; o seu imperio tornou-se exclusivo. Digamos porém em abono da verdade que se as loucas pretenções do romance philosophico têm mangrado em geral, o romance historico nos tem dado primores e muitas pennas se crearam reputações continentaes n'este genero, e á frente d'ellas Walter Scott. Em Portugal tem elle prosperado com vigor : e naturalmente um povo que se mergulha com saudade na recordação de suas passadas glorias; um paiz onde varões, que emularam com a fortaleza das grandes personagens da antiguidade, imprimiram na historia quadros sublimes de dedicação e valor ; onde a cavalleria, os Mouros e os Arabes deixaram vestigios indeleveis, onde uma turma de litteratos fortes nos sentimentos que dicta o amor da patria empunha agora a penna ; este paiz, dizemos, não podia deixar de entrever no romance historico a forma congenita e adaptada ás ideias que nutre. Elle nos tem dado pois algumas paginas tocantes e grandiosas ; elle tem sabido interpretar e revelar essas grandes acções, e temos para nós que ainda nos não deo quanto poderá dar-nos. O Sr. Alexandre Herculano é talvez o que mais se tem distinguido na serie d'esses escriptores, e nós lhe votamos em nossa humilde intelligencia os louvores que por certo merece, mas outorgados por outra bocca. Somos demasiadamente microscopicos para ousarmos tecer-lhe encomios.

Entre nós começa o romance apenas a despontar : temos tido esboços tenues, ensaios ligeiros que já muito promettem ; mas inda ninguem manejou, que o saibamos, o romance historico, nem tão pouco o philosophico ; quanto a este, porém, leve é a perda a serem tomados por modelo os delirios da escola franceza : um Louis Lambert, por exemplo. E comtudo o romance historico póde achar voga entre nós ; tem uma actualidade que não deve desprezar. As investigações historicas a que deve proceder quiçá, trarão luz sobre alguns pontos obscuros que homens devotados á historia do paiz buscam hoje lucidar; póde tornar-se de envolta moralisador e poetico, se bem

cahir no preceito : *Omne lulit punctum qui miscuit utile dulci.* Se a vida prosaica e positiva que o principio eterno da contradicção entre os gostos e as circumstancias do homem nos obriga a ir vivendo, deixar-nos alguma vaga para recolhermos e ordenarmos algumas idéas sobre esta materia, esperamos cedo voltar ainda á questão.

Quanto ao mais, autores de merecimento, poetas distinctos se têm occupado do romance sentimental e bellas paginas hão produzido ; outros generos vão sendo cultivados, e contamos cedo ver-nos indecisos no preferir em frente de numerosos rivaes igualmente aquilatados em merito. E, pois, realisem-se ao menos estas esperanças : pleiteie-se um pouco, debelle-se a indifferença que nos gela, e as fixas côres de um clima poetico venham collocar-se na paleta do artista!

Por ventura nossa podemos annunciar ao publico que um novo romance acaba de sahir dos prélos. No meio da tempestade eleitoral em que o positivismo egoista sacia os olhos, inda uma voz d'harmonia ousa espraiar-se. Uma vagabunda e feiticeira imaginação desdobra suas azas d'ouro e nacar n'essa atmosphera carregada de vapores. As imprecações foribundas que a orgia da politica faz retumbar de toda a parte parecem querer suffocar-lhe os sons. Pensar na belleza, meditar na virtude, enthusiasmar-se no casto amor das lettras, são crimes para elles. Porém almas ha que inda n'esta quadra não se desmentem da humanidade : a chamma sagrada arde em silencio em muitos corações e queira Deos breve tornado em raio não desça a exterminal-os.

O Sr. Joaquim Manoel de Macedo é felizmente um d'aquelles que repelle o contacto d'esse germen terrivel, d'esse gorgulho que espedaça o fructo de tantos disvelos ; e, como para consolar-nos da época triste em que lidamos, elle nos outorga um mimo, apresenta-nos a *Moreninha*, a viva, a espirituosa filha de sua rica fantasia ingenua e bella, innocente e jovial. Em uma hora de enfado nos appareceo esta interessante creatura, e ao vel-a tão risonha, transpirando ainda o beijo do adeos final que nas faces lhe imprimira o autor, nós a tomamos nos braços, e despindo as rugas do semblante, lhe ouvimos as palavras de ternura, de amor e sentimento que nos murmurava no ouvido. Resta-nos agora agradecer ao autor as horas de gosto que nos facultára e em nome dos amantes das lettras, o novo protesto que acaba de lançar contra a indifferença. Para cumprirmos um dever, daremos ao publico uma noticia da sua engenhosa producção e seja esta a minima recompensa da adhesão e amor que nutre pelo idéal. Podesse ou não o autor, lançando mão de uma grande verdade moral, circumdal-a de factos envolvendo-a

n'uma acção qualquer e fazel-a sobresahir da luta e successão d'esses factos; ou inversamente, attentando um facto e as consequencias ethologicas n'elle englobadas, desenvolvel-as no correr d'um plano; podesse ou não tomar uma grande figura historica, uma paixão transcendente, ou na escala do amor um gráo de maior vulto, dedicação e nobreza, uma abnegação sublime, e tratal-a com toda a expansibilidade de talento que possue, isso não nos diz respeito, e fôra questão de ultra critica.

Devemos aceitar a sua producção tal qual, collocarmo-nos no ponto de vista para que a destinara, e compararmos a ideia que o possuia e a maneira porque nol-a traduzio. Tal é o nosso dever, e gostoso nos é dizer que o autor desempenhou completamente o fim que se propoz.

Um d'esses amores de infancia que a sympathia gera, que um não-sei que vigora, e que o tempo consolida; um amor abençoado pela voz moribunda d'um ancião, nascido e embalado com a caridade em dois ternos corações; esse amor de um joven de treze annos e d'um anjo de oito, fórma o centro de todo o movimento. Scenas da vida escholastica, cujo quadrar exacto com a verdade nenhum estudante negará, uma inconstancia inqualificavel, mas fundada, quadros da vida amatoria da juventude inconsiderada, episodios bem combinados, se engrupam, se harmonisam e realçam com belleza o todo.

O romance estréa interessante; o primeiro capitulo é d'um acabado inquestionavel; tudo o que se passa n'elle é tão natural, tão expressivo que a imaginação nol-o apresenta ainda como se o viramos. O dialago é rapido, insinuante, e cheio de vida; os caracteres bem annunciados e o contraste entre a figura molle, graciosa e romantica de *Augusto* e a indole positiva, secca e egoista dos seus collegas, faz um bello effeito. Os ataques que soffre e a defeza que lhes oppõe o campeão da volubilidade, têm por vezes muita agudeza e pico.

Para nós, que desejamos no dialogo tanta energia, como anciedade no enredo, é este um dos principaes titulos do nosso autor a justos louvores. A carta de *Fabricio*, aprendiz sem vocação, que sahindo do seu elemento suffoca-se n'uma atmosphera mais subtil, é cheia de pedaços comicos, e d'algumas observações sobre o caracter das nossas bellas que lhes devem desagradar sobremodo. Os principios cynicos do perfido estudante são detestaveis; e uma vimos nós seriamente agastada contra elle saciar sua vingança ao vel-o em taes apuros. Em confidencia diremos ao autor que uma

senhora de muita perspicacia o accusa altamente de haver tratado com leveza a paixão predilecta do seu sexo ; de ter calumniado o coração feminino, e de ter feito tão aprazivel um episodio que tanto as offende (pensa ella).

Transportemos-nos agora ao foco da acção, a essa ilha encantada de cuja descripção dispensou-nos o bom gosto do autor : dizemos bom gosto, porque o elemento discriptivo (pedra de toque aliás do merito poetico) é hoje tão insulsamente empregado que menos interessa do que fatiga. Aqui bem longe de traçar-nos uma topographia exacta do salão, de desenrolar-nos brilhantes hypotypósis ou de espraiar-se em longas observações pathologico-moraes sobre toda a companhia, o autor define as senhoras em duas palavras e chegando aos homens diz : *Quanto aos homens... não val a pena. Vamos adiante.* Isto nos agrada muito e em verdade parece-nos muito melhor deixar transluzir e manifestar-se pelos factos o caracter de uma personagem do que fatigar-se ao principio em descrevel-a. A synthese n'este caso pertence ao leitor, e n'isto se basea a fórma dramatica. De mais os factos bem produzidos poupam longas preparações ao autor e fazem nascer no espirito uma serie de reflexões.

A Sra. D. Violante é o typo de uma classe numerosa entre nós, que o autor sentio e desenhou com justeza. Tão comico nos pareceo este lanço, tão fulminador o contraste em que o misero *Augusto* se vê a respeito de seus collegas, tal a impertinencia da bruxa que o persegue e tão bem cabida a escapula e vingança obtida pelo diagnostico tremendo do estudante, que não podemos suster por muito tempo o riso. A nobreza com que *Augusto* declina de si o papel odioso de que *Fabricio* o busca incumbir, lhe attrahe um duello curioso ; a mesa é o campo de batalha em que os dois campeões vão pugnar, e a interessante *Moreninha* que apenas deixou-se entrever deve apparecer em toda a luz.

Travessa como o filho de Erycina, voluvel como o beija-flôr, inquieta como a borboleta, innocente commo um anjo, ella é romanticamente bella. Uma viveza graciosa, uma agitação continua, uma sagacidade e tino talvez sobremaneira em tal idade, mas a par de tudo um fundo de bondade, de simpleza e ternura, taes são alguns dos attributos d'essa linda creação. Porém que terrivel talento na satyra! Que malicia, que ironia, que promptidão de respostas! Como desmascara, como fere, como retalha! Que settas de fogo não crava ella aqui na sonsa *D. Quinquina*, alli na vaidosa *D. Clementina*, e mais longe no desastrado *Fabricio?!* A luta dos estudantes

não nos foi tão saborosa como os remoques satyricos da *Moreninha.* Este caracter tem para nós bastante originalidade e rivalisa com muitas figuras traçadas por grandes pinceis.

A conversação de *Augusto* com a *Sra. D. Anna* vem lançar os primeiros clarões sobre o fio da historia. Mas (pela simplicidade do enredo) assim como facilmente previmos no principio o que veio a realisar-se na scena do jantar, assim bem se antevê qual seja a bella menina que Augusto commemora com tanta saudade e ternura. Entendamo-nos : não fazemos d'isto motivo de censura senão que louvamos o autor por nos ter poupado a um labyrintho de factos. Simples ou não seu plano foi bem executado, o que já é não pouco merito (1).

Que diremos ainda ao leitor? O romance prosegue e vôa ao fim com rapidez, tudo se liga e se esclarece. Na scena do jardim a desapiedada *Moreninha* vibra ainda a sua arma favorita : Augusto, victima de uma de suas travessuras, vê-se pouco depois em critica posição. A passagem a que nos referimos (um pouco romanesca) faz rir por certo, e, levada mais longe, faria fechar o livro a muita gente; felizmente é coarctada, mas parece um tanto livre.

Fazem-se notaveis ainda (uma, pela graça, outra, pelo sentimentalismo) a conferencia dos quatro escolasticos e a scena do pediluvio sentimental. O autor dispara algumas settas contra os charlatães e curandeiros que muito nos agradaram. O resto do romance corre a mesma esteira e por toda a parte ha muito que louvar, sobretudo o caracter de *D. Gabriella.* Entretanto parece-nos extrema condescendencia das tres jovens que uma a uma se deixam confundir por Augusto, depois da derrota da sua companheira. A hora d'este *rendez-vous* e o tom da sociedade entre nós tornam pouco verosimil tal passagem. Va feito : *Le vrai peut quelquefois n'être pas vraisemblable.*

Recapitulemos. A *Moreninha*, producção que em verdade honra a seu autor, é uma aurora que nos promette um bello dia, uma flôr que desabrocha radiosa donde vingarão pomos saborosos ; uma esperança com todos os laivos de certeza. O desenho é simples e regular; não se vê perplexo o espirito, nem se agita com anciedade pelo exito ; as explicações fazem-se pouco esperar. O disforme, o horroroso são alheios ao plano ; a ausencia de grandes paixões, de rasgos sublimes, parece derivar-se da linha stricta que o autor se traçara, não dando ao seu romance uma côr philosophica. Toques sombrios, posi-

(1) Omitto aqui um longo fragmento por não tornar demasiado extensa esta citação.

ções arriscadas não derramam n'elle o terror; reinam em toda a parte jovialidade, abandono e harmonia.

O estylo é fino, ironico e singelo. Ordem, luz, graça e ligação o tornam de uma transparencia crystalina, dão-lhe um polido, uma lisura nunca desmentidos. Porém do meio d'esta serenidade, d'este *négligé* escapam-se faiscas brilhantes. Respostas energicas, ditos agudos, imagens vivas matisam-lhe a contextura. O colorido é por vezes ardente, e quasi sempre animado, proprio e gracioso. Mas ferio-nos sobretudo a profundeza de observação que por aqui, por ali se nota, a finura de tacto na apreciação dos costumes e o parti cular e frisante da côr. O autor retrata bem o seu paiz no que descreve; sabe ver, sabe exprimir. Tudo se diz de passagem, rapidamente; tudo se pinta n'um traço: nada ha de carregado.

Le style c'est l'homme, disse Buffon; e na verdade se as idéas constituem o fundo do estylo, se a sua ligação e clareza decidem da essencialidade d'elle, e se o moral e a intellectual do homem são o que as ideias o fazem ser, o homem deve retratar-se no estylo. Vê-se que uma facilidade, uma simpleza, um não sei que de franco, de interessante, de desempedido, são os dotes principaes do estylo em que é manejado a *Moreninha;* e tal julgamos ser o caracter do autor. Longe a affectação, os campanudos vocabulos, longe o amaneirado archaismo e o assustador neologismo. Linguagem casta e severa, acção viva e seguida, rigida moral, côr appropriada, eis o que nos cumpre.

Poderiamos agora lembrar ao autor um ou outro pequeno defeito, algum traço puco firme, alguma leve antilogia, uma ou outra expressão menos feliz; mas com que fim? Não será elle com a modestia e bom senso que lhe conhecemos, o primeiro a censural-os? *Deixemos áquelles que têm olhos de prisma que tudo decompôem* o gosto pedantesco de se encarniçarem n'essas bagatellas. Toda a luz tem sombras, todo o caracter defeitos, toda a obra incorrecções.

O physico, o moral e o intellectual resentem-se igualmente da contingencia mundana. Não somos partidarios d'essa critica esmiunçadora, que alguem já chamou maledicencia. A grande critica, a critica das bellezas, tal qual a quiz o autor dos *Martyres*, é essa a que nos importa. Tudo o que é diminuto e acanhado lhe escapa: o silencio e a indifferença, eis o seu juizo em casos taes; e assim pensamos nós. Forma-se muito melhor o gosto dizendo-se — *Faze como isto* do que *Não faças como aquillo*. A educação moral levará á misantropia e suicidio se em vez de apresentar-nos o quadro edificante da virtude nos mostrasse o pavoroso aspecto do crime. O bello e o bom têm por si sós bastante força para attrahir as almas bem formadas,

sem que mister seja o desgosto e horror pelo disforme e pelo máo para determinal-as a isso.

Pedimos agora ao nosso collega e amigo, depois de tão bem fadado ensejo, algumas paginas em pról da verdade. Lance ainda o seu pincel novas côres sobre a téla, e venha algum lenitivo a tantas intelligencias, magoadas pelo materialismo, torpeza e libertinagem que transudam quasi todos os romances modernos ; venha um alimento para alguns homens obscuros que vivem de meditação e de esperança, que se nutrem do idéal e sentimento ; que inda vêm com a fé, que inda vivem pela humanidade, que inda marcham para Deos.

Taes são as reflexões que nos tem suggerido a leitura da interessante *Moreninha*, livro que nos ministrou suave passatempo, livro a que o publico tem feito justiça, e de que seu autor deve dar-se os parabens » (1).

De dez em dez annos um punhado de moços levanta-se cheio de entusiasmos e d'esperanças, alçando a bandeira da regeneração litteraria : são os novos, os filhos da ultima geração.

Nada mais digno de respeito e attenções do que o labutar da mocidade em prol de novas ideias, de um novo sentir.

Pode ella ser injusta nas suas apreciações, ser leviana em

(1) *Minerva Brasiliense*, 1ª serie pag. 746 e seguintes.

O leitor não me levará a mal o lhe ir pondo diante dos olhos largos fragmentos de escriptos dos autores que vamos juntos apreciando. O meu fim poupar-lhe o grandissimo trabalho de ir verificar por si o que lhe eu vou affirmando. A maior difficuldade que se depara a quem trata da litteratura brasileira não é formar uma idéia de seu desenvolvimento e dos espiritos que n'ella figuraram.

A grande, a immensa difficuldade consiste em ter á mão os productos d'essa gente. Muitos d'elles não deixaram livros, e o que escreveram anda esparso por jornaes e periodicos.

Outros fizeram em livro publicações de limitadissima tiragem, que se não reproduziram mais. Quasi tudo isto não se encontra nas livrarias e tem-se de recorrer aos belchiores e bibliothecas. Estas, por sua vez, são muito lacunosas. Autores ha de difficillimo accesso ; por se não saber onde pára algum exemplar de escriptos seus. Nesse trabalho de busca perde-se um tempo enorme e preciosissimo. Tal o motivo principal do retardamento d'esta historia, começada em 1881.

Mas uma cousa é verdadeira, e é esta : não ha um só autor mencionado n'este livro que não tenha sido directamente pesquizado, lido e estudado por mim ; não tive o menor auxiliar em ninguem, nem acceitei nunca os juizos formulados por outrem. Disto tenho fundado orgulho e o declaro sem rebuço.

suas audacias; mas é sempre merecedora de applausos pela pureza de seus intentos.

Ha apenas a ponderar uma cousa : a nullidade do privilegio... Todas as gerações têm igual direito ás attenções da historia; porque todas ellas houveram seu dia de enthusiasmo e de coragem para a lucta. Todas cumpriram a missão que a historia lhes assignalou e todas sentiram depois a arena do combate faltar-lhes sob as plantas e o horisonte das grandes pugnas estreitar-se-lhes sobre a cabeça. E' este o destino de todos, são estas as condições mesmas do progresso.

Que illustre que foi a nova geração do tempo de Magalhães, quando Bernardino Ribeiro era professor de jurisprudencia aos vinte annos e Dutra e Mello era sabio aos vinte e dois ; quando Martins Penna mostrava aptidões raras para o theatro e Gonçalves Dias preludiava nunca ouvidas melodias !

Oh! bemaventurados os moços que trabalham, e todos os que trabalharam; abençoada seja a memoria dos que se finaram em meio da jornada, tendo ajudado a levantar este paiz.

E o moço poeta autor da *Noite* foi um d'esses...

FRANCISCO OCTAVIANO DE ALMEIDA ROSA (1825-1889).

Dois annos mais moço que Dutra e Mello e Gonçalves Dias, era da idade do segundo imperador.

Formou-se em jurisprudencia em São Paulo em 1845. Seus primeiros ensaios litterarios datam de dous ou tres annos antes e são adequados á intuição do tempo; por isso é elle desde ja contemplado n'esta inicial phase do romantismo patrio. Estabelecido no Rio de Janeiro, sua terra natal, bem cêdo atirou-se ao jornalismo e á politica, grangeando desusado renome.

Passou por muito tempo por chefe emerito da poesia e da jornalistica entre nós.

A alta posição politica do senador Octaviano parece ter sido o principal factor de sua grande nomeada nas letras. Este phenomeno das chefaturas litterarias no Brasil é uma curiosidade digna de estudo.

O nacional tem o espirito sacerdotal e o sestro da passivi-

dade e obedienca em elevadissimo gráo. Não gosta muito das differenciações e das luctas; deseja caminhar por manadas, guiado por um chefe, quero dizer, uma figura decorativa, um nome passado á categoria de phrase magica, só por si capaz de apadrinhar a prole.

Dahi os alvoroços, não por um ideial, por um principio director das letras, mas por um chefe, um *idolo*, um homem que possa dar attestados de intelligencia e fornecer *prologos* para os livros dos estreiantes.

Este *sacerdotalismo* tem sido a causa de gravissimos damnos para as patrias letras. Luctas mesquinhas, intranzigencias fatuas hão sido o menor desses males.

Francisco Octaviano não foi um temperamento litterario irresistivel; fez litteratura incidentalmente. Produziu versos originaes e traduziu fragmentos de Byron em sua mocidade; logo a politica o attrahiu. Em prosa o pouco praticado por elle foi ainda consagrado á politica.

Apezar porém de sua parca e fragmentadissima producção litteraria, tem direito de entrar n'este livro como poeta e jorna lista. Não deve trazer o porte altivo dos mestres, dos chefes, dos grandes heróes do pensamento; deve vir com o sorriso amavel dos bons campanheiros.

O poeta em F. Octaviano passou por duas phases; a primeira, abrangendo o decennio de 1840 a 50, foi de vacillações e tentativas de pequeno valor. Como soe acontecer em similhantes assumptos, as datas ahi não têm um significado absoluto, especialmente tratando-se de Francisco Octaviano que nunca teve actividade nas letras e jamais publicou um só livro.

E' difficillimo reconstruir a historia intellectual de um honem que de longe em longe publicou uma ou outra poesia destacada em paginas de ephemeros jornaes e periodicos. Tenho certeza de haverem sido de pequeno prestimo os tentamens de Almeida Rosa na poesia em sua phase academica e logo depois.

Os documentos não me falham de todo, e não se deve objectar com a sua verdura de annos então, porque nos jovens brasileiros a maior effervecencia poetica vae até aos vinte e

cinco annos na maioria dos casos; poucas vezes chega aos trinta e raramente os ultrapassa. Falo da mór intensidade do talento e das effusões lyricas.

D'aquella primitiva phase litteraria de Octaviano Rosa restam poesias originaes e traduzidas por onde se possa aquilatar-lhe o espirito.

Não se distinguem nem pelo fundo nem pelo estylo. São restos de um classismo estafado, ou timidos passos na vareda de um romantismo incolor. Leiam-se a *ode* dirigida ao velho *Martim Francisco Ribeiro de Andrada*, a *espistola* endereçada a *Joaquim Norberto de Souza Silva*, e a *canção* intitulada *Adeus á Vida.*

Eis o principio da primera :

« Que ha sido o galardão, que outorga a patria
Aos varões que a serviram?... Qual o premio
Que seus feitos illustres mereceram?...
Despreso!... esquecimento!...

Não, a patria não é... não se a injurie,
Que ella sangra de vêr taes injustiças...
Dos homens o ciúme, a negra inveja
Esses crimes engendram.

Oh! que apagar taes nodoas se não possam,
Que a historia em suas paginas ostenta!...
Que não possaes desconhecer, vindouros,
A ingratidão dos povos!...

Eil-o ao pêzo curvado das cadeias,
O herói de Marathona a vida arrasta...
Qual seu crime?... o livrar homens ingratos,
Defender sua patria... » (1)

A *espitola a Norberto Silva* tem este introito :

« Como as almas, Norberto, se estasiam
No doce recordar dos doces tempos
Em que a outras o iman d'amisade

(1) Vide *Florileigo Brasileiro da Infancia*, por João Rodrigues da Fonseca Jordão, pag. 172.

As havia attrahido, e confundia
Os prazeres de uma, e penas d'outra!...
Longe, ausente de ti, do eximio vate,
Do brasileiro sabiá canóro,
Cujos trinados me arroubavam sempre,
E ao extase e prazer me remontavam,
Longe (direi tambem?...) dos meus amores
Da minha Aonia terna e Armia ingrata,
Que sou? Misera ovelha, que na rocha
Deslembrado pastor abandonára.
Ah! bem triste é, Norberto, estar ausente
De tudo o que no mundo nos é caro » (1).

O *Adeus á vida* preludia assim :

« Adeus, minha vida,
Vida sem prazer,
Fruir-te não posso,
Adeus, vou morrer !

Mirrada doença
O alento me prende,
A pallida morte
Seus braços me estende.

Revolve-se a terra,
A cova se abriu,
Meu corpo baixou,
A lousa cahiu.

Do mundo illusões
Na campa findaram,
Quaes flôres viçosas
Depressa murcharam... » (2).

N'este mesmo tom proseguem as tres citadas poesias, que ahi andam nos livros de classe propostas por modelos á mocidade. Esse era o estylo e aquella a intuição litteraria do encommiado fluminense.

Comparem aquillo com os versos, mui poucos annos depois, escriptos por Alvares de Azevedo n'aquelle mesmo São

(1) *Vide Florileigo Brasileiro*, pag. 229.
(2) Citado *Florilegio*, pag, 195.

Paulo e n'aquella mesma idade e digam qual dos dois era ja de facto e deveria ser mais tarde o verdadeiro mestre. Não é preciso ajuntar mais nada para dar bem a comprehender o meu pensamento.

A segunda phase da vida poetica de Octaviano abriu-se no Rio de Janeiro. Bem cedo relacionado com os primeiros espiritos nacionaes na litteratura de seu tempo, Gonçalves Dias, Macedo, Alencar, seu gosto apurou-se, seu talento robusteceu-se.

O periodo de 1850 a 65 foi o de sua melhor producção na poesia e no jornalismo.

Depois a politica absorveu-o de todo. A esse tempo se prendem os fragmentos que traduziu de Schelly, Hood, Byron e outros poetas estrangeiros; são tambem d'essa epoca alguns versos de propria lavra.

Não são producções de primeira ordem, ostentam, todavia, certa graciosidade.

A este numero pertencem os *Desejos de doente*, aqui citados como documentação indispensavel :

« Querida, quando eu morrer,
Com tua boquinha breve
Não me venhas tu dizer :
— A terra te seja leve. —

Nesse dia vem calçada
De botinas de setim ;
Quero a terra bem pisada,
Tendo teu pé sobre mim.

Em paga de meus amores,
Quando tombar o caixão,
Deita-lhe um ramo de flôres
Colhidas por tua mão.

E se mais posso pedir-te,
Nesta eterna despedida
Deixa dos olhos cahir-te
Uma lagrima sentida » (1).

(1) *Traducções e Poesias de F. Octaviano*, publicadas pelo Dr. Amorim Carvalho, pag. 39.

Se isto não é o que se pode chamar um producto poetico disgracioso, não tem por certo grande elevação. Como documento psychologico tem algum alcance, por deixar vêr um pouco da alma placida e um tanto epicureana do vate fluminense, tomando esse qualificativo no bom sentido. Infelizmente por este lado é-me impossivel fazer grandes entradas, por falta de publicações do poeta por onde conseguisse estudal-o detalhadamente.

Pelo que pude ler das producções do autor em sua segunda phase, denotam ellas certo mimo e delicadezas de idéa e de fórma, sem elevar-se demasiado, sem attingir ao amplo e vasto lyrismo, sem chegar ás alturas da grande arte. O poeta não passou de certa mediania ; podem testemunhal-o os seguintes versos por elle escriptos em Buenos-Ayres a 26 de junho de 1865, ao completar quarenta annos de idade. O illustre fluminense já era então de grande notoriedade em nossa politica e tinha ido á Republica Argentina celebrar o tractado da triplice alliança. Eil-os :

« Na manhã d'este dia o sol da patria
Vinha aquecer-me o leito em que eu dormia,
E meus filhos com beijos me accordavam
Na manhã d'este dia.

De um lado minha mãe me abençoava,
A esposa do outro lado me sorria :
O coração pulsava-me arrojado
Na manhan d'este dia.

Como tudo mudou! Hoje, isolado,
Em terra estranha, nebulosa e fria,
Não me veio aquecer o sol da patria
Na manhan d'este dia.

Santa mãe! terna esposa, caros filhos!
Não ouvis uns gemidos de agonia?
São echos da saudade de minha alma
Na manhan d'este dia » (1).

(1) *Gazeta de Noticias* de 27 de junho de 1880.

Não são sem interesse estes versos; lembram o decantado *Se eu morresse amanhan* de Alvares de Azevedo.

Dão bem a conhecer o estylo do poeta no que elle tem de mais doce e suave. Não quero suppor ter sido obra pura e exclusiva da sympathia politica o grande renome de Fr. Octaviano em litteratura.

Alguma cousa de regularmente bom deve ter elle produzido, e deste numero é a mimosa poesia *Flôr do valle.* Não sei a data precisa d'estes versos; creio serem pouco posteriores aos acima citados.

E' uma interessante elegia :

« Ouviste um dia os canticos do anjo?
Viste em seu rosto da belleza as côres?
E na manhan de doce primavera
Flôr do valle nascendo entre as mais flôres?

Então puro era o céu e verde o campo
E a vida allegremente lhe sorria ;
Folgava em seu primor de mocidade,
E nos braços de Deus adormecia.

E tão bella e tão casta! descuidosa
Do futuro em presente tão risonho!
Apenas em sua alma e quasi a furto
Vaga imagem de amor sorria em sonho...

Tanto mancebo esbelto que a cercava
Com olhares de candidos amores!...
Porém ella, mais pura e mais formosa,
Flôr do valle brincava entre as mais flôres!

A brisa da manhan lhe ouvia os cantos
E o echo da campina os repetia,
A tarde, sobre a relva perfumada,
Cantando novamente adormecia.

E cantava e dormia! e veio o inverno
E trouxe sua nevoa e seus rigores,
E acharam-na sem vida, descorada
Flôr do valle morrendo entre as mais flôres!

Quando voltou depois a primavera,
As florinhas e o campo vicejaram,
O valle fez-se verde, o céu sereno,
Mas os cantos do anjo não voltaram...

Eu lhe ouvi a voz harmoniosa,
Eu vi a flôr do valle em seus verdores...
Hoje só ouço o murmurar do vento.
A flôr do valle abandonou as flôres! » (1)

São delicados e meigos estes versos, dedicados pelo poeta a uma filha morta ; estão a revelar um' alma doce, voltada para a ternura.

Faz bem esta melodia moderada e placida; aqui não ha estertores; Octaviano era dos que sabem chorar sem se tornar massantes e ridiculos.

Elle era um homem calmo, de trato ameno, palestrador engenhoso, fluente, gostosamente, deliciosamente *entraînant*, ao que referem seus intimos.

Creio bem que assim fosse; era um espirito de feições classicas proprio para ter vivido em Pariz no seculo XVII.

Não era um homem de nosso tempo com suas luctas e suas durezas.

De resto foi meticuloso e indeciso; natureza essencialmente sceptica.

No jornalismo exibiu-se n'esse caracter. Suas poesias foram sempre curtas, leves; seus artigos de jornal tambem rapidos, breves. Foi sempre alheio aos grandes desenvolvimentos de analyse e de doutrina e refractario ao espirito critico.

Era um improvisador correcto, simples, facil; mas de curto vôo. Sua passagem pelo jornalismo foi celere e não deixou a mesma impressão da de Torres Homem ou de Justiniano da Rocha.

O poeta fluminense não foi um jornalista por vocação; fez caminho pela imprensa, como necessidade politica.

E' bem difficil saber se elle foi um temperamento litterario, transviado na politica, ou um temperamento politico, immis-

(1) *Pantheon Fluminense* por Lery dos Santos, pag. 314.

cuindo-se de vez em quando na litteratura, ou uma e outra cousa ao mesmo tempo.

As duas qualidades não se excluem. Podem combinar-se perfeitamente e a historia superabunda em exemplos.

Parece-me que em Octaviano ambas as tendencias e inclinações entraram em partes mais ou menos iguaes; mas sem grandes estimulos de um lado e d'outro.

Tal a razão pela qual não assumiu jamais uma posição definitiva na politica e na litteratura brasileira. Nem Gonçalves Dias, nem Silva Paranhos foi elle.

Por mais que se o queira favorecer, é impossivel negar-lhe n'aquellas duas espheras uma attitude mais ou menos ambigua. D'ahi o estado psychologico especial, caracteristico, como esse em que tombam aquelles que se dividiram entre duas actividades sem abandonar-se definitavamente a uma d'ellas.

Ficam a suppôr que uma das tendencias prejudicou a outra. Octaviano Rosa crê ter-lhe sido fatal a politica; mais de uma vez manifestou-se a este respeito.

O artigo posto por elle á frente dos *Vôos Icarios* de Rozendo Moniz Barretto é neste sentido typico ; n'esse artigo escreveu isto : «... sahiu-me de encontro a *politica*, a *infecunda Messalina*, que de seus braços convulsos pelo hysterismo a ninguem deixa sahir senão quebrantado e inutil ; veio-me ao encontro, arrastou-me para *suas orgias...* »

Sejamos francos : uma critica forte e rigorosa, que precisasse de dizer todas as cousas com os seus proprios nomes e os nomes com todas a letras, estabeleceria que o senador Octaviano não passou no fundo de um acanhado romantico, um espirito estreito, incapaz em todo tempo de emprehender qualquer cousa de profundo e vivo em politica; foi uma natureza sem relevo, que representou durante mais de trinta annos uma figura equivoca em nossas luctas partidarias, foi um estadista sem planos, um diplomata sem normas, como foi um jornalista sem grande vida, um poeta sem alto ideial.

Em rigor, esse bello *causeur* pertence áquella classe de romanticos byronianos para quem a politica é uma pescaria ao destino, um jogo á ventura, em que se vae tentar fortuna.

Que um critico desabusado, um espectador livre de preconceitos, que de nossa politicia tem apenas o conhecimento das grandes tropelias que n'ella se praticam, venha chamal-a de *Messalina*, concebe-se.

Mas que um factor d'essa politica, um diplomata, um senador, um chefe de partido, um homem de Estado, um acclamado mestre, venha dizel-o, não se póde comprehender.

F. Octaviano entrou em nossas luctas sociaes como um homem de letras, um adorado poeta, um publicista cheio de talento e esperanças, como apregoaram os seus admiradores de sempre. E então porque não compehendeu a politica ao theor de um espirito culto e desinteressado? Porque não vio n'ella a sciencia da vida nacional a que os homens de talento e caracter são obrigados a levar o seu contingente em prol do progresso e do futuro? Quaes foram jámais os seus planos, os seus estudos, as suas lucubrações sociaes?

Na politica, ou se entra em nome de um principio, de um programma serio, de um alvo fecundo e realisavel, ou não se toma parte n'ella definitivamente. E' esta a razão pela qual todos os grandes vultos, todos os notaveis estadistas, todos aquelles que se bateram em nome de um systema, de uma causa em bem da patria, nunca se arrependeram de seus esforços, quaesquer que tivessem sido as agruras do caminho. E' por isso tambem que todos aquelles que vêem na politica apenas uma vasta aventura e n'ella ingeriram-se sem ideal, sem vistas elevadas, ao cabo de tempos recuam espavoridos, arreliados, desilludidos. Então começam as queixas, as queixas infundadas, estereis, ridiculas...

Quando e como o senador Octaviano bateu-se em nome de vastas ideias ? Como e quando elle fez a grande politica progressiva e scientifica? Como e quando elle lutou por fazer vencer seus planos, suas maduras convicções?

No meio de nossos politicos mais notaveis occupa uma posição secundaria.

Resta caracterisar agora o jornalista; n'esta qualidade elle foi cem vezes mais encommiado do que como poeta.

Entre os poetas era um pouco difficil outorgar-lhe o diploma

de mestre; mudaram de tactica e lhe confiaram a chefia da jornalistica.

Aqui o mytho podia melhor sustentar-se : nada mais vago do que o renome de um jornalista; nada de mais difficil verifisação. O jornal é lido ás pressas.

Mais tarde é attirado a um lado, a um canto e ninguem mais pega n'elle. Os de annos atrazados são desdruidos pelos vendilhões para embrulhos. Escapam umas cinco ou seis collecções, muitas vezes incompletas, que vão dormir nas bibliothecas o pesado somno das cousas mysteriosas. Ninguem mais os vae ler.

Ahi é facil crear lendas e levantar pedestaes.

Metteram o senador Octaviano n'este nimbo trevoso e deram-lhe nomeada de semi-deus.

Todavia, a critica séria não poude ainda descobrir quaes as notaveis e fecundas ideias propagadas por Francisco Octaviano; quaes os principios que elle fez triumphar.

E' este o signal inilludivel do jornalista de talento : fazer triumphar doutrinas e opiniões.

Percorre-se a historia politica e social do Brasil contemporaneo ; vêem-se os iniciadores de idéas, os portadores de novas doutrinas, os combatentes de todas as opiniões.

Não se encontra o senador Octaviano... A sua fama como jornalista foi talvez mais infundada do que sua nomeada de grande poeta.

No Brasil são muito faceis estas bulhentas e rapidas famas litterarias conferidas a politicos poderosos por seus aduladores, mestres emeritos no systema de crear lendas facilmente aceitas por uma opinião indiscplinada, como a nossa.

Francisco Octaviano, senador e chefe do partido liberal na provincia do Rio de Janeiro, foi da pleiada das notabilidades de convenção.

Todas as qualidades lhe foram attribuidas. Passou por poeta, jornalista, diplomata, orador, homem de Estado, tudo isto com grandeza. A historia tem bons motivos para discordar em grande parte de similhante pensar.

O illustre senador foi apenas uma das mais nitidas encarnações do espirito indeciso do segundo reinado no Brasil.

Quando digo que Octaviano é uma nitida incarnação do espirito indeciso do segundo reinado, devo dar explicações.

Não sou do numero d'aquelles que se deixam tomar de indefinidas tristezas e entram a dizer mal de seu tempo; já estou bastante sceptico a cêrca de taes esconjuros; são um phenomeno vulgar na historia e repetido constantemente no curso dos acontecimentos humanos.

Para mim o meu tempo em definitiva não é melhor nem peior do que os seus antecessores, e a idade contemporanea não é melhor nem peior do que as que a antecederam. Deve-se, porém, distinguir o que se refere á humanidade em geral do que diz respeito particularmente á nação brasileira. Se a humanidade no seu todo não retrograda, nem estaciona, as nações têm epocas de parada, e epocas de grandes crises e perturbações.

O segundo reinado entre nós, no seu final especialmente, foi uma d'essas epocas de estacionamento e crise. O Brasil no XIX seculo realisou notaveis avanços.

Os reinados de João 6.° e Pedro 1.°, a Regencia e o segundo reinado nos seus primeiros vinte e cinco annos foram epocas de forte evolução.

O longo periodo do governo de Pedro 2.°, em sua primeira phase, foi tempo de progresso; não contrariou as tendencias das epocas anteriores e deixou avançar a evolução normal da vida politica e social do paiz.

Nos dois ultimos decennios o germen máo do systema, o microbio politico, que jaz no fundo de todas as organisações sociaes, veio á tona e operou com intensidade, collocando o paiz na posição indecisa e vacillante de quem pára cansado para tomar folego...

Volvamos a Octaviano Rosa e resumamos.

Como poeta, não foi um espirito activo; pouco produziu e jámais alcancou a grande poesia nem pela fórma, nem pela profundeza do pensamento.

No jornalismo floresceu na epoca de transição entre Justiniano de Rocha e Quintino Bocayuva, isto é, symbolisa uma semi-decadencia. Foi um escriptor amaneirado, sem grande

vigor de ideias. Não tinha calor, não tinha vida; era fluente, mas de uma fluencia mortiça e doentia.

Só produziu rapidos fragmentos, por ser pouco apto para tomar uma ideia, uma doutrina e desenvolvel-as em todas as suas faces. Sua phrase não tinha colorido, nem tinha nervo.

João Cardoso de Menezes e Souza, barão de Paranapiacaba (1827...) E' tambem um mytho litterario este, ao gosto e pelo geito do Brasil.

A mythologia litteraria entre nós segue andar inverso a toda mythologia em geral.

Esta foi sempre uma representação do pensamento primitivo, indeialisação do passado obscuro e longiquo. Aqui a cousa é diversa; os heróes divinisados são sempre recentes e a canonisação dura emquanto o individuo existe ahi em carne e osso e pode prestar algum favor... Morto o homem, desapparecido o semi-deus, esvae-se a lenda e lá fica um logar vazio no altar dos crentes fervorosos e... interessados.

Qual o brasileiro notavel, fallecido a distancia de mais de dez ou vinte annos, que seja o objecto de uma veneração especial da parte de nós outros, povo superficial e prodigiosamente ingrato ?

Que especie de gloria reservamos nós para Gregorio de Mattos, Claudio, Alvarenga, Basilio, Gonzaga, Andrada e outros d'essa estatura ?

Quem ahi guarda e zela a memoria de Magalhães, de Macedo, de Varnhagen, de Gonçalves Dias, de Alencar, de João Lisboa e outros ainda hontem insensados ?

Onde estão os crentes, onde param elles?

E' que o merito litterario, scientifico, politico, todo e qualquer merito não é aqui a outhorga de uma opinião lucida e disciplinada, não é uma palma offerecida pela critica e pela justiça. E' um negocio de camarilla, de *claque*, de conveniencias e sympathias de apaniguados. A nação em geral não toma parte n'estas cousas; estão fóra de sua alçada entre nós.

Só a vivos, disse eu, é concedida a canonisação nas letras ;

mas não é cousa que vá bater á porta dos mais meritorios. O processo é especialissimo, tem manhas occultas, que requerem estudo especial. Este assumpto constitue um interessante capitulo de psychologia nacional, que não póde ser agora esplanado.

Basta-me dizer, por emquanto, que a fama, o ruido em torno de um nome no Brasil é sempre uma occupação e empreza de alguns grupos e em certos e determinados casos a politica não é estranha ao negocio.

Uma cousa posso tambem desde já avançar e é esta : o merecimento positivo, obtido por trabalhos serios e de difficil apreciação, especialmente na esphera scientifica, esse nunca foi reconhecido e proclamado pelos brasileiros, em se tratando de patricios seus. Sempre, pelo contrario, é constantemente negado quasi a ferro e fogo, se preciso fôr.

Todos os tropeços imaginaveis, todos os obstaculos e obices são inventados; não ha injuria, não ha calumnia, que não saia da immensa forja da maledicencia. E' um horror de fazer enlouquecer. E' sempre necessario que do estrangeiro nos mandem dizer : « *Não sejais estupidos : vosso patricio tem razão !* » Então, sim ; todos curvam a cabeça e abrem as boccas, submissos ao mando da Europa e espantados da existencia d'aquelle *monstro* cá n'esta terra de macacos e papagaios!...

Felizes aquelles que logo em vida tiveram o bom quinhão n'estas lutas brasileiras. Paranapiacaba é d'este numero. Para que perturbal-o em seus idyllios de gloria ? Elle é querido, é proclamado grande homem por um grupo, e é de boa polidez deixal-o em suas illusões...

Deram-lhe o titulo de *conselho* e os brazões de *barão por seus serviços ás letras...*

Limitar-me-hei a enumerar esses *serviços.*

E ficará feita a critica e tirado o retrato do illustre titular.

O conselheiro João Cardoso é de 1827, anno em que nasceram José Bonifacio e Bernardo Guimarães; creio ser d'esse anno tambem João Silveira de Souza.

O primeiro livro de João Cardoso, a *Harpa gemedora*, é de 1849 ; desta mesma data são as *Rosas e Goivos* de José Bonifacio e as *Minhas Canções* de Silveira de Souza. N'esse tempo

figuravam tambem em S. Paulo Aureliano Lessa e Alvares de Azevedo.

Todos elles vão formar a phase especial do romantismo brasileiro presidida por este ultimo.

O barão de Paranapiacaba figura na phase presidida por Magalhães, por haver affinidades entre elles.

Ao passo que os seus coevos e collegas se entregaram resolutamente ao romantismo a até ao ultra-romantismo, o futuro barão teve sempre veleidades classicas ; é hoje ainda, e sempre foi, um espirito tardigrado. Ainda hoje vive no tempo de Garção e Filinto, ainda hoje tem o cheiro da *Arcadia ulisyponense*...

Tem-se manifestado como poeta e como publicista. N'esta ultima qualidade só tem produzido trabalhos de encommenda do governo, em a sua qualidade de empregado publico. O barão foi duzante annos director de uma das secções do Thezouro Nacional. Entre os trabalhos de tal genero, e que ouso considerar os melhores devidos á sua penna, figura um sobre a colonisação estrangeira n Brasil e outro sobre a descriminação de impostos geraes, provinciaes e municipaes entre nós.

Adiante direi alguma cousa de taes escriptos. Por agora ver-se-ha o poeta.

O barão de Paranapiacaba não é, nem foi jámais, um temperamento litterario e menos ainda poetico.

Os seus livros em prosa, disse, são devidos a incumbencias do governo; estão bem longe de ser obras espontaneas, filhas das necessidades fundamentaes de um espirito.

Os livros de poesia reduzem-se a quatro.

Dois são as traducções do *Jocelyn* de Lamartine e das *Fabulas* de La Fontaine.

Os dois outros são a *Harpa gemedora* e a *Homenagem a Camões*. Este é um pequeno volume de occasião sem prestimo quasi nenhum e o primeiro é tambem de diminuto valor.

Ha uma circumstancia especial, que deve ser notada para mostrar como a litteratura é uma superfetação na indole do nosso titular.

Refiro-me á interrupção enorme que vai do seu primeiro livro do poesias aos seus companheiros recentes.

Da *Harpa gemedora*, prosaica até no titulo, á traducção do *Jocelyn* vão 26 annos; d'ella á *Homenagem a Camões* vão 31; d'ella á primeira edição das *Fabulas*, 34.

Aquelle primeiro e grande intervallo foi preenchido por pequenos artigos de circumstancia e leves poesias esparsas.

Entre estas figura *A Serra de Paranapiacaba*, fonte inspiradora do titulo de seu baronato.

O poeta deu tambem o nome a uma rua da capital do imperio americano...

Compare-se esta vida, só accidentalmente votada ás letras, com a actividade de seu contemporaneo — Gonçalves Dias.

Este falleceu aos 41 annos de sua idade, tendo apenas 20 de actividade litteraria (1843-1863).

N'este curto intervallo deixou pegádas indeleveis na poesia, no theatro, na critica da historia e na ethnographia d'este paiz. Um quadro synoptico de sua vida vem proval-o irrecusavelmente. Eis os seus livros:

Em 1843 — *Patkull*, em 1844 — *Beatriz de Cenci*, 1846 — *Primeiros Cantos*, 1847 — *D. Leonor de Mendonça*, 1848 — *Segundos Cantos*, *Os Tymbiras*, 1849 — *Reflexões sobre Berredo*, 1850 — *Ultimos Cantos*, *Boabdil*, 1852 — *O Brasil e a Oceania*, 1854 — estudo sobre as *Amazonas*, sobre o *Descobrimento do Brasil*, *Vocabulario da lingua geral usada no rio Amazonas*, 1857 — edição geral e augmentadia de todos os *Cantos*, 1858 — *Diccionario da lingua tupy*, 1860 — *Relatorio* da viagem de exploração ao Norte e as ultimas composições poeticas.

E' este o elencho das publicações de Gonçalves Dias, pelas datas, deixando de parte grande porção de artigos pelos jornaes e revistas.

Ninguem foi mais sinceramente um homem de letras n'esta terra do que esse pobre mestiço, obscuro e desdenhado, felizmente pouco tempo, porque logo Alexandre Herculano nos mandou dizer — que elle tinha talento, mais talento do que muitos dos nomes já feitos na litteratura dos dois paizes...

O barão de Paranapiacaba até a morte de Gonçalves Dias

era quasi obscuro. Sua grande nemeada é uma creação dos conservadores de 1868 em diante.

Tem trabalhos de poeta e de publicista, adiantei eu ; na poesia tem producções originaes e traduzidas. As originaes podem soffrer a divisão em tres grupos : a *Harpa gemedora*, symbolisando a primeira maneira do poeta, peças soltas, dasquaes é a mais notavel a já referida *Serra de Paranapiacaba*, individualisando a segunda maneira do cantor paulista, maneira que vem finalmente caracterisar-se na *Camoneana brasileira (1)*.

Vejamos tudo isto methodicamente. A *Harpa gemedora* é um producto enfezado ; são poesias que nada exprimem nem do que se pensou nem do que se sentiu n'este paiz em seu tempo.

Póde-se bem ajuizal-o, lendo a *Imprecação do indio*, peça que o illustre barão achou digna de figurar na grande festa litteraria celebrada em 1883 no Rio de Janeiro em honra ao Dr. Vicente Quesada, ministro argentino.

E' uma longa poesia em versos brancos trotados em monotono diapasão, referindo as queixas de um caboclo a *Tupá*, por haver sido conquistada sua terra... A these já n'aquelle tempo (1849) era gasta e toleirona. Ha evidente intenção de imitar Gonçalves Dias, cujos *Primeiros Cantos*, como já disse, corriam mundo desde 1846.

A peça tem 172 vesos taludos ; ouçam-se apenas os primeiros :

« Tupá, Tupá, porque mudaste em sangue
A crystalina lympha dos regatos?
Porque prostraste com tufões medonhos
Os troncos gigantescos das palmeiras,
A cuja sombra, em leitos de boninas,
Dormiamos em paz tranquillo somno?
Porque já não branquêa, alem, na serra
O *itutinga* nas pedras reboando,
E não semêa a viração da tarde
Nuvens de flôres sobre a verde gramma?

(1) O Conselheiro João Cardoso é filho de Santos em S. Paulo.

Em vez do grato aroma das mangueiras,
Que nos traziam zephiros nas azas,
Mephitico odor de sangue infecto.
Em vez dos hymnos do plumoso bando,
Que em doce accorde os echos despertavam,
O som d'estas algemas que rocheam
Pulsos dos filhos da floresta virgem. »

Compare-se esta prosaica rima de versos soltos com a *Deprecação* de Gonçalves Dias, antiga poesia publicada nos *Primeiros cantos* sobre a mesma these :

« Tupan, ó Deus grande! cobriste o teu rosto
Com denso velamen de pennas gentis ;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes déste da perda infeliz! »

e veja-se a distancia. Já nem se compare ás posteriores poesias americanas do poeta maranhense publicadas nos *Ultimos Cantos ;* porque seria injustiça, sabendo-se que a *Imprecação do Indio* é da primeira mocidade do nobre barão.

Não é só n'esse genero exterior de poesias americanas que Paranapiacaba foi um poeta de terceira ordem. Na poesia pessoal é ainda inferior. Sabe-se que o romantismo n'esse genero fez verdadeiras maravilhas. Sua acção no theatro foi notavel, no romance immensa, na poesia social e philosophica distincta ; mas na poesia subjectiva, pessoal, intima, no lyrismo individualista foi quasi inexcedivel. Isto em todas as litteraturas da Europa e da America. E essa enorme corrente de poesia pessoal e subjectiva vai ser no futuro uma das grandes fontes por onde se ha-de reconstruir a psychologia do seculo XIX.

De certo tempo a esta parte começou-se a desdenhar da poesia pessoal em prol de uma poesia mais geral. O argumento principal a favor desta é o seguinte : « Que nos importam a nós a idéas e os sentimentos de cada um, que temos nós com as alegrias e magoas alheias ? Dêm-nos alguma cousa que se refira e interesse a todos, uma poesia geral para toda a sociedade. »

Ouzo dizer que este argumento é inepto. Primeiramente,

toda e qualquer manifestação da psychologia dos individuos, maxime dos grandes poetas, nos deve interessar a todos como documentos authenticos de humanos caracteres, como miniaturas em que se vai retratar a vida inteira de uma época.

Aqui o que parece particular é ao contrario verdadeiramente geral. Depois, não é só isto : as producções que se dizem de caracter social, universal, em essencia se reduzem a modos de ver e apreciar particulares, individuaes de um dado autor sobre a vida collectiva de um dado periodo historico.

Aqui o que parece geral não passa veramente de apreciações particulares, individualissimas. No fundo cahe-se na mesma cousa.

A poesia pessoal, portanto, ainda e sempre terá um grandissimo valor, se uma critica impertinente não a matar definitivamente.

Pois bem, n'este genero, que se me antolha a pedra de toque do talento dos poetas romanticos, o Barão de Paranapiacaba foi demasiado pobre.

Pode sabel-o com certeza quem lêr, por exemplo, as *Saudades da Infancia.* O poeta reporta-se á quadra da meninice, procura em imagem os sitios onde brincára, punge-lhe saudosa a lembrança de sua mãi já fallecida. Os sentimentos são puros; os versos é que não são lá mui grande cousa.

Alli lêm-se phrases assim :

« Agora o que resta
Ao pobre cantor
Sem gozos na terra,
Immerso na dôr?

Se a aurora desdobra
Seu manto de flôres,
Se trinam seus hymnos
Do bosque os cantores,

Se ruge a tormenta
Da noite no horror,
Se fere os seus olhos
Do raio o fulgor,

Se o pranto roxeia
Seus turgidos olhos,
Se o peito lhe pungem
Da dôr os abrolhos,

Em balde procura
Maternas caricias,
Em vão ; que fugiram
Da infancia as delicias.

Em vez da harmonia
Da voz maternal,
Escuta sómente
Um som sepulchral.

Oh! que sina acerba e crua,
Céos! que tão agro existir!
Asrael, vem com teu sopro
Esta lembrança extinguir. »

Bem se vé, que isto é fraco.

Se quizerem, comparem-lhe as duas poesias do já citado G. Dias sobre assumpto similhante *Recordação*, *Recordação e Desejo*. São ambas da primeira mocidade do poeta maranhense e appareceram nos *Primeiros Cantos*.

Se a *Harpa* gemedora não é bem garantidora do talento poetico do nobre barão, procurem-se seus grandes titulos por outra parte. Entre a *Harpa* e a *Homenagem a Camões* elle espalhou poesias por varios jornaes e periodicos.

A *Serra de Paranapiacaba* é uma d'essas e é chegada a occasio de ser lida. E' uma poesia emphatica escripta em decimas octosyllabas e quadras duodecasyllabas quasi todas erradas sob o ponto de vista do rythmo.

Só tóco n'este assumpto, porque o barão de Paranapiacaba é ingenuamente apontado como impeccavel na forma e elle mesmo labora n'essa illusão.

Ainda não sabe que a poesia, no tocante á metreficação, tem de attender a tres cousas perfeitamente distinctas e indispen-

saveis para a belleza musical e rythmica da forma, e vem a ser : 1.ª o *metro* em particular, isto é, o *verso em si ;* este deve ser correcto, obedecendo a um numero determinado de syllabas que deverão ligar-se naturalmente e ser longas ou breves em certos e determinados logares ; 2.ª a *rima* que deverá ser espontanea, facil e rica ; 3.ª a *estrophação*, isto é, a disposição dos versos por disticos, tercêtos, quadras, quintilhas, sextilhas, oitavas, decimas, etc., de modo que as *rimas* obedeçam a um determinado concerto de graves e agudos, *conditio sine qua non* da melodia poetica.

E' a conhecida questão das *rimas masculinas e femininas*, segundo a expressão da metrica franceza, verdadeiro modelo no genero.

Na lingua portugueza, por ser pobre de rimas *masculinas*, não se exige esse rigorismo nos disticos, nos tercetos e até nas quadras, excepto se estas são em versos demasiado longos, a saber, de 12, 13 e 14 syllabas. Da quintilha em diante, porém, o rigor é indispensavel, sob pena de não se fazerem estrophes e sim verdadeiros amontoados de verso sem arte e sem harmonia.

Ora, é justamente o caso de nosso barão nas quadras e decimas da *Serra de Paranapiacaba.*

Em toda a poesia existem apenas duas quadras que sahiram por acaso correctas sob o ponto de vista da *estrophação.* As duas primeiras condições da metrica são obeservadas mais ou menos geralmente pelo poeta ; a ultima elle desconhece quasi sempre.

Se tóco em tal ponto, repito, é por ser este escriptor por toda a critica fluminense, que aliás liga enormissima importancia ao assumpto, apontado como correctissimo na forma.

Respondo-lhe que não ha tal ; o barão tem muita poesia incorrecta e a celebre *Serra* é uma dellas. A poesia é evidentemente imitada do *Gigante de Pedra* de Gonçalves Dias. O metro é o mesmo em ambas e o tom o mesmissimo ; ambas começam apostrophando o *gigante*, que *dorme.*

No tocante ao metro, apenas Gonçalves Dias não se limitou ás quadras duodecasyllabas e ás decimas octosyllabas; na di-

visão IV de sua famosa poesia introduzio quatro estrophes de doze versos septesyllabos. A producção de Gonçalves Dias é correctissima em todos os generos de estrophes em que é escripta, quadras, decimas e duodecimas. A do barão é cem vezes mais fraca em estylo e inspiração e só contém duas quadras certas occasionalmente.

Aqui fica inserida a decantada poesia, levando grifadas as terminações dos versos errados no tocante ás rimas masculinaes e femininas :

« Dorme, repousa em teu somno,
Da força assombroso *emblema*,
Que tens o oceano por throno
E as nuvens por *diadema!*
Immovel, silenciosa,
Ergues a fronte orgulhosa
Ao solio da *tempestade ;*
E os preludios da tormenta
Vais ouvir, de medo isenta,
Do espaço na *immensidade.*

Salve! soberbo gigante,
Altivo Titão do mar,
Que a teus pés triste descante
Ouves a vaga entoar!
E em teu manto de esmeraldas
Envolves as vastas faldas
E as empinadas *cimeiras ;*
E a brisa te agita os cachos,
E os verdejantes penachos
Da corôa das *palmeiras*!

Teus troncos gravados do sello dos tempos
Agitam aos ventos as soltas *madeixas*,
Quaes harpas eolias, susurram nos ares
Canções magoadas, sentidas *endeixas.*

E's berço do raio! Sublime harmonia
Entôa em teu seio o trom dos trovões ;
E os échos ao longe repetem em côro
A orchestra tremenda de roucos tufões.

Do raio ao ribombo horrendo
E ao som do trovão que *estruge*,
De pavor estremecendo
A feroz panthera *ruge*.
Une-se á orchestra assombrosa —
Uma nota sonorosa —
Que do fundo abysmo sae...
E' o som da cataracta,
Que em alvos flocos de prata
N'um leito de pedras cae.

Que magestade sublime!
Que pomposa *poesia!*
Jehovah seu dedo imprime
N'este quadro de *magia.*
Esta cascata da serra
Parece um hymno que a terra
Espontanea aos céos *eleva.*
Então nossa alma se humilha,
E ao ver esta maravilha,
Na gloria de Deos se *enleva.*

Occultas nas veias, oh serra fragosa,
De ouro e de gemmas thesouro *infinito,*
Retalham teu solo torrentes sem conta,
Que nascem das urnas de rijo *granito.*

Povoam-te as selvas e negras gargantas
Innumeras feras e enormes reptis ;
Ahi cantam aves que as côres do iris
Desdobram nas azas de vario matiz.

Horriveis despenhadeiros,
Profundos, *vertiginosos*,
São os degraus altaneiros
De teus tergos *magestosos.*
A's vezes de horrendo tombo
Se escuta o surdo ribombo
Que ao longe resôa a *espaços...*
E' despegado rochedo
Que no erriçiado fraguedo
Se vai fazendo em *pedaços.*

Além, que plaino azulado
Se prende no azul dos céus!
E' o mar que encapellado
Ergue os moveis escarcéos!
Então a vista desmaia
No espaço que além se espraia
A perder-se no *infinito* :
E esse immenso panorama
Do Eterno o nome proclama
Na face da terra *escripto.*

Desenham-se ás vezes arfando nas ondas
As vellas de um barco na brisa *enfunadas;*
Qual alva gaivota que a flôr do Oceano
Bricando desflora com as azas *nevadas.*

Dos topes aereos, estreitos e golphos
Semelham regatos talhando as *campinas* ;
Quaes pontos esparsos desdobram-se aos olhos
As casas e torres, ilhéos e *collinas.*

De teu pico o sol dourado
Se balança a fulgurar ;
E o seu clarão desmaiado
Verte a lua sobre o mar.
Outro céu de anil scintilla
Na superficie tranquilla
D'esse espelho *tremulante* :
E em baixo a vaga chorosa
Beija a areia preguiçosa
Morrendo em flôr *alvejante.*

Quem sabe se o cataclysmo
Que puniu a *humanidade,*
Não te fez surgir do abysmo
Das ondas na *immensidade?*
Quem sabe, fragosa serra,
Se és coetanea da terra,
E do berço oriental?
Quem sabe de quanta vida
Tu foste a extrema guarida
No diluvio universal?

Plantou-te nos mares o braço divino,
Ingente montanha, barreira das *ondas*,
Quem déra perder-me comtigo nas nuvens,
Tambem devassando mysterios que *sondas!*

Prodigios que encerras, são cordas sonoras
D'uma harpa sublime de maga *harmonia*,
Que os hymnos que exhala, perennes descantam
A gloria do Eterno de noite e de *dia*. »

São deseseis estrophes emphaticas e erradas todas, excepto duas. O *Gigante de Pedra* tem vinte e duas estancias todas correctissimas, excepto uma em que o auctor dos *Tymbiras* deixou razoavelmente de ser demasiado rigoroso. Convido o leitor a ir verifical-o nos *Ultimos Cantos* do grande poeta, dispensando-me de citar.

Entre as producções, que se dizem originaes, do barão de Paranapiacaba tem merecido especiaes e fervorosos gabos a decantada *Camoneana Brasileira* ou *Homenagem a Camões no tricentenario de sua morte.*

Esta *Camoneana Brasileira*, desparatada coisa similhante a uma *Homereana turca*, ou a uma *Shakespeareana mongolica*, mereceu ser o primeiro livro da serie de uma nova *Bibliotheca Escolar*, sendo adoptada nas aulas primarias, onde deve substituir a leitura dos *Luziadas*.

Creio não ser mistér juntar mais nada para mostrar qual a desgraçada intuição reinante sobre cousas litterarias na mente do barão de Paranapiacaba e d'aquelles que o tem protegido...

Ora bem; o livro foi feito para emendar, para polir, para *variar* e *modernisar* o poema de Camões...

« Resumi, diz o novo polidor no seu *Prologo*, resumi os trechos mais bellos do poema, *dando-lhes feição moderna e variada metrificação.* »

Que horror! Um espirito cançado e retrogrado, querendo *modernisar* um monumento genial, novo, fresco, matinal, como se fôra hontem escripto, uma creação que não tem data; porque é contemporanea de todas as phazes da cultura humana, como os *Luziadas!* Custa em verdade conter a indignação. E ha e houve simples que applaudiram aquillo!...

Modernisar Camões! Em todo o percurso da historia da lit-

teratura brasileira bem vê o leitor ser a maior bernardice em que tem tropeçado... E não foi um homem do tempo da colonia, nem um pobre provinciano que a realisou...

O livro é acompanhado de *notas* em que o autor, repetindo desgeitosamente elementares noticias mythologicas lidas por toda a gente em Decharme, Max-Müller, Bréal, Eugenio e Emilio Burnouf, Des Essarts, Renan, Gubernatis e vinte outros elementarissimos mythologos, suppõe santamente que elle está a lançar no Brasil as bases da *mythologia comparada!*

Insiste demasiado nas taes notas sobre esta nova empresa e volta á carga em as *notas* da traducção das *Fabulas* de La Fontaine de que direi em breve.

Esta traducção faz tambem parte da *Bibliotheca Escolar*, está adoptada e tem custado contos de réis ao governo para ter a gloria de impingir aos estudantes um *La Fontaine modernisado* a par de um *Camões* tambem *modernisado.* Nem se pense que o barão nutre duvidas sobre os melhoramentos praticados em Camões. E' o caso que, alguns membros do *Conselho de Instrucção Publica* acharam excellentes as corregidelas passadas aos *Luziadas*, estranhando apenas a grande *sabedoria das notas*...

O titular lhes respondeu assim : « Constou-me que alguns distinctos membros do Conselho de Instrucção Publica, ao apreciarem a *Camoneana Brasileira*, ha pouco adoptada *(sic)* pelo Governo Imperial para uso das escolas, entenderam que as notas explicativas dos assumptos mythologicos, contidas n'aquelle opusculo estavam acima dos meios de comprehensão das crianças. Se esses cavalheiros se referem á linguagem das alludidas notas, observarei que essa é a mais singela e corrente possivel, acompanhando o movimento evolutvo do nosso bello idioma e evitando as transposições, os hyperbatons e outras figuras de dicção, que tornam difficil não só a intelligencia do texto camoneano, como tambem a elementar analyse grammatical e logica de certos periodos. Para os tenros cerebros da infancia é quasi sempre um ecúleo o processo syntactico de algumas estancias dos *Luziadas*. Logo na invocação ha uma notavel amostra de collocação inversa e transporta, estando no fim da segunda oitava, isto é, dezeseis

versos abaixo a oração principal, seguida de multiplices e complicados complementos. Algumas estancias adiante depara-se a celebre passagem :

— Marāvilha fatal de nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,
Para do mundo a Deus dar parte grande —.

trecho que offerece mais visos de amphigouri do que de corrente periodo classico » (1).

E assim vai por diante n'esta serie de heresias o illustre barão.

Parece que estamos a ouvir o padre José Agostinho de Macedo. E taes cousas mandam-se ensinar aos alumnos das aulas do Rio de Janeiro. Que ideia formam esses senhores de um monumento litterario ou artistico, uma obra prima do espirito humano? Modernisar os *Luziadas* é o mesmo que passar um reboco de *salão* ou de *maçapêz* brasileiro na face da *Notre-Dame de Paris*, ou da *Cathedral de Strasburgo*, ou dar uma pintadéla de *tauá* ou *tabatinga* nacional na *Venus de Milo*, ou no *Apollo de Belvedere*.

Para bem apreciar as horrorosas mutilações, praticadas nos *Luziadas*, é bastante vêr como o livrinho fluminense escangalhou as principaes passagens do poema. Vejam o *Adamastor*, a *Ignez de Castro*, a *Ilha dos Amores*... vejam e pasmem. Notem como, por exemplo, aquelle sublime trecho de poesia do *Adamastor*, aquella narrativa dramatisada e dialogada entre o fero gigante e o Gama, trecho em que ambos falam em primeira pessoa, apparece desfigurado, miseramente informe... Gama narrava sua viagem ao rei Mouro, e referiu-lhe o caso do *Adamastor* :

« Porém já cinco soes eram passados ,etc. »
« Oh! Potestade, disse, sublimada, etc. »
« Não acabava, quando uma figura, etc. »
« E disse : Oh! gente ousada mais que quantas, etc. »
« E lhe disse eu : — Quem és tu? que este estupendo, etc. »
« Eu sou aquelle occulto, e grande Cabo, etc. »

(1) Fabulas de Lafontaine, vertidas e annotadas pelo Barão de Paranapiacaba, vol. 1.° pag. LXI. —

Não cahirei no desparate de transcrever as vinte e quatro estancias do episodio do *Adamastor*, que parecem, pela frescura da linguagem, escriptas hontem por algum poeta de genio, para comparal-as ás quadras em alexandrinos do nobre barão. O *dialogo* entre o *Gama* e o *Gigante* desapparece; a *fala* do *Adamastor* muda-se n'isto :

« O monstro futurou torrentes de desgraças,
Vingança e mal, sem conto, aos luzos valorosos ;
Predisse a quem passasse os terminos vedados
Naufragios, perdições, castigos horrorosos... » (1).

Parece incrivel ; custa a admittir que apparecesse n'este tempo uma empreza d'estas. Duvido que nos Estados-Unidos, com todo o seu materialismo, como nós costumamos tolamente dizer, houvesse um simples que se lembrasse de emendar e *modernisar* Shakespeare. Se o leitor quer uma vez por todas apreciar o genero de gentilezas dispensadas a Camões no dia do centenario pelo barão de Paranapiacaba, compare o canto 2.° dos *Luziadas* ao canto 2.° da *Camoneana Brasileira.*

Veja aquellas bellas estrophes referentes a Venus quando vae falar a Jupiter :

« E como ia affrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava... etc.
Os crespos fios d'ouro se esparziam
Pelo collo, que a neve escurecia... etc.
C'um delgado cendal as partes cobre,
De quem vergonha é natural reparo... etc. »

Toda esta poesia do canto 2.° mudou-se n'estas doze quadras asperas e erradas, onde ha treze *ques* e nenhuma belleza :

« Eis presto as Nereidas, surgindo das furnas,
Rodeiam a frota, *que* oscilla nas aguas ;
Tritão *que*, soberbo, levava Dione,
Da ardente petrina se abraza nas fraguas.

(1) *Camoneana Brasileira*, pag. 88.

Encostam as nymphas os peitos nas quilhas,
Que, ao magico impulso, da costa recuam ;
A faina referve, restruge a celeuma,
E os Mouros se arrojam nas vagas, *que* estuam.

Ao céo, *que* o salvara, dá graças o Gama.
E invoca o soccorro da Guarda Divina ;
O supplice rogo, *que* a turba enternece,
A's plantas de Jove conduz Erycina.

Os paramos fende da abobada etherea ;
Perpassa de estrellas a esphera brilhante ;
Penetra, segura, recessos do empyreo,
E surge ante o solio do grande Tonante.

A face, affrontada do afan do caminho,
De gloria e belleza, serena, resplende ;
O olhar, em *que* a força do amor se concentra,
Espaços, estrellas e polos accende.

Com fina escumilha velando os encantos,
Tal como ante os olhos surgira de Anchises,
Os numes inflamma, mostrando, entre sombras,
Dos lyrios divinos incertos matizes.

Fluctua aurea coma, beijando-lhe o collo ;
Andando, estremecem-lhe os seios de neve ;
Desejo arrojado se enlaça ás columnas,
E sobe a thezouros, *que* a mente descreve.

Estala em ciumes Vulcano irritado ;
O peito de Marte transborda delicias ;
E' mais melindrosa, *que* triste, Acidalia.
Do pae, *que* a esfremece, recebe as caricias.

Altera uma sombra de vaga tristeza
O meigo sorriso, *que* os labios lhe inflora ;
Semelha seu rosto, banhado de pranto,
Cecem, rociada do aljofar da aurora.

O pae do universo, beijando-a nos olhos,
Ao peito a conchega, limpando-lhe o pranto ;
Prediz-lhe a grandeza futura dos Luzos
— Terror do universo, dos évos espanto. —

Descreve-lhe as quinas, varrendo o oceano,
Que ferve, abrasado de fogo e metralha ;
E como em conquistas na face da terra
O luso dominio se firma e se espalha.

O filho de Maia, batendo os talares,
A frota a Melinde dirige, em bonança;
E manda por ordem de Jove supremo,
Que tenha uma tregua tão longa provança » (1).

Compare-se esta poesia palavrosa e molle com o brilhante e terso laconismo de Camões e ter-se-á perfeita ideia de como foi *resumido* e *modernisado* o grande poema portuguez.

Os criticos allemães da escola romantica de Schlegel, Tieck e Novalis, no começo do XIX seculo, nas suas investigações sobre a poesia das nações européas, collocáram os *Luziadas* muito acima da *Jerusalém Libertada* de Tasso, como manifestação sincera do ideial cavalheiresco e christão. E' uma das mais finas e delicadas provas do espirto critico dos allemães que eu conheço. A *Jerusalém* não emprega a mythologia, e os *Luziadas* a empregam ; a *Jerusalém* canta as proesas dos cavalleiros da idade media, e os *Luziadas* cantam as façanhas de navegadores modernos ; a *Jerusalém* refere-se a um facto da historia do christianismo, da historia da Igreja, por assim dizer, e os *Luziadas* referem-se a um facto da historia do commercio e da navegação, de um pequeno povo d'um canto da Europa ! E, todavia, aquelles criticos deram a preferencia á obra de Camões sobre a de Tasso, como incarnação do espirito de nobreza e de ideialismo, da intuição cavalheiresca e christã !

Qual a rasão ? E' que no Tasso tão elevados intuitos apparecem no plano exterior do livro e não se mostram n'alma do poeta, alheio áquella ordem de sentimentos ; e em Camões, sem esse haver sido o alvo de sua obra, aquella efflorescencia de sentir apparece sincera e espontaneamente ; porque tal era a alma do poeta portuguez.

Que se vae concluir d'isto ? E' que a leitura dos *Luziadas*

(1) *Camoneana Brasileira*, p. 27.

não é indispensavel nas aulas primarias sómente como auxiliar para o estudo da lingua; é antes e acima de tudo um grandissimo estimulante para o caracter, um saudavel tonico para a elevação moral da vontade; é que a substituição de um livro como os *Luziadas* por um monstrengo ao geito da *Camoneana Brasileira* é um d'esses phenomenos singulares, só por si sufficientes para caracterisarem uma epoca.

Deixe-se este ingrato assumpto e vejam-se os outros serviços prestados pelo barão de Paranapiacaba ás letras brasileiras.

Ainda no terreno da poesia se lhe deve a traducção do pequeno poema de Byron *Oscar d'Alva*, do *Jocelyn* de Lamartine e das *Fabulas* de La Fontaine. Nem de proposito o barão poderia encontrar tres poetas de genios tão dissimilhantes entre si e tão diversos do seu para os traduzir...

Byron, isto é, a velha poesia saxonica comprimida por seis seculos de cultura, irrompendo de repente em ousada rebeldia contra hypocrisias e convenções; Lamartine, isto é, um sceptico eivado de doce ideialismo, um espirito ondulante, cuja poesia é personalissima e inseparavel da fórma que elle lhe deu; La Fontaine, isto é, uma das mais nitidas incarnações do genio gaulez, todo nutrido de — *esprit et gloire*, um homem, cuja poesia leve e bregeira é ao mesmo tempo profundamente verdadeira, como manifestação de um caracter nacional, poesia, cujo fundo é ainda mais inseparavel de sua primitiva forma do que a de *Jocelyn*... E foi a esta gente que o barão de Paranapiacaba tentou traduzir!... Tres genios tão diversos, tão independentes, tâo ousados, mettidos nas compressas de um espirito curto, pesado, aspero, dispondo de um vocabulario parco e d'uma imaginação rasteira!

Em geral sou infenso a traducções de poetas. Trasladados em prosa ficam mortos; vertidos para verso, ficam sempre desfigurados. Uma traducção poetica difficilmente dará o desenho da obra traduzida e jámais fornecerá o colorido. As melhores traducções existentes, como a da *Iliada* por Voss, a do *Faust* por Marc Monnier são obras de terceira ordem.

Não podem jámais reproduzir o rythmo, o tom, a melodia do original.

O barão de Paranapiacaba deu, por exemplo, o sentido, a traducção das ideias do *Jocelyn* e das *Fabulas*; mas a poesia ? Evaporou-se.

Para provar não se precisa ir muito longe. E' abrir o La Fontaine, logo na primeira pagina e lêr a primeira fabula, *A cigarra e a formiga* :

« La cigale, ayant chanté
Tout l'été,
Se trouva fort dépourvue
Quand la bise fut venue :
Pas un seul petit morceau
De mouche ou de vermisseau.
Elle alla crier famine
Chez la fourmi, sa voisine,
La priant de lui prêter
Quelque grain pour subsister
Jusqu'à la saison nouvelle.
« Je vous paierai, lui dit-elle,
Avant l'oût, foi d'animal,
Intérêt et principal. »
La fourmi n'est pas prêteuse :
C'est là son moindre défaut.
— Que faisiez-vous au temps chaud?
Dit-elle à cette emprunteuse.
— Nuit et jour à tout venant
Je chantais, ne vous déplaise.
— Vous chantiez, j'en suis fort aise!
Eh bien, dansez maintenant. »

E' um pequeno pedaço em vinte e dois versos, formando um todo harmonioso, n'um estylo singelo, n'um tom popular d'encantar a quem conhece bem a lingua. A pequena fabula começa rimando os versos dois a dois. De repente, sem mudar o metro, muda o poeta o systema da rima ; tudo sem esforço, sem transição brusca.

Note-se aquella maneira popular que se mostra nas expressões — *quand la bise fut venue*, *elle alla crier famine*, *avant*

l'oût, *foi d'animal*, *à tout venant*, *ne vous déplaise*, — e outras.

Repare-se como passou tudo isto para a lingua portugueza.

O traductor começou por distribuir a fabula em quadras, tirando-lhe desde logo a feição plastica ; as duas primeiras são supportaveis ; seguem-se duas inteiramente más, por alheias quasi ao original ; as quatro ultimas não reproduzem a poesia de La Fontaine na sua suave simplicidade. E, entretanto, é uma das melhores versões de toda a collecção. E' esta :

« Havendo a cigarra
Cantado no estio,
Achou-se em apuros
No tempo de frio.

De mosca ou de verme
Não tendo migalha,
Procura a formiga
Rogando que a valha. »

CIGARRA

« Chegar-se a abastados
E' sina dos pobres ;
Por isso, amiguinha,
Me empreste alguns cobres.

Preciso ir á feira
Comprar cereal,
Com que me alimente
Na quadra hybernal.

Em vindo a colheita,
Eu juro pagar,
Com premios e tudo,
O que me emprestar. »

Não gosta a formiga
De dar emprestado ;
E' n'ella o defeito
Mais leve, notado.

FORMIGA

« Nos mezes calmosos
Você que fazia? »

CIGARRA

« Andava cantando
De noite e de dia. »

FORMIGA

« Cantava no estio?
Que bella vidinha!
Agora tem fome ;
Pois dance, visinha. »

O leitor faça por si o cotejo.

Não me devo despedir do barão de Paranapiacaba na qualidade de poeta, sem apreciar umas singulares ideias suas, n'este assumpto, exaradas em carta-prologo á *Musa Latina* do Dr. Castro Lopes.

Elle escreve uma carta impertinente sobre o estado actual da poesia no Brasil e em França, defendendo o velho romantismo contra o *parnasianismo* e o *naturalismo*. E' impossivel em tão poucas paginas accumular tantas inexactidões e incongruencias.

Começa por uma confissão que não é de todo correcta : « Admirador e sectario do romantismo, *laudator temporis acti*, sou, como já o foram muitos outros, excluido da lista d'esses poetas geniaes, ricos de fogo sagrado e cultores irreprehensiveis da forma, que desthronaram de sua immortal séde o Archanjo inspirador da poesia a Chateaubriand, Lamartine e Victor Hugo, para recollocar no cimo do *Parnaso* a Musa que accendeu o estro do poeta de Ascra » (1). Quanta illusão e desconcerto !

Por entre as ironias do velho poeta, bem se conhece a alta conta em que elle se tem e isto seria o menos, se não reve-

(1) *Musa Latina*, pag. II. —

lasse tambem o profundo desconhecimento em que labora das cousas litterarias nos dois paizes que tomou para centro de suas referencias.

Dá-se por estrenuo sectario do romantismo ; a verdade é que jámais comprehendeu e assimilou bem as doutrinas e a indole d'esse systema ; a verdade é que jámais passou de um pseudo-classico entre os romanticos.

Porque, referindo-se á litteratura estrangeira, falou só na franceza ? E' bem exacto que os brasileiros lêem de preferencia livros francezes ; mas de um mestre tinha-se o direito de esperar indicações lucrativas sobre o movimento da bella litteratura na Allemanha, na Inglaterra e na Italia para a boa comprehensão das correntes poeticas na segunda metade do seculo XIX.

O que disse de França está cheio de innumeras lacunas e desacertos.

De Chateaubriand, Lamartine e Victor Hugo passou, sem caracterisar os factos, aos *parnasianos*, cuja indole desconheceu, e aos *naturalistas*, cuja critica fez inexactamente.

Fôra mais regular que désse uma noção ampla do romantismo em geral e especialmente n'aquelle paiz ; aqui indicasse as intuições diversas abrigadas no seio do grande systema e determinadamente suas phases successivas até abrir espaço a outras doutrinas. Veria a figura de Stael e Constant ao lado e em inverso sentido da de Chateaubriand ; comprehenderia a significação do bello talento de Vigny, saberia que Lamartine e Hugo passaram por mais de uma mutação ; veria o lugar de Sainte Beuve e Sand ; encontraria em caminho Dumas, Sue e Balzac e os entenderia ; conheceria a posição de Musset ; Theophilo Gautier deixaria de ser um enigma ; e, assim progressivamente, passaria por de Laprade, por Dumas Filho, por Feydau, Augier, por Sardou e todos os epigonos dos grandes mestres do systema. Quando chegasse ao momento da dissolução da velha doutrina comprehenderia a poesia *morbida* e *satanica* de Baudelaire, as *reacções scientificistas* de Sully-Prudhomme, as *resurreições historicas* e *ethnographicas* de Leconte de Lisle, o *realismo bruto* de Richepin e o *naturalismo selecto* de Coppée. Comprehenderia

tambem o movimento do romance, divisando a significação dos trabalhos de Flaubert, dos Goncourts, de Daudet e de Zola. Saberia que nem todas aquellas tentativas de reforma possuem igual merito e veria o motivo pelo qual a reforma no romance tem sido mais vigorosa do que na poesia, sem comtudo deixar de ser ainda vacillante e desregrada por mais de um lado.

N'estas differentes escolas ha verdadeiras gradações.

E' um erro encerral-as todas no *parnasianismo* e no *naturalismo*, como praticou o barão, e ainda maior equivoco é dar uma só côr tanto a um como a outro.

Ha vinte maneiras de interpetrar o *naturalismo* e outras tantas de praticar o *parnasianismo*. O anathema do velho poeta não póde ferir senão algum lado esconso das novas doutrinas.

Quando passa ao Brasil sua exposição é terrivelmente estreita e inexacta.

Refere sómente tres nomes, sem lhes comprehender o significado ; e a prova é esta : « Admiro Theophilo Dias no Brasil e Castilho e Soares de Passos em Portugal ; são dignos emulos de Bocage e Nicoláo Tolentino » (1).

Singular periodo este !

Que genero de ligação achou Paranapiacaba entre Theophilo Dias e Castilho ? Que têm elles de peculiar com Bocage e mais ainda com Tolentino ?

E a que vem alli Soares de Passos ?

São d'essas ligações que revelam completa ausencia de senso critico.

O barão de Paranapiacaba deveria ser mais justo, mais imparcial para com as modernas gerações de poetas brasileiros que têm sido tão gentis para com elle...

O numero dos novos poetas é bem crescido ; não são tres, são tres duzias. Nem todos possuem o mesmo e igual merito; alguns, porém, são altamente apreciaveis.

Como quer que seja, o barão de Paranapiacaba não vae bem inspirado em esconjurar as novas tendencias em nome de

(1) *Musa Latina*, pag. XXVI. —

um passado que não volta mais. Deixe suas ideias absolutas; colloque-se no *relativo* e não queira representar o papel de reaccionario. Tudo passa; tudo tem valor bem limitado; o romantismo não desmente a regra geral.

A lei que rege a historia brasileira é a mesma que dirige a de qualquer outro povo: a evolução transformista. Por maior que seja a cegueira dos imitadores, a precipitação dos copistas e plagiarios, sempre a litteratura brasileira não é uma cousa que lhes pertença exclusivamente. Apezar de tudo, um povo é sempre o factor principal de sua vida e de sua litteratura.

Podem os politicos ineptos e os escrevinhadores madraços desvial-o de seu caminho. Cedo ou tarde encontrará a larga estrada de suas tendencias naturaes.

Ponhamo-nos a par dos inilludiveis e magestosos problemas scientificos e litterarios que se degladiam no velho mundo; mas premunamo-nos contra as imitações trapentas, contra as theses charlatanescas, os erros bojudos com pretenções a verdades demonstradas. Sobretudo, robusteçamos o nosso senso critico, e ponhamol-o em condições de resistir á febre devoradora de innovações inconscientes e banaes. Nosso tempo já está desilludido de *formulas*; aprendamos afinal qual o valor d'ellas.

A receita é facil; factos e mais factos, bom senso e mais bom senso.

Como não era ridicula para os espiritos comprehensivos a velha teima do letrado nacional, affirmando, obstinada e rancorosamente com a bocca aberta entre ponteagudos collarinhos, o pescoço enrolado no classico lenço de seda, nos dedos a infallivel pitada, as excellencias unicas das cantatas do Garção e das odes do Philinto? Do velho systema, que foi levado de vencida e hoje alimenta apenas as lucubrações dos tontos decrepitos e desmemoriados, a defesa obstinada quando a lemos nos livros de 1820 a 30 nos provoca o riso...

D'elle restam apenas as obras immortaes, as obras primas dos homens de genio; as apologias insensatas enjoam-nos.

Mesmissimo é o caso do romantico, amortecido e embriagado das fumaças de 1830, ainda hoje sonhando com as walkyrias, as fadas, as castellãs medievicas; ainda hoje pallido

sonhador a *Manfredo* ou a *Rolla*, pobre tolo de comedia, que nos arrebenta de riso... Entretanto, é mui para vêr a segurança, a infaillibilidade do pontifice do *prologo do Cromwell*, esse lastimoso acervo de phrases turgidas e aereas que não lemos hoje sem um sorriso de ironia.

Da enfatuada escola os programmas sexquipedaes molestam-nos a mais não poder. Restam-lhe as raras inspirações sérias e profundas ; tudo mais esvaeceu-se.

Cada uma d'estas formulas, ao nascer, annunciava a *litteratura definitiva*.

O mesmo temos estado a presenciar nos ultimos trinta annos com a successão do romantismo. Não menos de cinco systemas têm surgido a proclamar a litteratura impeccavel : o *satanismo*, com as suas coleras affectadas, suas maldições caricatas, seu pessimismo de almanach ; o *parnasianismo*, com seus versos escovados, suas descripções de paizes que não viu, suas theogonias pantafaçudas, suas orientalidades idiotas, seu tom de um prophetismo de nicromante ; o *scientificismo* poetico, vacillando entre as triagas descriptivas de Julio Verne e as tafularias psychologicas de Sully Prudhomme e André Lefèvre, scientificismo productor quasi sempre de uma poesia de contrafacção, com seus problemas indigestos, suas theses pretenciosas e prosaicas, uma poesia de compendio em summa; o *naturalismo*, de escalpello em punho, farejando pustulas para as romper, ou alvas pernas para as apalpar, para as beijar, com suas verdades e seus exageros, com suas bellas pinturas e suas *sensações novas*, com suas bagatellas, seus erros, seus disparates quando manejado pelos tolos e pedantes, com suas descripções brilhantes, suas analyses finas, seu grande sopro de realidade quando architectado pelos Daudets e Zolas. Finalmente o *symbolismo*, com seus nevoentos mysterios.

Porque é que a reforma prosperou no romance, e tem quasi sempre abortado na poesia ? A natureza intima das duas artes, das duas manifestações litterarias o explica ; o romance é um producto *sui generis*, que pode vacillar entre a sciencia e a fantasia, entre a demonstração de um facto e a improvisação imaginosa : a poesia, ao contrario, tem um terreno especial e

seu; quando entra a transformar-se em sciencia perde-se na prosa e na vulgaridade.

O romance póde-se dizer um producto recente, quasi do XIX seculo; a poesia é uma filha das éras primitivas, que se vae tornando cada vez mais rara e vendo cada vez mais restricto o seu terreno.

A poesia deve ser sempre a expressão de um estado emocional, subjectivo, intimo; o romance deve ser o estudo physiologico dos caracteres sociaes.

A poesia é como a musica; é vaga e não deve ser submettida ás exigencias demonstrativas. Eis porque todos os formuladores de theses, quando passam á experiencia, nada fazem de aproveitavel; é sempre uma poesia de *arrière-pensée*, premeditada, vestida em umas japonas doutrinarias, sem espontaneidade, sem limpidez, sem effusão, sem graça, uma cousa terrivel em summa.

Eis porque não nos devemos muito enthusiasmar com as cinco soluções que aprendemos recentemente de França.

Se tomarmos a defesa opiniatica de similhantes doutrinas, provisorias como tudo que é obra da evolução humana, correremos o perigo de fazer a figura do velho classico ou do velho romantico, que ficou atraz pintada.

E, todavia, não julgo extinctas na humanidade as fontes da poesia.

As novas intuições que determinaram a nova phase do pensamento humano, podendo dar pasto ao romance e ao drama analyticos, bem poderão aproveitar as syntheses, as largas visualidades, os sentimentos generosos e altruistas, as expansões intimas, em formular uma poesia viva, energica, ampla, enthusiasta, uma poesia de todas as grandes emoções que experimentamos na lucta gigantesca e terrivel da civilisação moderna.

Uma poesia sem catechismos rhetoricos, sem as pequenas receitas que os pretensos reformadores nos têm querido impingir; mas, uma poesia em que se vazem todas as lutas, todas as perplexidades, todas as effusões, todos os desalentos, todas as esperanças, todas as certezas, todas as duvidas, todas as mutações, em summa, do espirito moderno.

Tenhamol-a tambem no Brasil.

E o barão de Paranapiacaba já não é mais apto para nol-a dar. Nem atrapalhe aquelles que têm enthusiasmo e desejam progredir.

Este ultimo termo leva-me naturalmente a dizer algumas palavras finaes sobre o illustre paulistano. E é na sua qualidade de publicista. Em 1875 o digno escriptor publicou, por incumbencia governamental, um livro sob o titulo de *Theses sobre a colonisação do Brasil.* E' um trabalho interessante, merecedor de attenciosa leitura. Não contem ideias e planos originaes ; é antes um apanhado de doutrinas *aliunde* espalhadas.

O livro é methodico e basta elle referir-se a um dos mais importantes problemas da nossa actualidade para despertar o interesse. Parecerá estranho, que, tractando agora de poetas, tenha de gastar uma ou mais paginas sobre um assumpto tão distanciado, a colonisação.

Dois motivos me levam a proceder por forma contraria : em primeiro lugar, segundo, o methodo adoptado n'este livro, tenho obrigação de dar de uma vez, salvo rarissimas excepções, o perfil inteiro de cada um dos meus heróes, por mais variadas que hajam sido suas manifestações espirituaes ; depois, desejo que esta obra seja mais uma historia da cultura brasileira em sua totalidade, do que uma historia litteraria no velho e acanhado estylo.

Esta dupla consideração justificar-me-á do defeito indicado, se defeito ahi existe.

O livro do barão de Paranapiacaba tem por fim estudar as causas que na segunda metade do seculo XIX têm déterminado um maior movimento immigratorio para os Estados-Unidos e Republica Argentina do que para o Brasil. A seu vêr, taes causas são as seguintes :

« I. A falta de liberdade de consciencia; a não existencia do casamento civil como instituição ; a imperfeita educação, a ignorancia e a immoralidade do clero ; a ambição de mando temporal da parte do Episcopado Brasileiro, traduzindo-se na luta impropriamente chamada — *questão religiosa.*

II. A insufficiencia do ensino e principalmente a ausencia de instrucção agricola e profissional.

III. O diminuto numero de instituições de credito, especialmente de bancos destinados a auxiliar a pequena lavoura e industria.

IV. As restricções e estorvos, que a Legislação e a Publica Administração do Imperio põe á liberdade de industria, peando, em vez de desenvolver, a iniciativa individual.

V. Os defeitos da lei de locação de serviços e dos contractos de parceria com estrangeiros; as lacunas e a inexecução da lei das terras publicas e a não existencia do imposto territorial sobre os terrenos baldios e sem edificação.

VI. A falta de transporte e de vias de communicação, que liguem o centro e o interior do Imperio aos mercados consumidores e exportadores.

VII. A creação de colonias longe d'esses mercados e em terreno ingrato e não preparado, bem como a falta de providencias para recepção dos immigrantes e colonos nos portos do Imperio e para seu estabelecimento permanente nas colonias do Estado, ou nos lotes de terras, que compram.

VIII. A incuria em fazer conhecido o Brasil nos Estados, d'onde procede a emigração, de que necessitamos, e em refutar, por todos os meios de bem entendida publicidade e por pennas habeis e desinteressadas os escriptos, por meio dos quaes n'aquelles Estados nos deprimem, exageram nossos erros em relação aos emigrantes e nos levantam odiosos aleives » (1).

Tal o resumo das ideias do illustre funccionario apresentadas ao governo.

Alguns pontos batem em cheio no amago da questão; algumas d'essas theses são verdadeiras.

Outras, porém, não são evidentemente causas do effeito que se aponta e se procura remover. A primeira é uma d'ellas.

(1) *Obra citada*, pag. 31

O livro foi escripto em 1874 ainda no tempo da nossa chamada *questão religiosa*; o autor, impressionado por ella, elevou a conhecida *tolerancia* e quasi *indifferença religiosa* dos brasileiros a um verdadeiro espirito inquisitorial e fez d'isso phantasticamente um grande obstaculo á immigração

Outras das theses são igualmente mal collocadas, e constituem verdadeiros circulos viciosos, quero dizer, que o autor aponta como causa da falta de immigração factos que são antes destinados a desapparecer justamente quando tivermos grande população. São cousas que não se podem remover por disposições legislativas, e que só uma população basta poderá affastar. D'este modo, não é porque taes factos se dão entre nós, que não vem cá a immigração; ao contrario, é porque esta não tem vindo que os factos se verificam.

Como poderá um paiz ainda em via de formação, como o Brasil, possuir, por exemplo, as vias de communicação, as industrias, as fabricas, as instituições economicas, as creações de credito, as fortes e amplas normas de vida governativa, commercial, social, politica e em geral todas as grandes maravilhas que fazem o orgulho de velhas nações como a Inglaterra, a Allemanha, a Italia, a França? Um impossivel a olhos vistos.

Só o trabalho lento do tempo é apto a desenvolver as forças latentes de nossa nacionalidade e produzir a evolução normal de nosso progresso.

Um dos maiores e mais nocivos erros, que vivemos todos nós aqui a commetter, é a velha mania da *europeolatria*, que envolve dois grandes despropositos, a subserviencia em imitar tudo que no velho mundo se faz, e a vaidade de querer parecer bem alli.

Não vemos diariamente homens politicos pôrem-se á frente de propagandas, anti-patrioticas e nocivas a nosso paiz, uns só pela mania de imitar, outros só para terem gabos dos circulos estrangeiros existentes aqui, serem falados nos seus jornaes e figurarem nas folhas européas? Não admira, pois, que haja quem faça as maiores loucuras para ser notado em França ou na Allemanha ou na Inglaterra ou na Italia...

Ninguem se quer contentar com a parca notoriedade, a

pequena fama que a patria póde dar... E' uma nota da psychologia brasileira.

D'este ultimo peccado parece não ser victima o barão de Paranapiacaba ; mas com certeza soffre do sestro da imitação européa em alta dóse. Fôra melhor que o seu livro fosse mais directamente um estudo da vida brasileira do que um apanhado de notas de auctores estrangeiros.

O nosso publicista negligenciou alguns dados, muitos dados do seu problema. Não tomou as questões de conveniente altura. De outra fórma, teria notado que a simples imitação do que se faz na Europa não é sempre o nosso mais acertado caminho, teria visto que temos acções a praticar, providencias a levar por diante que são o inverso do que se pratica em qualquer outra parte.

Sob o ponto de vista da colonisação, *verbi-gratia*, a teima em comparar nossas condições com as dos Estados-Unidos e Republica Argentina, as duas grandes nações americanas que recebem immigrantes, a referida teima é um horrendo absurdo.

Os Estados-Unidos são um paiz de clima quasi uniforme, com excepção do territorio comparativamente pequeno do extremo sul ás margens do Golpho mexicano. Possuia já uma população energica, apta a assimilar a de seus parentes allemães, quando estes começaram a affluir para alli. E estes espalhavam-se por toda a extensão do territorio, não indo acantoar-se n'um ponto, como se tem feito no Brasil. A nova população formou-se e cresceu, sem mudar de aspecto. Todos são *americanos* e falam inglez. E' singularissimo este facto : apezar dos muitos milhões de immigrantes entrados na republica, não haver um só districto, por pequeno que seja, d'onde a lingua ingleza tenha desapparecido e o americano seja considerado estrangeiro. E' o que não acontece no Brasil

A Republica Argentina é tambem inteiramente dissimilhante do nosso paiz. E' um territorio muito menor, muito mais igual pelo clima e mais unido geographicamente. A colonisação espalha-se e é facilmente assimilada. E, quando acontecer que o não seja, os Argentinos saberão por-lhe obices, como praticaram os Americanos com os Chins.

No Brasil nada se tem feito com plano e sob a direcção de ideias justas e scientificas.

Começou-se por desacreditar o clima de todo o norte e declarar aptas rara a colonisação sómente as quatro provincias do extremo sul.

Ficam possessos os fautores desse erro quando se lhes fala em espalhar os colonos por todo o paiz. E' que isto seria matar-lhes o plano de crear no sul uma população diversa da do resto do territorio, população que dentro de cincoenta ou sessenta annos dê o grito da rebellião separatista desmantelando assim aquella *famosa peça de architectura politica* de que falava o grande Andrada.

São notorios os argumentos terroristas d'essa gente contra quem não lhes facilita os planos. Conhecedores da vaidade nacional, que nos leva a todos á ambição de passarmos por *adiantados*, lançam em rosto aos adversarios o espantalho de *nativistas* e *atrazados!...* Diante da força probante de taes razões curvam-se todos. Entretanto, ainda é tempo de dizer a verdade.

Ha hoje tres systemas sobre a colonisação do Brasil por estrangeiros : *a)* o dos immobilistas intranzigentes que nada querem fazer por este lado ; *b)* o dos politicos interesseiros que aspiram pela transformação completa dos quatro Estados do Sul, e *c)* o da colonisação integral e progressiva. Este ultimo é o meu systema.

N'outro lugar d'este livro, tratando das lutas de brasileiros e portuguezes em 1822, a proposito do V. de S. Leopoldo, discuti rapidamente o facto da colonisação incompleta, aqui praticada pelos descobridores, e avancei algumas desconfianças sobre o futuro da raça portugueza n'este paiz, se não fôr convenientemente encaminhado o problema do moderno povoamento com elementos estrangeiros.

N'esta questão, minhas ideias resumem-se nas seguntes theses, offerecidas em estylo aphoristico para serem bem comprehendidas :

1.ª A antiga colonisação do Brasil pelos portuguezes foi lacunosa, especialmente no alto norte e grande oeste do paiz.

2.ª Mesmo no sul e leste sua influencia tende a diminuir, alli pela introducção de fortes elementos estranhos, e cá pela superabundancia dos mestiços de sangue indio e africano ;

3.ª O meio de formar no Brasil uma nação forte é attrahir a colonisação estrangeira por modo diverso do que tem sido até agora praticado ;

4.ª Deve-se acabar com o systema de cuidar só do sul, deixando o norte e o centro em completo esquecimento.

5.ª E' preciso acabar uma vez por todas com o descredito que estultamente foi lançado sobre o clima do norte e do oeste do paiz, reconhecendo que em todo o vasto planalto brasileiro ha zonas perfeitamente appropriadas á colonisação européa ;

6.ª Não faço distincção entre europeus do Norte ou do Sul para a immigração brasileira; todos são perfeitamente aptos, com a condição de misturarem-se e espalharem-se por todo o paiz;

7.ª Este systema de colonisação integral do Brasil, assimilando os elementos estrangeiros, maximé portuguezes, é prevídente e patriotico, sem ser por fórma alguma hostil aos europeus ;

8.ª Muito, pelo contrario, é contar sempre e sempre com elles para a organisação e engrandecimento de nossa patria.

9.ª Não se devem, porém, despresar os elementos nacionaes, que podem ser aproveitados para a colonisação geral.

E' esta a summa das minhas ideias. Não ha ahi exagerado *nativismo*... Acendrado patriotismo é que n'ellas palpita. Negal-o ? Só o poderão fazer os rabulas da politiquice...

Da leitura do livro do barão de Paranapiacaba bem se deduz não ser elle d'este numero, e o digo em honra sua.

CAPITULO II

Poesia. — Segunda phase do romantismo.

E' agora a segundo momento do romantismo brasileiro, a phase inaugurada por Gonçalves Dias. E' o seu ponto culminante. O poeta maranhense e José de Alencar, o celebre romancista do Ceará, são inquestionavelmente os dois mais illustres e significativos typos da litteratura romantica entre nós.

Talentos omnimodos, quer um, quer outro, prendem-se pelo laço commum do *indianismo* e pela patriotica empreza de, evitando os exclusivos moldes portuguezes, dar côres proprias á nossa litteratura. Caminharam impavidos para a frente, guiados por seu ideial, alentados pelo enthusiasmo das boas causas.

Quasi não ficou um recanto das patiras letras em que elles não pozessem as mãos e com ellas os brilhos de seus talentos e os sons festivos de suas victorias.

Na poesia, no theatro, na historia, na ethnographia Gonçalves Dias fez-se ouvir com elevação e inquestionado valor.

Romance, drama, comedia, folhetim, politica, critica, polemica, poesia, por tudo passou José de Alencar e seria preciso torcer e marear a imparcialidade da historia para negar-lhe os desusados titulos de seu merecimento.

Eu não sou e nunca fui indianista : sempre estive na brecha batendo os exaggeros do systema, quando das mãos dos dois grandes mestres passou ás dos sectarios mediocres. Mas esse velho, e por mim tão maltratado indianismo, teve um grandissimo alcance : foi uma palavra de guerra para unir-nos e fazer-nos trabalhar por nós mesmos nas letras.

Conseguido esse resultado, os dois chefes calaram as tiorbas selvagens e empunharam outros instrumentos. E, d'est'arte, a mor porção de suas obras é construida fóra das

inspirações do indianismo; mas as melhores, porque escriptas com toda a alma, são as que ficam dentro do circulo d'aquelle. E' por isso que as *poesias americanas* são ainda e sempre as mais saborosas de Gonçalves Dias, e o *Guarany* e a *Iracema* os mais valentes romances de José de Alencar.

A maior vantagem da romantica entre nós, já o disse uma vez e o repito agora, foi afastar-nos da exclusiva influencia, da imitação portugueza. O romantismo portuguez possuia um triumvirato, por todos admirado, em que era vedado tocar: Garrett, Herculano e Castilho. Tiveram no Brasil admiradores e não tiveram imitadores. Isto é significativo.

Os talentos nacionaes, embebidos na contemplação da natureza e da vida americana e das bellezas da litteratura européa, não quedaram a imitar os tres corypheus luzos.

Devemos isto aos Gonçalves Dias, aos Alencares, aos Pennas, aos Macedos, aos Alvares de Azevedo, aos Agrarios.

Antonio Gonçalves Dias (1823-1864) não precisa que lhe trace a biographia. Este trabalho está feito, definitivamente feito, por Antonio Henriques Leal no III vol. do *Pantheon Maranhense*. Consignarei apenas algumas datas e farei algumas observações que me ellas despertam. As datas ajudam a comprehender a formação do talento do poeta dos *Tymbiras*. Elle é um completo producto de sua raça, do meio em que passou a infancia e dos estudos que fez em Coimbra. As viagens posteriores de quasi nada lhe serviram.

Nascido em 1823 em Caxias, passou ahi e em São Luiz os quinze primeiros annos de sua vida. De 1838 a 1845 viveu em Portugal, formando-se em direito na Universidade coimbrã. Foram sete annos que alguma cousa lhe deixaram no espirito.

Passando rapidamente pelo Maranhão (1845-46), em meiados de 1846 achou-se no Rio de Janeiro que habitou seguidamente até 1854, fazendo apenas uma rapida viagem ao norte (1851). De 54 a 58 viveu na Europa, que tornou a visitar de 1862 a 64, anno em que fallaceu de volta ao Brasil. O inter-

vallo de fins de 1858 a 62, passou-o em viagens pelas provincias do Norte na celebre *commissão das borboletas.*

Em 1862 antes de seguir pela ultima vez para o velho mundo, á busca de melhoras para sua saude, tocou ainda rapidamente no seu amado Rio de Janeiro.

Gonçalves Dias morreu aos quarenta e um annos ; d'estes, treze a quatorze foram passados na Europa e o resto no Brasil.

Taes algarismos não vêm aqui a êsmo ; comparados áquelles em que appareceram os seus livros, e já foram indicados ao tratar do barão de Paranapiacaba, bem mostram que o poeta, morto em 1864 aos quarenta e um annos, se tivesse desapparecido em 1854, aos trinta e um, nós teriamos o nosso Gonçalves Dias completo.

Todas as suas obras foram escriptas até esse anno, comprehendendo os *Cantos*, os dramas, os artigos de critica da historia do Brasil, os *Tymbiras*, e o trabalho ethnographico sob o titulo *O Brasil e a Oceania.*

Em dez annos (44-54) Gonçalves Dias desenvolveu pasmosa actividade. O ultimo decennio foi relativamente esteril : relatorios, dando conta de commissões que exerceu, e um punhado de poesias originaes e traduzidas, são os productos d'esse tempo.

De resto, cumpre notar que o poeta maranhense não passou por dois grandes flagellos que assaltam de ordinario os homens de letras n'este paiz : a guerra litteraria e a penuria economica. O talento do poeta não foi jámais contestado. Contribuiu muito para isto o artigo encomiastico escripto por Alexandre Herculano sobre os *Primeiros Cantos.* Não passou por grandes difficuldades para viver. Teve sempre empregos e boas commissões. N'este sentido foi de grande auxilio a amisade que lhe votou sempre o segundo imperador.

No moço maranhense existem quatro aspectos principaes, ja o deixei ver : o poeta, o dramatista, o critico de historia e o ethnologo.

Apreciemol-os, principiando pela sua feição preponderante, o poeta.

Ha vinte maneiras diversas de estudar e apreciar um escriptor. Podem-se procurar as relações geraes que elle teve com a cultura de seu tempo, mostrando o que lhe deveu e em que a adiantou ; podem-se, em dadas circumstancias, indagar o que fez e o que representa na evolução intellectual de seu paiz ; póde-se-lhe desmontar o espirito, procurando os elementos que o constituiram e qual a tendencia que n'elle predominou.

N'esta investigação deve-se apontar a acção do meio physico e social, a parte da *natura* e a parte da *cultura*, insistir nos elementos hereditarios accumulados na *raça*, e os elementos novos provenientes da *educação* scientifica.

Póde-se-lhe fazer apenas uma apreciação esthetica, a definição do genero em que figurou ; póde-se fazer a pintura de seus modos, sestros, impulsos e *tics*, quadro physiologico.

Pode-se desfiar o encadeiamento normal de suas ideias, quadro psychologico.

Póde-se fazer a simples critica impressionista, dizendo o genero e a indole das emoções que desperta.

Póde-se, que sei eu ? limitar a gente a apontar simplesmente suas obras e o conteudo geral d'ellas, ou tomar outro caminho qualquer.

Qual d'estes methodos vou applicar a Gonçalves Dias ?

Não sei. Digo o que penso d'elle, sem me preoccupar com systemas e amaneirados criticos.

O auctor de *Marabá*, da *Mãe d'Agua*, do *Leito de Folhas Verdes*, do *Gigante de Pedra*, do *Y Juca-Pirama*, dos *Tymbiras*, que é tambem o auctor das *Sextilhas de Frei Antão*, isto é, o auctor do que ha de mais nacional e do que ha de mais portuguez em nossa litteratura, é um dos mais nitidos exemplares do povo, do genuino povo brasileiro. E' o typo do mestiço physico e moral de que tenho falado repetidas vezes n'este livro. Gonçalves Dias era filho de portuguez e mameluca, quero dizer, descendia das tres raças que constituiram a população nacional e representava-lhes as principaes tendencias.

O mestiçamento, como se sabe, é no seu inicio uma fonte de perturbações e desequilibrios.

O mestiço é o depositario de tendencias, indoles e inclinações diversas, que nem sempre acham um ponto de apoio, ordem e fixidade. D'ahi o seu caracter inquieto, contradictorio, anormal. Tal a razão da constante turbulencia das populações americanas.

Creio que foi Herbert Spencer quem primeiro tirou seguras illações d'esse estado physiologico dos povos do continente para a sua politica. E' de esperar, porém, que uma mais forte acção do tempo acabe por trazer-nos a tranquillidade organica e social a nós os americanos.

Nosso poeta aos africanos, o sangue que menos lhe corria nas veias, deveu aquella espansibilidade de que era dotado, aquella ponta de alegria que não o deixou jámais e que especialmente noto em suas cartas.

Aos indigenas, as melancolias subitas, a resignação, a passividade com que supportava os factos e acontecimentos, deixando-se ir ao sabor d'elles.

Aos portuguezes deveu o bom senso, a nitidez e clareza das idéas, a religiosidade que o não abandonou jámais, a energia da vontade, as preoccupações phantasistas, um certo ideialismo morbido e impalpavel.

Juntae a tudo isto fortes impressões de luzes e côres e vida e movimento, fornecidas pela natureza tropical, que se expande pela região em fóra que vae de Caxias a São Luiz, juntae ainda as scenas maritimas da primeira viagem a Portugal, não esqueçais os quadros da natureza e da vida provinciana no velho reino, e nem tão pouco os panoramas indescriptiveis do Rio de Janeiro e região circumvisinha; trazei a esse concurso de factos e circumstancias as leituras dos poetas latinos e modernos, o estudo das chronicas coloniaes, e tereis os elementos predominantes e fundamentaes do talento poetico d'esse valente e mimoso lyrista.

Se Gonçalves Dias tivesse sido uma mediocridade, teria ficado exclusivamente n'aquella poesia piegas do tempo do *Trovador* de Coimbra, nota predominante na litteratura por-

tugueza do tempo em que o maranhense fez alli o curso de direito.

Garett, Herculano e Castilho em 43-45, annos ultimos passados pelo poeta em Portugal, já tinham publicado suas principaes obras e já eram notabilidades indiscutidas lá. Mas a evolução natural do romantismo tinha já attingido a phase do sentimentalismo affectado e esterilisante. O maranhense, já de si bastante melancolico, aprendeu aquella maneira e deixou-se eivar da molestia geral.

O sentimentalismo é, por certo, uma das notas mais intensas do seu trovar ; é preciso, entretanto, ser muito surdo para não ouvir que um intenso naturalismo americano, um certo mysticismo religioso, e o calor e a effusão lyrica juntam ás notas monotonas d'aquelle sentimentalismo as volatas e as fanfarras de uma poesia variada, ampla, serena, meiga, ousada e embriagadora.

A volta do poeta para o Brasil, sua nova estada no Maranhão, sua subsequente partida para o Rio de Janeiro entram como factores na formação de seu talento. A's primitivas impressões americanas tinham-se juntado as impressões do meio portuguez. Se elle tivesse sempre permanecido alli, se novas sensações, novas fontes de vida e poesia não se lhe viessem juntar no espirito, não teria passado, como Gonçalves Crespo, de um poeta delicado, geitoso, miniaturesco, porém mediano.

O direito, dizem os modernos juristas allemães sectarios do darwinismo, é uma funcção da vida nacional, é um producto cultural de uma raça, de um povo dado. Póde-se dizer o mesmo da poesia ; ella tambem é uma funcção da vida nacional ; uma poesia geral para todos os povos é alguma cousa de analogo a um direito, uma lei para todas as nações.

E' por isso que o criterio ethnographico, introduzido por mim na critica nacional desde 1869-70, é ainda hoje a meus olhos a base principal da comprehensão das litteraturas, nomeadamente a litteratura de um povo misturado como o povo brasileiro. Emquanto não houver aqui uma bem nitida comprehensão d'essa ordem de ideias, a politica e a vida social serão o objecto de investigações e expedientes pura-

mente empiricos, a litteratura e a critica serão apenas uma rhetorica banal mais ou menos habilmente manejada.

Quatro seculos foram sufficientes para crêar n'este paiz uma população exclusivamente nacional, que se distingue já perfeitamente dos factores que a formaram, população que se vae cada vez mais integrando á parte e tendendo a regeitar as influencias estranhas. Logo no fim de dois seculos o indio tinha dado quasi tudo que podia dar e começou a ser considerado como força inerte; ao cabo de tres seculos comprehendeu-se que o portuguez, como chefe, era já um obstaculo e separamo-nos d'elle.

Chegamos depois ao ponto de dispensar o concurso do negro; já lhe vedamos ha muito as entradas com a extincção do trafico, e não contamos só com elle para o trabalho; estamos com a escravidão acabada.

O significado historico d'esses factos é que os tres elementos primitivos da população já deram, como elementos separados, o que tinham de dar; o povo *brasileiro* deve-se considerar em essencia *constituido*, e, a esforços de trabalho, energia, bom senso e perseverança, adquirir o seu lugar na historia e na politica do mundo.

Se, porém, acha que não tem ainda forças bastantes para as grandes luctas do progresso, se ainda precisa do auxilio de braços e intelligencias de estranhos, dirija a innoculação dos elementos immigratorios e coloniaes com tino e criterio. Não entregue zonas inteiras aos estrangeiros; espalhe-os por todo o paiz e assimile-os.

Esta é que é a ideia patriotica, ensinada pela historia de nossa propria patria, sobre a immigração. Não os planos, filhos do interesse pessoal de espiritos nocivos, como certos politicos perigosos, que ainda nos podem causar males irreparaveis...

Não cesso de combater ideias que julgo prejudiciaes ao progresso e á unidade do povo brasileiro.

Em um paiz como o nosso, ainda novo, sem tradições bem formadas, sem cohesão social bem compacta, nunca é de mais insistir sobre o seu caracter popular e historico.

Ainda mais é isto indispensavel, tratando-se de um poeta

como Gonçalves Dias, um genuino brasileiro, um mestiço physico e moral, que será ainda por muitos seculos uma das mais authenticas manifestações d'alma d'este povo.

Uma critica mesquinha e incorrecta espalhou ahi ter sido o poeta maranhense um exaggerado cantor de indios, não se occupando de mais nada. Não póde haver maior injustiça.

A verdade é que o poeta, evidentemente sem plano escolastico, espontaneamente e sem impulsos doutrinarios, deixou-se influir pela vida dos selvagens, como em *Y Juca-Pirama* e dez outras composições; pelas tradições portuguezas, como nas *Sextilhas de Frei Antão* e em *Leonor de Mendonça;* pelos soffrimentos dos escravos pretos, como na *Escrava* e na *Meditação.*

A vida e os sentimentos, as phantasias dos mestiços, dos brasileiros propriamente ditos, não são esquecisdos. Bem pelo contrario, *Marabá*, a *Mãe d'Agua* e vinte outras o attestam. Um talento, como o de Gonçalves Dias, não podia ficar na poesia pura e exclusivamente indiana, e de facto não ficou. A poesia pessoal e subjectiva, a poesia exterior e descriptiva, além de todas aquellas notas acima indicadas, inebriaram a alma do sonhador brasileiro.

O mesmo se deu com Alencar, que tratou do indio puro no *Ubirajára*, do indio em contacto com os colonisadores em *Iracema* e *Guarany*, da vida colonial nas *Minas de Prata*, da vida dos sertões do norte no *Sertanejo*, da vida das fazendas do sul em *Til* e no *Tronco do Ipê*, da vida elegante do Rio de Janeiro em *Senhora*, *Luciola*, *Diva*, *Sonhos de Ouro*, de nosso viver burguez no *Demonio Familiar*... Isto para só lembrar suas principaes obras.

Teria sido uma lacuna imperdoavel, se esses dois grandes agitadores da litteratura brasileira tivessem olvidado os indios; teria sido censuravel curteza de vistas, se nos quizessem perpetuamente molestar com elles. Tiveram o bom senso de se conservar no justo meio termo.

Eu bem sei que houve ahi uma hora de desvairamento em que se quiz pregar como verdade absoluta só ser brasileira a producção que cheirasse a caboclos...

A chamada poesia puramente indiana é uma poesia biforme, que nem é brasileira, nem indigena. A raça selvagem, com todos os encantos e allucinações do homem criança, virgem e travessamente agradavel, com todos os apparentes effluvios de poesia immensa, é hoje vulto mudo a esvair-se no centro de nossa vida, no marulho de nossa civilisação. Não quiz ou não poude sentir as agitações de um outro viver, escutar os ruidos de outras fórmas de anceios, de liberdade, de crenças, de luctas que a turba, ás vezes tyrannica, dos conquistadores lhe quiz fazer entender. A raça selvagem está morta; nós não temos nada mais a temer ou a esperar d'ella. O colono europeu não teve que dar grandes batalhas a um inimigo tenaz; teve que presenciar o desfilar triste e compungidor da multidão selvaticamente boa e sympathica dos adoradores de *Tupan*...

Todos conhecem os poucos casos de resistencia da parte dos indio, todos se lembram da retirada de *Japy-Assú* á frente das tribus do interior, que só pararam, diz a lenda, diante do Amazonas, força bastante valente para as fazer suster.

O espectaculo é triste : aquelle povo não tinha o sentimento profundo e apaixonado da patria; não palpitava n'elle ao menos o valor de heróes, que inspirára uma pagina brilhante da historia da Grecia, a dignidade de fugir combatendo que nobilitou a retirada dos *Dez Mil.*

Ainda hoje foge diante da civilisação. Como que uma lei desconhecida o repelle para longe de nossas istituições; parece que *Anhangá* borrifou sobre elle todas as lagrimas da desgraça !...

O indio não representa, entre nós, por exemplo, o que em França significava o velho fundo da população *gallo-romana*, o terceiro estado, o povo que fez a *Revolução*. Embalde se procurará um serio e profundo principio social e civil deixado por elle. Em pouco modificou o genio, o caracter dos conquistadores.

A razão está, me parece, n'esta lei historica da conquista da America : quanto mais civilisada era a população indigena, tanto mais résistia e deixava vestigios. A inversa é verda-

deira. As dominações dos imperios adiantados do Mexico e do Perú e a do selvatico Brasil a confirmam.

Um povo que fugiu difficilmente poderia deixar impressos no vulto do que lhe occupou o lugar os seus toques, ainda os mais decisivos. O indio não é o brasileiro. O que este sente, o que busca, o que espera, o que crê, não é o que sentia, procurava, ou cria aquelle.

São, pois, o genio, a força primeira do *brasileiro* e não os do *gentio* que devem constituir a poesia, a litteratura nacional.

O indio não deixou uma historia por onde procurassemos reviver sua physionomia perdida. Não nos póde dar, por exemplo, o romance historico ou o romance de costumes propriamente taes. Não conhecemos sua vida *intima*. E que no fundo hão revelado sobre elle quantos o têm estudado nos seus romances e nos seus poemas ? O que tem dito se reduz a uma exposição de usanças meramente exteriores, conhecidas desde o seculo XVI, e que todos trajam de um só modo em rigor.

Argumentam com F. Cooper ; é um grave equivoco. A gloria do romancista americano provém propriamente de seu estylo vivo e penetrante ; não de haver descripto a estatura do selvagem, no que, aliás, ficou atraz de Agostinho Thierry, no pensar de Guizot.

Ninguem tomará, certamente, o pinturista historiador francez por um poeta *anglo-saxonio* ou *normando*, por haver brilhantemente descripto esses povos ainda em estado de barbaria.

Cooper tambem nada tem de *pelle-vermelha*. Foi, talvez, mais feliz nos seus romances de marinha. Não creou uma litteratura para sua patria, por haver falado de selvagens ; Chateaubriand o precédera e tão pouco a creara para lá ou para a França. Por seu talento vivaz, o americano imprimiu ao romance historico uma côr mais animada, ainda que mais falsa, do que lhe déra Walter-Scott, e mais nada.

Será um dos fundadores da litteratura de seu paiz por outros serviços, não especialmente por falar de caboclos, que lá se acham agora reduzidos a diminutissimo numero, e ainda fugindo da civilisação, que lhes causa susto.

O senso popular despresou tal poesia, porque não é a sua, porque não fala das suas esperanças. Os mais vulgares principios darte a condemnam tambem. A velha e soberana verdade que a litteratura é a grande arteira, o pulso da sociedade, que soffre de suas agitações, de suas ancias, tambem se lhe oppõe. A escola puramente indiana está desacreditada; os melhores poetas do paiz andam já desde muito por outro lado.

O pensamento d'aquella escola encerra para quem bem attender á estructura actual da sociedade brasileira, quem reflectir sobre suas leis historicas, alguma cousa que é a negação do genio *nacional*. Diz-nôs em sua pretenção de glorias : não tendes um intimo vosso, não podeis achar poesia no vosso proprio ser, sois uma estatua morta, sem vida, sem palpitações, que necessita pedir aos homens, perseguidos por vossos maiores, um enlevo que vos inspire. E' pungente...

Para quem assim comprehende as cousas, individualidade d'um povo, genio d'uma nação é palavra balofa que no brasileiro exprime nada, que só no *tupy* póde achar esse *quid* ignoto que elle nos póde emprestar.

A nacionalidade da poesia brasileira só póde ter uma solução : — acostar-se ao genio, ao verdadeiro espirito popular, como elle sae do complexo de nossas origens ethnicas. E' uma questão de instincto dos povos essa do nacionalismo litterario. Isto vem espontaneamente ; as nações têm todas uma força particular que as define e individualisa. Todos sabem qual é ella no inglez, no allemão, no francez... Tambem teremos, se o não temos ainda bem definido, o nosso espirito proprio.

O genio d'este paiz, ainda vago e indeterminado, um dia, ouso esperal-o, se expandirá aos raios de um forte ideial que o ha-de fecundar. Andar, porém, estonteado hoje, como sempre, no empenho de nacionalisar a poesia, a litteratura, parece-me cousa igual á lucta inutil do antigo vidente, do antigo propheta quando buscava furtar-se á acção do Deus que o dominava... O *indicio* nacional ha-de apparecer, sem que haja necessidade de o procurar adrede ; o poeta é antes de tudo homem e homem de um paiz. Seus sentimentos mais

arraigados, as inclinações mais fortes de seu povo hão-de forçosamente apparecer.

As leis da selecção na litteratura e no povo brasileiro dão a perceber que a raça que ha-de vir a triumphar na lucta pela vida, n'este paiz, é a raça *branca.* A raça selvagem e a negra, uma espoliada pela conquista, outra embrutecida pela escravidão, pouco, bem pouco, cnseguirão directamente para si. Os seus proprios recursos volver-se-hão em vantagem dos brancos.

Prova-o o facto do cruzamento em que tendem a predominar o typo e a indole do europeu, ajudado pela mescla do sangue selvagem e negro, o que mais o habilita a supportar os rigores de nosso clima.

Se houvera necessidade de fazer applicação rigorosa ao Brasii da theoria ethnologica procurando a raça que definitivamente nos represente, melhor que Portugal o nosso paiz offereceria ampla possibilidade para a empreza; porque não fôra preciso levantar á altura de uma *raça* uma simples *classe* da população, como alli praticou alguem com os *mosarabes.* Entre nós o concurso de tres raças inteiramente distinctas, em todo o rigor de expressão, deu-nos uma sub-raça, propriamente brasileira-o *mestiço.* O elemento mais progressivo tera sido o branco, que vae assimilando o que de necessario á vida lhe podem fornecer os outros dois factores.

A historia o prova ; ella nos mostra a intelligencia e a actividade mais especialmente residindo no branco puro ou no mestiço ; e nunca no indio ou no negro estremes de qualquer mistura.

Mas como o branco inteiramente puro, cousa que se vae tornando cada vez mais rara no paiz, pouco se distinguiria de seu ascendente europeu, é indispensavel convir que o *typo*, a encarnação perfeita do genuino *brasileiro*, como a selecção biologica e historica o tem produzido, está, por emquanto, na vasta classe de mestiços de toda a ordem na sua immensa variedade de côres.

Esta grande fusão ainda não está completa, e é por isso que ainda não temos um espirito, um caracter inteiramente *original.*

Minha these, em resumo, é que a victoria na lucta pela vida, entre nós, pertencerá no porvir ao branco ; mas que este, para esta mesma victoria, attentas as agruras do clima, tem tido necessidade do aproveitar-se do que de util as outras duas raças lhe têm podido fornecer, maximé a preta, com que tem mais cruzado.

Pela selecção natural, todavia, depois de prestado o auxilio de que necessita, o typo branco irá tomando a preponderancia até mostrar-se talvez depurado e bello como no velho mundo. Será quando já estiver melhor acclimado no continente.

Dous factos contribuirão principalmente para tal resultado : de um lado a extincção do trafico africano e o desapparecimento constante dos indios, e de outro a crescente immigração européa. Esta, porém, deverá ser bem dirigida, deverá ser bem espalhada, para não ser desequilibrado o paiz, e não desapparecer o primitivo elemento portuguez, que nos creou.

A' luz de taes idéas, de accôrdo com as vistas mais profundas da sciencia de hoje, nenhum é o papel reservado ao *indianismo* exclusivo e systematico.

O leitor comprehenderá a razão de discutir eu insistentemente, tratando de Gonçalves Dias, a questão do indianismo. Foi uma poesia util como um tonico, um abalo necessario imposto aos nervos de nossos burguezes para os arredar da mania das imitações européas ; mas não podia ser exclusivista.

Encaremos ainda mais de perto o nosso auctor.

Gonçalves Dias em sua carreira propriamente de poeta atravessou duas phases, ambas muito curtas, porém ambas bem distinctas uma da outra. De 1840 a 1845 é a phase de Coimbra ; o poeta escreveu então grande parte das peças que figuram nos *Primeiros Cantos*. As melhores d'este volume, é verdade, fóram escriptas no Maranhão nos mezes de 1845 a 46 que o auctor alli passou.

Desde numero são as poesias *Seus Olhos* e *Adeus aos meus Amigos do Maranhão*.

Faço aqui incidentalmente uma notação e é esta : de decennio em decennio a litteratura brasileira fez no XIX seculo um progresso que se assignalou pela publicação de um livro : em

1836 os *Suspiros poeticos* de Magalhães, em 1846 os *Primeiros Cantos* de Gonçalves Dias, em 1856 o *Guarany* de Alencar, em 1866 os *Cantos e Phantasias* de Varella, em 1876 o *Selvagem* de Couto de Magalhães e os *Ensaios de Sciencia* de Baptista Caetano, em 1886 os *Menores e Loucos em direito criminal*, de Tobias Barretto.

A segunda phase da vida poetica de Gonçalves Dias é tambem de cinco annos em rigor, vae de 1845 a 1850 ; pois que os *Ultimos Cantos*, publicados em 1851, já estavam promptos desde o anno anterior. Depois d'esta epoca o poeta quasi mais nada produziu. Não se poderá talvez dizer que tenha influido para isto em qualquer gráo e em qualquer sentido seu casamento, effectuado em 1852.

E' preciso definir mais directamente o talento deste mestiço.

Elle era antes e acima de tudo um poeta : tinha a vibratilidade das sensações, a ideiação prompta e mobil, a linguagem fluida, sonora e cadente, o espirito sonhador e contemplativo, a imaginação sempre prompta a desferir o vôo. Não era da raça d'aquelles que confudem a poesia com a eloquencia, a musica d'alma com os sons de um instrumento.

« Ha poetas, diz um grande critico, ha poetas para os quaes a poesia é um instrumento encantado, a rabeca de Paganini, ou um outro instrumento qualquer, mas em summa um instrumento de virtuosidade. Ha outros para quem a poesia é uma voz, uma linguagem, a expressão natural e espontanea d'alma. Victor-Hugo é o maior d'entre os primeiros ; Racine, André Chenier, Lamartine são da ultima familia. »

Gonçalves Dias é tambem d'esta derradeira familia. Entra bem n'esse grupo seleccionado por Scherer, auctor d'aquellas palavras.

Gonçalves Dias era sobretudo um poeta, já disse ; falta ajuntar que na poesia era sobretudo um lyrico. Mas que vem a ser um *lyrico ?* Podem-se dar vinte respostas a esta pergunta.

Eugenio Fromentin, o illustre pintor e critico, assim define o genero, falando de Rubens :

« Tout cela nous conduit à une définition plus complète en-

core, à un mot que je vais dire et qui dirait tout : Rubens est un *lyrique* et le plus lyrique de tous les peintres. Sa promptitude imaginative, l'intensité de son style, son rythme sonore et progressif, la portée de ce rhythme, son trajet pour ainsi dire vertical, appelez tout cela du lyrisme, et vous ne serez pas loin de la vérité » (1).

Para Fromentin são, pois, a promptidão da imaginação, a intensidade do estylo, seu rythmo sonoro e progressivo, a altura d'este rythmo, que constituem a essencia do *lyrismo*.

Não é precisamente n'este sentido que entendo a palavra e o facto que ella exprime ; não é pelo menos n'este sentido que a applico a Gonçalves Dias. Elle tinha, por certo, imaginação agil, tinha brilho de estylo, tinha sonoridade de rythmo ; porém não são essas as qualidades que mais o distinguiram. Parece-me que a justeza do sentimento, a doçura das imagens, a delicadeza das tintas, a facilidade das ideas, a espontaneidade da fórma, o vôo sereno de todas as forças mentaes, eram de preferencia seus predicados. Tudo isto n'uma alma profundamente sincera.

Eu não quero tecer encomios ao poeta ; não sou um fazedor de elogios. Não quero trepar o escriptor maranhense em pedestal tão alto que o não possa depois enxergar. Estou julgando o poeta em primeira instancia ; estou vendo-o no meio de seus pares do Brasil e de Portugal ; não o quero equiparar aos primeiros lyristas de seu seculo em todo o mundo, ainda que, estou certo, elle seria bem recebido em tão brilhante companhia.

Percorrei toda a collecção dos *Cantos*, e convencer-vos-heis que *Seus Olhos*, *Rosa no Mar*, *Lyra*, *Os Suspiros*, *A Tempestade*, *Não me deixes*, *Zulmira*, *A Uma Poetisa*, *Rola*, *Ainda uma vez — adeus*, *A Flôr de Amor*, *Gulnare e Mustaphá*, *O Gigante de Pedra*, *Leito de Folhas Verdes*, *Y-Juca-Pirama*, *Marabá*, *A Mãe d'Agua*, *Olhos Verdes*, *Menina e Moça*, *Velhice e Mocidade*, *O Anjo da Harmonia*, *A Concha e a Virgem*, *Meu Anjo — escuta*, *O Beijo*, *Saudades* e algumas outras são

(1) Les Maîtres d'autrefois, pag. 93.

bellissimas poesias, das mais encantadoras da lingua portugueza.

Não faço especial menção dos *Tymbiras*, porque não passam elles de um fragmento de poema sem caracter epico, d'onde se colhem apenas alguns pedaços lyricos.

Não é preciso citar trechos e trechos de Gonçalves Dias para comprovar o que tenho avançado ; porque suas obras são de facil accesso ; elle é, com Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varella e poucos outros, do numero dos poetas mais populares no Brasil. Não me julgo, porém, desobrigado de indicar ainda algumas notações para a boa comprehensão do poeta.

Teve, como em parte já disse, perfeita intuição do problema ethnographico em o Brasil. Não se deduz este facto da simples consideração exterior da escolha de certos assumptos. Do intimo de alguns cantos brotam as notas comprobatorias do que affirmo.

No *Gigante de Pedra* lê-se isto :

« E no feretro de montes
Inconcusso, immovel, fito,
Escurece os horisontes
O gigante de granito :
Com soberba indifferença
Sente extincta a antiga crença
Dos Tamoyos, dos Pagés ;
Nem vê que duras desgraças,
Que lutas de novas raças
Se lhe atropellam aos pés!

Viu primeiro os *incolas*
Robustos das florestas,
Batendo os arcos rigidos,
Traçando homereas festas,
A' luz dos fogos rutilos,
Aos sons do murmuré!
E em Guanabara esplendida
As danças dos guerreiros,
E o guau cadente e vario,
Dos moços prazenteiros,

E os cantos da victoria
Tangidos no boré.

E das ygaras concavas
A frota aparelhada,
Vistosa, e formosissima
Cortando a undosa estrada,
Sabendo, mais que frageis,
Os ventos contrastar :
E a caça leda e rapida
Por serras, por devezas,
E os cantos da janubia
Junto ás lenhas accesas,
Quando o *tapuya* misero!
Seus feitos vae narrar!

E o germen da discordia
Crescendo em duras brigas,
Ceifando os brios rusticos
Das *tribus* sempre amigas,
— *Tamoy* a raça antigua,
Feroz Tupinambá!
Lá vae a gente improvida,
Nação vencida, imbelle,
Buscando as matas invias,
D'onde outra *tribu* a expelle ;
Jaz o pagé sem gloria,
Sem gloria o maracá!

Depois em náos flammivomas
Um troço hardido e forte,
Cobrindo os campos humidos
De fumo, e sangue, e morte,
Traz dos reparos horridos
D'altissimo pavez :
E do sangrento pelago
Em miseras ruinas
Surgir galhardas, limpidas
As *portuguezas* quinas,
Murchos os lises candidos
Do improvido *gaulez!* »

O poeta possuia a intuição historica e ethnica d'este paiz, o que importa um elogio, attenta a ignorancia, por assim dizer systematica, dos nossos homens de letras em tudo o que se refere a assumptos nacionaes.

Presentiu, adivinhou intelligentemente a importancia das crenças fetichistas dos aborigenes. Elle não ficou em a descripção puramente exterior dos costumes indigenas. Na memoria *O Brasil e a Oceania* penetrou-lhes nas crenças, e, logo nos primeiros versos dos *Tymbiras*, mostra que na poesia comprehendia a importancia d'aquella região psychologica :

« Os ritos semi-barbaros dos Piagas,
Cultores de Tupan, e a terra virgem
D'onde como d'um throno, emfim se abriram
Da Cruz de Christo os piedosos braços ;
As festas, e batalhas mal sangradas
Do povo Americano, agora extincto,
Hei-de cantar na lyra... »

E' conhecido hoje o valor especial que a philosophia e a sciencia moderna em geral ligam ás crenças dos selvagens e do homem primitivo.

Gonçalves Dias, com ser muito catholico, se não dedignou de demorar-se no *fetichismo* barbaro.

Creio que o primeiro que o elogiou por esta face particularissima foi o Sr. Teixeira Mendes ; acho-lhe toda razão, sendo preciso ajuntar que o poeta teve em geral a intuição do estado subjectivo das populações brasileiras, não se limitando ao velho fetichismo tupy, como suppõe o Sr. Mendes. Os documentos d'esta asserção andam esparsos por suas obras, bastando-me lembrar a *Mãe d'Agua.*

Outra nota muito particular da poesia de Gonçalves Dias é a verdade e a intensidade de tons que lhe vem de seu viver intimo, psychologico. O poeta soffreu e as recordações são a trama perpetua de sua poesia. Ainda até nas descripções de scenas exteriores, como acontecia ao seu coevo Dutra e Mello, vinham as *recordações* assaltal-o.

Eu sou do numero d'aquelles que ainda apreciam a poesia intima, recordativa, pessoal. Faço minhas estas palavras de

Francesco de Sanctis, falando das *Contemplações* de Victor Hugo :

« Indietro dunque ! accettiamo le consolazione che il poeta offre a sè, e ad altrui, e viviamo di memorie. *Autrefois !* Di rimembranza in rimembranza, di dolore in dolore, giungiamo alla nostra etá fiorita, quando per noi il cielo era ancora azzurro ed il prato ancor verde : a ciascuna pagina di queste poesie è attaccata una nostra memoria, un fantasma, che ci si leva ritto dinanzi, e ci dice : Ti ricordi ? E noi benediciamo la poesia, che con un tratto di penna ci apre il regno della morte ed evoca le ombre de nostri cari » (1).

O conego Fernandes Pinheiro disse uma vez que os *Canticos Funebres* de Magalhães são superiores ás *Contemplações* de Hugo. Eu não conheço uma igual heresia em critica littteraria. Não cahirei no lapso de julgar superiores os *Cantos* á obra magnifica do poeta francez, que se me antolha a melhor de quantas produziu. Nem é mais aquelle lyrismo limpido e brihante, mas de curtos horisontes das *Odes e Balladas* e das *Orientaes*, não é tambem aquella poesia ousada, de largas perspectivas, mas palavrosa, da *Lenda dos Seculos*, da *Piedade Suprema* e dos ultimos livros do poeta. E' um lyrismo valente, impetuoso, ardente e ao mesmo tempo reflexivo, meditabundo, um consorcio soberbo de philosophia e poesia. Creio não errar dizendo ser aquelle bello livro a obra *maitrèsse* do poeta francez. Os *Cantos* de nosso patricio não chegam tão alto ; porem supportariam muito melhor o parallelo do que os *Canticos Funebres* do poeta fluminense.

Em todo caso, o pensamento de De Sanctis sobre o papel das recordações, das memorias da alma na poesia de XIX seculo é applicavel aos *Cantos*. Ha alli muita composição mimosa que são como folhas arrancadas do coração de cada um de nós todos os que temos soffrido na vida. Ide procural-as, que as encontrareis.

Ainda uma vez — adeus ! póde servir de exemplo ; são

(1) *Saggi Critici* di Francesco de Sanctis, terza edizione, Napoli, 1874.

estrophes escriptas com o sangue que brota de feridas causadas por acerbos soffrimentos :

« Emfim te vejo! — emfim posso,
Curvado a teus pés dizer-te,
Que não cessei de querer-te,
Pezar de quanto soffri.
Muito penei! Crúas ancias,
Dos teus olhos afastado,
Houveram-me acabrunhado,
A não lembrar-me de ti!

D'um mundo a outro impellido,
Derramei os meus lamentos
Nas surdas azas dos ventos,
Do mar na crespa cerviz!
Baldão, ludibrio da sorte
Em terra estranha, entre gente,
Que alheios males não sente,
Nem se condóe do infeliz!

Louco, afflicto, a saciar-me
D'aggravar minha ferida,
Tomou-me tedio da vida,
Passos da morte senti.
Mas quasi no passo extremo,
No ultimo arcar da esperança,
Tu me vieste á lembrança :
Quiz viver mais e vivi!

Vivi ; pois Deus me guardava
Para este lugar e hora!
Depois de tanto, senhora,
Ver-te e falar-te outra vez ;
Rever-me em teu rosto amigo,
Pensar em quanto hei perdido,
E este pranto dolorido
Deixar correr a teus pés.

Mas que tens? Não me conheces?
De mim afastas teu rosto?
Pois tanto pôde o desgosto
Transformar o rosto meu?

Sei a affliçção quanto póde,
Sei quanto ella desfigura,
E eu não vivi na ventura...
Olha-me bem, que sou eu!

Nenhuma voz me diriges!...
Julgas-te acaso offendida?
Deste-me amor, e a vida
Que m'a darias — bem sei;
Mas lembrem-te aquelles feros
Corações, que se metteram
Entre nós, e se venceram,
Mal sabes quanto lutei!

Oh! se lutei!... mas devera
Expôr-te em publica praça,
Como um alvo á populaça,
Um alvo aos dicterios seus!
Devera, podia acaso
Tal sacrificio acceitar-te
Para no cabo pagar-te,
Meus dias unindo aos teus?

Devera, sim; mas pensava,
Que de mim, t'esquecerias,
Que, sem mim, alegres dias
T'esperavam; e em favor
De minhas preces, contava
Que o bom Deus me acceitaria
O meu quinhão de alegria
Pelo teu quinhão de dôr!

Que me enganei, ora o vejo;
Nadam-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar;
Erro foi, mas não foi crime,
Não te esqueci, eu t'o juro;
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e gloria por te amar!

Tudo, tudo e na miseria
D'um martyrio prolongado,

Lento, cruel, disfarçado,
Que eu nem a ti confiei;
« Ella é feliz (me dizia)
« Seu descanço é obra minha. »
Negou-m'o a sorte mesquinha.
Perdôa, que me enganei!

Tantos encantos me tinham,
Tanta illusão me afagava
De noite, quando acordava,
De dia em sonhos talvez!
Tudo isso agora onde para?
Onde a illusão dos meus sonhos?
Tantos projectos risonhos,
Tudo esse engano desfez!

Enganei-me!... Horrendo cháos
N'essas palavras se encerra,
Quando do engano, quem erra,
Não pode voltar atraz!
A marga irrisão! reflecte:
Quando eu gozar-te pudera,
Martyr quiz ser, cuidei qu'era...
E um louco fui, nada mais!

Louco, julguei adornar-me
Com palmas d'alta virtude!
Que tinha eu bronco e rude
Co'o que se chama ideial?
O meu eras tu, não outro;
Stava em deixar minha vida
Correr por ti conduzida,
Pura, na ausencia do mal.

Pensar eu que o teu destino
Ligado ao meu, outro fôra,
Pensar que te vejo agora,
Por culpa minha, infeliz;
Pensar que a tua ventura
Deus *ab eterno* a fizera,
No meu caminho a puzera...
E eu! eu fui que a não quiz!

E's d'outro agora, e p'ra sempre!
Eu a misero desterro
Volto, chorando o meu erro,
Quasi descrendo dos céos!
Doe-te de mim, pois me encontras
Em tanta miseria posto,
Que a expressão d'este desgosto
Será um crime ante Deos!

Doe-te de mim, que t'imploro
Perdão, a teus pés curvado ;
Perdão!... de não ter ousado
Viver contente e feliz!
Perdão da minha miseria,
Da dôr que me rala o peito,
E se do mal que te hei feito,
Tambem do mal que me fiz!

Adeus, qu'eu parto, senhora ;
Negou-me o fado inimigo
Passar a vida comtigo,
Ter sepultura entre os meus :
Negou-me n'esta hora extrema,
Por extrema despedida,
Ouvir-te a voz commovida
Soluçar um breve — Adeus!

Lerás porem algum dia
Meus versos, d'alma arrancados,
D'amargo pranto banhados,
Com sangue escriptos, — e então
Confio que te commovas,
Que a minha dôr te apiade,
Que chores, não de saudade,
Nem de amor, — de compaixão. »

O poeta é tambem habil em pintar scenas da natureza exterior, animados quadros da terra americana. A paisagem em seus versos é sempre brasileira, ou se trate de scenas da vida

social, ou da vida da natureza. Os exemplos superabundam.
Leiam estas estrophes de *Rosa no Mar* :

« Ia a virgem descuidosa,
Quando a rosa
Do seio no chão lhe cahe :
Vem um'onda bonançosa,
Qu'impiedosa
A flôr comsigo retrahe.

A meiga flôr sobrenada,
De agastada,
A virge' a não quer deixar!
Boia a flôr, a virgem bella
Vai tráz ella,
Rente, rente á beira mar.

Vem a onda bonançosa,
Vem a rosa.
Foge a onda, a flôr tambem
Se a onda foge, a donzella
Vai sobre ella!
Mas foge, se a onda vem.

Muitas vezes enganada,
De enfadada
Não quer deixar de insistir ;
Das vagas menos se espanta,
Nem com tanta
Presteza lhes quer fugir. »

E' uma rapida descripção d'um facto simplissimo e feita com grande habilidade. Quando me refiro a certa viveza de côres e de descripção em Gonçalves Dias, devo ajuntar logo que no genero deixou apenas pequenos quadros esparsos em suas poesias.

Não estava ainda em moda a descripção modernissima que se protrae por paginas e paginas. Vejamos uma pequena scena natural. São versos dos *Tymbiras* :

« Era a hora em que a flôr balança o calix
Aos doces beijos da serena brisa,

Quando a ema soberba alteia o collo,
Roçando apenas o matiz relvoso;
Quando o sol vem doirando os altos montes,
E as ledas aves á porfia trinam,
E a verde coma dos frondosos cedros
Move o perfume, que embalsama os ares ;
Quando a corrente meio occulta sôa
De sob o denso véu da parda nêvoa ;
Quando nos pannos das mais brancas nuvens
Desénha a aurora melindrosos quadros
Gentis orlados com listões de fogo ;
Quando o vivo carmim do esbelto cactus
Refulge a medo abrilhantado esmalte,
Doce poeira de aljofradas gotas,
Ou pó subtil de perolas desfeitas.

Era a hora gentil, filha de amores,
Era o nascer do sol, libando as meigas,
Risonhas faces da luzente aurora!
Era o canto e o perfume, a luz e a vida,
Uma só coisa e muitas, melhor face
Da sempre varia e bella natureza :
Um quadro antigo, que já vimos todos,
Que todos com prazer vemos de novo.

Ama o filho do bosque contemplar-te,
Risonha aurora, ama acordar comtigo ;
Ama espreitar nos céus a luz que nasce,
Ou rosea ou branca, já carmim, já fogo,
Já timidos reflexos, já torrentes
De luz, que fere obliqua os altos cimos. »

E' sobrio ; mas é bello ; a simplicidade aqui não é filha da pobreza, mas sim da doce placidez do espirito.

Fôra possivel estender mais esta analyse ; tenho, porém, pressa em dizer alguma cousa do dramatista, do critico e do ethnologo. O que escrevi do poeta é sufficiente para dal-o bem a conhecer.

O theatro de Gonçalves Dias é todo de obras de sua verde mocidade.

Consta dos dramas *Boabdil*, *Patkull*, *Beatrice de Cenci* e

Leonor de Mendonça. Traduziu tambem a *Noiva de Messina* de Schiller.

No theatro Gonçalves Dias não se elevou tão alto como no lyrismo; ainda assim seus ensaios dramaticos são reveladores de grande talento. Fôra para desejar que as nossas emprezas theatraes levassem sempre á scena os dramas do auctor maranhense, escriptos em linguagem ampla e correcta, e os accompanhassem dos dramas de Agrario, das comedias de Penna, e dos dramas e comedias de Macedo e Alencar.

Seria conveniente dar de vez em quando alguma cousa dos velhos, Magalhães, Porto-Alegre, Norberto Silva, Ferreira França e dos mais modernos Varejão, Castro Lopes, Machado de Assis, Tavora e muitos brasileiros que têm cultivado o genero. No meio de muita frandulaguem sem valor, encontram-se muitos trabalhos de merecimento, que o grande João Caetano não se dedignava de levar á scena.

Tenhamos n'isto e no mais um poucachinho de patriotismo. *Leonor de Mendonça* do poeta maranhense, por exemplo, é um bellissimo drama.

O Conservatorio do Rio de Janeiro ineptamente em 1846 poz-lhe embaraços á representação a pretexto de ser incorrecto de linguagem !...

Singularissima censura esta, tratando-se de um escriptor, como o nosso poeta, de todos os nossos auctores o mais preoccupado em cingir-se aos modelos classicos e mais chegado ao sestro de *aportuguezar* a linguagem, isto é, afinal-a pelo tom do velho reino !...

Se eu tivesse de fazer uma censura a Gonçalves Dias pelo lado da linguagem, seria justamente a inversa á que lhe foi dirigida pelo Conservatorio, a saber, o pouco *brasileirismo* de sua lingua e de seu estylo. N'este ponto Alencar teve a coragem de romper com todos os velhos preconceitos, deixando definitivamente de lado, por imprestaveis, os rigores lusitanos. Bastava isto para ser o celebre cearence um benemerito das letras brasileiras.

Gonçalves Dias para vingar-se dos seus gratuitos censores, conforme é fama, escreveu as magnificas *Sextilhas de Frei Antão* em estylo e linguagem do começo do seculo XVII.

Leonor de Mendonça é precedido de um excellente *prologo*, onde o auctor expõe os seus designios e ideias sobre a arte.

Ouçamol-o, falando de sua propria obra : « Direi, não o que fiz, mas o que pretendi fazer.

A acção do drama é a morte de Leonor de Mendonça por seu marido : dizem os escriptores do tempo que D. Jayme, induzido por falsas apparencias, matou sua mulher ; dizem-no porém de tal maneira, que facilmente podemos conjecturar que não foram tão falsas as apparencias como elles nol-as indicam. O auctor podia então escolher a verdade moral ou a verdade historica, Leonor de Mendonça culpada e condemnada, ou Leonor de Mendonça innocente e assassinada. Certo que a primeira offerecia mais interesse para a scena e mais moral para o drama ; a paixão deveria então ser forte, tempestuosa e frenetica, porque fóra do dever não ha limite nas accões dos homens : haveria cansaço e abatimento no amor e reacções violentas para o crime, haveria uma lucta tenaz e continua entre os sentimentos da mulher e os da esposa, entre a mãe e a amante, entre o dever e a paixão : no fim estaria o remorso e o castigo e n'elles a moral. Ha n'isto materia para mais de um bom drama.

Leonor de Mendonça, innocente e castigada, será infeliz, desesperada ou resignada. Ora, o romorso, é mais instructivo do que o desespero e do que a resignação, como o crime é mais dramatico do que a virtude : pena é que assim seja, mas assim é. Se em prova d'isto me fosse preciso trazer algum exemplo, eu citaria o Faliero de Byron e o Faliero de Delavigne.

Porque então segui o peior ? E' porque tenho para mim que toda a obra artistica ou litteraria deve conter um pensamento severo : debaixo das flôres da poesia deve esconder-se uma verdade *incisiva* e aspera, como diz Victor Hugo, em cada mulher formosa ha sempre um esqueleto.

Foi este pensamento, a fatalidade. Não aquella fatalidade implacavel que perseguiu a familia dos Atridas, nem aquella outra cega e terrivel que Werner descreve no seu drama — *Vinte e quatro de Fevereiro*. E' a fatalidade cá da terra a que eu quiz descrever, aquella fatalidade que nada tem de Deus

e tudo dos homens, que é filha das circumstancias e que dimana toda dos nossos habitos e da nossa civilisação; aquella fatalidade, emfim, que faz com que um homem pratique tal crime porque vive em tal tempo, n'estas ou n'aquellas circumstancias. Repito : não analyso o que fiz, digo apenas o que era meu desejo fazer.

Leonor de Mendonça não tem nem um só crime, nem um só vicio; tem só defeitos. D. Jayme não tem nem crimes nem vicios, tem tambem e sómente defeitos. Os defeitos da duqueza são filhos da virtude; os do duque são filhos da desgraça : a virtude que é santa, a desgraça que é veneranda. Ora, como o que liga o homens entre si não é, em geral, nem o exercicio nem o sentimento da virtude, mas sim a co-relação dos defeitos, a duqueza e o duque não se poderiam amar, porque eram os seus defeitos de differente natureza. Quando algum dia a luta se travasse entre ambos, o mais forte espedaçaria o mais fraco; e assim foi.

Ha ahi tambem outro pensamento sobre que tanto se tem falado e nada feito, e vem a ser a eterna sujeição das mulheres, o eterno dominio dos homens. Se não obrigassem D. Jayme a casar contra a sua vontade, não haveria o casamento, nem a luta, nem o crime. Aqui está a fatalidade, que é filha dos nossos habitos. Se a mulher não fosse escrava, como é de facto, D. Jayme não mataria sua mulher. Houve n'essa morte a fatalidade, filha da civilisação que foi e que ainda é hoje. »

Estas ideias são sans e não destoam do merecimento da obra. Não ha n'esta aquella riqueza de pensamentos e finas observações sobre os dominios reconditos da alma humana, que fazem o assombro de quem lê Shakespeare. Mas quantos compartem com o grande dramatista igual thezouro? Nem Byron, e nem o proprio Goethe. Por essa face Shakespeare campêa isolado. Fôra um absurdo tomar essa medida para unidade comparativa.

Diz-se vulgarmente que uma obra dramatica só é bem apreciada quando é vista no palco. O proprio Gonçalves Dias o repete no alludido prologo : « Se o drama não fôr representado, será bom como obra litteraria, mas nunca como drama. »

Tenho medo de dizer uma herezia; porêm, pelo que me toca, aprecio mais os dramas, especialmente dos grandes mestres, quando os leio. Se, alem da leitura, occorrer uma boa representação, meu conhecimento da obra não augmentará grande coisa, quanto á obra litteraria em si.

Se nunca li o drama e só o ouvi representar, nada sei dizer sobre elle, porque o que apreciei no palco foi o trabalho dos actores, sua voz, seus gestos, seu jogo scenico, seu *savoir dire* e *savoir faire* em scena, e não a creação do poeta directamente.

Uma representação theatral é uma arte que se sobrepõe á outra e a vela em grande parte. O talento dos actores produz uma como segunda creação que póde até certo ponto difficultar a exacta intelligencia da primeira.

Nunca vi os dramas de Gonçalves Dias em scena. Creio não ser um impecilio para os apreciar. *Leonor de Mendonça*, por exemplo, bem representada, bem interpretada por actores de forte vôo deve ser grandemente dramatica. De todo o drama o *Acto II*, que constitue todo elle o *Quadro terceiro*, é o mais bello, especialmente nas *scenas* V e VI. As scenas passam-se em casa do velho *Affonso Alcoforado*, entre elle e seus filhos *Antonio*, *Manoel* e *Laura*. O moço *Antonio Alcoforado* tem já feito declarações á *Duqueza*, com quem deveria ter uma entrevista á noite justamente na vespera da partida do moço para a Africa. A noite é caliginosa, medonha; todos acham imprudente a sahida do moço a deshoras e só. O velho pae não se pode conter e o interpela. Trava-se forte luta no espirito de *Antonio Alcoforado* entre o respeito paterno, o amor á *Duqueza*, o dever de não lhe marear o nome, confessando o seu intento, e a obrigação de não mentir. O lance é bello, e eil-o aqui :

ACTO II, SCENA V.

(O Velho Alcoforado, Laura, Antonio Alcoforado, Manoel, que entra).

Manoel. — Eis a espada, meu irmão. Boas noites, Laura.
Laura. — Boas noites, irmão.

Manoel. — A vossa benção, meu pae.

O Velho. — Deus vos abençôe. Trocastes a vossa espada ?

Manoel. — Não, meu pae, empresto-a.

O *Velho* — Como ! pois ides sahir, Antonio ?

Alcoforado. — Sim, meu pae : estava só á espera da vossa benção e da vossa permissão.

O Velho. — Ides...

Alcoforado. — Vou...

O Velho. — Concebo a vossa hesitação. Como é amanhã o dia de finados, ides orar pelos mortos, como é de um bom christão.

Alcoforado. — Não, senhor.

O Velho. — Não !... Ah ! sim !... Como sois bom filho, ides talvez antes de vos partirdes, orar sobre a sepultura de vossa mãe.

Alcoforado. — Não, senhor !

O Velho. — Não !... Ah ! bem. Como sois bom amigo, ides talvez despedir-vos dos vossos amigos.

Alcoforado. — Não, senhor.

O Velho. — Não ! Então a que sahis ?

Alcoforado. — Não me interrogueis, meu pae.

O velho. — Ides sózinho ?

Alcoforado. — Sózinho.

O Velho. — E não quereis levar o nosso criado na vossa companhia ?

Alcoforado. — Não o posso levar.

O Velho. — Pois eu vos digo que não sahireis sem que me digais primeiro o que vos obriga a sahir.

Alcoforada. — Peço-vos que me não interrogueis, meu pae.

O Velho. — Que vos não interrogue !... Pretendeis sahir a deshoras e sem testemunhas, de espada e com os vestidos concertados, e não quereis que vos interrogue !... Ondes ides vós senhor ?

Alcoforado. — Eu vol-o supplico.

O Velho. — Oh ! isto merece uma explicação, Retirai-vos.

SCENA VI.

(O Velho Alcoforado, Alcoforado).

O Velho. — Vêde a que me obrigam os vossos mysterios, que oxalá não sejam escandalosos!... Fazeis que um pae expulse seus filhos da sua presença, porque elle terá talvez de vos dizer algumas d'essas rigidas verdades que por elles não devem ser ouvidas. Onde ides, mancebo?

Alcoforado. — Senhor, não o posso dizer.

O Velho. — Vós não ides cumprir com os deveres de amigo, nem de filho, nem de christão; ao que ides, pois? Passar talvez a noite em algum lupanar, ou sobre a banca do jogo, ou em orgias de homens intemperantes e envilecidos, ou escalar algum muro como ladrão nocturno para roubar a honra de alguma familia honesta, ou bater surrateiramente a alguma porta humana para pagar a recepção cordial que durante o dia vos fez algum homem honrado e franco com a traição de um libertino. E' infame!

Alcoforado. — Meu pae.

O Velho. — Dizei, senhor, dizei na vossa consciencia que não ides praticar alguma acção criminosa.

Alcoforado. — Em consciencia, não o sei.

O Velho — Sei-o eu, senhor!... Sei que o homem que marcha treda e cautelosamente apalpando as trevas, e que não ousa confessar altamente as suas acções, muito se assimilha aquella ave de máo agouro, cujos olhos não podem supportar a luz do dia, cujo canto é um annuncio de desventura; sei que tão grande mysterio póde encobrir uma virtude muito preclara, ou um vicio muito vergonhoso. Dizei que ides praticar uma d'essas virtudes cobertas com o preciso manto da modestia, diaphano para Deus, impenetravel para os homens...

Alcoforado. — Nunca vos menti, senhor...

O Velho. — E se o houvesseis feito, a Providencia Divina

que vos guiasse no caminho da vida, porque terieis morrido para mim. Talvez me julgueis severo por me crerdes pouco sensivel, o por suppordes talvez que o tempo, que gelou o sangue nas minhas veias, já me fez esquecer da quadra em que fui da vossa idade, em que tambem fui novo e cheio de esperanças na vida e em que tambem dizia comigo o que agora lá vós estaes dizendo comvosco : Além n'aquelle marco deixarei este caminho e tomarei outra vereda. Não ; sou indulgente e pouco severo a ponto de vos confessar que tambem fui novo, e que alguns erros commetti quando tinha a vossa idade. Pois quem é perfeito n'este mundo ? Mas eu vos asseguro que a minha vida escripta, comquanto em parte me pezasse d'ella, não me traria um só remorso, nem me desconceituaria a minha velhice ; asseguro-vos ainda que em vesperas de um dia duas vezes sanctificado pela religião e pelo sentimento, nunca abandonei eu o tecto de meus paes, como homem sem crença e filho pouco respeitoso, para me entregar ás caricias de uma creatura sem pejo. Ha limites em tudo, mancebo.

Alcoforado. — Senhor, porque me suppondes capaz de tão negro feito, ou porque vos mereço tal conceito ? Acaso me tenho eu mostrado revel aos vossos conselhos, ou terei desaprendido as vossas lições ? Não, senhor : se não vou praticar uma virtude, tambem não é o vicio nem o crime quem lá fóra me está chamando. Não é criminosa a acção que vou praticar : juro-vos...

O Velho. — Jurai, senhor, jurai ! No meu tempo o homem que ambicionava uma espada, ou que já a podia trazer comsigo, tinha o juramento por uma cousa veneranda e sagrada, e usava d'elle apenas nas circumstancias de momento. Era o vassallo que jurava lealdade a seu rei ; era o cidadão que jurava amor a sua patria ; era o guerreiro que jurava morrer com o seu companheiro d'armas. Por isto o juramento era entre elles uma religião, e os mais altos como os mais humildes não se atreviam a quebral-o. Hoje porém fizeram d'elle uma formula para os usos da vida, e a criança desde o berço aprende a balbuciar essa palavra vazia de sentido, que n'outro tempo foi symbolo de fé e era condão de prodigios.

Alcoforado. — Como vos poderei eu confiar um segredo que me não pertence? Ha bem tempo que vô-lo teria dito, se elle fosse todo meu, e se a minha confissão a ninguem mais compromettesse. Eu vos respeito como meu pae, eu vos amo como amigo, eu vos estimo como homem probo e cheio de integridade; sei que é impossivel trahirdes um segredo, mas devo eu trahil-o primeiro? Aconselhae-me, vós que tendes experencia da vida; dizei-mo, que sois meu mestre; posso eu fazê-lo?

O Velho. — O segredo é inviolavel; tendes razão.

Alcoforado. — Deixai-me então sahir, bom pae. Oh! se soubesseis quanto soffro por vos não poder confiar tudo!... Sêde indulgente mais uma vez, talvez a derradeira. Esta demora me tem martyrisado; largos annos tenho vivido n'estes curtos instantes! Deixai-me partir.

O Velho. — E não ha perigo?

Alcoforado. — Nenhum! nenhum! eu vo-lo asseguro.

O Velho. — E aquella espada?

Alcoforado. — Foi um capricho de meu irmão que não sabe a que vou. Dir-lhe-hia um segredo que vos não digo a vós? Bem vêdes que nada arrisco: dexarei a espada, e é até melhor que eu vá desarmado.

O Velho. — Levarás a espada!

Alcoforado. — Bom pae, quanto vos agradeço.

O Velho. — Vae, e Deus seja comtigo.

Alcoforado. — Irei e voltarei bem depressa (*cingindo a espada*) o mais depressa que eu puder. Vereis que nada me acontece. Meu Deus! como partiria eu tão alegre, se de alguma cousa me arreceiasse.

O Velho. — Vae, meu filho.

Alcoforado. — Nada recieis. Adeus, bom pae. (*Vae-se.*)

O Velho (ficando pensativo: alguns dobres ao longe.) — Meu filho! meu filho!... (*Vae-se.*)

E' significativo tudo isto.

Meu desejo seria fazer uma historia exhaustiva da littera-

tura brasileira; tudo indagar e tudo deixar ver. Do theatro de Gonçalves Dias haveria bastantes observações a tentar; mas é urgente rezumir e passar adiante.

O poeta dos *Tymbiras* deixou, entre outros pequenos escriptos em prosa, quatro que merecem especial menção e são estes: ***Reflexões sobre os Annaes historicos do Maranhão por Berredo, Resposta á Religião, Amazonas se ellas existiram no Brasil, O Descobrimento do Brasil por pedro Alvares Cabral foi devido a um mero acaso?*** São ensaios sobre a historia de nossa patria.

São escriptos n'aquelle estylo claro, simples e harmonioso da prosa de Gonçalves Dias, uma das melhores do Brasil, o que se póde bem ver nos bellos prologos das diversas collecções de *Cantos* e de *Leonor de Mendonça.*

N'este numero deveria tambem contar a celebre critica que fez da *Independencia do Brasil* de Teixeira e Souza. Isto desperta-me uma observação que não devo calar.

Os escriptores da épocha romantica quasi tanto como os de hoje atacavam-se com desuzado encarniçamento. Gonçalves Dias, de ordinario tão pacato, zurziu desapiedadamente o pobre poeta dos *Tres Dias de um Noivado*, por causa de seu poema epico *A Independencia do Brasil.* Seguiu-se José de Alencar que flagellou horrivelmente a *Confederação dos Tamoys* de Magalhães; depois Bernardo Guimarães sovou medonhamente os *Tymbiras* de Gonçalves Dias e Franklin Tavora a *Iracema* de Alencar.

Foram criticas azedas, de caracter puramente polemistico e irritante, que tiveram porem grande echo.

As *Reflexões* de Gonçalves Dias sobre os *Annaes* de Berredo são um bello artigo, onde lança pela primeira vez o seu brado de sympathia pela raça tupy, indicando o muito que lhe devemos. No mesmo espirito é o artigo em resposta ao periodico *A Religião.* A memoria sobre *As Amazonas* é uma resposta a um programma do Instituto Historico apresentado pelo imperador D. Petro II.

O poeta revelou-se ahi grande conhecedor dos chronistas e viajantes dos nossos tempos coloniaes, e com subido criterio

desfez o rosario de sonhos e exaggeros dos que crearam e propagaram no Brasil similhante lenda.

Chamo em especial a attenção para as paginas em que Gonçalves Dias fala e insiste largamente sobre as decantadas *pedras verdes*, as *pedras das Amazonas*, que mais tarde vieram a servir para enganosas pretenções de Barbosa Rodrigues. Este em seus escriptos nunca citou o poeta (1)...

Igualmente interessante, ou por ventura superior, é o escripto sobre o descobrimento do Brasil. Gonçalves Dias combate n'elle, victoriosamente ao meu vêr, a ideia de ter sido proposital a chegada ao Brasil da parte de Pedro Alvares Cabral, ideia esta sustentada galhardamente por Joaquim Norberto de Souza Silva.

Não me é possivel, descer a uma analyse meúda de taes escriptos nem mesmo da interessantissima memoria *O Brasil e a Oceania*. Esta é um verdadeiro livro em que o poeta passou em revista o que nos chronistas e viajantes se encontra sobre os povos selvagens do Brasil e da novissima parte do mundo no intuito, um pouco frivolo em verdade, de vêr quaes d'elles estavam em condições mais adequadas para receber a civilisação christan.

A parte relativa á Oceania, pelo muito que já sabemos de seus antigos habitantes, graças sobretudo á sciencia ingleza, está hoje muito atrazada. O que se refere aos indios do Brasil ainda agora, apezar de bons progressos realisados por este lado, póde lêr-se com proveito.

Entre outros destaco o interessante capitulo — *Se os americanos caminhavam para o progresso ou para a decadencia; o que pensamos dos tupys.*

Leiam-se todos estes trabalhos do escriptor maranhense e ver-se-ha bem nitidamente que elle não foi só um notavel lyrista, foi tambem um destro dramaturgo e um homem sabedor em assumptos de historia e ethnographia brasileira.

Agora, porém, é tempo de ultimar este perfil e o farei em poucas palavras.

Tanto quanto soube fazel-o, mostrei a *formação* biologica do talento de Gonçalves Dias, indicando o que elle deveu ás

(1) Vide *Obras Posthumas* de Gonçalves Dias, vol. III, pag. 270 e seguintes.

raças que o formaram e ao *meio* em que viveu, isto é, encarei-o no seu desenvolvimento *ontogenetico* e em suas relações com a *philogenia* dos povos de que descende, não esquecendo a *adaptação* ao *meio* de Coimbra, do Maranhão e do Rio, onde viveu principalmente.

Está dito tudo ? Não. Resta ainda alguma cousa para caracterisal-o de vez. Resta saber o que d'elle ficou e ficará de pé para o pensamento do povo brasileiro, emquanto existir um povo brasileiro...

A lucta pela existencia na litteratura e na arte tem dois momentos capitaes : um que é feito pelo proprio escriptor em sua vida, e outro que é feito pela consciencia publica e pela historia depois de sua morte. Este ultimo é o que tem maior alcance e definitivo valor (1).

Têm-se visto mediocridades, ajudadas por um meio propicio, levantarem-se em falsas muletas e suspender as cabeças acima do nivel commum, a ponto de todo o mundo olhar para ellas. Mais tarde ha uma reversão, allue-se o terreno e lá se vae por elle a dentro a collossal figura, que estava trepada não em pedestal de barro, conforme a figura biblica, mas em pernas de páo, segundo o brinquedo de nossos camponios...

A' vezes tambem dá-se o contrario ; o talento e o proprio genio não podem abrir caminho em seu tempo, ou só o podem limitadamente. Mais adiante dá-se o que se póde chamar a *lucta reversiva pela vida* no seio da historia e as ideias batidas, e repellidas outr'ora sahem victoriosas d'essa pugna posthuma.

A historia da sciencia e a da litteratura estão cheias de phenomenos similhantes. Victor Cousin não será um exemplo do

(1) Esta linguagem tomada a Darwin e Häckel é aqui a mais propria para dar a explicação dos phenomenos litterarios. Nem é uma novidade em meus escriptos, nomeadamente na *Litteratura Brasileira e a Critica Moderna*, nos *Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil*, na *Introducção á Historia da Litteratura Brasileira*, e n'este livro, principalmente no cap. — *Theorias da historia do Brasil* — publicado ha muito nos *Lucros e Perdas* e na *Revista dos Estudos Livres* (de Lisboa.)

Não se deve perder de vista que a maior parte d'esta obra já tinha sahido impressa em jornaes e periodicos, antes de apparecer em livro. E' assim que na *Gazeta de Noticias* de 23 de dezembro de 1886 sahiu um fragmento d'ella em que vem bem accentuada a applicação *da lucta darwiniana na litteratura e nas obras d'arte*: E'o cap. I d'este volume.

primeiro caso? Shakespeare e Lamarck não serão do segundo?

O nosso Gonçalves Dias, no seu pugnar pelas ideias, pelo bello e pela gloria, não foi nem um derrotado, nem um victorioso d'esses que fazem o seu caminho por entre cem batalhas. Elle estava mais ou menos n'altura de seu meio e de seu momento historico, e esse momento era uma epocha de enthusiasmo e esperanças para este paiz.

O poeta achou a formula propria d'essas aspirações.

D'esse *synchronismo* entre o seu sentir e o sentir de sua patria n'um momento dado é que lhe vem o merito e a natureza de sua gloria : uma gloria placida e doce, sem ruidos ; mas sem abatimentos e eclipses.

Que é que ainda vive d'elle, e parece que viverá sempre ? Uma duzia de poesias lyricas, e certamente das melhores em que uma vez se vasou a lingua de Camões.

CAPITULO III

Poesia. — Terceira phase do romantismo.

O romantismo brasileiro não ficou estacionado em sua segunda phase, o *indianismo ;* passou adiante e foi espreitar o que se fazia no grande mundo, no estrangeiro, para implantar novos achados, novas conquistas em nosso paiz.

Entretanto, parece singular que o systema litterario, que mais parecia coadunar-se ao espirito nacional, tenha sido justamente aquelle que menos seiva revelou e menos fructos produziu. E assim foi ; o indianismo só contou dois grandes cultores n'este paiz, Gonçalves Dias na poesia e José d'Alencar no romance.

Os outros nossos escriptores caminharam por diverso lado,

e, se por acaso cultivaram de passagem o genero, foi isso como um limitado preito prestado a tão illustres chefes.

Magalhães, por espirito de imitação, escreveu a *Confederação dos Tamoyos*; Norberto Silva escreveu, em igual espirito, suas *Americanas*; Machado de Assis, pelo mesmo motivo, as suas; mas isto foi a excepção.

O mesmo em Franklin Tavora, com o seu romance *Os Indios do Jaguaribe*, e Junqueira Freire, com seus versos *O Hymno da Cabocla*. São casos isolados. Tal se póde dizer de Mello Moraes Filho, com seus *Escravos Vermelhos* e seus *Mythos e Poemas* e de Araripe Junior, com *Jacyna-a Marabá*.

Em rigor, só conheço dois cultores systematicos e teimosos do indianismo: Macedo Soares, no sul, com suas poesias *Almas Errantes*, *A Maldição do Piaga*, *O Canto da Indiana*, e outras, e Santa Helena Magno, no norte, em seu livro dos *Harpejos Poeticos*.

Macedo Soares, porém, bem cedo abandonou a poesia, atirando-se á jurisprudencia e á linguistica, e Santa Helena Magno era preferivel nos seus versos de caracter mais geral.

Posteriormente só Vilhena Alves e Severiano Bezerra na poesia, José Verissimo no conto e Marques de Carvalho no romance têm cultivado mais ou menos o indianismo. Em regra, repito, o genero só teve no Brasil dois cultores de elevada estatura: o poeta do Maranhão e o romancista do Ceará. Os outros dedicaram-lhe um ou outro momento rapido de attenção.

O indianismo não teve forças para constituir-se principio dominante e avassallar todas as intelligencias.

Apezar do talento de Gonçalves Dias, os jovens poetas, seus contemporaneos, *Alvares de Azevedo*, *Bernardo Guimarães*, *Aureliano Lessa*, *Almeida Freitas*, *Silveira de Souza*, *Laurindo Rabello*, *José Bonifacio*, *Felix da Cunha*, *Junqueira Freire*, *Franco de Sá*, *Augusto de Mendonça*, seguiram outros caminhos. E' a pleiada que constitue a terceira phase do romantismo brasileiro.

Podem-se-lhe juntar os nomes de *Trajano Galvão*, *Pedro de Calazans*, *Teixeira de Mello*, *Costa Ribeiro*, *Franklin Doria*, *Casimiro de Abreu*, *Bittencourt Sampaio*, *Bruno Seabra*, *Fa-*

gundes Varella, *José Maria Gomes de Souza*, *Pedro Luiz*, *Souza Andrade*, *J. Coriolano*, *Gentil Homem*, *Joaquim Serra*, *Rozendo Moniz*, *Ferreira de Menezes* e vinte outros.

O leitor não esmoreça... Tantos nomes, e ainda está na terceira phase do romantismo e entre os poetas... Seria um não acabar mais, se fôra a desenvolver toda essa gente e outros tantos que ainda ahi faltam.

Felizmente em historia litteraria dá-se alguma cousa de parecido ao que acontece em grammatica. Ahi não ha necessidade de declinar todos os nomes e conjugar todos os verbos. Dão-se os paradigmas das declinações e conjugações regulares e tanto basta. A indicação dos phenomenos irregulares vem completar a theoria e fica tudo acabado.

O mesmo póde-se ir aqui praticando; ha poetas que se conjugam por outros; basta referil-os aos seus respectivos paradigmas. Assim será que dos muitos acima lembrados, bastará conjugar os *irregulares*, quero dizer, bastará interrogar de perto os espiritos originaes, aquelles que de qualquer forma e em qualquer gráo influiram no desenvolvimento litterario do paiz.

Não se espante, por outro lado, o leitor de não ver entre tantos poetas, alguns bem mediocres, os nomes de *Manoel de Macedo* e *Machado de Assis*, por exemplo. Peço-lhe para não esquecer que elles e outros irão figurar entre romancistas e dramaturgos.

Manoel Antonio Alvares de Azevedo (1831-1852). E' um dos poetas mais lidos e amados no Brasil; elle mais pelos estudantes e Casimiro de Abreu mais pelas moças. Gonçalves Dias, Castro Alves e Fagundes Varella vêm logo após na popularidade. Isto no Brasil em geral; porquanto, no norte em especial, nenhum é mais lido e mais recitado do que Tobias Barretto, sendo para lembrar que a notoriedade d'este tende a augmentar em todo o paiz, ao passo que a dos outros tem permanecido estacionaria.

Vê-se bem que me refiro ao puro movimento romantico; hodiernamente novos poetas, alentados por outros impulsos e por outros ideiaes, vão tomando a dianteira e é bem possivel

que algum venha a gozar brevemente de grande popularidade.

Como quer que seja, ainda entre elles não existe nenhum que haja angarriado entre os contemporeanos o enorme prestigio desfructado pelos cinco romanticos ha pouco lembrados, nem até a influencia de segunda ordem exercida por Junqueira Freire e Bernardo Guimarães. Mas, por emquanto, ainda é cedo. Em todo caso, ninguem fará esquecer a figura sympathica do sonhador da *Lyra dos Vinte Annos*.

Este moço não tem biographia no sentido technico e monotono da palavra. Foi filho de um estudante de direito, natural do Rio de Janeiro, e que fazia seu curso em S. Paulo. O menino nasceu n'esta ultima cidade n'aquelle memoravel anno de 1831 que viu sahir do Brasil D. Pedro I e inaugurar-se a Regencia. O menino não devia passar nunca de estudante.

Quando o segundo reinado se inaugurava em 1840, o pequeno começava seus primeiros estudos. Em 1847 bacharelava-se em letras no Imperial Collegio de Pedro 2.º, em 1848, no anno da revolução de Pernambuco, já o heroico mancebo achava-se em S. Paulo a cursar os estudos juridicos. De 48 a 51 Azevedo viveu n'aquella cidade.

N'estes quatro annos escreveu elle tudo que deixou. Falleceu em abril de 52 no Rio de Janeiro.

O decennio de 46 a 56 é a phase culminante do romantismo brasileiro, já o disse, e não é escusado repetil-o para lembrar que a figura mais alta da epocha é, após Dias e Alencar, incontestavelmente o moço auctor de *Macario*.

Qualquer que seja nossa actual presumpção e o nosso affectado desdem de hoje pelas nossas Faculdades de Direito, desdem reflexo e de imitação, sem fundamento serio, a historia não poderá negar terem sido essas Faculdades a grande *pepinière* d'onde têm sahido os mais notaveis obreiros de nossa politica e de nossas letras.

O tempo de Alvares de Azevedo foi, especialmente em S. Paulo, uma phase de agitação, de liberalismo, de enthusiasmo, de remoemento de ideias e opiniões. Alli se acharam reunidos aquelles moços que levaram por dante os dois maiores phenomenos da litteratura da epocha.

Em Azevedo melhor do que em nenhum outro distingo eu os dois symptomas : 1.° é elle um producto local, indigena, filho de um meio intellectual, de uma academia brasileira ; 2.° arranca-nos de uma vez da influencia exclusiva portugueza.

Antes de Azevedo, os outros chefes, como Porto Alegre, Magalhães e Gonçalves Dias, tinham ido estudar na Europa. Já nem falo nos escriptores coloniaes, porque quasi todos elles fizeram cursos no velho mundo.

A crêação de faculdades brasileiras foi de um alcance intellectual extraordinario ; logo na esphera politica e administrativa começamos a ter homens, como Euzebio, Zacharias, Nabuco, Rio Branco e oitenta outros que são filhos de academias nacionaes e alguns d'elles não puzeram jamais os pés na Europa, ou os puzeram rapidamente. Foram sempre os melhores. O mesmo se deu na litteratura. Azevedo, Bernardo Guimarães, Junqueira Freire, Macedo, Agrario, Alencar, Lessa, Laurindo, Penna são filhos de escolas nacionaes e com elles tudo o que ha de mais illustre em nossa vida espiritual no XIX seculo. Penna só foi ao velho mundo colher a morte e Alencar apressal-a mais.

A litteratura de um povo incipiente deve ter desses obreiros afferrados ao solo, d'esses que preferem ficar no seu paiz, conservando o pouco que sabem, a ir esbanjal-o por ahi algures.

Bem profundas são as palavras de Jacob Grimm : « E' preferivel aprender sem viajar do que viajar sem aprender ; porque o menos que póde succeder é esquecer o pouco que se sabe no meio do muito que se ignora. »

Magnifico pensamento de um grande homem e que deveria ser uma especie de imperativo categorico para os escriptores brasileiros.

O segundo feito de Azevedo, que o compartilha com seus companheiros de luctas, é, ao envez do que se poderia pensar, um corollario do primeiro. Desde que não houve mais necessidade de ir a Coimbra buscar instrucção, desde que se podia ficar na patria e educar o espirito, não houve mais o monopolio dos auctores da antiga metropole.

Não ha nada mais escusado na esphera dos phenomenos

intellectuaes do que a pretenção d'alguns escriptores portuguezes quererem insinuar-se como intermediarios entre nós e a sciencia e litteratura européas !...

Pois se posso ler o darwinismo em Darwin, o comtismo em Comte, o pessimismo em Schopenhauer, a philosophia do *Inconsciente* em Hartmann ; se posso ler o meu Häckel, o meu Strauss, o meu Ihering, o meu Noiré, o meu Spencer ; se não conheço melhor *Hamlet* do que o de Shakespeare, nem consta haver melhor *Child-Harold* do que o de Byron, para que ir ali a quem quer que seja pedir auxilio ?

Azevedo comprehendeu-o logo, e andou sempre a lembrar e a citar os bons escriptores gregos, latinos, inglezes, italianos, allemães e francezes. Especialmente Shakespeare, Tasso, Byron, Werner, Musset, Victor Hugo e Sand são os seus auctores predilectos.

Para o *universalismo* litterario de nosso romantismo, especialmente na phase historiada agora, parece ter sido de grande influxo a acção mental exercida na mocidade do tempo, que se preparava no Rio de Janeiro para os cursos superiores, por um punhado de estrangeiros illustradissimos, especialmente inglezes e allemães, que eram então a gloria do magisterio secundario no Brasil.

Por esta face e n'este sentido devo aqui consignar, como operarios emeritos de nosso progresso mental, os nomes de Planitz, Tautphœus, Calogeras, Freese no Rio de Janeiro, e Julio Franck em São Paulo.

O gosto pela leitura e a forte instrucção preparatoria, Azevedo levou-os do Rio de Janeiro. Levou d'aqui tambem as tintas de sua imaginação desperta pela belleza primaveril d'esta região. São Paulo deu-lhe o gosto de escrever, a emulação, o enthusiasmo, a vida livre do academico, o desvairamento, da poesia da epocha.

Juntae a tudo isto a melancolica innata, oriunda de um temperamento franzino e enfermo, e tereis os elementos d'essa intelligencia e desvendar-se-vos-hão os segredos d'aquelle coração.

Eu não quero decompol-o. Repugna-me ás vezes este officio de anatomista do espirito. Ha uma certa impiedade em

netrar assim indiscreta e brutalmente pela alma a dentro de um poeta, de um homem que soffreu, ainda mesmo quando este homem e este poeta são um mancebo de vinte annos, quasi virgem de sentimentos.

Procederei por outro modo; antes pintor que anatomista, antes uma tela do que uma mesa de operações.

Muito se tem escripto de Alvares de Azevedo; mas é licito ainda hoje pôr em duvida que o poeta haja sido bem estudado.

A rhetorica malefica descobriu que elle se impregnara do espirito de Byron e Musset e se fizera sceptico. Isto é dizer muito pouco, é quasi nada dizer.

Resta ainda e sempre determinar os motivos d'essas predilecções do poeta e definir a natureza de seu scepticismo. Sceptica é quasi toda a gente, é quasi o mundo inteiro. A generalidade do qualificativo não tem forças de definir.

As preoccupações da velha critica não ficaram ahi; foram adiante e levantaram o problema de saber se o poeta era sincero no seu scepticismo, em sua descrença, nas suas idéas, no seu modo de viver.

Formaram-se logo dois partidos: uns affirmavam que o moço escriptor era um espirito meigo, delicado, virgem, puro e singelo, não conhecendo as diabruras e irregularidades da vida senão pelos livros dos poetas e romancistas romanticos.

D'est'arte, seus sentimentos eram impollutos, seu viver recatado, seu corpo estreme de qualquer impureza. Nada de charutos, de vinho, de cognac, de passeiatas, de sucias, de bebedeiras, de lubricos prazeres com as mulheres perdidas.

O poeta era um solitario; seus desvarios eram puros jogos, innocentes brincos de sua imaginação...

Os que assim têm discreteado, suppondo elevar o caracter do moço escriptor, aviltam-no de facto, reduzindo-o a uma especie de maniaco, um ente morbido, entregue talvez a algum vicio occulto.

E' escusado lembrar que, deturpado o caracter do joven poeta, estragam tambem a sua obra, que fica reduzida a uma cousa aeria, imponderavel, phantastica e nulla.

Outros, julgando-se muito desabusados, tombam para o extremo opposto. Pintam o autor da *Noite na Taverna* como um monstrengo moral, um ser depravado, corrupto, ebrio, devasso, mettido em extravagancias e desatinos de toda a casta. Estes suppõem elevar a obra, deturpando o caracter do homem. Tudo isto é falso, falsissimo.

Nem anjo, nem demonio.

Foi uma natureza intelligente e ideialista, porém morbida, desequilibrada de origem, e ainda mais enfraquecida pelo estudo e agitada pela leitura dos sonhadores do tempo.

Chegou a fazer alguns d'esses pagodes proprios de estudantes, essa poesia pratica da vida que bem se desfructa na quadra da mocidade, encantadora phase cheia de delicias antigamente em São Paulo e Olinda. Hoje, seja dito de passagem, tem isto muito arrefecido. O poeta não teve, porém, tempo, nem opportunidade de travar um amor serio, uma paixão sincera e pura.

Precoce em tudo, estranhava que esse affecto não lhe tivesse ainda chegado. D'ahi, por este lado, o dualismo que se nota nas composições lyricas de genero amoroso em Azevedo. A's vezes é um lyrismo idyllico e todo confiante, mas puramente ideial; outras vezes é a amargura de quem não encontrou ainda um coração que o comprehendesse, ou a pintura d'alguma scena lasciva.

Outro dualismo dá-se nas opiniões, crenças e doutrinas do poeta. Ideialista e crente por indole, educado n'um regimen religioso, o sopro do seculo abalou-o em metade.

Esta revolução não se fez por intermedio da sciencia e de ideias positivas; fez-se por meio da poesia e da litteratura romantica. D'ahi esse desequilibrio, esse cambalear, essas duas facetas do genio e das inspirações do moço escriptor. Posição aliás commum a um grande numero de espiritos em um seculo de tão rapidas renovações e mutações intellectuaes.

Determinar aquelle dualismo, n'uma e n'outra esphera, é o trabalho da critica para com elle. Vida quasi toda subjectiva, agitada pela leitura, não teve, repito, ensejo de amar, nem de

gozar á farta. D'ahi o desanimo, a excitação, a impotencia da vontade.

Sua melancolica, que aliás era ingenita e ainda mais se desenvolveu pela vacillação de suas idéas, não veio de injustiças soffridas, de luctas sociaes, de problemas scientificos em desharmonia com seus sentimentos. Não veio da trahição de amantes nem de amigos. Elle não tem um canto de alegria pelo amor satisfeito e retribuido, nem de tristeza pelo amor trahido. São sempre queixas de não ter podido achar mulheres puras e sómente *Messalinas*... E' sincero n'isto e tragicamente sincero.

Não foi um viciado, um libertino, que fizesse a poesia de seus vicios ; não foi tambem uma alma candida e virgem, que se mostrasse por systema viciada. Foi um melancolico, um imaginoso, um lyrico, que enfraqueceu as energias da vontade e os impulsos fortes da vida no estudo, e enfermou o espirito com a leitura desordenada dos romanticos a Heine, Byron, Shelley, Sand e Musset.

A vacillação mental se conhece por todos os seus escriptos, ora crentes, ora descrentes. A falta de energia para envolver-se em intrigas amorosas serias que o acalmassem, conhece-se nas confissões que tantas vezes repete de não ter tido um só amor profundo e sómente sonhos fallazes.

Ouçamol-o mais de perto.

Elle é positivo n'este sentido, e tantas são as provas que difficuldade ha só em escolhel-as.

E' bastante abrir a *Lyra dos Vinte annos* e ler aquellas poesias idealistas que se intitulam : *No mar*, *Sonhando*, *Scismas*, *Tenho um seio que delira*, *Quando á noite no leito perfumado*, *A T.*, *Anima Mea*, *Vida*, *Saudades*, *Virgem Morta*, *Minha Musa* e vinte outras, e depois passar a ler *Um canto do seculo*, onde se vê isto :

Eu vaguei pela vida sem conforto,
Esperei minha amante noite e dia
E o ideial não veio...
Farto da vida, breve serei morto...
Nem poderei ao menos na agonia
Descançar-lhe no seio...

Passei como Don Juan entre as donzellas,
Suspirei as canções mais doloridas,
E ninguem me escutou...
Oh! nunca á virgem flôr das faces bellas,
Sorvi o mel, nas longas despedidas...
Meu Deus, ninguem me amou! »

Estas ideias e este estado psychologico repetem-se á farta em muitas composições do poeta, nomeadamente nas *Ideias Intimas* :

« O pobre leito meu, desfeito ainda,
Aqui languido á noite abati-me
Em váos delirios anhelando um beijo...
E a donzella ideial nos roseos labios,
No doce berço do moreno seio
Minha vida embalou estremecendo...
Foram sonhos comtudo! A minha vida
Se esgota em illusões. E quando a fada
Que divinisa meu pensar ardente
Um instante em seus braços me descança
E roça a medo em meus ardentes labios
Um beijo que de amor me turva os olhos...
Me ateia o sangue, me enlanguece a fronte...
Um espirito negro me desperta,
O encanto do meu sonho se evapora...
E das nuvens de nacar da ventura
Rólo tremendo á solidão da vida!...
Oh! ter vinte annos sem gozar de leve
A ventura de uma alma de donzella!
E sem na vida ter sentido nunca
Na suave attracção de um roseo corpo
Meus olhos turvos se fechar de goso!
Oh! nos meus sonhos, pelas noites minhas,
Passam tantas visões sobre meu peito!
Pallor de febre meu semblante cobre,
Bate meu coração com tanto fogo!
Um doce nome os labios meus suspiram,
Um nome de mulher... e vejo languida
No véo suave de amorosas sombras
Semi-núa, abatida, a mão no seio,
Perfumada visão romper a nuvem,

Sentar-se junto a mim, nas minhas palpebras
O alento fresco e leve como a vida,
Passar delicioso... Que delirios!
Acordo palpitante... Inda a procuro :
Embalde a chamo, embalde as minhas lagrimas
Banham meus olhos e suspiro e gemo...
Imploro uma illusão... Tudo é silencio!
Só o leito deserto, a sala muda!
Amorosa visão, mulher dos sonhos,
Eu sou tão infeliz, eu soffro tanto!
Nunca virás illuminar meu peito
Com um raio de luz d'esses teus olhos? »

E' inutil continuar. E' uma posição especial. Porque não amou o poeta a alguem ? Não encontraria ninguem em seu caminho que lhe merecesse os affectos ?

No Rio de Janeiro, nas relações de sua familia, nunca se lhe deparou uma bella fluminense que o prendesse em suas longas tranças e o enleiasse nos brilhos do seu olhar ?

Em S. Paulo, terra de tantas bellezas, nenhuma o engraçou?

Em uma das cartas que dirigiu a seu amigo Luiz Antonio da Silva Nunes revela que frequentava alli a boa sociedade e chegou a conhecer duas lindas paulistanas, que o tocaram de leve. Declara logo, porém, que não sentia amor por ellas.

A razão de tantos escrupulos e difficuldades ? Seria o poeta muito exagerado no seu ideial da mulher ? Seria acanhado ? Seria timido ?

Pelo pedaço ultimo transcripto poder-se-hia crêr que nem teve nunca amor positivo a uma donzella, nem mesmo gozara os encantos de mulher alguma. Esta ultima supposição seria falsa, diante de declarações authenticas feitas pelo proprio poeta :

« Oh! não maldigam o mancebo exhausto
Que nas orgias gastou o peito insano...
Que foi ao lupanar pedir um leito,
Onde a sede febril lhe adormecesse!

Não podia dormir! nas longas noites
Pediu ao vicio os beijos de veneno ...

E amou a saturnal, o vinho, o jogo
E a convulsão nos seios da perdida!

Miserrimo! não creu... Não o maldigam,
Se uma sina fatal o arrebatava...
Se na torrente das paixões dormindo
Foi naufragar nas solidões do crime.

Oh! não maldigam o mancebo exhausto
Que no vicio embalou, a rir, os sonhos,
Que lhe manchou as perfumadas tranças
Nos travesseiros da mulher sem brio!

Se elle poeta nodoou seus labios...
E' que fervia um coração de fogo
E da materia a convulsão impura
A voz do coração emmudecia!

E quando pl'a manhã da longa insomnia
Do leito perfumado elle se erguia,
Sentindo a brisa lhe beijar no rosto
E a febre arrefecer nos rouxos labios...

E o corpo adormecia e repousava
Na serenada relva da campina...
E as aves da manhã em torno d'elle
Os sonhos do poeta acalentavam...

Vinha um anjo de amor unil-o ao peito,
Vinha uma nuvem derramar-lhe a sombra
E a alma que chorava a infamia d'elle,
Seccava o pranto e suspirava ainda! »

Sempre assim ; gozos materiaes, ancias por um amor puro e sincero, que lhe não veio jámais. A cousa está liquidida e póde-se ir adiante.

Esta posição especial que assignalo em Alvares de Azevedo, de ser ardente, voluptuoso, sequioso de gozar e ao mesmo tempo não ter amado jámais, não haver tido em sua vida uma paixão amorosa, o que é perfeitamente explicavel, porque o poeta morreu muito moço, é diversa do dualismo de ideial

e ironia, de sinceridade e sarcasmo, de pureza e grosseria que tambem se nos depara em seus versos.

Este dualismo de outra especie era conscientemente praticado, era systematico e tinha alguma cousa de artificial. O poeta o praticou de caso pensado e elle mesmo tem o cuidado de o avisar, precedendo a segunda parte da *Lyra dos Vinte Annos* d'estas palavras, que revelam suas ideias, seus planos, suas preoccupações de artista :

« Cuidado, leitor, ao voltar esta pagina! Aqui dissipa-se o mundo visionario e platonico. Vamos entrar n'um mundo novo, terra phantastica, verdadeira ilha Barataria de D. Quichote, onde Sancho é rei e vivem Panurgio, sir John Falstaff, Bardolph, Figaro e o Sganarello de D. João Tenorio : a patria dos sonhos de Cervantes e Shakespeare.

Quasi depois de Ariel esbarramos em Caliban. A razão é simples. E' que a unidade d'este livro funda-se n'uma binomia : duas almas que moram nas cavernas de um cerebro pouco mais ou menos de poeta escreveram este livro, verdadeira medalha de duas faces.

Demais, perdôem-me os poetas do tempo, isto aqui é um thema, sinão mais novo, menos esgotado que o sentimentalismo, tão *fashionable* desde Werther até René.

Por um espirito de contradicção, quando os homens se vêem inundados de paginas amorosas preferem um conto de Bocaccio, uma caricatura de Rabelais, uma scena de Falstaff, no Henrique IV de Shakespeare, um proverbio phantastico d'aquelle *polisson* Alfredo de Musset a todas as ternuras elegiacas d'essa poesia de arremedo que anda na moda e reduz as moedas de ouro sem liga dos grandes poetas ao troco de cobre, divisivel até ao extremo, dos liliputianos poetastros. Antes da quaresma ha o carnaval.

Ha uma crise nos seculos como nos homens. E' quando a poesia cegou deslumbrada de fitar-se no mysticismo e cahiu do céu sentindo exhaustas as suas azas de ouro. O poeta acorda na terra. Demais o poeta é homem ; *homo sum*, como dizia o celebre romano. Vê, ouve, sente, e, o que é mais, sonha de noite as bellas visões palpaveis de acordado. Tem nervos, tem fibras e tem arterias, isto é, antes e depois de ser um ente ideialista, é um ente que tem corpo!

E digam o que quizerem, sem esses elementos, que sou o primeiro a reconhecer muito prosaicos, não ha poesia. Que acontece? Na exhaustão causada pelo sentimentalismo, a alma ainda tremula e resoante da febre do sangue, a alma que ama e canta, porque sua

vida é amor e canto, que pode sinão fazer o poema dos amores da vida real? Poema talvez novo; mas que encerra em si muita verdade e muita natureza, e que sem ser obsceno pode ser erotico, sem ser monotono.

Digam e creiam o que quizerem : todo o vaporoso da visão abstracta não interessa tanto como a realidade formosa da bella mulher a quem amamos.

O poema então começa pelos ultimos crepusculos do mysticismo, brilhando sobre a vida como a tarde sobre a terra. A poesia purissima banha com seu reflexo ideial a belleza sensivel e nua. Depois, a doença da vida, que não dá ao mundo objectivo côres tão azuladas como o nome britanico de *blue devils*, descarna e injecta de fel cada vez mais o coração. Nos mesmos labios onde suspirava a monodia amorosa, vem a satyra que morde.

E' assim. Depois dos poemas epicos, Homero escreveu o poema ironico. Gœthe depois de Werther creou o Faust. Depois da Parisina e o Giaour de Byron vem o Cain e D. Juan, D. Juan que começa como Cain pelo amor e acaba como elle pela descrença venenosa e sarcastica. »

E' uma pagina interessante esta como documentação do pensar do poeta sobre a vida e sobre as condições da arte. O romantismo não foi assim tão despido de realidade e senso critico, qual queremos nós os homens de hoje suppôr.

Eis ahi em Alvares de Azevedo, que toda a gente agora costuma apresentar como um ente chimerico, cheio de phantasias esturdias, um forte appello para as duras realidades da vida. Devemos, pois, em mais de um ponto corrigir nossos levianos juizos. Onde mais verdade, já não digo em Balzac e Stendhal, mas do que em Gœthe e Byron ?

O auctor da *Lyra dos Vinte annos* obedeceu ás influencias de sua epocha, a esse estado de vacillação, tão caracteristico do XIX seculo.

D'ahi a dubiedade, aliás consciente, de sua intuição e de sua poesia. Eu bem sei que os grandes tempos de forte e mascula poesia, de immensas effusões artisticas são as epochas de fé. E' costume dizer-se isto.

Creio haver ahi um bom fundo de verdade no tocante ás creações epicas e outras equivalentes, que acompanham sempre as grandes syntheses religiosas e philosophicas. Assim

no tempo de Phidias, assim no tempo de Dante, assim no tempo de Miguel Angelo. Todo o seculo XIX foi uma epocha de luctas e fortes commoções intellectuaes ; os dogmas surgiam e tombavam, sem poder alliciar todos n'uma crença apaziguadora e universal. Este oscillar constante ainda perdura.

Tudo isto é verdade, e bem comprehendo os que vacillam. E' a lucta entre o sentimento e a ideia.

Desgraçados dos que a soffrem ! Trazem n'alma os impulsos encontrados de ideiaes diversos, e são o theatro de combates e perturbações intimas. E' passa muitas vezes o vulgo ignaro e diz : « Grande tolo ! E' um sentimental !... E' um espirito atrazado ; não se adiantou ainda !... »

E' que o vulgo estupido está acostumado com certas almas de pedra, duras como os saibros dos caminhos, em que todos pizam e não dão signaes de dôr.

O mundo extasia-se diante d'esses seres insensiveis que nada tomam a serio e mudam de doutrinas e crenças, como se muda um par de calças... Homens que passam do mais ideal christianismo, por exemplo, ao mais requintado materialismo sem a menor commoção intima. Singulares entes !...

Quanto a mim, é que jamais foram sinceros ; nunca tiveram verdadeiro aferro a suas crenças. Do contrario sentiriam o esboroar d'ellas.

Alvares de Azevedo foi dos que sentiam as dôres d'alma ; era um supposto *atrazado*... De Sanctis tambem é um tal, quando escreve estas palavras : « Il dolore come ritempra l'animo, cosi rinfresca l'ingeno. Il dolore è il Colombo chè apre al poeta um mondo nuovo. Egli gitta l'anima in una diversa situazioni, elle muta gli occhi, si che ella vegga le stesse cose sotto nuove forme o nuovi colori. Nelle supreme sventure l'uomo vede come scomparire il suo antico me, e dal tumulto del mondo esteriore si ritira in sè stesso » (1).

Palavras d'estas escreve o sabio escriptor, uma das glorias da Italia moderna. Entre nós certos ingenuos de tempos a esta parte levantaram o falso conceito do pretendido ***adiantamento***, como criterio definitivo da poesia... Não vê esta gente ser isto um formidavel desacerto ?

(1) *Saggi Critici* di Francesco de Sanctis, pag. 433.

Não ha uma poesia *adiantada* e outra *atrazada;* a poesia é o que ella é e mais nada; a poesia é *bôa* ou *má*, *sincera* ou *affectada.* O conceito de atraso ou adiantamento só tem applicação na sciencia.

Em sua essencia a boa poesia não tem data. Dante é tão adiantado como Shakespeare, Milton tanto como Byron, Ariosto tanto como Schiller.

Assim não entendem certos aristarchos; para elles a *Iliada* é *atrazada*, a *Divina Comedia* é *atrazada*, *Othello* é *atrazado*, os *Luziadas* são *atrazados*... Deve-se *modernisar* tudo isto...

Alvares de Azevedo era um talento possante n'uma organisação franzina. Não podia viver muito, era doentio; era em essencia um *melancolico.* Isto póde-se dizer d'elle; porque é a verdade manifestada em sua vida e em seus escriptos. Como *melancolico* era impossivel que attingisse n'arte áquella serenidade de Gœthe, por exemplo. Applicar-lhe o conceito erroneo em poesia de *adiantamento* ou *atraso* é que é formidavel desconcerto.

O poeta quasi só produziu queixumes; porque era desequilibrado. « No intimo da melancolia encontrar-se-á talvez sempre uma falta de equilibrio das faculdades, e, como causa final, algum desarranjo organico.

O melancolico é um ser incompleto, enfermo, ferido nas fontes da vida, que poderá exhalar queixas eloquentes; mas que nunca attingirá á grande arte.

O verdadeiro artista, o que domina a natureza e o homem, que os reproduz n'uma concepção impessoal, um Shakespeare, um Gœthe, um Walter Scott, esse é um são. Não sabe o que é apalpar o pulso. A paz de seu espirito não está á mercê do tempo que faz, contempla a vida com serenidade. A melancolia resulta de uma organisão nervosa, impressionavel, delicada, exquisita, porém incompativel com a harmonia das forças e a elasticidade de um temperamento robusto. »

São palavras de Edmond Scherer a proposito de Maurice de Guérin. Applicam-se perfeitamente ao nosso poeta.

Dada esta ideia geral da natureza de seu talento e das vicis-

situdes de seu estado espiritual, resta analysar mais directamente os seus escriptos.

Em Alvares de Azevedo ha um poeta lyrico e o esboço de um critico, de um dramatista e de um *conteur*. O lyrismo do joven artista não é o simples lyrismo melancolico a Lamartine. Ha n'elle grande variedade introduzida por pinturas objectivistas, por scenas de costumes, por cantos politicos, por passagens humoristicas.

Quando se fala em Azevedo vem logo á mente a ideia de um lacrymoso perpetuo. Pois é um grande erro.

Ha n'elle paginas de um objectivismo completo : *Pedro Ivo*, *Thereza*, *Cantiga do Sertanejo*, *Na Minha Terra*, *Crepusculo no mar*, *Crepusculo nas montanhas*, e muitas outras. Em *Gloria Moribunda*, *Cadaver de poeta*, *Sombra de D. Juan*, *Bohemios*, *Poema do Frade*, e no *Conde Lopo*, recentemente publicado, ha muito d'esse satanismo, d'esse desprazer da vida em que veiu acabar o romantismo. Ha apenas mais talento do que em Baudelaire ; porque, de envolta com os desalentos e extravagancias do genero, em Azevedo apparecem manifestações de lyrismo que não possuia tão eloquentes o poeta francez.

Esse lyrismo póde soffrer uma divisão capital ; ideialismo e humorismo. N'um e n'outro ha notas pessoaes e geraes. Ha difficuldade em mostrar trechos pela abundancia de fragmentos typicos. Leiam-se *Anima Mea*, *Harmonia*, *Tarde de Verão*, *Saudades*, *Virgem morta*, *Spleen e Charutos*, *Meu desejo*, *Lagrimas da Vida*, *Malva Maçã*, *Namoro a Cavallo* e vinte outras.

Não reproduzirei aqui nenhuma d'essas ; as obras do poeta andam ahi e podem e devem ser lidas. Só uma inclurei n'este lugar ; por que só por si é apta a fazer amar esse rapaz, esse espirito desequilibrado e revolto ; mas essa alma enthusiasta e capaz de grandes dedicações. São os versos que o poeta dirige á sua mãe :

« Es tu, alma divina, essa Madona
Que nos embala na manhan da vida,
Que ao amor indolente se abandona
E beija uma criança adormecida.

No leito solitario és tu quem vela
Tremulo o coração que a dôr anceia,
Nos ais do soffrimento inda mais bella
Pranteando sobre uma alma que pranteia.

E se pallida sonhas na ventura
O affecto virginal, da gloria o brilho,
Dos sonhos no luar, a mente pura
Só delira ambições pelo teu filho!

Pensa em mim, como em ti saudoso penso,
Quando a lua no mar se vai doirando :
— Pensamento de mãe é como o incenso
Que os anjos do Senhor beijam passando.

Creatura de Deus, oh mãi saudosa,
No silencio da noite e no retiro
A ti vôa minh'alma esperançosa,
E do pallido peito o meu suspiro!

Oh! vêr meus sonhos se mirar ainda
De teus sonhos nos magicos espelhos...
Viver por ti de uma esperança infinda
E sagrar meu porvir nos teus joelhos...

E sentir que essa briza que murmura
As saudades da mãi bebeu passando...
E adormecer de novo na ventura
Aos sonhos d'oiro o coração voltando...

Ah! se eu não posso respirar no vento,
Que adormece no valle das campinas,
A saudade de mãi no desalento,
E o perfume das lagrimas divinas...

Ide, ao menos, de amor meus pobres cantos,
No dia festival em que ella chora,
Com ella suspirar nos doces prantos,
Dizer-lhe que tambem eu soffro agora.

Se a estrella d'alva, a perola do dia,
Que vê o pranto que meu rosto inunda,
Meus ais na solidão lhe não confia
E não lhe conta minha dôr profunda...

Que a flôr do peito desbotou na vida,
E o orvalho da febre requeimou-a ;
Que nos labios da mãi na despedida
O perfume do céo abandonou-a!...

Mas não irei turvar as alegrias
E o jubilo da noite susurrante,
Só porque a magoa desnuou meus dias
E zombou de meus sonhos delirantes.

Tu bem sabes, meu Deus, eu só quizera
Um momento sequer encher de flôres,
Contar-lhe que não finda a primavera,
A doirada estação dos meus amores...

Desfolhando da pallida corôa
Do amor do filho a perfumada flôr
Na mão que o embalou, que o abençôa,
Uma saudosa lagrima depôr...

Suffocando a saudade que delira
E que as noites sombrias me consome,
O nome d'ella perfumar na lyra,
De amor e sonhos coroar seu nome! » (1).

E' uma d'essas paginas deliciosas, eivadas de brancas e doces e saudosas ideias ; paginas feitas de mimo e candura, proprias para contrastarem tantas outras cheias de amargas ironias.

Creio que se o meu leitor foi agora reler o seu Alvares de Azevedo, poderá comigo chegar a esta conclusão : as melhores paginas do poeta são aquellas em que elle deu expansão a seu talento mais natural e intimo, o talento lyrico.

O que distingue seu lyrismo d'entre todos os que tenho até agora examinado é certo modernismo, certa frescura das tintas e das imagens.

Em Magalhães, Porto Alegre, Moniz Barretto, Maciel Monteiro e outros ha um certo *tour* na fórma que lembra ainda o velho classismo. O mesmo em parte em Gonçalves Dias. No

(1) *Obras* de Alvares de Azevedo, 5.ª edição, 1884, tomo 1.º, pag. 249.

auctor da *Lyra dos Vinte annos* a cousa é outra e a impressão que deixa é bem diversa; o tom é novo; vê-se nitidamente que se está a tratar com um *filho do seculo.*

O humorismo é tambem novo, e é a primeira vez que apparece na poesia brasileira essa bella manifestação da alma moderna. Convem não confundir o *humour* com a chalaça, a velha pilheria portugueza; essa tivemol-a sempre, e sempre a possuiu o reino.

O *humour* á ingleza e allemã nós não o cultivamos jámais, nem Portugal tão pouco. O primeiro que o exprimiu em nossa lingua foi Alvares de Azevedo, profundamente lido nas litteraturas do norte.

O *humour* é diverso das *vis comica*, do *espirito* e da *satyra*, ainda que possa ter com elles alguma analogia. A comedia é o riso com certa malignidade; o *espirito* é a graça, a pilheria para divertir; a satyra é um castigo empregado como tal, mostrando colera.

O *humour* é uma especial disposição da alma que procura em todos os factos o lado contrario, sem indignação. Requer finura, força analytica, philosophia, scepticismo e graça n'um *mixtum compositum* especialissimo, que não anda por ahi a se baratear. Azevedo o possuiu até certo ponto.

Eu disse que o poeta abrigava em si o esboço de um *conteur*, d'um dramatista e d'um critico. O *conteur* está n'essa tão afamada *Noite na Taverna*, onde ha algumas bellezas entre muitas extravagencias e affectações. O dramatista está nos *Bohemios* e em *Macario*, fragmentos informes para o palco, porem contendo algumas ideias felizes.

Pelo que me toca, prefiro o poeta.

O critico me parece tambem de não mui avultado alcance.

O drama e o conto exigem muita observação, muita analyse, muita tensão no espirito, a par de muita imaginação creadora. Não creio que aquellas qualidades predominassem no espirito do poeta.

A critica exige muita logica, comprehensão muito nitida, ausencia de toda nebulosidade, nada de sestros fanaticos, intuição rapida, aptidão philosophica intensa, assimilação prompta.

Azevedo não era propriamente isto. A prova está antes de tudo no facto de elle proprio, desconhecendo radicalmente a missão, o alcance e o objectivo da critica, ainda laborar na velha e erronea noção de ser ella a parasita que vive de alheia seiva, e outras momices da especie, que podem ser lidas no prefacio do *Conde Lopo.*

Nos ensaios do genero, deixados pelo poeta, o estylo é por vezes pesado, obscuro e amaneirado e as contradicções e obscuridades formigam.

Não é que ache completa razão em Wolf e Norberto Silva quando accusam geralmente a prosa de Azevedo. Ha excesso de rigor; o moço paulista deixou algumas paginas saborosamente escriptas.

Eis aqui uma d'ellas :

« O que eu lhe vou dizer é triste, é lastimoso para quem o diz : tanto mais que elle o faz com a plena convicção de que fala ao indifferentismo.

E' uma miseria o estado do nosso theatro : é uma miseria vêr que só temos João Caetano e a Ludovina. A representação de uma boa concepção dramatica se torna difficil. Quando só ha dous actores de força, sujeitamo-nos ainda a ter só dramas coxos, sem força e sem vida, ou a ver estropiar as obras do genio.

Os melhores dramas de Schiller, de Gœthe, de Dumas não se realisam como devem. O *Sardanapalo* de Byron traduzido por uma penna talentosa foi julgado impossivel de levar-se á scena. No caso do *Sardanapalo* estão os dramas de Shakespeare que, modificados por uma intelligencia fecunda, deveriam produzir muito effeito. Se o povo sabe o que é o *Hamlet*, *Othello...* deve-o ao reflexo gelado de Ducis. Comtudo, seria facil apresentar-se no theatro de S. Pedro alguma cousa de melhor do que isso. Com o simples trabalho de traducção se poderiam popularisar os trabalhos de Emile Deschamps, Auguste Barbier, Léon de Vailly e Alfredo de Vigny, que traduziram *Romeo e Julieta*, *Macbeth*, *Julio Cesar*, *Hamlet* e *Othello.*

Quando o theatro se faz uma especie de taberna de vendilhão, vá que se especule com a ignorancia do povo. Mas quando a Companhia do theatro está debaixo da inspecção immediata do Governo, deverá continuar esse systema verdadeiramente immundo? não : o theatro não deve ser escola de depravação e máo gosto. O theatro tem um fim moralisador e litterario : é um verdadeiro apostolado do bello. D'ahi devem sahir as inspirações para as massas. Não basta

que o drama sanguinolento seja capaz de fazer agitarem-se as fibras em peitos de homens cadaveres. Não basta isto : é necessario que o sonho do poeta deixe impressões ao coração e agite n'alma sentimentos de homem.

Para isso é preciso gosto na escolha dos espectaculos, na escolha dos actores, nos ensaios, nas decorações. E' d'esse todo de figuras grupadas com arte, do effeito das scenas, que depende o interesse. Talma o sabia. João Caetano, por uma verdadeira adivinhação do genio, lembra-se d'isto.

Além essas composições sem alma, que servem apenas para amesquinhar a platéa, esses quadros de terror e de abuso de mortualha que servem apenas para atufar de tédio o coração do homem que sente, mas que pensa e reflecte no que sente e no que pensa.

Mas o que é uma desgraça, o que é a miseria das miserias é o abandono em que está entre nós a Comedia.

Entre nós parece que acabaram os bellos tempos da Comedia. Verdadeiros *blasés*, parece que só amamos as impressões fortes, que preferimos estremecer, chorar, a rir d'aquellas boas risadas de outr'ora.

Em lugar da musa de Menandro e de Terencio, temos hoje uma musa asquerosa que apparece nas taboas do palco á meia noite, como uma bruxa, que revolve-se immunda com a bocca cheia de chufas obscenas, em chão de lodo hedionda creatura, bastarda da bôa filha de Molière, adiante da qual o pudor, digo mal, até o impudor tem de corar.

O estrangeiro que assiste aquellas saturnaes vergonhosas da scena crê assistir a um *sabbath* de feiticeiras e, como o Faust de Gœthe no Brocken, sente-se tomado de asco invencivel por aquellas feialdades núas. O sócco romano-grego tornou-se o tamanco immundo da vagabunda desbocada!

E' triste pensal-o; — mas se é verdade que o theatro é o espalho da sociedade, que negra existencia deve ser a da gente que applaude frenetica aquella torrente de lodo que salpica as faces dos espectadores!

A farça embotou o gosto e matou a Comedia. O palhaço enforcou o homem de espirito. Arlequin fez achar insipido o Tartufo.

E, comtudo, nós que nos fizemos homem no tempo em que João Caetano se não envergonhava de representar Casanova, nós que o vimos, não ha muito, vestir o disfarce de Robin, embuçar-se no manto roto de Don Cesar de Bazan, que soltamos bôas gargalhadas ante o *Auto de Gil Vicente* e Robert Macaire, não podemos deixar de lamentar que elle desdenhe a mascara da Comedia.

E comtudo Molière — um genio! — era comico. Shakespeare preferia a galhofa das alegres mulheres de Windsor — *What you will*, *A tempestade*, etc., aos monologos de Henrique III, ao desespero do rei Lear, á duvida de Hamlet. Kean despia o albornoz e o turbante do Mouro de Veneza para tomar o abdomen protuberante e o andar vertiginoso, as faces ardentes de embriaguez do *bon vivant*, cavalleiro da noite, amante da lua, sir John Falstaff!

Haja algum impulso da parte d'onde deve vir e esperamos que haja entre nós theatro, drama e comedia.

A nossa mocidade laboriosa se animará a emprehender trabalhos dramaticos. Começarão por traducções, estudarão o theatro hespanhol de Calderon e Lope de Vega, o theatro comico inglez de Shakespeare até Sheridan, o theatro francez de Molière, Regnard, Beaumarchais e mais modernamente enriquecido pelo repertorio de Scribe e pelos proverbios de Leclercq e de Alfredo de Musset, os que tiverem mais genio, os que tiverem estudado o theatro grego, o theatro francez, o theatro inglez e o theatro allemão, depois d'esse estudo attento e consciencioso poderão talvez nos dar noites mais litterarias, mais cheias de emoções do que aquellas em que assistimos e melodramas caricatos, as paixões falsas, todas aquellas concepções que movem-se e falam como um homem, mas que quando se lhes baté no coração dão um som cavernoso e metallico como o peito ôco de uma estatua de bronze! » (1)

E' bom este modo de dizer e são acertadas estas ideias.

Onde não posso acompanhar o poeta é quando escreve cousas assim :

«... segundo nosso muito humilde parecer, sem lingua á parte não ha litteratura á parte. E (releve-se-nos dizel-o em digressão) achamol-a por isso, sinão ridicula, de mesquinha pequenez a lembrança do Sr. Santiago Nunes Ribeiro ; ja d'antes apresentada pelo collector das preciosidades poeticas do primeiro *Parnaso Brasileiro*.

D'outra feita alongar-nos-hemos mais a lazer por essa questão e essa polemica secundaria que alguns poetas e mais modernamente o Sr. Gonçalves Dias parecem ter indigitado : a saber que a nossa litteratura deve ser aquillo que elle intitulou nas suas collecções poeticas *poesias americanas*. Não negamos a *nacionalidade* d'esse genero. Crie o poeta poemas indicos, como o *Thalaba* de Southey, reluza-se o bardo dos perfumes asiaticos, como nas *Orientaes* Victor Hugo, na *Noiva de Abydos* Byron, no *Lallah-Rook* Thomas

(1) *Obras* de Alvares de Azevedo, quinta edição, vol. III, pag. 237.

Moore, devaneie romances á européa ou á chineza, que por isso não perderão sua nacionalidade litteraria os seus poemas » (1).

Por este pedaço, em má hora escripto, claro se vê que o auctor de *Macario* não sabia bem o que era uma lingua, uma litteratura, o que era o indianismo, nem o que eram o Brasil e Portugal.

Ter ou não ter uma litteratura não é questão de *querer* ou *não querer*... E' um phenomeno fatal, biologico-historico, que se está produzindo no Brasil, como se produziu em Portugal. Ou se *queira*, ou *não se queira*, o Brasil não está na Europa, nem o Rio de Janeiro á margem do Tejo...

Estamos n'outro continente, temos outro *clima*, outra natureza, outro meio, outras *raças* mescladas no povo, outras fontes economicas, outras aspirações, outro *ideial.* A lingua vae se alterando constantemente.

Ora, meio á parte, raça á parte, ideial á parte produzem necessariamente litteratura á parte. Nem é isto motivo para vaidades ; é phenomeno sem merito ; porque é em essencia quasi mecanico. A vontade aqui pouco, bem pouco poderá influir.

Não é o facto do indianismo, commum aliás a toda a America, que nos garante uma litteratura. Esta começou a formarse no Brasil no dia em que os indios, os negros e os colonisadores entraram a viver juntos, a trabalhar juntos, a soffrer juntos, a cantar juntos. No dia em que o primeiro mestiço cantou a primeira quadrinha popular nos eitos dos *engenhos*, n'esse dia começou de originar-se a litteratura brasileira, que homens como Gregorio de Mattos, Durão, Basilio, Alvarenga, Taques, Andrada, Porto Alegre, Gonçalves Dias, Penna, Macedo, Bernardo Guimarães, Alencar, Agrario, Francisco Lisboa e o proprio Azevedo opulentaram e encaminharam para uma differenciação cada vez mais crescente.

O segredo das teimas dos que negam esse phenomeno tão vulgar acha-se no desconhecimento dos mais elementares principios de critica relativamente ao conceito do que seja uma litteratura, e na completa ignorancia da ethnographia,

(1) *Obras* de Alvares de Azevedo, quinta ediçao, vol. III, pag. 183.

da historia e, em geral, de todos os problemas que se referem ao Brasil.

Aureliano José Lessa (1828-1861.) Estamos em São Paulo; a academia de direito está animada; cheios de enthusiasmo os moços cultivam a bella litteratura; é no periodo que vae de 1846 a 1856. E' donde então partem os raios que illuminam e alentam as patrias letras.

Ao lado dos poetas e litteratos havia os publicistas e oradores; é o tempo de Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa, Bernardo Guimarães, José Bonifacio, Felix da Cunha, Ferreira Vianna, Paulino de Souza, José de Alencar, Duarte de Azevedo e muitos e muitos outros.

O movimento, inaugurado no Rio de Janeiro, por Magalhães, Porto Alegre, Gonçalves Dias, Penna e Macedo, chega até a capital paulista, os moços metem-se n'elle e o adiantam. Aureliano Lessa é um dos obreiros n'aquella faina. Elle, Azevedo e Bernardo Guimarães eram os mais applaudidos poetas da epocha. Iam juntos publicar *As tres Lyras*.

Bernardo e Aureliano eram mineiros e amavam-se extremamente. A estima entre ambos era mais profunda do que entre qualquer d'elles e Azevedo. Razões psychologicas havia para isto; os dois mineiros eram placidos, avessos a essa turbulencia de ideias adequada á indole do moço auctor dos *Bohemios*.

O romantismo penetrou em Azevedo por todos os poros, sacudiu-lhe todas as fibras, tomou-lhe os sentimentos e as ideias.

Os dois mineiros, comquanto affectados do mal até certo ponto, a despeito de haverem adquirido certos habitos academicos, não deixaram no intimo de ser profundamente ideialistas e crentes, religiosos até em alto gráo. A leitura attenta de Lessa sobre tudo o prova irrecusavelmente.

Azevedo falleceu logo sem ter tempo sequer de acabar o curso academico.

Os dois mineiros, retirados aos seus sertões, continuaram a viver descuidosamente, em todo o desleixo de verdadeiros poetas e verdadeiros meridionaes.

Bernardo morreu já quasi sexagenario; Lessa o antecedera de muito. Finou-se aos trinta e tres annos de idade, aos 21 de fevereiro de 1861.

Dos tres amigos elle é que deixou menor nomeada. Um teve parentes cuidadosos que lhe publicaram immediatamente as obras e gosou a felicidade de fazer a bella poesia de uma morte a proposito. O outro viveu bastante para ter tempo de publicar uns poucos de volumes de versos e uns poucos de romances. Mas Lessa não era inferior aos dois.

Azevedo era dos tres o talento mais possante; porém mais desigual e mais desequilibrado; Lessa era o que alliava mais naturalidade a mais ideialismo; sua poesia era a emanação espontanea e doce de um rozal florido; nada de *pose;* tomava o tom do momento; a nota d'alma na occasião. Bernardo era tambem natural; mas sem tanto ideialismo talvez e com maior numero de incorrecções.

De Lessa não ficaram obras; doze annos depois de sua morte um irmão carinhoso, após haver gasto largo tempo a apanhar aqui e alli algumas de suas producções, publicou um punhado d'ellas, sob o titulo de *Poesias posthumas do Dr. Aureliano José Lessa.* E um livrinho de pouco mais de cem paginas.

Os espiritos grosseiros, que julgam o merito de um escriptor pelo montão de obras que elle deixa, espantar-se-hão de ser n'esta historia contemplado quem tão pouco legou ás letras... Lessa não vale pelo que fez; vale pelo que era. Poeta de talento, como tal deve ser tratado.

E' preciso vel-o em seu meio e para isto o melhor é dar a palavra a seu patricio, collega, rival e amigo, Bernardo Guimarães: « Nasceu Aureliano José Lessa em 1828, na cidade da Diamantina, n'essa região do norte de Minas, tão fecunda em pedras preciosas, como em talentos superiores. Estudou preparatorios no Seminario de Congonhas do Campo, onde, graças á lucidez e promptidão de sua intelligencia, unidas a uma memoria das mais felizes, fez rapidos progressos. Ahi parece que se deu ao estudo com mais applicação e assiduidade do que nos cursos superiores, pois em materias preparatorias possuia larga e solida instrucção.

Transportado a S. Paulo, apenas sahido da infancia, afim de frequentar o curso juridico, sua vida academica foi um longo delirio infantil, um incessante devaneio poetico. Achava elle então em S. Paulo um circulo numeroso de moços apaixonados pela poesia, no meio dos quaes não podia deixar de dar larga expansão ao seu extraordinario gosto pelas bellas letras.

A paixão pela poesia e pela litteratura amena distrahia por demais n'aquella epocha a mocidade academica de seus estudos escolares.

Aureliano, Alvares de Azevedo, José Bonifacio, Cardoso de Menezes, Silveira de Souza, Paulo do Valle, Ferreira Torres, Lopes de Araujo, o portuguez Agostinho Gonçalves, e varios outros mancebos, entre os quaes se contava tambem o auctor d'estas linhas, eram como um bando de canarios, que perturbavam com seus constantes gorgeios os severos estudos dos alumnos de Themis : eram uma verdadeira Arcadia no seio da Academia.

No meio d'essa pleiada de cantores, o guaturamo da Diamantina não podia ficar mudo.

Graças á sua facil intelligencia, poucas horas bastavam a Aureliano para desempenhar os seus deveres escolasticos ; o resto do tempo dissipava-o elle alegremente em convivencias e palestras, improvisando estrophes fugitivas, ou discutindo litteratura entre seus amigos. Nas polemicas e certames academicos a palavra lhe borbotava dos labios com uma promptidão e abundancia prodigiosas.

Com a mesma facilidade com que dissertava sobre litteratura amena, embrenhava-se tambem com incrivel volubilidade nos mais intrincados labyrinthos da metaphysica.

Como todos os espiritos dotados de comprehensão extremamente facil, mas a quem faltam a calma e paciencia necessarias para reflectirem, tomava soffregamente as primeiras intuições de sua intelligencia como verdades irrecusaveis, e assim por vezes de erro em erro era levado aos mais estranhos paradoxos, que elle todavia não deixava de defender com o accento da mais intima convicção, e com uma dialectica inesgotavel em recursos.

Essa mania do paradoxo, e o gosto de metaphysicar (deixem passar a expressão) o emmaranhavam ás vezes em tal confusão de raciocinios, que o tornavam completamente inintelligivel.

O pendor de seu espirito para as concepções transcendentaes da philosophia reflecte-se até em algumas de suas composições poeticas, nas quaes o conceito é por vezes tão subtil e alambicado, que prejudica grandemente a clareza.

Aureliano tomou o gráo de bacharel, em Olinda, em 1851. Deixando os bancos academicos, a sua norma ordinaria de viver em nada se alterou. Continuou sempre o mesmo, sempre alegre e despreoccupado, olhando com indifferença o presente, bom ou máo, e completamente descuidado do futuro. O genio folgazão e imprevidente da puericia parecia nunca mais querer abandonal-o. Era sempre a mesma criança travessa, espirituosa, voluvel e doudejante. Epicurista por natureza, Aureliano quereria passar a vida em um continuo festim.

Não vá, porém, o leitor pensar que era elle um d'esses sensualistas libertinos e descridos, como os que a imaginação de Byron creou á sua propria imagem e similhança, ou um conviva crapuloso das tascas e dos bordéis, como esses que Alvares de Azevedo, exagerando Musset, tanto folgava de esboçar, esperdiçando em tão monstruosas creações as brilhantes côres de sua rica paleta.

Não ; Aureliano não tinha parentesco algum com D. Juan, nem tão pouco com J. Rolla, e muito menos com Bocage.

Era um epicurista *sui generis*. Suas orgias, se orgias se podem chamar, nunca tinham por theatro o lupanar ou a casa de jogo, ou outro qualquer lugar de devassidão ou crapula grosseira. Eram delirios galhofeiros em roda da mesa, em companhia de alguns poucos amigos.

O fumo dos vinhos elles evaporavam rindo, cantando, poetisando, ou em passatempos, não direi escolasticos, mas quasi infantis.

Era uma devassidão do espirito, se assim me posso exprimir, jovial e inoffensiva, e não os gozos do sensualismo mate-

rial. Eram, desculpem-me se repito tantas vezes a phrase que melhor o caracterisa, eram orgias de criança » (1).

Este pedaço é instructivo, duplamente instructivo ; revela uma parte da indole de Lessa e uma parte da intuição reinante em 1850 em São Paulo.

Estava-se então na phase do *sentimentalismo* na romantica brasileira Esta é a verdade ; mas expressa de um modo tão geral que se fica a ignorar a realidade da historia, a realidade da vida como ella se passou.

Dizer que n'aquelle tempo a poesia choramigava é a verdade ; mas não toda a verdade ; é preciso ajuntar alguma cousa mais ; é préciso dizer antes de tudo quem chorava com razão e quem pranteava sem ella ; é mister sobre tudo mostrar no meio de tanto pranto muito riso franco e jovial que passava garrulo e sonoro.

E' necessario accrescentar ainda outra cousa : no meio d'aquelle grande lamuriar houve muita rebeldia, muito brado, muito grito em prol de novas crenças, de novos idéaes. Foi um tempo de agitação e toda epocha de agitação merece grandes preitos da historia.

Devem-se tomar estas precauções antes de julgar definitivamente Aureliano Lessa.

O estado fragmentado em que ficaram as producções do poeta é ainda uma attenuante para juizos rigorosos.

No descuidoso mineiro descubro tres largas portas por onde o assaltavam as impressões da poesia : a meditação que o levava a certo naturalismo semi-philosophico, o amor que se lhe traduzia em doces e languorosos arroubos, a melancolia, que nos seus labios tinha um travor dolorosissimo.

A melancolia não é lá uma cousa tão desparatada como muita gente por ahi anda agora a julgar ; é antes uma genuina filha da civilisação moderna, é uma das formulas do pessimismo, é o seu primeiro passo.

Ora, toda a humanidade é hoje mais ou menos pessimista. A epocha das grandes alegrias, a phase heroica do homem, está passada.

(1) *Poesias Posthumas* do Dr. Aureliano José Lessa, Rio de Janeiro, 1873; pag, VI.

Por isso não se deve ser leviano e julgar mal dos outros sem provas cabaes.

Pelo que me toca, estou completamente convencido da sinceridade de Aureliano; este nunca escreveu versos por systema e calculo, não cogitou jámais de glorias; sua poesia era espontanea como a sua conversação; nada de *pose*, repito.

Começo por mostrar o poeta pelo sombrio lado da melancolia. Ouçam :

« Ha tormentos sem nome, ha desenganos
Mais negros que o horror da sepultura;
Dôres loucas, e cheias de amargura,
E momentos mais longos do que os annos.

Não são da vida os passageiros damnos
Que dobram minha fronte ; a desventura
Eu a desdenho... A minha sorte dura
Fadou-me dentro d'alma outros tyrannos.

As dôres d'alma, sim ; ella somente
Algoz de si, acha um prazer cruento
Em torturar-se ao fogo lentamente.

Oh! isto é que é soffrer! Nenhum tormento
Vale um gemido só da alma tremente,
Nem seculos as dôres de um momento! »

Na mesma indole são escriptos estes outros versos :

« Oh! não me pergunteis porque motivo
Pende-me a fronte ao peso da amargura,
Quando um suspiro tremulo, afflictivo,
Sobre os meus labios pallidos murmura.

Quando ao fundo do lago a pedra desce,
Globo de espuma á flôr do lago estala :
Assim é o suspiro : elle apparece,
Porque no coração cai dôr que o rala.

Do lago a face lisa espelha flôres,
No fundo a vista não divisa o ceno ;
Assim dentro do peito escóndo as dôres,
Mandando aos labios um sorriso ameno.

Mas quando uma afflicção acerba e crua
Mais que um rochedo o coração me opprime,
Quando nas chammas do soffrer estua
Como no incendio o resequido vime ;

Não chóro, não ! De augustias flagellado,
Um queixume sequer eu não profiro ;
Descai-me a fronte, penso no meu fado...
Oh! não me pergunteis porque suspiro!... »

Podéra citar outras provas d'essas dôres acerbas. Não é preciso ; passo ao lyrismo expansivo das effusões amorosas. N'elle apparece o *brasileirismo*, isto é, o calor, o anceio do goso vasado em forma doce e delicada. Entre as producções do genero as mais significativas são *Leviana*, *A*..., *Duas Auroras*, *Tu*, *Canto de amor*, *Queixa*, além de outras.

Eil-o que inebria-se nos fulgores de sua amante :

« Lá despontam no levante
Entre candidos vapores,
Os primeiros resplendores
Do purpurino arrebol.
Já da noite os véos sombrios
No occidente empallidecem ;
Sóbe a luz, as nuvens descem
Foge a noite, assoma o sol.

Sobre o paramo dos ares
Um véo de luz se derrama,
Que nas perolas da gramma
Vem sorrindo scintillar.
Estão as viçosas flôres
Abrindo os botões odoros
E mil passaros sonóros
Sobre as ramas a trinar.

Preguiçoso róla o rio
As verdes praias beijando,
Longamente murmurando
Um carpido adeus de amor.

Da folhagem do arvoredo
Doces lagrimas gottejam
E mil zephyros adejam
Pousando de flôr em flôr.

Vem commigo, ó minha amada,
Saudar esta aurora bella ;
Não tenho sem ti, donzella,
Nem um completo prazer.
Vem, do teu amante ao lado,
Pousar n'este chão de flôres,
E a linguagem dos amores
Com as aves aprender.

Vem, depressa, ó minha pomba!
Vem com teus labios risonhos
Contar-me os singelos sonhos
Que em tua alma o céo verteu.
Eu quero tambem contar-te
Um sonho, um sonho mui bello,
Desejo, ó virgem, vertel-o,
Guardal-o no seio teu.

Traze os teus louros cabellos
Soltos á brisa ligeira,
Assim como a vez primeira,
Que n'este prado te vi!
Na minha lyra dourada
Vibrando as cordas sonoras,
Cantarei duas auroras,
Uma nos céos, — outra em ti! »

Estes versos intitulam-se *Duas Auroras*, uma na esplanada dos céos, outra no olhos e no sorriso de sua amante. O quadro é gracioso e prenunciador do apuro a que devia com o tempo chegar a evolução do moderno lyrismo brasileiro.

Eis outra pagina delicada e meiga, a poesia *Tu* :

« Teus olhos são como a noite
Trevas e luz;
O' anjo, o céo em teus olhos
Se reproduz!

Tu'alma ainda não conhece
Teu coração;
Rubor que te accende as faces
E' sem razão.

Innocente, quem gozára
Comtigo o céo!
Quem dos amores comtigo
Rasgára o véo!

Quem descerrára teus labios
C'um doce beijo!...
Dizendo — amor — e em teus olhos
Vira um desejo!

Tua face é como a aurora
Púrpura e luz!
O' anjo, a aurora em teu rosto
Se reproduz!

Quero viver em teus olhos,
O' innocente!
Quero adorar-te prostrado
Eternamente! »

E' singelo e amavel isto ; é docemente lyrico. Ha quinhentos generos de poesia. Aprecio todos elles quando revelam sinceridade e talento.

A poesia póde ser crente ou descrente, alegre ou triste, pacata ou revolucionaria, popular ou aristocratica, lyrica, dramatica, epica, patriotica, humoristica, satyrica, elegiaca, descriptiva, comica, meiga, ardente, voluptuosa, mystica, religiosa, impenitente, scientifica... póde ser o que ella quizer e desejar ser ; estou sempre disposto a aprecial-a, se fôr a expressão natural de um temperamento.

O que não tolero facilmente são o exclusivismo, a estreiteza de vistas, as igrejinhas fanaticas.

« Nos tempos modernos, diz Lessing, a arte recuou muito os seus limites. Hoje pretende-se que sua imitação se estenda a toda a natureza visivel de que o bello é apenas uma pequenina parte. Expressão e verdade, assegura-se, são as suas primeiras leis. Como a propria natureza sabe sempre, quando

se faz preciso, sacrificar a belleza a designios mais elevados, deve tambem o artista subordinar esta mesma belleza á vocação mais geral que o attrahe a tudo imitar, e seguir-lhe as leis sómente na medida em que se coadunam com a verdade e a expressão. »

São palavras do *Laocoonte ou os limites da poesia e da pintura*, excellente livro, onde se acham em germen muitas das ideias mais tarde desenvolvidas por Taine, Fromentin e Guyau, os tres illustres estheticos francezes a que se prendem Bourget e Veron.

Lessing fala n'esse topico da pintura e repelle aquelle modo de pensar no que diz respeito a esta arte.

O que é assim até certo ponto inexacto com referencia á pintura é de palpitante verdade tratando-se da poesia. Esta deve estender os seus limites a todos os dominios da phenomenalidade universal. O grande *Cosmos* é o seu objecto.

Eu bem sei que se diz que a sciencia, e sua filha mais velha a industria, e sua filha mais nova a democracia, batendo os mysterios, materialisando a vida e igualando as classes, têm trazido á poesia durissimas provações; mas acredito que ella sahirá victoriosa de tão rudes combates.

Não creio ser em pura perda o tempo que tenho estado a empregar em ler e discutir poetas. Por isso diga-se ainda uma palavra sobre Aureliano Lessa.

Não se limitou á poesia subjectiva ou pessoal de suas magoas ou de seus amores. De vez em quando lançava um largo olhar sobre o grande universo e envolvia-se no turbilhão das espheras pelos espaços fóra. Então desferia d'esses hymnos pantheisticos, dos quaes *O Sol* e *A Crêação* são dois bellos especimens. Leia-se aqui esta ultima, que não deve ser confundida com o *Hymno da Crêação*, tambem do poeta (1).

Eil-a :

« Quando tudo era Deus, quando só Elle
Pejava o horror do espaço;
Deus disse : — é bom que surja o Universo
Recuemos um passo. —

(1) Vide *Poesias Posthumas*; lêde *O Sol, Hymno da Créação, A' Tarde, O Poeta, A Crêação*, etc.

Depois co'a dextra contrahindo o vacuo
Informe, e tenebroso,
Deixou cahir o Universo inteiro
No espaço luminoso :

O silencio expandiu-se; era um sussurro
De sublime harmonia;
Hymno da vida, porque o sol gyrava
O primitivo dia.

Um chuveiro de mundos despenhou-se
Pelos desertos ares,
Como a saraiva, ou como os grãos de arêa
Lá no fundo dos mares.

Rodava a terra verde, e a lua pallida,
Ia a noite após ellas,
Mas caiu sobre as trevas, que fugiam,
Uma chuva de estrellas.

Os cometas correram desgrenhados,
Quaes profugos do inferno,
Levando aos astros dos confins da esphera
Os decretos do Eterno.

Do seu leito de abysmos o oceano
Tenta em vão levantar-se;
Vem tombando, mugindo e espumando
Co'as terras abraçar-se.

Abre o condôr as azas sobre nuvens,
Leviathan nos mares;
E os jubados leões, bramindo atroam
Os echos dos palmares.

Vem descendo dos montes, debruçados
Como enormes serpentes
Pelas campinas té beber no oceano,
Os rios e as correntes.

Os passaros cantando, a luz da aurora
Flóreos botões desata;
A selva freme, a viração murmura,
Sussurrando a cascata.

Immovel nos umbraes da Eternidade,
Té li o tempo estava;
Mas após o primeiro movimento
Já veloz caminhava.

Então milhões de mundos, e mais mundos,
Céos, e céos ao redor,
Todos em brado universal cantaram
Hosana ao Creador.

No meio da harmonia do Universo
Deus despertou o homem,
Lançando sobre a terra um véo de nuvens
Que ao seu olhar o somem.

Co'a dextra incerta tateando os ares
O homem despertava...
Ebrio de vida, os membros apalpando
— Tu quem és? — perguntava.

Tentou falar; do peito a voz lhe brota,
E recúa admirado;
As aves cantam, e o cantar das aves
Escuta extasiado.

Quiz caminhar, correu pela planicie,
E galgou as collinas :
Derrama em torno, ao longe, o olhar vago,
Vê montes e campinas.

Os echos escutou por muito tempo,
Encruzados os braços,
E de lá vem descendo pensativo
Com vagarosos passos.

Debalde as vistas erra pelos troncos
Da numerosa selva;
Em vão percorre as grutas, fatigado
Assenta-se na relva.

Pensa, medita, e erguendo-se mais forte
De novo a selva explora ;
Volve, revolve tudo e o vazio
Do coração deplora.

Subito estaca palpitante o peito,
E co'o abraço aberto...
Estão seus olhos devorando a scena,
Que descortinam perto...

Na borda de uma fonte crystallina
A mulher se mirava ;
Rubra de pejo, as graças inda nuas
Co'as brancas mãos tapava.

Ria-se á sua imagem; para ella
Os braços estendia...
Mas vendo a sombra abrir-lhe um terno abraço
Recuava e sorria.

Elle exclama : eras tu! E ella fugia
Co'as faces em rubor...
Não pôde proseguir, caiu, cahiram,
E levantou-se Amor! » (1)

Lessa era um temperamento ideialista e religioso ; não da religiosidade exterior de praticas e ceremonias ; sim da necessidade de alçar o espirito ás origens, ás syntheses ultimas do universo, a essas causas *primeiras e finaes* que o positivismo deseja banir da mente do homem e Kant declarou constituirem outros tantos problemas insoluveis scientificamente e *indestructiveis* ante a natureza intrinseca da razão humana. E' a esphera em que se debatem as duas velhas intuições — do *dualismo* e do *monismo*. E' o terreno perpetuo das religiões e das metaphysicas.

De ordinario se diz que a intuição monistica do universo é um producto da raça aryana e a intuição dualistica uma obra dos semitas. Assim parece ser a quem estuda superficialmente a historia da philosophia. Um olhar mais profundo do espirito critico por esse lado irá discernir nos dois maiores genios dos semitas, Moysés na alta antiguidade e Spinosa nos tempos modernos, dois monistas no alto e elevado sentido, mas d'um monismo que se póde alliar com o ideialismo. Lessa

(1) *Poesias Posthumas*, pag. 48.

parece ter lobrigado vagamente essa aspiração da intelligencia.

Bernardo Joaquim da Silva Guimarães (1827-1884). A passagem de Alvares de Azevedo e Aureliano Lessa para Bernardo Guimarães é muito natural. Já se viu que foram companheiros. Obedecem *mutatis mutandis* á mesma intuição.

Bernardo viveu apenas muito mais do que os seus dois amigos e teve tempo de publicar trese obras. São dez romances e tres volumes de poesias. Teve tempo de tratar de seu *bilan* litterario e providenciar sobre sua fama.

Tem-se pois em face um poeta e um romancista ; deve-se começar pelo primeiro, que foi tambem por onde principiou o notavel sertanejo.

O mais antigo volume de versos de Bernardo appareceu em S. Paulo em 1852 sob o titulo de *Cantos da Solidão.* Publicou sob a mesma denominação segunda edição no Rio de Janeiro em 1858 ; o volume vinha augmentado com as *Inspirações da Tarde.*

Em 1865 surgiu nova edição sob o nome de *Poesias de B. J. da Silva Guimarães.* O livro contém, além d'aquellas duas partes, *Poesias diversas*, *Evocações* e a *Bahia de Botafogo.* E' a mais significativa obra poetica do nosso mineiro ; é uma das melhores da lingua portugueza.

Em 1876 sahiram as *Novas Poesias* e em 1883 as *Folhas do Outomno.* A decadencia é evidente.

Deve-se ainda e sempre procurar o lyrista n'aquelle primeiro livro de sua mocidade.

Bernardo é d'aquelles poetas que lucram em ser relidos ; descobrem-se-lhe novas bellezas.

Possue boas amostras de lyrismo naturalista, como em *Invocação*, e *Ermo ;* de lyrismo philosophico, como em o *Desvanear do Sceptico ;* de lyrismo amoroso, como nas *Evocações ;* de lyrismo humoristico, como na *Orgia dos Duendes*, no *Diluvio de papel*, em o *Nariz perante os poetas.*

Mas isto não define o poeta, não o individualisa ; será preciso descobrir uma nota que seja só d'elle, que o affaste de seus competidores. E esta nota eu creio tel-a achado : são as

tintas sertanejas de sua paleta e o tom brasileirissimo de sua lingua.

Eu me explico.

Magalhães, Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo e muitos outros poetas nacionaes, do norte ou do sul, eram filhos da região da costa ou quando muito da que se chama a região das mattas proxima ás costas. Viveram, além d'isto, nas grandes cidades ao contacto de estrangeiros e quasi nada conheceram das diversas zonas do paiz.

Gonçalves Dias, que poderia fazer por este lado uma excepção, não a faz, porque só nos ultimos annos proximos á sua morte viajou os sertões do norte.

Por mais brasileira que fosse a intuição d'esses homens, não o poderia ser tanto como a de Bernardo Guimarães. Este nasceu e viveu em plena luz, no coração do Brasil, na planalto central.

Filho de Minas, elle viajou muito os sertões de sua provincia e das de Goyaz, São Paulo e Rio de Janeiro.

Bernardo tinha o genio de *bohemio*, era um caminhador: não apodrecia n'um canto; movia-se constantemente. Possuia o instincto do pittoresco.

Junte-se a isto o conviver intimo com o povo, o falar constante de sua linguagem e saber-se-ha o motivo pelo qual o intelligente mineiro em seus versos e em seus romances é uma das mais nitidas incarnações do espirito nacional.

Todos os seus escriptos versam sobre assumptos brasileiros; mas ha n'elles alguma cousa mais do que a simples escolha do assumpto; ha o brasileirismo subjectivo, esponteneo, inconsciente, oriundo d'alma e do coração.

Um traço mais.

Bernardo, com ser um sertanejo, um homem habituado á vida singela e pittoresca do interior, não era um d'esses espiritos curtos, maldizentes, que praguejam contra todo o progresso, um d'esses obcecados que desejariam ficasse o Brasil perpetuamente entregue aos caboclos na sua inveterada estupidez. Muito pelo contrario, Bernardo foi sempre avesso aos *caboclismos* exagerados. Era um espirito liberal e progressivo.

Amava a civilisação, não levava o seu amor pela paizagem, ao ponto de gostar mais de uma bella matta do que d'uma bella cidade. N'este sentido, a poesia *O Ermo* é muito interessante e significativa.

O poeta possuia uma boa intuição d'essas duas forças, que constituem os dois polos entre os quaes gira toda a evolução da humanidade : a *natureza e a cultura (Natur und Kultur).*

O maior erro da intuição romantica, erro desenvolvido pela influencia malefica da philosophia do seculo XVIII, foi o exaggero das bondades e grandezas do chamado *estado de natureza*, corrompido mais tarde pela civilisação.

A *natureza* era aqui elevada á categoria de uma potencia bemfazeja e divina, que tinha inspirado as maiores crêações da humanidade.

N'este sentido falava-se n'uma Religião *Natural*, n'uma Poesia *Natural*, n'um Direito *Natural*, n'uma Philosophia *Natural*, n'uma Esthetica *Natural*...

Vê-se, pois, que a romantica andava tambem a falar muito em *Mamãe-Natureza*, e que o romantismo tambem se poderia chamar o *naturalismo ;* mas era um naturalismo vaporoso.

Os grandes estudos de historia, ethnographia e anthropologia mostraram o homem em *estado de natureza* mergulhado na miseria e na ignorancia e mostraram que a *Mãe-Natura* não produziu nunca arte, ou direito, ou religião, ou poesia, ou philosophia ; mostraram finalmente que tudo isto é o resultado da evolução lenta da *civilisação* humana. A intuição do cultural substituiu o conceito erroneo do natural.

Era logico, e dever-se-ia esperar que o termo naturalismo desapparesse da scena. Porém não foi assim.

A palavra ficou para significar, não esse bucolismo convencional, mas aquelle systema, aquella maneira de encarar o homem como elle é, como elle se desenvolve individual e collectivamente sob a dupla influéncia das forças physicas e da cultura social.

Bernardo Guimarães teve um presentimento poetico da intuição contemporanea.

No *Ermo* elle começa por convidar a sua musa para leval-o

ás solidões deshabitadas; apraz-se em taes êrmos inebriado pelas bellezas naturaes do sitio, e assim esclama :

« Como é formoso o céo da patria minha!
Que sol brilhante e vivido resplende
Suspenso n'essa cupola serena!
Terra feliz, tu és da natureza
A filha mais mimosa; ella sorrindo
N'um enlevo de amor te encheu d'encantos,
Das mais donosas galas enfeitou-te;
Belleza e vida te espargio na face,
E em teu seio entornou fecunda seiva!
Oh! paire sempre sobre os teus desertos
Celeste benção; bem fadada sejas
Em teu destino, ó patria; em ti recobre
A prole de Eva o Eden que perdêra!
Olha : — qual vasto manto que fluctua
Sobre os hombros da terra, ondêa a selva,
E ora surdo murmurio ao céo levanta,
Qual prece humilde, que no ar se perde,
Ora açoitada dos tufões revoltos,
Ruge, sibila, sacudindo a grenha,
Qual horrida bacchante. Alli despenha-se
Pelo dorso do monte alva cascata,
Que, de alcantis enormes debruçada,
Em argentea espadana ao longe brilha,
Qual longo véo de neve, que esvoaça,
Pendente aos hombros de formosa virgem,
E já, descendo a colear nos valles,
As plagas fertitisa, e as sombras peja
D'almo frescor e placidos murmurios...
Alli campinas, roseos horisontes,
Limpidas veias, onde o sol tremúla,
Como em dourada escama reflectindo
Floreas balsas, collinas vicejantes,
Toucadas de palmeiras graciosas,
Que em céo limpido e claro balanceam
A coma verde-escura. Alem montanhas,
Eternos cofres d'ouro e pedraria,
Coroadas de pincaros rugosos
Que se embebem no azul do firmamento,
Ou se te apraz, desçamos n'esse valle.

Manso asylo de sombras e mysterio,
Cuja mudez talvez jámais quebrára
Humano passo revolvendo as folhas,
E que nunca escutou mais que os arrulhos
Da casta pomba, e o soluçar da fonte...
Onde se cuida ouvir, entre os suspiros
Da folha que estremece, os ais carpidos
Dos manes do Indio, que inda chora
O doce Eden que os brancos lhe roubaram!...
Que é feito pois d'essas guerreiras tribus,
Que outr'ora estes desertos animavam?
Onde foi 'esse povo inquieto e rude,
De bronzea côr, de torva catadura,
Com seus canticos selvaticos de guerra
Restrugindo no fundo dos desertos,
A cujos sons medonhos a panthera
Em seu covil de susto estremecia?
Oh! floresta, que é feito de teus filhos? » (1)

O poeta prosegue pranteando o desapparecimento dos primitivos incolas, a destruição das mattas, a mudança operada pelos colonos. Prantêa a morte de tantas scenas *naturaes*.

De repente muda de linguagem e exclama :

« Mas, não te queixes, musa; são decretos
Da eterna providencia irrevogaveis!
Deixa passar destruição e morte
N'essas risonhas e fecundas plagas,
Como charrua, que revolve a terra,
Onde germinam do porvir os fructos.
O homem fraco ainda, e que hoje a custo,
Da creação a obra mutilando,
Sem nada produzir destrue apenas,
Amanhã creará; sua mão potente,
Que doma e sobrepuja a natureza,
Ha de imprimir um dia forma nova
Na face d'este solo immneso e bello :
Tempo virá em que n'essa vallada
Onde fluctua a coma da floresta,
Linda cidade surja, branquejando

(1) *Poesias*, pag. 59. —

Como um bando de garças na planicie;
E em logar d'esse brando rumorejo
Ahi murmurará a voz de um povo;
Essas encostas broncas e sombrias
Serão risonhos parques sumptuosos;
Esses rios que vão por entre sombras
Ondas caudaes serenas resvalando,
Em vez do tope escuro das florestas,
Reflectirão no limpido regaço
Torres, palacios, coruchéos brilhantes,
Zimborios magestosos, e castellos
De bastiões sombrios coroados,
Esses bulcões da guerra, que do seio
Com horrendo fragor raios despejam.
Rasgar-se-hão os serros altaneiros,
Encher-se-hão dos valles os abysmos :
Mil estradas, qual vasto labyrintho,
Cruzar-se-hão por montes e planuras;
Curvar-se-hão os rios sob arcadas
De pontes colossaes ; canaes immensos
Virão surcar a face das campinas,
E estes montes verão talvez um dia,
Cheios de assombro, junto ás abas suas
Velejarem os lenhos do oceano! » (1)

N'este gosto prosegue o poeta, que assim se expressava em 1849 ou 50 n'esta peça, uma das mais antigas de sua lavra.

Acho escusado insistir em cada uma das principaes manifestações do lyrismo do illustre mineiro.

Algumas palavras sobre o que chamei o seu lyrismo naturalista.

O *Devaneiar do Sceptico* é o poeta diante da philosophia ; póde ficar de lado. No *Ermo* é o poeta diante de natureza e da cultura ; já foi visto ahi. *Invocação* é o poeta em face do Universo, do Cosmos, da Creação. E' un dos hymnos mais objectivos e ao mesmo tempo mais enthusiastas que já uma vez foram escriptos em toda a America.

Alenta essa poesia notavel um ideialismo exhuberante, um

(1) *Idem*, pag. 68.

dynamismo que de tudo transpira e se communica ao leitor. O universo inteiro palpita animado e exhala-se em perennes hymnos. E' a poesia que de tudo transuda.

O poeta exclama :

« Voz do deserto, espirito melodico,
Que as cordas vibras d'essa lyra immensa,
Onde resoam mysticas hosannas,
Que inteira a creação a Deus exalça;
Salve, ó anjo! minha alma te sauda,
Minha alma que, a teu sopro despertada,
Murmura, qual vergel harmonioso
Pelas brisas celestes embalado...

Salve, ó genio dos desertos,
Grande voz da solidão,
Salve, ó tu, que aos ceus exalças
O hymno da creação!

Sobre nuvem de perfumes
Te deslizas sonoroso,
E o rumor de tuas azas
E' hymno melodioso.

Que celeste cherubim
Te deu essa harpa sublime,
Que em variados accentos
As dulias dos céos exprime?

Harpa immensa de mil cordas
D'onde em caudal, pura enchente,
Estão suaves harmonias
Transbordando eternamente?

De uma corda a prece humilde
Como um perfume se exhala
Entoando o sacro hosanna,
Que do Eterno ao throno se ala.

Outra como que prantêa
Com voz funebre e dorida
O fatal poder da morte
E as amarguras da vida.

N'esta brando amor suspira,
E lamenta-se a saudade;
N'est'outra ruidosa e ferrea
Trôa a voz da tempestade.

Carpe as magoas do infortunio
De uma voz triste e chorosa,
E só geme sob o manto
Da noite silenciosa.

Outra o hymno dos prazeres
Entôa lêda e sonora,
E com canticos festivos
Saúda nos céos a aurora.

Salve, ó genio dos desertos,
Grande voz da solidão,
Salve, ó tu, que aos céos exalças
O hymno da crêação!... »

A poesia prosegue sempre alentada. Convido o leitor a tomar do volume e repassar tão bellos versos.

São escriptos n'esse espirito de um theismo dynamistico universal ao gosto de Leibnitz, certamente mais poetico do que a atomicidade absoluta de Democrito.

A melhor e mais fulgente manifestação do talento poetico de Bernardo Guimarães são as cinco primeiras peças da serie que intitulou — *Evocações*, a saber : *Sunt lacrimæ rerum*, *Preludio*, *Primeira*, *Segunda*, *Terceira Evocação.*

Ahi entra-se em pleno lyrismo pessoal, mas de uma pessoalidade amavel e deliciosa. O poeta evoca as suas antigas amantes e fal-as desfilar ante elle. O sentimento é profundo e real ; as *Evocações* lembram as *Noites* do primeiro poeta francez do XIX seculo, Alfredo de Musset.

A forma é de uma doçura e sonoridade de encantar.

Não sei se o diga, não sei se deva deixar aqui a manifestação de uma circumstancia puramente pessoal : nunca pude ler esses versos do poeta mineiro, e eu os tenho lido bem vezes !... sem sentir sincera emoção.

Para mim, aquillo é a poesia verdadeira, feita com as lagrimas da realidade, com as desillusões da vida.

Não transcrevo nada para não correr o risco de transcrever quasi tudo. Recommendo tão bellas paginas aos amantes da boa poesia.

Aqui devera ficar quite com o poeta, se não fôra a necessidade de juntar mais algumas palavras, afim de prendel-o á evolução geral de nossa litteratura, marcando ahi o seu lugar.

A critica puramente descriptiva não tem valor, se considerações mais serias lhe não vêm imprimir o caracter scientifico. Entre nós já se póde assim falar.

Não sei bem se a poesia, o romance, o drama, a comedia, o folhetim, o conto, a novella estão ou não completamente transformados hoje no Brasil. Mas sei que a critica litteraria está em grande parte.

Nos ultimos trinta annos tantos têm sido os assumptos de *caracter puramente brasileiro* em que se ha tocado, tal e tão pronunciado o esforço em conhecer bem o passado nacional, que uma serie de factos e de problemas ahi estão a reclamar o estudo de resolutos obreiros por muitos e muitos annos ainda.

A medida que a corrente *estrangeira*, que sempre tivemos e sempre havemos de ter, na litteratura nos atirava á poesia hugoana, e mais tarde a poesia de Sully Prudhomme e Leconte de Lisle, e mais tarde ainda ao romance de Zola e ao mesmo tempo á critica alleman ou ao positivismo de Comte, ou ao evolucionismo de Spencer, ao passo que os representantes entre nós do espirito do tempo punham-nos ao contacto das ideias *européas*, a pleiada dos afferrados ás nossas tradições, outra phalange de operarios que sempre tivemos e sempre deveremos ter, abria brecha na préhistoria, na anthropologia, na linguistica e na historia nacional.

São dous movimentos que se completam, duas tendencias que se harmonisam. Devemos ser homens de nosso tempo e tambem de nosso paiz.

Esta dupla tendencia modificou entre nós a critica litteraria. E' por isso que aquelle que bem conhecer o seu Sainte-Beuve ou o seu Taine ou o seu Scherer, mas desconhecer as trabalhos de Baptista Caetano, Couto de Magalhães, Baptista de

Lacerda, Ferreira Penna, Capistrano de Abreu, Rodrigues Peixoto, Frederico Hartt, Macedo Soares, Barbosa Rodrigues, Pacheco Junior, Lameira de Andrade, João Ribeiro e muitos outros sobre a archelogia, a linguistica, a ethnographia e a historia do Brasil, não poderá amplamente entre nós exercer a critica.

O mais que poderá fazer é colher em livros europêus meia duzia de regras, inspiradas pela analyse de escriptores estrangeiros, e cortar com ellas a roupa em que se devem envolver os nossos auctores. Isto é irregular e improficuo. Tal o methodo, entretanto, de que muito se tem abusado no Brasil.

Em geral os nossos chamados homens de letras lêm livros europêus e especialmente livros francezes; raros occupam-se de assumptos brasileiros.

Innumeros são os poetas e litteratos que não sabem duas palavras da historia do paiz; rarissimos aquelles que se acham em estado de formular um juizo mais ou menos regular sobre o passado e o presente nacional.

E, todavia, quem tiver o gosto da erudição, da anthropologia, da linguistica, das sciencias naturaes, etc., encontrará no Brasil vastissimo campo ás suas pesquizas.

Emquanto não nos applicarmos a descobrir, esclarecer, desvendar os muitos assumptos scientificos que se nos deparam entre nós e que attrahem sempre e sempre sabios europêus ás nossas plagas, não fundaremos nossa litteratura scientifica, nem resguardaremos de quaesquer attaques nossa litteratura propriamente dita.

E' preciso deixar de lado o methodo exterior de julgar os productos litterarios por meio de convenções rhetoricas. E' mister procurar em toda a vida nacional o elemento popular, vivo, constante, crêador. E' urgente investigal-o na historia politica e social e na historia litteraria e das artes.

E, apezar de contarmos aquelles poucos escriptores que se vão occupando dos estudos nacionaes, é ainda hoje uma verdade affirmar que somos um povo que se desconhece.

A historia brasileira está em geral quasi toda por escrever e sem ella nos perderemos sempre em divagações, não tere-

mos um espirito proprio, nem a consciencia de nós mesmos.

Tal o criterio fundamental das indagações litterarias.

Os livros dos novos e dos velhos poetas devem ser um corollario de nossa propria evolução, sob pêna de nada valerem, de nada representarem, salvo o testemunho de algum raro espirito, algum raro pensador, tão geral, tão universal, tão humano, que vá tomar assento entre os mais illustres representantes de nossa especie e lá fulgir entre os genios que que não têm patria, entre os Shakespeares, os Dantes, os Gœthes, cousa que não sei se já nos aconteceu...

Bernardo Guimarães, á luz de taes ideias, não é um desclassificado. Muito pelo contrario elle é um élo normal, e uma das figuras mais interessantes de nossa litteratura.

Cursou, como se viu, direito em S. Paulo, onde foi companheiro de Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa, José Bonifacio, Silveira de Souza, Felix da Cunha, José de Alencar e outros estudantes enthusiastas e estroinas d'aquelles bons tempos. Foi a epocha de maior effervescencia romantica em nossas academias.

A' poesia religiosa de Magalhães e á poesia cabocla de Gonçalves Dias aquelles moços fizeram succeder uma poesia mais ampla, mais agitada, mais comprehensiva. Avantajaram-se aos seus predecessores em conhecer melhor as litteraturas estrangeiras, em preoccupar-se mais das questões sociaes, e em cultivar mais a fórma. Trabalharam em horizonte mais vasto e com armas mais brilhantes.

Entre elles distinguia-se Bernardo Guimarães por um lyrismo sereno, placido, confiante, quasi bucolico. Era mineiro e levava a influencia de Gonzaga e dos sertões nataes. Foi sempre contrario ao indianismo e por isso criticou de Gonçalves Dias.

Inimigo de formalidades, logo ao formar-se, retirou-se aos seus serros, d'onde não mais sahiu, sinão rapidamente para o Rio de Janeiro, que de prompto abandonou, acolhendo-se ao seu planalto, onde passou a vida sem ter empregos publicos, ao que supponho, e onde foi o ulimo Abencerage do romantismo. Poz-se então a cultivar o romance, de que falarei em breve, com um sainete especial.

Seus livros do genero são novellas de um enredo simples, de um estylo leve, despretencioso, semeado de lyrismo e de algumas notas humoristicas.

E' justamente o mesmo que se dá nos versos.

N'estes as *Poesias* levam vantagem, como disse, ás *Novas Poesias* e ás *Folhas do Outomno*. As melhores imagens d'esta ultima collecção são edições novas de seus versos antigos. O livro é quasi um complexo de nenias. As melhores peças são, como lyrismo, *Flôr sem nome* e *Saudades do Sertão do Oeste de Minas*; e como humorismo *A Moda* e o *Hymna á Preguiça*.

Por estas quatro ligeiras composições aprecia-se perfeitamente a inlole poetica do nosso mineiro. Elle foi no fundo uma natureza sceptica, a que se ligaram certas tendencias epicuristas.

D'ahi o seu lyrismo voluptuoso de um lado e de outro a ponta de sarcasmo que se deixa vêr em muitos dos seus versos.

Mas o auctor das *Evocações* foi verdadeiramente, um poeta, quero dizer, um espirito descuidoso e contemplativo, um espirito mobil e impressionavel. Nunca desmentio sua vocação. Não sei se o mesmo aconteceria a Alvares de Azevedo, se continuasse a viver.

Quem sabe se não teria elle, como José Bonifacio e Felix da Cunha, e mais que todos Francisco Octaviano, tomado estranho caminho na direcção da politica?

Tudo que ahi vae dito de Bernardo Guimarães, na qualidade de poeta, e que lhe é favoravel, não quer significar absolutamente que elle não tenha tambem os seus defeitos. Tem nos e bastantes; é muitas vezes prosaico, por vezes incorrecto e não poucas superficial.

Possue certa delicadeza e propriedade de tintas, possue facilidade e presteza de vôo; mas não tem força; interessa, mas não captiva. E' claro, que faço excepção das *Evocações*.

O romancista em Bernardo Guimarães é merecedor de attenção pelo caracter nacional das suas narrações, pela simplicidade dos enredos, pela facilidade do estylo.

O escriptor mineiro póde ser tomado como um documento

para estudar as transformações da lingua portugueza n'America.

Tomando-se Gregorio de Mattos nos meiados do seculo XVII, Taques nos meiados do seculo XVIII e o nosso mineiro em meio do seculo XIX, temos o thermometro certo das alterações e transformações progressivas da lingua no Brasil.

Nas locuções, no modo de dizer, no agrupamento das palavras, no *tour* da phrase, o espirito atilado vae marcar as variações.

As publicações de Bernardo Guimarães, no romance, são : *O Ermitão do Muquem* (1858), *Lendas e Romances*, *Historias e Tradições da Provincia de Minas Geraes*, *O Garimpeiro* (1872), *O Seminarista* (1872), *O Indio Affonso* (1873), *A Escrava Isaura* (1875), *Mauricio ou os Paulistas em S. João d'El-Rei* (1877), *A Ilha Maldita* (1879), *O Pão de Ouro* (1879), e *Rozaura — a Engeitada* (1882). Alguns são simples ensaios, sem alento e descuidosamente escriptos.

Os mais significativos, a meu ver, são : *O Garimpeiro*, *O Seminarista*, *Mauricio*, *A Escrava Isaura.*

O Seminarista é um pequeno estudo de genero ; é a narrativa romantisada de um facto real. E' a historia de um rapaz, filho de um mediano fazendeiro de Minas, que, tendo amoroso enleio por uma bella menina da visinhança, é obrigado a metter-se n'um seminario e tomar ordens.

A paixão, a principio acalmada pelos estudos, penitencias e macerações da especie, rebenta forte por novos encontros nos tempos das ferias, e violentissima, quando o moço padre vem prompto para cantar sua *missa nova* e é chamado para ouvir de confissão uma moça agonisante. Era ella, era *Margarida*, a heroina, e elle *Eugenio* tinha-a alli á mão, mas proxima á tumba !...

Seguem-se peripecias atrozes e o joven padre sae louco furioso, no momento de sua primeira missa.

O livro deixa-se ler docemente ; não é atordoador e cheio de convulsões ; a acção corre serena e vae direita a seu fim. Tem muita verdade psychologica e muita exactidão de tintas nas scenas locaes. Não tem aquelle aspecto doutrinario, escavador, scientifico, technico, que tem invadido o romance

moderno, ás vezes levado a tal exaggero que antes ler um tratado de pathologia, especialmente de molestias do systema nervoso e das faculdades mentaes, do que ler taes livros, que, afinal de contas, nem sciencia, nem arte são. O nosso livro não tem aquelle aspecto demonstrativo de uma equação algebrica nem o tom realista de um processo crime.

O romance é vasado nos velhos moldes ; mas tem verdade, d'essa verdade que se impunha a um homem que tinha os olhos abertos, como Bernardo Guimarães e sabia observar, ainda que o não ostentasse.

A *Escrava Izaura* é um estudo social. Assenta sobre o facto da escravidão que existiu entre nós. Trata-se de uma bella rapariga, intelligente, graciosa, prendada e alva, como um exemplar de boa raça aryana. A pobre, entretanto, era captiva e requestada pelo senhor...

Consegue fugir em companhia de seu pae, e, da cidade de Campos na provincia do Rio de Janeiro, onde corre o principal da acção, vae ter ao Recife.

Ahi passa por livre, frequenta boas rodas, vae a reuniões, tem admiradores.

E' descoberta e presa afinal, voltando ao poder do cruel senhor, de cujas garras é arrancada por um moço rico que se tomára por ella de profundo affecto.

O facto é possivel e deu-se até mais de uma vez ; ha veracidade em geral, apar de algumas incongruencias e *ficelles.*

O *Garimpeiro* é uma narrativa local, é romance de costumes. Tem boas paginas descriptivas, regulares quadros de genero. D'este numero é a *cavalhada*, que occorre logo no segundo capitulo.

Na mesma indole e tendencia é *Mauricio*, ainda que mais significativo como estudo e como intuição ethnographia.

Mauricio é romance de costumes sob o ponto de vista historico. Refere-se á lucta havida em Minas em tempos coloniaes entre os paulistas, os ousados bandeirantes que desbravaram e povoaram aquelles sertões, e os portuguezes, os reinóes, os *emboabas* avarentos, que se aprestavam a enthezourar o trabalho alheio.

E' um bello livro, onde ha muitas verdades, quer em scenas

da natureza, quer em scenas da vida humana. D'aquellas é um exemplo o capitulo que se intitula *a gruta de Irabussú* e d'estas o capitulo — *a caçada.*

Muita gente hoje crê só haver exactidão e verdade no romance de actualidade e no moderno naturalismo. E' um exaggero.

N'esse falso presupposto repellem o romance historico e o genero que n'Allemanha teve em Auerbach um denodado cultor. São dois peremptorios juizos que precisam de revisão.

Pelo que diz respeito ao elemento historico em o romance, a historicidade ahi, como em tudo, é susceptivel de alliar-se á verdade.

Bem arranjada estaria a humanidade, se a pobresinha não podesse tomar pé no terreno do passado. Então, adeus politica, adeus historia, adeus sciencia. Viveria *au jour le jour.* Além do momento actual e presente nada !... E' justamente a intuição do selvagem.

Pelo que toca ao estudo das populações campezinas, é elle tambem susceptivel de muita verdade. Não é só nos grandes centros populosos que ha entes humanos. N'uma aldeia tambem se vive, tambem ha almas, tambem ha paixões. Onde mais verdade do que em *Hermann e Dorothea?* Em igual direcção correm as novellas de Auerbach.

O naturalismo póde bem abrigar-se n'um e outro terreno.

No primeiro caso tem-se o que o moço critico brasileiro Clovis Bevilaqua denominou o *naturalismo tradicionalista*, a proposito de Franklin Tavora, e no segundo o que, a proposito do mesmo romancista, eu chamei o *naturalismo aldeão e campezino.*

Ora, acontece que em *Mauricio* de Bernardo Guimarães dá se a juncção das duas tendencias : a vida *tradicional* nas populações ruraes. E' tambem o caso do *Cabelleira*, do *Matuto* e de *Lourenço*, os tres notaveis livros de Franklin Tavora.

Este romancista e Bernardo Guimarães são, pois, dois predecessores do naturalismo á contemporanea e merecem honroso logar na patria litteratura.

Quem se deleitar sómente com os estudos de physiologia e psychiatria, que se encontram nas obras primas do rea-

lismo contemporaneo, não poderá achar grande prazer nas pinturas rapidas e singelas de simples costumes populares que se lhe deparam nos romances de Bernardo Guimarães.

Quem, porém, acha algum interesse em tudo o que é humano, em toda e qualquer manifestação do viver de um povo, póde e deve ler nos romances do mineiro bellos quadros por todos elles esparsos.

Aqui vae um exemplo ; é o *motirão* em casa da *tia Umbelina* nos capitulos XI e XII do *Seminarista.*

Lá vae um topico :

« Alguns dias depois da prohibição imposta a Eugenio, a casa de Umbelina amanhecia em grande animação e alvoroço. Via-se lá entrando e sahindo mais gente do que de ordinario ; matavam-se frangos, o forno trabalhava, o fogão deitava fumaça mais do que de costume, e reinava actividade e movimento, que faria crer que n'aquelle dia alli se festejava algum baptisado ou casamento.

Não havia porem nada disso. O que havia em casa de Umbelina era apenas um *motirão.*

Motirão! só esta palavra nos faz resoar aos ouvidos os alegres rumores dos descantes e folguedos da roça, o estrepito dos sapateados da dança camponeza por entre a *zoada* dos adufes e violas, e nos transporta ao meio das rusticas e singelas scenas de prazer da vida do sertanejo.

Motirão!... mas eu não sei se todos os meus leitores saberão a significação d'esta palavra, que julgo ser genuina brasileira, e que talvez não poderão encontrar em diccionario algum. Portanto é necessario definil-a.

E' o motirão um costume dos pequenos lavradores, ou da gente pobre dos campos, que vivem como aggregados dos grandes fazendeiros, e que não possuindo terras, e menos ainda braços para cultival-as, nem por isso deixam de plantar boas roças, ou de exercer uma pequena industria, de que tiram a subsistencia.

Quando chega o tempo de qualquer dos serviços de roça, que consistem n'estas quatro operações principaes, — roçar, plantar, capinar e colher, — o pequeno roceiro convida seus parentes, amigos e conhecidos da visinhança para virem ajudal-o, e todos pelo direito costumeiro são obrigados a vir dar-lhe uma mão, é a phrase usada, — ficando o que assim se aproveita dos serviços dos visinhos na obrigação de acudir tambem ao chamado d'estes para o mesmo fim.

Já se vê que a calhandra de Lafontaine erraria seus calculos, e perderia inevitavelmente os seus filhotes, se tivesse de *haver-se* com os bons lavradores d'esta nossa abençoada terra.

O motirão constitue pois como uma especie de sociedade de auxilios mutuos, baseada unicamente nos costumes e usanças dessa boa gente, que não dispondo muitas vezes sinão do seu unico braço para o serviço, planta todavia roças consideraveis, e obtem a colheita necessaria para a sua subsistencia.

Este uso não é sómente dos roceiros, e é tambem posto em pratica pelas mulheres que vivem de fiar e tecer, das quaes antigamente havia grande numero na provincia de Minas, alimentando com seu trabalho esse ramo de industria outr'ora mui importante e florescente.

Mas o motirão não consiste simplesmente no desempenho de uma tarefa de trabalho. O dono ou dona da casa tem por obrigação regalar os seus trabalhadores do melhor modo possivel, e a reunião e a boa mesa trazem sempre como consequencia natural os divertimentos e folguedos. Assim trabalha-se de dia, e á noite toca a comer e beber, a dançar, cantar e folgar.

Como iamos contando, havia motirão em casa de Umbelina. Tinha ella convidado as comadres e amigas mais chegadas da villa e das visinhanças a virem passar alguns dias em sua casa, afim de ajudarem-na a desmanchar algumas arrobas de lã e algodão, que queria pôr no tear, e para as regalar punha em actividade toda a sua pericia de quitandeira mestra e de *quituteira* abalisada.

A noite, como de costume, havia toques, cantigas e folguedos, e então appareciam tambem lá alguns rapazes da villa e dos arredores. A sociedade de Umbelina era em verdade de pessoas do povo e de baixa condição, mas honra lhe seja feita, era tudo gente comportada e de bons costumes. Ella era incapaz de chamar á sua casa vadios, peraltas e mulheres perdidas para junto da companhia de uma filha, que era a menina dos seus olhos, e cuja reputação zelava com o maior recato e solicitude..................... Resoavam as violas e adufes; o folguedo já tinha começado á sombra da figueira do terreiro.

Alem do luar, que estava soberbo, duas grandes fogueiras accesas no terreiro a alguma distancia, illuminavam de um modo original e pittoresco o ambito, dentro do qual se desenhavam destacando-se vivamente as figuras d'aquella curiosa e interessante reunião uns no centro, dançando, outros em derredor, sentados pelo chão ou em tamboretes e cepos de páo como servindo de cerca e limite áquelle recinto. O clarão das fogueiras avermelhava a cupola gigantesca da

figueira, que com sua espessa folhagem abrigava os convivas do orvalho frio da noite.

Eugenio chegou-se á roda tolhido e resabiado. Porem Margarida, que apenas o avistou soltou um grito de alegre sorpreza, e veio immediatamente collocar-se ao pé d'elle, fez com que logo cobrasse animo e presença de espirito, e tomasse assento na roda com todo o desembaraço, como qualquer dos habituados.

Attrahidos pela belleza de Margarida, como dissemos, alguns rapazes frequentavam a casa de Umbelina, e lhe requestavam a filha. Esta, porem, não lhes dava a minima attenção, e em sua candida innocencia nem mesmo suspeitava o verdadeiro motivo, porque tanto a festejavam.

Entre esses aspirantes ao amor da rapariga, o que mais padecia era um certo rapaz por nome Luciano. Era um moço, que teria a rigor seus vinte e cinco annos, de bonita e agradavel presença, *tropeiro* bem principiado, que já tinha alguns lotes de burros no caminho do Rio, e que alem de tudo se tinha em grande conta de bonito, de rico e de bem nascido, pelo que não deixava de ser summamente ridiculo, quando não era insolente e malcreado.................

Sabe o leitor o que é *quatragem?*

Não sabe. E' uma dansa.

E' a dansa original e pittoresca de nossos camponezes, dansa favorita do roceiro em seus dias de festa, e que faz as delicias do tropeiro nos serões do rancho apoz as fadigas da jornada.

Dansa vistosa e variegada, entremeada de cantares e tangeres, já cheia de requebros e languidamente balanceada ao som de uma cantiga maviosa, já freneticamente sapateada ao ruido de palmas, adufes e tambores.

Sem ter o desgarre e desenvoltura do *batuque* brutal, não é tambem arrastada e enfadonha como a quadrilha de salão; ora salta e brinca estrepitosa e alegre, ora se requebra em morbidas e compassadas evoluções.

Como o proprio nome indica, forma-se de um grupo de quatro pessoas. A musica é desempenhada pelos dansantes, que alem de uma garganta bem limpa e afinada, devem ter nas mãos ao menos uma viola, e um adufe. Ha uma quantidade incalculavel de coplas para acompanhar esta dansa, e a musa popular cada dia engendra novas. São pela maior parte toscas e mesmo burlescas e extravagantes; todavia algumas ha impregnadas d'essa maviosa e singela poesia, que só a natureza sabe inspirar.

Dansava-se a quatragem no motirão da tia Umbelina. Margarida

estava sentada junto de Eugenio, de cujo lado não se arredára desde que este havia chegado.

Ia-se formar nova roda de dansadores ; Luciano, que tinha a viola em punho, dirigio-se a Margarida, e convidou-a para a dansa. Ella recusou-se pretextando já ter dansado muito e achar-se fatigada.

— Então venha esse mocinho, que ahi está com a senhora, disse Luciano.

Com este convite o rapaz procurava mesmo occasião de travar-se de razões com o estudante, afim de desabafar o ciume e depeito que por dentro o corroiam » (1).

Deve-se ler no romance a lucta entre *Luciano* e *Eugenio;* tem perfeita côr local. Repare-se na maneira brasileira da linguagem. Griphei algumas palavras e dizeres no intuito de despertar a attenção do leitor.

Bernardo era do numero dos que se não preoccupam com as portentosas maravilhas do *purismo ;* não quebrava a cabeça nem perdia o somno, scismando sobre a *collocação dos pronomes* e outras brilhaturas da especie...

José Bonifacio de Andrada e Silva (1827-1886). — E' este um dos homens de letras menos estudados e aquilatados no Brasil. Herdeiro de um grande nome, os aduladores politicos tomaram bem cedo conta d'elle e meteram-no nas regiões mysteriosas da mythologia de convenção.

Fizeram do neto de Andrada um estadista, um pensador politico, um sabio publicista, um professor emerito, um jurisconsulto original e não sei mais que, esquecendo-se todos de não ser o famoso paulista mais do que um orador academico e um poeta de talento.

N'esta dupla qualidade é que vae ser estudado e contemplado n'este livro.

Antes de tudo o poeta.

Logo em começo surge uma questão preliminar. Sabe-se que, apesar de haver muita originalidade intrinseca no lyrismo nacional, não se pode negar n'elle pela face meramente

(1) *O Seminarista*, pag° 119 e seguintes.

exterior, uma certa influição reflectiva da influencia de alguns poetas europeus.

Chateaubriand, Lamartine, Byron, Musset e Victor Hugo foram os indirectos influidores do romantismo brasileiro.

Pois bem, resta saber quando e como começou a orientação exercida por Victor Hugo.

Antes de tudo, releva ponderar que a acção de Victor Hugo foi meramente exterior, simples questão de forma. Mas d'onde partio essa simples modificação do estylo poetico entre nós?

José Bonifacio, Luiz Delfino, Pedro Luiz e Tobias Barretto têm passado pelos iniciadores do hugoanismo em nossa poesia. Isto demanda uma explicação.

Ha a notar antes do mais a questão da idade : José Bonifacio era de 1827, Luiz Delfino de 1834, Pedro Luiz e Tobias Barreto ambos de 1839. José Bonifacio éra, pois, sete annos mais velho do que Luiz Delfino e doze mais do que os outros dois.

O poeta paulista, porem, não possuio logo de principio a intuição hugoana da forma. Só mais tarde ella lhe chegou, mais ou menos incompletamente.

Nunca publicou livros que corressem o paiz, foi um trabalhador solitario, inserindo de longe em longe alguns versos em ephemeros jornaes. Seu folheto de 1849 sob o titulo de *Rosas e Goivos*, pelo que tenho ouvido referir d'elle, é mediocre como documento litterario e está fora da intuição de que se trata.

Os versos, que appareceram em 1861 nas *Trovas Burlescas* de Getulino e em 1862 na *Bibliotheca Brasileira* de Quintino Bocayuva, em alguns pontos já se lhe aproximam mais algum tanto, não tendo, porém, ainda a forma pura do moderno lyrismo de Hugo.

Como quer que seja, porem, José Bonifacio não teve discipulos, não passando de um simples precursor isolado. Como escola, como movimento litterario o *condoreirismo* começou no Recife.

Luiz Delfino, com ser cinco annos mais velho do que Pedro Luiz e Tobias, não os antecedeu na poesia.

Delfino veio tarde de sua provincia para o Rio de Janeiro

estudar os preparatorios. Creio que os seus primeiros ensaios poeticos são de 1855 ou 56, justamente no tempo em que principiaram os outros dois.

Delfino nunca foi assiduo na imprensa; tambem nunca publicou livros. Até 1880 pouco, bem pouco publicou em jornaes. Nos ultimos annos é que, já rico pela clinica, principiou a ter actividade litteraria; mas, n'este tempo, nem já elle tem sido mais condoreiro, nem a escola existe mais. Dissolveu-se ha muitos annos.

Delfino foi um poeta intermittente, sem acção directa sobre o publico, e não teve discipulos no tempo e no sentido a que alludo. Actualmente elle tem o seu pequeno cenaculo adornado de outras vistas.

Restam Pedro Luiz e Tobias Barretto. São ambos de 1839, o notavel anno em que nasceram tambem Carlos Gomes e Machado de Assis, e em que se começou a agitar o movimento da maioridade.

Pedro Luiz, além de não ter começado antes de seu emulo, não era um temperamento litterario.

Apenas formado em 1860, atirou-se á politica. Publicou umas cinco ou seis poesias nos jornaes do Rio, em estylo semi-hugoano. E' um typo apagado pela politica.

O *condoreirismo*, como escola, em sua dupla manifestação de lyrismo e poesia social, foi iniciado em 1862 por Tobias no Recife. O poeta possuia essa intuição desde os seus primeiros ensaios de Sergipe e Bahia. Em seu logar demonstrarei isto cabalmente.

Considerarei, entretanto, os tres poetas do sul como predecessores.

A escola, como tal, só existiu depois que no Recife Tobias, Castro Alves, Plinio de Lima, Guimarães Junior, Victoriano Palhares, Castro Rebello, Altino de Araujo, e muitos outros obedeceram a uma intuição geral e tiveram mais ou menos uma só feição litteraria.

O condoreirismo teve, porem, duas phases, a do norte e a do sul.

No sul elle foi pregado directamente por Castro Alves, quando em 1868, o moço bahiano passou-se para S. Paulo.

Quasi toda a gente n'aquelle tempo no Rio de Janeiro e provincias do Sul fez versos, imitando a maneira do poeta das *Espumas Fluctuantes.* Os mais notaveis seguidores do genero foram Carlos Ferreira, nas *Rosas Loucas*, Mucio Teixeira, nas *Sombras e Clarões*, e Elzeario Pinto, em algumas composições soltas.

Dada esta previa explicação, avistemos o poeta em José Bonifacio. Foi lyrico e epico-lyrico.

Distinguiu-se dos seus contemporaneos e companheiros de luctas academicas em não ter sacrificado fortemente no altar do byronismo.

Teve sempre e desde então uma nota valentemente objectiva que o levava a extasiar-se diante de scenas naturaes e de factos da sociedade. O estylo n'elle teve tambem sempre certa individualidade, que o separava dos mais.

O poeta possue vigor e segurança de tintas ; tem destreza e facilidade na mão. Sabe pintar. Taes são seus meritos. Exaggera-se muitas vezes, faz allegorias, torna-se visionario, entra no dominio das apparições. São seus defeitos.

As poesias de José Bonifacio que pude colligir para o estudar são : *Um pé*, *Tu e eu*, *O retrato*, *Suprema Visio*, *Aspiração*, *A amante do poeta*, *Camões*, *Lendo Camões*, *O Corneta da Morte*, *Não e Sim*, *O Redivivo*, *O adeus de Gonzaga*, *Primus inter pares*, *A caridade*, *A margem da Corrente*, *Alvares de Azevedo*, e um soneto sem titulo que começa — *Os tristes olhos meus tão empregados.*

Alem d'estas, tenho mais diante de mim : *Que importa? Guaturamo* e *Arvore Sêcca*, impressas na *Bibliotheca Brasileira*, e ainda *Rodrigues dos Santos*, *Saudades do Escravo*, *Calabar*, *Enlevo*, *Garibaldi*, *Teu nome*, *Prometheo*, *Saudade*, *Olinda* e *O Tropeiro.* Ao total trinta peças. Julgo ser o sufficiente para conhecer o poeta.

O seu livrinho das *Rosas e Goivos* não o pude encontrar, por mais que o procurasse, falta que não creio ser demasiado sensivel.

Supponho terem ficado esparsas muitas outras composições, que devem parar em mãos dos parentes do auctor. Uma edição completa d'ellas torna-se urgente para a verdadeira compre-

hensão do poeta. Elle é um lyrico dos mais elegantes do Brasil.

Ouçamol-o; eis uma bella amostra de lyrismo, a poesia *O pé :*

« Adorem outros palpitantes seios,
Seios de neve pura;
De angelico sorrir meiga fragrancia,
Ou sobre collo de nevada garça,
Cahindo a medo em ondas aloiradas,
Bastos anneis de tranças perfumadas.

Adorem o coral do labio ingrato
Na alvura do alabastro,
A voz suave, o pallido reflexo
Da luz do céo em face de criança;
Ou sobre altar erguido á formosura,
Na fronte eburnea a morbida brancura.

Adorem outros de um airoso porte
Revelados contornos,
A magestade da belleza altiva,
O desdenhoso passo, o gesto ousado,
A descuidosa mão, que a trança alisa
Na tripode infernal a pythonisa.

Não, não quero paineis de tal encanto,
Tenho gostos humildes,
Amo espreitar a negligente perna,
Que mal se esconde nas rendadas saias,
Ou ver subindo o patamar da escada
Sem azas a voar um pé de fada!

Um pé, como eu já vi de tez mimosa,
De tez folha de rosa.
Leve, esguio, pequeno, carinhoso,
Apertado a gemer n'um sapatinho;
Um pé de matar gente e pizar flores,
Namorado da lua, e pae de amores!

Um pé, como eu já vi, subindo a escada
Da casa de um doutor;

Da moiçola gentil a erguida saia
Deixou-me ver a delicada perna!...
Padres, não me negueis, se estais em calma
Um coração no pé, na perna um'alma.

Um pé, como eu já vi, junto á ottomana,
Em fervido festim,
Tremendo de walsar, envergonhado
Sob a meia subtil, e a côr do pejo
Deixando fluctuar na veia azul,
Requebro, amor, feitiço, — um pé taful!

Poeta do amor e da saudade,
Depois de morto peço,
Em vez de cruz sobre a funerea pedra
A fórma de seu pé; foi o meu culto
Quero sonhar o *resto* em quanto a lua
Chorosa e triste pelo céo fluctua... »

Eis o lyrismo delicioso d'America.

Bonifacio de Andrada sentia o calor, a seiva, a impetuosidade dos sonhadores meridionaes. Eil-o, tirando o *Retrato* de sua amada :

« Incline o rosto um pouco... assim... ainda...
Arqueie o braço, a mão sobre a cintura;
Deixe fugir-lhe um riso á bocca pura
E a convinha animar da face linda.

Erga a ponta do pé... que graça infinda!
Quero nos olhos ver-lhe a formosura,
Feitiço azul de orvalho que fulgura,
Froco de luz suave que não finda.

Ha pouca luz... eu vejo-a... está sentada.
Passou-lhe a sombra de um cuidado agora
Na ruguinha da fronte jambeada...

Enfadou-se?... meu Deus, eil-a que chora
Pois cahiu-me o pincel; que mão ousada!
Pintar de noite o levantar da aurora!... »

São effusões nossas : alguma cousa de ethereo, mimoso, subtil, que suavemente embriaga ao modo dos aromas adormecedores do Oriente.

Coisas assim são possiveis ás margens do Tieté, do Capibaribe, do Parahyba ; é uma poesia sahida da mesma fonte d'onde sahem os beija-flores, e as irisadas borboletas de nossas mattas.

Ouçamol-o ainda ; falem as recordações :

« Tu e eu! que ventura e vida immensa!
Que lindo sol! que bella primavera!
Pudesse eu ver-te ainda! Oh! quem me dera
Tua alma remoçar e a minha crença!
Aquecer-me ao clarão esmorecido
Dessa restea de sol, meio sumido!

Mas os dias de outr'ora não volveram!
Mas é já tarde pr'a falar de amores!
Os nossos sonhos, nossas pobres flores
Em seu proprio jardim já feneceram!
Foi d'ancia de viver... não sei de que...
Decifra o mytho, e, se o não pódes, crê.

Inda te escuto a voz, inda á noitinha
Vejo tua sombra a perseguir-me os passos;
Inda em meu sonho, em placidos abraços,
Contemplo est'alma que me diz que és minha!
Mas da tarde á serena claridade
Quero chamar-te e chamo-te saudade!

N'outro tempo, meu Deus, não era assim,
Tudo então me falava só de amores :
A brisa, o orvalho, o ninho, o céo, as flores,
A natureza inteira, o mar sem fim!
Até cada rumor dos arvoredos
Era um ninho d'amor, — tinha segredos!

Em nossa vasta solidão sem termos
Não se ouvia do mundo um só respiro,
Tinhas tu em meu peito o teu retiro,
Eu em teu coração meus doces ermos!
Minha alma era tua alma repartida,
Duas vidas ligadas n'uma vida.

Oh! não viamos do mundo o vai-vem,
A festa, a luz, a dansa, as doudas falas;
Só viviam, meu Deus, naquellas salas
Tu e eu tão sómente e mais ninguem;
O meu teu ser, o teu meu sentimento,
Unidos coração e pensamento...

Mas á visão final a vista me arde...
Vi um altar... ouvi um juramento...
De tua doce voz o meigo accento
Murmurou-me um adeus... Era já tarde!
Ai! despertei do sonho em que vivi
Sem luz, sem sol, quero dizer, sem ti! »

Vê-se bem que não é o lyrismo pobre, sem fulgores de forma e exhuberancias de sentimento, dos máos poetas. Tambem não é a pieguice do lamartinismo affectado.

Teu nome é na mesma intuição :

« Teu nome foi um sonho do passado;
Foi um murmurio eterno em meus ouvidos;
Foi som de uma harpa que embalou-me a vida;
Foi um sorriso d'alma entre gemidos!

Teu nome foi um echo de soluços,
Entre as minhas canções, entre os meus prantos;
Foi tudo que eu amei, que eu resumia,
Dores, prazer, ventura, amor, encantos!

Escrevi-o nos troncos do arvoredo,
Nas alvas praias onde bate o mar;
Das estrellas fiz letras, soletrei-o
Por noite bella ao morbido luar!

Escrevi-o nos prados verdejantes
Com as folhas da rosa ou da açucena!
Oh! quantas vezes n'aza perfumada
Correu das brisas em manhan serena?!

Mas na estrella morreu, cahio nos troncos,
Nas praias se apagou, muchou nas flores;
Só guardada ficou-me aqui no peito
— Saudade ou maldição dos teus amores. »

N'essa mesma corrente de lyrismo pessoal e recordativo são os versos sob a denominação *Que importa?* N'elles ha um travor especial, uma nota de despeito e vingança, que merece ser apreciada.

A poesia em Pernambuco é citada como pertencendo ao grande galanteador Maciel Monteiro. E' um engano em que tambem laborei por algum tempo. Eil-a :

« Podes sorrir-te embora! As flores murcham,
Mas não morre o perfume sobre o chão!
Que importa o riso sobre o labio ingrato,
Se inda, mulher, te bate o coração?!

Fada orgulhosa nos salões brilhantes
Vagas sem tino, no dansar louquejas;
E as pennas brancas da plumagem alva
Cahiram todas : n'um paúl doidejas!

Vale acaso essa vida de delirio,
Aquelles sonhos de paixão fervente,
Os quentes beijos, os abraços ternos,
E o céo tranquillo sobre a terra ardente?

Ai! que louca tu foste! As nossas festas
Tinham por luzes os clarões da lua;
Ainda hoje ás vezes, solitaria e bella,
Tua imagem triste no luar fluctua!

Não chorei... oh não! Lá quando um dia
Emmudecer o som da louca festa,
Essa historia de gozos infinitos
Hão de contar-te as brisas da floresta!

Teu pranto em fio pelas faces murchas
Ha de ser minha unica vingança;
Serás a estatua muda da saudade
No sepulcro deserto da esperança!...

Embalde o tentas... Minha imagem sempre
Como um remorso surgirá perdida!
Eu sou tua sombra, seguirei teu corpo!
Eu sou tua alma, seguirei tua vida! »

Quão distante se está do lyrismo de Magalhães! A lingua tem tomado mais flexibilidade, mais amplitude, mais sonoridade, mais tintas, mais ardores.

E' preciso pôr termo ao que tinha de dizer do poeta, não o posso fazer sem dar ao menos uma qualquer amostra do estylo de Andrada no genero epico-lyrico.

Seja o *Redivivo*, consagrada á memoria de um dos nossos herócs na campanha do Paraguay, essa famosa guerra que patenteou nossa coragem, nosso patriotismo, a unidade de sentir de nosso povo, a inveja de nossos visinhos e tanto incandesceu a imaginação de nossos poetas :

« Dorme o batalhador!... por que choral-o?
Armas em funeral! — silencio, oh bravos!
Que a dôr não o desperte!
Tão só... tão grande... sobre a terra inerte!
A patria além... partido o coração...
Saudade immensa e immensa solidão!...

Não o despertem! — elle dorme agora
Embalado nos braços da metralha,
Ao trom da artilheria :
Por lençol — a bandeira : em terra fria
Tem por leito — os trophéos; por travesseiro
Tem o canhão no somno derradeiro!

Sorrindo adormeceu — a espada em punho!
A imaginar, sonhando, ouvir no espaço
O clarim da investida!
A' cabeceira — a morte agradecida;
— A os pés — a gloria; e ao lado ajoelhada
— A patria, pobre mãi desventurada!

Segura as redeas do corcel sem dono
Formosura sinistra — olhar infindo! —
E' a deusa da guerra!
Mede os espaços, os confins da terra...
Quer despertal-o... treme... o passo é incerto...
Estende a mão e aponta p'ra o deserto!

Quando elle adormeceu, na mente insana
Homericas visões lhe appareceram!

Olhou fito o seu norte...
Eu sou a eternidade — disse á morte,
Do meu ginete o pé a terra abala,
Quando eu caminho — a viração nem fala!

E que eternas visões!? — na marcha ousada,
Para saudal-o os mortos levantavam-se,
Tocavam as cornetas,
As peças disparavam nas carretas,
E, ao cabo do caminho, a doce paz
Lhe preparava os arcos triumphaes!

Elle via, qual mar tempestuoso,
Ondas revoltas, umas apóz outras,
Da audaz cavalleria
As cargas, que a victoria presidia ;
E, galgando a galope a immensidade,
Dizia á morte : — eu sou a eternidade!

As montanhas se abatem, quando eu passo;
O rio inclina o dorso e me saúda,
Se me apeio em caminho!
O meu cavallo é aguia, o céu é ninho;
A fome, a peste, a chuva, em véus de fumo,
São meus soldados, guiam-me no rumo!

E que eternas visões — em vale immenso,
A narina incendida, o peito arfando,
O ginete parava!
Eis a voragem!... lá no fundo a lava
Que entornam os volcões de artilheria,
E um exercito de mortos, que se erguia!

Depois nuvem de fogo... uns sons tremendos...
Um estalar de ossos... ais... mil pragas...
Uma orchestra infernal!
N'um mar de sangue o sol como fanal!
Os tambores rufando... armas quebradas...
Bandeiras rotas... retintim de espadas!

Um trovejar sem fim... um largo incendio...
Mas elle á frente, no corcel, fitando

O infinito — seu norte,
Dizia á eternidade : eu sou'a morte,
Meu cavallo é o destino, o céu mortalha,
Meu braço é raio, o coração muralha!

Ao vêr-me, tremulante as palmas dobra
A palmeira; estreitam-se os banhados;
O arroio nem transborda;
No firmamento azul o sol acorda!
Quem é, pergunta a noite á ventania,
Este archanjo de luz e poesia?

E' da floresta o rei, exclama o vento;
E' o espectro do sol, affirma a estrella;
Das aguas o senhor,
Murmura o rio um cantico de amor;
E a tempestade diz : meu cavalleiro,
Tens por corcel as azas do pampeiro!

E corre e corre... ao cabo da carreira
Immenso boqueirão... fosso sem bordas...
Tranca-lhe o espaço a cruz!
Em baixo a densa treva!... o cimo é luz!
Basta, lhe brada a voz da immensidade,
A morte foi teu guia á eternidade!

Armas em continencia! — é um morto vivo!
Eil-o que passa agora, erguido ao alto
No esquife da victoria!
O Brasil o saúda, e tu, Historia,
Um poema de luz de novo escreves!
Soldados, cortejae ANDRADE NEVES! »

Ha n'isto imaginação, movimento, vida, brilho.

Eu não gosto de receitas ; odeio o mistér dos boticarios ; para mim todos os generos poeticos são bons, uma vez que revelem talento ; não canso em o repetir.

Classicos, romanticos, realistas, parnasianos, condoreiros, socialistas, satanicos... todos me agradam, sob uma só condição : não serem mediocres.

Os versos de José Bonifacio revelam um talento, uma individualidade fóra, muito fóra do commum.

Não o acho igualmente meritorio na sua qualidade de politico e de orador parlamentar.

Sei bem que justamente por esse lado é que elle foi reduzido a mytho.

E' preciso estudal-o por essa face ; e se o pode bem fazer apreciando um seu celebre discurso da Camara dos Deputados, em 1879, quando se discutiu a reforma da Constituição no sentido de se encartar n'ella o systema da eleição directa. E' isto necessario para haver n'este livro a figura completa de José Bonifacio. Depois do poeta, o orador.

O celebre paulista não é para mim, o que vulgarmente d'elle se diz, um grande pensador, addicionado ao mais perfeito dos oradores. Não ; é simplesmente para mim, como para tantos outros, um poeta de merito, que errou o seu caminho.

Como poeta, esphera em que devia se ter concentrado, poude elle escrever paginas animadas, quaes o *Primus inter pares* ou o *Redivivo*. Como orador, por mais que isto pareça estranho, pouco se elevou acima do nivel da vulgaridade e das amplificações estudadas.

Por certo não se está mais na epocha em que qualquer homem verboso, tendo á mão algumas dezenas de phrases sonantes e de interjeições enthusiasticas, podia conquistar os fóros de grande orador.

Se para o romancista, e até para o poeta hodierno, requer-se mais profusa receita do que a que d'antes manipulava, que se dirá do orador, maximè do orador parlamentar ?

Hoje, depois de tantas revoluções ensaguentadas para os povos e de tantas crises profundas para os pensadores, depois que os mais graves problemas philosophicos e sociaes passaram das surdas meditações dos sabios para a mente das massas popularres, depois da evolução do socialismo, do naturalismo philosophico e das ideias positivas, o orador politico e social não é mais o agitador vulgar, o glossador de pobres vacuidades.

Deve ser o politico profundo, debaixo de cuja palavra vibrante encontre asylo a ideia do pensador ; atraz do homem que fala e apaixona, ha de estar o homem que medita e resolve. Que encerra, eu o pergunto, de verdadeiramente extraor-

dinario e admiravel o discurso citado ? Deixando de lado por brevidade as questões de fórma, a parte esthetica da peça, o estylo pesado e palavroso, vejam-se as ideias, as doctrinas do orador.

Antes de tudo, qual a philosophia social de José Bonifacio ?

Este ultimo *representante do doctrinarismo andradico*, para repetir a justa palavra de Pereira Barretto, um dos mais elevados espiritos brasileiros, era exactamente um *doctrinario romantico* á guiza de Benjamim Constant.

Dizel-o, é assignalar o enorme atraso em que laborava o illustre conselheiro e lavrar a condemnação de seus ingenuos admiradores.

Seu discurso, depurado ao crysol da analyse e escoimado das phrases que lhe obscurecem o pensamento, reduz-se a uma velha apologia á soberania popular, outra á eleição directa com o senso da Constituição, ladeadas ambas de alguns errinhos de historia geral e historia do Brasil.

Depois da revolução de 1789, esse phenomeno historico mal comprehendido, thema predilecto de todos os declamadores modernos, espalharam-se entre os povos filiados na raça e na civilisação latinas as extravagantes ideias de *soberania e inerrancia popular* de que o romantismo da Restauração apossou-se, jogando-as pelo mundo.

Pasto condimentado para os tribunos de todos os tamanhos, vieram ellas girando até á nossa terra e até aos nossos dias, produzindo na Europa muitas commoções inuteis e aqui o descredito dos partidos e o nosso politico atraso.

A soberania popular, já o disse uma vez, é alguma cousa de analogo ao *direito divino dos reis* e á *infallibilidade dos papas* (1).

O conceito do povo como soberano, isto é, como podendo elle só dictar as leis ao Estado e á sociedade é um conceito metaphysico e vão. A direcção das ideias não parte do povo como massa inerte. Este lento officio pertence á sciencia em geral, representada por todos os seus operarios, grandes ou pequenos, e se ella não pretende a inerrancia, como pretendel-o-ão as massas de que falava José Bonifacio ?

(1) Nos — *Estudos sobre a Poesia Popular Brasileira*; cap, I.

O povo, no que elle tem de melhor e mais nobre, não precisa que para illudil-o lhe preguemos nos farrapos com que se cobre, no abatimento a que o temos deixado cair por nossas theorias falaciosas, algumas tiras bordadas de vã soberania...

E chasqueal-o, depois de exhauril-o.

O povo póde e deve intervir na direcção dos seus destinos; para isto basta o seu *direito á liberdade e ao progresso.* Elle tem jus ao melhoramento e á cultura e tanto basta para justificar que lance máos olhos para os governos que lh'os negam, e que n'um dia de desespero os atire por terra. Para tanto não precisa *agaloar-se* como soberano, pela mesma fórma que um homem de estudo não tem mister de empunhar o baculo da *infallibilidade* para demonstrar um facto ou estabelecer uma theoria. O caso é o mesmo.

A ideia da soberania popular, transformada por Guizot em *soberania da razão*, não tem o fundamento da sciencia, a sancção da historia, nem faz a fecilidade das nações.

Não tem o fundamento da sciencia; pois que todos sabem, excepto os declamadores, que esta banio do horizonte humano todas as noções abstrusas e de impossivel verificação pratica, fazendo a devida justiça aos preconceitos transcendentaes.

Não tem a sancção dos factos; porque a historia, a despeito das theorias aereas, mostra o povo sempre opprimido, subjugado, conquistando dia por dia, passo a passo, a sua emancipação pela industria, pelas artes, pela sciencia, em nome de seu trabalho, e não em nome de um predicado que lhe não assiste. A soberania não é, nunca foi um facto positivo, um facto adquirido; mas um simples anhélo despido de senso.

Não faz a fecilidade das nações; porque aquellas que, como a França e a Hespanha, tanto a têm proclamado, hão sido a preza da anarchia, para passar depois ás fauces do despotismo.

E' inutil apontar os factos de hontem, que estão no conhecimento de todos. Foi em nome d'esta soberania que Luiz Philippe crêou o *censo elevado* e formou o *paiz legal*, o reinado dos burguezes intolerantes. Foi ainda em seu nome que o segundo imperio conservou o suffragio universal, servindo,

cruel ironia!... para justificação do mais pretencioso e ridiculo governo dos modernos tempos.

E é com estas vacuidades metaphysicas, como diria Strauss, que José Bonifacio de Andrada queria regenerar este paiz e abrir-lhe a estrada larga do futuro!...

Cuidado! A soberania em logar da actividade e do trabalho livre, ás vezes traz um Luiz Bonaparte e este quasi sempre entre as nevoas de seus desatinos deixa lobrigar ao longe Sedan...

A politica é uma sciencia pratica e complexa que não prescinde do conhecimento do meio social. Isto faz lembrar o que entre nós se dizia e se esperava da eleição direita, encomiada por José Bonifacio.

A infantilidades de um individuo são faceis de desculpar, se elle não tem por si a lição da experiencia; as ingenuidades, porém, de um povo de quatrocentos annos de existencia, a que se podem addicionar mais tres seculos empregados por seus maiores em conquistar e firmar a propria autonomia, não devem passar sem reparo.

A sociedade brasileira acordou um dia sobresaltada e sentiu-se doente. Queixava-se de falta de liberdade politica e de muitos males sociaes; queixava-se de poucas rendas para o seu commercio e sua agricultura.

Urge um remedio para tanto soffrimento, bradaram todos, e todos apontaram para a panacéa da *eleição directa.*

Todos, conservadores e liberaes, chefes e vice-chefes, os aristocratas e o vulgacho, enamoraram-se da eleição directa...

Não comprehendiam os ingenuos que os males de uma nação, fundos, palpitantes como as suas proprias entranhas, velhos, chronicos, callosos como a estupidez de um buschiman, não se extirpam de momento e por meio de uma medida que só affecta a superficie, a tona de nossos desconchavos.

Pois como? Uma simples mudança no modo pratico de eleger algumas duzias de palradores, nos havia de trazer a éra das prosperidades!

Não! Só o trabalho lento de algumas gerações e estas bem inspiradas de seus deveres, um serviço gradual e paulatino,

começando pela reforma de nossa intuição atrazadissima do mundo, nos poderá salvar. Atirar á face de um povo que se confessa desanimado a futilidade da eleição directa, como o meio unico de salvação é dolorosamente irrisorio ; é como atirar em cima de um homem chagado uma porção de brazas.

Opino, e commigo todos os homens desprendidos das peias partidarias, que ella só por si e sem ser secundada por uma serie complexa de reformas, que tragam uma total mudança em nossa decrepita educação nacional, para nada vale, de nada presta.

Foi com a eleição directa que Guizot deitou por terra a monarchia de Julho ; foi com ella que aquelle notavel homem de estado ia suffocando as liberdades francezas.

Mas ouça-se José Bonifacio :

« A constituição do imperio, disse elle, assenta sobre tres principios : soberania universal, unidade da soberania organisada e equilibrio do mandato... »

O orador unge o seu doctrinarismo com o oleo sancto do mysticismo.

Alli está o numero tres, o numero typico das lendas e mythos populares, a triada infallivel : *soberania universal, unidade da soberania organisada e equilibrio do mantado !...* Tres palavrões vasios, *inania verba*, com que se têm embalado algumas gerações de bachareis !

Parece que se está a ouvir uma das gentilissimas preleções do supposto *direito publico* ensinado em nossas faculdades juridicas.

Ainda se gasta o tempo em articular despropositos nebulosos, aereos, metaphysicos e nullos. *Unidade da soberania organisada...* que quer isto dizer ?

A velha prosa franceza de Constant só sabe excitar o riso.

Se José Bonifacio tivesse lido os trabalhos sociologicos ou juridicos de um Spencer ou de um Gneist, veria que lá não se encontram, em logar de factos e demonstrações, taes e tantas vaporosas logomachias.

Disse ainda o orador :

« Qual é, em suprema e ultima analyse, a garantia da unidade e divisão da soberania? A garantia d'esta unidade e divisão é ainda a mesma soberania nacional. »

Esta ultima e seus dois appendices, conforme o orador, são a base da constituição ; mas logo exclama que a garantia do segundo, isto é, da *unidade da saberania organisada*, é a mesma soberania !...

Vão jogo de palavras e nada mais..

D'est'arte aquelle pretendido phantasma é base e é cupola, é tudo justamente porque nada é...

Acabe-se de uma vez com isto, e dêm os deputados e senadores o exemplo de discutir questões sérias, com argumentos sérios e proveitosos.

A' vista de tanta inanidade, quasi que sou levado a dizer que não existe systema algum de eleições que nos possa garantir uma bôa representação, não tanto por intervir o poder, como vulgarmente se propala, no pleito das urnas, como pela falta de pessoal habilitado em que se possa votar.

O illustre orador era partidario do suffragio universal directo, e, como o não pódia ver applicado no Brasil, contentava-se com o suffragio directo limitado com o censo da constituição.

Repellia as duas condições do projecto do governo impostas aos futuros votantes : a renda de 400$000, e o saber ler e escrever. Achava que exigir essa quantia de renda era muito, porque a capacidade não se marca pelo dinheiro. De accôrdo. Par mim é indifferente que o votante produza cem, duzentos ou trezentos *alqueires*. A renda maior ou menor pouco importa, se houver outras garantias para uma bôa escolha.

Ouçamol-o :

« Duas são as condições do direito do voto : a vontade e o discernimento. O discernimehto, porém, não depende nem de saber ler e escrever, nem da sciencia, nem da instrucção... »

Deixando de parte a vontade, cuja intervenção era escusado lembrar, porque ou ella é bem ou mal applicada ; se bem,

não é tanto uma condição, como uma necessidade, se mal, nada produz; deixando de lado a vontade, dizia, quanto ao discernimento, sem ao menos saber ler e escrever, não é tanto sem contestação o que pensava o illustre conselheiro.

Disse que, se vingasse o projecto, teriamos desenove vigesimas partes da população sendo governadas por uma vigesima parte.

E que é que tem sempre acontecido aqui e por todo algures? Isto mesmo.

Nos proprios paizes onde o suffragio universal é mais lato e radicado é uma chimera suppôr que todo o povo concorre ás urnas e ainda mais que todo elle toma parte no governo.

Demais, na hypothese contraria ao projecto e que Bonifacio de Andrada advogava, teriamos um resultado, tambem pouco satisfactorio, isto é, as massas incultas governando os cidadãos que têm luzes.

Como sahir da difficuldade?

Eis o ponto a que chegam as reformas da superficie, quando não se penetra no amago podre dos erros que pedem remedio.

Porque, desde muito, não promoveram, por todos os meios possiveis, a instrucção do povo? Eis o grande problema, sem cuja solução tudo o mais é edificar sobre areia.

Os errinhos de historia commettidos pelo orador, e de que falei, não consistem tanto no modo de narrar os factos, como na maneira de os apreciar.

Aquelles successos da Grecia e Roma que lembrou para fundamentar a soberania popular e o direito das massas ao voto politico, são devaneios de poeta.

O *forum* romano e o *agora* atheniense não são similes que nos aproveitem a nós, pobres epigonos modernos do Brasil.

Outros impulsos e outras leis regeram o desenvolvimento das civilisações antigas. No que disse de nossas luctas da Independencia, com a intenção manifesta de justificar os velhos Andradas, de que a principio a revolução não tinha um alcance separatista, o novo philosopho da historia brasileira illudiu-se bellamente.

Tres factos concorrem para proval-o : *a)* a lei geral organica das sociedades que tendem a desaggregar-se das metropoles,

em chegando aquellas a certo gráu de desenvolvimento : *b)* os proprios antecedentes dados aqui no Brasil ; *c)* os resultados finaes da revolução.

O primeiro facto tem sua justificação em toda a historia da America. Antes do Brasil, já as colonias inglezas haviam na mór parte sacudido o jugo e o mesmo tinham feito muitas hespanholas.

O segundo é tambem realissimo : as tentativas da *Inconfidencia* e de 1817, sem falar n'outras, são caracteristicas n'este sentido. A corrente geral era pela separação, que veiu a verificar-se, e não para crêar a grande monarchia, de que só alguns ambiciosos ou mediocres da epocha se poderiam lembrar.

A opinião não separatista era em minoria e foi levada de vencida pela vontade da nação, dirigida pelas leis naturalisticas da historia.

O sonho do velho Andrada foi um deliquio passageiro, que felizmente não se contaminou, se é que realmente elle o teve. Pouco importa que isto pareça a alguns menoscabar da geração de heróes da Independencia.

Os que não acreditam na *divinisação dos heróes*, porque sabem que a evolução social é lenta, entrando n'ella cumulativamente o trabalho de todos, têm um outro modo de explicar os successos de 1822.

Para concluir :

José Bonifacio foi um homem de merecimento em geral ; na poesia teve grande valor ; na politica foi menos consideravel ; era eloquente, mas não profundo.

LAURINDO JOSÉ DA SILVA RABELLO (1826-1864). Foi um dos talentos poeticos mais valentes da phase media de nosso romantismo (1).

E', talvez, o espirito menos devidamente aquilatado de nossa vida litteraria, onde deveria sempre ter occupado o primeiro plano.

E' n'este livro incluido na terceira phase da romantica, por

(1) As biographias existentes de Laurindo o dão como nascido en 1826 ; creio, porem, haver ahi engano de 6 annos. Parece-me que o poeta é de 1820.

um simples motivo de methodo, não que elle devesse nada a Alvares de Azevedo ou a qualquer outro do tempo.

Laurindo, que foi o talento mais espontaneo que tem existido no Brasil, em 1844, aos desoito annos, já era poeta, qual sempre se mostrou, quando Azevedo era ainda um menino de treze annos, que principiava os preparatorios.

Norberto Silva o filia na escola de Magalhães. E' um grande absurdo. Magalhães era quinze annos mais velho e começou antes; porem jámais existiram dois temperamentos tão diametralmente oppostos.

Laurindo era um talento intuitivo, espontaneo, natural, dotado de todas as qualidades brilhantes da intelligencia; era um *causeur* inesgotavel, um orador torrencial, um humorista perpetuo, um repentista sempre lesto, addicionado de um singular talento lyrico.

Era um homem do povo, um espirito inquieto e ambulante, um homem das ruas, das festas, a mais perfeita personificação de uma classe de indoles litterarias que ja têm desapparecido de todo.

Que tem que ver com tudo isto Magalhães? Absolutamente nada.

Não se antecipem factos e idéas; comece-se pelo principio, — a biographia do poeta; porque este a teve n'um tecido de soffrimentos.

As condições de seu viver e sua origem explicam n'elle perfeitamente a singular juncção do lyrismo elegiaco e da satyra.

Nasceu no Rio de Janeiro de pais pauperrimos, de baixa classe, isto é, de mestiços, em cujas veias corria, além de tudo, o sangue cigano. Não é embalde que se descende de uma raça que foi tres seculos escravisada e da raça nomada, abatida e ossificadamente triste dos ciganos, esse singular problema ethnographico.

O longo e temeroso patrimonio de lagrimas, penetrando todo o ser pensante e emocional, se lhe transmitte por hereditariedade e vae accentuar-lhe a physionomia com os traços indeleveis do soffrimento.

Juntae agora a tudo isto a indigencia absoluta dos pais, a quem todo o trabalho era difficultado pela atroz concurrencia

feita pelos estranhos ao proletario nacional; juntae as scenas de desolação que cercaram a primeira infancia do poeta; addicionae-lhe por cima as peripecias terriveis que o assaltaram durante a attribulada existencia, tudo isso n'uma intelligencia de *élite*, e comprehendereis Laurindo Rabello.

Elle veiu ao mundo, ao que se diz em 1826. Seu aprendizado das primeiras letras foi feito entre innumeras difficuldades.

Conseguindo no meio de grandes embaraços entrar para o Seminario de S. José, onde chegou a receber ordens menores, teve de abandonar a carreira ecclesiastica, por intrigas que lhe moveram padres influentes d'aquelle tempo, invejosos do seu talento oratorio, que os iria a todos eclipsar.

Tentou, então, a carreira das armas, matriculando-se na Escola militar, que teve de deixar, por haver escripto umas satyras contra o director.

Matriculou-se na Escola de medicina do Rio de Janeiro.

Por esse tempo, baldo inteiramente de recursos, passou pela provação de vêr louca a irmã, por lhe haver fallecido o noivo.

Deixou a escola medica, por completa falta de meios. Encontrou, porém, a mão caridosa do Dr. Salustiano Vieira Souto, que o levou para a Bahia, em cuja academia matriculou-se.

Depois de ahi estar, e ter passado por crudelistima enfermidade, chegou-lhe a noticia do fallecimento da irmã. Mais tarde um pouco morreu-lhe a mãe, ficando-lhe a familia reduzida a um só irmão.

Para cumulo de infortunios, este teve fim desastroso, succumbindo assassinado barbaramente.

O leitor me relevará entrar n'estas minudencias. São necessarias para a inteira comprehensão da indole do poeta; mostram como elle foi feito pela natureza e pelos acontecimentos; indicam specialmente a razão occulta d'aquella melancolica, d'aquelle tom elegiaco ante o qual as tristezas de Azevedo, Lessa, Bernardo e Andrada, são brinquedos de criança.

Laurindo teve a melancolia negra, proxima da loucura, que o não assaltou pela elasticidade pasmosa de seu temperamento.

D'ahi esse duplo estado de depressão que se exhalava em suspiros e de arrebatamento que se traduzia em satyras. Conheceu tambem o terreno intermedio das facecias e das pilherias.

Formado, a fortuna não lhe sorriu.

Estabelecido no Rio de Janeiro, não achou clinica; teve de seguir como medico do exercito para o Rio Grande do Sul. Voltando ao Rio, mais tarde seguiu o mesmo emprego até 1862, quando deram-lhe um lugar de professor no curso annexo á Escola militar d'esta capital.

Pouco aproveitou d'essa ultima posição, pois falleceu em principios de 1864 aos trinta e oito annos de idade.

Laurindo era um d'esses talentos de acção directa e pessoal, que mais se apreciam pelo contacto immediato.

As intelligencias d'esta casta são essencialmente perdularias e descuidosas ; produzem todos os dias aos fragmentos, desbaratando as proprias forças ; é gente que não se concentra para edificar alguma cousa que persista.

Em palestras, discussões oraes, discursos de occasião, improvisos poeticos malbaratou Laurindo as suas faculdades.

Tinha seu cenaculo constante onde se distinguiam homens como Castro Lopes, Pires Ferrão, Eduardo de Sá, Ferreira Pinto e sobre todos Constantino Gomes de Souza, tão infeliz quanto elle.

De passagem, devo aqui notar que os criticos da móda, em tratando dos amigos que cercavam o poeta fluminense, occultam sempre o nome de Constantino de Souza, o mais illustre de todos !...

E' que o pobre e sisudo moço era um simples provinciano, tinha o crime de haver nascido em Sergipe e não adulava os prepotentes do dia... E' castigado por isso (1).

Laurindo, além de dissipar o seu talento, não teve cuidado em salvar o que escreveu, nem de reunir o que publicou pelos jornaes ; por isso se perderam d'elle poemas e dramas e correm anonymas pelas gazetas muitas producções suas.

Estou reduzido para o julgar ao pequeno volume de poe-

(1) Vide nas *Obras Poeticas* de Laurindo o estudo preliminar por Norberto Silva. Não fala em Constantino !!...

sias editado por B. L. Garnier em 1876 e alguns outros trabalhos *aliunde* colhidos.

Quanto á parte inedita de sua acção sobre quantos o conheceram, tenho interpelado directamente a tradição.

Mais de vinte pessoas intelligentes, illustradas e insuspeitas tenho interrogado sobre Laurindo. Feliz ente! Nunca ouvi gabar tanto um morto, um pobre diabo, que não deixou descendentes. Esse testemunho colhido da tradição quero eu aqui depol-o em honra ao genial poeta.

Todos me falam d'elle commovidos, assombrados por tão descommunal intelligencia, sempre lesta, sempre prompta, espontanea, aligera, posta em provas continuamente na conversação, na oratoria, em discussões de todo o genero, em toda a casta de improvisos poeticos, em todos os estylos, serios, satyricos, humoristicos, galhofeiros ou até pornographicos.

Era uma inundação perenne de força e graça, um desperdicio de calor e seiva. O mais adoravel dos bohemios ladeado de peregrino talento e de bondosa alma.

Do *causeur* e do orador não resta mais nada além do testemunho dos contemporaneos. Do repentista quasi tudo se perdeu.

No improviso poetico elle não excedia a Moniz Barretto; ultrapassava-o na palestra e immensamente na oratoria; pois é preciso que se saiba que o repentista bahiano não possuia o dom da palavra. O fluminense o sobrepujava tambem na satyra e no talento lyrico.

Tal a razão pela qual os versos meditados de Moniz Barretto são fracos, ao passo que de Laurindo restam algumas poesias que entram afoitamente no numero das mais bellas que se têm escripto na America.

N'este numero se contam: *O que são meus versos*, *O meu segredo*, *O genio e a morte*, *A linguagem dos tristes*, *A' morte de José de Assis*, *Sobre o tumulo de Labatut*, *Adeus ao mundo*, *A minha vida*, *Amor e lagrimas*, *Saudade branca*, *A' Bahia*, *Amor perfeito*, *Dous impossiveis*, *Não posso mais*.

Laurindo é um lyrico. Seu lyrismo teve duas manifestações principaes: uma elegiaca, inspirada pela tristeza incuravel

de sua raça e de sua vida social; outra satyrica, insuflada pela ironia, manifestando-se severa ou galhofeiramente. Esta ultima parte anda quasi toda inedita. Não tenho lazeres para procural-a. Conheço-a, todavia, até certo ponto. Da outra manifestação, a elegia, existem boas amostras no volume a que me hei referido.

Na poesia d'este soffredor os predicados principaes são: simplicidade e clareza de fórma, verdade de sentimentos, riqueza de ideias, formando o todo um estylo pessoal, alguma cousa, que o separa dos outros cantores do tempo.

Devo começar pelo que o poeta nos deixou de mais leve, de mais singelo.

Eis as suas sensações e impressões diante de um *amor-perfeito* :

« Sêccou-se a rosa... era rosa;
Flôr tão fraca e melindrosa,
Muito não pôde durar.
Exposta a tantos calores,
Embora fossem de amores,
Cedo devia seccar.

Porem tu, amor-perfeito,
Tu, nascido, tu affeito
Aos incendios que amor tem,
Tu que abrasas, tu que inflammas,
Tu que vegetas nas chammas,
Porque seccaste tambem?

Ah! bem sei. De accesas fragoas
As chammas são tuas agoas,
O fogo é agoa de amor.
Como as rosas se murcharam,
Porque as agoas lhe faltaram,
Sem fogo murchaste, flôr.

E' assim, que bem florente
Eras, quando o fogo ardente
De uns olhos que raios são,
Em breve, mas doce praso,
Te orvalhou n'aquelle vaso,
Que já foi meu coração...

Seccaste, porque esse pranto
Que chorei, que choro ha tanto,
De todo o fogo apagou.
Triste, sem fogo, sem fragoa
Seccaste, como sem agoa,
A triste rosa seccou.

Que olhos foram aquelles!
Quando eu mais fiava d'elles
Meu presente e meu porvir,
Faziam crueis ensaios
Para matar-me... Eram raios,
Tinham por fim destruir.

Destruiram-me : comtudo
Perdôo o pezar agudo,
Perdôo a pungente dôr
Que soffri nos meus tormentos,
Pelos felizes momentos
Que me deram n'esta flôr...

Ai! querido amor-perfeito!
Como vivi satisfeito,
Quando te vi florescer!
Ai! não houve creatura
No prazer e na ventura
Que me pudesse exceder.

Ai! sêcca flôr, de bom grado,
Se tanto pedisse o fado,
Quizera sacrificar
Liberdade e pensamento,
Sangue, vida, movimento,
Luz, olfato, sons e ar;

Só para vêr-te florente,
Como quando o fogo ardente,
De uns olhos que raios são,
Em breve mas doce praso,
Te orvalhou n'aquelle vaso,
Que já foi meu coração... » (1)

(1) *Obras Poeticas*, pag. 162.

A apreciação das sensações e emoções do poeta n'estes rapidos versos mostra um ser ardente, um coração abrasado pela desdita e pelo amor.

Laurindo veiu a fallecer atacado n'este orgão central da vida. O coração matou-o ; não foi a tuberculose, como falsamente alguns pensaram. Sei bem d'isto.

O poeta inflammava-se e vegetava nas chammas, segundo sua expressão. Esse eretismo de toda a sua organisação extravasava-se em sua continua ebulição mental.

O abalo intimo, o estremecer constante de sua vida psychica torturou-o sempre. Elle mesmo pintou esse estado de espirito na poesia *O meu segredo*, que é uma verdadeira autobiographia, em os *Dous impossiveis*, que são uma bella pagina de psychologia.

Ouçam esta ultima :

« Jámais! Quando a razão e o sentimento
Disputam-se o dominio da vontade,
Se uma nobre altivez nos alimenta,
Não se perde de todo a liberdade.

A lucta é forte : o coração succumbe
Quasi nas ancias do luctar terrivel;
A paixão o devora quasi inteiro,
Devoral-o de todo é impossivel!

Jámais! A chamma crepitante lastra,
Em curso impetuoso se propaga,
Lancem-lhe embora prantos sobre prantos,
E' inutil, que o fogo não se apaga.

Mas chega um ponto em que lhe acena o impeto
Em que não queima já, mas martyrisa,
Em que tristeza branda e não loucura
A' razão se sujeita e harmonisa.

E' n'esse ponto de indizivel tempo
Onde, por mysterioso encantamento,
O sentir a razão vencer não pode,
Nem a razão vencer o sentimento.

No fundo de noss'alma um espectaculo
Se levanta de triste magestade,
Se de um lado a razão seu facho accende,
De outro os lyrios seus planta a saudade...

Melancolica paz domina o sitio,
Só da razão o facho bruxoleia
Quando por entre os lyrios da saudade
Do zêlo semi-morto a serpe ondeia!

Dois limites então na actividade
Conhece o ser pensante, o ser sensivel :
Um impossivel — a razão escreve,
Escreve o sentimento — outro impossivel!

Amei-te! Os meus extremos compensaste
Com tanta ingratidão, tanta dureza,
Que assim como adorar-te foi loucura,
Mais extremos te dar fôra baixeza...

Minh'alma nos seus brios offendida,
De prompto a seus extremos pòz remate,
Que mesmo apaixonada uma alma nobre
Desespera-se, morre, não se abate.

Pode queixar-se inteira a f'licidade
De teu olhar de fogo inextinguivel,
Acabar minha crença, meu futuro...
Aviltar-me! jámais! E' impossivel!

Mas a razão, que salva da baixeza
O coração depois de idolatrar-te,
Me anima a abandonar-te, a não querer-te,
Mas a esquecer-te, não, sempre hei de amar-te!...

Porém amar-te d'esse amor latente,
Raio de luz celeste e sempre puro,
Que tem no seu passado o seu presente,
E tem no seu presente o seu futuro.

Tão livre, tão despido de interesse,
Que para nunca abandonar seu posto,
Para nunca esquecer-te, nem precisa
Beber, te vendo, vida no teu rosto.

Que, desprezando altivo quantas graças,
No teu semblante, no teu porte via,
Adora respeitoso aquella imagem
Que d'elles copiou na phantasia... »

Vê-se que o poeta era d'esses espiritos reflexivos, que se voltam sobre si mesmos, que padecem, e se analysam no meio de suas luctas.

Era tambem altivo; mas era sincero; fugia, sumia-se e não esquecia, nem deixava de amar, como elle mesmo disse.

Claro se mostra que Laurindo não tocava instrumento, não era *virtuose ;* sua poesia não era rhetorica e cheia de phrases, era a expressão natural de seus affectos.

Note o leitor que vae n'uma verdadeira gradação. Já vislumbrou n'alma do poeta suas ternuras diante de uma flôr dada por sua amante; já entre os seus segredos sorprendeu a lucta funda que elle travou para vencer uma paixão ingratamente retribuida...

Um passo mais e vel-o-ha prantear loucamente diante das saudades que lhe arrancou a lembrança de sua irman.

Não insistirei n'este ponto, porque já toquei n'elle quando falei de Araujo Vianna, marquez de Sapucahy (1).

Está-se em plena elegia. Um passo mais, e em *Meu segredo*, na *Linguagem dos tristes* e vinte outras poesias, se verá o soffredor fluminense, o pobre mestiço proletario diante de seu viver, diante de seu destino. A elegia então geme e dóe ouvil-a.

Não ha artificio; a simplicidade da linguagem deixa vasarem-se atravéz de seus poros as exhalações de uma alma dilacerada. Elle teve bem razão de assim dizer em — *O que são meus versos :*

« Se é vate quem accesa a phantasia
Tem de divina luz na chamma eterna;
Se é vate quem do mundo o movimento
C'o movimento das canções governa;

(1) Vide no 1º vol., as paginas consagradas ao Marquez de Sapucahy.

Se é vate quem tem n'alma sempre abertas
Doces, limpidas fontes de ternura,
Veládas por amor, onde se miram
As faces de querida formosura;

Se é vate quem dos povos, quando fala,
As paixões vivifica, excita o pasmo,
E da gloria recebe sobre a arena
As palmas que lhe off'rece o enthusiasmo;

Eu triste, cujo fraco pensamento
Do desgosto gelou fatal quebranto;
Que, de tanto gemer desfallecido,
Nem sequer movo os echos com meu canto;

Eu triste, que só tenho abertas n'alma
Envenenadas fontes de agonia,
Malditas por amor, a quem nem sombra
De amiga formosura o céo confia;

Eu triste, que, dos homens despresado,
Só entregue a meu mal, quasi em delirio,
Actor no palco estreito da desgraça,
Só espero a corôa do martyrio;

Vate não sou, mortaes; bem o conheço;
Meus versos, pela dôr só inspirados, —
Nem são versos, — menti, — são ais sentidos,
A's vezes, sem querer, d'alma exhalados;

São fel que o coração verte em golfadas,
Por continuas angustias comprimido;
São pedaços das nuvens, que m'encobrem
Do horisonte da vida o sol querido;

São anneis da cadeia que arrojou-me
Aos pulsos a desgraça, impia, sanhuda;
São gotas do veneno corrosivo,
Que em pranto pelos olhos me transuda.

Sêcca de fé, minha alma os lança ao mundo,
Do caminho que levam descuidada,
Qual, ludibrio do vento, as sêccas folhas
Sólta a esmo no ar planta mirrada... »

Este podia assim falar; podia chorar sem rebuço, sem se tornar ridiculo; tinha para isto o privilegio dos soffrimentos de uma vida flagellada. Era uma alma de tempera. Podia tambem rir; porque só o havia de fazer quando a effusão fosse bastante forte para mandar a gargalhada brotar atravéz das magoas.

Laurindo não era uma natureza unitaria, de uma só faceta, uma d'essas organisações simplistas, que tomam a direcção que lhes imprime o curso dos acontecimentos.

Um entesinho d'esses, se as cousas lhe correm bem e possue certa habilidade litteraria, atira-se aos versinhos faceis, e tambem ao pagode, á crapula, á sucia, e vae engrossar a cohorte dos peraltas e bohemios letrados.

Vê-se então a frivolidade galante dos cafés e botequins. Os versos que fazem, os folhetins que escrevem, parecem-se com as gravatinhas listradas, as bengalinhas leves que conduzem...

Se, porém, as cousas não correram bem, as difficuldades sérias surgiram de fauces abertas, então o entesinho desequilibra-se de todo, estiola-se, murcha, inutilisa-se. Vae para o tumulo ou para o hospicio.

Nosso poeta não era d'essa qualidade de gente.

Foi do numero d'aquelles homens ousados que naufragam; mas nadam sempre para as costas e vão surgir adiante com as mãos dilaceradas, nús, famintos, e sempre energicos e cheios de esperança.

Foi do numero d'esses que respondiam ao infortunio com a ironia, ao desespero com a gargalhada.

Era batido; porem não se deixava prender; era vencido, mas não se rendia.

Forte casta de homens que se batem como heróes, choram como leões e riem como gigantes. Esses sahem fóra da medida commum. Foi por isso que Laurindo por onde passou interessou a todos com as scintilações de seu espirito, de suas satyras, de suas pilherias.

A Bahia e Porto Alegre ainda hoje lembram-se de seus chistosos ditos e de suas singularidades; o Rio de Janeiro rio-se durante vinte annos pelo diapasão do seu riso franco e sonoro.

Era a gargalhada ironica e profunda do pariá, do mestiço, do cigano, do proletario n'uma patria ingrata, explorada pela cubiça de uma burguezia d'estranhos e pela ganancia de politiqueiros relapsos.

Grande porção da obra do poeta, por esta face particularissima de seu talento, perdeu-se, porque foi oral. Outra porção d'ella existe impressa e esparsa por ahi algures.

Na *Marmota*, no *Sino dos Barbadinhos*, na *Voz da juventude* e n'outras publicações da epocha póde-se joeirar muita cousa no alludido sentido.

Não tenho tempo de o fazer e indico o trilho a investigadores futuros, que desejem estudar a fundo o escriptor.

Existem tambem por ahi ineditas em copias que algumas pessoas possuem muitas composições de pura pornographia, iguaes ou superiores pelo chiste ás producções do genero attribuidas a Bocage.

Antes de dizer algumas palavras finaes sobre o talento do repentista e do poeta facêto, é util um passo mais na senda da elegia.

O poeta estava na Bahia, fazendo o curso medico ; alli não tinha ainda escripto a *Saudade branca*, dedicada á memoria de sua irman, quando cahiu gravemente enfermo. Esteve ás portas da morte. Convencido absolutamente que ia morrer, escreveu o *Adeus ao mundo*.

Todos os encantos da natureza e da sociedade lhe apparecem para receber-lhe o adeus da ultima despedida.

Quem já uma vez perdeu entes queridos, porções d'alma que se foram, leia ; é pungente :

« Já do batel da vida
Sinto tomar-me o leme a mão da morte :
E perto avisto o porto
Immenso nebuloso, e sempre noite,
Chamado — Eternidade!
Como é tão bello o sol! Quantas grinaldas
Não tem de mais a aurora!
Como requinta o brilho a luz dos astros!
Como são recendentes os aromas
Que se exhalam das flôres! Que harmonia

Não se desfructa no cantar das aves,
No embater do mar, e das cascatas,
No susurrar dos limpidos ribeiros,
Na natureza inteira, quando os olhos
Do moribundo, quasi extinctos, bebem
Seus ultimos encantos!
Quando eu guardava, ao menos na esperança,
Para o dia seguinte o sol de um dia,
De uma noite o luar para outras noites;
Quando durar contava mais que um prado,
Mais que o mar, que a cascata erguer meu canto,
E murmural-o n'um jardim de amores;
Quando julgava a natureza minha,
Desdenhava os seus dons : eil-a vingada :
Cedo de vermes rojarei ludibrio,
E vida alardearão fracos arbustos
Sobre meu lar de morto! A noite, o dia,
O inverno, o verão, a primavera,
A aurora, a tarde, as nuvens, e as estrellas,
A rir-se passarão sobre meus ossos!
Não importa. Não é perder o mundo
O que me azeda os pallidos instantes
Que conto por gemidos. Meu tormento,
Minha dôr, é morrer longe da patria,
Da mãi, e dos irmãos que tanto adoro.

Quando da patria me ausentei, não tinha
Nada, que lhes deixar, que lhes dissesse
O que eram elles dentro de minh'alma.
Mendigo, a quem cedi pequena esmola,
Deu-me quatro sementes de saudade ;
Ao meu jardim domestico levei-as,
Cavei, reguei a terra com meu pranto,
E plantei as saudades. Soluçando
Chamei alli os meus : « Aqui vos deixo
(Disse apontando á plantação) em flôres
« Minh'alma toda inteira; aqui vos deixo
« Um thesouro enterrado. Joias, ouro,
« Riquezas, não, não tem, porém na terra
Esteril não será. » Ondas de pranto
Afogaram-me a voz : houve silencio;
Palpei de novo o chão; vi que de novo

Cavado estava! A terra se afundára,
E as sementes nadavam sobre lagrimas,
Que minha mãi e minha irmã choravam...
Replantei-as, orei, beijei a terra,
E parti... Trouxe d'alma só metade;
E o coração? deixei-o n'um abraço.

Certo estou de que a planta, já crescida,
Terá brotado flôr. Se ao menos dado
Me fosse colher uma... ver a terra
Pelo pranto dos meus santificada!
Se uma d'essas saudades enfeitar-me
Viesse a minha eça, ou meu sudario,
Ou, pela mão materna transplantada,
Encravar-me as raizes no sepulchro...
E' tão pouco, meus Deus!... Eu não vos peço
Soberbo mausuléo, estatua augusta
De tumulo de rei. Assaz desprezo
Esses gigantes de oiro
Com entranhas de pó. Mortalha escassa
De grosseiro burel, que bordem lagrimas;
Terra só quanto baste p'ra um cadaver,
E as minhas saudades, e entre ellas
Uma cruz com os braços bem abertos,
Que peça a todos preces. Terra, terra
Perto dos meus e no torrão da patria,
E' só quanto supplico.

A morte é dura,
Porem longe da patria é dupla a morte.
Desgraçado do misero, que expira
Longe dos seus, que molha a lingua, secca
Pelo fogo da febre, em caldo estranho;
Que vigilias de amor não tem comsigo,
Nem palavras amigas que lhe adocem
O tedio dos remedios, nem um seio,
Um seio palpitante de cuidados
Onde descance a languida cabeça!
Feliz, feliz aquelle, a quem não cercam
N'esse momento acerbo indifferentes
Olhos sem pranto; que na mão gelada
Sente a macia dextra d'amizade
N'um aperto de dôr prender-lhe a vida!

Feliz o que no arfar da ancia extrema
De desvelada irmã piedoso lenço,
Humido de saudades vem limpar-lhe
As frias bagas dos finaes suores!

Feliz o que repete a extrema prece,
Ensinada por ella, e beijar póde
O lenho do Senhor nas mãos maternas!

Desgraçado de mim!... Talvez bem cedo
Longe de mãi, de irmãos, longe da patria
Tenha de me finar... Ramo perdido
Do tronco que o gerou, e arremessado
Por mão de genio máo á plaga alheia,
Mirrarei esquecido! Os céos o querem,
Os céos são immutaveis : aos decretos
Do Senhor curvarei a fronte humilde,
Como christão que sou. Eternidade,
Recebe-me a teu bordo!... Adeus, ó mundo!

Já sinto da geada dos sepulchros
O pavoroso frio enregelar-me...
A campa vejo aberta, e lá do fundo
Um esqueleto em pé vejo a acenar-me...

Entremos. Deve haver n'estes logares
Mudança grave na mundana sorte;
Quem sempre a morte achou no lar da vida,
Deve a vida encontrar no lar da morte.

Vamos. Adeus, ó mãi, irmãos e amigos!
Adeus, terra, adeus, mares, adeus, céus!...
Adeus, que vou viagem de finados...
Adeus... adeus... adeus!

Adeus, ó sol, que amigo illuminaste
Meu pobre berço com os raios teus...
Illumina-me agora a sepultura : —
Adeus, meu sol, adeus!

Floresinhas, que quando era menino
Tanto servistes aos brinquedos meus,
Vegetai, vegetai-me sobre a campa : —
Adeus, flôres, adeus!

Vós, cujo canto tanto me encantava,
Da madrugada aligeros orpheus,
Uma nenia cantai-me ao pôr da tarde :
Passarinhos, adeus!

Vamos. Adeus ó mãi, irmãos e amigos!
Adeus, terra, adeus, mares, adeus, céus!...
Adeus : que vou viagem de finados!...
Adeus!... adeus!... adeus! »

Então ? Eu disse bem : é uma pagina singular esta ; é uma das elegias mais doloridas que já uma vez fóram escriptas em qualquer lingua. Em portuguez nenhuma outra a excede em singeleza e sinceridade.

Laurindo era um homem da plebe e sempre viveu em estado proximo da indigencia. Não privava com o imperador, não era socio do Instituto Historico e tão pouco era um protegido dos regios magnatas da litteratura do seu tempo.

Não era apaniguado de Magalhães, Porto-Alegre, Octaviano, Macedo e outros influentes da epocha. Pelo contrario, noto no jornalismo do tempo completo silencio sobre o poeta fluminense.

Repare-se que Fernando Wolf nem uma só vez faz mensão do seu nome. E' que aquelles, que forneceram os apontamentos para a obra do escriptor austriaco, guardaram silencio sobre o desditoso trovista.

E, todavia, a injustiça aqui é clamorosa ; porque elle foi um dos mais valentes talentos poeticos de nossa lingua. Se não teve fama entre os grandes, gozou da mais completa notoriedade que nosso povo tem outorgado aos seus dilectos.

Laurindo Rabello e Gregorio de Mattos foram os poetas da plebe, do grande numero no Brasil.

Homens do povo, falavam para elle a sua linguagem.

Entre nós a litteratura, ou mais propriamente a poesia, tem tido duas expressões, capitaes e divergentes.

De um lado, nota-se o grande grupo dos poetas por plano e reflexão, os espiritos estudiosos e illustrados que têm procurado acompanhar as ideias do tempo em que vivem e aclimal-as no paiz.

Têm merecimento e prestaram bons serviços; mas não fóram as boccas enthusiasticas e propheticas por onde falava a nação.

De outro lado, estende-se em linha o troço dos que nada, ou quasi nada sabiam do estrangeiro, ou que nada ou quasi nada se impressionaram com o que por lá corria, mas, em paga, estavam identificados com o nosso povo e eram d'elle uma voz, um soluço, um lamento, um cantico, alguma cousa que lhe sahia d'alma. São as duas correntes geraes de nossa litteratura. Até hoje têm andado divergentes.

E' por isso que ainda não tivemos um poeta d'aquella primeira plana em que fulgem os vultos de Camões, Tasso, Milton, Gœthe e d'outros astros d'esse tamanho.

Só quando as duas correntes se encontrarem na cabeça e no coração de um homem, a um tempo a synthese de sua raça e o espelho de seu seculo, só então possuiremos quem nos vá representar na região dos grandes genios.

Laurindo não passou de um talento, notavel talento em verdade.

Sinto não poder aqui estudal-o como satyrico e humorista. A necessidade de resumir-me, e, em parte, a falta de materiaes agora á mão obrigam-me a passar adiante, dizendo apenas duas palavras sobre o repentista.

Por esta face só Moniz Barretto podia com elle; muitas vezes degladiaram-se na Bahia.

No improviso oratorio, como já disse, Laurindo não tinha rival então; no improviso poetico acompanhava o repentista bahiano. Eis aqui um soneto dirigido á cantora Marietta Landa :

« Tão doce como o som da doce avena
Modulada na clave da saudade;
Como a brisa a voar na soledade,
Branda, singela, limpida e serena;

Ora em notas de goso, ora de pena,
Já cheia de solemne magestade,
Já languida exprimindo piedade,
Sempre essa voz é bella, sempre amena.

Mulher, do canto teu no dom superno
A dadiva descubro mais subida
Que de um Deus pode dar o amor paterno.

E minh'alma n'um extasi embebida,
Aos teus labios deseja um canto eterno,
E, só para gosal-o, eterna vida... »

Moniz Barretto enthusiasmado, atirou-lhe este mote *Tens nas mãos teu porvir, teu bem,, teu fado,,* que o poeta fluminense glosou assim, dirigindo-se á mesma cantora :

« Disseste a nota amena da alegria,
E, arrebatado então n'esse momento
De um doce, divinal contentamento,
Eu senti que minh'alma aos céos subia...

Disseste a nota da melancolia,
Negra nuvem toldou-me o pensamento ;
Senti que agudo espinho virulento
Do coração as fibras me rompia.

E's anjo ou nume, tu que d'esta sorte
Trazes o peito humano arrebatado
Em successivo e rapido transporte?

Anjo ou nume não és; mas, se te é dado
No canto dar a vida ou dar a morte,
Tens nas mãos teu porvir, teu bem, teu fado... »

Basta ; o que ahi fica é sufficiente para dar uma amostra da limpidez, clareza e simplicidade dos improvisos do lyrico fluminense.

Para concluir.

Laurindo é um poeta de caracter autonomico em meio dos seus pares.

Mais moço que Magalhães e Porto Alegre, appareceu depois d'elles, sem lhes seguir as pisadas.

Mais moço apenas tres annos que Gonçalves Dias, appareceu mais ou menos pelo mesmo tempo e não lhe deveu absolutamente nada.

Igual independencia mantem em face de Azevedo, Lessa, Bernardo e Andrada, pouco mais moços do que elle.

A qualidade predominante da sua poesia é a nota elegiaca. Não é a chamada poesia sentimental e lamurienta.

O poeta não se lastima; tambem não se insurge, nem se rende; não é um revoltado, que blaspheme, nem um submettido que se prostre vencido. Não; elle é naturalmente elegiaco. O pranto lhe sahe espontaneo e não o espanta; não se converte em motivo de queixa ou de odio.

Aquillo não é fingido, não arma ao effeito; é assim por indole.

LUIZ JOSÉ JUNQUEIRA FREIRE (1832-1855). De S. Paulo e do Rio de Janeiro é tempo de chegar á Bahia.

De Laurindo Rabello é natural a passagem para Junqueira Freire, seu amigo e por elle pranteiado em bellos versos.

O decennio de 1850 a 60 na Bahia foi uma epocha de grande animação litteraria; igual só houve halli, no tempo de Gregorio de Mattos, no seculo XVII.

A começar pela Igreja, fulgiam então o arcebispo Romualdo de Seixas, distincto pelo seu saber, e os frades Itaparica, Arsenio da Natividade e Raymundo Nonato, famosos pelo seu talento oratorio.

O ensino medico fulgurava em Eduardo França, Jonathas Abott, Ataliba e Malaquias dos Santos.

A eloquencia politica falava pela bocca de Mauricio Wanderley, Landulpho Medrado, Fernandes da Cunha, Barbosa de Almeida, Victor de Oliveira e João Barbosa.

O jornalismo politico possuia um combatente, que valia por vinte, Guedes Cabral (1).

A bella litteratura formava a linha da frente com Moniz Barretto, o repentista, Agrario de Menezes, o dramaturgo, Manoel Pessoa da Silva, o satyrico, Augusto de Mendonça, Rodrigues da Costa, Gualberto de Passos e, algum tempo, Laurindo Rabello, os lyristas. D'esse grupo era Junqueira Freire.

Este poeta é de 31 de dezembro de 1832; em 1851 entrou

(1) Não confundir com o moço auctor das *Funcções do Cerebro*.

para a ordem dos Benedictinos, professando no anno seguinte.

Foi a isto levado em parte por conselhos e em parte por desgostos privados, o que sei por informações particulares e fidedignas.

Tendo de seguir em 1854 para o Rio de Janeiro, pediu, a rogos de sua mãe, que ficaria desemparada na Bahia, a secularisação e a obteve.

Pouco depois fallecia de molestia cardiaca aos 24 de junho de 1855. Tinha pouco mais de 22 annos.

Tractando-se d'este poeta, apparece logo uma questão inicial : um poeta monge em pleno seculo XIX !...

Isto agitou a turbulencia leviana da critica nacional e começaram logo a formar-se as lendas.

Uns deram o moço frade como um espirito mystico, d'uma religiosidade ideialista e remontada, que fugiu das torpezas do materialismo mundano para abrigar-se ao puro retiro do claustro.

Outros pintaram-no como um espirito forte, uma alma agitada pela impiedade, pela descrença, pela mais atroz philosophia, obrigada a metter-se nas asphixiantes compressas da clausura, onde viveu em perpetua lucta.

Finalmente, quiz-se vêr n'elle, nem um mystico, nem um impio ; « mas o Anacreonte dos claustros, um D. Juan disfarçado em monge. » Não julgo provada nenhuma d'essas opiniões.

O estudo attento dos versos do poeta, a leitura dos prologos das *Inspirações do claustro* e das *Contradicções Poeticas*, e, especialmente, de um fragmento de autobiographia que d'elle ficou, levam-me a outras conclusões.

A ideia de ter sido Junqueira um mystico foi levianamente forjada do simples facto de sua entrada para o convento.

Prova por demais fragil ; porque sabe-se bem hoje que não foi a vocação irresistivel que o impelliu ; o claustro foi um recurso, um expediente de occasião, levianamente abraçado pelo poeta.

Não é só isto ; a leitura do moço bahiano dá por terra com o supposto mysticismo, o que póde verificar quem o quizer.

Tambem não foi um espirito que rompesse todos os laços tradicionaes, fizesse *tabula rasa* completa das velhas crenças.

O poeta foi educado no regimem catholico; mais tarde, abalado pela philosophia e pela litteratura de seu tempo, cahiu n'um estado de vacillação e incerteza.

Ora, pendia para as vehlas ideias, ora para as novas, aliás pouco definidas.

Pelo que toca ao caracter erotico e sensual de seu temperamento, é ainda uma nota inexacta. Junqueira havia tido um amor de puericia e este amor contrariado, não sei porque circumstancias, nunca mais se lhe apagou do coração. E' possivel que tivesse, além d'aquella, uma ou outra intriga amorosa.

Não é essa, porém, a nota predominante do seu lyrismo. Por este lado é muito inferior aos diversos romanticos analysados até aqui.

E' mister penetrar n'alma do poeta, e apreciar as suas opiniões.

No *Prologo* das *Inspirações do Claustro* lê-se isto :

« As poesias presentes agradarão a bem poucos : agradarão apenas a algumas almas fortes, que não puderam ainda ser eivadas nem do cancro do scepticismo, nem da mania do mysticismo : agradarão apenas a alguns homens completamente livres, que não sujeitaram-se ainda senão ás luzes da razão. Ora, estes homens são bem raros na sociedade actual, porque a hyperbole dos systémas e das crenças traz em si não sei que talisman, que arrasta todos os espiritos, por bem formados que sejão.

Pela mão invizivel da Providencia fui arrojado ha trez annos para o coração do claustro.

Por essa inclassificavel acção de que hoje me espanto, tive as bençãos de uns e os escarneos de outros. Erão ainda os homens mysticos e os scepticos que louvavam-me ou vituperavam-me. Pela mão invisivel da Providencia fui arrojado outra vez para o torvelinho da sociedade.

Por isso tive a maldição de quasi todos. Erão ainda os mysticos, que não pejavam-se de cantar a palinodia dos louvores, que me haviam magnificamente dispensado, — erão os scepticos, que compunham d'este acontecimento um marcialico epigramma... O aspecto

social, que parecem ter estas composições, obriga-me ainda a não finalisar de subito este prologo.

O que cantas? perguntar-me-hão. O que podia eu cantar, encerrado nas muralhas solitarias de um claustro, ouvindo a cada hora os toques continuados de um sino que chama á oração, vendo uma turma de homens com vestidos talares negros que levavam-me á recordação dos costumes dos tempos antigos, passeando sempre sobre um chão povoado de sepulchros, conversando com o silencio do dia e a solidão da noite?

Cantei o monge e a morte.

Cantei o monge, porque elle soffre, soffre muito.

Cantei o monge, porque o mundo o despreza.

Cantei o monge, porque elle é hoje uma cousa inutil e ociosa, em consequencia de suas instituições anachronicas.

Cantei o monge, porque elle não tem culpa de ser máo, nem póde por si só ser bom.

Cantei o monge, porque elle é infeliz.

Cantei o monge, porque elle é escravo, não da cruz, mas do arbitrio estupido de outro homem.

Cantei o monge, porque não ha ninguem que se occupe de cantal-o.

E por isso que cantei o monge cantei tambem a morte. E' ella o epilogo mais bello de sua vida : é seu unico triumpho...

Na verdade, ao homem sincero amante de sua patria, doe-lhe dentro da alma ver tanta gente estacionada, sem nada fazer, podendo produzir tanto bem. Não! a caridade que o Christo ensinou, não é egoista : Imagem real do pelicano, que arranca o coração para dal-o aos filhos! Muitos, a quem tomam o cuidado de chamar impios, censuram o monge no monge. Eu deploro-o sómente, porque elle não é criminoso.

A instituição, a instituição é que, depois de lhe tirar o trabalho, hoje em dia já não preciso, de rotear montanhas, não lhe forneceu outro qualquer em ordem ás necessidades da época, mas antes convidou-o a uma especie de ocio, no qual elle não póde ser mais que máo e desgraçado. »

Estas palavras do prologo das *Contradicções poeticas* são ainda mais expresssivas como pintura do estado psychologico do auctor :

« Este livro é a historia de minha vida.

Minha vida tem sido a continiudade de circumstancias todas contrarias, todas variadas, todas repugnantes quasi.

Meu livro, pois, sendo a expressão d'estas circumstancias, é todo contrario, todo variado, todo repugnante quasi, como tem sido minha vida.

Eis aqui a razão de minhas *Contradicções poeticas.*

Uma educação christã, porem livre, que minha mãe soube dar-me imprimio-me entre seus osculos maternos o sentimento religioso lá bem no amago de meu coração.

As minhas poesias orthodoxas, portanto pertencem a minha mãe. São sua inspiração.

O ardor da juventude, a ambição da sciencia, a sociedade corrompida, degeneraram em mim o homem feito por minha mãe. A proporção que estudava, ia-me tornando mais philosopho, isto é, mais vaidoso, mais ignorante, mais incredulo.

As minhas poesias philosophicas pertencem a esses accessos de loucura.

Entrou-me quasi n'esse tempo essa visão encantada, essa hallucinação febril, que mata o coração e o espirito, depois de tel-os bem gasto. O amor!

As minhas poesias eroticas pertencem a esses segundos accessos de loucura.

Depois d'esses errores, a mão da doença, preludio do castigo eterno, arrojou-me por varias vezes ás aprazíveis paisagens do nosso bello reconcavo, e vi a pastorinha singela correndo no campo lá pela madrugada, e as cabanas innocentes dos pescadores, e tudo isso encantou-me. Foi um segundo amor, porém mais puro.

As minhas poesias campestres pertencem a essas phases de desgraça, sim, mas de innocencia.

Hoje que se têm desvanecido estes momentos tão doces de loucura juvenil, como uma noite mysteriosa n'um palacio de fadas, assento-me tranquillo em cima de um comoro de folhas seccas, que de quando em quando cahiram da arvore, e deixaram-a por fim só com seu tronco e suas galhas mirradas.

Aqui separo as mais verdes das mais seccas, as maiores das menores, para fazer uma camada, e plantar sobre ella um nome pobre e mesquinho, que talvez não nasça...

Estes cantos são meus dias antigos, são minha vida vivida, são todo o meu passado.

Eu amo todos esses tempos, como um pai ama os esqueletos de seus filhos, que já não são, mas que já foram uns mais bonitos, outros mais feios.

Eu amo todos esses tempos, porque custaram-me suores e sangue.

Eis aqui porque eu conservo intactas as minhas *Contradicções*

poeticas. Nem as reduza a um systema, a um pensamento uniforme, constante, unico. Apresento-as quaes são.

Nunca poeta foi hypocrita. »

Não é tudo; no fragmento de autobiographia que vem citado no estudo do poeta escripto pelo Conselheiro Franklin Doria ha alguma cousa mais completa ainda sobre a puericia, os estudos, as primeiras ideias do moço frade.

Tudo isto fala bem alto; as tres lendas inventadas á conta do moço poeta desapparecem confusas e batidas por estas confissões irrecusaveis de uma transparencia absoluta. Junqueira era um pobre joven nervoso, apprehensivo, que se viu attrahido por duas intuições diversas.

A educação religiosa e a corrente do seculo travaram lucta em sua alma; suas crenças vacillaram, seus sentimentos se resentiram.

D'ahi certa dubiedade, certo dualismo em seus escriptos; justamente o mesmo abalo que se dera em Azevedo e em seus companheiros. Apenas Junqueira era mais lucido, mais raciocinador e menos imaginoso, menos poeta.

O bahiano é, como todos os bons poetas brasileiros, um bom lyrista; seu lyrismo tem quatro notas principaes : religiosa, philosophica, amorosa, popular. Dou este ultimo nome ao punhado de poesias que se inspiram de scenas do viver de nossas classes pobres e aldeães.

Infelizmente não são abundantes as peças do genero, que, ao meu vêr, são as melhores do auctor.

As principaes d'ellas são : *A Orphan na Costura*, nas *Inspirações do Claustro*, e *O Banho*, *O Canto do gallo*, *O menestrel do Sertão*, nas *Contradicções Poeticas*.

Nos outros generos as mais saborosas são : *Porque Canto*, *Meu filho no Claustro*, *A flôr murcha no altar*, *Frei Bastos*, entre diversas mais.

Não é possivel discutir e exemplificar todas as manifestações do talento poetico de Junqueira; como amostra de seu estylo aqui vae — *A flôr murcha no altar :*

« Está murcha : — assim nos foge
A briza que corre agora.

Está murcha : — assim o fumo
Cresce, cresce, — e se evapora.
Está murcha : — assim o dia
Em raios afoga a aurora.

Está murcha : — assim a morte
Do mundo as glorias desfaz :
Assim um'hora de gosto
Mil horas de dôres traz :
Assim o dia desmancha
Os sonhos que a noite faz.

Está murcha... Ainda agora
— Eu a vi, — não era assim.
Era linda, era viçosa,
Acesa como o rubim,
Reinava, como a rainha,
Sobre as flôres do jardim.

Foi a donzella mimosa,
Foi passear entre as flôres.
Foi conservar co'as roseiras,
Foi-lhes contar seus amores,
Julgando que sobre as rosas
Não se reclinam traidores.

Ella foi co'os pés formosos
Deixando mimoso rastro,
Qual no céu passou de noite,
Correndo, fulgindo, um astro.
E esta rosa foi cortada
Com seus dedos de alabastro.

A rosa ficou mais bella
N'aquella virginea mão.
Encheu de perfume os ares,
Talvez com mais expansão.
Mas a virgem teve pena
De pôl-a em seu coração.

Entrou no templo a donzella
Coberta co'o véo de renda.

Teme que aos olhos dos homens
Sua modestia se offenda :
Como a cortina das aras,
Que aos impios se não desvenda.

Leva a modestia na fronte,
Leva no peito a oração
Leva seu livro doirado,
Leva pura devoção :
Leva a rosa, a linda rosa
Nos dedos da breve mão.

Rezou : e depois ergueu-se,
Dirigiu-se ao sanctuario,
Modesta, qual sua prece,
Qual a luz do alampadario :
E depôz a linda rosa
Ao pé do santo Calvario.

Os anjos depois vieram,
Respiraram sobre a flôr.
A flôr cobrou mais belleza,
Mais gala e mais esplendor.
Alli ao pé do Calvario
Deu mais expansivo odor.

Alli parecia aos olhos
Crescer, crescer... Mas agora?
Agora murcha, tão murcha,
Não tem a gala de outr'ora,
— Assim o fumo do tecto
Cresce, cresce, e se evapora.

Assim as horas do tempo
Correndo, correndo vão.
Assim passou inda ha pouco
O matutino clarão.
Assim hontem foste infante,
Assim hoje és ancião.

Murcha, murcha! não expande
Jámais seu odor intenso.

Ha-de seccar, feliz d'ella,
Junto a Cruz do Deus immenso.
Ha-de aspirar sobre as aras
O cheiro de grato incenso.

Feliz! — seu leito de morte,
Sobre as aras ella tem.
A prece que vai ao céu,
Sobr'ella primeiro vem.
A myrrha que a Deus incensa,
Incensa a ella tambem. »

Ha simplicidade e certa melodia popular n'estes e n'outros versos do poeta bahiano.

Elle não possuia o vigor de Azevedo e José Bonifacio, a doce melancolia de Bernardo Guimarães e Aureliano Lessa, nem a exhuberancia de Laurindo Rabello.

Elle, Augusto de Mendonça e Franco de Sá servem de transição entre o grupo de poetas do sul, que tenho estado a analysar, grupo a que pertencem tambem Teixeira de Mello e Casimiro de Abreu, ainda não estudados, e a pleiada do norte em cujo numero contam-se Pedro de Calazans, Trajano Galvão, Dias Carneiro, Bruno Seabra, Francklin Doria, Bittencourt Sampaio, Gentil Homem, Juvenal Galeno, Joaquim Serra, Souza Andrade, e Costa Ribeiro : bella cohorte de poetas pouco apreciados e mal retribuidos em seu merecimento.

O leitor não se esqueça de que está no que eu chamei a terceira phase do romantismo no Brasil, o tempo do scepticismo e do sentimentalismo a Byron e Lamartine.

Já se viu que Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa, Bernardo Guimarães, José Bonifacio e Laurindo Rabello, todos filhos do sul, obedeceram a essa tendencia que variavam de vez em quando, inserindo em seus cantares algumas notas de naturalismo brasileiro, alguns tons de paisagens e de scenas nacionaes.

Por esse mesmo tempo começou a formar-se nas provincias do norte, sob a influencia da escola do Recife, aquella phalange de poetas citados acima.

A differença, que julgo importante e caracteristica, entre os dous grupos é que no do sul predominou o sentimentalismo sobre o naturalismo rustico e popular e no do norte predominou este sobre aquelle.

Entre os dous grupos, como um laço que os prende, figuram os dous bahianos Junqueira Freire e Augusto de Mendonça e o maranhense Franco de Sá, que poetaram nos dous sentidos que apontei.

Para concluir com Junqueira Freire deixo ainda aqui uma observação : elle nada deveu a Alvares de Azevedo na formação de sua intuição poetica. Pouco até o leu, se é que jámais o leu.

Só em meiados ou fins de 1853 poderiam ter chegado á Bahia as obras d'este poeta, publicadas n'este anno.

Desde quatro ou cinco annos antes Junqueira poetava no estylo que sempre conservou. A *Lyra dos vinte annos* não produziu as *Inspirações do claustro.*

São duas correntes parallelas e esse parellelismo é devido ás correntes geraes das ideias e á athmosphera do tempo.

Não houve imitação directa, como inexatamente eu mesmo tinha dito na *Litteratura Brasileira e a Critica Moderna*, pequeno erro aliás que um estudo mais completo dos factos levame gostosamente a corrigir agora.

O mesmo não se póde dizer de Franco de Sá, tres annos mais novo do que Junqueira, e cujas primeiras poesias datam de 1853.

ANTONIO AUGUSTO DE MENDONÇA (1830-1880). D'aquelle grupo de poetas e litteratos que figuraram vivamente no decennio de 1850 a 60 na Bahia, filiados na phase romantica estudada agora, Augusto de Mendonça, com ser dos mais meritorios, foi o mais infeliz na lucta pela gloria.

Junqueira Freire morrêra a proposito e cresceu facilmente em fama ; Agrario teve a vantagem de cultivar um genero pouco explorado no Brasil — o dramatico, e facil lhe foi obter nomeada, tendo tambem fallecido em boa hora ; Moniz Barretto deixou filhos que lhe ficaram apregoando o nome. Só o pobre Mendonça é hoje ainda um illustre desconhecido.

Além de tudo, seus companheiros de luctas de 1850 fôram-se todos, elle deixou-se ficar até 1880, e teve assim de assistir ao advento da chamada escola condoreira, que veiu substituir a sua propria escola.

Castro Alves, seu patricio, cresceu rapidamente em fama, tornou-se immensamente conhecido, e o infeliz Mendonça viveu ainda dez annos mergulhado no esquecimento.

E, todavia, essa indifferença do publico é uma grande injustiça. Foi um lyrico suave, doce, melancolico, d'uma melancolia terna e placida.

O poeta passou por algumas inclemencias na vida; ficou orphão ainda na puericia, tendo ao seu cargo pesada familia. Não poude seguir um curso academico e teve de ser empregado publico de provincia com pequenos vencimentos. Esta posição esquerda e inferior ao seu merecimento infiltrou-lhe n'alma perpetua tristeza. Mas era uma tristeza resignada e contida.

Tinha muita facilidade de escrever, muita doçura e musica no verso; muita nitidez, muita naturalidade na linguagem. E' uma poesia apasiguada, boa companheira para aplacar grandes dôres.

O poeta não apparece esguedelhado a inchar as bochechas e a gritar para que se ouça e se veja que elle alli está a declamar coleras e enthusiasmos; não se põe a berrar palavrões, a rufar tambores, a badalar bombos n'uma pancadaria feroz...

Não, elle chega de manso e nos diz algumas phrases ao ouvido macia e socegadamente. Passa e vae-se.

Castro Alves o comparava ironicamente ao *cabocolinho* de nossas mattas. Póde-se acceitar a denominação; peior seria se o poeta fosse uma *arara* ou *maracanan* gritadeira.

Mendonça foi um poeta de indole lamartiniana; creio poder comparal-o a Victor de Laprade; não é a grande poesia; porém é ainda uma alta poesia.

E' obvio que eu podia desenvolver o retrato do poeta; a economia d'este livro obriga-me a deter-me e a não passar d'esses rapidos traços.

O talentoso bahiano deixou muitas composições esparsas;

deixou tambem em livro um volume de suas *Poesias* (1860) e um poema *A Messalina* (1866).

A publicação de suas obras torna-se necessaria para sua completa rehabilitação.

N'uma só poesia *A Saudade do Sepulchro* vae o leitor ter um bello especimem dos sentimentos, do estylo, do talento do poeta.

E' isto :

« Sobre um sepulchro isolado
Roxa *saudade* vi eu;
Solitaria vicejava
No chão frio em que nasceu;
Nunca saudade tão triste
Em sonhos me appareceu!...
        Nunca!...
Senti então pelo rosto
Turva lagrima sentida
        Deslisar...

Foi á hora do sol posto...
Hora de muito scismar!
Quando o archanjo da poesia
Harmonisa o céo com a terra
Na mesma melancolia...
Na mesma doce tristeza,
Que ás vezes nos faz chorar,
E chorar a natureza
Ao lento morrer do dia!

Cheguei... beijei a saudade
Que assim, tão erma encontrei;
Com ella sympathisei;
Porque — da minha orphandade
N'este deserto profundo,
Pobre engeitado do mundo,
Só com saudades me achei!

Estranha, viva agonia
Resumbrava-lhe na côr;
Na muda expressão dizia
Tantas penas, tanta dôr,
Que só no reino da morte

D'uma lagrima podia
Ter nascido aquella flôr...
A saudade!
Emblema de muito amor!...

Poeta ás dores affeito,
Tentei debalde arrancal-a,
Para no fundo do peito,
Como um thesouro, plantal-a.
Debalde! porque a infeliz
Tinha encravada, segura
No fundo da sepultura
A desgraçada raiz!

Ah! quem soubera o destino
D'aquella flor merencoria!
Quem a sua ignota historia
Porventura escutará?
Quem?... se a flôr mysteriosa,
No seu recinto funereo,
Muda como o cemiterio
Para todos sempre está?

Quem sabe!... talvez que á triste,
Que no sepulchro descança,
D'entre as sombras do futuro
Lhe sorria uma esperança...
Talvez!...

Quem adivinha se a brisa,
Que docemente a embalança
Não lhe vai de amor falar?
Se o sol... se o sol ao deixal-a,
Não lhe deixa em despedida
N'um raio um germen de vida,
Saudoso de a não levar?

Se ardente, extremoso affecto,
Se estremecida paixão
Que já no peito não cabe,
Por indizivel feitiço,
Não lhe dá alento e viço
Co'o sangue no coração?
Quem sabe!...

Sei que a misera saudade,
Quando no feio horisonte
Feia surge a tempestade;
E da cupola do céo
Nem sol, nem timida estrella,
Atravez do espresso véo,

Despede um raio de luz;
Sei que a misera saudade,
Porque o vento a não desfolhe,
Nem as petalas lhe açoite,
Encosta-se — ou dia ou noite —
Nos braços de sua cruz. »

Não ha ahi as agitações, os estertores dos desesperados; o poeta encarava a vida melancolicamente, mas havia resignação em sua tristeza.

Elle foi tambem um habil repentista da escola de Muniz Barretto e Laurindo Rabello. A posteridade acabará por fazer justiça a este escriptor.

Antonio Joaquim Franco de Sa (1836-1856). Era filho do Maranhão e estudou direito no Recife.

Foi contemporaneo de Pedro de Calasans, Gentil Homem, Trajano Galvão, Dias Carneiro, Franklin Doria, Costa Ribeiro, Gomes de Castro, Marques Rodrigues e outros bellos talentos que figuraram em Pernambuco no decennio de 1850 a 60. Falleceu aos vinte annos.

Sua poesia tem duas notas capitaes : é pessoal, recordativa e intima, ou é humoristica. Esta nota é em especial referente a episodios da vida estudantesca do norte.

As peças principaes do genero são : *Meus namoros de Olinda*, *Amor e Namoro*, *As Visinhas*, *A Sabbatina*, *A Esbelta*. As outras enchem o resto do volume de versos do joven maranhense.

O estylo é simples, a metrificação sonora e correcta, os pensamentos não são vulgares; bem pelo contrario, tudo indica que o paiz perdeu em Franco de Sá um bom e mavioso poeta.

De seu livro, publicado por seu irmão, destacarei como

apta a exemplificar o seu estylo — a poesia — *Ao dia 7 de setembro.*

Era em 1855; o poeta saudou assim o anniversario da independencia brasileira :

« Ao sopro dos ventos, ao som das cascatas,
Em leito pomposo, formado por Deus,
Um indio gigante, nascido nas mattas,
Dormia, cercado de mil pigmeus.

De zonas ardentes e frigidas zonas
O vasto colosso se estende através;
Repousa-lhe a fronte no immenso Amazonas,
E as aguas do Prata murmuram-lhe aos pés.

Soffria ha tres sec'los cruel pesadelo,
E a turba de insectos, pairada ao redor,
Lançara-lhe ferros, sorrindo-se ao vel-o
Co'os olhos fechados e o corpo em suor.

E as aves que gemem, as feras que rugem,
Os ventos que zunem, os proprios fuzis
Não quebram-lhe o somno! Crearam ferrugem
Nos pulsos tão nobres cadeias tão vis!

Sorriam-se elles!... Sem verem que o somno
Sómente o retinha no mesmo lugar,
Bem como o menino reputa-se dono
Da onça dormida que o pode tragar.

Sorriam-se elles! Sem verem que aos poucos
Nas veias o sangue fervia afinal;
No orgulho embuçados, não viam, que loucos!
Que a hora batia solemne e fatal.

Mas eis de repente surgiu no horisonte
Qual surge nas trevas brilhante pharol,
Um dia de glorias, os valles e o monte
Enchendo de vida, banhando de sol!

Romperam mil cantos, cessaram queixumes,
Do trino das aves encheu-se o vergel,
E o prado de flôres, e a flôr de perfumes,
E os ramos de fructos, e os fructos de mel!

Do lago e do rio, do tigre e da pomba,
Dos ventos nos troncos, da brisa na flôr,
Da terra, dos ares, do mar que ribomba,
Um hymno de bençam se eleva ao Senhor!

Aos fervidos raios do sol fulgurante,
Do hymno ineffavel ao magico som,
Do longo lethargo desperta o gigante,
Que excelso destino tivera por dom.

Desperta... e dos membros sacóde as cadeias,
Qual rija borrasca das nuvens o véu,
Qual aguia das azas sacóde as areias,
Abrindo-as velozes nos campos do céu.

E á turba insensata, que ao vel-o se assombra,
Atira dos labios sorriso de dó,
Em vez de vingança prestando-lhe sombra,
Que o sol d'esse dia tornara-os em pó!

Desde esse momento, sahindo da selva,
As terras demanda, que um dia verá;
Se acaso o caminho nem sempre é de relva,
Que importa, diz elle, se avanço p'ra lá?

Se ás vezes duvida, se treme, se cança,
Ao sol de setembro renasce outra vez
Nos membros a força, no peito a esperança,
E a marcha prosegue com mais rapidez.

E vendo esse dia, que tanto memora,
Por sobre o horisonte de novo surgir,
Co'um brado espontaneo saudamos-lhe a aurora,
Honrando o passado, com fé no porvir

Oh! hoje que raia tão limpida e calma,
Nós filhos do Indio, saudemol-a nós,
Com rosas na fronte, com jubilo n'alma,
E o riso nos labios e o canto na voz!

Saudemol-a todos! Taes dias são arcos
Na senda que ao templo da gloria conduz,
Nas eras passadas, são fulgidos marcos,
Que as trevas separam de enchentes de luz!

Por ella animados, com força dobrada
A'liça da patria voemos tambem,
Se espinho e poeira tivermos na estrada,
Mais de uma corôa teremos além!

Corramos, lutemos, cingindo de louros
A fronte que bate de ardor juvenil!
Um nome leguemos aos nossos vindouros,
Cubramos de glorias o nosso Brasil!

Unidos reguemos de nossos suores
A planta, legado de avós e de pais,
Seus pomos dourados, no gosto melhores,
Os ramos vergados carregue'inda mais!

E como o guerreiro, depois da victoria,
No ganho estandarte repousa por fim ;
Depois das fadigas, envoltos na gloria,
Soldados da patria, durmamos assim!

Virão nossos filhos, colhendo esses pomos
Que tornem maduros beneficos sóes,
Depôr-nos corôas, bem como as depomos
Na imagem querida dos nossos heróes.

E após venha a historia, que os feitos estampa,
Os nossos narrando com traços fieis,
E honroso epitaphio nos grave na campa,
Cercando-a de flôres e novos laureis. »

N'esse tempo ainda havia enthusiasmo geral pela emancipação nacional ; havia toda a confiança em virmos a ser uma nação forte e prospera.

Ainda não se tinha inventado a theoria geitosa, que se vae agora insinuando, de ser em tudo conveniente submetter este paiz á influencia do chamado adiantamento europêo.

Poucos hão de calcular o que vae de insidia n'esta calamitosa insinuação... Bemdicto seja o nome de Franco de Sá, o nome de um patriota.

E' urgente passar adiante.

Voltemos, ó leitor, ao sul, ao Rio de Janeiro a ouvir os carmes de Teixeira de Mello e Casimiro de Abreu. São dois

patricios, dois amigos, que entram perfeitamente na intuição geral da epocha.

Depois iremos escutar a ronda aerea dos cantares nortistas, de que Junqueira Freire, Augusto de Mendonça e Franco de Sá já nos deixaram nos ouvidos alguns sons intensos e expressivos.

JOSÉ ALEXANDRE TEIXEIRA DE MELLO (1833...). Eis aqui um poeta de grande merecimento, inteiramente esquecido.

Eu mesmo, que estudo com interesse e carinho tudo que se refere ao Brasil, conhecia-o só vagamente de nome; nunca o havia lido attentamente !... E assim terão feito muitos outros.

Para que ler as poesias de Teixeira de Mello, os dramas de Agrario, os romances de Alencar, se alli estão as drogas de Ohnet, de Montepin, de Du Boisgobey, que posso ingerir, arrotar depois as *essencias de Pariz*, e passar por homem de tom e adiantado ?

E' a regra geral : uma curiosidade inquieta e *malsaine* pelo que vem de fóra e completa ignorancia do que se produz na patria...

Entretanto, Teixeira de Mello foi um lyrista de primeira ordem no Brasil, sem ter quem o exceda em Portugal na phase correspondente ao seu desenvolvimento.

O poeta, de certo tempo em diante, abandonou quasi inteiramente a sua arte divina.

Empregado superior da Bibliotheca Nacional, dedicou-se com força ao estudo da historia patria.

N'esta esphera são dignos de nota o livro que publicou sob o titulo de *Ephemerides Nacionaes* e a *Memoria* consagrada á questão das *Missões*, secular pendencia entre o Brasil e a Republica Argentina, só recentemente resolvida.

Tambem são dignos de apreço diversos estudos seus publicados nos *Annaes da Bibliotheca Nacional* e na *Gazeta Litteraria*.

Mas é do poeta que devo especialmente falar, e por este lado, elle está nas *Sombras e Sonhos* e nos *Myosotis*, especialmente no primeiro d'estes livros.

Teixeira de Mello teve por amigos e companheiros littera-

rios Casimiro de Abreu e o Dr. Luiz Delfino dos Santos que o offuscaram inteiramente sem possuir merecimento superior ao seu.

Casimiro, primando pela simplicidade, que ás vezes chegava ao chatismo, morreu pouco depois de publicar as *Primaveras*, e viu-se repentinamente celebre.

Luiz Delfino dos Santos, primando pela elevação que descamba muitas vezes no exaggero, no gongorismo esdruxulo, fez ruidosa carreira medica, juntou cabedaes e aguardou a vinda de um momento propicio para alçar-se ao posto de pontifice maximo de um grupo de sectarios.

Teixeira de Mello, que tem a simplicidade sem a chateza e a elevação sem a bombasticidade, não teve nenhuma d'essas consagrações enthusiasticas : ainda hoje elle é um obscuro.

Eu sou o primeiro a collocal-o em seu lugar ; não que o seu merecimento fosse jámais contestado : nem negado nem affirmado ; simplesmente despercebido, como *non avenu*.

As *Sombras e Sonhos* são um livro notavel e superior aos seus companheiros de datas *Primaveras* e *Enlevos* (1).

Estes tres livros, a que se devem juntar as *Primeiras Paginas* de Pedro de Calasans, as *Flôres Silvestres* de Bittencourt Sampaio e as *Flôres e Fructos* de Bruno Seabra, podem bem servir de thermometro para aquilatar-se a temperatura poetica dos annos que vão de 1855 a 62 no Brasil (2).

O movimento continuou no mesmo sentido pelos annos de 62 a 64 com as publicações de Fagundes Varella, que inaugurou o que eu chamei o *naturalismo bacchico*, que serviu de passagem para a escola *condoreira* (3).

O livro de Teixeira de Mello é exhuberante de seiva, como são tantos outros do animado e luxuriante lyrismo brasileiro.

O que individualisa e distingue as feições da poesia d'este auctor é certa singularidade, certa elevação graciosa e delicada das phrases, certa garridice das imagens ; alguma cousa que lembra Victor Hugo nos bons tempos, quando elle não

(1) As *Sombras e Sonhos* de Teixeira de Mello são de 1858 ; os *Enlevos* de Franklin Doria e as *Primaveras* de Casimiro de Abreu são de 1859.

(2) As *Primeiras Paginas* de Calasans são de 1855 ; as *Flôres Silvestres* de Sampaio, de 1860 ; as *Flôres e Fructos* de Seabra, de 1862.

(3) Veja-se — *A Litteratura Brasileira e a Critica Moderna*, pag. 185.

tinha ainda gongorismos, a phase em que escreveu *Sara la baigneuse* e outras joias d'esse quilate.

Indicarei ligeiros trechos aptos a documentarem o que digo. Vejam :

« Tinhas então no olhar a morbideza
Da infancia que présente a mocidade;
Tinhas na fronte o sello da belleza
E n'alma a sombra vaga da saudade.

Amemos como á luz as mariposas,
Como a flôr ama o orvalho que a remoça!
Amar não é topar pela existencia,
Como a topaste, um'alma irmã da nossa?

O amor é a vida na mulher que um dia
Ao passar pelo espelho achou-se linda!
Ama e vive, mulher! quando morreres...
Quando morrermos... viverás ainda! »

Ou isto que é melhor ainda ; o poeta fala de um mundo á parte ;

« Onde haja musgo em que teça
Um ninho em que eu adormeça
Com meus amores implumes;
Onde não vinguem espinhos;
Onde o sol entre carinhos
Viva de azul e perfumes!

Procurei no mundo todo
Um ponto, per'la no lodo,
Onde o amor fosse verdade!
Onde a vida fosse um lago!
Nosso baixel... um afago!
Nosso briza... a mocidade! »

E' o lyrismo alado do XIX seculo. Eis ainda superior :

« A cada riso d'ella eu via o mundo
Sumir-se a nossos pés e o céo se abrir!
Então eu m'esquecia de mim mesmo,
Do mundo que a esperava e do porvir!

A tarde era uma aurora mais risonha,
A insomnia minha eterna companheira,
Sylphide o tempo, as illusões um berço
Em que pensei dormir a vida inteira... »

Ou este brado :

« Meu peito o abysmo, teu amor o raio,
Meus labios harpa em que passou teu nome,
Tudo mentiu-me! As emoções se foram
Como as neblinas que a manhan consome. »

Ou ainda este :

« Quanta ventura a trescalar em tudo!
Quanto silencio a perfumar a selva!
E quanto sol a enamorar as flôres
E quanta flôr a enamorar a relva! »

Ou finalmente estas quadras de uma bellissima poesia á *Lua* :

« Quando sacodes sobre a noite as azas
Lagrymas cahem, garça que não torna,
Como o sereno que a descuido a aurora
Por sobre as flôres — toda riso — entorna!

Tu passas núa, escabellada e muda,
Levada em braços de milhões de anjinhos,
E vaes, quem sabe? te banhar nos lagos
Em que lavam-se o sol e os passarinhos...

Eu te vejo passar, tão perto ás vezes,
No meu deserto, fugitiva embora!
Tu és o cysne que em meus cantos canta;
Tu és a amante que em meus prantos chora! »

São fragmentos citados a esmo ; outros mais bellos existem no livro, que deve ser lido com a maior attenção. E' um bom companheiro para horas de desalento.

Outra qualidade particular das poesias de Teixeira de Mello

é a completa correcção da lingua e da fórma metrica. O poeta é impeccavel ; é um primoroso romantico e um verdadeiro precursor dos parnasianos modernos.

Póde-se só por elle aquilatar o progresso da poesia brasileira em tres seculos de vida.

No regimen classico a lingua não tinha essa elasticidade, essa flexibilidade, esse doce torneio, essa capacidade caprichosa e ondulante de ostentar-se em bellas phrases.

Reparem-se os seguintes decasyllabos, ou versos chamados de Gregorio de Mattos ; note-se a doçura, a mobilidade da expressão.

No velho poeta bahiano do seculo XVII esse metro, por elle introduzido na lingua, era ainda aspero e duro. O vocabulario era então parco ; as palavras obrigatorias appareciam sempre.

A poesia tinha um pequeno lexicon de convenção que não deixava jámais.

Lêam estes versos e reparem bem que estam a ouvir um lyrista de um tempo cheio de exigencias :

« Tanto orvalho por noites d'encanto
Molha as plantas abertas em flor!
E meus labios molhou-m'os o pranto
Sempre, sempre que abriu-m'os amor,

Tanto sol n'estas veigas tranquillas
Ergue as flôres — já mortas talvez!
Requeimasse-me embora as pupillas
Eu quizera, nascendo outra vez,

Requeimal-as de novo!... Bemdicto
Seja aquelle que á livida flôr
Abre em jorros o sol, e ao proscripto
Abre o sol — sempre puro — do amor!

Venha um beijo de fogo aquecer-me :
Tenho n'alma do hinverno os rigores!
Deixa á vida de novo prender-me
A esperar pelo sol — como as flôres.

Sim! minh'alma pertence á esperança
Como á terra meu corpo que é seu.
Por um fio, mulher, d'essa trança
Se soubesses que amor te dou eu!

Nunca a lingua de fogo d'um beijo
De meus labios queimou-me os pallores!
A teus pés, anjo meu, eu desejo
De perfumes viver como as flôres.

Tens perfumes na voz que embriaga :
Como os anjos tu cantas falando,
E dos seios na tumida vaga
Tens perfumes que alentam matando...

Tens perfumes na boca mimosa!
Um azul beija-flôr do vergel
Já tomou-a por folhas de rosa
E uma abelha por favos de mel...

Por amar já soffri tanto, tanto!
Faz-me um dia esquecer que soffri.
N'um requebro do olhar — por encanto
Como Deus — cria um mundo p'ra ti!

Abre as azas da tua belleza
Sobre o abysmo do meu coração!
No silencio da virgem deveza,
Que me esconde, serei teu irmão.

Nós teremos por tenda as campinas
Em que a relva se veste de flôr,
Estas névoas por alvas cortinas,
Estes ermos por leito de amor!

Vai, que eu sei, tanto amor pelo mundo
E tu deixas-me, virgem, sozinho!
Dá-me um riso, só um, mas tão fundo
Que me faça encurtar o caminho...

Que te custa fingir um sorriso
— Tenue gotta no mar da esperança!
Dá-me amor, dá-me vida... preciso
De viver... Que te custa, criança?

Vem tu ser meu condão de ventura!
Abre os labios e dá-me a existencia!
Como o oiro, que ao fogo se apura,
Regenere-me a tua innocencia.

E' um mundo que tiras do nada
E onde podes mandar — como Deus...
Solta a voz e verás n'alvorada
Que rebenta a um soriso dos teus... »

Eu não sou classico, e nem romantico, e nem *parnasiano;* não estou com a vélha, nem com a nova geração... quero estar com a *novissima*, com aquella que ainda ha de vir. Por cima e além das escolas actuaes vislumbro alguma cousa de superior que ha de ser a poesia do tempo futuro.

Quaesquer, porém, que venham a ser as conquistas e os progressos do lyrismo do porvir, ninguem contestará que esses versos serão sempre e sempre um bello especimen de uma poesia sonora, perfumosa, irisada e macia como as pennas sedosas de matisados passaros.

Foi necessaria a longa serie de seis gerações de talentos poeticos, todos empenhados em aperfeiçoar o instrumento de seus cantos, para a arte chegar a esse apuro, verdadeiramente precursor do *parnasianismo* recente. De igual requinte é a peça intitulada *Phantasia* :

« Nayade viva da legenda antiga,
Deixa o seio do rio em que te encantas!
Dá-me um riso d'amor, gotta do orvalho
Que em noites de verão desperta as plantas.

Vem ás horas dos pallidos vampiros
Sobre as azas em pó das borboletas!
Algum sylpho talvez te espere em cuidos
Sobre os seios azúes das violetas!

Não vês a natureza a somno solto
Nos braços do silencio, immovel, fria?
A alma vagando, estrella d'outros mundos,
Pelos campos da loira phantasia?

E os ventos que adormecem como a noite
Nos cabellos das arvores do val?
Nem soluçam gemidos que te assustem
Esses mortos que dormem no hervaçal.

Desce ás horas do amor e dos mysterios!
Poisa o pé sem temor... é chão de flôres!
Quando os vivos resonam como os mortos,
Vem banhar-te comigo em mar de amores!

Aos clarões do luar, que despertou-te,
Ouve-se a estrella a scintillar dormindo!
Ouve-se a briza a desfolhar saudades!
Ouve-se a folha a suspirar cahindo!

Vem, flôr do rio, perfumada em risos;
Vem flôr dos bosques, orvalhada em pranto!
Mas se inda assim o coração te treme,
D'essas azas que tens faze o teu manto.

Dá-me um hymno dos teus na voz maguada ;
Dá-me um canto do céu na voz tristinha!
Já que o mundo dos vivos me abandona,
Vem, princeza do val, vem tu ser minha!

Vem teus sonhos de amor que a alma embalsama
Desfolhar sobre mim e o meu futuro!
O mundo não te espreita!... e só da noite
Brilhão olhos de Deus no manto escuro.

Mas... se a aurora acordar teu pae que dorme?!
Se a briza despertar no campo as flôres?!
Vem sempre! um anjo deve amar mais cedo,
Mais cedo enlanguecer, morrer de amores! »

Teixeira de Mello é o que na linguagem escolastica da critica se chama um ideialista.

Por ahi ainda existe muita gente que suppõe serem *ideialismo* e *realismo* dois systemas, duas theorias, duas doutrinas oppostas da arte, quando apenas, na phrase felicissima de Edmond Scherer, são os dois polos entre os quaes se tem movido em todos os tempos toda a poesia, toda a arte humana em geral.

Esta co-relação do ideial e do real, apezar das extravagancias dos criticos, é uma verdade que brota de toda a historia da intelligencia do homem.

Ha quem baralhe e confunda as noções que parece sahirem d'aquellas palavras, applicadas ás producções artisticas e litterarias.

Os equivocos agglomeram-se e as tentações infundadas se apresentam; a quem conhecer, porém, um pouco o espirito humano e couber a certeza do que elle vale nos tempos modernos as vistas parciaes não cegarão.

A ideia mais persistente, que uma das mais robustas edificações philosophicas do XIX seculo —, a de Hegel, — trouxe ao mundo, foi a do *caracter relativo da verdade.*

Para tal achado, á primeira vista tão simples, houve necessidade de todo o genio do illustre allemão, no intuito de determinal-o, e de toda a sciencia e habilidade de Comte e de Spencer afim de o divulgar (1).

Ainda bem: o principio é geral e sua applicação deve ser completa; as ideias *absolutas* sobre poesia são uma herança de velha e abstrusa metaphysica e absurdas como uma these de astrologia. D'ora avante a pretenção de governo unico e despotico, por parte de um modo de ver parcial, é um falseamento de doutrinas, um quadro incompleto do espirito do tempo.

Mas interrogue-se a historia. Lá tambem, lá na antiguidade, quando a consciencia humana serena e imperturbavel, porque a vida era ainda pouco complicada, modesta e timida, porque o coração era ainda pouco exigente; quando a consciencia humana, diante de todos os fundos problemas, se mostrava contente com a razão das cousas, vinha de quando em vez uma restea de sombra empallidecer-lhe o brilho.

Abri as obras dos grandes genios, os mais arredados de nós que quizerdes, d'esses d'aquelle tempo em que não existiam ainda classicos, romanticos, realistas, parnasianos, impassiveis, impressionistas e *tutti quanti;* abri, por exemplo, o livro de Job.

(1) Vide Ed. Scherer, *Melanges d'Histoire Religieuse,* artigo sobre Hegel.

O espirito do sublime soffredor é açoitado por todas as flagellações que lhe atira o implacavel habitador das trevas. Ahi *Satan* é o destino ; a grande lucta da humanidade está travada (1).

Abri Eschylo : todos conhecem essa poesia travosa de supplicios, embrigada de subime padecer. Ahi *Prometheu* é o genio preso, e todavia conspirado...

Abrí Homero abrí Sophocles, abrí Virgilio, abrí Lucrerio. Onde haverá mais *ideial*, isto é, mais transfigurações do homem e da natureza, e, ao mesmo tempo, mais *realidade*, isto é, mais vida, mais lucta, mais tormento, mais dôr ?

E, se fôr ponderado que entre o homem de hoje e o de então ha todo o vasto labor de sonhos celestes, de desapego da vida, de ancias para Deus, que enche uma extensa secção da historia, a idade-media, e constitue o caracter de muitos seculos, a parcialidade systematica de todo se aniquila.

Nós outros os de hoje somos os filhos de uma civilisação complexa (2).

Todas as expansões reaes e sentidas do homem antigo, sobremodo do grego e do romano. entrelaçaram-se a todos os impetos para o desconhecido do homem da idade-meia, onde larga parte tiveram os semitas, especialmente judeus e arabes.

A alma moderna é a somma de todas aquellas effusões ; o pensamento hodierno agita-se por todos os lados.

Na grande litteratura correm as ondas de todas as ancias ineffaveis, desde o sagrado enthusiasmo pela mulher até a sede estupenda pela eternidade ; desde a mimosa expansão pelo espectaculo das flôres até ao dilacerante desespero pelo céu que atormenta.

Ali ha de tudo ; o mediocre é que é exclusivo ; são as grandes ideias incarnadas na fórma brilhante ; todos os sonhos como todas as realidades, todos os pesadelos como todos os risos, a duvida e a crença, a maldição e a prece !... Vejamse as obras mais perfeitas que resumem o XIX seculo.

Onde ha ahi poesia mais sonhadora, mais utopica do que a

(1) Vide Ern. Renan, *Le Livre de Job ;* analyse do poema.
(2) Vide H. Taine, *Philosophie de l'Art en Grèce ;* o momento.

de *Faust*, a de *Manfredo*, a do *Ashaverus* ? N'essas indomaveis torrentes de impetuoso lyrismo os velhos e novos mysterios, as velhas e novas impossibilidades se attestam, e, comtudo, onde livros mais humanos, uma poesia em que a exactidão que nos toca seja mais seria e implacavel ? E' o caso de todo Shakespeare.

Mas deixo esta ordem de motivos e toco n'outra.

Que entendem por ideialismo no terreno da arte ? Se fosse a suprema expressão, o mais sublimado gráo das concepções humanas, então nada haveria de serio que vedasse os poetas de por elle moldarem suas obras.

Se o julgam synonimo de extravagancias, accervo de impossibilidades phantasticas, n'este caso tombam em falso, sem a minima razão.

Mas nenhuma d'estas explicações é a exacta ; a primeira é apenas uma vaga aspiração metaphysica ; a outra é evidentemente desparatada.

Nem tanto exaggero de um lado e d'outro ; o *ideial* é tambem relativo ; não se concebe *á priori ;* depende das ideias que formamos das cousas.

Esta simples verdade mostra bem sua indole e seu valor ; é o fundamento mesmo da arte e a historia mostra sua constante variação.

Que é o realismo ? Se é a velha pretenção de fazer da arte uma photographia eternamente a retratar scenas do mundo, na pintura não passais da paisagem e na poesia da descripção.

E, se o intento é julgar que o mistér unico da poesia, da arte, da litteratura é reproduzir o que parece certo, real, positivo para as intelligencias, n'este caso, o criterio de cada uma d'ellas é variavel, ou, por outra, as ideias diversas de cada um trarão o ideialismo, cujo sentido philosophico é assim ainda uma vez determinado.

Mas o realismo deve ser entendido de modo diverso, isto é, como aquillo que a sciencia e a experiencia fôrem tirando a limpo, e a consequencia aqui é que elle é necessario, é uma força que se impõe inevitavelmente.

Ideialismo e realismo, portanto, são principios que não se

combatem ; unem-se e resguardam-se convenientemente. A poesia e a arte vivem do consorcio de ambos.

Um espirito comprehensivo afugenta as ideias apertadas e frageis e aspira sempre pela harmonia das cousas.

Existem, porém, uns criticos que se nutrem de acanhadas noções e apegam-se ao incompleto com obstinação.

D'ahi um bom numero de juizos desponderados que se vão espalhando em dois sentidos oppostos e a completa incapacidade para a comprehensão verdadeira da intuição moderna em litteratura e arte.

E' esse o motivo dos exaggeros pró ou contra o realismo hodierno e pró ou contra a concepção philosophica da poesia.

Abrem um livro qualquer e lêem, por exemplo, esta apostrophe : « Geographos da intelligencia, marcai sobre a carta do espirito humano n'este polo a sciencia, n'aquelle outro a poesia ! » (1).

Tomam demasiado á letra a intimação e condemnam uma das mais fecundas ideias da litteratura contemporanea : a poesia fundada, ou melhor, a poesia adaptada ás novas tendencias do espirito humano. Entretanto, as duas cousas se excluem absolutamente quanto ao methodo e podem harmonisar-se quanto ás intuições geraes.

Identica é a cegueira que lança o abysmo entre ideialistas e realistas extremados, aos quaes falta uma comprehensão total da humanidade e da natureza.

Com este criterio e com taes ideias é que se deve julgar o mimoso lyrista José Alexandre Teixeira de Mello, em cujas poesias o *ideial* e o *real* se irmanam e consorciam admiravelmente.

Casimiro José Marques de Abreu (1837-1860). Bem differente do de Teixeira de Mello foi o destino litterario de Casimiro de Abreu ; não houve jámais entre nós poeta mais lido ; tem sido o predilecto do bello sexo nacional. E essa notoriedade é bem cabida ; o moço fluminense foi um espirito de merecimento.

(1) Charles Magnin *Causeries et Méditations litteraires ;* edic. de 1842.

Em torno de seu nome formou-se logo uma lenda de soffri- ıentos e outorgaram-lhe a corôa do martyro...

O poeta, na opinião geral, haveria sido uma pobre victima e rigores paternos; teria sido atado ao poste do commercio, omo a um supplicio; teria sido contrariado em sua vocação, ıaltratado, injuriado, por entregar-se a qualquer leitura; ão teria recebido educação alguma litteraria; teria sido des- rrado para Portugal afim de lhe acabarem alli com as vel- idades e recalcitrações em poetar.

Ha em tudo isto mais de um exaggero e mais de uma illu- ío.

O proprio Casimiro de Abreu nos prologos que poz em ente das *Primaveras*, de *Camões e o Jáo*, e no fragmento *Virgem Loura* offerece documentos para as lamentações ue levantaram á conta de seu martyrologio.

Igual intenção revela-se em sua poesia *Dôres* :

« Ha dôres fundas, agonias lentas,
Dramas pungentes que ninguem consola
        Ou suspeita sequer!
Magoas maiores do que a dôr d'um dia,
Do que a morte bebida em taça morna
        De labios de mulher!

Doces falas de amor que o vento espalha,
Juras sentidas de constancia eterna
        Quebradas ao nascer;
Perfidia e olvido de passados beijos...
São dôres essas que o tempo cicatrisa
        Dos annos no volver.

Se a donzella infiel nos rasga as folhas
Do livro d'alma, magoado e triste
        Suspira o coração;
Mas depois outros olhos nos captivam,
E loucos vamos em delirios novos
        Arder n'outra paixão.

Amor é o rio claro das delicias
Que atravessa o deserto, a veiga, o prado,

E o mundo todo o tem!
Que importa ao viajor que a sêde abraza,
Que quer banhar-se n'essas aguas claras,
Ser aqui ou além?

A veia corre, a fonte não se estanca,
E as verdes margens não se crestam nunca
Na calma dos verões;
Ou quer na primavera, ou quer no inverno,
No doce anceio do bulir das ondas
Palpitam corações.

Não! a dôr sem cura, a dôr que mata,
E', moço ainda, e perceber na mente
A duvida a sorrir!
E' a perda dura d'um futuro inteiro
E o desfolhar sentido das gentis corôas,
Dos sonhos do porvir!

E' vêr que nos arrancam uma a uma
Das azas do talento as pennas de ouro,
Que voam para Deus!
E' vêr que nos apagam d'alma as crenças
E que profanam o que santo temos
Co'o riso dos atheus!

E' assistir o desabar tremendo,
N'um mesmo dia, d'illusões douradas,
Tão candidas de fé!
E' vêr sem dó a vocação torcida
Por quem devera dar-lhe alento e vida
E respeital-a até!

E' viver, flôr nascida nas montanhas,
P'ra aclimar-se, apertada n'uma estufa
A' falta de ar e luz!
E' viver, tendo n'alma o desalento,
Sem um queixume, a disfarçar as dôres
Carregando a cruz!

Oh! ninguem sabe como a dôr é funda,
Quanto pranto se engole e quanta angustia,

A alma nos desfaz!
Horas ha em que a voz quasi blasphema...
E o suicidio nos accena ao longe
Nas longas saturnaes. »

Devem-se lêr estas e outras passagens similhantes *cum rano salis.*

Não é verdade que o mancebo não soffresse contrariedades a vida, d'essas contrariedades de menino, de criança, diga-se ssim, que intenta seguir um rumo que não é precisamente quelle que a familia deseja.

Nos temperamentos excessivamente impressionaveis e oentios, como o de Casimiro, ás vezes essas pequenas luctas ansformam-se em grandes pugnas e deixam sulcos inapa-aveis.

Mas d'ahi a concluir que sua bella infancia na Barra de ão João, sua estada na poetica Friburgo, onde estudou al-uns preparatorios, sua residencia na esplendida Rio de Ja-eiro, onde foi caixeiro estimado, e na historica Lisbôa, onde xerceu igual profissão com a mesma distincção, concluir que ıdo isto foi o inferno em vida, me parece um pouco exagge-ado.

Nem tanto ao mar nem tanto á terra; nem vida de rosas em tratos inquisitoriaes.

E' preciso que me comprehendam : eu não contesto a sin-eridade do poeta quando relata os seus soffrimentos. Creio em em tudo que nos conta.

Censuro os excessos dos seus panegyristas e procuro dia-nosticar-lhe a verdadeira medida e intensidade das dôres.

Todo aquelle barulho era apenas pela mór parte um dese-uilibrio organico e subjectivo, estimulado por uma exquisita ıania da epocha.

O poeta foi victima de sua organisação franzina e debil e das olices e extravagancias do meio social que o cercava.

E' certo que o pai lhe vedou a matricula n'uma academia e atirou ao commercio.

Este facto simplissimo, e muitas vezes vantajoso, escan-leceu a cabeça do poeta e appareceu-lhe como um supplicio

intoleravel. D'ahi a exacerbação, a tristeza, o desespero intimo. Tudo pura subjectividade.

A razão d'isto ? E' a seguinte : n'aquelle tempo estavamos na phase agudissima da *sensiblerie* nacional ; o romanticismo melancolisante imperava sem estorvo algum.

A sociedade dividia-se em dois grandes grupos : os homens *praticos* e *positivos* e os *poetas* e *sonhadores*.

Os primeiros eram os homens *sérios*, os outros eram os *bohemios*, os *genios* sedentos d'ideial ; aquelles eram os *burguezes* chatos e estupidos, na linguagem dos *genios ;* estes para os seus inimigos não passavam de uns *malucos*, uns *extravagantes* nocivos.

O desaccordo não podia ser mais completo.

Os taes homens *sérios* tinham sua profissão de fé e o primeiro artigo d'ella era a guerra aos terriveis *insensatos*, os desalmados *poetas ;* o segundo artigo era a propaganda e o endeosamento da ignorancia.

Os intitulados *genios* tinham seu programma, cujo primeiro artigo era a libação do *cognac* e o segundo era a vadiagem.

Havia por certo algumas excepções de um lado e d'outro ; mas essa era a intuição geral da epocha.

Litteratura e commercio eram duas cousas inconciliaveis ; poesia e negocio eram o cão e o gato, viviam em perpetua lucta, as duas profissões eram incompativeis.

Ainda me lembro bem do tempo em que a condição primordial para ser bem acceito no commercio, ser logo bem empregado e ter bôa e forte protecção era ser bem estupido, ter a cabeça bem feichada ás insinuções das letras de fôrma.

Foi isto justamente na epocha em que para os poetas e litteratos a carreira do commercio era a região do *prosaismo* duro e insupportavel.

Quanta illusão, quanto desproposito de uma banda e d'outra !

Ao pai de Casimiro, burguez ignorante do velho estylo, a idéia do filho querer ser homem de letras, escriptor e poeta, afigurava-se um desparate, uma imitação da vadiagem litterata do tempo. Ao moço poeta, ideialista, sonhador, o commercio surgia na imaginação como a região aspera da morte que lhe

vinha crestar todos os devaneios e esperanças. Era a lucta entre dois animaes bravios e ferozes : o carrancismo e o romanticismo.

Era uma lucta em falso, oriunda de uma pessima orientação social.

O pobre poeta especialmente foi victima de preoccupações phantasistas de seu meio, exaggeradas por seu temperamento morbido, preoccupações que não teve força para combater.

Hoje tudo isto passou ; já não achamos tão prosaica a vida mercantil, nem tão poetico o *doutorismo*, muitas vezes inerte e que leva não raro ao completo pauperismo.

Casimiro de Abreu, em sua ingenuidade, suppunha ser mais adequado á poesia o viver do homem graduado n'uma academia qualquer. O poeta desejava talvez formar-se em direito.

Ora, os nossos bachareis em direito, que não se vão metter no commercio ou na lavoura, as duas profissões *anti-poeticas* dos romanticos, ou vão ser advogados, ou magistrados, ou empregados de secretaria, ou professores...

Qual d'estas carreiras é mais poetica do que a do commercio ?

Será a do advogado a luctar com velhacos de toda a casta, com meirinhos ensebados e escrivães capciosos e grosseiros ?

Será a do magistrado a luctar com ladrões, assassinos e relapsos de toda a ordem ?

Será a do empregado de secretaria a azinificar-se no meio da papellada do expediente e das importunações dos pretendentes ?

Será a do punhado de professores dos cursos juridicos e dos cursos secundarios a ouvir muitas vezes sandices de rapazes vadios ou estupidos ?

Creio que não. Parece-me que em todo caso antes a carreira mercantil, tão cheia de encantos, especialmente nas lojas e armarinhos elegantes, parada habitual do *high-life* em mais de uma cidade rica e pretendida mui civilisada...

Em que pése a Casimiro, não creio no prosaismo do commercio.

Esta nobre profissão e esta illustre e poderosa classe, um dos mais valentes propulsores do progresso universal, poderá

ter os seus ridiculos, os seus sestros e emperramentos ; mas possue em compensação muita vida, muito enthusiasmo, ia dizer, muita poesia.

E quantos poetas não a têm seguido e cultivado, sem por isso perder ou sequer enfraquecer o estro !

Foi o caso, entre nós, do grande Fernando Schmid, celebre poeta allemão, conhecido sob o pseudonymo de *Dranmor*.

E para que estas e outras considerações que poderia allegar ? O poeta é, o poeta nasce, como diz o povo.

Não é a carreira que, na lucta pela existencia, no embate das relações sociaes, lhe é dado abraçar que o vae fazer poeta. Se tal fôra, não teriam apparecido nem Dante, nem Tasso, nem Camões, e menos ainda Shakespeare, verdadeiro homem de negocios.

Casimiro de Abreu é de 1837 ; seu talento poetico desenvolveu-se de 1854 a 60, anno de seu fallecimento,

Foi na crise aguda do lamuriar dos romanticos.

O poeta, franzino de corpo, predisposto á tuberculose, fez de seu coração um ninho para asylar e aquecer todas as illusões, scismas, vaporosidades, sonhares irisados e phantasias aladas de seu tempo.

Esta impressionabilidade morbida, expressa na linguagem e nas formas mais simples do falar portuguez enriquecido, sonorisado, amenisado no Brasil, eis a poesia de Casimiro de Abreu.

A facilidade dos tons, a despretenciosidade da plastica lhe dão todo o valor.

O poeta fala de suas magoas, de suas ambições, de seus anhelos n'aquelle mesmo tom em que se queixaria á sua mãe das saudades que teve por ella n'ausencia, ou das dôres que sentia em seu debil peito ao borbotar das golfadas de sangue. Ninguem resiste, não ha coração que não se abrande.

Doce e miserando moço, queremos chorar comtigo as dôres que nos contas em tão sonorosa linguagem ; dá-nos dos teus suspiros, reparte comnosco a tua monodia ! E' a linguagem de todos.

A poesia aqui é tão intima, tão pessoal, que dizer mal d'ella equivaleria a dizer mal do caracter do poeta ; e quem seria

capaz de deixar de amar um tão delicado e sincero companheiro?

Importa isto absolver completamente a tristeza systematica da poesia romantica? De fórma alguma. A tristeza systematica e affectada é e será sempre consuravel; mas Casimiro foi sincero e escapa ás severidades da critica.

Hoje as cousas estão mudadas; não existem mais tristezas e lamurias affectadas; agora estamos no periodo das alegrias, dos enthusiasmos fingidos.

Os que principiamos a ler os poetas e escriptores ha uns quarenta annos atraz ainda encontramos a litteratura mergulhada nas trevas da melancolia.

Assisti e tomei parte na reacção contra esse estado de preguiça mental.

E' preciso, porém, dizer aos de hoje, que já acharam a mutação feita, como era aquelle lamuriar litterario e que batalhas foi preciso ferir para debellar o inimigo e preparar o actual estado de cousas que elles, os presumpçosos de hoje, julgam ser obra sua...

Em 1870 comecei a atacar o adversario, e em 1872, a proposito da poetisa Narcisa Amalia, que ainda teimava em choramigar, em fazer de Casimiro de Abreu, menos a sinceridade, escrevi isto:

« Na vida da litteratura no seculo XIX ha um quadro mal desenhado, um quadro sombrio, que ha de parecer extravagante a futuros apreciadores: é o da tristeza romantica.

Parece impossivel que a uma vivacidade scientifica séria e despreoccupada juntasse o nosso tempo uma expressão artistica somnolenta e morbida. Mas o facto é real e tem a sua justificativa historica. O que parece a todo proposito insustentavel é a teima impertinente de se querer sempre, hoje como hontem, chorar pela mesma gamma, suspirar fingidamente pela mesma clave. E' uma inconsiderada porfia que se destina a parecer carunchosa e ridicula ao vindouro observador.

O papel da tristeza e da alegria na litteratura contemporanea é um symptoma bem pouco para contentar. Os poetas lançaram-se precipitadamente além do termo da estancia querida do seu ideial: a melancolia deixou de ser um estado mais ou

menos passageiro do espirito para tornar-se, extremo desproposito !... o alvo supremo dos sonhadores.

Como o mysticismo alexandrino procurava na destruição a suprema condição para fruir a eterna verdade, o romantismo dos ultimos tempos buscava no desespero sentimental a *ultima ratio* do bello infinito ! A doença propagou-se deshumana e atrozmente ; tornou-se endemica.

Em meio do geral desanimo a alegria afogou-se em prantos, velou-se de soluços, sumio-se, e, quando se ousava mostrar, era forçada e mentida.

Era o *humorismo*, essa creação moderna, esse rir desconsolado e facticio de uma tristeza falsa, que se suppunha incuravel. A natureza humana se achava contrafeita ; e certamente a historia bem estava indicando qual devia ser o ideial do seculo XIX.

A alegria pagã, serenidade magestosa da vida sã da antiguidade, a agonia dolorosa do espirito ascetico medieval, anhelo mystico do theologismo christão, tinham passado.

Exclusivas, na orbita da respectiva evolução, legaram ao tempo da Renascença um espirito dubio, que, pendendo, já para o sonho e para o céu, já para a realidade e para a terra, se distendeu no periodo de tres seculos até nós.

No seculo actual os dous impulsos deviam contra-balancar-se. Mas não foi assim ; e viu-se que na sua primeira metade este seculo pertenceu quasi exclusivamente ás scismas do transcendentalismo, e só a custo agora vai buscando a direcção opposta, já parecendo que se pretende exaggerar. O ideialismo abstruso e o empirismo grosseiro perderam o sentido das suas lutas. A sciencia hodierna pisa, um terreno mais solido em que não se nos deparam as extravagancias. E' o que a historia vae fazendo para as producções da humanidade filhas do sentimento e as creações oriundas da intelligencia. Umas e outras corresponderam sempre em todos os tempos aos impetos do homem para explicar o enigma do universo.

As velhas doutrinas poeticas e religiosas de um lado e as metaphysicas e scientificas de outro, têm um desaggravo justo, que deve porém ficar nas paginas da historia.

E é o que não comprehendem todos aquelles que ainda hoje lhes querem dar o influxo da vida.

Os poetas da primeira porção do seculo excederam-se; a sua tristeza foi vestindo todas as formas possiveis até a de *fingida alegria.*

Esta em sua vitalidade exacta raramente se denunciava. Tudo indicava uma falsa expansão da vida. Os scismadores enganaram-se. O alvo, o fim, o ideal da arte, repita-se a verdade mil vezes, está em estampar a realidade do homem e da natureza.

Ora, a existencia de ambos não se affirma nem pela alegria nem pela tristeza, que são momentos excepcionaes, são horas de anomalia. Quando um dos dous cahe em algum dos extremos arranca-nos logo o espanto. » *Que tarde feia!!* » fala o moça que sente um vago medo diante do céo carregado... » *Que adivinhas?* » diz o velho á moçoila, que loucamente gargalha... Ouvimol-o diariamente. E' que a tristeza, bem como a alegria, em sua expressão exaggerada, passam pelo coração como rapidos toques de luz ou de sombra que correm sobre o fundo limpido da vida.

O intimo d'esta é a actividade, a lucta, o trabalho, cuja physionomia principal é a sisudeza. E sejamos justos, não é mais consolador, depois de tantas illusões arrancadas, depois do perpassar aspero das revoluções, mostrar-se a humanidade serena e altiva, séria e desapaixonada?

Não é mais sublime a poesia que partindo do intimo de um coração por onde ficaram as impressões do flagicio, qual uma onda alva, crystallina, trasborda por cima d'essas agruras e se vae expraiar alem fulgurante, transparente? Mais valente, por certo, é o coração, que além dos dissabrores da vida, póde, calando-os, arrojar a ode esplendida de maravilhas.

E' a poesia impavida, essa suave ambrosia que os eleitos de tempos a tempos vêm dar-nos a saborear.

Suguemos esses perfumes que são hoje os que mais nos podem aviventar. Depois da revolução politica do seculo XVIII tivemos o romanticismo plangente por uma aberração; depois da revolução philosophica e religiosa, que vae adiantada,

tentemos a poesia humana, sem deliquios, sem extravagancias. Tem ella por condição mostrar-se serena e magestosa, como a vida do homem na virilidade » (1).

O bello talento de Casimiro de Abreu deixou-se influenciar pela intuição geral de seu tempo.

A poesia sentimental, recordativa, pessoal, intima, toda eivada de melancolismo é que resôa principalmente no seu alaúde.

Os exemplos pollulam em todo livro das *Primaveras* : é abrir o volume e ler ao acaso. Os dotes principaes do poeta são a simplicidade e a espontaneidade da forma alliadas ao calor e á intensidade do sentimento.

E' muitas vezes um cantar de fogo disfarçado em volatas doces e subtis como cochichos de brisas e flôres ; é alguma cousa de doloroso, de vehemente velada em gazas de seda e arminho ; sentida como uma punhalada, mas suave e macia como petalas de odorosos jasmins.

Não quero ir longe ; basta-me abrir a primeira pagina e lêr a invocação *A**** :

« Falo a ti, doce virgem dos meus sonhos,
Visão dourada d'um scismar tão puro,
Que sorrias por noites de vigilia
Entre as rosas gentis do meu futuro.

Tu m'inspiraste, oh musa do silencio,
Mimosa flôr da languida saudade!
Por ti correu meu estro ardente e louco
Nos verdores febris da mocidade.

Tu vinhas pelas horas das tristezas
Sobre o meu hombro debruçar-te a medo,
A dizer-me baixinho mil cantigas,
Como vozes subtis d'algum segredo!

Por ti eu me embarquei, cantando e rindo,
— Marinheiro de amor — no batel curvo,
Rasgando affouto em hymnos d'esperança
As ondas verde-azues d'um mar que é turvo.

(1) Vide *Estudos de Litteratura Contemporanea*, artigo sobre a *Alegria e a Tristeza na Poesia*.

Por ti corri sedento atraz da gloria ;
Por ti queimei-me cedo em seus fulgores ;
Queria de harmonia encher-te a vida,
Palmas na fronte — no regaço flôres!

Tu, que foste a vestal dos sonhos d'ouro,
O anjo tutelar dos meus anhelos,
Estende sobre mim as azas brancas...
Desenrola os anneis dos teus cabellos!

Muito gelo, meu Deus, crestou-me as galas!
Muito vento do sul varreu-me as flôres!
Ai de mim — se o relento de teus risos
Não molhasse o jardim dos meus amores!

Não t'esqueças de mim! Eu tenho o peito
De sanctas illusões, de crenças cheio!
— Guarda os cantos do louco sertanejo
No leito virginal que tens no seio.

Pódes lêr o meu livro : — adoro a infancia,
Deixo a esmola na encherga do mendigo,
Creio em Deus, amo a patria, e em noites lindas,
Minh'alma — aberta em flôr — sonha comtigo.

Se entre as rosas das minhas — Primaveras —
Houver rosas gentis, de espinhos nuas ;
Se o futuro atirar-me algumas palmas,
As palmas do cantor — são todas tuas! »

A poesia chorosa e sentimentalista em Casimiro de Abreu é gostosamente legivel.

E' que a imaginação travessa do brasileiro sabe ungil-a de graciosidade ; é que muitas notas alegres e saborosamente comicas apparecem para diversifical-a, para differencial-a com agrado.

Esta ultima circumtancia não tem sido notada, como se devia, em Casimiro de Abreu ; sendo, entretanto, uma das melhores manifestações de seu talento.

O poeta não foi só um sentimentalista, qual se diz geral-

mente, foi tambem algumas vezes expansivo e alegre. Esta nota acha-se em *Scena Intima*, *Juramento*, *Segredos*, *Quando ?*

Por ser o poeta muito conhecido quero ser parco em citações.

As peças que reproduzi — *Dores* e *A**** servem bem para exemplificar o seu estylo na poesia melancolica e na amorosa.

O *Juramento* é só por si sufficiente para mostrar o talento faceto do poeta :

« Tu dizes, ó Mariquinhas,
Que não crês nas juras minhas,
Que nunca cumpridas são!
Mas se eu não te jurei nada,
Como has-de tu, estouvada,
Saber se eu as cumpro ou não?

Tu dizes que eu sempre minto,
Que protesto o que não sinto,
Que todo o poeta é vario,
Que é borboleta inconstante ;
Mas agora, n'este instante,
Eu vou provar-te o contrario.

Vem cá! — Sentada a meu lado,
Com esse rosto adorado,
Brilhante de sentimento,
Ao collo o braço cingido,
Olhar no meu embebido,
Escuta o meu juramento.

Espera : — inclina essa fronte...
Assim!... — Pareces no monte
Alvo lyrio debruçado!
— Agora, se em mim te fias,
Fica seria, não te rias,
O juramento é sagrado :

« — Eu juro sobre estas tranças,
« E pelas chammas que lanças

« D'esses teus olhos divinos ;
« Eu juro, minha innocente,
« Embalar-te docemente
« Ao som dos mais ternos hymnos!

« Pelas ondas, pelas flôres,
« Que se estremecem de amores —
« Da brisa ao sopro lascivo ;
« Eu juro, por minha vida,
«Deitar-me a teus pés, querida,
« Humilde como um captivo!

« Pelos lyrios, pelas rosas,
« Pelas estrellas formosas,
« Pelo sol que brilha agora,
« — Eu juro dar-te, Maria,
« Quarenta beijos por dia,
« E dez abraços por hora! »

O juramento está feito,
Foi dito co'a mão no peito
Apontando ao coração ;
E agora — por vida minha,
Tu verás, ó moreninha,
Tu verás se o cumpro ou não!... » (1)

Não vejo que seja mistér desenvolver demasiado a caracteristica d'este poeta immensamente conhecido. Basta uma só nota mais.

Não tinha defeitos ? Por certo os tinha, e entre elles o principal é por vezes descambar na vulgaridade até cahir na prosa. Isto, porém, é raro.

Se faço esta declaração é no intuito de evitar a transformação d'este livro n'um compendio de elogios. Meu alvo não é encomiar nem vituperar. Comprehender e explicar, eis o fim da critica ; sabe-se hoje.

(1) *Obras Completas* de Casimiro de Abreu, sexta edição, pag. 206.

CAPITULO IV

Poesia. — Quarta phase do romantismo.

Vamos agora ás regiões do norte ouvir ainda um punhado de cantores, quasi totalmente desconhecidos no sul do paiz.

Nós aqui temos d'estas singularidades : exceptuados os politicos, que logram ser deputados ou senadores e installar-se de quando em vez ou perpetuamente no Rio de Janeiro, os talentos das provincias ficam condemnados ao olvido, especialmente os das provincias, hoje Estados, do norte.

Não quero agora esplanar as causas d'este desarranjo, que se vae accentuando cada vez mais e assumindo as proporções de verdadeiro desdem por tudo quanto é nortista, tudo que não é do Rio e das cinco provincas ou Estados do sul...

Não quero fazel-o agora, por me não desviar do assumpto capital d'este livro ; apenas declaro bem alto que felizmente não participo de taes preconceitos e exclusivismos : do norte ou do sul, de leste ou do oeste o talento é para mim sempre bem vindo.

Não trabalho para fragmentos do Brasil, meu labor é para o grande todo, a grande patria. Nada de separatismos insensatos.

Os poetas que se vão agora destacar são : *Pedro de Calasans*, *Trajano Galvão*, *Marques Rodrigues*, *Gentil Homem*, *Dias Carneiro*, *Souza Andrade*, *Bruno Seabra*, *Bittencourt Sampaio*, *Franklin Doria*, *Costa Ribeiro*, *Elzeario Pinto*, *José Maria Gomes de Souza*, *Joaquim Serra*, e *Juvenal Galeno*.

Vejam-se apenas os principaes d'entre elles, aos quaes se poderiam juntar *José Coriolano*, *Benicio Fontenelle*, *Paes de Andrade* e outros da mesma indole. São poetas de Sergipe, Bahia. Pernambuco, Ceará, Maranhão, Piauhy e Pará.

PEDRO DE CALASANS (1836-1874). A provincia de Sergipe, com ser a menor e a mais desprotegida do Brasil, não é um terreno safaro e ingrato para a intelligencia. Bem pelo contrario, muitos espiritos illustres têm alli visto a luz do mundo.

Nós alli tambem temos contado nossas notabilidades ; bastame agora lembrar os nomes de um educador como Tobiás Leite, um medico qual José Lourenço de Magalhães, um orador como Frei Santa Cecilia, um linguista como João Ribeiro, e poetas como Pedro de Calasans, Bittencourt Sampaio, Tobias Barretto, Constantino Gomes, José Maria Gomes de Souza, Joaquim Esteves, Pedro Moreira, José Jorge, Justiniano de Mello, Eugenio Fontes e Elzeario da Lapa Pinto.

D'este grupo de illustres sergipanos serão vistos n'este logar aquelles que naturalmente entram na phase ora estudada.

Começarei por Calasans.

Nascido em 1836, o anno de Bocayuva, de Franco de Sá e Franklin Doria, estudou direito no Recife de 1855 a 59.

O seu primeiro livro, *Paginas Soltas*, publicado em 1855, aos desenove annos de idade, dá-o como estudante academico ; as *Ultimas paginas*, em 1858, mostram-no na mesma qualidade.

O periodo academico foi o mais notavel da vida do moço sergipano.

Foi enorme a nomeada que desfructou em Pernambuco. O estudante de direito, o jornalista, o critico, o poeta, porque o sergipano era tudo isto, foram igualmente gabados, admirados. Foi aquelle um tempo de forte movimento litterario na bella capital nortista. Os mais illustres d'esses moços de que falei acima n'este capitulo foram collegas de Calasans.

Depois de bacharelado retirou-se o poeta para a sua provincia, onde casou-se com uma rica herdeira e foi eleito deputado geral no periodo de 1861-64.

No Rio de Janeiro a principio ainda a fortuna pareceu sorrir ao joven representante da nação e escriptor provinciano.

Na camara o poeta não fez figura alguma, porque não tinha aptidões oratorias ; mas na imprensa tornou-se logo perfeitamente saliente.

Seu casamento não tinha sido dos mais felizes ; havia incom-

patibilidade de genios entre os dois esposos. Desfez-se o equilibrio e o joven poeta cahiu e nunca mais se levantou de todo. Partiu para o Velho Mundo.

Na Europa em 1864 ainda fez algumas publicações meritorias.

De volta ao Brasil, no decennio que vae de então a 1874 epocha de sua morte, ainda produziu ; mas quasi nada publicou. Suppunha-se que tivesse fallecido no Rio Grande do Sul; mas hoje, depois do bello estudo que lhe foi consagrado pelo Dr. Dinarte Ribeiro, sabe-se que sua morte occorreu no mar n'uma segunda viagem á Europa.

O leitor não leve a mal a incerteza e indecisão que emprego nos dados biographicos de Calasans ; os sergipanos nunca foram ciosos de suas glorias, ninguem ali se preoccupa com estas cousas, não existem escriptos que possam orientar o historiador. O que sei da biographia do poeta devo-o a informações oraes colhidas em Pernambuco.

Elle publicou as seguintes obras : *Paginas Soltas* (1855). *Ultimas Paginas* (1858), *Ophenisia* (1864), *Wiesbade* (1864), e *Uma Scêna de nossos dias* (1864). Deixou varios ineditos, um dos quaes sob o titulo de *Camerino* já foi publicado (1875). São volumes de poesias, excepto *Uma Scêna de nossos dias* que é um drama (1).

O poeta sergipano merece attenção especial da critica ; ha n'elle uns tantos symptomas particulares que não devem passar despercebidos.

A primeira nota que lhe assignalo é um certo caracter de independencia, especialmente nas ultimas producções.

Em seu tempo a litteratura brasileira obedecia a duas tendencias principaes : a corrente de Alvares de Azevedo e a de Gonçalves Dias, o sentimentalismo descrente e o indianismo.

Calasans evitou um e outro ; em seus versos nem surgem os *Renés*, *Manfredos* e *Rolas* enfastiados, nem apparecem as cabildas de selvagens.

(1) Vide Luiz Francisco da Veiga — *Estudo sobre Dutra e Mello*, nota, em que fala de Calasans, e no *Almanach Popular Brasileiro* (de Porto-Alegre) de 1900 o Estudo do Dr. Dinarte Ribeiro.

O poeta, sempre muito correcto de linguagem e de fórma metrica, antolha-se-me alegre, expansivo, crente. Revela por outro lado ideias liberaes sobre o povo e o governo e é um valente profligador da escravidão. E' esta uma outra nota sua.

Tudo isto é facil verificar nas producções do auctor ; não o mostro directamente por ter de attender a cousas mais interessantes.

Não é só esse caracter de seriedade, essa ausencia de sentimentalismo impalpavel e morbido que assignala a Calasans e aos seus companheiros do norte um lugar distincto na poesia romantica brasileira na phase de 1855 — a 65. Aquelles poetas foram tambem verdadeiros precursores do realismo contemporaneo.

Eu me explico.

A poesia sob a influencia dos moços poetas da escola de São Paulo, ou n'ella filiados, Azevedo, Lessa, Bonifacio de Andrada, Laurindo, Junqueira... tinha como feição caracteristica a subjectividade, os affectos pessoaes, intimos de seus auctores ; a poesia, sob a direcção dos moços do norte, na escola do Recife, buscou intuitos mais objectivos, mais exteriores, mais geraes. Gentil Homem, Trajano Galvão, Dias Carneiro, Bittencourt Sampaio, Franklin Doria, Joaquim Serra, Coriolano, Juvenal Galeno deram mais attenção aos costumes, situações, lendas, factos populares ; deixaram-se inspirar d'esse realismo campesino, nacional, bucolico.

Em Calasans não existe esta nota ; elle não vibrou esta tecla; seu realismo é outro ; é o realismo da cidade, da gente culta, dos salões civilisados, das altas classes.

O poeta pinta crúamente os vicios da civilisação, especialmente os desgarros da mulher elegante.

As provas estão em todos os seus livros ; vêde nas *Ultimas Paginas* especialmente *Per amica silentia lunæ*, *Sete Somnos*, *Fel por Mel*, e *Mulheres de ouro ;* lêde todo o poemeto *Wiesbade.*

Este genero de poesia, realista em essencia, assume nos labios do cantor sergipano uns tons de satyra, dignos de serem ouvidos.

Eis aqui um pedaço das *Mulheres de ouro* :

« Mulheres sensuaes! que o tenue sello
Da pureza carnal vos não romperam,
Em beijos, a escaldar, os libertinos ;
De que vos orgulhaes? porque, do mundo
No sordido festim, temeis manchal-as,
— De vossas vestes as custosas barras,
Por descuido, ao roçar pelos amiculos
Da pobre meretriz? que vos distingue?
Vós todas sois mulheres, rebolcadas
No lodoso bordel, no lodo impuro
Do seculo em que viveis!...

Por tardas noutes,
Nos candidos lencóes, que a neve embaçam,
Que loucos pensamentos, que volupias,
Quando a sós, não pensaes! — e o corpo virgem,
Meio posto em nuez, na sêde hysterica,
E a face a enrubecer, bem como as flôres
Do eloendro da Italia, e os olhos negros
Cahidos em langor, e o labio tremulo...
Em que pensaes então?...

Quando a balança
Da paterna ambição curva uma concha
Ao peso de ouro, que a nobreza compra
E o anadema de virgem; vós, que amadas
Talvez fostes de alguem, que n'outra concha
Depõe riquezas de um talento fertil,
Os sonhos de um porvir, glorias, esp'ranças...
(E a sedenta balança immovel, queda!)
E o fogo do seu estro, e os sentimentos
Resumidos n'um só, e os seus anhelos...
(E a sedenta balança immovel inda!)
E os prantos de sua alma, e os seus segredos
Mais intimos do peito, e crenças, tudo...
(E a sedenta balança immovel sempre!)
Por elle o que fizestes? — desprezal-o,
Como as flôres preteritas de um baile!

O' mulheres de marmor! que esquecestes
Aquelle coração, que tanto amou-vos,
Que em febre delirante aperta e beija
— Pobre louco! — o pallor inda das flôres
De suas illusões — fanadas todas!

Vós, mulheres, que sois? porque evitardes
As que a vida trasladam d'esses quadros
Da antiga Babylonia?...
Menos rudes não sois, nem sois mais bellas!
Mais impuras — talvez! ellas vendiam
As horas de prazer, vendiam caro
As bellezas do corpo a larga de ouro,
Vós por ouro vendeis a vossa vida,
Mercadejais vossa alma!

Não ha descrel-o, pois : gasta-se a honra
No brilhar dos salões, onde se esfolham
Da capella da virge, uma por uma,
As meigas flôres, que a innocencia aroma!
N'esse borbuletar de mil amores
Muito riso se murcha, e mais de um lyrio
Perde o meigo viçar dos seus perfumes! »

O poeta castiga n'estes versos a falsa virgindade, oriunda de vicios da educação corrente, e profliga a ancia de riqueza no geral dos casamentos.

Haveria, entretanto, uma observação a fazer-lhe e é esta : na mór parte dos enlaces matrimoniaes não são sómente as familias das moças que procuram fazer bons negocios, arranjando noivos ricos ; infelizmente, em muito maior escala, os homens é que buscam arranjar-se, fazendo bôa negociata argentaria...

O resultado é, muitas vezes, na posterior vida matrimonial ficarem regularmente *arranjados*... os homens. O poeta devia ter sido mais completo e castigar á direita e á esquerda.

A poesia romantica em sua generalidade não comprehendeu a vida social ; demasiado habeis em pintar seus sentimentos pessoaes e intimos, faltava aos romanticos o estudo e a destreza para pintarem os sentimentos alheios e comprehenderem as affeições collectivas.

Tal o motivo de desacertarem sempre sobre a mulher.

Reparem-se as poesias romanticas; n'ellas a mulher ou é logo elevada á categoria de anjo, fada, sylphide, ente sorbrenatural; ou é arrastada logo á lama como vil peccadora. Não ha meio termo: não se concebe que entre anjo e demonio ha uma gradação infinita que comprehende a realidade da vida.

Calasans co-participou d'essa anomalia litteraria, ainda que tivesse sido dos menos achacados.

No poemeto *Wiesbade*, uma das mais interessantes producções da romantica brasileira, as feições realistas são ainda mais definidas.

O poeta faz a pintura severa da sociedade elegante de jogadores de *roleta* n'aquella cidade allemã.

E' digno de lêr-se esse retrato da vida social européa feita por um americano.

Calasans era um romantico que sabia vêr, sabia observar.

E esta nota do talento do moço sergipano não passou despercebida ao critico M. P. Oliveira Telles no seu bello estudo sobre *Wiesbade* (1).

Apenas se deve accrescentar que essa qualidade o escriptor sergipano revelou-a desde os seus primeiros ensaios.

Algumas palavras sobre o lyrista, antes de passar a outro.

Como lyrico o desventurado poeta não foi dos mais valentes do Brasil pelo que toca á vida, ao vigor da imaginação e ao calor e exuberancia das imagens. Tem correcção, tem facilidade; não tem riqueza e brilho.

Em seus livros, se não existem muitas peças verdadeiramente superiores no sentido de que falo, sobram bellos pedaços de bem alentada poesia.

Eis um trecho:

« E as horas vão tão breves, quando uma alma
Vai n'outra alma encontrar porções de vida!
Quando o olhar, que nos olha, é meigo e terno,
Quando a voz, que nos fala, estremecida!

(1) Vide *O Microscopio*, Recife, 1882, n. 2, pag. 12.

E os dias vão subtis, tão perfumados
Bem como da odalisca o olente banho!
E a vida é tão suave, quando o mundo,
Alheio ao nosso goso é-nos extranho!

O azul do firmamento é tão sem nodoas,
As nuvens de um trajar tão setinoso,
As flôres teem segredos tão queridos,
E os vêntos um soprar tão melindroso!

E o sol no seu zenith equilibrado,
A terra vivecendo em seus dardejos,
Vem beijar-nos o craneo com seus raios,
Comnosco repartir vem seus lampejos!

E o mar tranquillo, qual dormir de infante,
Refranjando de espuma a praia nuda,
Nos conta ao coração seus mil arcanos
N'uma phrase sentida inda que muda!

E a lua, a nossa lua, em seus pallores
Nos revela o sentir dos seus mysterios;
Sabemos entender as orvalhadas,
Que a noite choviscou em cemiterios!

E os dias vão subtis, e as horas doces
Como um canto ao luar das Granadinas,
E a vida vai suave, como o orvalho
Do calix a pingar d'alvas boninas!

E as horas vão tão breves, quando uma alma
Vai n'outra alma encontrar perções de vida!
Quando o olhar, que nos olha, é meigo e terno,
Quando a voz, que nos fala, estremecida! » (1)

Como expressão lyrica n'aquillo que o poeta possuia de mais selecto, é digna de leitura a bella poesia *A Pomba do Lago*, cujo principio é este :

« Brilhava a lua sob um céo de seda,
Recamado de estrellas diamantinas,

(1) *Ultimas Paginas*, 112.

Como donzella nos salões de um baile
Aos trementes clarões das serpentinas.

N'uma planicie, que florestas fecham,
Escondendo aos mortaes um paraiso,
A mão do Eterno se esmerou pintando
Um manso lago do crystal mais liso.

Fulgente lamina de metal pulido
O lago solitario parecia,
Onde os bafejos de uma aragem branda
Finos traços na flôr, leve, esculpia.

E da floresta nas selvagens harpas
Expiravam de amor longinquas notas,
Como os murmurios de adormida nympha,
Bater das azas de gentis gaivotas.

E da noite a mudez n'alma infundia
Philtro indivisel de arroubada scisma,
E um céo de enlevos suggeria a ideia,
Lindas nuanças de dourado prisma.

E os olhos fitos na estrellada abobada,
Pensava... o que eu pensava? um sonho vago;
Quando disperto ás harmonias sanctas
De uma fada de amor, que habita o lago,

Indeciso, encantado, em sobresalto,
Distincto vejo, na azulada veia,
Fiel transumpto de sonhada imagem,
Que Deus de um riso por capricho crêa.

N'um batel de marfim, orlado de ouro,
De carmineo veludo atapetado,
Vi-a sentada, com a madeixa ao vento,
Em riquissimas colchas de brocado.

E os finos dedos ameigando as cordas
De uma lyra, que o Libano provêra,
Soltara um hymno doce e mavioso,
Qual sómente Eloah nos céos tangera » (1).

(1) *Ultimas Paginas*, pag. 121.

Tal o estylo do poeta, illustre por ter sido um reaccionario contra as pieguices litterarias de seu tempo. Só esta nota lhe assignalaria logar eminente em nossas letras.

Francisco Leite Bittencourt Sampaio (1834-1896). A passagem de Calasans a Bittencourt Sampaio é facil e natural : ambos coevos, ambos sergipanos, ambos poetas de merecimento.

Em Bittencourt Sampaio predomina o lyrismo local, tradicionalista, campesino, popular. Por este lado é um dos melhores poetas do Brasil ; é mais natural e espontaneo do que Dias Carneiro, Trajano Galvão e Bruno Seabra e é mais elevado e artistico do que Juvenal Galeno. Rivalisa com Joaquim Serra e Mello Moraes Filho.

Bittencourt Sampaio formou-se em direito, passando pelas duas faculdades juridicas do Brasil, a de Pernambuco e a de S. Paulo.

Depois de bacharelado em 1858 ou 59, residiu algum tempo em Sergipe.

Foi eleito deputado no regimen ligueiro ; no parlamento não se tornou saliente. Ficou residindo no Rio de Janeiro, onde falleceu em 1896.

Sua carreira litteraria tem duas phases perfeitamente distinctas : a academica, representada no bello livrinho das *Flôres Sylvestres* publicado em 1860, e a posterior exercida no Rio de Janeiro, representada na *Divina Epopéa.*

Esta *Divina Epopéa* é nada mais nada menos do que a traducção em versos brancos do quarto evangelho ; é uma publicação extravagante no gosto da traducção tambem em versos brancos das *Catilinarias* de Cicero pelo Dr. Hanvultando (1).

A decadencia poetica de Bittencourt Sampaio se me antolha evidente.

Na historia litteraria este poeta possuirá um lugar elevado sempre pelas deliciosas *Flôres Sylvestres.*

Deve ser estudado ahi.

Ha n'ellas duas qualidades de composições, as de inspi-

(1) Este é o auctor dos *Sentimentos Harmonicos* e dos *Opusculos Recreativos e Populares.*

ração local e sertaneja e as de inspiração mais geral. N'umas e n'outras os dotes principaes do poeta são — a melodia do verso, a graciosidade que o faz primar em pequenos quadros, e certa nostalgia pelas scênas, pela vida simples, facil, descuidosa das regiões sertanejas e campesinas.

Os versos do poeta ostentam o denguismo, a faceirice das morenas quentes do interior. Está-se agora evidentemente diante de um problema litterario e ethnographico.

Já se viu que a litteratura brasileira desde os seus primordios queria ser a expressão de nossa raça.

Mas qual era a nossa raça ? Aqui principiavam as duvidas ; uns buscavam a feição principal de nosso povo no portuguez, outros no caboclo, rarissimos no africano.

O romantismo reavivou este debate e deu até certo ponto a palma aos selvagens pelo orgão de Gonçalves Dias, José de Alencar e outros.

Ao lado, porém, d'estes mestres e com mais tino e mais criterio do que elles, levantou-se um grupo de moços que foi procurar no povo actual, como elle se acha constituido no mestiço physico e moral, em suas tradições e costumes, a nossa physionomia peculiar de nação.

D'ahi proveio esse lyrismo da roça, do sertão, dos matutos, dos tabaréos, lyrismo simples, expressivo e mimoso, quando sae do alaúde de um poeta de talento.

N'este caso acha-se Bittencourt Sampaio, com a bellas poesias *A Cigana*, *Bem te vi*, *A Rosa dos Bosques*, *A Somnambula*, *O Canto da serrana*, *Tarde de Verão*, *O Canto do gaúcho*, *Nossa Senhora da Piedade*, *O Lenhador*, *O Tropeiro*, *A Mucama* e outras do genero.

Cumpre advertir que essa especie de poesia só tem graça quando sabe alliar á verdade os primores da arte, as gentilezas e galas do estylo ; quando é obra de um verdadeiro artista. Fóra d'ahi só tem valor quando é puramente popular. Ou inteiramente popular, anonyma, colhida da bocca dos menestreis dos sertões, ou então transfigurada, depurada, elevada pelos poetas de talento.

Quando não é uma nem outra cousa, quando é um genero hybrido, que nem é popular, nem culto, qual a produz Ju-

venal Galeno, essa poesia é a mais enjoativa triaga que se pode imaginar.

Um poeta d'este ultima especie nem tem o merito do tropeiro, do matuto, do tabaréo, do caypira, do sertanejo que descanta suas trovas, nem tem o merecimento de um Bittencourt Sampaio, de um Joaquim Serra, de um Gentil Homem, e d'outros assim.

O poeta sergipano, disse eu, é no genero um dos melhores do nosso paiz. Ouçam-no para concluir que assim é.

Eis *O tropeiro* :

« Camarada, toca avante,
Que o sol se vai occultar ;
Mais uma legoa adeante
Devemos nós sestear.
    Vês o céu? está formoso
Brilha a estrella do pastor ;
    O tropeiro vai saudoso,
Vai cantando o seu amor.

Lá deixei na minha terra
A mulher com quem casei ;
Ao descer d'aquella serra
Saudoso pranto chorei!
    Que a morena é minha vida,
E' na terra a minha flôr ;
    A mînh'alma vai partida,
Só me alenta o seu amor.

Vivo ao sol, á chuva, ao vento,
Cuidando só do que é meu ;
Mas de amor o pensamento,
Ai! morena, é todo teu!
    Sai-me do peito um suspiro,
Quando vejo o sol se pôr ;
    Tem poesia o retiro,
Tambem tenho o meu amor.

Olha a tropa, camarada,
Que não se vá dispersar ;
Iremos, se está cançada,
N'aquelle pouso pousar.

O rancho não é seguro?
Pouco importa ao meu valor.
Deus conhece do futuro,
Fez-me forte o seu amor.

A garrucha trago ao lado,
E o meu trabuco tambem :
Cobre o ponche adamascado
O punhal que á cinta vem.
Valente quem fôr que o diga,
Ousado venha quem fôr.
Sei chorar minha cantiga,
Sei morrer tambem de amor.

Dá-me, patricio, a viola,
Quero a modinha ferir;
O meigo canto da rôla
Não tem mais doce carpir!
Que o tropeiro apaixonado
Tem na voz muito langor.
O meu peito vai ralado,
Só me alenta o meu amor.

A flôr do vale mimosa
Tem perfume a rescender ;
Gosto de vel-a chorosa
De manhã ao sol nascer.
E' como ella a flôrzinha
A desmaiar-se de dôr.
A morena é toda minha,
Deu-me todo o seu amor.

Agora venha agoa-ardente,
Quero o fandango tocar :
Passa-se a vida innocente
Quando se vive a dançar.
O trabalho do costeio
Não desagrada ao Senhor.
De chilenas sapateio,
No dançar vai muito amor.

D'araponga se ouve o canto
Lá para as bandas do val :

A noite tem seu encanto,
E esta vida é sem igual.
Mas é hora da partida,
Diz a estrella em seu fulgor ;
Vai minh'alma entristecida,
Só me alenta o seu amor.

Quando voltar para a terra,
Para a terra onde eu nasci,
Subirei, contente a serra,
Que tão triste hontem desci!
E nos braços da morena,
Gosando da vida a flôr,
Ai! direi, a minha Helena
E' sómente o meu amor » (1).

Veja-se bem que esta linguagem é nacional, este typo é brasileiro.

Leiam *A Mucama :*

« Eu gosto bem d'esta vida,
Porque não hei de gostar?
A minha branca querida
Não hei de nunca deixar.
Eu gosto bem d'esta vida,
Porque não hei de gostar?

Tenho camisa mui fina
Com mui fino cabeção ;
As minhas saias da China
São feitas de babadão,
Tenho camisa mui fina
Com mui fino cabeção.

— « Sinhá, permitte que eu saia?
« — A' tarde póde sahir. »
Visto então a minha saia,
Lá me vou a sacudir.
— « Sinhá, permitte que eu saia?
« — A' tarde póde sahir. »

(1) *Flóres Sylvestres*, Rio de Janeiro, 1860, pag. 137

Deito o meu torço com graça
E a minha beca tambem;
Atravesso a rua, a praça,
Dizem logo : « eil-a que vem! »
Deito o meu torço com graça
E a minha beca tambem.

Se arrasto bem as chinellas
As chaves fazem tim... tim...
Vejo abrir-se uma janella
D'onde alguem olha p'ra mim.
Se arrasto bem as chinellas
As chaves fazem tim... tim...

E o velho diz do sobrado :
« Minha criola, vem cá. »
Não gosto do seu chamado,
Não sou crioula : p'ra lá!
E o velho diz do sobrado :
« Minha crioula, vem cá. »

Os moços todos me adoram,
Me chamam da noite flôr ;
Atraz de mim elles choram,
Por elles não sinto amor.
Os moços todos me adoram,
Me chamam da noite flôr.

Tenho alguem que no caminho
A' noite me vem falar ;
Que com affago e carinho
Sabe a mucama abraçar.
Tenho alguem que no caminho
A' noite me vem falar.

Que me diz com voz mansinha
O que eu nunca ouvi dizer :
« Minha *preta*, tu és minha,
Has de comigo viver! »
Que me diz com voz mansinha
O que eu nunca ouvi dizer.

E' sinhô moço! Que agrado!
E' sinhô como não ha!
Diz-me sempre : « Tem cuidado!
Não contes nada a sinhá! »
E' sinhô moço! Que agrado!
E' sinhô como não ha!

Já nem tenho mais saudade
Da minha terra gentil!
Vivo escrava da amizade,
Quero morrer no Brasil.
Já nem tenho mais saudade
Da minha terra gentil!

A' noite sei o meu canto,
Que faz o peito gemer ;
Mas n'estes olhos o pranto
Jámais ninguem ha de ver!
A' noite sei o meu canto,
Que faz o peito gemer.

Eu gosto bem d'esta vida,
Porque não hei de gostar?
A minha *branca* querida
Não hei de nunca deixar.
Eu gosto bem d'esta vida,
Porque não hei de gostar? » (1)

E' ainda um typo nacional bem desenhado.

E' este o estylo, o tom geral do auctor. Fôra possivel fazer outras citações e mostral-o em outros generos. E' preciso, porém, parar.

Vamos adiante : sem sahir de Sergipe temos ainda n'esta época

José Maria Gomes de Souza (1837-1893). Filho da cidade da Estancia, este poeta nasceu, ao que presumo, em 1837 ; falleceu ha poucos annos, reduzido á extrema pobreza, na cidade de Barbacena em Minas Geraes.

(1) *Flôres Sylvestres*, pag. 141. Foi esta *Mucama* de Sampois que inspirou a *Mulata* de Mello Moraes Filho.

Existem d'elle dois volumes impressos, um sob o nome de *Estancianas* e outro denominado *Velhice e Mocidade*. Ambos deixam agradavel impressão. E' o lyrismo brasileiro. Quero definir o poeta em duas palavras : elle vibrou as cordas do lyrismo local, do lyrismo subjectivista e especialmente do genero epico-lyrico.

D'este, sua principal feição, são um bello especimen os versos que dedicou a *Henrique Dias*.

Eil-os aqui :

« Do Norte a gentil sultana
Cedeu, pela prima vez,
Sua cerviz soberana
Ao ferreo jugo hollandez.
Ai! pobre da malfadada,
Tão cruamente algemada,
Ao cêpo do servilismo!
Que triste que foi-lhe a sina!
Nem uma luz a illumina
Nas profundezas do abysmo!

Seus lindos rios saudosos,
Seus frescos, floreos palmares,
Seus passarinhos formosos
De harmonia enchendo os ares,
Suas campinas de flôres,
Seus matizes, seus verdores
Vão ser bens d'um outro dono!...
E tu, sultana do Norte,
Pelos caprichos da sorte,
Vaes dormir d'escrava o somno!

Nem mais a lua te banha
Com seus arroios de prata,
Quando da etherea montanha
Nos lagos teus se retrata ;
Que se expira a liberdade
No seio de uma cidade
Tudo ahi tambem expira,
Como da moça os encantos
Vão morrer nos frios prantos,
Nos tristes ais que suspira...

Porem não! Ao longe sôa
O grito horrendo da guerra,
E ao som, que ao longe rebôa,
O fero hollandez se aterra!
Erguem-se as vastas bandeiras,
Marcham avante as fileiras,
Que em seu soccorro lá vêm ;
Pois que do Norte a sultana
Sua cerviz soberana
Nunca curvou a ninguem.

Ao retroar das metralhas,
Da guerra ao tufão que sôa,
Como o genio das batalhas,
Henrique Dias lá vôa!
Da larga mão bronzeada
Vae pendente a núa espada,
— Raio que os mandões fulmina!
E cada golpe que vibra
Faz quebrar fibra por fibra
Dos mandões a raça indi'na.

Preto, mais nobre que um nobre,
Ou nobre como um Bragança,
Sob a epiderme de cobre
Uma alma d'oiro descança!
E, se as corôas coubessem
A'quelles que se expozessem
Da sua patria em defesa,
Seria o rei mais perfeito...
Se é que a purpura — do peito
Não faz murchar a nobreza...

Matando a todos de inveja
Com sua nobre altivez,
Temeu-o então na peleja
O fero povo hollandez.
E tu, valente soldado,
Corajoso e denodado
Despedes golpes de morte;
Por teu denodo guerreiro
Livraste do captiveiro
A linda filha do Norte.

Então a gentil captiva
Sua belleza assumio,
E erguendo a cerviz altiva
Ao seo guerreiro sorrio :
Assim a virgem formosa
Expõe as faces de rosa
Aos beijōs do amante seu,
Tão satisfeita e contente
Do rico e lindo presente
Que pela festa lhe deu.

Feliz quem leva da espada
Em prol de sua nação!
Ou quem, vendo-a escravisada,
Expira, como Catão!
Catão! Aĩnda parece
Que o Capitolio estremece
A' voz do grande Romano!
Catão! Com quanta saudade
Vio calcada a liberdade,
Aos pés do Cezar tyranno!

Foi assim Henrique Dias,
Valente como ninguem!
De sua nobre ousadia
Deu-lhe o Brasil parabem.
Oh! Bayard da liberdade,
Teu nome famoso ha-de
Affrontar do tempo a acção ;
E a par dos nobres guerreiros,
E dos heróes brasileiros
Terás a tua oblação » (1).

Estes versos são de 1857 ; n'elles ha uma certa ousadia, uma certa vivacidade que agradam.

Se Calasans primou no semi-realismo dos salões, se Bittencourt Sampaio salientou-se no lyrismo local e sertanejo, José Maria Gomes de Souza foi um bom cultor da poesia historica e patriotica ; e esta poesia objectivista é muitas vezes

(1) *Lyra Sergipana*, Aracajú, 1883 ; pag. 1. Cito a poesia por um exemplar que possuo corrigido pela mão do proprio auctor.

uma das grandes vozes de um povo ; é a nação que se revê nos seus heróes.

Elzeario da Lapa Pinto (1840-1897) é tambem um filho de Sergipe, onde veio á luz em 1840.

Sua biographia é obscura ; abandonando a provincia natal, residiu na Bahia e mais tarde no Rio de Janeiro em condições identicas ás de José Maria Gomes de Souza em Minas. Falleceu em 1897.

Pobres talentos desprezados, martyrisados pela cruel indifferença de um publico futilissimo !

Elzeario publicou muitas producções pelos jornaes em generos diversos ; sua nota predominante é, como em José Maria, o genero epico-lyrico.

N'este estylo escreveu elle *O Festim de Balthazar*, uma das poesias mais bellas da lingua portugueza no seculo XIX.

N'uma historia documentada da litteratura brasileira seria uma lacuna a falta de tão interessante inspiração.

E' este o *Festim de Balthazar* :

« Queimai perfumes, escravas!
Trazei-nos sandalo e flôres!
Vinho! do vinho os vapores
Levem presagios crueis!
Por *Baal!* Senhores e dônas,
Não morra o prazer da festa!
Por *Baal!* Por *Baal!* sôe a orchesta,
Tangei, tangei, menestreis! »

As luzes tremem nas salas,
Treme o ouro e a pedraria;
Das amphoras transborda a orgia
Como as espumas do mar :
— « Por *Baal!* Senhores e dônas,
Repete a nobre assembléa,
Ao grande rei de Chaldéa!
Ao grande rei Balthazar! »

Rompe a orchestra — e as concubinas
Com os seios nús, palpitantes,

Entoam febris descantes,
Lasciva, idéal canção ;
E em volta ao seu throno d'ouro
Nabonid, rei poderoso,
Solta a alma a nadar no gozo,
Em que se afoga a razão.

E ferve, referve a orgia
Ao som da orchestra estridente!...
E a lua toca o occidente,
Sobre a cidade immortal :
Talvez mande a peregrina,
Do monte Ephrain pendida,
Um raio por despedida
Do Cedron sobre o crystal.

Manda, sim, sobre ruinas
Que ahi só resta um montão
Mirando a gentil captiva,
Dilecta filha de Abrahão :
— « Ai terra de Deus querida!
Ai terra da Promissão!

« Terra, terra bemfadada,
Outr'ora — esposa de Arão,
Hoje ruinas dispersas,
Hoje o lucto e a escravidão ;
— Ai terra de Deus querida!
Ai terra da Promissão!

« Teus filhos gemem distante,
Jamais aqui voltarão...
Murchai, gardenias do prado!
Chorai, divino Jordão :
— Ai terra de Deus querida!
Ai terra da Promissão !

« Onde as endechas saudosas
Dos cantores de Sião?
Aves do céu, vossos carmes
Não solteis mais aqui, não!
— Ai terra de Deus querida!
Ai terra da Promissão!

« Lyrio pendido no valle,
Varreu-te acaso o tufão?
Nem uma gotta de orvalho!
Isaac! David! Salomão!
— Ai terra de Deus querida!
Ai terra da Promissão! »

E pela encosta do monte
A tristesinha la vai,
Mandando um ultimo pranto,
Um doce e sentido ai,
De um lado á immersa Sodoma,
Do outro ao monte Sinai.

E cresce, recresce a orgia
Nos salões de Balthazar,
Ondas de pura harmonia,
Ancias de puro gozar,
— Entanto a cidade dorme
Envolta no manto enorme
Da noite — somno fatal!
E aquelle peito gigante
Devora sêde arquejante
De vicios, sêde infernal!

Nas salas grato ruido,
Luzes, perfumes e amor ;
Lá fôra estranho rugido,
Surdo, ao longe, e ameaçador.
No horizonte um fumo denso
Se eleva, bem como o incenso
Nas salas e a embriaguez...
Que importa ao rei o horizonte,
Se as flôres ornam-lhe a fronte,
Se o ambar corre-lhe aos pés?!

« Ao rei! ao rei poderoso!
Ao reino que não tem fim!
Como o Eufrates caudaloso
Corra a onda do festim! »
— « Perdão : as taças, senhores,
Não podem, tão sem lavores,

A' festa de um rei convir;
Temos os vasos sagrados!...
São soberbos, cinzelados,
Do ouro fino de Ophir.

« Trazei-m'os » já vacillante
Diz o rei : « Viva o Senhor! »
E ruge o vento distante,
Como um gemido de dôr.
Entram luzidos criados
Trazendo os vasos sagrados
Do templo de Salomão...
— E ruge o vento mais forte,
Lançando vascas de morte
Pelos umbraes do salão.

« Transborde o nectar, amigos!
Eis os vasos de Jehovah!
N'esses lavores antigos,
Vê-se a captiva Judá. »
E cresce o estranho rugido,
Surdo, rouco, indefinido...
« São os soluços do Iran! »
E ruge, ruge mais perto...
« São os ventos do deserto
Sobre as areias de Oman! »

Nas caçoulas fumegantes
Arde o myrto e o aloés,
Ao som das notas vibrantes
Sobe, sobe a embriaguez.
« Por *Baal!* Por *Baal!* Pelos Medos!
Quebrem-se as harpas nos dedos
Trema o tecto do salão! »
Horror! ao tinir das taças,
Nuncio de eternas desgraças,
Brame na sala um tufão.

« Depressa, luzes, depressa... »
Diz o rei : « longe o terror!
Mas não... » e o vaso arremessa,
Recùa tremulo... horror!

E' que, em meio á noite brusca,
Mão, que de brilhos offusca,
Toda a sala illuminou;
Cometa, a correr ardente,
Estranha cifra candente,
Pelas paredes traçou!

« Meu collar de pedrarias
Aquelle que decifrar!
Venham magos e adivinhos,
Depressa, Beltisasar.
Elle, o mais sabio de todos,
Póde o mysterio explicar! »

E dorme a cidade lassa
Dos vicios na prostração,
E cresce, cresce o rugido
Qual resonar de um volcão :
Ou é tremenda borrasca,
Ou é povo em multidão.

Entre os famosos convivas
Mais um conviva apparece,
As sandalias do proscripto
Traz... quem é que o não conhece?
Diante do rei se inclina,
Do rei, que ao vel-o estremece.

« Bemvindo sejas, captivo,
Daniel Beltisasar ;
Se sabes lêr no impossivel,
Tens alli, pódes falar :
Terás um manto de purpura,
Terás meu regio collar. »

De novo ante o rei se inclina
A cabeça do ancião,
Depois, elevando a fronte
Altiva, e estendendo a mão,
Busca achar da ignota cifra
A divina inspiração.

Nem do Tibre o velho roble,
Nem os cedros do occidente
A fronte mais alto elevam,
Mais nobre, mais imponente!
O genio é como as estrellas,
Beija os pés do Omnipotente.

« Rei! escuta a voz do Eterno,
Que por meus labios te fala :
O crime mais execrando
O teu reinado assignala :
Vê, revê tua sentença
Escripta em letras de opála.

« Não ouves bramir confuso
Como o arfar da tempestade?
São os Persas que se arrojam
Sobre os muros da cidade :
Perdeu-te a lascivia impura,
Rei! perdeu-te a impiedade.

« Profanaste os vasos santos
Nas torpezas de um festim,
Teus dias foram contados
Como os da bella Séboim!
Agora o brinde, senhores,
— Ao reino que não tem fim! »

Gesto grave, altivo, acerbo,
Assim fala o escravo hebreu,
Soletrando o ardente verbo,
Que mão de raio escreveu :
E depois, braços pendidos,
Olhos de chamma incendidos,
Verberando a maldição,
Deixa a sala, onde se espalha,
Como trevosa mortalha,
O terror na escuridão.

E quando o raio primeiro
Do sol, singrando o horisonte,
Rompe o denso nevoeiro
Sobre o cabeço do monte,

Em vez da cidade altiva,
Vê — desgrenhada captiva,
A dissoluta Babel,
E alem dos muros colossos,
D'aquelle povo os destroços
E um homem só — Daniel! » (1)

E' um bello poemeto em verdade; traz a data de 1865; antes e depois o poeta não chegou mais a essa altura.

Elzeario Pinto será sempre o poeta do *Festim de Balthasar*, como Odorico Mendes será o poeta da *Tarde*, como Domingos de Magalhães será o poeta de *Napoleão em Waterloo*, e tantos outros vates de uma só poesia.

A bella producção do malfadado sergipano são esses versos fortes, vibrantes, inspirados, nessa eterna poesia dos hebreus, severa e grave a modular suas estranhas endechas desde o velho *Pentatheuco* até as *Orientaes* do sonhador francez e as interessantes producções de Schefer, Bodenstedt, Daumer e outros lyristas allemães. E' a poesia oriental rejuvenescida entre os espiritos do occidente n'um seculo curioso das bellezas da litteratura universal. Nos ultimos annos Luiz Delfino dos Santos tem seguido muito esta direcção sem todavia igualar a graciosidade, movimento e brilho do *Festim de Balthazar*, que tem sido até agora no Brasil o mais perfeito producto do genero.

Avancemos.

FRANKLIN AMERICO DE MENEZES DORIA (1836.....). — Na pleiada de poetas e escriptores que figuraram de 1855 a 1860 no Recife contavam-se os dois bahianos Franklin Doria e Agrario de Menezes.

D'este direi quando falar dos dramatistas ; do outro agora é o ensejo de tratar.

E a tarefa é facil. Doria ahi anda ás vistas de todos ; foi figura proeminente na politica, occupou elevadas posições, tem admiradores e amigos, sua biographia corre amplamente feita.

A fortuna de Franklin Doria, deve-a elle principalmente ao

(1) *Lyra Sergipana*, Aracajú, 1883, pag. 58.

seu bom senso, á sua perspicacia e atilamento, que o levaram a iniciar-se a geito na politica e a cercar-se de bons e prestimosos amigos.

Não tenho que lhe contar a vida; fica isto a escriptores mais habilitados. E' trabalho aliás já feito (1).

Para prendel-o a seu tempo e ao seu meio e assim facilitar ao meu leitor a comprehensão d'esse typo litterario, basta-me dizer que o poeta é de 1836 e nasceu na pittoresca *Ilha dos Frades* na vasta Bahia de Todos os Santos; formou-se em direito em Pernambuco em 1859; atirou-se depois á advocacia, ao magisterio e especialmente á politica; foi presidente de provincia, deputado geral e ministro de Estado.

Franklin Doria é talvez mais um politico do que um temperamento litterario; por esta face elle pode ser apreciado como poeta, como orador, como critico, como jurista.

O poeta publicou em 1859 uma collecção lyrica sob o titulo de *Enlevos* e em 1874 uma traducção da *Evangelina* de Longfellow, além de uma ou outra peça destacada pelos jornaes e periodicos.

O orador parlamentar proferiu bom numero de discursos, alguns dos quaes correm em brochuras. Na critica só lhe conheço um estudo sobre Junqueira Freire e outro sobre Pedra Branca. Como advogado e jurista possue um livro sob o titulo de *Questões Juridicas* e outro sobre a *Letra de Cambio.*

N'estas duas ultimas qualidades nada ha a dizer de especial sobre Franklin Doria; seus estudos a respeito dos autores das *Contradicções Poeticas* e dos *Tumulos* nada encerram de superior; os livros juridicos são de caracter pratico.

Ouça-se principalmente o poeta e no que elle tiver de mais original. Deixe-se a bella traducção da *Evangelina* e abram-se os *Enlevos.*

A poesia d'este bahiano é placida, religiosa, contemplativa, resignada; nada de tumultos, de luctas d'alma, de combates do espirito.

Possue, porém, meritos bem assignalados: é correcta de

(1) Vide nos *Estadistas e Parlamentares* por Timon — o folheto sobre *Conselheiro Franklin Doria.* O conselheiro F. Doria teve no imperio o titulo de *Barão de Loreto.*

linguagem e de metro, é quasi sempre de caracter objectivo; tem em algumas peças duas qualidades que a prendem a melhor poesia do norte, a saber, vigor descriptivo e caracter nacional e brasileiro.

O poeta não foi em sua puericia litteraria refractario ás influencias do meio nortista; elle mesmo dá conta das condições que contribuiram ali para a formação de seu talento. Diz no prologo dos *Enlevos :*

«... folgo de declarar, que meus versos quasi todos vieram á luz bem longe do tumultuar dos homens, no seio perfumado das solidões campestres. Foi em uma ilha pittoresca e a mais bonita de um gruposinho, derramado, com a inimitavel symetria com que são dispostas as cousas da natureza, pelas aguas aniladas da vasta bahia de Todos-os-Santos.

Esta ilha, em cujo interior se condensam formosas florestas e se alargam floridos valles; cujas costas são povoadas por centenares de casinhas de pescadores; antiga propriedade de meus antepassados, na maior parte de seu territorio, coube por successão, conforme a caduca lei dos morgados, a meu pae, e é a sua residencia, ha bom par de annos. Ahi foi onde nasci... E' a minha « ilha encantada », porém sem outras feiticeiras mais do que as morenas camponezas, ingenuas e joviaes; e sem mais outras delicias, que não sejam os aromas das moitas circumvisinhas, a sombra e o fresco das mangueiras, os sonoros cochichos das palmas do coqueiro, o azul transparente de um ceu desannuviado, a misturar-se imperceptivelmente com o verde das sumidades dos montes longinquos, e a espelhar-se na superficie de um estreito canal.

Com que impaciencia eu volvia ás praias da ilha, depois de concluir os meus trabalhos escolasticos do anno lectivo, na Faculdade de Direito d'esta cidade! Era, observadas as devidas proporções, a scena viva da passagem do poeta florentino da região sombria do purgatorio para o recinto luminoso e bemaventurado do paraiso. A meus olhos se patenteava um pequeno mundo, que eu achava sempre bello, sempre novo, embora o conhecesse desde pequenino, e, longe d'elle, em uma quasi solidão de exilio, o trouxesse todo estampado na mente com lagrimas de saudade. N'esses sitios de mim tão queridos, operava-se em minha natureza physica e moral uma profunda modificação, uma especie de resurreição dupla, produzida pelos ares sadios do campo e pela presença dos entes que me são mais caros... A ilha era o abrigo providencial que me preparava o

destino, para restaurar-me as forças gastas do corpo, e renovar-me as do espirito, que vergava ao peso do tristeza e do tédio.

Dir-se-hia que, depois de tantas fadigas, o céu querendo recompensar-me , se interessava directamente pela minha ventura.

Por uma coincidencia deliciosa acontecia, que desapressado da tarefa de meu exame, que caia para os fins de novembro, eu chegava á ilha nos lindos dias de verão. A perspectiva dos campos era risonha e fresca.

A estação das graças e das flôres derramava sobre ella as tintas fortes e deslumbrantes de sua paleta mimosa. O sol, roçando com os raios vivamente luminosos as campinas, os riachos, as vargens, os bosques, as praias, as ondas, convertia tudo em ouro puro, como o rei Midas da fabula. A cicopira, uma das arvores symbolicas dos nossos matos, enfeitava-se de floresinhas roxas, como de um veu de viuvez : cada uma das outras arvores parecia um vasto e harmonico ramalhete, que impregnava a atmosphera de exquisitos perfumes.

De momento a momento ouviam-se gorgeios, trinados á porfia por bandos de passaros de differentes familias ; o borborinho das vagas do canal; um som mysterioso que partia da espessura; um como soluçar de saudade, que trazia de longe a viração que refrescava. Era a musica da solidão.

Ora, em uma linda manhã, eu subia pelos outeiros, e d'ahi esperava pelo raiar do sol, para fita-lo na intensidade de seu brilho. O raiar do sol é a scena mais animada e alegre, que ainda contemplei, fóra das cidades ; é, portanto, a que mais me tem impressionado.

Prefiro-a á do occaso, que é de uma tristeza monotona, que opprime e abafa o espirito. Ora, eu ia ao povoado dos pescadores, rendeiros de meu pae, escutar-lhes a narração de sua vida no mar, cercada de trabalhos, tempestades e perigos ; entreter-me com a confidencia dos episodios romanescos de seus amores e de suas superstições.

Gastava horas inteiras d'este modo, sentado á popa de uma canôa encalhada na areia, ou reclinado sobre palhas macias, debaixo de uma arvore copada, que elles costumam plantar em frente das pobres habitações, para abriga-los com a doce sombra, quando levam em terra a concertar seus apparelhos de pescaria, ou a fabricar novos.

Outras tardes eu as preenchia com passeios caprichosos pelo centro inculto da ilha, onde vagava a tôa, puerilmente preoccupado do quanto ia vendo e ouvindo.

Muitas, emfim, eram destinadas para ligeiras viagens por mar,

que eu fazia só, ou em companhia de minha familia, a algum ponto da ilha, ou ás ilhas da visinhança. Boa parte da noite deslisava-se-me em conversações intimas e faceis, em algum outro entretenimento. Depois, recolhia-me ao quarto, para lêr, escrever, scismar » (1).

O poeta não é do numero d'aquelles que julgam nada dever á natureza exterior, esses que entendem que a poesia n'elles é alguma cousa de eterno e immutavel, incapaz de augmentar ou diminuir : algum cousa como o perfume na flôr ou o veneno na cicuta.

Não ; Doria é franco e não esconde o que deveu á natureza exterior.

Essa subjectividade absoluta da poesia é um residuo do velho innatismo das ideias e sentimentos.

Tambem não acho absolutamente razoavel a ideia de todo contraria de uma poesia completamente exterior, communicada ao homem por não sei que filtros magos.

Botae o estupido, o imbecil diante da mais esplendida scena da natureza e vêde se elle experimenta o mais leve sentimento poetico ; ficará insensivel qual uma pedra.

O objectivismo absoluto da poesia é uma herança do empirismo superficial e tolo. Aqui é como na sciencia ; a synthese não é objectiva de todo, nem de todo subjectiva ; a synthese é, como já uma vez eu disse, bi-lateral (2).

Franklin Doria tem paginas de boa e bella descripção ; a poesia d'alma casa-se ahi com a poesia da natureza.

Revela-se um grande exemplo no *Sol Nascente*. Vêde :

«O halito de Deus o sol accende ;
E o sol o manto de oiro presto estende
Sobre o ether azul e a terra e o mar :
Tudo luz, tudo brilha, tudo encanta,
Se espreguiça, se agita, se alevanta,
Ao seu ardente e penetrante olhar.

As nuvens são corceis, que dispararam
Da arena afogueada que formaram

(1) Pag. IX.
(2) Vide *Estudos de Litteratura Contemporanea*, artigo sobre Zola.

As faixas do horisonte em combustão :
Freios partidos, pelo ar galopam ;
Sangue vivo escumando, ora se topam,
Ora em procura do infinito vão.

A branca estrella que o crespuc'lo adorna
E torrentes de amor languida entorna,
Nos trasflôres celestes se sumiu :
Longa saia de malha coruscante
Do mar, que chora e ri no mesmo instante,
As entranhas geladas constringiu.

O orvalho transparente o chão prateia :
Aqui sobre uma flôr tremulo ondeia,
Sobre outra n'uma lagrima se esvae ;
Aqui parece pedra preciosa,
Ali, bem como chuva luminosa,
Lento e suave do arvoredo cae.

Ave enorme, do chão vôa a neblina!
Frouxo clarão de lampada illumina
Do valle o solitario penetral,
— Pagina em flôres que a sorrir se deixam,
E sobre a qual dois altos cêrros fecham
Parenthesis de pedra colossal.

Ali o monte de corôa erguida,
Que ao céu implora co'uma voz sumida,
Ao menos, uma gotta de liquor
Para a ferida, que lhe o raio abrira,
— Gladio que a nuvem da bainha tira
No campo da procella, todo horror...

Mattas, que enche, á só noite, a phantasia
De abusões, de gemidos de agonia,
De pallidos lemures infernaes,
Do sol nascente aos raios purpurinos,
Entre a harmonia de singelos hymnos,
Como tão magestosas acordaes!

Vós sois um mundo nebuloso e vasto,
Em que apenas se imprime o leve rasto

Da avesinha, da fera, ou do reptil :
Em lugar de palacio altivo e nobre,
Que o oiro e a lama ao mesmo tempo cobre,
Simples ninho abrigaes, rude covil.

Oh! eu irei um dia, eu o primeiro,
Vagueiar, namorado e aventureiro,
Por vossos labyrinthos de cipó ;
Ver a azul borboleta que esvoaça,
A suçuarana que raivada passa,
E a cobra de coral rojar no pó!

E voltarei co'a mente incendiada!
E sentirei a vida mais ousada,
Mais rubro o céu das minhas illusões!
Colombo, cheio de riqueza immensa ;
Homem, cheio de esp'ranças e de crença ;
Poeta, cheio de mil inspirações!

E' toda um paraiso agora a terra.
Abraçam-se collina, outeiro e serra,
Com a sua corôa cada qual :
Aquella tem pennacho de esmeralda,
Esta de malmequer aurea grinalda,
O outeiro a choça, que atalaia o val,

Tudo agora começa seu caminho :
O verme sae do pó, a ave do ninho,
Da casinha de palha o pescador ;
A abelha infatigavel da colmeia,
Da luz o brilho, da palavra a ideia,
O perfume do calice da flor.

Que orchestra sobe ao céu! O mar vozeia,
Murmura a fonte, o passaro gorgeia,
E a brisa da manhã vôa a gemer ;
Canta á viola a joven camponeza,
O desditoso chora, o crente resa...
D'est'arte faz a dor echo ao prazer!

Quão bello é o sol nascente! Olhos abertos,
Penetra os polos de crystal cobertos,

Devassa nunca vistos areiaes ;
Pharol do tempo, leão de aureas crinas,
Diz, topando nos craneos das ruinas :
— Aqui foram imperios colossaes! —

Pendula que se agita no infinito,
Que ouve talvez da eternidade o grito,
Atalaia de todas as acções,
Anhelado, redoira na memoria
Era feliz, que eternisou a gloria,
Sempre amada dos grandes corações,

Quão bello é o sol nascente! Elle afugenta
Do ar a cerração grossa e cinzenta,
D'alma a tristeza e os pensamentos vis :
Aos homens todos ao lavor convida ;
E dá força, e vigor, e alento, e vida
Ao que é desgraçado, ao que é feliz.

Ao mendigo, que fina-se, consola
Com a promessa de abundante esmola,
Ou de algum protector bom, liberal ;
Ao pobre manda um raio de ventura ;
Ao orphão, desvalida creatura,
Faz sonhar doce afago maternal.

Elle diz ao que é forte : Hoje clemencia!
Ao que é fraco : Mais um dia paciencia!
Aquelle que lamenta-se : Esperae!
Aos tristes elle diz : Sede contentes!
Ao meu influxo borbulhae, sementes!
Preciosas idéas, borbulhae!

Elle diz ao poeta : Alevantae-vos!
Dos grandes pensamentos inspirae-vos!
Ide, correi, correi ás multidões!
A fé levae-lhes no queimar dos hymnos,
Como outr'ora os Apostolos divinos ,
Levaram graça e luz a mil nações.

Aos labios todos elle diz : Sorri-vos!
A toda flôr e coração : Abri-vos!

Lançae perfumes, transbordae de amor!
Para tudo o que nasce e vive e sente
E' bello, sempre bello o sol nascente,
Reverberando aos pés do Creador! » (1)

E' uma bella poesia descriptiva; n'este genero é tambem interessante *A Mangueira*.

No lyrismo popular e campesino são dignos de leitura *A Ilhôa* e a *Missa do Gallo*, que não reproduzo por brevidade.

Na oratoria parlamentar Franklin Doria é um orador placido, macio, socegado e correcto. Nada de vehemencias, de enthusiasmos, de calorosos impetos. No genero apasiguado e sereno é bom, é apreciavel.

Quem só gosta de um orador quando elle grita e gesticula como um possesso, não o ouça; quem se contenta e dá-se por bem pago com um tom familiar, simples, misturado de certa ironia e malicia, póde ouvil-o.

De resto, o poeta e o orador estão em perfeita e completa harmonia; não estão na primeira fila dos poetas e oradores do Brasil; mas occupam um dos primeiros logares na segunda fileira.

Trajano Galvão de Carvalho (1830-1864). Não foi um grande poeta; mas é indispensavel falar de sua pessoa em nossa historia litteraria; ha n'elle algo de especial, alguma cousa que lhe garante um nome.

Quero me referir á circumstancia de ter sido elle o primeiro a dar ingresso á raça negra e captivos d'essa raça em nossa poesia.

Antes de Trajano um ou outro poeta havia de passagem tocado nos escravos pretos; mas só de passagem e sempre como um simples protesto contra a escravidão.

Trajano foi adiante; collocou-se mais no intimo do viver dos escravos e pintou typos mais reaes.

(1) *Enlevos*, pag. 7.

Infelizmente poucas poesias d'esse maranhense restam em geral e especialmente no genero de que trato (1).

As d'este conhecidas são — o *Calhambola*, a *Crioula*, *Nuranjan* e *Jovino-o senhor d'escravos*.

O leitor bem comprehende a importancia do facto a que me refiro.

A ethnographia, a despeito dos esconjuros de alguns espiritos systematicos, é e será ainda por muito tempo um auxiliar poderosissimo da historia e da politica; na critica e nas producções litterarias é préciso contar com ella.

Era um cousa a ser observada e notada por toda a gente : na litteratura brasileira a raça negra, apezar de ter contribuido com um grande numero de habitantes d'este paiz, de ser o principal factor de nossa riqueza, de se ter entrelaçado immensamente na vida familiar patria, de estar por toda a parte em summa, nunca foi assumpto predilecto de nossos poetas, romancistas e dramaturgos.

O indio e o branco obtiveram sempre a preferencia. Mais tarde os mestiços, sob os nomes de *sertanejos*, *matutos*, *tabaréos*, *caypiras*, tiveram tambem sua quota das attenções geraes dos litteratos.

Muitos decantaram as *morenas*, as *moreninhas*, as formosas *côr de jambo ;* muitos chegaram até ás *mulatas*, ás dengosas *mulatinhas* com seus *cabeções rendados* a enfeitiçar toda a gente e outras pieguices da especie. Ninguem jámais se lembrou do negro, nem como ente humano, nem como escravo.

Só modernamente rarissimos de passagem e sempre como motivos para declamações fugitivas.

Tal é o caso até de bons poetas, como Gonçalves Dias com a sua *Escrava*, de Bittencourt Sampaio com a sua *Captiva*, de Luiz Delfino com a sua *Filha d'Africa* e d'outros de igual indole e estylo.

No theatro ha o caso phenomenal do *Demonio Familiar* de

(1) O que existe de poesias de Trajano Galvão anda nas *Tres Lyras*, publicadas no Maranhão em 1863, no *Parnaso Maranhense*, alli publicado em 1861 e no *Pantheon Maranhense* (2.° vol.) do Dr. A. Henriques Leal. As *Tres Lyras* são de Trajano, Marques Rodrigues e Gentil Homem. Ultimamente, appareceram em volume especial, as poesias de Trajano. Pouco adianta esta publicação ao que já se sabia do poeta.

Alencar, onde ha um typo negro, e no romance o das *Victimas Algozes* de J. Manoel de Macedo.

Mas a comedia de Alencar, sobre ser facto isolado e não seguido, tomou apenas o escravo preto n'um caracter excepcional e bastante e raro.

O romance de Macedo, sobre ser mediocre, foi escripto nos ultimos annos da vida do auctor e com pretenções anti-abolicionistas. E' uma obra de partido, que não teve repercussão (1).

Os pobres negros, os tristissimos captivos não acharam quem se condoêsse d'elles, quem sympatisasse com o seu rude e aspero viver.

Declamações acêrca do facto da escravidão houve-as ahi a granel; especialmente na epoca do movimento abolicionista não houve versejador que não se quizesse celebrizar á custa dos negros!

Dos que na litteratura se occuparam com elles só quatro o fizeram demorada e conscientemente: Trajano Galvão, Castro Alves, Celso de Magalhães e Mello Moraes Filho (2).

Trajano tem o merito da antecedencia; elle collocou-se no ponto de vista de um lyrismo semi-descriptivo e galante; em suas poesias o escravo não protesta, o poeta dá-lhe a palavra e o *calhambola*, a *crioula*, a *nuranjan* descanta suas pretenções, seus desejos.

Castro Alves tomou outro caminho; escreveu odes de indignação, de colera, no estylo pomposo e meio declamatorio de Victor Hugo; tal a indole do *Navio Negreiro*, das *Vozes d'Africa* e da mór parte da *Cachoeira de Paulo Affonso*.

N'esta a intriga de amor entre *Lucas* e *Maria* não tem naturalidade, nem a côr propria do viver do escravo brasileiro.

São amores e luctas romanticas mais proprias de fidalgos hispanhóes e de condes italianos do que de um pobre preto, escravo das margens do S. Francisco.

O poeta bahiano possuia a imaginação e o tom alteroso dos

(1) Não falo da *Escrava Izaura* de Bernardo Guimarães; porque a bella filha da imaginação do poeta mineiro era uma verdadeira *branca escravisada*.

(2) Se me fosse licito falar de mim proprio, lembraria que no poemeto *Os Palmares* decantei tambem conscientemente os escravos.

lyristas pomposos ; mas não tinha o espirito de observação, o naturalismo apto a sorprender as scenas populares.

Celso, o bello talento, que eu fui o primeiro a dar a conhecer ao Brasil em geral (1), no seu poema *Os Calhambolas*, approxima-se muito mais da vida psychologica e real do captivo. E' pena que tivesse se limitado a considerar só o escravo *fugido*, isto é, o escravo fóra de seu viver normal.

Mello Moraes Filho seguiu por outra vereda e por vereda tal que, por este lado, não se parece com um só dos poetas brasileiros, a não ser com o proprio Trajano Galvão.

Mello Moraes não ostenta aquellas opulencias, aquelle farfalhar de bonitas phrases do gosto de Castro Alves ; sua maneira é outra ; elle colloca-se no meio do facto da escravidão, mette-se entre os captivos e os senhores, assiste o viver d'aquelle mundo especial das *Fazendas* e diz, sem grandes adornos, as cruêzas que viu. São pequenos quadros, pequenos esboços pelos quaes circula a verdade, a sinceridade.

São assim : *Partida de escravos*, *Ama de leite*, *O legado da morta*, *Os filhos*, *Immigração*, *O remorso de Lucas*, *Mãe de Crêação*, *Verba testamentaria*, *A Feiticeira*, *Ingenuos*, *A familia*, *Escravo fugido*, *Cantiga do eito*, *A Reza*, *A Novena*, *A Rêde* e outras interessantes peças espalhadas pelos *Cantos do Equador*.

Trajano Galvão é um predecessor d'esse genero de poesia ; por isso é aqui lembrado com distincção.

Elle era filho do Maranhão; nasceu em 1830; esteve algum tempo em Portugal ; fez estudos em S. Paulo e Olinda, formando-se em 1855. Attirou-se depois á lavoura (2).

Tres notas distingo em Trajano : o lyrismo geral de que seus versos *A' Lua* são um exemplo, o lyrismo local, campesino em que descreveu o viver do escravo, e o lyrismo satyrico e pilherico. As duas ultimas notas são as de mais valor.

Aqui insiro a *Crioula* e o *Nariz palaciano*, como exemplificações do estylo do poeta.

(1) Até então esse critico, romancista e poeta era apenas conhecido no Recife e em S. Luiz do Maranhão. Vide *Revista Brasileira* durante o anno de 1879.

(2) Vide sua biographia no *Pantheon Maranhense* de A. Henriques Leal.

A Crioula é esta :

« Sou captiva... qu'importa? folgando
Hei-de o vil captiveiro levar!...
Hei-de sim, que o feitor tem mui brando
Coração, que se pode amansar!...
Como é terno ó feitor, quando chama.
A' noitinha, escondido co'a rama
No caminho — ó crioula, vem cá! —
Ha hi nada que pague o gostinho
De poder-se ao feitor no caminho,
Faceirando, dizer -- não vou lá —?

Tenho um pente coberto de lhamas
De ouro fino, que tal brilho tem,
Que raladas de inveja as mucamas
Me sobr'olham com ar de desdem.
Sou da roça ; mas, sou tarefeira...
Roça nova ou feraz capoeira,
Corte arroz ou apanhe algodão,
Cá comigo o feitor não se cansa;
Que o meu côfo não mente á balança
Cinco arrobas e a concha no chão!

Ao tambor, quando saio da pinha
Das captivas, e danço gentil
Sou senhora, sou alta rainha;
Não captiva, de escravos a mil!
Com requebros a todos assombro,
Voam lenços, occultam-me o hombro,
Entre palmas, applausos, furor!...
Mas, se alguem ousa dar-me uma punga,
O feitor de ciumes resmunga,
Pega a taca, desmancha o tambor!

Na quaresma meu seio é só rendas,
Quando vou-me a fazer confissão ;
E o vigario vê cousas nas fendas,
Que quisera antes vê-las nas mãos...
Senhor padre, o feitor me inquieta ;
E' peccado...? não, filha, antes peta...

Gosa a vida... esses mimos dos céos
E's formosa... e nos olhos do padre
Eu vi cousa que temo não quadre
Co'o sagrado ministro de Deus...

Sou formosa... e meus olhos estrellas
Que traspassam negrumes do céo;
Attractivos e formas tão bellas
P'ra que foi que a natura m'os deu?
E este fogo, que me arde 'nas veias
Como o sol nas ferventes arêas,
Porque arde? Quem foi que o ateiou?
Apaga-lo vou já — não sou tola...
E o feitor lá me chama — ó crioula!
E eu respondo-lhe branda « já vou... » (1)

O *Nariz palaciano* é satyra dirigida contra os aduladores sempre lestos e promptos a bajularem os presidentes mal desembarcavam nas provincias.

E' como segue :

« Festivaes repicam sinos,
Trôa no forte o canhão,
Correm velhos e meninos,
Ferve todo o Maranhão :
Vem doutores, vem soldados,
E os publicos empregados
Com seu illustre inspector.
Porque accorre tanto povo?
Chegou presidente novo,
Nosso Deus, nosso senhor...

Mineiro para torresmo,
Ou bahiano carurú?
Seja quem fôr, é o mesmo,
Temos nariz, e elles...
Presidente maranhense?
Que tôlo ha'hi que em tal pense?!

(1) *Tres Lyras*, pag. 12.

Nem por graça isso se diz...
Indio ou chim não nos desbanca,
Não ha mais forte alavanca,
Do que um vermelho nariz.

Feliz tres e quatro vezes
Quem rubro nariz sortiu!...
Nos politicos revezes
Que narigudo affundiu?
Diz errada voz imiga,
Que impera só a barriga
Nos negocios do paiz ;
O que a mente minha alcança,
E' que, se o lucro é da pança,
O trabalho é do naríz.

Por isso no grande entrudo,
Que chamam governo cá,
Folga muito o narigudo,
Quando nos chega um bachá :
Pencas agudas e rombas,
Mil elephantinas trombas,
N'esse dia tomam sol :
Qual torreia, qual se achata,
Qual na ponta faz batata,
Qual se enrosca e é caracol.

Bem como na culta França,
Cada qual seus animaes
Leva, cheio de esperança,
Aos concursos regionaes ;
Este um carneiro merino,
Aquelle um touro turino,
Outro um cavallo andaluz :
Tal, quando o mandarim salta,
Um por um, a illustre malta,
Seu rubro nariz conduz.

E assim como então é de uso
A chusmada feira erguer
Aos céos o rumor confuso
Dos que vem comprar, vender ;

O anho bala, grunhe o cérdo,
Ornêa o jumento lerdo,
Brioso nitre o corcel;
Tal a turba narigada
Nos trombones a chegada
Festeja do bacharel.

Vem por entre esta harmonia
O da côrte homem cortez,
Faz á esquerda cortezia,
A dextra mesura fez...
Mil narizes sobem, descem;
(Não de pudor) enrubecem
No furor de cortejar,
Vibram talhos de montantes,
D'essas espadas gigantes
Que Roldão soube jogar...

Na camara do seu palacio,
Vindo da Municipal,
Vê-se o illustre pascacio
Como pisado n'um gral:
Curte comsigo, nem geme,
Que um bom nariz é bom leme
Posto á pôpa... em bom lugar!
Um por um os monstros olha,
Que o trabalho está na escolha,
Do que melhor lhe quadrar.

Por mais que se ponha em guarda
Apesar de quanto diz,
Vista béca ou vista farda
Por força leva nariz...
Porque, diz em consciencia,
Pondo de parte a Excellencia,
Tu, presidente, o que és?
Julgas-te inqualificavel?
E's um ente narigavel
Da cabeça até os pés...

Embora prudente e calmo,
Se um nariz de guarnições,

Poder suspender-te um palmo
N'estes tempos de eleições,
Vae tudo comtigo abaixo,
Mais asneiras, que um borracho,
Juro-te que has de fazer...
Pois como do teu officio
Terás o pleno exercicio,
Se suspenso o has de exercer?

Permitta, Vossa Excellencia,
Que aos sabios ponha a questão,
E' caso de consciencia,
E' um « quid juris » ratão...
N'estes contractos occultos
Dizei vós, sabios consultos,
Que tendes as leis de cor,
Quem é que fica lesado?
O mui nobre narigado,
Ou o vil narigador? » (1)

Bem claro está que Trajano era gaiato, era engraçado ; estes versos são gostosamente comicos. E' pena que o poeta não tivesse deixado muitas composições do genero.

Deixando de deter o meu leitor ante *Benicio Fontenelle*, *Epiphanio Bittencourt*, *José Coriolano*, *Marques Rodrigues*, *Lisbôa Serra*, *Dias Carneiro*, é bom fazel-o parar diante de

GENTIL HOMEM DE ALMEIDA BRAGA (1834-1876).

Suas poesias foram, em parte, reunidas no pequeno volume sob o titulo de *Sonidos ;* outras andam esparsas no *Parnaso Maranhense*, nas *Tres Lyras*, nas *Harmonias Brasileiras* de Macedo Soares e em diversos jornaes, não falando no poemeto *Clara Verbena*, de que ha um fragmento publicado sob o pseudonymo de Flavio Reimar.

Gentil foi poeta e folhetinista ; n'esta ultima qualidade deixou o bello volume intitulado *Entre o Céo e a Terra.*

De todos os poetas que fornecem materia para este capitulo e que acabo de estudar na ordem em que vão ahi descriptos,

(1) *Tres Lyras*, pag. 44.

é aquelle cuja leitura mais me agradou. Os outros têm muita cousa boa no meio de muita cousa ruim; de Gentil nada vi que fosse realmente mau; tudo é por alguma face bom.

Ha n'elle um lado tradicional e lendario que bem se mostra em *S. José de Riba-Mar*, n'*O Outeiro da Cruz*, n'*O Morro do Piranhenga* e n'*A Ilha de Maranhão;* ha uma face popular, que se vê em *Cajueiro pequenino* e em *Olhos negros;* uma feição humoristica que se expande em *Clara Verbena*, alem do lyrismo pessoal e amoroso que se exhibe em todas as outras poesias.

Vejamos isto e procedamos com ordem.

Eu disse que na poesia de Gentil ha um lado tradicional e lendario e uma face popular. Tudo, em verdade, se reduz a um fundo commum de inspiração.

Ha por ahi muita gente que ainda hoje suppõe que toda a sabedoria popular, todo o *folk-lore* se reduz ás *quadrinhas* dos improvisadores anonymos e ás *festas de Igreja* em que o povo mais ou menos accidentalmente toma parte.

Não, a cousa não é assim tão simples como se possa acreditar.

O povo tocou em tudo; seu saber é uma encyclopedia inteira.

Só na parte propriamente poetica elle tem os *Reizados*, as *Cheganças*, os *Romances*, as *Xacaras*, as *Orações*, os *Versos geraes* ou *Cantigas soltas*, as *Parlendas*...

Mas não fica ahi: elle tem os mythos, os contos, as adivinhas, os dictados, os annexins, as lendas de logares e de typos celebres, as danças, as festas propriamente suas, as benzeduras, uma medicina e therapeutica especiaes, uma astronomia sua, as fabulas de plantas e animaes, profecias, a interpretação original que vae fazendo diariamente dos acontecimentos politicos; tem tudo isto, além do capitulo immenso das superstições.

No Brasil pouco se tem investigado o nosso povo por face tão interessante (1).

(1) Consagrei a este assumpto nada menos de quatro obras: I *Cantos populares do Brasil;* II *Contos populares do Brasil;* III *Estudos sobre a poesia popular brasileira;* IV *Uma esperteza.*

O Maranhão é uma de nossas provincias onde o espirito popular é mais vivaz; por isso os seus poetas não foram estranhos a essa ordem de inspiração, mais rara nos poetas do sul, e em geral desprezada pelos imitadores servis das litteraturas estrangeiras.

Em todo o poetar de Gentil ha esse doce sabor das creações lyricas do povo; o estylo do maranhense o revela sempre, ou relate alguma lenda, alguma tradição, ou se colloque no meio do povo e cante ao desafio com elle no seu estylo.

O poeta deve fazer como o musico de talento, o qual, quando se apodera de um motivo popular, o transforma e transfigura, imprimindo-lhe o cunho da arte.

Gentil assim procedia, guiado por seu fino gosto e seguro senso. E' o que nem sempre faz Juvenal Galeno em suas parodias e imitações da poesia popular.

O poeta maranhense, tomando o velho motivo do povo:

> Cajueiro pequenino,
> Carregadinho de flôr,
> Eu tambem sou pequenino
> Carregadinho de amor »

o desenvolveu n'estas bellissimas quadras, nas quaes a arte se ajusta e adapta perfeitamente ao tom desalinhado e profundo das massas:

> « Já de ha muito o sol é morto
> Brilha na terra o luar.
> Nas palmas d'altos coqueiros
> Brinca o vento a susurrar.
>
> No céu as fixas estrellas
> Apenas vêem-se luzir.
> As aves dormem na matta,
> Parece a matta dormir.
>
> Dos ares cai denso orvalho
> Sobre a gramma, sobre a flor.
> E a brisa, de aromas cheia,
> Das flores brinca ao redor.

Tudo é silencio que fala ;
Tem vozes a solidão.
Fala o ser calado e mudo,
Cada voz é uma canção.

Ouve, escuta, cajueiro,
O canto que eu vou cantar,
Ao frio vento que passa,
A' luz do frouxo luar.

A taes horas um menino
E' certo deve ir dormir ;
Mas quem por noite como esta
Pode algum somno sentir?

Deus te deu folhas e ramos
E flores tambem te deu.
Deu-me affecto e sympathias,
De mil desejos me encheu.

Das flores nascem-te os fructos,
Dos ramos nasce-te a flôr ;
De minh'alma o puro affecto,
Do meu peito o doce amor.

Nas tuas folhas luzentes
Sol e chuva hão de cahir.
No meu peito as alegrias,
Os desgostos hão de vir.

Mas em quanto o puro orvalho
Te dá vida e te dá flor,
Os amores de minh'alma
Prestam-me vida melhor.

Cresce, cresce, cajueiro,
Que eu tambem hei de crescer,
Se murchares algum dia,
Eu tambem hei de morrer.

Somos ambos pequeninos,
Vivemos ambos no chão.
Se dizes que és meu amigo,
Eu digo — sou teu irmão.

Minha mãi n'este terreiro,
Quando eu nasci, te plantou ;
Criou-te com sombra e agoa,
Com seu leite me criou.

Nasceste á porta de casa,
Sempre abrigado do sol.
Ardores do meio dia
Eram clarões de arrebol.

Fui crescendo, cajueiro,
E tu cresceste tambem.
O segredo que eu te disse
Não o contes a ninguem.

Somos ambos pequeninos,
Queremos ambos viver,
Cresce, cresce, cajueiro,
Que eu tambem hei de crescer » (1).

Quem só comprehende a poesia como uma sucursal da philosophia pondo em verso um systema doutrinario, o darwinismo, o pessimismo, o positivismo, ou outro qualquer ; quem só a comprehende quando ella se faz militante e pamphletaria e põe em versos uma d'essas declamações de Proudhon, por exemplo, contra papas, imperadores, aristocratas e proprietarios, quem tiver fé absoluta e exclusiva em alguma d'essas cartilhas litterarias que ahi andam, não leia os versos de Gentil Homem.

Quem, porém, sabe que, por uma lei inilludivel da historia, a poesia é sempre a emoção desperta em nós pelo espectaculo das cousas e que essa emoção ha de variar necessariamente com a intuição geral de cada época, e que, portanto, quando se fala em poesia philosophica, apenas se quer dizer uma poesia que retrate os sentimentos em nós produzidos pela nova intuição que a sciencia desde Galileu, Copernico e Bacon vem preparando na civilisação occidental, esse pode ler Gentil ou qualquer outro bom poeta ; porque todo bom poeta é sempre

(1) *Tres Lyras*, pag. 157.

e fatalmente um documento interessante de uma época dada, sem que tenha adrede procurado ser.

E' bem provavel que elle, com o seu sabor popular desagrade, por *atrazado*. Para todo moço, que começa, ser adiantado, por via de regra, é ter aspirações a commetter algum assassinato litterario ou artistico. E' já uma enfermidade que se tornou geralmente contagiosa.

Todo rapaz que lança um primeiro olhar para o mundo das letras e das artes, descobre logo não sei que symptomas de fraqueza n'esta ou n'aquella creação secular da intelligencia, e apresenta logo terriveis desejos de dar-lhe o *coup de grâce*. Matar uma antigualha, que gloria! Assim, um enterra a arma na poesia em geral, que é uma doente importuna; outro nas formas dramaticas, que não podem mais satisfazer as necessidades modernas; este nas artes indistinctamente, como brincos inuteis e infantis; aquelle no romance, que não se faz logo scientifico de uma vez... E' o diabo; é uma geral sêde de matar alguma cousa!

Já nem se fale em religião, em metaphysica, na philosophia mesma; porque d'estas é já velha tolice tratar diante da sciencia, que as matou ha muito.

Ora, pois, vou dizer o que penso com toda a sinceridade: não creio na morte de cousa alguma n'este mundo; todas aquellas crêações que se suppunham mortas, não morreram de facto; modificaram-se, transformaram-se apenas. Tem sido, é e será sempre este, entre outros, o caso da poesia.

Eis a razão, porque ainda gasto o tempo em analysar poetas e ainda ouso recommendar os versos de um Gentil Homem, por exemplo.

Eu disse ácima que elle tem tambem bellas amostras de lyrismo pessoal e amoroso e tambem boas provas de lyrismo humoristico. E' verdade.

O primeiro anda especialmente em suas poesias soltas; o ultimo mais pronunciadamente em *Clara Verbena*.

Este bello poema encerra todos os generos, todos os estylos do poeta; a ligação ahi feita entre o lyrismo sentimental e o humorismo galhofeiro mostra summa habilidade.

Creio que o poema não chegou a ser publicado por inteiro; li os dois cantos publicados em 1866 no Rio.

Abre-se o livro por uma dedicatoria a Gonçalves Dias em alentados versos; prosegue descrevendo a cidade do Rio de Janeiro, a heroina *Clara Verbena*, a casa d'esta, Petropolis, o Alcazar e vinte incidentes diversos, ligados entre si por graciosas transições.

Um dos pedaços melhores é aquelle em que o poeta lamenta a morte de seu filho. Ha em tudo um tom de naturalidade, eu digo naturalidade e não naturalismo, de encantar. E' ler ao acaso.

Dou aqui os versos dirigidos a Gonçalves Dias:

« O halito de Deus tocou-lhe a fronte,
E lhe formou em torno uma corôa:
Arco de luz no cimo de alto monte,
Beijo do genio dado em uma alma bôa.
Feitura humilde, ao Creador defronte
Logo se poz, e um cantico resôa...
Era o poeta feito em um momento,
Grande no verbo e grande em pensamento.

Apostolo novo aos povos enviado,
Falou sublime á gente americana,
Em phrase culta, em rythmo elevado
Como o cantor da raça luzitana.
A voz no tymbre puro e afinado
E' quasi angelical, mais do que humana;
Evangelho de amor e de poesia
Era o que a terra em sua voz ouvia.

Do seu talento o vôo altivo e nobre
Liga ao presente as posteras idades,
E no passado um mundo elle descobre
Bello, rico de seiva e heroicidades.
Nada ao olhar do poeta o tempo encobre;
Dá vida a um povo morto, ergue cidades;
D'alma o sentir, do coração as dôres
Traduz em sons de perolas e flôres.

Soberbo evocador de um seculo extincto,
Eil-o do nada a vida levantando,

Luz na imaginação e o pincel tincto
Na côr que o sol no céo nos mostra quando
Roxo de um lado e d'outro azul retincto,
Mil caprichosas fórmas desenhando,
Une os toques de alvura resplendente
Da opála ao brilho lacteo e transparente.

Foi-lhe dura a missão! Foi sacrificio,
Que elle soube cumprir com força e crença!
De confissão constante fez officio,
Cantou do coração a dôr immensa.
Trouxe consolação por beneficio
Aos que soffrem no amor e na descrença,
Rasgando o peito, e, novo pelicano,
Dando vida em seu sangue ao labio humano!

Fez em si mesmo a cruda autopsia
Da ideia e do sentir ainda em vida;
Em cada canto o coração gemia,
Em cada verso a alma era despida.
Nada occultou; a musa não mentia
Na voz da queixa extreme e dolorida,
No riso triste, no prazer de instantes,
Rapido goso d'almas sempre amantes.

Privilegio do genio! em seus cantares
Fez mais nossa que sua a excelsa gloria
No culto expressa, em multiplos altares,
Que erguidos são no templo da memoria.
Se foi-lhe a vida um quadro de pezares,
Fica do vate a peregrina historia,
Pondo em relevo a desejada c'rôa
De um talento brilhante e uma alma bôa.

E viveu, e cantou! no soffrimento
A propria inspiração deu-lhe amargura;
E a luz, que o aclarava em pensamento,
Fez-lhe a sorte infeliz, aspera e dura.
A distincção do genio é um tormento;
A flôr da gloria é uma sombra escura;
Raio de amor na fronte ao escolhido,
E' um cantico d'anjos n'um gemido.

E até na morte a pallida desdita
De perto o acompanhou na ancia extrema;
Cantou-lhe uma canção triste, infinita
Nas afflicções de um gelido poema.
O mar ouviu-lhe uma oração bemdicta...
Quem ha que não se enlute e que não gema,
Ouvindo o estertor de uma agonia
Suffocada no mar pela onda fria?!

Vêde-o no estreito esquife abandonado,
Sem uma prece de amor na ultima hora!
Vêde o corpo na arêa sepultado,
E o branco alcyon da praia, que inda chora!
E o mar, cruel, resomna socegado
A' luz da tarde ou aos clarões da aurora,
Rindo ao fresco terral, ao frio vento,
Ao som de um triste e funebre lamento!

Dorme em paz na frieza do sudario,
Descansa agora da penosa lida!
Por ti do seculo nosso o enorme horario
Fez ouvir a pancada estremecida.
Do mar a profundez é o teu sacrario,
Guarda de uma existencia mui querida,
E o monumento erguido á tua gloria
Guardará de teus cantos a memoria » (1).

São versos dignos do assumpto. Mais um trecho do centro do poema e concluirei :

« Havia em Botafogo uma casinha
Escondida entre as copas do arvoredo.
Via-se o mar e os montes ; á tardinha
Chegava-lhe á janella miuto a medo
A dona, a fada, a rosa, o sonho lindo
D'aquelle amor de um velho, amor infindo.

Era Clara Verbena. Vinte e um annos
Encontravam na moça a gentilesa
De airoso porte e uns olhos soberanos,
Cheios de luz, de graça e morbidesa.

(1) *Clara Verbena*, pag. 9.

Era formosa ; branca ou se morena,
Dizer-vol-o não sei. Clara Verbena

Não tinha de uma ingleza o jaspe frio,
Nem da hespanhola a tez fosca e rosada,
Não da franceza o affecto, e o ar sombrio
Da italiana bella apaixonada.
Era a magnolia aberta e recendente,
Modesta e viva em perfumoso ambiente.

Ninguem nunca lhe viu outro vestido,
Que não fosse cambraia branca e lisa ;
Crespo o cabello em caracóes mettido,
Botina escura, que o tapete alisa.
O extracto de Verbena era o perfume
D'aquelle anjo mulher, d'aquelle nume.

Seja o Aristarcho em paz ; se a rima obriga
A por junto do aroma o deus latino,
Não fica menos certa da cantiga
A parelha final. O máo ensino
De meu mestre Musset poz-me o defeito,
Que me torna por vezes imperfeito.

Extracto de verbena! oh, como é grato
O producto de chimica franceza!
Que pura exhalação, que doce extracto,
Que sonhos nos faz ter! quanta grandesa
Nos lembra este perfume em tempos idos
Por gregos e romanos bem vividos!

Exprime nos effluvios a doçura
Da graça feminil em mulher bella,
E a robustez da civica figura
Posta na rua ou praça ou na janella.
Era a verbena dos heróes a c'rôa
Nos tempos idos de virtude á tôa.

Fraqueza e hombridade em laço unidas,
Beijos de moça em horas socegadas,
Forte aperto de mão, vozes ouvidas
Em meio ás multidões muito agitadas.
Sello estreito, marcado, e lacre vivo
Da gloria e do que a amor vê se captivo.

O sandalo é traidor ; perturba o senso,
Enerva, gasta as forças, elanguece ;
Accende uma fogueira em luva ou lenço,
Depois aquelle incendio se amortece.
Cruel mentira, o sandalo dá morte
Quandc mais da volupia no transporte.

O resedá produz dôr de cabeça,
O mel inglez é doce em demasia ;
Não ha quem não dormite e não padeça
Cheirando do jasmim a essencia fria.
A rosa é mui vulgar e o frangipana
Cança, aborrece, irrita, aturde e engana.

O mais, que enfeita e alonga a extensa lista
D'extractos essenciaes, de aguas cheirosas,
Não vale que o passemos em revista,
Que lhe demos aqui menções honrosas.
A palma é da verbena ; a gloria é d'esta,
Deusa do lar, dos bailes e da festa.

Era Clara o asseio, a graça e o gosto
De uma dona de casa cuidadosa ;
Tudo quanto a cercava era composto
De esmero e luz e arte e amor e rosa.
Moveis, tapetes, vidros, douraduras,
Vasos finos, esplendidas figuras,

A sala, o gabinete, a estreita alcova,
O pateo, o corredcr, jardim, dispensa,
Tudo andava mais limpo do que a escova,
Que nunca trabalhou ; peço licença
Para nada dizer sobre a cosinha
Na qual jámais pisou Clara, a rainha » (1).

Na poesia Gentil Homem foi tambem um eximio traductor ; no genero o que deixou de mais eminente é a versão de *Eloá* de Alfredo de Vigny.

A emoção do poema estrangeiro é mais ou menos transmittida ; a versão não se limita a trasladar phrases ; o tom e o colorido, tanto quanto é possivel em traducções, apparece.

(1) *Clara Verbena*, pag. 22.

Ultimando, não esquecerei recommendar o bello volume de folhetins — *Entre o Céo e a Terra*, devidos á penna dos escriptor maranhense.

Elle tinha graça, não fazia esgares e contorsões para provocar o riso nos outros; tambem não dava gargalhadas, ria doce e abundantemente como um homem de educação e de espirito.

Os seus folhetins têm côr local e brasileirismo; os typos descriptos são nacionaes; lêde *Natal*, *Pobre Serapião*, *Anninha* e outros bellos trechos do livro, e verificai.

Nas circumstancias de nossa litteratura, que se precisa definir e caracterisar cada vez mais, é o melhor elogio que se lhe póde fazer.

Gentil é um benemerito das patrias letras; não o deixarei sem dar uma rapida idéa de sua brilhante passagem pela imprensa do Maranhão.

Para isto abrimos espaço á penna competente de um patricio seu:

« Não mencionaremos os jornaes que elle abrilhantou com sua collaboração fora da provincia natal; daremos rapida noticia de sua passagem pelo jornalismo maranhense.

Em 1859, a convite de Sotero dos Reis, escreveu elle no *Publicador Maranhense* uma serie de notaveis folhetins litterarios, verdadeiros primores no genero. Eram fantasias sem substancia, a *nuga difficil* de Horacio, e que denunciavam grande aptidão. Usando do pseudonymo *Flavio Reimar*, que elle illustrou como traductor de *Eloá*, e auctor do poema *Clara Verbena*, os folhetins de Gentil Braga no *Publicador Maranhense* foram suas credencias no jornalismo da provincia.

Como redactor da *Ordem e Progresso*, desde 1860 até 1861, publicou elle nesse periodico artigos admiraveis, taes como os que discutiram a entrada do corsario *Sumter*, durante a guerra dos Estados Unidos, no porto do Maranhão, sustentando as boas doutrinas da neutralidade. Esses artigos motivaram um aviso do ministro de estrangeiros explicando o direito dos neutros.

Não menos importante foi a analyse da presidencia Primo de Aguiar, paginas brilhantes, que depois foram colleccio-

nadas em livro, formando o lancinante opusculo — *Um Presidente e uma Assembléa.*

Na *Coalisão*, que tambem redigiu de 1862 a 1867, além de numerosos artigos sobre politica geral e local, publicou Gentil Braga varios trabalhos de critica litteraria, e o minucioso exame do tratado da *Villa da União*, artigos energicos e incisivos, que reunidos em um folheto, tiveram grande voga no Rio de Janeiro.

En 1867 collaborou no *Semanario Maranhense* e os artigos de litteratura amena que inserio n'essa revista foram todos de real merecimento.

Desde 1874 até 1876 collaborou no *Liberal* em algumas chronicas graciosas que feriam o adversario com o ridiculo.

Moço, com pouco mais de quarenta annos, desappareceu desde mundo Gentil Homem de Almeida Braga, deixando em meio muitos trabalhos litterarios, e perdendo n'elle o jornalismo politico um luctador valente, que pelejava com as melhores e mais invenciveis armas.

Entre as muitas intelligencias superiores que o Maranhão viu desapparecerem na força da mocidade, como Gomes de Souza, Gonçalves Dias, Lisboa Serra, Franco de Sá, Trajano Galvão, Marques Rodrigues e Celso de Magalhães, occupa lugar notavel esse moço poeta e prosador distincto, recommendavel como jornalista esclarecido e politico digno de fé » (1).

São palavras de Joaquim Serra, amigo e companheiro do poeta. E' pena que este tenha dito mal de Francisco Primo de Souza Aguiar, o illustre engenheiro, o emerito professor da Escola Militar, um dos homens mais illustrados que o Brasil tem possuido.

A este meu saudoso mestre de historia, a quem devo a comprehensão do valor do factor germanico e anglo- saxonio em os tempos modernos, rendo aqui um pequeno e obscuro preito de reconhecimento. Primo de Aguiar foi um dos elementos de minha formação, desde 1865, com a sua concepção ethnographica da historia.

(1) *A Imprensa no Maranhão 1820-1880*, por Ignotus, Rio de Janeiro 1883, pag. 131.

BRUNO HENRIQUE DE ALMEIDA SEABRA (1837-1876). A passagem do maranhense Gentil Homem ao paraense Bruno Seabra é naturalissima.

Mais de um laço os prende ; tinham a mesma idade, com pequena differença, falleceram no mesmo anno, ambos foram cultores do lyrismo local e humoristico.

Bruno Seabra nasceu aos 6 de outubro de 1837 no Pará ; estudou humanidades na provincia natal, principiou o curso da Escola Militar do Rio que teve de abandonar pela fraqueza de sua compleição.

Atirou-se ao funccionalismo publico, *refugium* ultimo de todos os talentos brasileiros, e que talvez nos seja tambem em breve tomado, dando-se preferencia aos filhos d'outros paizes... Exerceu empregos no Rio, Maranhão, Paraná e Bahia, onde falleceu em 1876 (1).

Bruno Seabra escreveu romances, comedias, folhetins e poesias. Estas são as suas melhores producções e entre ellas sobresahe o livro das *Flôres e Fructos*, um dos melhores de nossa litteratura romantica.

Bruno é e será sempre o poeta das *Flôres e Fructos*.

Suas primeiras producções datam de 1855 ; o bello volume predilecto é de 1862.

Que ha de bom n'este poeta ? Duas cousas apenas : quando os seus contemporaneos quasi todos procuravam inspirações estrangeiras, elle buscava assumptos nacionaes ; quando quasi todos os seus collegas e rivaes choramigavam perpetuamente, elle vivia a rir-se galhardamente. Basta isto para assignalar um lugar especial a este lyrista.

O nacionalismo, o *popularismo* de Bruno Seabra é uma bordadura de artista sobre scenas do povo ; é no genero de Bittencourt Sampaio, Francklin Doria, Trajano Galvão, Gentil Homem, Joaquim Serra, Mello Moraes Filho e alguns outros poetas brasileiros.

Em materia de inspirações populares só supporto, como já dei a entender, dois extremos : ou a rude canção do povo em

(1) Vide Sacramento Blake — *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, 1.º vol. pag. 429.

sua profunda espontaneidade, ou o lavor artistico do poeta de talento sobre quadros e motivos populares.

Ou os *Cantos populares do Brasil*, como a plebe os sabe e repete e eu os colligi sem lhes mudar uma palavra, ou alguma cousa de ideialisado e artistico ao gosto de *Na Aldêa*, *Thereza* de Bruno Seabra, ou *A Missa do Gallo*, *A Casa Maldita* de Joaquim Serra, ou *A Cigana*, *Bem te vi*, *A Mucama* de Bittencourt Sampaio, ou *A Mulata*, *A Romaria do Bom Despacho* de Mello Moraes Filho, ou *Os Tabaréos*, *Os Trovadores das Selvas*, *O Anno Bom*, *Scena Sergipana* de Tobias Barretto, ou qualquer pagina analoga de Dias Carneiro, de Gentil Homem, de Celso Magalhães, de alguns mais.

O meio termo aqui é insupportavel ; a imitação, a parodia do inimitavel, do imparodiavel, como acontece com muitas das composições de Juvenal Galeno, é sem grande prestimo, sem serio valor.

Note bem o leitor, que eu disse em *muitas* e não disse em *todas* as producções de Juvenal Galeno ; porque este possue algumas em que fez até certo ponto obra de artista, o que se verá em breve.

Bruno foi um poeta apurado e de fino gosto.

Não é preciso levantar theorias a respeito d'elle ; é um lyrico de duas facetas principaes ; já as indiquei e basta agora dizer que a veia comica sobrepujava o lyrismo campesino em seus versos.

O melhor meio de o conhecer é lel-o ; escutai-o no *popularismo.*

Na Aldêa é assim :

« Olha! — que paz se agasalha
Nesta casinha de palha
A' sombra deste pomar!
Olha! vê...! que amenidade!
Abre a flôr da mocidade
Na soleira deste lar!

Olha! — as flores vêm surrindo
Dos verdes ramos, caindo

Aos beijos dos colibris!
Olha! — este harêm de verdura
Onde amor bebe a ternura
Das saudosas juritys !

Olha! — esses montes virentes
Estes arbustos florentes,
Estes risonhos vergeis!
Olha! —os céos que além descobres...
Que reis tiveram mais nobres,
Mais deslumbrantes docéis?

Olha! — os dourados insectos
Nos seus enleios de affectos
Dourando a hervagem do chão!
E' tradição — que são flores
Animadas dos ardôres
D'uma extremosa paixão...

Olha... vê...! não são chimeras!
São iris, são primaveras
Na tela do nosso amor ;
Amor aqui faz pousada
No romper da madrugada,
Nas horas do sol se pôr!

Não cuides ser a ventura
Esse ouropel que fulgura
Sob os tectos dos salões,
Onde a mentira prospera,
E o perfume degenera
Das flores, das affeições!

Que valem ruidosos fastos,
Quando os corações vão gastos
De affectos, de amor, de fé?
A ventura verdadeira
Vive á sombra hospitaleira
Da casinha de sapé.

Olha! — que paz se agasalha
N'esta casinha de palha

A' sombra d'este pomar!
Olha! vê...! que amenidade!
Abre a flor da mocidade
Na soleira d'este lar! » (1)

Não basta esta ; *Thereza* deve ser lida ; eil-a :

« Quem vem da egreja? Thereza
Que foi casar-se... surpreza!
Não esperava este azar!
Nunca me turbara a idéa
Esta lembrança tão feia
De que podia casar!

Que *não cuidei* vejo agora,
Por que m'o affirma esta hora,
Que inesperada bateu!
Casada! vejo-a casada!
Jesus! como está mudada!
Pois tambem mudarei eu.

Seccae, espr'anças viçosas,
Emurchecei, perfumosas
Flores, que eu tanto reguei!
Coração, meu pobre filho,
Velho 'stás, segue o meu trilho,
Enruga como enruguei!

Casou-se aquella trigueira,
Que para nós tão fagueira
Se mostrava ; já casou!
Aquella mesma Thereza,
Que a correr pela deveza,
Tantas vezes nos cansou!

Olhem como vem pimpona!
E' uma senhora dona,
Reparem como ella vem...
Seu marido vem com ella
Todo cheio de cautella,
Que muitos ciumes tem!

(1) *Flôres e Fructos*, pag. 5.

Olhae-a, como nos foge!
Como mais esquivos hoje
Seus olhos fogem de nós!
Agora que está casada...
Não irá mais á latada
Colher as uvas a sós...

Já não veste saias curtas,
Como outr'ora a colher murtas,
Jambos ou maracujá,
Pelos declives dos montes
Ia, e depois vinha ás fontes,
E nós estavamos lá...

Vem? é outra! é outra... olhae-a!
E' vestido, não é saia,
Thereza a mesma não é!
E que vestido comprido!
Não deixa ver o vestido
Nem a pontinha do pé!...

Adeus, senhora Thereza!
Salve o pobre na pobreza,
Que isso não lhe fica bem!
Soberba co'o seu marido,
Soberba co'o seu vestido,
Já não conhece ninguem!

Deixe-se de soberbias,
Lembre-se d'aquelles dias,
A' sombra dos cafezaes...
Descóra... não tenha mêdo!
Vá tranquilla que o segredo
Da minha bocca... jamais...

Jamais... e jamais supponha
Seu marido que a vergonha
A' casa lhe hei de eu levar...
Jamais ,senhora Thereza,
Que eu tambem tenho a certeza
De algum dia me casar » (1).

(1) *Flóres e Fructos*, pag. 88.

Leiam-se outras no volume, especialmente *A lagôa dos amores*.

No poetar comico e humoristico Bruno Seabra é um representante do genero realista, d'aquelle realismo que substituiu o romantismo antes de apparecer o moderno naturalismo que alias tem melhor se desenvolvido no romance.

Foi genero cultivado especialmente em Pernambuco por Souza Pinto e Celso de Magalhães ; é consistente na photographia rapida do certos quadros, photographia de côres leves, de pouca imaginação e em tom simples ; Bruno Seabra lhe metia certo humorismo picante.

São do genero — *O vestido carmesim*, *Nós e Vós*, *Os meus olhos em leilão*, *Moreninha*, *Flora*, *Afilha do mestre Anselmo*, *Ingenuidade*, *Laura*, *Mal de um beijo*, *Ignez*, *Quiprocó*, e outras. Eis aqui alguns especimens.

Moreninha é esta :

« Moreninha, dás-me um beijo?
    — E o que me dá, meu senhor?
— Este cravo...
                    — Ora, esse cravo!
De que me serve uma flor?
Ha tantas flores nos campos!
Hei de agora, meu senhor,
Dar-lhe um beijo por um cravo?
E' barato ; guarde a flôr.

— Dá-me o beijo, moreninha,
Dou-te um córte de cambraia. —
    — Por um beijo tanto panno!
    Compro de graça uma saia!
    Olhe que perde na troca,
    Como eu perdera co'a flor ;
    Tanto panno por um beijo...
    Sai-lhe caro, meu senhor.

— Anda cá... ouve um segredo...
    — Ai, pois quer fiar-se em mim?
    Deus o livre; eu falo muito,
    Toda a mulher é assim...

E um segredo... ora um segredo...
Pelos modos que lhe vejo
Quer o meu beijo de graça,
Um segredo por um beijo!?

— Quero dizer-te aos ouvidos
Que tu és uma rainha...
Acha, pois? e o que tem isso?
Quer ser rei, por vida minha?
— Quem déra que tu quizesses...
Não duvide, que o farei ;
Meu senhor, case com ella,
A rainha o fará rei...

— Casar-me?... inda sou tão moço...
— Como é creança esta ovelha!
Pois eu p'ra beijar creanças,
Adeusinho, já sou velha » (1).

Depois d'este dialogo, vae aqui um quadro de sala brevissimo ; é *Flora :*

« Agora... agora!... murmurei baixinho
Nos ouvidos de Flora, a gentil Flora!
Não ha tempo a perder, é pouco o tempo!
Dai-me o beijo de amor... agora!... agora!...

Agora... agora!... que propicio instante
Para o beijo de amor que Amor implora!
Esconde o rosto por detrás do leque,
Como quem não me viu... agora... agora!...

Ha mais de um anno que este amor faminto
Na esperança de um beijo se vigora!
Ha tanto tempo!... meu amor... meu anjo!
Agora... agora! dai-me o beijo... agora!...

Voltou seu rosto : por detrás do leque
Por um triz eu beijára a gentil Flora,
Se o maldicto do pae não vem saudar-me,
Perguntando a surrir — não dança agora?!

(1) *Flôres e Fructos*, pag. 100.

Ha mais de um anno que este amor faminto
Na esperança de um beijo se vigora ;
E quando cuido havel-o, bate as azas...
Leve-te a bréca o pae, querida Flora! » (1)

Como estes versos ha muitos ali ainda mais bellos e expressivos. Não os cito por brevidade.

As *Flôres e Fructos* são dignos de repetidas leituras.

JOAQUIM MARIA SERRA SOBRINHO (1837-1888).

Além de Odorico Mendes, Gonçalves Dias e Franco de Sá, que já estudei em capitulos anteriores, além de Trajano Galvão e Gentil Homem, vistos mais ou menos individuadamente n'este capitulo, restam ainda dois illustres poetas maranhenses a analysar n'este mesmo logar : *Joaquim Serra* e *Joaquim de Souza Andrade.*

Digo que faltam dois e a verdade seria dizer que faltam trinta ou quarenta, tal a abundancia de talentos poeticos n'aquella provincia dos annos de 1850 a 1870.

De todas as regiões do Brasil é o Maranhão a mais facil de estudar sob o ponto de vista litterario.

As Tres Lyras contêm as melhores poesias de Trajano, Gentil e Marques Rodrigues ; o *Parnaso Maranhense,* além dos versos d'estes tres, de Odorico, de Gonçalves Dias e Franco de Sá, traz os de quarenta e seis vates mais. E' um total de cincoenta e dois poetas ! (2).

(1) *Flôres e Fructos*, pag. 102

(2) Eil-os : Antonio Gonçalves Dias, Antonio Marques Rodrigues, Antonio Joaquim Franco de Sá, Antonio da Cunha Rabello, Augusto Cesar dos Reis Raiol, Augusto Olympio Gomes de Castro, Alfredo Valle de Carvalho, Antonio Cesar de Berredo, Augusto Frederico Colin, Antonio A. de Carvalho Oliveira, Ayres da Serra Souto Maior, Caetano Candido Catanhede, Caetano de Brito Souza Gaioso, Cestino Franco de Sá, Coriolano Cesar Ferreira Rosa, Eduardo de Freitas, Francisco Sotéro dos Reis, Frederico José Corréa, Francisco Dias Carneiro, Fernando Vieira de Souza, Felippe Franco de Sá, Fabio Gomes Farias de Mattos, Francisco Sotèro dos Reis Junior, Gentil Homem de Almeida Braga, João Duarte Lisboa Serra, José Ricardo Jauffert, José Bernardes Belfort Serra, José Pereira da Silva, Joaquim Maria Serra Sobrinho, José Mariano da Costa, Joaquim de Sousa Andrade, João Emiliano Valle de Carvalho, J. J. da Silva Maçarona, João Antonio Coqueiro, D. Jesuina Augusta Serra, Luiz Antonio Vieira da Silva, Luiz Vieira Ferreira, Luiz Miguel Quadros, Manoel Odorico Mendes, Manoel Benicio Fontenelle, D

O *Pantheon Maranhense*, consideravel obra de Antonio Henriques Leal, põe os seus leitores em contacto com os homens mais distinctos da provinca em todas as espheras da actividade social.

Os *Sessenta Annos de Jornalismo* (1820-80) por *Ignotus* (Joaquim Serra) são um excellente escorço da publicistica maranhense no seculo XIX.

Juntae agora a tudo isto as bellas edições dos auctores provincianos dirigidas por Bellarmino de Mattos em suas officinas, comprehendendo livros de Sotéro dos Reis, de Gonçalves Dias, de João Francisco Lisboa, de Souza Andrade e comprehendereis a abundancia de documentos e a facilidade do trabalho.

Verdade é que a obtenção d'estas e d'outras obras provincianas nem sempre é cousa facil a quem reside no Rio de Janeiro.

A primeira necessidade do critico litterario é fazer n'um pessoal tão grande de escriptores a indispensavel escolha, a selecção historica do merito.

No meio d'aquelles cincoenta e dois poetas podem-se notar uns seis ou oito que levantam a cabeça mais alto. E Joaquim Serra é certamente d'este numero.

Não era, reparai bem, só a poesia que então fulgurava no Maranhão ; lembrai-vos do brilho intenso do jornalismo politico, da eloquencia forense e tribunicia, da historia, da critica litteraria, e, para bem attingirdes a comprehensão completa dos factos, não esqueçais que só por si a figura imponente de João Francisco Lisboa é sufficiente para illuminar uma epocha inteira.

Joaquim Serra viveu n'aquelle meio e gozou da bella camaradagem de peregrinos talentos ; fez parte d'aquelle grupo que escreveu em collaboração o interessante romance *A Casca da Canelleira*.

Maria Firmina dos Reis, Nuno Alvares Pereira e Souza, Pedro Wenescop Catanhede, Raymondo Brito Gomes de Souza, R. Alexandre Valle de Carvalho, R. A. de Carvalho Figueira, Raymundo Pereira e Souza, Ricardo Henriques Leal, R. Valentiniano de M. Rego, Severiano Antonio de Azevedo, Trajano Galvão de Carvalho, F. F. de Gouvêa Pimentel Belleza.

Joaquim Serra é uma natureza de facil apreciação; foi um homem alegre, expansivo, de um optimismo inalteravel.

N'uma alma assim argamassada, o enthusiasmo tem entrada franca; se o temperamento é de poeta, a poesia será ahi simples, galhofeira, ousada, patriotica; se o temperamento é de politico, a intuição politica será o liberalismo em sua mais bella expressão, esse liberalismo confiante no espirito humano, crente no seu progresso indefinito, enthusiastico pelo bem estar do povo, liberalismo alheio á democratisação forçada e destruidora, que mata e arrasa sem construir.

O nosso maranhense teve ambos os temperamentos: foi um poeta e um jornalista politico; por uma e outra face suas qualidades principaes são o brasileirismo de suas inspirações, o humorismo amoravel de seu estylo.

Elle foi um optimista; já o disse, e o meu leitor não se espante, nem esbogalhe demasiado os olhos.

Não sei que especie de aragem pestifera soprou sobre certos espiritos, que agora andam a descobrir pessimismos e pessimistas por toda a parte...

Já começam a brotar do chão as theorias e cada um assignala patria especial á epidemia; uns a julgam oriunda da Russia, por causa da lucta entre o czarismo e o nihilismo, e mais por causa do genio sombrio da raça slava; outros a fazem provir da Allemanha por causa do militarismo e do espirito supposto phantastico do povo, personalisado em Schopenhauer; estes, nada podendo admittir que não tenha sua origem na portentosa França, gritam bem alto que a maravilha pessimista irradiou de Pariz, engendrada alli por Flaubert, por Goncourt e os mais ousados chefes do naturalismo; aquelles julgam-na um producto da complicadissima civilisação moderna; aquell'outros correm em defeza do nosso sublimado e archi-prodigioso tempo, e dão a cousa como um producto do theologismo da edade-media; os aryanos extremados a põem na conta dos semitas; estes cheios de razão o demonstram entre os aryanos desde os remotissimos tempos da India buddhica!... E assim vae o debate.

Não conheço outro assumpto em que as tolices e patacoadas tenham occupado area tão consideravel.

Uma velhissima e constitucional tendencia da organisação humana dadas certas e determinadas circumstancias foi elevada á categoria de mytho inexplicavel.

O nosso Joaquim Serra não dará por este lado grandes afazeres aos criticos ; elle soffreu da molestia contraria, era um optimista; digeria bem e sabia dar gostosas gargalhadas. *Tant mieux pour lui.*

Sua biographia é simples e escreve-se em quatro palavras. Filho do Maranhão, fez alli alguns estudos de humanidades ; sem ter a massada de ir a uma academia buscar um diploma, verdadeiro trambolho muitas vezes, atirou-se logo muito moço ao jornalismo de sua terra natal ; começou tambem desde logo a cultivar a poesia.

Mais tarde passou-se para o Rio de Janeiro, onde sua vida e sua arma foi sempre o jornalismo. Foi deputado n'uma ou duas legislaturas ; no parlamento não se destacou por qualidade alguma especial.

Chegado a este ponto, é-me preciso agora dividir o assumpto ; mostrarei o poeta e depois o jornalista.

Desde muito moço principiou elle a exhibir-se n'uma e n'outra esphera ; seus primeiros ensaios são de 1858, 59 e 60 no *Publicador Maranhense*, dirigido então por Sotéro dos Reis.

Serra tinha alli por companheiros Gentil Homem e Marques Rodrigues ; Serra usava do pseudonymo de *Pietro de Castellamare*, Gentil do de *Flavio Reimar* e Rodrigues do de *Sancho Falstaff*.

Já então era notavel o poeta.

N'esta qualidade deixou publicados quatro livros : *Versos de Pietro de Castellamare*, *Salto de Leucade*, *Um Coração de Mulher*, *Quadros*.

N'estas obras, entre producções originaes, ha muitas traducções, nomeadamente dos poetas americanos.

Quem lê as poesias de Joaquim Serra é logo agradavelmente impressionado pela espontaneidade do tom, pela simplicidade das côres, pelo brasileirismo dos quadros.

Sente-se immediatamente que se está a tratar com um homem que veio do povo, que conviveu com elle, que o con-

hecia, que se inspirou de sua poesia, de suas lendas, de suas tradições; um homem, e isto é o principal, que tendo mais tarde lido os auctores estrangeiros, e havendo-os até estudado e traduzido, nem por isso sentiu estancar-se-lhe a fonte do antigo brasileirismo e quebrar-se-lhe na lyra a corda das antigas melodias sertanejas.

Serra foi um poeta local, eivado do impressionismo campesino e popular, e não tinha vergonha de sêl-o; antes o patenteava com desembaraço.

Acho-lhe razão n'isto.

Mais de uma vez no curso d'esta historia, tenho defendido os fóros d'esse poetar sertanegista, popularista, ou como lhe queiram chamar. E' um genero difficilimo; porque tem a maior facilidade em descambar do bello para o ridiculo.

No viver das populações campesinas, especialmente em algumas lendas tradicionaes, em alguns costumes graciosos, ha muita poesia; mas é só isto. Se se quer ir além e divisar poesia em tudo alli, até n'aquillo que é de um prosaismo acabrunhador, é um gravissimo desacerto.

Não vamos nós agora suppôr que só na ignorancia, na rudeza, na barbaria do sertanejo é que ha poesia, e que esta haja sahido foragida dos centros civilisados e se tenha ido abrigar absolutamente entre *matutos*, *tabaréos*, *caypiras*, *sertanejos*, *garimpeiros*, e quantas classes rudes e semi-bravias habitam a vasta zona central do enormissimo Brasil.

E' preciso muito geito com estas coisas; não queiramos á força de exaltar a *sertanegidade* da poesia, tornal-a de todo ridicula; deixemos de *agricultorices* muito exaggeradas, até na propria litteratura. Se o bucolismo grego degenerou em chilras parvoiçadas, não será o mattutismo brasileiro que ha-de escapar da geral decadencia de todo excesso.

Acontece á poesia o que se dá com a moral, cujo imperativo categorico, segundo Kant, é: « procede de modo tal que o motivo de tua acção possa servir de fundamento a uma lei universal. »

O philosopho quiz dizer que tão elevado, tão nobre, tão desinteressado deve ser o movel da conducta de cada um, que

este movel possa servir de norma para as acções de todos. Esta possivel generalidade é que interessa aqui.

Em poesia deve-se dar alguma coisa de analogo ; deve haver tambem uma especie de *imperativo categorico* para a arte moderna : « Emociona-te e produz de maneira tal que o estimulo de tua emoção e de tua obra possa servir de norma a uma esthetica universal. »

Isto não importa de modo algum a proscripção do *individualismo*, do *nacionalismo*, ou de toda outra qualquer differenciação justa, necessaria e habil na litteratura e n'arte ; não importa absolutamente a absolvição de certo universalismo, certo cosmopolitismo banal e impertinente.

Bem pelo contrario : isto quer dizer que em todo e qualquer assumpto, por mais local que seja, deve-se procurar aquella face geral capaz de interessar ao homem, a todos os homens de qualquer tempo e de qualquer lugar.

Appliquemos a regra á nossa hypothese.

Comprehende-se bem que se o principio da esthetica sertaneja se estendesse, se generalisasse, e avassalasse todos os poetas brasileiros desde 1500 até hoje, não haveria n'este mundo coisa tão insipida quanto a litteratura nacional. Já se vê, pois, que o principio do sertanegismo não comporta a generalisação e muito menos a universalidade.

E se o *sertanegismo*, o *campesinismo* fôr d'aquillo que houver de mais secundario, de mais particular, de menos geral e capaz de interesse, ainda peior será elle. E d'este ultimo possuimos infelizmente muitas amostras em nossa litteratura.

Em que condições então a nossa poesia campesina é acceitavel ?

Só quando é capaz de amoldar-se ao que eu chamei o imperativo categorico da esthetica, só quando é susceptivel de servir de norma, de generalisar-se.

Tem ella este caracteristico quando é manejada pelos poetas de provado talento e apurado gosto artistico.

O poeta, assim armado de genio, toma o motivo popular, a lenda, o conto, a tradição, o costume, extrae de tudo isto a seiva poetica e dá-lhe a forma artistica geral, universal.

Serra escreve correntemente, sem rabiscar, sem preoccu-

pações estylisticas. O verso lhe sae natural e espontaneo; se vem errado, não o corrige, deixa-o ficar assim mesmo. Por este modo se explicam bastantes versos incorrectos em poeta tão correntio e fluente.

No genero, que tenho discutido, o caracteristico do escriptor maranhense está em escolher sempre um facto simples e narral-o tal qual, pelo seu lado mais generico; faz um esboço rapido, claro, de tom realista, n'um desenho firme, porém elementar e sem complicações.

Por isso *O Mestre de Resa*, *Rasto de Sangue*, *Cantiga á Viola*, *O Roceiro de Volta* são modelos da especie. E' indispensavel cital-os para que o meu leitor se convença do que lhe affirmo.

Eis *O Mestre de Resa*:

« Era um velhinho teso
Exquisito no porte e no trajar;
Por isso a villa em peso
Quando o via se punha a cochichar!
Se da lista tirarmos o vigario,
E mais o boticario,
Bem como o juiz de paz,
Era o mestre de resa
O primeiro na villa; com certeza
O homem mais capaz!
Depois d'Ave-Maria
Vem elle cada dia
Co'o meninos da villa,
E alli no largo, atraz da freguezia,
Põe todos n'uma fila:
As perguntas começam e as respostas,
E' um nunca acabar!
Os rapazes em pé e de mãos postas,
Elle em frente do linha a passear!
A resa ou é falada,
Ou em côro cantada, uma balburdia!
Quanta doutrina nova e mascavada!
Quanta oração esturdia!
As beatas morriam de alegria
Co'o dialogo d'Eva e da serpente,

E o psalmo da baleia
E a santa melodia
Dos asnos da Judéa
E magos do Oriente!
Sabe o mestre umas resas milàgrosas
Contra a faca de ponta e mau olhado,
E cobras venenosas,
E o jaguar a rugir esfomeado!...
Se quereis não cahir n'um sumidouro,
Elle tem orações prodigiosas,
Outras que fazem achar grande thesouro
Occulto e enterrado!
Mora n'aquella casa de uma porta,
Ao lado da ribeira ;
Na frente tem uma horta,
No fundo uma ingazeira.
Reside alli o homem milagreiro,
O apostolo da roça ;
E' de velhas devotas um viveiro
A sua pobre choça!
Salve o mestre da resa,
Na villa personagem popular!
Eil-o que passa... vale quanto pesa!...
Deixemol-o passar! » (1)

E' um typo este quasi desapparecido actualmente das povoações do interior.

Eis agora uma scêna do viver das fazendas de criação do norte ; é o *Rasto de Sangue :*

« E' a hora do crepusculo ;
Que viração tão grata!
Geme o riacho quérulo,
Nem um cantor na mata!

Desce a ladeira ingreme
Um touro de repente,
E vai nas frescas aguas
Fartar a sede ardente.

(1) *Quadros*,, pag. 42.

Os juncos tremem, subito
Sôa medonho ronco,
E o jaguar precipite
Pula de traz de um tronco!

Debalde o touro curva-se
Recua, dá um salto...
E' o jaguar mais flacido,
Sabe pular mais alto!

O touro parte celere,
Soltando um grito horrendo!
Sobre elle a fera escancha-se,
Tambem lá vai correndo!

Voam por esses paramos,
O touro em grandes brados,
Saltar querem das orbitas
Seus olhos inflammados!

Espuma, arqueja! a lingua
Da bocca vai pendente!
Garras e dentes crava-lhe
A fera impaciente!

Largo rastilho rubido
Embebe-se na areia,
O sangue jorra calido
Da lacerada veia!

Contrahe-se a forte victima
Luctando com braveza!
Porém o algoz impavido
Lá vai... não deixa a presa!

Correram mais! Que insania!
Que scena pavorosa,
Passada no silencio
Da selva escura, umbrosa!

Emfim n'um precipicio
Os dous vão baquear...
Cahiram lá exanimes
O touro e o jaguar! » (1)

(1) *Quadros*, pag. 45.

Ha n'isto muita côr local.

Apreciem agora a naturalidade d'esta scêna real e vulgarissima na roça :

« Eil-o ahi! E' o Vicente,
E mais o ruço-queimado!
Oh, homem, fala co'a gente!
Venha um abraço apertado...

Que demora! Seis semanas!
Pois patuscas n'essa idade?
Eu aqui a plantar cannas,
Tu folgando na cidade!

Toma a benção do padrinho,
Menino, deixa esse gallo ;
Moleque, sahe do caminho,
Tira a sella do cavallo.

Solta-o depois no terreiro
Fecha a cancella co'a tranca...
Compadre, tome primeiro
Um bocadinho da *branca*.

Se acaso não'stá com sêde
Prove um pouco da coalhada ;
Vamos, deita-te na rêde,
Estás massado da jornada.

Quantos dias de viagem?
Seis dias e meio... — Safa!
Aonde deixaste o pagem?
— Adoeceu com a estafa.

— Ruins caminhos, a ponte
Quebraram... que malvadeza!
O rio de monte a monte
Com medonha correnteza!

— Compadre, foi o diabo,
Não caio n'outra tão cedo ;
De valentão não me gabo,
D'essas cousas tenho medo.

Só por ser negocio urgente
Fui agora, sem vontade...
— Deixa-te d'isso, Vicente,
E os prazeres da cidade?

— Os prazeres! Porventura
Eu acho aquillo bonito?
— O que dizes, creatura?
— O que disse e tenho dito!

— Sou matuto, sertanejo,
Não ha nada como a roça...
Lá na cidade não vejo
Cousa que me faça mossa!

— Pois a côrte não te agrada?
Não falas serio, eu aposto...
Gostas da roça e da estrada?
Vicente, não gostas... — Gosto!

— Trocar tão lindos recreios :
O theatro, a contradansa,
As luminarias, passeios,
As modas vindas de França,

Pela derruba, a capina,
O roçado e a coivara,
Caçadas de sururina,
Esperas de capivara!

E' tremenda exquisitice,
E' uma loucura immensa!
Desculpa se no que disse
Vês um vislumbre de offensa...

— Comtigo não dou cavaco,
Dize tudo, mas escuta,
Mette a viola no sacco,
Depois arenga e disputa :

Na cidade nasce o dia
Saudado por mercadores ;
No campo o sol irradia
Entre gorgeios e flores!

O sabiá que na mata
Canta os hymnos da alvorada,
Eu prefiro á serenata
Lá na cidade tocada.

A caçada na floresta,
Ou a pesca na lagôa,
Anteponho a qualquer festa
D'essas que a côrte apregôa.

Se fores hoje ao theatro
E vires mulheres nuas,
Fazendo o diabo a quatro
Como o garoto das ruas,

Desejarás muitas vezes
Os nossos rudes folguedos,
As festas dos camponezes
A' sombra dos arvoredos!

— Oh, compadre, que loucura!
Isso que diz não tem senso!
Põe a roça n'uma altura!...
— O que digo é o que penso!

— Não penso eu! — Paciencia,
Eu não teimo com teimoso...
— Passa até a indecencia
O parallelo affrontoso!

— O que queres? sou receiro...
— Porém póde ter miolo!...
— E's um bobo!... Capurreiro!
— Que pateta! — Forte tolo!

A conversa dava em briga,
Gritaria e alvoroço...
Mas na porta voz amiga
Murmurou : 'Stá prompto o almoço! » (1)

Joaquim Serra não tocou sómente a viola do setanejo ; manejou tambem a harpa das inspirações sociaes e a lyra das emoções amorosas.

(1) *Quadros*, pag. 53.

N'este genero são bellissimos os versos *A Minha Madona.*

Como jornalista, entretanto, é que este auctor adquiriu mais intensa nomeada.

Suas primeiras armas fêl-as elle no Maranhão desde 1859 e 60 no *Publicador Maranhense*, então sob a direcção de Sotéro dos Reis, como disse.

Serra, como já notei, usava então do pseudonymo de *Pietro de Castellamare*, assignando poesias e folhetins.

Em 1862 com alguns amigos fundou a *Coalisão* que advogava em politica o partido liberal, e conservou-se na redacção até 1865.

Em 1867 fundou o *Semanario Maranhense*, onde collaboraram Gentil, Souza Andrade, Henriques Leal, Cezar Marques, Sotéro dos Reis, Sabbas da Costa e Celso de Magalhães, então apenas estudante de preparatorios (1).

O periodo ligueiro de 62 a 68, o nosso jornalista passou-o em sua provincia, com algumas pequenas estadas no Rio. De então em diante estabeleceu-se definitivamente n'esta capital, onde fez parte das redacções da *Reforma*, do *Diario Official*, da *Folha Nova* e do *Paiz.*

N'estas duas ultimas folhas foi o auctor da interesssante publicação sob o titulo de *Topicos do dia.* Era um artigo diario consagrado ao acontecimento mais saliente da occasião.

Os meritos d'este brasileiro como jornalista são de fundo e de fórma.

O fundo é sempre apreciavel pelo bom senso do auctor, seu liberalismo jámais desmentido, sua habilidade em discernir o lado fraco dos planos e acontecimentos politicos da épocha.

A fórma é agradavel pela sua simplicidade, seu desalinho natural, uma das faces do humorismo e da ironia do maranhense.

Elle espalhou pelos jornaes materia para muitos volumes ; seria util que tivesse feito uma escolha dos seus melhores artigos politicos e litterarios e os publicasse em livro.

(1) Consulte-se o livro de *Ignotus* já citado.

Não o fez, e apenas lhe conheço em prosa o pequeno volume que publicou em 1883 relativo a imprensa do Maranhão.

D'este livrinho recommendo especialmente os capitulos segundo e terceiro sobre a imprensa partidaria e sobre os jornalistas eminentes no Rio e em sua terra natal.

Como documentação do estylo e das ideias do escriptor repito aqui dois pequenos trechos.

Eis o primeiro :

« A existencia da imprensa politica é uma necessidade urgente em todos os centros de grande actividade.

Em regra geral essa imprensa, que se intitula neutra ou imparcial, não cumpre com a fidelidade que fôra para desejar o seu programma de inteira isempção de animo nas luctas que dividem a sociedade. Como que ella se resente d'essa obrigação que tinha o cidadão de Sparta de, por força, manifestar-se em favor de alguma das opiniões que dividiam a republica.

A falta de imprensa politica como que obriga aquella, que se diz incolor, a imiscuir-se nas contendas partidarias e a julgar d'ellas de um modo arbitrario, como quem desconhece as paixões e enthusiasmos que se acham em jogo.

Ainda mesmo não filiada aos partidos que litigam, essa imprensa neutra ou imparcial, em materia de ensino, de religião, de escolas economicas, tem sempre o seu ponto de vista especial, já advogando a não obrigatoriedade do ensino, o proteccionismo industrial, ou o privilegio de certos cultos. D'ahi uma falsa doutrinação dos leitores ; falsa, pelo menos perante a consciencia d'aquelles que desejariam ver semeadas idéas contrarias.

A imprensa politica tem em nosso paiz prestado grandes e importantes beneficios. A ella se deve tudo quanto de bom e salutar ha sido promulgado pelos poderes publicos, porque só ella tem agitado as grandes questões sociaes, que hoje se acham solvidas, ou em via de solução.

O despotismo sempre fugiu d'ella, porque deve-lhe certas derrotas ; entre nós a tyrannia encontrou o seu mais valente inimigo no jornalismo partidario, arma formidavel e invencivel.

Da imprensa politica entre nós se pode dizer o mesmo que das reuniões populares na Inglaterra, disse Gladstone :

« A historia do Reino Unido, nestes ultimos cincoenta annos, mostra como a agitação politica favorece o triumphar das grandes causas, sem nunca cahir na vertigem revolucionaria. »

De facto : nos dias angustiosos que precederam a declaração da independencia, de que importancia não foi, por exemplo, o jornal de Gonçalves Ledo e do frade Sampaio? E, ao lado do *Reverbero*, quanto não cooperou, em bem da mesma ideia, o *Regulador*, orgão dos Andradas?

De que valia não foram, depois da fundação do imperio, os serviços da *Aurora*, da *Sentinella do Serro*, do *Argos*, da *Astréa*, do *Independente*, do *Tamoyo*, do *Observador Constitucional* e de outros esforçados athletas?

E' uma accusação sem procedencia essa que fazem á imprensa politica pelos excessos e, por vezes, intemperança da linguagem usada nas discussões. Sem por fórma alguma querer negar que ha ainda muito a fazer na educação politica dos partidos entre nós, é innegavel que a imprensa partidaria tem os erros, exaggerações e intolerancias do grupo que representa.

Espelho fiel da sociedade e dos interesses que nella se agitam, não é licito exigir da imprensa politica aquillo que ainda falta aos partidos militantes, isto é : escola quanto a doutrinas, e respeito pela opinião que não é a nossa.

Fóra d'ahi, porém, cabe de direito á imprensa politica a maior parte da gloria pelas conquistas da civilisação com que temos assignalado nossa vida publica » (1).

Ainda mais significativo é o trecho seguinte em que elle dá uma rapida ideia de alguns dos mais eminentes jornalistas nossos ; por ahi pode-se apreciar o escriptor no officio de critico litterario. E' isto :

« Sem duvida que é para encher de orgulho a um paiz novo como o nosso o facto de contar, entre os seus jornalistas, homens da força de Evaristo da Veiga, Salles Torres Homem, Justiniano da Rocha e Firmino Silva, sem falar de notabilidades que ainda vivem e que podem emparelhar com as mais illustres.

Evaristo, o patriota ardente e publicista esforçado, elle que, no dizer de um nosso distincto escriptor, era a encarnação de notavel epocha, cujo nome symbolisa a parte mais brilhante da democracia do Brasil; o redactor da *Aurora Fluminense* fazia com os seus escriptos vibrar a alma da patria e constituiu-se uma força decisiva nos dias do primeiro reinado.

(1) *Sessenta annos de jornalismo — A Imprensa no Maranhão* (1820-1880) pag. 75.

A *Aurora* não foi sómente um grande instrumento de combate, foi monumento de sabedoria e de elegancia litteraria.

Salles Torres Homem, esse artista da palavra, cujo estylo brilha e fere como o raio, esse pensador profundo, foi escriptor de tempera forte. Pamphletista como Cormenin, seus artigos, quer nos jornaes litterarios, quer nos jornaes politicos, são productos de grande valor em qualquer tempo e em qualquer paiz.

Justiniano José da Rocha, o discutidor mais eloquente e illustrado que temos tido, de uma fecundidade seductora, espirito de lucidez pasmosa, de verbo crystallino e vibrante ; e Firmino Silva, intelligencia alimentada em solidos estudos, talento brilhante e de grande ductilidade, são nomes que o jornalismo fluminense archiva no livro de ouro de seus brazões e fidalguia.

Não menos illustre que qualquer d'esses, José de Alencar fulgiu na imprensa da capital do imperio como luminoso pharol. Ninguem melhor do que elle tratou com erudição de qualquer assumpto doutrinario, ninguem elevava a mais alto gráo a critica litteraria, e, na polemica incisiva, quer apaixonado ou humoristico, era elle um batalhador enorme, de phrase mascula e scintillante.

E mais Tavares Bastos, pensador eloquente e inspirado, cujo estylo vale o bronze.

Pois bem, lá no extremo norte fulguraram tambem outras estrellas que podem, sem grande desvantagem, competir com estas da constellação jornalistica que fulgio no Rio de Janeiro.

Tanto nos dias difficeis que seguiram a independencia, como durante as despoticas obstinações do primeiro reinado; na época agitadissima da minoridade, como no periodo decorrido depois do — *Quero Já* — que abriu o reinado actual : em todas essas quadras tem o Maranhão possuido jornalistas notaveis e uma imprensa recommendavel pelo patriotismo, saber e bom gosto litterario.

Sem querer formar parallelos e approximações, podemos todavia dizer que, a cada uma dessas grandes individualidades que apontamos, como os primeiros vultos do jornalismo que teve sua séde na côrte, corresponde um nome, uma capacidade, em tudo similhante, na imprensa do Maranhão.

E' assim que, a Evaristo podemos oppor José Candido ou Odorico Mendes ; a Torres Homem e Justiniano da Rocha, João Lisboa ou Sotéro dos Reis » (1).

(1) *Sessenta annos de jornalismo,* pag. 103.

Em résumo, Joaquim Serra foi um meritorio poeta e um assignalado jornalista.

Robusto, alegre e espansivo, seu bom humor habitual, deixando intactas suas primitivás impressões, encantuou-o na região aprazivel do lyrismo patrio e do liberalismo tradicional e preservou-o de innovações perigosas e precipitadas. A invasão das ideias modernas espalhadas pela philosophia do ultimo quartel do seculo XIX fez-se n'elle cautelosa e demoradamente, sem desmoronar de subito e de vez o antigo edificio de suas crenças e intuições.

Bem pelo contrario, apesar de ter bastante lido e se haver illustrado bastante, póde-se em rigor dizer que fundamentalmente o seu espirito conservou a mesma attitude e a mesma frescura primitivas.

Joaquim de Souza Andrade é quasi inteiramente desconhecido, o que facilmente se explica pela indole de seu poetar. E' merecedor, porém, de attenção.

Descubro-lhe alguns signaes caracteristicos ; primeiramente de nossos poetas é, creio, o único a occupar-se de assumpto americano estranho ao Brasil, um assumpto colhido nas republicas hespanhohas (1) ; depois, é um poeta de forte elevação de ideias ; mas de fórma muitas vezes aspera e rude e quasi inintelligivel.

Não é possivel entrar em grandes desenvolvimentos.

O leitor muna-se dos dois volumes de Souza Andrade publicados sob o titulo — *Impressos* — no Maranhão em 1868 ; leia-os a começar pelo principio, *O Guesa Errante*, passando depois ás peças soltas.

Andrade viajou e tomou o grande faro da litteratura do seculo no estrangeiro ; mas não assimilou uma tendencia qualquer definitiva. D'ahi certa indecisão em seus ideiaes e certas vacillações em suas poesias.

Não possuia tambem a destreza e a habilidade da fórma ; de longe em longe ou ás vezes de perto em perto apparece

(1) Nos meus *Ultimos Harpejos* fiz o mesmo no *Poema das Americas*.

algum verso, alguma estrophe excellente, ou até admiravel, e depois succedem-se pedaços e pedaços muito menos felizes.

Uma cousa, porém, é preciso que se diga : o poeta sae quasi inteiramente fóra da toada commum da poetisação do seu meio ; suas ideias e linguagem têm outra estructura.

E' pena que a fórma não obedeça a uma igual differençiação; porque, se tal acontecesse, Andrade seria um poeta de primeira ordem.

A funcção da critica é em tal caso simplesmente mostrar, apontar o caminho.

O poeta, com suas audacias, suas bellezas, suas obscuridades, suas asperezas, acha-se todo no singular poema — *O Guesa Errante*. Na *ouverture* que cito apreciem o estylo e as intuições d'este maranhense :

Folga, imaginação divina! Os Andes
Vulcánicos elevam os cumes calvos,
Circumdados de gelos, mudos, alvos,
Nuvens fluctuando — que espectac'los grandes!

Lá onde o pónto do condor negreja,
Scintillando no espaço como brilhos
D'olhos, e cae a prumo sobre os filhos
Do lhama descuidado ; onde lampeja

Rugindo a tempestade ; onde, deserto
O azul sertão, formoso e deslumbrante,
Arde do sol o incendio, delirante
No seio a palpitar do céu aberto,

Coração vivo! — Nos jardins da America
Infante adoração dobrou sua crença
Ante o bello signal, que a nuvem iberica
Em sua noite envolveu ruidosa e densa.

Candidos Incas! Quando já campeiam
Os heroes vencedores do innocente
Indio nú, quando os templos incendeiam,
Já sem virgens, sem oiro reluzente,

Sem as sombras dos reis filhos de Manco,
Vio-se... (que tinham feito? e pouco havia

A fazer-se...) n'um leito puro e branco
A corrupção que os braços estendia!

E da existencia meiga, afortunada,
O roseo fio nesse albor ameno
Foi destruido. Como ensanguentada
A terra fez sorrir o céo sereno!

Foi tal a maldição dos que caidos
Morderam a face dessa mãi querida
A contrair-se aos beijos denegridos,
Que o desespero imprime ao fim da vida ,

Que resentio-se, verdejante e válido,
O floripondio em flôr ; e quando o vento
Mugindo estorce-o, doloroso e pallido,
Gemidos se ouvem no amplo firmamento!

E o sol que resplandece na montanha
As noivas não encontra, não se abraçam
No puro amor ; e os fanfarrões d'Hespanha,
Em sangue edeneo os pés lavando, passam.

Caiu a noite da nação formosa ;
Cervaes romperam por nevado armento,
Quando com a ave a côrte deliciosa
Festejava o purpureo nascimento.

Assim volvia o olhar o Guesa Errante
As meneiadas cimas, como altares
Do genio patrio, que a ficar distante
Vôa a alma beijar além dos ares.

E enfraquecido o coração, perdôa
Pungentes males que lhe deram os seus,
Talvez feridas settas abençôa
Na hora saudosa, murmurando adeus.

Porém não se interrompa esta paisagem
Do sol no espaço! mysteriosa a calma
No horizonte, na luz bella miragem
Errando, sonhos de doirada palma.

Folga, imaginação divina! Sobre
As ondas do Pacifico azulado
O phantasma da Serra projectando
Aspero o cinto de nevoeiros cobre :

D'onde as torrentes espumando saltam
E o lago anila seus lençóes d'espelho,
E as columnas dos picos d'um vermelho
Clarão ao longe as solidões esmaltam.

A forma os Andes tomam solitaria
Da eternidade feita vendaval
E compellindo os mares, procellaria,
Condensa e negra, indomita, infernal!

(Ao que sobe do oceano, avista a curva
Perdendo-se do ether no infilnito,
Treme-lhe o coração ; a mente turva
S'inclina e beija a terra — Deus bemdito!)

Ou a da noite austral, co'a flôr do prado
Communicando o astro ; ou a do bronco
E convulsivo se annellar d'um tronco
De constrictor o páramo abrazado » (1).

Uma leitura cuidadosa das producções de Souza Andrade irá descobrir n'elle bôas ideias e grandes bellezas obscurecidas por descuidos e defeitos.

Ha muita cousa no pessimismo, no satanismo hodierno que tem ali suas predecessoras.

Leia-se, por exemplo, *Vascas do Justo*, e, como esta, outras composições do auctor.

JUVENAL GALENO é escriptor de quem direi pouco ; elle já está implicitamente julgado nas paginas precedentes d'este capitulo ; já lhe fiz muitas referencias.

Tem passado pela mais completa incarnação da intuição

(1) *Impressos*, pag. 7. Ultimamente appareceu, em edição especial, completo *O Guesa Errante*. Convem ser lido por inteiro.

popular em nossa litteratura; ha n'este ponto razões pró e razões contra.

Contra póde-se dizer que não foi elle o primeiro a inspirar-se no viver de nosso povo, nem foi o que o fez com mais talento e mais arte.

A favor póde-se asseverar que nenhum de nossos escriptores como elle se interessou tanto e tão constantemente com as nossas classes populares, ninguem as acompanhou tão amoravelmente, tão apaixonadamente. Este livro é um livro de consciencia, de amor e de verdade, em que pretendo dar do melhor de meu espirito em favor de minha patria.

Por isso faço plena justiça a todos os que entre nós supportaram o pesadissimo encargo das letras.

Juvenal Galeno é, por esta face, um benemerito; foi um activo e um trabalhador. Seu maior defeito foi faltar-lhe a cultura precisa para entrar plenamente nos dominios litterarios e artisticos.

Esta falta inicial, apesar de todo o seu bom senso e de toda a sua intelligencia, conservou-o sempre em uma posição inferior.

Já disse anteriormente que o poetar de Galeno é quasi todo n'um genero, pelo menos, incompleto e desageitado; porque nem é a ideialisação artistica do viver popular, nem é a colheita directa de seu *cancioneiro.*

Este ponto, deixei-o bem assignalado n'este capitulo por diversas vezes.

Pouco ha a juntar agora, bastando-me ponderar que não se deve por isto desprezar a obra litteraria do escriptor sertanejo.

Apezar do defeito apontado, ha muito que apreciar e louvar nos livros d'este cearense.

O conhecimento pratico dos costumes populares, o amor ás classes proletarias, o liberalismo, o devotamento ao progresso, a sympathia profunda por tudo quanto é nacional, são qualidades inilludiveis n'este sympathico auctor nortista.

Quem d'isto duvidar leia nas *Lendas e Canções Populares* o prologo sob o titulo *historia d'este livro*, e leia-o com attenção.

Ahi diz o poeta, terminando :

« Sei que mal recebido serei nos salões aristocraticos, e entre alguns criticos que, estudando nos livros do estrangeiro o nosso povo, desconhecem-no a ponto de escreverem que o Brasil não tem poesia popular! Esquecidos de que a poesia nasceu com o homem e só com o homem morrerá ; de que não ha povo que não tenha a sua lenda, a sua canção, a sua poesia, bella, original, toda filha de sua alma, e que não exprima a sua saudade, o seu amor, a sua magoa ; de que no estado selvagem o Brasil teve essa poesia no canto das tribus, que commemoravam seus feitos guerreiros e as aventuras de seu viver errante, entoando, aos sons da *inúbia*, do *torem*, do *murmuré* ou do *maracá*, a canção intima, a tradicional, a da guerra, e a de seus costumes ; de que nos tempos coloniaes o povo cantava a oppressão que soffria, as suas aspirações á liberdade, o captiveiro de seus filhos, a devastação de suas florestas ; de que na independencia o brasileiro cantou as peripecias da luta, a victoria, os heróes, os hymnos do livre; de que hoje, illaqueado por sua boa fé, lendo na lei — liberdade, e nos factos — despotismo, canta não só os seus amores e as lendas do passado, como tambem os seus pezares de cidadão! E de que o povo sabe cantar, como sabe chorar, gemer e suspirar, nasceu cantando, como os passarinhos, como tudo que tem voz, porque o bom Deus assim o quiz, assim o fadou poeta! » (1)

O poeta admirava-se de que em 1865 houvesse quem contestasse no Brasil a existencia da poesia popular !

Era em 1865 na phase dos *romanticos ignorantes e atrazados*...

Mais espantado ficaria elle, se lhe dissessem que hoje, quarenta annos depois, ainda temos aqui admiradores, tão enthusiastàs de todos quantos são desaffeiçoados ao Brasil, que levam a mal qualquér defesa justa, qualquer elogio fundado que se faça ao que é nosso.

Galeno tem uma ou outra poesia em que é mais artista ; o *Velho Jangadeiro*, a *Jangada* e outras mais são d'esta especie.

(1) *Lendas e Canções Populares*, Ceará, 1865 pag 18.

Como exemplificação do seu estylo no que tem de mais geral, cito aqui o — *Meu Roçado :*

« Que bello está! Feito em regra,
Bem limpinho, bem plantado,
Algum milho e feijão verde
Vai-me dando o meu roçado ;
Já tirou-me dos apertos
De quem trabalha alugado.

Outro sou com meu roçado...
Ventura!
Fugiu-me a fome de casa,
Agora vejo a fartura!

Bem a Joanna me dizia
Nas horas de privação :
— « Homem, faze um roçadinho,
« Planta arroz, planta feijão,
« Que esta vida de alugado
« Ao pobre não serve não!

Duzentos passos de terra
Arrendei para o roçado,
E empurrei no matto a foice,
E depois de broqueado,
Fui á derruba e pical-o
Espanando o meu machado!

Secco o matto, fiz a cama
E acabando de asseiral-o,
Puz-lhe fogo... que buraco!
Não custou encoivaral-o!
Fazia Joanna as coivaras,
E eu tratava de cercal-o.

Vindo que fosse o inverno,
Plantal-o fomos um dia,
As covas eu preparava,
O resto Joanna fazia,
Punha a semente, e de terra
Com seu pé a cova enchia.

Bom inverno! Em pouco tempo
Meu legume vi nascer!
Chamei Joanna para vel-o...
Tudo então era prazer!
Que alegria sente a gente
Vendo o que planta crescer!

Bom inverno! Após a limpa
Todo o milho apendoou ;
A mandioca escurece...
O meu arroz cacheou ;
Girimum e feijão verde
Logo em casa se provou!

Agora nosso alimento
Tiramos lá do roçado,
Comemos tão satisfeitos
Do que foi por nós plantado...
Mesmo lembrando as fadigas,
Que nos custou o bocado!

Se é preciso a minha Joanna
De milho faz um angú;
Com dois páos de mandioca
No caco faz um beijú ;
Se mais quer... traz do roçado
De macachêra um urú.

Sempre aqui a meza posta,
Em breve, em breve o dinheiro!
Qu'importa pesada renda,
Que m'importa o dizimeiro?
Inda assim! Hei de ter milho
Para mais d'um estaleiro!

Mais doce me corre a vida
Por causa do meu roçado ;
Ai, Joanna, bem me dizias,
Que um taco de chão plantado,
E' melhor do que a penuria,
De quem trabalha alugado! » (1)

(1) *Lendas e Canções Populares*, pag. 101.

Galeno possúe em verso *Lendas e Canções Populares*, *Lyra Cearense* e *Canções da Escola* e em prosa *Scênas Populares*. São obras que devem ser lidas, por darem uma ideia de nossas populações centraes.

CAPITULO V

Poesia. — Quinta phase do romantismo.

Já foram percorridas quatro phases diversas do romantismo brasileiro : o *emanuelismo* de Magalhães e seu grupo, o *indianismo* de Gonçalves Dias, o *subjectivismo* de Alvares de Azevedo e sua pleiada, o *sertanegismo* dos poetas do norte. Falta agora atravessar os dois ultimos estadios da romantica entre nós : o *lyrismo especifico* de Pedro Luiz e Fagundes Varella, e o *condoreirismo* de Tobias Barretto, Castro Alves e seus mais proximos seguidores.

Isto feito, estará encerrada a historia da poesia romantica e aberto o espaço para a historia d'aquellas doutrinas e theorias que tem disputado a herança e substituição do velho e glorioso systema.

Antes, porém, de encetar a narrativa dos feitos de Pedro Luiz e Fagundes Varella, é de necessidade instante aqui depôr algumas vistas theoricas. São necessarias para a elucidação dos typos litterarios.

A popularidade immensa, e, em mais de um ponto, perfeitamente exaggerada dos livros de critica artistica e litteraria de Hippolyto Taine, trouxe a crença geralmente admittida da

capacidade magica de tres palavras para a explicação completa dos phenomenos litterarios e congeneres.

Meio, *raça* e *momento* são a trindade portentosa do criticar contemporaneo; servem para solver todas as difficuldades.

Onde encontram um facto qualquer fóra do commum recorrem muitos ao *meio*, e o façanhudo factor apparece e arreda os embaraços.

Outros deixam de lado o *meio* e agarram a muleta do *momento;* alguns, finalmente, calçam as botas da *raça.*

Não quero, nem posso contestar a influencia de qualquer d'estes factores no desenvolvimento e na formação dos productos litterarios. Bem pelo contrario, muitas vezes tenho recorrido tambem a elles e ainda agora vou de novo recorrer.

Mas sustento que, só por si, elles são incapazes de revelar, de esclarecer o problema, todo o segredo dos genios e dos grandes talentos das lettras.

Para tornal-o bem claro, não tenho necessidade de empregar grande esforço e pesquizar grandes recursos. E' bastante olhar para uma phase qualquer de uma litteratura notavel.

Seja a Inglaterra, ou seja a Allemanha; ou seja a França em alguma hora decisiva do XIX seculo.

Tome-se o primeiro d'estes paizes nas tres iniciaes decadas do seculo.

O momento, o meio, e a raça são os mesmos ; como explicar só por elles Byron, Wordsworth, Shelley, Keats, tão diversos entre si ?

Repare-se que não falo no escossez Walter-Scott, nem no irlandez Thomaz Moore.

Como explicar no romantismo de 1830 em França Lamartine, Hugo, Musset, Balzac, Vigny, tão dissimilhantes ? A raça, o meio e o momento foram os mesmos.

E' que n'estas inquirições tomam-se sempre esses elementos como tudo, n'elles encerra-se a totalidade dos agentes e reagentes e esquece-se um factor primordial, um *nucleo* indispensavel, uma força viva, um centro de energia, a ***individualidade.***

Além da raça, que é geral para um povo, para uma nação dada, além do meio, que tambem é geral pelo menos para uma grande fracção d'esse povo, além do momento que tambem é geral ao menos para cada geração d'esse mesmo povo, é preciso que o critico assignale e dê conta de alguma cousa de inicial, de primitivo, de fundamental, a *individualidade*, que em cada homem é uma resultante obscura de toda a evolução cosmica e humana, a résultante de um passado indeterminado pela complexidade inexplicavel de sua indefinita duração.

Quero com isto apenas deixar assentado que os factores de Taine não explicam tudo, que elles são muito bons apenas como agentes modificadores de um elemento importantissimo, a individualidade, considerada esta como um centro, uma somma de energias, um nucleo de força e acção.

Assim considerada, ella escapa ao influxo da critica, é uma especie de présupposto, de *substratum* irreductivel.

Só os tres factores de Taine é que podem ser submettidos ao exame da historia.

Isto posto, qual d'elles tem mais contribuido para a formação, a especialisação, a differenciação do caracter brasileiro ?

A *raça*, tenho sempre eu supposto ; o *meio*, tem sempre respondido um intelligente e destro critico brasileiro Araripe Junior.

Convem examinar isto.

« A questão da historia da litteratura nacional, diz elle, mais do que outra, entendo só póde ser resolvida pela concentração das nossas vistas sobre o *meio physico*. E' o unico factor estavel de nossa historia, o unico que se consegue acompanhar, sem soluções de continuidade. »

Sinto estar em desaccôrdo com o illustre critico. O *meio physico*, que tambem foi contemplado n'este livro em capitulo especial, é para mim um agente de differenciação, e, por isso mesmo, não é o elemento estavel e resistente.

A' unidade nacional é garantida, a meu vêr, pelos agentes moraes e pela energia ethnica.

Foram as qualidades moraes e intellectuaes do colonisa-

dor, ajudado pelas raças a que se alliou, sua cultura, suas lettras, religião, legislação, costumes, industrias, etc., que mantiveram o desevolvimento unitario do Brasil.

Nosso problema historico se me afigura ser este : indicar a formação do povo brasileiro, como um producto sociologico especial, distincto do portuguez.

Para isto deve-se considerar, com os factos, o colonisador europeu como o elemento principal de nossa formação, e em seguida mostrar os elementos que se lhe juntaram, que o alteraram até certo ponto, produzindo o brasileiro.

E' claro que se o portuguez não soffresse aqui influencia nenhuma estranha, o Brasil seria a reproducção de Portugal.

O brasileiro mostra-se, porém, differenciado do portuguez. Qual a razão ? Por effeitos do *meio physico* principalmente, diz o Dr. Araripe. Por effeito principalmente das *raças com que elle tem crúzado*, digo eu, e parece-me que mais acertadamente.

O meio exerceu e vai exercendo, não resta duvida, entre nós, grande acção ; mas, sendo elle um agente primordial para a formação primitiva das raças e para a explicação das civilisações autochtones, nas civilisações transplantadas, sobre povos que immigraram já de posse de suas qualidades historicas, o meio physico, sendo um factor ainda muito importante, não é, comtudo, o principal.

Existem d'isto provas por toda a parte.

Que é que mantem a diversidade entre os povos que na Europa occupam a mesma zona e o mesmo clima ha muitos seculos ? Será o meio identico entre muitos d'elles ? Evidentemente são as suas qualidades ethnicas e suas tradições historicas.

Que é que estabelece a distancia na America entre as nações que experimentam quasi o mesmo clima ? São ainda as diversidades de raça e de tendencias moraes e intellectuaes.

Os *meios* eram tudo para a humanidade primitiva e préhistorica.

Uma vez estabelecidas as raças historicas, uma vez entrados, como estam, nos tempos actuaes, os povos não são mais um joguete dos climas.

Ha uma muralha que representa muitos millenios de luta em que a humanidade adquiriu todas as qualidades, que hoje a distinguem. Os climas passaram para o segundo plano e os agentes ethnicos, physiologicos e moraes, tomaram-lhes a dianteira.

Em nossa historia o factor permanente, nos quatro seculos já percorridos, tem sido o *portuguez*. Em sua passagem para o *brasileiro*, é ainda a um elemento ethnologico, é á *mestiçagem*, que se deve pedir a explicação do phenomeno. O clima fica em segundo plano.

O clima, tomando-o na accepção mais geral, insisto em dizer, foi um agente valentissimo na formação das raças e das civilisações autochtones.

Nas épochas propriamente historicas sua acção tem continuado; mas já não é apreciavel, ou, pelo menos, não o é tanto quanto o phenomeno dos mestiçamentos dos povos.

Durante muitos millenios pôde elle formar as raças préhistoricas e esboçar os povos actuaes. Mas a sua acção é tão lenta, que não se deixa notar nitidamente nas civilisações modernas.

Duvido que haja um anthropologista capaz de determinar com segurança quaes as transformções experimentadas nos ultimos dois mil annos, pelas populações da Europa, transformações produzidas só pelo clima.

Quaes as modificações operadas pelo meio nos povos indogermanicos, immigrados para o occidente? A historia não sabe responder.

Tão longe quanto é possivel subir na corrente dos tempos, logo que os hellenos, os latinos, os celtas, os germanos, etc., apparecem na historia, já se nos antolham com seus caracteres distinctivos. O mesmo póde-se dizer das velhas raças semiticas e das suppostas turanas.

O mais assombroso exemplo da influencia do clima que se conhece, é a exercida sobre os aryanos da India. Comparados aos da Europa, nota-se-lhes uma enorme distancia. Mas, quantos milhares de annos não trouxeram o estupendo resultado? E este mesmo por sua lentidão é hoje apontado

post factum e não foi cousa assignalavel, dia a dia, pelos historiadores.

Ha quatrocentos annos é o portuguez transformado aqui pelo clima... Até que ponto tem chegado esta modificação? Não creio, que haja quem possa responder. Só d'aqui a tres mil annos será talvez possivel ao futuro historiador dizer qual a deformação produzida nos aryanos pelo clima d'este paiz.

Mas então provavelmente esta terra terá passado por uma duzia de mutações historicas, como a Grecia, como a Italia, como a Gallia, como a Hespanha, como a Bretanha. Ella provavelmente não será mais o Brasil, quero dizer, não será a terra da actual nação *brasileira*...

O povo actual se obliterará provavelmente nas raças absorventes do norte, nos anglo-saxonios e germanicos, por exemplo.

Na lucta pela posse da terra não sei os povos que nos obstinamos a chamar latinos estarão livres de outras invasões, á guisa das operadas no começo da idade média. Parece-me que não.

Haverá talvez só uma differença : é que a invasão moderna vai-se fazendo lentamente pela colonisação.

Nao sei o que será dos povos fracos da America do Sul, quando os Estados-Unidos e a Allemanha tiverem noventa ou cem milhões de habitantes e sentirem necessidade de despejar gente para as zonas meridionaes.

Oxalá que, n'esse tempo tenhamos um povo feito e resistente, capaz de absorver aquellas sobras, sem perder a sua individualidade.

Em todo caso, o que a historia então ha de consignar com segurança é aquillo que hoje em dia já ella determina, isto é, as mutações e mesclas das raças. A acção do clima não poderá ser seguida passo a passo.

Em nossa historia de quatro seculos não sei que differenças tenha o meio produzido no caboclo, no negro e mesmo no portuguez. O que noto a olhos nús é o *mestiço.*

Este é o brasileiro por excellencia, é o agente em torno do qual faço mover a nossa historia litteraria e politica. E n'elle

evidentemente influe muito mais o contacto das raças do que a acção do clima.

Esta é longinqua, apreciavel a largos espaços e de difficultosa determinação, até no proprio futuro.

Supponhamos que, d'aqui a mais quatrocentos annos, as tres raças primordiaes de nossa população tenham-se entralaçado completamente; que não haja mais caboclos puros, nem negros puros; que uma sabiamente dirigida corrente de immigração branca nos tenha vindo ajudar n'esta obra da obliteração das côres escuras; que o typo brasileiro seja então bem carecterisado; qual será ahi a obra da selecção *ethnica* e qual a da selecção do *meio ?*

Por certo a primeira será mais profunda.

Ha além de tudo, uma razão peculiar ao Brasil e é esta: o clima aqui nada tem mais a mudar no indio e no negro, que já são obras da zona tropical, nada quasi terá mais a fazer com o *mestiço*, o genuino *brasileiro*, que recebe dos dois povos tropicaes os elementos de resistencia.

Determinada assim a influencia do factor ethnologico, resta marcar, na obra da selecção ethnica, o mestiçamento, quem mais tem contribuido, se o indio, ou se o negro. O Dr. Araripe ainda aqui se mostra em desaccordo, dando a preferencia ao caboclo.

No livro sobre seu parente, José de Alencar, referindo-se ao incontestavel predominio dos mestiços de negro e branco entre nós, doutrina evidentissima, por mim sustentada, veio elle com umas reducções, não de todo firmadas nos factos.

Devo cital-o para ser claro: « Com igual precipitação em um recente trabalho, aliás notabilissimo, sobre a *Poesia Popular no Brasil*, foi elle levado a dar ao elemento africano. maior preponderancia no nosso desenvolvimento *esthetico.*

Digo precipitação, porque o critico não teve tempo de lembrar-se que, para decidir esta questão, seria necessario dividir primeiro o Brasil em zonas.

No Pará, Amazonas, Ceará e Rio Grande do Norte, por exemplo, o elemento negro é quasi nullo; tudo cabe ao indigena; as influencias d'aquella raça apenas chegaram alli por contra-golpe.

No Rio de Janeiro, Bahia e Minas, é onde póde ter lugar a applicação do negrismo em toda a sua plenitude. »

Não se trata de *applicação de negrismo ;* trata-se de determinar a formação dos brasileiros como um povo á parte, distincto do portuguez, e, para isto, buscam-se os factores da operação.

O portuguez entrou em uma evolução de differenciação de seu typo originario pela acção do meio physico, do negro, do indio e das correntes estrangeiras. E' o phenomeno complexo que se quer determinar e não sómente a *esthetica* do brasileiro, ou a applicação do *negrismo*... expressão injuriosa e de mao gosto.

Pondo em balanço a influencia do *negro* e a do *indio*, sou levado, pelos factos, a dar a preponderancia áquelle contra este.

No Brasil só as extremas terras das fronteiras é que abrem uma excepção positiva. São as provincias pouco povoadas do alto norte e do oeste, onde o indio campêa ainda inutil e donde será expellido, logo que o branco e o negro alli penetrarem amplamente. E' o caso do Amazonas, Matto-Grosso, e, até certo ponto, de Paraná, Goyaz e Pará. Do Rio Grande do Sul o indio tem desapparecido, mas alli o branco predomina. A mestiçagem com a negro não é muito abundante e com o indio ainda menos.

Todo o resto do Brasil entra na formula que tracei : Maranhão, Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Bahia, Espirito-Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas Geraes, Santa Catharina e o proprio Ceará e Piauhy.

Ainda mais : a influencia ethnographica da mestiçagem do negro com o branco tende a ganhar terreno nas provincias em que o caboclo ainda vive mais ou menos desassombrado. A colonisação do Brasil vai de léste para o poente e a vez de renderem-se os ultimos reductos do caboclo ha de chegar. Não ha precipitação de minha parte ; ha apenas a consignação de factos positivos.

Onde é, entre nós, maior a população, maior é a *mestiçagem* de origem africana e portugueza. Bem se vê que o alto norte e o longiquo oeste ficam fóra da fórmula.

O facto do predominio no Brasil povoado da população oriunda do mestiçamento das raças branca e negra tem sido contestada acremente e é, pois, necessario insistir para estabelecer a verdade.

O Dr. Araripe Junior tem n'este ponto sido um constante adversario, cujos argumentos merecem serio e detido exame.

Minha affirmação foi sempre esta : no Brasil a maior parte da população é de mestiços; entre estes, no corpo colonisado de nosso solo, predomina a mestiçagem *africo-lusitana*, e são uma excepção apenas as regiões do alto norte e do extremo occidente, onde o *caboclo puro* é ainda mais ou menos abundante e donde será expellido quando o branco e seu auxiliar negro alli penetrarem amplamente.

Nas regiões povoadas, proximas das zonas extremas do norte e oeste, o mestiçamento do branco e indio é talvez igual ou um pouco superior ao do branco e negro. Mas isto é a excepção ; o resto do paiz entra plenamente na minha formula.

O phenomeno que hoje se passa diante de nossos olhos, depois de quatrocentos annos da descorberta, é eloquentissimo. O indio desappareceu de toda a região verdadeiramente povoada do Brasil ante a concurrencia do branco e do negro. Morreu, sumiu-se, em parte obliterou-se nos cruzamentos.

Sob este ponto de vista, o Brasil póde ser dividido em tres secções :

a) Estados donde o selvagem puro desappareceu já totalmente, deixando apenas alguns descendentes no mestiçamento geral ;

b) Estados onde elle existe puro em pequenas levas acantoado em regiões desertas e tem alguns representantes no mestiçamento ;

c) Estados onde existe puro em numero pouco consideravel internado em desconhecidos recessos, e em numero mais consideravel desfigurado nos cruzamentos.

No primeiro caso estão as provincias do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará.

Na segunda hypothese estão Santa Catharina, Paraná, S. Paulo, Minas, Bahia, Espirito Santo, Piauhy e Maranhão.

Na terceira acham-se Pará, Amazonas, Matto Grosso e Goyaz. Eis ahi os vinte Estados da Republica.

A formula é, pois, applicavel a todo o paiz ; menos ás fronteiras do norte e do oeste, que, mais tempo menos tempo, acabarão por entrar na regra geral.

O Dr. Araripe Junior objectou com relação ao Ceará e ao Rio Grande do Norte. Não conheço praticamente estas regiões ; mas appello de seu testemunho para a auctoridade de dous homens insuspeitos : o Dr. Amaro Bezerra e o Conselheiro Tristão Araripe.

O primeiro, a quem propuz a questão, afiançou-me ter percorrido por vezes todo Rio Grande do Norte e que alli, incontestavelmente, predomina a mestiçagem africana.

O outro, pai do Dr. Araripe Junior, em sua *Historia do Ceará*, assim se expressa : « O que em toda a America succede, acontece tambem no Ceará. A população indigena é *hoje insignificantissima na provincia e tem quasi desapparecido.* » (Pag. 19) (1).

Ha na obra do conselheiro Tristão de Araripe muitas passagens como esta. Tratando dos cruzamentos dos selvagens, mostra que foram pouco abundantes com o branco e mais constantes com os proprios *negros* para os quaes os indios tinham predilecção.

Eis o trecho : « Nunca puderam os directores conseguir a realisação de casamentos entre a raça *branca e a indigena ;* mui raro foi o consorcio que entre ambas se deu e se dá hoje ; todavia, entre os indios e as *castas mestiças*, foram e são frequentes as uniões conjugaes, pela decidida inclinação que têm os indios aos *mulatos, pardos e negros* » (pag. 31).

Deduzo destas citações que o indio puro tem desapparecido da provincia e que na mestiçagem em que delio-se, foi com o concurso do negro, e, portanto, este leva-lhe vantagem, porque ainda ali existe puro aos milhares, ou desfigurado nos cruzamentos com o branco e com o proprio caboclo.

(1) Isto dizia o Conselheiro Tristão de Alencar Araripe ha mais de 40 annos.

Os Estados do Rio Grande do Norte e Ceará não podem ficar fóra da formula que tracei e ser-me-hia facil demonstrar o mesmo para todo o resto do Brasil colonisado.

O Dr. Araripe Junior appellou para a *Exposição Anthropologica Brasileira* havida não ha muitos annos no Rio de Janeiro.

Ora bem, a exposição foi incompleta e inexacta no titulo; seria quando muito uma *Exposição Anthropologica Indiana.*

Uma exposição anthropologica *brasileira* deveria ter, pelo menos, quatro secções : a secção *portugueza*, a *africana*, a *tupi*, e a restante — a *mestiça*.

Na primeira deveria estar exhibido o homem da peninsula iberica em todas as suas manifestações historicas e préhistoricas; na segunda o homem africano e suas industrias; na terceira o homem americano e na ultima o brasileiro actual. Nada d'isto viu-se ali onde apenas estavam agglomerados alguns objectos referentes ao *homo americanus*.

Aquelle fragmento de exposição teve um valor relativo; mas não prova o que o Dr. Araripe pretende. Pelo contrario prova o que tenho affirmado. Quem lá esteve no dia da abertura e nos subsequentes poude ver o seguinte :

Dentro do edifico e nas ruas adjacentes agitavam-se os visitantes, isto é, os brancos, os negros e os mestiços destes em todas as suas gradações... e os *reis da terra*, os caboclos, onde se achavam ? Não foram vistos senão representados em telas ou em barro...

Para cumulo da irrisão foram mandados vir do Rio Doce meia duzia de indios aldeados, meia duzia de antigos *monarchas das selvas*, que se deixaram ficar lá para o *Corpo de Bombeiros*, como um objecto de curiosidade, á guiza de animaes raros, expostos ás vistas de um publico enfastiado... E é este o predominio do caboclo ? Não póde haver maior cegueira.

O indio brasileiro está condemnado á sorte dos povos da Polynesia. Ali não só o homem desappareceu ante o concurso europeu, como ainda desappareceram algumas especies animaes e até vegetaes com a introducção das especies estrangeiras. E' facto provado por centenas de viajantes e que M. de

Quatrefages pôz a limpo na *Revista Scientifica de Pariz*, de 9 de junho de 1877.

O indio não é ainda plenamente entre nós um objecto de sciencia ; é antes, e acima de tudo, um assumpto de poesia. Excepção feita dos trabalhos linguisticos de Baptista Caetano, alguns estudos de Couto de Magalhães e Carlos Hartt, sob o ponto de vista ethnographico, tudo o mais que no Brasil se tem escripto á conta do selvagem, é sem merito absolutamente (1).

E se a questão é de amor para com as raças que constituiram o nosso povo, porque motivo não se estuda o negro, como se estuda o indio ? Porque motivo em nosso *Museu* não ha uma secção africana? Porque não se investigam as linguas dos negros, sua poesia, seus contos anonymos, seus usos e costumes, suas danças e festas, suas idéas religiosas, etc. ?

E' que para esta enormissima injustiça contribue com toda a sua força a massa immensa do prejuizo nacional... Ninguem tem a coragem de estudar o negro para não passar por *eivado de casta*... Esta é a questão e, muitas vezes, o maior defensor do indio contra o negro é o *pardo* evidente e carregado!

E' ainda um residuo do romantismo. O Dr. Araripe, folgo em reconhecel-o, não participa grandemente da mania indiana.

Hoje defende o caboclismo mais por uma tradição da escola a que pertencêra em sua puericia litteraria do que por uma preoccupação systematica.

A verdade é, em geral, que se deseja fazer do estudo do selvagem uma especialidade. O intento póde ser em certo sentido louvavel, mas tem sido improficuo.

Não possuimos ainda a calma necessaria, nem os methodos precisos para abordar o estudo das raças selvagens objectivamente, como um problema puramente anthropologico ou historico. Sonhamos ainda e sempre um Brasil tapuio.

Se na propria Europa e nos Estados-Unidos os grandes estudos *americanistas* são ainda muito incertos ; se os immen-

(1) Cumpre abrir excepção tambem em prol de alguns estudos de Capistrano de Abreu e algumas paginas de Barbosa Rodrigues.

sos trabalhos sobre as civilisações do Mexico, Guatemala e Perú são na maxima parte fluctuantes, como se deprehende de todos os congressos europeus, o que não se dará com o Brasil, sem especialistas, sem escolas adequadas ?

Dá-se o que se tem visto : hypotheses phantasmagoricas e absurdas, phrases, phrases e mais phrases...

Ainda não ha muito a *Exposição* o demonstrou. O especimem préhistorico velho de muitos millenios, pertencente, por certo, a uma raça differente do indio do tempo da descoberta, achava-se mesclado aos especimens dos tempos coloniaes e até aos pertencentes ás populações mestiçadas da actualidade !

Apezar da bôa vontade do pessoal do *Museu*, d'alli não surgiu uma destas obras imponentes e decisivas que podesse elucidar de uma vez os problemas e trevas que cercam as nossas raças selvagens. Não critico ; assignalo apenas um facto.

Como quer que seja, porém, e a despeito das difficuldades, os estudos americanos, apezar de imperfeitissimos, acham-se iniciados entre nós, protegidos pelo romantismo e em grande parte pela fatuidade nacional, que ainda adormece no ledo sonho de julgar-se *indigena*...

E' a velha mania da *nobreza tupinambá* de que muitos brasileiros são ainda em extremo affectados.

No tempo da Independencia a molestia chegou a seu auge, e até *mulatos*, como o finado Francisco Gomes Brandão, tomaram nomes indigenas. Elle chamou-se *Acayaba de Montezuma.*

Um disparate, como outro qualquer.

Louvo os estudos americanos ; mas como *estudos*, não como pasto a velleidades ethnicas.

Deveriamos tambem iniciar os estudos *africanos*. O negro, espalhado pela Africa e America, é uma raça que offerece interessantissimos problemas.

Muitos sabios europeus, seguindo o exemplo de Bleek, atiram-se a estas pesquizas. Façamos o mesmo. O negro e seu parente mestiço tocam o nosso povo bem de perto. Não sejamos presumpçosos, nem tenhamos medo de dizer a verdade.

O predominio apparente do indianismo na civilisação bra-

sileira é um velho prejuizo, difficil de extirpar. Causas numerosas e especiaes contribuiram para arraigal-o, e hoje ainda elle está de pé.

Estriba-se falsamente em razões litterarias, historicas, geographicas e sociaes. Na litteratura apparece como um protesto contra os invasores; vê-se no indio a encarnação do genio do Brasil e o *nativismo* traduz-se no *caboclismo*.

Na historia appella-se para o numero avultado das tribus primitivas, e recorre-se á grande porção de aldeiamentos dos selvagens catechisados na zona colonisada. E' embalde que se demonstra serem as enumerações dos velhos chronistas inexactas, tomando elles simples denominações de familias e de variedades de um só grupo por outras tantas tribus e nações diversas.

E' embalde que se mostra a decadencia progressiva dos aldeiamentos e sua extincção quasi completa desde o seculo XVIII.

Sempre o prejuizo vai fazendo seu caminho.

Na geographia appella-se para as nomes tupis que abundam em nossa carta, sem reparar que esse phenomeno natural nada prova, além do respeito á tradição. Na esphera social o indio tem mais sympathias, deixou ha mais tempo de ser escravisado e, por ser menos escuro do que o negro, é mais querido.

O caboclo é mais ideialisado, mais estudado, mais conhecido.

Sonhamos um Brasil tapuio, disse eu, e não reparamos que desejamos o mal. Todas as nações americanas em que o elemento europeu não predomina, como o Mexico, Perú, Equador e Bolivia, são as menos progressivas do continente. Não podem competir com os Estados-Unidos, o Chile, a Republica Argentina e o proprio Brasil.

Devemos desejar que em nosso paiz a immensa mestiçagem da população seja habilmente reforçada pelo elemento branco. Mas historicamente é de justiça e verdade conferir ao *negro* papel mais eminente do que ao *botocudo*, ente fraco, desequilibrado e prestes a extinguir-se. E' a luta pela existencia; o mais debil devia ser devorado. O exacto conhecimento de

nossas condições ethnographicas facilita a comprehensão dos typos litterarios.

PEDRO LUIZ PEREIRA DE SOUZA (1839-1884). Tornou-se famoso por ter escripto quatro poesias celebres. Era filho de um fazendeiro abastado, e tambem abastado foi elle, juntando a isto o facto de pertencer a certa aristocracia politica e influente da Provincia do Rio de Janeiro. D'ahi a facilidade de sua carreira nas letras e na vida social.

Como já disse em outro logar d'este livro, elle nasceu em 1839, no anno de Machado de Assis, Carlos Gomes e Tobias Barretto, e emquanto estes tres oriundos de familias obscuras marcavam passo, já em 1860 Pedro Luiz, aos vinte e um annos, apresentava-se formado em direito e entrava com grande ruido na politica, tomando parte na redacção do *Correiro Mercantil* em 1861.

Pouco depois em 1862-63 foi um dos redactores da *Actualidade* ao lado de Lafayette Rodrigues Pereira e Flavio Farnese (1).

Era uma epocha de anciedade ; acabavamos de ter uma duvida com o Perú e uma grave questão com a Inglaterra ; nossa politica no Rio da Prata, e especialmente no Estado Oriental, atravessava uma crise perigosa que se resolveu com a guerra ; o partido conservador tinha apodrecido no poder de que se havia assenhoreado desde 1848, e formava-se a *Liga*, o chamado partido *Progressista;* a litteratura tinha baixado na poesia á choramiga banalissima ; era um marasmo geral que occultava o trabalho surdo da evolução para um futuro melhor.

Quando em 1862-63 Pedro Luiz e seus collegas da *Actualidade* batiam-se na politica, alheavam e jogavam longe suas qualidades litterarias, no Recife um punhado de moços fundaram aquelle memoravel movimento espiritual, que tem vindo a durar até hoje e que foi o foco d'onde se tem espa-

(1) Vide a biographia de Pedro Luiz no *Pantheon Fluminense* de Lery dos Santos.

lhado por todo o Brasil as novas ideias que modificaram a nossa velha intuição romantica.

Tobias Barretto, Castro Alves, Franklin Tavora, Araripe Junior, Victoriano Palhares, Guimarães Junior, Carneiro Vilella, Celso de Magalhães, Cardoso Vieira, Castro Rebello, José Hygino, Plinio de Lima, José Jorge, Generino dos Santos, Souza Pinto, Annibal Falcão, Clovis Bevilaqua, Arthur Orlando, Inglez de Souza, Marques de Carvalho, Rocha Lima, Martins Junior, João Freitas, João Bandeira, Virgilio Brigido, Alvares da Costa, e outros e muitos outros, foram os sustentadores do movimento alli durante os ultimos quarenta annos, movimento em que o auctor d'estas linhas teve alguma parte.

Começou-se pelo que mais tarde a critica do Rio de Janeiro veio a chamar o *condoreirismo* na poesia ; passou-se á critica litteraria, á philosophia positiva, ao darwinismo, aos estudos de poesia popular, ao romance de costumes e historico, á poesia socialista e scientifica, ao naturalismo do direito e a outras grandes manifestações do pensamento moderno.

Durante este tempo Pedro Luiz esterilisava-se na politica, Lafayette mecanisava-se na chicana forense e na chicana partidaria, Farnese fallecia precocemente. E, comtudo, Pedro Luiz tem direito a figurar em nossa historia litteraria, duplo direito como poeta e como orador.

Destacarei especialmente o poeta. Para o julgar existem além das quatro celebres peças, *Terribilis Dea*, *Voluntarios da Morte*, *Nunes Machado* e *Sombra de Tira-Dentes*, um punhado de outras insertas na *Revista Mensal do Ensaio Philosophico Paulistano*.

N'esta interessante publicação academica, onde se acham os mais antigos escriptos de Tavares Bastos, Macêdo Soares, Bittencourt Sampaio e Francisco Belisario, o poeta publicou versos, discursos e folhetins.

N'esta phase paulistana predominavam em sua lyra os sons doces e ternos de um lyrismo placido, que nada tinha, aliás, de especial e distincto. Se não descia até ao chatismo, não attingia a uma grande altura.

Os seguintes versos sob o titulo — *O que eu quero* — ser-

vem bem para exemplificação do estylo antigo do vate fluminense :

« Eu quero n'esta vida um sonho lindo
Que passe como a nuvem côr de rosa,
Hei-de dizer, depois, cerrando os olhos
— Oh! flôr do cemiterio, és bem formosa.

Não quero muito não : á fresca sombra
Do viçoso jardim da mocidade,
Quero dois dias m'emballar tranquillo
Gozando amôr em doce liberdade.

Quero ver sempre o céo puro e sereno,
Nuvens de amor e o sol sempre dourado,
E aos doces beijos da mulher que eu amo
Hão de ir morrendo as dôres do passado.

Debaixo da mangueira eu hei de vêl-a
Ao meio dia languida dormindo,
Soltos cabellos fluctuando ao vento,
No seu sonho gentil irá sorrindo.

A' noite quando a lua dos amores
Vier chorar debaixo do arvoredo,
Encostada indolente no meu hombro
Ella ha de ouvir-me virginal segredo.

Oh! sombra dos amores tão formosa
Como é viva e formosa a borboleta,
Eu serei para ti — a doce aragem,
Tu serás para mim — a violeta.

Quero dois dias — na macia grama
Reclinado a sonhar sobre um canteiro!
Passarei minhas horas perfumadas
Como a candida flôr do jasmineiro.

Será vida bem curta, porém bella!
Sem ambição, sem glorias e sem dôres,
Basta um raio do sol tendo a meu lado
Uns labios de mulher e algumas flôres.

Posso morrer depois, e que m'importa
Tendo a vida corrido vaporosa?
Que hei de murmurar, cerrando os olhos,
Oh! flôr do cemiterio, és bem formosa! » (1)

As quatro poesias celebres de Pedro Luiz são de cunho politico e social; no genero são das mais antigas que se escreveram no Brasil.

Nunes Machado é de 1860, o ultimo anno do curso academico, e versa sobre o pranteado revolucionario pernambucano. *A Sombra de Tira-Dentes* é de 1862, por occasião de eregir-se em uma das praças do Rio de Janeiro a estatua de Pedro I. O poeta insurge-se contra o preito prestado ao primeiro imperador e proclama o direito de *Tira-Dentes* a ter elle e só elle uma estatua, como o proto-martyr da independencia nacional. Tem elle razão no culto que rende ao heróe mineiro; mas é injusto para com o filho de D. João VI.

Na grande obra da prosperidade, do engrandecimento e da independencia do Brasil, não ha lugar para um culto só e espaço para um só pedestal, ha largueza bastante para muitos cultos e altura sufficiente para cem estatuas.

E no meio dellas manda a justiça e ordena a historia que se alevante o busto do primeiro imperador.

Não sou suspeito e não tenho medo de dizer a verdade.

Os Voluntarios da Morte são de 1863 e consagrados á revolução da Polonia; é um brado de dôr e sympathia pelo desditoso povo europeu.

Terribilis Dea é de 1865 e refere-se a um dos episodios da guerra do Brasil contra o Paraguay.

Os defeitos dessas poesias são o abuso de allegorias e apparições e o tom declamatorio; os meritos — o espirito democratico, liberal, altaneiro, a furia canora que por ellas circula.

Pedro Luiz não fez escola, não deixou discipulos. Retirado para a sua fazenda, ahi passou obscuramente o decennio de 1868 a 1878.

(1) *Revista Mensal do Ensaio Philosophicco Paulistano*, 2.ª serie, S. Paulo, Maio de 1861, n. 1.º, pag. 15.

A ascenção do partido liberal ao poder trouxe-o de novo á vida nesta ultima data; foi deputado e chegou a ministro; mas o poeta havia desapparecido e o orador já não tinha os impetos de 1864 a 68.

A politica e a criminosa indifferença do nosso publico por assumptos litterarios foram matando aos poucos aquelle talento, que foi cahindo no scepticismo.

E quando teremos nós espirito publico preparado para as lutas e conquistas do espirito, quando teremos completa emancipação intellectual, se ainda hoje vemos perfeitos levianos, verdadeiros trahidores insurgirem-se contra a patria, cujos progressos amesquinham e prostrarem-se ás plantas de escriptores estranhos a mendigar as migalhas de sua mesa?

Esqueçamôl-os e vamos ouvir os versos de um patriota, de um brasileiro e independente, um desses que não recebiam senha e ousavam falar por si.

Passa a *Sombra de Tira-Dentes*, ponhamos o ouvido á escuta:

« Façam alas!... O prestito se avança...
Reluzem as espadas... Preso á lança
Estremece o sagrado pavilhão:
Elle vem nos contar a grande historia...
Despertamos ao sol de nossa gloria,
Ao medonho estampido do canhão.

A orchestra militar vibra seus hymnos,
E o povo treme, como se os destinos
Surgissem gloriosos lá do céo.
Façam alas!... São filhos d'esta terra,
Que vão erguer aos canticos da guerra
De feitos nossos perennal trophéo.

Bafeja o mundo aragem de esperança;
Lá do heroico passado uma lembrança
Evocaram na tuba marcial:
São levitas da patria agradecida,
Que vão, cheios de fé, de fronte erguida,
N'essa marcha solemne, triumphal.

Esses louros da patria ensanguentados,
Pelo fogo divino illuminados,
Tinham direito á saudação viril ;
E os vindouros, em civica romagem,
Vão prestar-lhes esplendida homenagem,
Sahindo agora do marasmo vil.

Hoje se elevam tradições queridas!
Na poeira dos annos esquecidas,
Até hoje ninguem as acordou.
E' divida sagrada ao sangue altivo,
Que, saltando na algema do captivo,
Como lava de fogo arrebentou.

Façam alas!... A' sombra do passado
Vái-se elevar no Pantheon sagrado
A columna mais alta da nação...
Ha de ser o heroe de nosso empyreo!
Sobre as lendas que explicam-lhe o martyrio,
Vão collocar o popular brasão.

Vem á frente do povo a magestade...
E' uma festa em que a nossa liberdade
Vae cantar a Odysséa do valor.
Aos rufos compassados dos tambores,
Entre nuvens de polvora e de flores,
Alas!... Alas!... ao povo, ao imperador.

Das nuvens lá do céo, soberbo se avizinha
Das glorias do Brasil o magico signal!
Coberto está de um véo... porém lá se adivinha
Da liberdade um Deus no immenso pedestal!

Da terra que conserva em seu leito gelado
Aquelle que rompera os élos do grilhão ;
Que guarda o sangue ardente á patria derramado
E as lagrimas de colera em dias de afflicção ;

Da terra em que se deu martyrio glorioso,
E aos raios d'essa luz por fim se libertou,
Surgir um dia deve um vulto portentoso,
E esse — eil-o acolá, que a patria alevantou...

Que palmas de valor não murcha a grande historia!
O povo esquece um dia os inclytos varões ;
Mas do famoso heróe granitica memoria
Terá sempre a seus pés do mundo as gerações...

E se alguem perguntar aos povos, com espanto,
Que fez o cidadão que o povo assim guardou :
Dirão : Morreu aqui! Calvario sacro-santo!
O sangue d'esse Christo a patria baptisou!

Rasga-se o véo!... Que apparece?
Quem é esse cavalleiro,
Que, no impeto guerreiro,
Estende o braço viril?
Não é esse o heroico vulto
Que a historia tanto apregôa,
Que o povo inteiro abençôa
Como o anjo do Brasil?

Não é, não!... Vergonha immensa!
N'esta quadra corrompida,
Com a fronte envilecida,
Sem glorias e sem pudor,
O Brasil, cruzando os braços ,
Dobra os joelhos contricto,
Ante a massa de granito
Do primeiro imperador.

Curvae-vos, raça de ingratos!
Nos dias de cobardia
Festeja-se a tyrannia,
Fazem-se estatuas aos reis!...
Embora tenham da patria
Ouvido os longos gemidos,
Os cadafalsos erguidos,
E postergadas as leis.

Vêde!... Ali surge da terra,
Como da febre no sonho,
Um patibulo medonho,
Meu Deus! Porque recuaes?...

Sobre a taboa ensanguentada
Aquella face já fria
Não vem turbar a alegria
D'estes cantos festivaes...

Não recueis de uma sombra!
O frio braço do espectro
Não póde quebrar um sceptro
Que tendes por divinal!
Envolto em sua bandeira,
Triste, pallido, calado,
Tambem elle é convidado
D'esta festa imperial...

E' esse o herôe soberbo,
O filho da liberdade,
Que a cega posteridade
N'essa baixeza esqueceu ;
Sonhador, que sónhou tanto
Na noite do captiveiro,
Foi elle o martyr primeiro,
Que pela patria morreu.

Elle, sim!... Quando nas trevas
Todos curvavam a fronte,
Divisou lá no horisonte
Doce esperança — uma luz...
E quiz carregar, ousado
Da liberdade o Atlante,
Sobre os hombros de gigante
A terra de Santa Cruz.

Que importa ali sucumbisse
No cadafalso maldito,
E da Independencia o grito
Morresse nos labios seus?
Que importa a morte affrontosa,
Se no cadaver gelado,
Pelo Brasil retalhado,
Choveram bençãos dos céos?!

Insensato! derramara
Esse sangue generoso

Sobre o solo venenoso
Em tempos de escravidão!
Cahiu no chão ás golfadas,
Foram bemditas sementes :
Do sangue do Tira-Dentes
Brotou-nos a salvação.

Pensei que o idolo santo,
Que adorassemos agora,
Do homem fosse que outr'ora
A patria muda chorou.
Hoje percebo assombrado
Que a maldição fulminada
Contra essa fronte elevada
Té no futuro chegou.

Hoje o Brasil se ajoelha,
E se ajoelha contricto,
Ante a massa de granito
Do primeiro imperador.
Não molda ninguem no bronze
O valente dos valentes,
A sombra de Tira-Dentes,
Esse braço redemptor!

Não precisa de uma estatua!
Nós o vemos radiante
N'uma aureola brilhante
De liberdade e de fé...
Sobre a taboa ensanguentada,
Triste, pallido, callado,
Frio espectro do passado,
No pelourinho, de pé.

Da terra que conserva em seu leito gelado
Aquelle que rompera os élos do grilhão,
Que guarda o sangue ardente á patria derramado
E as lagrimas de colera em dias de afflicção ;

Da terra em que se deu martyrio glorioso,
E, aos raios dessa luz, por fim se libertou,
Surgir um dia deve um vulto portentoso...
Mas este é um bronze vil que a côrte alevantou... »

Eis ahi ; é um brado de guerra democratico, liberal, republicano; poesia social, revolucionaria, combatente, um cantar enthusiastico, vibrante que estamos aqui habituados a ouvir de certos privilegiados.

Quando a 30 de março de 1862 Pedro Luiz espalhou pelo povo da capital do Imperio em folhas avulsas esses valentes versos, ainda não era celebre Anthero do Quental, ainda não era dia para Guilherme Braga e menos inda para Guerra Junqueiro. Nossa autonomia litteraria foi sempre uma realidade para os grandes espiritos, e uma mentira para os mediocres.

Os bellos versos de Pedro Luiz, que acabei de citar, despertam uma observação, e é esta : elles mostram entre nós o progresso das idéas democraticas.

Percorra por este lado o leitor todo o curso da historia da litteratura brasileira ; parta de Bento Teixeira, que se dava por feliz em dedicar sua *Prosopopéa* ao governador de Pernambuco ; passe pelos encomiastas e aduladores das academias dos *Esquecidos*, *Felizes* e *Selectos*, que viviam a incensar os governadores geraes, nem ousando levantar as vistas até aos thronos dos *Reis — Nossos Senhores ;* chegue á épocha de Pombal e aprecie ainda as louvaminhas ao rei e ao poderoso ministro ; atravesse o tempo de Maria I e veja como os proprios poetas mineiros eram submissos nos seus cantares dirigidos a *Excelsa Rainha ;* venha até aos tempos do primeiro reinado, e vá notando o progredir da ousadia da musa no seu trato com os reis e os poderosos ; chegue aos nossos dias e assignale a distancia que vae, por exemplo, de tudo aquillo aos versos de Pedro Luiz e ao *Regio Saltimbanco* de Fontoura Xavier.

Luiz Nicolao Fagundes Varella — (1841-1875) — é, como já disse, o laço que prende o *byronismo* de Alvares de Azevedo e companheiros, o *sertanegismo* de Bittencourt Sampaio e collegas ao *hugoanismo socialistico* da escola condoreira.

E' um poeta de grande merito, uma singular figura digna

de reverencias e attenções. E' muito conhecido, bastante lido e muito mal estudado.

Não existe d'elle ao menos um bom esboço biographico; porquanto os dous que ahi correm, devidos ás pennas de Lery dos Santos e Visconti Coaracy, estão cheios de erros e fortes lacunas.

Coaracy repete o que leu em Lery, e, pois, refutar este é refutal-o implicitamente e vice-versa. — « Em 1865, escreve aquelle, matriculou-se na Faculdade de S. Paulo. Cursou a academia durante dous annos e durante esse tempo, estimulado pelos collegas, publicou as suas primeiras poesias. Por essa épocha, seu coração inflammou-se de amor por formosa donzella.

Com ella casou-se e teve um filho, ao qual dedicava extremoso affecto. Resolvido a concluir os seus estudos na faculdade de Olinda, partiu para Pernambuco, como passageiro no vapor francez *Bearn.*

Este navio naufragou na altura dos Abrolhos. Várella desenvolveu então grande energia, e, pondo em pratica a sua experiencia adquirida na viagem que fizera a Goyaz, atravéz de sertões, dirigiu a construcção de cabanas para accommodação dos naufragos, e de mais trabalhos para obtenção de soccorros.

Chegando finalmente a Pernambuco, passou alli um anno em proseguir nos seus estudos, e, regressando por occasião das ferias, ao Rio de Janeiro, quasi perdeu a razão ao saber que a morte lhe havia roubado á esposa e o filho.

Este golpe tremendo cortou-lhe o futuro e enegreceu-lhe a existencia. D'alli em diante, Varella vagueava pelos campos, abria caminho atravez das florestas, vadeava ribeiros e passava a nado caudalosos rios, condoendo-se com os africanos escravos que encontrava, contando suas torturas aos tropeiros em cujos pousos parava, suspirando pela morte, e foi por essa occasião que escreveu o sentido *Cantico do Calvario* (1). »

Este pedaço biographico é um tecido de inexactidões; não

(1) *Obras Completas* de L. N. Fagundes Varella, 1.º vol., pag. 48, — *Noticia Biographica.*

foi em 1865 que o poeta se matriculou em S. Paulo ; a morte de seu filho não occorreu durante sua estada no Recife (e não Olinda como inexactamente diz o biographo) ; não esteve dous annos apenas na faculdade juridica do sul; não escreveu o *Cantico do Calvario* na volta de Pernambuco durante as ferias.

A verdade é que Varella, nascido em 1841, tendo feito em 1852 a viagem a Catalão em Goyaz, havendo residido temporariamente em Angra dos Reis, Petropolis e Nictheroy, já em 1860 e 61 achava-se em S. Paulo ultimando os preparatorios e matriculando-se logo em seguida.

Em 1861 publicou as *Nocturnas*, em 1862 o *Pendão Auri-Verde*, em 1864 as *Vozes da America* e no anno seguinte os *Cantos e Phantasias* (1).

Quando em 1866 appareceu em Pernambuco, já ia precedido de grande fama preparada pelos quatro livros acima citados e no ultimo d'elles já ia encerrado o *Cantico do Calvario*, dedicado á memoria de seu filho, fallecido a 11 de dezembro de 1863.

Não é absolutamente crivel qne Varella levasse tres longos annos para ter a noticia do passamento de um ser que idolatrava.

O fallecimento de sua mulher, cuja data precisa não pude obter, é que talvez tenha occorrido nos ultimos tempos da estada do poeta no Recife.

De 1867 em diante torna-se obscura a biographia do illustre fluminense.

Sei apenas que iniciou então vida erradia pelo Rio, Nictheroy, Rio Claro, Mangaratiba, Angra dos Reis e outras localidades da provincia do Rio de Janeiro.

Ainda assim passou a segundas nupcias e publicou dous novos livros, *Cantos Meridionaes* e *Cantos do Ermo e da Cidade*. Deixou duas filhas e dous ineditos : o *Diario de La-*

(1) Quando tratei de Gonçalves Dias, disse que os *Cantos e Phantasias* eram de 1866. Agora digo que elles são de 1865. Para o fim que alli tinha em vista não ha nisto contradicção. O livro traz no frontespicio a data de 1865; mas só se espalhou pelo publico em principios de 1866.

zaro e *Anchieta ou o Evangelho nas Selvas*, que correm hoje publicados. Falleceu em 1875 aos trinta e quatro annos de idade.

Estudemol-o mais de perto.

No Brasil até hoje têm existido cinco poetas verdadeiramente descuidosos, andarilhos, bohemios : Gregorio de Mattos no seculo XVII e Laurindo Rabello, Aureliano Lessa, Bernardo Guimarães e Fagundes Varella no seculo XIX.

Destes cinco os mais populares foram Gregorio, o satyrico, Laurindo, o elegiaco, e Varella, o lyrista.

Os dous mineiros tiveram uma notoriedade mais limitada. Durante quinze annos, de 1860 a 1875, especialmente nas rodas de estudantes, em S. Paulo, Recife e Rio de Janeiro, Varella era sempre o bem vindo, o companheiro querido, applaudido, idolatrado.

Elle não chegou a ultimar o curso academico, a graduar-se, e a seguir uma qualquer dessas carreiras que se abrem aos bachareis em direito.

Deixou-se sempre ficar na vida indefinivel do bohemio, sem rumo, sem destino determinado.

Qual a razão ? Vicios de educação ? Vicios de escola ? Tendencia natural ? Tristeza nativa ? Alguma amarga decepção ?

Não sei bem ao certo ; nem a leitura das obras do poeta é por esta face uma garantia absolutamente segura de descobrir a verdade.

A obra do poeta, apparentemente logica, é uma das mais contradictorias que possuimos; apparentemente pessoal, é uma das mais impessoaes de nossa litteratura.

Mas, emfim, é por onde terei de estudal-o. De sua leitura deprehendi o seguinte : Varella não foi um triste, nem um alegre, nem um crente, nem um sceptico, nem um liberal, nem um auctoritario ; porque foi tudo isto ao mesmo tempo. conforme o ensejo e a occasião. Foi uma natureza multipla, variada, excessivamente excitavel, atormentada por estimulos diversos. Varella foi um agitado.

D'ahi a variedade de suas impressões e a mobilidade dos tons de seu cantar ; d'ahi essa morbideza inconsciente e irresistivel que se evapora da mor parte de suas composições. Tal

a caracteristica fundamental de seu genio, de seu temperamento de poeta.

As producções, pois, que mais o definem são aquellas em que apparecem essas incertezas, essas fluctuações, essas nevoas, esses claros e escuros, essas vagas aspirações, esses sonhos roseos e dubios, esses matizes impalpaveis, essas ondulações chimericas de um espirito inconsistente adormecido n'uma especie de embriaguez. E' o que eu chamei o *lyrismo bacchico.*

Entretanto, a falsa critica entre nós tem dado a Varella como caracterisação principal a tristeza romantica...

E' um erro refutado pelo proprio poeta, quando diz em *Velha Canção :*

« Não sou desses genios duros,
Inimigos do prazer,
Que julgam que a humanidade
Só nasceu para gemer ;

Gosto de queimar incenso
Sobre as azas da alegria,
Julgo que ser louco a tempo
Tambem é sabedoria... » (1)

Ou no *Ermo :*

« Eu não detesto nem maldigo a vida,
Nem do despeito me remorde a chaga... » (2)

Ou em *Oração :*

« Eu quero andar! Eu sei que no futuro
Inda ha rozas de amor, inda ha perfumes,
Ha sonhos de encantar!
Não, eu não sou d'aquelles que a descrença
Para sempre curvou, e sobre a cinza
Debruçam-se a chorar » (3).

(1) *Obras Completas*, I. pag. 279.
(2) *Idem*, II, pag. 72.
(3) *Idem*, *ibid.*, pag. 96.

Ou finalmente em *Acusmata* :

« Sinto que fui feliz, e n'essa quadra
Nem tristezas cantei, nem amarguras,
Mas Deos, a vida, a mocidade e a gloria » (1).

Nada mais claro ; a critica illudiu-se completamente.

Outra falsa caracterisação do poeta é a que o apresenta como *sertanegista*, *bucolista* por indole e tendencia irresistivel.

Sinto vêr compartilhado este erro por Franklin Tavora, o illustre romancista e habil critico, em seu bello estudo sobre o escriptor fluminense, n'estas palavras : « Varella é o cantor das meias malicias e das meias innocencias existentes n'essa região pittoresca e animada, que não é a cidade deslumbrante nem a solidão bravia, que é simplesmente o *campo* ou a *roça* ou o *matto*, isto é, um theatro modesto de folguedos ingenuos, amores timidos, graças vergonhosas, mais virtudes que vicios, mais natureza que arte, mais desinteresse que calculo, n'essa região que está para a civilisação como o arrebol está para o dia, nesse plano onde perfis garridos e imagens toscas se debuxam sob uma luz crepuscular que os não deixva ver em completo relevo.

Se a minha critica não se engana, Varella póde ser aferido pela poesia *A Roça*, que é uma das que trazem mais fundamente impresso o signal da sua physionomia poetica » (2).

Tavora é levado a esta conclusão, além d'*A Roça*, pela leitura de *Mimosa* e *Antonico e Corá*.

Ponho-me em completo desaccordo. Estas tres composições campesinas e sertanegistas são productos esporadicos e excepcionaes na vasta obra de Varella.

Em rigor até reduzem-se ás duas primeiras, porque *Antonico e Corá* quasi nada tem de essencialmente roceiro, não passando da narrativa extravagante de um caso de *bigamia*, tão proprio do sertão como da cidade.

Restam *A Roça* e *Mimosa*, bellas producções em verdade,

(1) *Obras Completas*, II, pag. 271.
(2) *Idem*, I, pag. 25.

que desapparecem no meio da multidão de poesias do auctor fluminense.

Varella, que viajou as regiões maritimas do Brasil, as regiões das mattas e as regiões dos sertões, dedicou alguns cantos ás scenas que mais o captivaram por todas ellas.

A' vida sertaneja couberam as duas poesias encomiadas pelo critico. Tal foi e nada mais.

Não é isto sufficiente para constituir-lhe a caracteristica especial e dar-lhe alto posto n'um genero em que elle difficilmente poderia luctar com Bittencourt Sampaio, Joaquim Serra, Bruno Seabra, Trajano Galvão, Mello Moraes Filho e outros já lembrados n'este livro.

Em *Mimosa* mesma o que encanta é o doce lyrismo amoroso do 2.° canto e não as notas puramente sertanejas, aliás raras e fracas.

Insisto em dizer, o traço pessoal do lyrismo de Fagundes Varella é certo phantasiar vago e dolente, aerio e brumoso, cheio de doçuras e sonoridades, alguma cousa de impalpavel e chimerico, de vaporoso e dubio, como os sonhos de um espirito alheiado da realidade.

Esta nota espalha-se por toda a sua obra, especialmente em *As Selvas*, *Nevoas*, *Gualter*, *A Enchente*, *Juvenilia*, *Cantico do Calvario*, *Madrugada á beira mar*, *Acusmuta*, *Visões da Noite* e trinta outras. E' quasi abrir seus livros ao acaso e lêr.

No seu proprio poema de *Anchieta* as melhores passagens são os trechos em que a proposito de scenas naturaes, deixa de lado a vida do Christo narrada pelo missionario, e cae em effusões lyricas do genero predilecto.

O mesmo em todos os poemetos para não falar nas poesias mais curtas.

O nosso scismador não gostava da claridade em todo o seu esplendor, não apreciava o viver positivo das cidades, as luctas da imprensa, as agitações politicas, uma carreira normal e segura. Amava o retiro, as sombras das mattas, o abandono que o deixasse sonhar.

Não ha poeta algum da lingua portugueza que tenha empregado tanto a palavra *nevoa*, e elle vivia n'um paiz tropical, n'uma terra banhada de luz...

— As *nevoas* elle as tinha no espirito. E esse ser agitadiço, essa alma exhuberante e lyrica dava-se bem na embriaguez dos sonhos e das scismas indefiniveis. E quando o vago, o brumoso, o furta-côr dos anhelos aeros não lhe era gerado pela propria phantasia, elle o provocava nas doçuras tentadoras do vinho. O poeta mesmo pintou esta situação do seu espirito na verdade imponente desta encantadora pagina :

« Escravo, enche essa taça,
Enche-a depressa e canta!
Quero espancar a nuvem da desgraça
Que além nos ares lutulenta passa
E meu genio quebranta.

Tenho n'alma a tormenta,
Tormenta horrenda e fria!
Debade a doida conjural-a tenta,
Luta, vacilla e tomba macilenta
Nas vascas da agonia!

Pois bem, seja de vinho,
No delirar insano,
Que afogue minhas lagrimas mesquinho!...
Então envolto em purpura e arminho
Serei um soberano!

Cresce, transpõe as bordas
De brilhante crystal,
Torrente amada que o prazer acordas...
Toma a guitarra, escravo! afina as cordas,
E viva a saturnal!

Já corre-me nas veias
Um sangue mais veloz...
Anjos... inspirações... mundos de ideias,
Sacudi-me da fronte as sombras feias
D'este scismar atroz!

Que celestes bafagens!
Que languidos perfumes!
Que vaporosas, lucidas imagens
Dansam vestidas de subtis roupagens
Entre esplendidos lumes!

Tange mais brando ainda
Esse mago instrumento!...
Mais... ainda mais! Que maravilha infinda!
Que plaga immensa, lumínosa e linda!
Que de vozes no vento!

São as huris divinas
Que junto a mim perpassam,
Ou de Schiraz as virgens peregrinas,
Que cingidas de rosas purpurinas
Choram Bulbul e passam?

Oh! não, que não são ellas.
Mas ai! meus sonhos são!
São do passado as vividas estrellas,
Que á flux rebentam cada vez mais bellas,
De mais puro clarão!

São meus prazeres idos!
Minha extincta esperança!
São... Mas que nota fere-me os ouvidos?
Escravo estulto, abafa esses gemidos!
Canta o riso e a bonança!

Canta a paz e a ventura
O mar e o céo azul!...
Quero olvidar minha comedia escura,
E a ledos sons as larvas da loucura
Bater como Saul!

Leva-me ás densas mattas
Onde viveu Celuta ;
Faze- me um leito á margem das cascatas
Ou nas alfombras humidas e gratas
De recondita gruta...

Assim... assim! Fagueiras,
Escuto já nos ares
As vozes das donzellas prazenteiras,
Que dansam rindo ao lume das fogueiras
No centro dos palmares.

Mais vinho! Oh! philtro mago!
Só tu pódes no mundo
Mudar os gyros do destino vago,
E fazer do martyrio um doce afago,
De uma taça no fundo!

Oh! patriarcha antigo!
Oh! bebedor feliz,
Do rôxo sumo da parreira amiga!
Teu nome invoco, abraço-me comtigo,
Vem, vem ser meu juiz!

Basta, servo, de cantos ;
Quero dormir, sonhar,
Sinto do vinho os ultimos encantos...
Molham-me as faces amorosos prantos,
Vou reviver e amar! » (1)

N'esta região de sonhos e apparições doiradas se comprazia o poeta. Era uma necessidade de seu espirito e do espirito de tantos e tantos outros.

Em que pese a rigidos positivistas, a illusão ha tido e continuará a ter grandissima parte na vida da humanidade ; a illusão tem sido um factor do progresso. Muitas creações seculares foram originadas inconscientemente para preencher essa funcção.

As religiões, as mythologias, as lendas, as artes em grande parte cumprem esse mistér.

Muitas industrias tiveram origem nessa necessidade fundamental do espirito humano. O cultivo da vinha entra nesse numero.

Quem uma vez disse que o *homem tem necessidade de illudir-se e esquecer, tanto que elle é o unico animal que se embriaga*, disse uma grande verdade. E' isto mesmo ; o contrario é phantasiar grandezas que não possuimos.

Varella era do numero desses que sabem o que valem chimeras e illusões, como preservativos contra as asperezas da realidade crúa. Sua poesia era uma filha da phantasia alada e impalpavel.

(1) *Obras Completas*, II, a peça intitulada *Diversão*.

Elle mesmo o disse na *primeira pagina* de seus *Cantos do Ermo e da Cidade* :

« Louras abelhas, leves borboletas,
Voluveis beija-flôres,
Rapidos genios, hospedes dos ares,
Solitarios cantores,
Amantes uns das pompas das cidades,
Das galas e das festas
Outros amigos das planicies vastas
E das amplas florestas ;
Alado mundo, turbilhão volante,
Bando de sonhos vagos,
Ora adjando em capriohosos gyros,
Ora em doces afagos
Pousando sobre as frontes scismadoras...
Vêde, desponta o dia,
Sacudi vossas azas vaporosas,
Exultai de alegia!
Ide sem medo, lucidas chimeras,
São horas de partir!...
Ide, correi, voai, que vos desejo
O mais almo porvir!... »

Estas citações não enganam, não deixam duvida.

Se a poesia é uma copia exacta, uma photographia do mundo exterior, Varella, apezar de seu grande talento descriptivo, foi um poeta de altura secundaria.

Se, porém, a poesia é uma região encantada, crêada, pelas almas de eleição para delicia e prazer de nós outros os pobres condemnados ás cruezas da vida, elle foi um dos mais altos de nossos poetas, porque poucos foram tão amoravelmente ideialistas e phantasiosos.

Eu bem podera agora enumerar as obras do auctor, percorrer com os meus leitores as melhores de suas composições em diversos generos, prolongar este perfil, descendo a minudencias. Seria trabalho facil ; mas creio ser inutil ; porque a physionomia particular do poeta já eu a dei.

Basta-me consignar, terminando, que as suas melhores qua-

lidades são a espontaneidade, a musica e a doçura dos versos, o vigor e a segurança das descripções, a abundancia e a riqueza das imagens.

As novas gerações devem sempre ler o delicioso sonhador dos *Cantos Meridionaes* e dos *Cantos e Phantasias*. Não póde haver mais intelligente e sincero companheiro. Lêde-o, lêde-o.

Luiz Gonzaga Pinto da Gama (1830-1882) é merecedor de attenções e sympathias particulares.

Orador, jornalista e poeta, era um quasi negro que não tinha pejo de sua raça; pelo contrario foi o seu defensor constante.

Tinha sido escravo ,e foi depois o mais antigo, o mais apaixonado, o mais enthusiasta, o mais sincero abolicionista brasileiro.

Eu disse uma vez que a escravidão nacional nunca havia produzido um Terencio, um Epicteto, ou siquer um Spartaco.

Ha agora uma excepção a fazer : a escravidão entre nós produziu Luiz Gama, que teve muito de Terencio, de Epicteto e de Spartaco.

Natural da provincia da Bahia, era filho de uma pobre escrava africana. Vendido ainda moço para S. Paulo, conseguio ahi, por sua honestidade, intelligencia e perseverança, libertar-se ; conseguiu fazer bons estudos de humanidades, conseguiu praticar no fôro, conseguiu fazer-se habilissimo advogado, influente orador, perito jornalista.

Foi isto no decennio de 1850 a 60, e desde este tempo o denodado batalhador iniciou a campanha abolicionista.

No fôro, na tribuna do jury, na imprensa, a voz amiga e protectora de Luiz Gama não se fazia esperar, era a salvaguarda espontanea dos miseros captivos.

Não pertence especialmente á historia litteraria a narrativa das luctas, das cruentas batalhas em que se achou envolvido esse intemerato patriota na guerra pertinaz e lendaria que moveu durante trinta annos contra a escravidão no Brasil.

A historia social se encarregará destes factos um dia e sabel-o-ha fazer mais habilmente do que eu, que não possuo agora os indispensaveis documentos.

A' minha tarefa pertence o poeta, um dos mais engraçados satyricos de nossas letras.

As palavras de caracter theorico depostas no começo deste capitulo têm agora sua inteira applicação.

Luiz Gama era quasi de todo um negro, era um representante extremado do immenso mestiçamento de nossa actual população. E sua côr nunca foi um embaraço á generosidade de seu coração e á actividade de sua intelligencia.

Como poeta Luiz Gama deixou sómente, ao que supponho, o volume intitulado — *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino* — de que existem duas edições, sendo a segunda correcta e augmentada, do Rio de Janeiro, Typ. de Pinheiro & C., 1861.

Contem trinta e nove poesias satyricas em tom acre e estylo burlesco, excepto tres ou quatro em tom serio. Deste numero são as ultimas, que denominam-se *Minha mãe* e *No Cemiterio de S. Benedicto em São Paulo*.

Esta revela os sentimentos philantropicos de Luiz Gama sobre a escravidão. Elle refere-se á sepultura de um escravo n'estes termos :

« Em lugubre recinto escuro e frio,
Onde reina o silencio àos mortos dado,
Entre quatro paredes descoradas,
Que o caprichoso luxo não adorna,
Jaz de terra coberto humano corpo,
Que escravo succumbiu, livre nascendo,
Das horridas cadeias desprendido,
Que só forjam sacrilegos tyrannos,
Dorme o somno feliz da eternidade.
Não cercam a morada lutuosa
Os salgueiros, os funebres cyprestes,
Nem lhe guarda os humbraes da sepultura
Pesada lage de espartano marmore.
Sómente levantado em quadro negro
Epitaphio se lê, que impõe silencio!
Descansam n'este lar caliginoso
O misero captivo, o desgraçado!...
Aqui não vem rasteira a vil lisonja
Os feitos decantar da tyrannia,
Nem, offuscando a luz da sã verdade,

Eleva o crime, perpetúa a infamia.
Aqui não se ergue altar ou throno d'ouro
Ao torpe mercador de carne humana.
Aqui se curva o filho respeitoso
Ante a lousa materna, e o pranto em fio
Cae-lhe dos olhos revelando mudo
A historia do passado. Aqui nas sombras
Da funda escuridão do horror eterno,
Dos braços de uma cruz pende o mysterio,
Faz-se o sceptro bordão, andrajo a tunica,
Mendigo o rei, o potentado escravo! » (1)

São generosos sentimentos e ainda mais candidos são aquelles que transpiram dos versos *Minha Mãe.*

Tambem na familia negra e escrava palpitavam corações puros, cheios de magnanimos e elevados affectos.

Versos assim são um verdadeiro documento :

« Era mui bella e formosa,
Era a mais linda pretinha,
Da adusta Lybia rainha,
E no Brasil pobre escrava!
Oh, que saudade que eu tenho
Dos seus mimosos carinhos,
Quando c'os tenros filhinhos
Ella sorrindo brincava.

Eramos dois — seus cuidados,
Sonhos de sua alma bella;
Ella a palmeira singela,
Na fulva areia nascida!
Nos roliços braços de ebano
De amor o fructo apertava,
E á nossa bocca junctava
Um beijo seu, que era vida,

Quando o prazer entreabria
Seus labios de roixo lyrio,
Ella fingia o martyrio
Nas trevas da solidão.

(1) *Trovas Burlescas*, pag. 187.

Os alvos dentes nevados
Da liberdade eram mytho,
No rosto a dôr do afflicto,
Negra a côr da escravidão.

Os olhos negros, altivos,
Dous artros eram luzentes ;
Eram estrellas cadentes
Por corpo humano sustidas.
Foram espelhos brilhantes
Da nossa vida primeira,
Foram a luz derradeira
Das nossas crenças perdidas.

Tão terna como a saudade
No frio chão das campinas,
Tão meiga como as boninas
Aos raios do sol de abril.
No gesto grave e sombria,
Como a vaga que fluctúa,
Placida mente — era a lua
Reflectindo em céos de anil.

Suave o genio, qual rosa
Ao despontar da alvorada,
Quando treme enamorada
Ao sopro d'aura fagueira.
Brandinha a voz sonorosa,
Sentida como a rolinha,
Gemendo triste, sósinha,
Ao som da aragem faceira.

Escuro e ledo o semblante,
De encantos sorria a fronte,
— Baça nuvem no horisonte
Das ondas surgindo á flôr ;
Tinha o coração de santa,
Era seu peito de archanjo,
Mais pura n'alma que um anjo,
Aos pés de seu Creador.

Se, junto á cruz penitente,
A Deus orava contricta,

Tinha uma prece infinita
Como o dobrar do sineiro ;
As lagrimas que brotavam
Eram perolas sentidas,
Dos lindos olhos vertidas
Na terra do captiveiro » (1).

Na satyra o poeta zurziu muitos dos nossos vicios sociaes e politicos. O tom era quasi sempre bastante exaggerado. Umas vezes tinha graça e outras descambava algum tanto para o desenxabido e trivial.

O estylo nos melhores casos era este :

Pelas ruas vagava, em desatino,
Em busca de seu asno que fugira,
Um pobre paspalhão apatetado,
Que dizia chamar-se *Macambira.*

A todos perguntava se não viram
O bruto que era seu, e *desertára ;*
Elle é sério (dizia), está ferrado,
E tem branco o focinho, é *malacára.*

Eis que encontra postado n'uma esquina
Um esperto, ardiloso capadocio,
Dos que mofam da pobre humanidade,
Vivendo, por milagre, em santo ocio,

Olá, senhor meu amo, lhe pergunta
O pobre do matuto, agoniado :
« Por aqui não passou o meu burrego,
« Que tem russo o focinho, o pé calçado? »

Responde-lhe o tratante, em tom de mofa :
« O seu burro, senhor, aqui passou,
« Mas um guapo Ministro fel-o presa,
« E n'um parvo *Barão* o transformou! »

Oh, Virgem Santa! (exclama o tabaréo,
Da cabeça tirando o seu chapéo)
Se me pilha o Ministro neste estado,
Serei *Conde, Marquez e Deputado!...* » (2)

(1) *Trovas Burlescas*, pag. 183.
(2) *Idem*, pag. 113.

Um dos séstros mais combatidos por este satyrico foi a mania da *branquidade*, mania que devasta grande porção de verdadeiros mestiços, que pretendem ter prosapia fidalga. Sabe-se que a mistura das tres raças fundamentaes de nossa população deu-se em larguissima escala, e é phenomeno inilludivel ; o numero dos brancos puros é muito pouco avultado, e, não obstante, quasi toda a gente tem suas veleidades a descender de sangue azul... Contra isso insurgiu-se o bardo bahiano e com razão. Na poesia *Quem sou eu?*, que tornou-popular sob o titulo *A Bodarrada*, escreveu isto :

« Se negro sou ou sou bode,
Pouco importa. O que isto póde?
Bodes ha de toda a casta,
Pois que a especie é mui vasta...
Ha cinzentos, ha rajados,
Baios, pampas e malhados,
Bodes negros, *bodes brancos*,
E, sejamos todos francos,
Uns plebeus e outros nobres,
Bodes ricos, bodes pobres,
Bodes sabios, importantes,
E tambem alguns tratantes...
Aqui, nesta boa terra,
Marram todos, tudo berra.
Nobres Condes e Duquezas,
Ricas Damas e Marquezas,
Deputados, Senadores,
Gentís homens, vereadores ;
Bellas Damas emproadas,
De nobreza empantufadas ;
Repimpados principotes,
Orgulhosos fidalgotes,
Frades, Bispos, Cardeaes,
Fanfarrões imperiaes,
Gentes pobres, nobres gentes,
Em todos ha *meus parentes*.
Entre a brava *militança*,
Fulge e brilha alta *bodança ;*
Guardas, cabos, furrieis,
Brigadeiros, coroneis,

Destemidos marechaes,
Rutilantes generaes,
Capitães de mar e guerra,
— Tudo marra, tudo berra.
Na suprema eternidade,
O'nde habita a Divindade,
Bodes ha sanctificados,
Que por nós são adorados.
Entre o côro dos anginhos
Tambem ha muitos bodinhos.
O amante de Syringa
Tinha pello e má catinga;
O deus Mydas, pelas contas,
Na cabeça tinha pontas;
Jove quando foi menino,
Chupitou leite caprino;
E, segundo o antigo mytho,
Tambem Fauno foi cabrito.
Nos dominios de Plutão,
Guarda um bode o Alcorão;
Nos lundús e nas modinhas
São cantadas as bodinhas.
Pois, se todos têm *rabicho*,
Para que tanto capricho?
Haja paz, haja alegria,
Folgue e brinque a bodaria;
Cesse, pois, a matinada,
Porque tudo é bodarrada! » (1)

Comprehendamos e admittamos a franqueza de Luiz Gama; elle não era do numero d'aquelles, que, apezar de certos accidentes innegaveis da côr teimam em se dizer *latinos*...

Se na propria Europa o *latinismo* de certos povos não passa de um simples phenomeno linguistico; se tal é o caso dos romaicos que são slavos, dos hespanhóes que são iberos, dos portuguezes que o são tambem, dos francezes que são celtas; se os legitimos representantes ethnicos dos latinos são em rigor pura e simplesmente os italianos do centro, qual será a

(1) *Trovas Burlescas*, pag. 141.

fracção em que se acha entre nós representada directamente aquella valida raça ?

Não deixa de causar certa extranhesa a segurança, a radiante seriedade com que diariamente, por exemplo, jornalistas, patentemente oriundos de indios e africanos, dizem : *Nós os latinos...*

Tenho sérias duvidas sobre essa *latinisação*. Deve estar entre nós na decima dynaminisação; porquanto dos tres factores que constituiram este povo, dous — indios e africanos — nada tinham evidentemente de latinos, e o terceiro, resultado complicadissimo de uma longa evolução ethnica, terá nas veias um décimo talvez de sangue romano...

A illusão a este respeito, o que faz suppôr os portuguezes descendentes directos do antigo povo rei, é o facto de falarem elles em idioma novo-latino. Mas este facto historico, de facillima explicação, é de nenhum valor em ethnographia.

A população portugueza em sua base fundamental é de iberos a que se ligaram ligures, celtas, phenicios, carthagineses, godos, suevos, arabes, almohades, almoravides, mouros de toda a casta, sem falar de escravos negros e indianos que se lhe addicionaram em tempo.

Os romanos entraram tambem com o seu contingente, importantissimo pelo lado cultural e insignificante pelo numero.

Representam talvez menos ainda de um decimo da população. Avalie-se, á luz d'estes factos, qual será a proporção do latinismo no Brasil (1). Entretanto, motivos psychologicos, como a paixão do melhoramento, levam-nos a acreditar n'uma illusão ethnologica. Isto se comprehende e é até desculpavel.

E' verdade, porém, por outro lado, que, em rigor, não precisamos de quaesquer enganos n'este sentido, não precisamos de apadrinhar-nos com o estreito manto do velho latinismo ; porque o concurso de tão diversas raças em nossa terra vai-nos produzindo uma população intelligente, bella e valida, tão digna como as mais dignas, devendo n'ella, porem, predominar o elemento branco inicial, o portuguez.

(1) Poderá esta proporção modificar-se, se tivermos por muitos e muitos annos forte immigração de italianos do centro, infelizmente os que menos emigram ; e com a condição de se deixorem assimilar.

ROZENDO MONIZ BARRETTO (1845-1897). Não foi um poeta de tão elevado estro quanto Pedro Luiz e Fagundes Varella; mas é um espirito meritorio.

Era filho do illustre improvisador Francisco Moniz Barretto e irmão do notavel rabequista Francisco Moniz Barretto Filho.

Nasceu na Bahia em 1845 e fez alli os estudos preparatorios, matriculando-se na faculdade medica.

Ainda bem joven, começou a relacionar-se com o cenaculo que cercava seu pai, ligando-se mais particularmente a Augusto de Mendonça, Agrario de Menezes e Alvares da Silva.

Seguiu para a companha do Paraguay quando ainda cursava o 4.° anno medico. De volta em 1868 prestou os exames finaes do 4.° 5.° e 6° annos academicos, graduando-se n'essa occasião.

Seus primeiros ensaios litterarios sahiram a lume na *Revista Academica* da Bahia..

Publicou as seguintes obras : *O Colera na Campanha* (These inaugural) 1868 : *Cantos da Aurora* (Poesias) 1868 ; *Vôos Icarios* (Poesias) 1873 ; *Favos e Travos* (Romance) 1874 ; *A Exposição Nacional de 1875* (Relatorio) 1876 ; *Progressos do Brasil durante o seculo* XVIII (These de concurso) 1879 ; *Interpretação philosophica dos factos historicos* (These de concurso) 1880 ; *Preito a Camões* (Prosa e verso) 1880 ; *José Maria da Silva Paranhos* (Elogio historico) 1884; *Moniz Barretto o Repentista* (Estudo) 1887, *Tributos e Crenças* (Poesias) 1890.

D'estes onze livros os de mais vigor, me parece, são os *Cantos da Aurora*, os *Vôos Icarios*, o *Elogio historico de Paranhos* e o *Estudo sobre Moniz Barretto*. Nos dois primeiros Rozendo ostenta-se poeta correcto e nos dois ultimos critico atilado.

O escriptor bahiano foi essencialmente um litterato, no sentido especial que particularmente se liga a esta palavra. Gostava das artes e das letras por ellas mesmas, sem ambições e sem especialidades.

Pela simples inspecção dos titulos de suas obras, vê-se que elle foi um espirito voltejador, que parou aqui e alli por necessidades de momento. Medicina, industria, artes, historia, philosophia, politica, poesia, romance, critica, de tudo ha um

pouco alli. Intelligente, estudioso, facilmente assimilador, o talento d'este prestimoso bahiano em tudo tocou rapido com certa distincção.

Se, porém, elle possuiu alguma nota que lhe fosse mais pessoal e lhe vibrasse n'alma com maior intensidade, essa foi certamente a poesia. Leiam-se os seus livros de versos ; se nem todas as composições que encerram são igualmente perfeitas, elevadas, distinctas, entre ellas algumas se encontram verdadeiramente bellas.

Seu estylo poetico está bem representando, no que elle possúe de mais selecto nos versos intitulados — *A Captiva de um seio.*

Vem nos *Vôos Icarios* e são em estylo lyrico. Ouçam estes dos *Cantos da Aurora* em estylo epico-lyrico ; é a poesia intitulada — *O Genio :*

« Que força és tu maravilhoso agente
De creações divinas,
Que tens no craneo luminosa enchente
Com que o mundo fascinas!
Para onde vaes, arauto do infinito,
Que os seculos attens ao curso teu,
Que a rigidez convences do granito
E arrebatas na chispa o raio ao céo?

Desmentidor ovante do impossivel,
Que as crenças retemperas
Das idéas na fronte enexhaurivel,
Da gloria nas espheras!
D'onde o teu ser dimana, antagonista
Da sorte neste humano tremedal!
D'onde tiraste o sol que tens na vista!
Como serves ao bem no proprio mal!

Bem vejo — em ti — que no fulgor do Empyreo
O atomo animou-se;
Que de Satan, motor do teu martyrio,
A inveja originou-se.
Baixaste á terra e, respeitando as raias
Dos dominios guardados pela fé,
Disseste ao throno da razão; — Não caias. —
E o throno da razão ficou de pé.

De pego em pego resvalando incerta,
Que fôra a humanidade,
Se o teu animo, aos erros sempre alerta,
Não guiasse á verdade?
No prophetico verbo de Izaias
Dos tyrannos zombastes, arma de Deus,
E a vinda predisseste do Messias,
Calcando as furias de horridos atheus.

Ao tempo que apagar quiz as idéas
Heroicas, — torvo e fero
Contrapuzeste a voz das epopéas
Na trombeta de Homero.
Vendo uma geração oppressa, á mingua
De bens, que o despotismo lhe usurpou,
Da eloquencia divina ungiste a lingua
E com ella Demosthenes falou.

Nas almas, contra o negro scepticismo,
Com Socrates entraste;
Do corpo contra os males o aphorismo
De Hyppocrates guardaste.
Ao pensamento dando leis, no erroneo
Caminho que ao teu methodo se oppoz,
Mais forte que o poder do Macedonio,
Os evos Aristoteles transpoz.

Ao contemplar o Homem do Calvario
Abraçaste o Evangelho.
Entre os barbaros, martyr solitario,
Foste do Christo o espelho.
Os gemidos do Golgotha acolhendo,
Quando espirava o Filho de Jehová,
Entregaste ao porvir o crime horrendo
E aos mortos prometteste Josaphat.

Quando pensava o mundo que o teu solio
Era feito em pedaços,
Triumphante ascendeste ao capitolio
E á fama abriste os braços.
Aos posteros mostrando a Grecia e o Lacio,
De Italia ergueste, em cultos festivaes,
Eschylo, Juvenal, Phidias, Horacio,
A's aras de oblações universaes.

De todos esses cerebros de fogo,
Fundidos n'um instante,
Vasaste a essencia, que inflammou-se logo
Na cabeça do Dante.
Daquelle craneo, cheio de prodigios,
A transcender dos orbes a amplidão,
Miraste o inferno que deixou vestigios
Em versos de volcanica impressão.

Depois que assim cantaste ampla victoria
Pelo estro mais intenso,
Subiste, enchendo o Pantheon da historia,
Neste mosaico immenso,
Ao theatro Shakespeare, á esculptura
Miguel Angelo, á musica Mozart,
Kant á critica, Rubens á pintura,
Newton aos astros e Colombo ao mar.

Ao troar do canhão, que acende a guerra
Em fogo sempre novo,
Impondo um Bonaparte aos reis da terra,
Enthronizaste o povo.
Aguia, illesa entre nuvens de metralha,
Feriu-te as pandas azas Waterloo,
Mas os trophéus do genio da batalha
De Guttenberg a filha registrou.

Nessa invenção pasmosa, que te entrega
A's bençãos do vindouro,
Descança, que jámais ella te nega
Ante os idolos de ouro,
Coroado das folhas do loureiro
Que offusca os ouropeis de mil brazões,
Sobrevives a escravos do dinheiro
Que atiraram-te ao merito baldões.

Entranhe-se comtigo o pensamento
Nos abysmos mais fundos,
Sondando o mar de luz do firmamento
Nos enxames de mundos.
Da natureza, a abrir-te o almo regaço,
Vê-se pela arte retribues o ardor,
Tu, que já tens contra o poder do espaço
A bussola, o telegrapho, o vapor.

Em ti se ostente, divinal columna,
A inspiração que ensina
Nos certames da imprensa e da tribuna,
Na escola e na officina.
Suppressor da tyrannica distancia,
Terás sempre a energia que destróe
No espirito a barreira ignorancia
E na materia os obices do heróe.

Gloria ao trabalho, em que tens nobre accesso,
Em prol da humanidade,
Para affirmar conquistas do progresso
No amor da liberdade!
Mas, propulsor da industria e da sciencia,
Em mil veredas que lhe vaes abrir,
Por mais que o fim procures da existencia,
Tua origem não negues ao porvir.

Genio! Genio! que a mente humana excedes
Em mirifico arroubo,
Queres ter a alavanca de Archimedes
E deslocar o globo?!
Has de tombar, quando te falte o apoio
Que os orbes equilibra na amplidão ;
Has de sumir-te, qual se perde o arroio
Nas aguas de oceanica invasão.

Então, quando o imperio teu desabe,
Com que tanto fulgiste,
Dirás ao mundo, a quem teu fim não cabe,
Que só por Deus cahiste,
E transformado em astro, para ao manto
Do firmamento addir mais esplendor,
Has-de ser sempre o élo sacrosanto
Que prenda a creatura ao Creador. »

Os dois livros onde revelou qualidades de critico são, como eu mesmo já disse, o *Elogio de Rio Branco* e o *Estudo sobre Moniz Barretto.*

O primeiro é um trabalho de momento em forma oratoria, no estylo apologetico dos escriptos do genero ; é um elogio academico. Contém bellas paginas e acertadas ponderações.

A obra sobre a repentista Moniz Barretto é um bom e interessante livro sobre o vate bahiano e a litteratura de seu tempo.

E' trabalho documentado sobre o movimento litterario da Bahia entre os annos de 1830 a 1870. Com tratar de seu pai, por quem tinha verdadeira e fundada admiração, o auctor não descae no elogio banal e impertinente.

Ha no estudo uma certa objectividade, como dizem os allemães, que o preserva da futilidade encomiastica.

O estylo do escriptor exhibe-se bem no seguinte pedaço, descriptivo dos *festejos do dia 2 de julho na Bahia.* E' isto :

« A Grecia antiga, que encheu os poemas de Homero e os dramas de Eschylo, preparava, á sombra da paz, os seus guerreiros nos jogos olympicos.

O cavalleirismo da idade média, com sua divisa — Deus, patria e damas — tanto se recommenda nos bellicos arrojos de cruzadas a Jerusalem, quanto no delirio festival dos paladinos em justas e torneios de Hespanha.

Actualmente as exposicões internacionaes, sobrelevando a todos os manifestos da civilisação antiga e medieva, synthetisam, em festas do trabalho, em certamens da industria, os progressos do homem na eterna luta do espirito com a materia.

Guardadas as proporções, não era menos edificante, expressivo e fecundo, em dias de prosperidade, o povo bahiano patriocamente absorto, para incentivo proprio e exemplo aos vindouros, na commemoração jubilosa do seu inolvidavel 2 de julho.

Imagine-se uma combinação maravilhosa de flores, luzes, bandeiras, insignias, emblemas e divisas de todas as côres, h'uma columna de numerosos batalhões patrioticos, perfeitamente uniformisados e desfilando em marcha triumphal até o ponto objectivo ; imagine-se uma jovialissima convivencia de parentes e amigos, com todos os attractivos de confortavel saráo, em cada habitação por onde passava o deslumbrante prestito, atravez de alguns kilometros ; imagine-se o inexprimivel conjunto de girandolas, fogos cambiantes, hymnos marciaes, palmas e vivas estrepitosos a discursos e versos que acendiam a chamma do patriotismo em mais de cem mil almas. Acima de tudo isto imagine-se a alacriade popular a transluzir, durante uma semana, em todos os semblantes, sem distincção de sexos, idades, raças, condições e classes, identificados em honra da patria, influidos por um só desejo — o de folgarem até o derradeiro

instante do incomparavel dia 2 de julho, que aliás durava muitos dias, reproduzindo-se os festejos, em miniatura, por alguns arrabaldes e cidades da provincia.

Lia-se a faustissima data ao longo das ruas, no meio das praças, em palacios e tugurios, no templo e no theatro, na escola e na officiua, em claustros e fortalezas, nos hospitaes e nos quarteis, em fardas bordadas e vestidos de seda, em blusas e casacas, por sobre a cabeça e o coração de patriotas a festejarem o 2 de julho.

Na cidade de S, Salvador, a 3 de maio, começavam, mediante uma associação composta dc cidadãos distinctos, os aprestos para o vistoso palanque, artisticamente destinado a servir de receptaculo dos emblemas da emancipação, isto é, dous grandes carros onde se fixavam as garbosas figuras de um caboclo e sua companheira supplantando o despotismo em fórma de dragão.

Durante dous mezes preparavam-se clero, nobreza e povo com as mesmas previsões de quem resolve uma viagem á roda do mundo. Taes preparativos, ás vezes, denunciados por falsos boatos, mórmente quando a situação era dos conservadores, obrigavam o presidente da provincia a requisitar do governo geral mais força de linha, com receio da alteração da ordem publica. Gratuitas apprehensões da politica, inteiramente desmentidas pela indole pacifica e ordeira de povo bahiano.

Tres dias antes de raiar a tão auspiciosa aurora, um bando de centenas de cavalleiros e milhares de peões, mascarados e vestidos phantasticamente, percorria as ruas principaes da cidade alta, distribuindo em avulsos e apregoando em verso o programma da solemnisação.

Os estudantes de medicina, os alumnos do lyceu e de collegios particulares, os lavradores, os caixeiros nacionaes, os jornalistas e os typographos, os artistas, os artifices e até a puericia escolar, alistavam-se, constituindo regimentos e batalhões, devidamente organizados, com os seus distinctivos, patentes, direitos de precedencia e recursos pecuniarios para musicos, archotes e despezas eventuaes.

Dessas legiões de paisanos sahiram briosos voluntarios para a campanha do Paraguay, onde ganharam a victoria ou perderam a vida em holocausto ao desaggravo da patria.

A' noite de 1 de julho formava, em ordem de marcha, qual se fosse um corpo de exercito, a enorme columna, subdividida em brigadas, sob a direcção de verdadeiros militares, taes como o marechal Luiz da França, os brigadeiros Favilla, Evaristo Ladisláo e Faria Rocha, os coroneis Marcolino Moura e Manoel Jeronymo, sendo o com-

mando chefe, algumas vezes, assumido por cidadãos de maior influencia na occasião, como por exemplo, em 1874, o conselheiro Dantas.

Chegados ao largo da Lapinha, quasi ao alvorecer do incomparavel dia, e depois de um trajecto de muitas horas, as phalanges patrioticas, tendo á frente os restantes veteranos da Independencia, vestidos como outr'ora durante a campanha, e perfilados em torno da bandeira vetusta, reliquia de Pirajá, ajuntavam-se á guarda nacional e á tropa de linha, resplendentes em seus uniformes, guarnecidos de folhas auri-verdes.

Ao restrugir dos clarins, tambores, bandas militares e foguetes, movia-se o prestito entre alas compactas de povo apinhado nas ruas e sob as acclamações de galantes senhoras, que engrinaldavam as janellas colgadas de seda e damasco. Assim eram conduzidos á mão os dous carros symbolicos, chegando, ás 2 horas da tarde, ao terreiro de Jesus, onde entravam como, em 1823, o exercito emancipador, quando as forças lusitanas, commandadas pelo general Madeira, desoccuparam a leal e valorosa cidade.

Não era mais imponente a entrada triumphal dos heróes gregos e romanos, em regresso de suas cruentas victorias na Asia e na Africa.

Que indiscriptivel e magestoso enthusiasmo no auge do delirio, em toda aquella catadupa de gente a reluzir, a ferver, a redemoinhar sob chuva de flores e poesias em avulsos, acenos de chapèos e lenços, explosões de vivas e baterias de palmas! Entoados, depois, os canticos religiosos, atroavam canhões e fuzis nas descargas que respondiam em continencia ao solemne *Te-Deum*, celebrado em acção de graças no vasto recinto da cathedral!

Quasi ao cahir da noite desfilava a tropa em cortejo á effigie do imperante e dos obreiros da Independencia.

Estrangeiros recemvindos pasmavam, deslumbrados ante o magnetico effeito daquelle imprevisto quadro, digno de perpetuar-se em télas de Salvator Rosa e paginas de Victor Hugo.

Dir-se-hia que a natureza e a arte combinavam-se em seus melhores productos para condignamente solemnisar-se o dia dos bravos no limpido azul do céo, no maximo fulgor do sol, na superabundancia e no viço das flores, nos trajos do bello-sexo, no garbo e no lustre da tropa em grande parada, nos tropheos de armas emmoldurando effigies de heróes, 'nas bandeiras galhardamente desfraldadas, na repercussão dos hymnos marciaes, desferidos aos quatro ventos, nas salvas de artilheria a responder pelo mar, nas expan-

sões, em summa, da alma publica, tributaria das glorias avitas, guardadas pelo amor da patria » (1).

E foi n'um meio d'esses que se desenvolveu o talento poetico do celebrado repentista; e foi alli que a scentelha sagrada despertou o talento do filho, communicando-lhe esse enthusiasmo, essa confiança, essa temerosa impavidez, que lhe serviram de amparo no meio das crudelissimas injustiças, que o assaltaram constantemente da parte de mequinhos detractores...

Não ultimo este capitulo sem lembrar os nomes de Luiz José Pereira da Silva (2), Ferreira de Menezes, Octaviano Hudson e Augusto Emilio Zaluar.

Este ultimo era portuguez abrasileirado e tem direito a figurar em nossa historia litteraria, porque intellectualmente foi producção d'este paiz.

Não assim José Feliciano de Castilho e Faustino Xavier de Novaes, transplantados para cá em idade madura, já feitos espiritualmente.

CAPITULO VI

Poesia. — Sexta e ultima phase do romantismo.

Vae-se agora assistir á dissolução do romantismo na poesia brasileira. A ultima escola poetica de valor formada dentro do circulo da romantica entre nós foi a escola do Recife,

(1) *Moniz Barretto*, pag. 91 e seguintes,

(2) Não confundir com o Conselheiro João Manoel Pereira da Silva, o velho auctor dos *Varões Illustres do Brasil* e de muitas outras obras.

conhecida sob a denominação de escola *condoreira*. Já me tenho referido a ella por diversas vezes.

Foi sob a egide de Victor Hugo que o movimento condoreiro se iniciara ; mas esta circumstancia, verdadeira até certo ponto, deve ser limitada em mais de um sentido.

Os nossos poetas, tomando algumas tintas á paleta hugoniana, não insufflaram de todo em seus cantos outra vida, deram apenas outra roupagem ás suas proprias ideias.

A influencia de Hugo foi mais exterior e occasional, do que organica e fundamental ; simples questão de forma, de morphologia poetica.

Como quer que seja, porém, a Victor Hugo estava reservada a missão de fechar o romantismo no mundo actual. Não só todos os seus antigos companheiros e emulos tinham já desapparecido da scena quando elle morreu, como era elle o unico poeta que ainda ousava empregar o primitivo estylo, e sahir á rua com o velho manto da escola. Tambem entre nós a ultima phase do romantismo foi cheia, mais ou menos, com a acção do poeta das *Contemplações*.

Os momentos anteriores pertenceram a outros ; Chateaubriand, Lamartine, Byron, Musset, e o proprio Beranger, tiveram cada um a sua hora de acção. Victor Hugo teve a ultima e em certo sentido a mais brilhante.

Influenciados por elle já se viu que foram José Bonifacio de Andrada, Pedro Luiz e Luiz Delfino (1). Influenciados por elle foram, como se vae vêr, Tobias Barretto, Castro Alves, Victoriano Palhares, Guimarães Junior, e alguns outros illustres poetas nacionaes.

Vamo-nos, pois, leitor, transportar á bella cidade, a grande capital do norte, para assistir alli ao desabrochar e ao desenvolvimento da poesia e das letras nos derradeiros quarenta annos. O que eu aqui chamo a escola litteraria do Recife, como já falei em escola *bahiana*, escola *mineira*, escola *fluminense*, escola *paulista*, escola *maranhense*, tem atravessado tres phases bem caracterisadas.

(1) Por considerações de methodo deixei este poeta para ser estudado em um capitulo subsequente deste livro.

A primeira épocha, puramente poetica e ainda exercida sob a influencia do romantismo, iniciou-se nos fins de 1862 e principios de 1863 e chegou até 1870.

Foi o tempo do hugoanismo da fórma, do condoreirismo do estro sobre uma poesia patriotica e socialistica em suas melhores manifestações, a epocha de Tobias, Castro Alves, Palhares, Luiz Guimarães, Plinio de Lima, José Jorge, que formaram a pleiada hugoniana.

Carneiro Vilella, Santa Helena Magno, Eduardo de Carvalho reagiram, conservando as tendencias lamartinianas. Franklin Tavora e Araripe Junior, ainda sob a influencia de Gonçalves Dias e Alencar, começavam a dedicar-se ao romance.

Souza Pinto e Generino dos Santos, ainda estreiantes, vacillavam incertos.

A segunda phase correu de 1870 a 1877 ou 78. Começaram as reacções da critica em face do romantismo em geral.

O auctor l'este livro em quatro artigos successivos em 1870, para só falar d'este anno, atacou o *sentimentalismo* exaggerado e o *indianismo* decrepito dos *Harpejos Poeticos* de Santa Helena Magno, o *hugoanismo* retumbante das *Espumas Fluctuantes* de Castro Alves, o *lyrismo subjectivista*, o *humorismo pretencioso* das *Phalenas* de Machado de Assis, e a defesa que das velhas ideias fizera Quintiliano da Silva, um moço de grande talento e má intuição. Começou então uma grande fermentação de ideias, alimentada pela curiosidade e pela sêde de saber de Celso de Magalhães, Souza Pinto, Generino dos Santos, Inglez de Souza, Clementino Lisbôa, Lagos, Justiniano de Mello e muitos outros. Tobias foi tambem do numero dos reactores.

A poesia se transformou e a critica exerceu-se em larga escala. A terceira phase vem de 1878 ou 1879 e continua ainda nos diaes actuaes. A critica e os estudos juridicos e sociaes tomam a dianteira á poesia, que mostra tambem feições mais severas.

E' o tempo dos moços Clovis Bevilaqua, Annibal Falcão, Arthur Orlando, Martins Junior, Alvares da Costa, João Freitas, Virgilio Brigido, a que se devem juntar os nomes

de tres lentes da Faculdade juridica : Tobias, que nunca mais sahiu de Pernambuco, onde ficou sempre a luctar, José Hygino, o illustrado jurista e pesquizador da historia patria, e João Vieira, celebre criminalista.

Tal é em rapido escorço a successão dos momentos diversos da escola litteraria de Pernambuco.

Só o primeiro tempo entra no plano d'este volume; o segundo e o terceiro deverão apparecer no volume subsequente.

Nos successos que vou narrar póde ser que entre os nomes dos obreiros, que então tanto trabalharam por dar lustre a este paiz, haja uma vez por outra de apparecer o meu censurado nome.

Podel-o-ia calar, mas não o farei, não por vaidade, que não tenho, sim em resposta indispensavel a uma critica que me não dá tregoas, que se gloria de atacar-me.

O odio que me vota é em grande parte oriundo da justiça que tenho ousado fazer a illustres escriptores das provincias que ella, a critica mesquinha, quizera sempre conservar em completa obscuridade, e não poude; porque eu não deixei !...

Peço desculpas ao leitor imparcial e recommendo-lhe a maior attenção aos documentos que terei de adduzir sobre mim e sobre os meus companheiros da escola de Pernambuco (1).

(1) Para calar a critica dou aqui uma lista dos principaes artigos com que contribui de 1870 a 1873 para a morte do romantismo e propaganda de novos ideiaes :

1.° *A Poesia dos Harpajos Poeticos*, preparado em novembro de 1869 e publicado no periodico intitulado *Crença* no Recife, em abril de 1870. N'esta critica ao livro de Santa Helena Magno apresentava pela vez primeira a idéa da poesia fundada no criticismo contemporaneo, e combatia, consequencia logica, o romantismo choroso e o indianismo brasileiro.

2.° *O que entendemos por poesia critica*, e duas *Cartas a Manoel Quintiliano da Silva*, publicado tudo em abril e maio, de 1870, na *Crença*, firmando as mesmas idéas, no primeiro enunciadas.

(3).° *A Poesia das Phalenas* — na *Crença*, de 30 de maio do mesmo anno. N'esta critica ao livro de Machado de Assis eram combatidos o seu *lyrismo subjectivista* e o seu *humorismo* pretencioso.

4.° *A Poesia das Espumas Fluctuantes*. A critica ao illustre Castro Alves, então ainda vivo, atacava sobre tudo as imitações directas de Victor Hugo feitas pelo poeta. No *Americano* do Recife, em setembro de 1870.

5.° *Systema das Contradicções Poeticas*, provando a extenuação já

Antes de entrar na caracterisação directa e especialisada dos typos que figuraram no periodo que ora historio, é mister dar aqui ainda uma ou duas paginas de synthese geral sobre o movimento de Pernambuco.

De todos os centros intellectuaes do Brasil, se é que neste paiz os ha bem caracterisados, a cidade do Recife, nos ultimos quarenta annos do seculo XIX, foi o que levou a palma aos outros na iniciativa das idéas.

Desde logo cumpre-me avisar ao meu leitor que eu não sou pernambucano, nem quero ter em mui exagerada conta

adiantada das differentes doutrinas de poesia, que haviam figurado na historia litteraria do XIX seculo, *Correio Pernambucano* em 1871.

6.° *A Poesia e os nossos Poetas*, combatendo o romantismo religioso de Gonçalves de Malgalhães e o gentilismo de Gonçalves Dias, no *Correio Pernambucano* em 1871.

7.° *A proposito de um Livro*, critica das *Peregrinas* de Victoriano Palhares, em junho de 1871 no *Diario de Pernambuco*, combatendo a poesia chula de recitações em theatros e salas, e defendendo contra Ed. Scherer o lyrismo *impessoal*, distincto do lyrismo *individualista*,

8.° *Uma pagina sobre Litteratura Nacional*, no *Movimento* do Recife, de 15 de maio de 1872, estudando a influencia do *meio* e da *raça* sobre o espirito brasileiro.

9.° *Realismo e ideialismo*, no *Movimento* de 23 de maio de 1872.

10° *As Legendas e as Epopéas*, no mesmo jornal e anno.

11.° *A Poesia e a Religião. O Maravilhoso*, idem, idem.

12.° *A Poesia e a Sciencia*, ibid., idem, Todos no mesmo espirito, combatendo velhos erros e reformas pouco firmes.

13.° *Camões e os Lusiadas*, no *Diario de Pernambuco* de meiados de 1872, sobre o prefacio do livro de Joaquim Nabuco. Agitava-se de novo a questão do indianismo.

14.° A *Rotina Litteraria*, no *Jornal do Recife* em 1872. Synthese das direcções erroneas da litteratura brasileira no seculo XIX.

15.° Um artigo apreciativo das *Cartas de Sempronio a Cincinnato* contra *Senio*, no *Diario de Pernambuco* de fins de 1872. Batia com inteira independencia os tres combatentes igualmente.

16.° *Uns Versos de Moça*, a proposito das *Nebulosas* da Sra· Narcisa Amalia, na *Republica* do Rio de Janeiro em 1873. Tratava-se do papel da *alegria* e da *tristeza* na poesia.

17.° *A Critica Litteraria*, em julho de 1873 no *Liberal* do Recife. Defendiam-se algumas idéas do autor contra uma critica villan.

18.° *O Romantismo no Brasil*, no *Trabalho* do Recife, em abril, maio, junho e julho de 1873. Combatia-se o decrepito systema.

19.° Uma these sobre *Economica Politica* apresentada ao lente d'aquella materia na Faculdade de Direito do Recife, em setembro de 1873. Avaliava-se do volor do socialismo contra a *economia politica*, da critica religiosa contra a *theologia medieval*, e do positivismo contra a *metaphysica*.

o ultimo movimento espiritual alli provocado, como tambem não aprecio largamente a tão decantada aptidão da grande provincia do norte para as lides das idéas livres, com suas tres e tão mal apreciadas revoluções do XIX seculo. Nem 17, 24 e 48 me prendem com força, nem é para decantar taes factos que movo agora a penna.

Mina pretenção é mais modesta, visa á epocha recente e a idéas de natureza muito diversa. O movimento a que me refiro teve por factores individuos pela mór parte extranhos áquella terra, e só alli nasceu pelo facto, quasi accidental, de terem elles ido lá fazer o seu curso academico.

A gloria, pois, que de tal facto possa advir a Pernambuco é puramente reflexa; mas não é menos verdade que foi na bella *Veneza transplantada*, para repetir a velha phrase do poeta, que as cousas se passaram.

A meia duzia de idéas mais estimaveis, que em outros pontos do paiz, como S. Luiz, Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo e Porto Alegre, tem vindo nos ultimos tempos a agitar na es phera litteraria os espiritos, desde 1862 que no Recife começaram a vir á luz, e a prosperar no jornalismo.

O terreno revolvido, a sciencia, a critica, a poesia, o foi ali largamente, tanto quanto na Brasil isto podia acontecer. Uma fatalidade, que se prende de um lado ao desprezo da capital para com a imprensa provinciana, e, de outro, á posição pouco vantajosa dos trabalhadores de que se vai falar, é a razão explicativa de terem ficado elles quasi ignorados.

Devo começar pela poesia.

A primeira phase das lutas que tenho de rapidamente historiar foi a da formação da escola nacional, que arvorou a bandeira pantheistica e revolucionaria de Victor Hugo, com seu estylo forte e rutilante.

Seu chefe ali foi Tobias Barretto de Menezes, que levou o systema preparado de Sergipe, sua patria, onde o cultivava desde annos antes.

O joven poeta aportou em Pernambuco em fins de 1862. Desde então, sua voz se fez ouvir, e em torno delle grupararam-se muitos enthusiastas aproveitaveis, deixando as velhas tendencias. Entre outros se contavam Castro Alves, Victo-

riano Palhares, Plinio de Lima, Guimarães Junior e mais tarde Castro Rebello e Altino de Araujo.

Os chefes e os discipulos não viveram depois muito cordialmente; a emulação tornara-os rivaes, não contestando, porém, nenhum em Pernambuco ao poeta sergipano o prestigio da iniciativa. A vida academica no Recife nesse tempo foi muito aprazivel.

Era a phase da guerra como Paraguay. As *festas* patrioticas se repetiam com as noticias de nossas victorias e um enthusiasmo sincero se fazia sentir entre os moços.

O *theatro*, sob a direcção de bons artistas, e o *salão*, ao influxo das bellas pernambucanas, recebia com o recitativo um brilho vivo. Os poetas tiveram principalmente por musa o patriotismo, o enthusiasmo esthetico e o amor. Ao lado desta triplice manifestação exhibia-se a poesia philosophica e um lyrismo brilhante e sadio. A primeira necessidade da joven escola foi banir o byronismo affectado e o lamartinismo lamuriento, que tinham tido tantos represententes festejados.

Nas folhas do Recife de 1862 á 1870 existem numerosas producções que attestam o que aqui se affirma. E' uma questão de datas; é só verifical-as.

Alguns livros depois fôram publicados reproduzindo aquellas peças. Entre outros, *Espumas Fluctuantes* de Castro Alves, *Mocidade e Tristeza*, *Scentelhas*, *Peregrinas* de Palhares, *Corymbos* de Guimarães Junior.

Os versos de Tobias Barretto ficáram espalhados pelas paginas dos jornaes, até que em 1881 no Rio de Janeiro se imprimio em livro uma parte delles sob o titulo de *Dias e Noites* (1).

Entretanto, Castro Alves, discipulo muito aproveitado, mas sem a intuição philosophica, o sentimento exacto e a correcção plastica do mestre, passando pelo Rio de Janeiro, onde teve ruidoso acolhimento, foi proseguir o seu curso em S. Paulo, fez-se lá ouvir e creou asseclas, que depois prochamaram a nossa poesia hugoniana como um rebento d'aquelle solo...

(1) Existe uma edição posterior muito mais completa; é de 1893.

Isto já em 1868, quando a escola, como tal, entrava em decadencia.

E' que de Tobias Barretto e Castro Alves, passando para os seus discipulos, ostensivos ou não, o *estylo* se exagerára, tornando-se uma *maneira* aspera de poetar....

A falta de sentimentos e de idéas foi supprida pela phantasmagoria de uma linguagem empolada e gongorica.

A' ultra-romantica generosa e enthusiastica dos *Dias e Noites* e *Espumas Fluctuantes* succedeu, entre outros systemas, no Recife o *realismo* de Celso de Magalhães, Generino dos Santos e Souza Pinto. Tinham antes trabalhado nas fileiras dos adeptos de Hugo, e reagiram afinal.

Seu systema, porém, não repousava na vasta intuição naturalista do mundo e da humanidade, preparada pelo evolucionismo e pela critica.

O realimo litterario e poetico de que se fizeram os corypheus não foi o corollario do *naturalismo scientifico* que substituio as velhas construcções metaphysicas.

Era já depois de 1868 ; nas *Poesias* de Celso de Magalhães e nas *Idéas e Sonhos* de Souza Pinto se nos depara esta nova tendencia, affirmada mais fortemente nos periodicos academicos apparecidos dahi em diante, maximé no *Trabalho* em 1873.

Hoje tudo isso é corrente na mór parte do paiz ; mas é preciso não olvidar a origem. Continuavam os poetas a sacrificar ao romantismo ou ao estreito realismo, quando o autor destas linhas offereceu a idéa de uma poesia, que, firme na moderna intuição criticista, edificada pelos estudos historicos, de um lado, e pelas sciencias naturaes e philosophicas, de outro, fôsse a crystallisação das vistas mais adiantadas do espírito contemporaneo.

Um critico francez, sondando os motivos intimos da poesia sceptica de Byron e Gœthe, encontrou-os no estado social incongruente dos fins do seculo XVIII e começos do XIX.

Por um raciocinio simples, fui levado a concluir para a poesia nova uma intuição diversa. Esta não podia mais ser pedida nem ao decrepito espiritualismo metaphysico de Cou-

sin e Jouffroy, nem ás vistas pantheisticas de Quinet, ou ao socialismo revolucionario de Hugo.

Havia tambem de ser differente de outras soluções que começavam a apparecer, como o realismo de Coppée e Richepin, e como o positivismo esteril de alguns outros.

Só a concepção agnostica do universo, que é o grande feito da sciencia do dia, concepção que tem o triplice apoio do positivismo de Comte, das idéas evolucionistas de Spencer e da critica religiosa allemã, é que podia, a meu vêr, ser a inspiradora da arte actual.

Similhante idéa, pouco comprehendida entre nós, foi atirada á luz na *Crença*, periodico publicado no Recife em 1870, e desenvolvida nos annos seguintes em diversos jornaes daquella capital.

Um dos indispensaveis recursos da theoria, foi combater o romantismo, de preferencia no seu predilecto representante — o *indianismo brasileiro*. Igual opposição foi feita ao falso *idealismo* e ás unicas pretendidas concepções *realistas*. Todas as obras, quer de critica, quer de poesia, que tenho publicado no Rio de Janeiro, não passam de documentos dessa intuição litteraria e em grande parte são reproducção do que havia publicado antes no Recife.

Por outro lado, o moderno naturalismo do romance brasileiro, qual o comprehenderam o distincto escriptor Franklin Tavora e o esperançoso Luiz Dolzani, é tambem um producto do movimento do norte.

Estes autores depois ausentaram-se, trazendo para o sul suas idéas já feitas e desenvolvidas.

E' tempo de passar á sciencia e á critica.

Algumas idéas que, a proposito de nossa chamada questão religiosa, fôram discutidas no Rio de Janeiro, entre outros por *Ganganelli*, annos antes o haviam sido no Recife por um escriptor, que tinha tanto mais de illustrado do que o notavel chefe da maçonaria brasileira, quanto é mais do que elle desconhecido.

Refiro-me a Abreu e Lima. E' impossivel agora aqui fazer em traços miudos a caracteristica desta nobre individualidade. A occasião não é a mais apropriada.

Como os poucos homens de merito real neste paiz, tem elle sido largamente desdenhado. Seus trabalhos de patriota liberal, que o pôz o braço ao serviço da independencia da Columbia e da Bolivia ao lado do celebre libertador da America do Sul, fôram esquecidos. Seus escriptos em que foi o primeiro, entre nós, a encetar a critica sem reserva, profligando as autoridades de palha, engrandecidas por nossa fatuidade, foram por esta ridicularisados. Apresso-me em dizêl-o : Abreu e Lima não é para mim mais do que um autor de ordem terciaria, medido pela bitola de seus congeneres europeus. Aferido, porém, pelo padrão brasileiro, elle se ostenta muito acima do nivel de seus rivaes patrios, por mais endeusados que tenham sido em detrimento seu.

Em sua longa carreira ha a distinguir o que fez como patriota americano, liberal e militar, e o que fez como escriptor. Por este lado ainda se deve separar o que, logo de volta da Columbia, effectuou no Rio de Janeiro e o que mais tarde publicou em Pernambuco.

Em uma e em outra esphera, se nem sempre suas idéas fôram originaes e seguras, seu exemplo foi sempre para imitar-se. Independente e ousado, nunca se prostrou aos pés de nossos governos insensatos ; independente e illustrado, foi quem primeiro brandio neste paiz o latego da critica sobre a enfumada lenda de homens como Cunha Barbosa, Adolpho Varnhagen, Ferreira França, Diogo Feijó, Nascimento Feitosa, Pinto de Campos e outros tantos semi-deuses que gyram na atmosphera empoeirada de nossa politica e de nossas letras. Pelo que mais interessa neste momento, devo sómente indicar que nos annos de 1866 e 1867, já velho e proximo ao tumulo, sustentou pela imprensa uma luta renhida, cujos resultados foram dous livros intitulados *As Biblias Falsificadas*, e *O Deus dos Judeus e o Deus dos Christãos.*

Ao total tres respostas a um padre imprudente, que occupava um alto assento na Igreja brasileira. As qualidades deste contendor não eram das mais proprias para engrandecer a pugna e dar fulgor ao adversario liberal. E, todavia, aqui dentro do nosso horizonte, Abreu e Lima brilhou.

Elle, por certo, ignorava, como todos de seu tempo, o

grande thesouro que constitue a moderna sciencia da exegese biblica. A nova critica religiosa lhe era desconhecida. De um ponto de vista voltairiano, porém, e com a intuição de um *velho catholico*, muito antes da *Infallibilidade* e da scisão de Dœllinger, elle delucidou a questão das biblias protestantes, ditas *falsificadas*, e discutio outros pontos controversos, como o purgatorio, a inquisição, o culto das imagens...

No terreno do direito ecclesiastico privado escreveu sobre o padroado, o beneplacito imperial, ausencia dos bispos de suas dioceses. De envolta lá se acham acertadas idéas sobre o casamento civil, liberdade religiosa, immigração estrangeira, concordata com Roma...

A obra do general permanece despercebida, quando seu digno successor, amontoando volumes sobre volumes, causou ruido no Rio de Janeiro. A longa serie intitulada a *Igreja e o Estado*, apezar de sua bôa intenção, é um dos maiores monumentos de nossa má cultura metaphysica.

Nem no Recife, nem no Rio, os dous illustres corypheus produziram pensamentos originaes.

Mas o general tem, alem de outros, o prestigio da antedencia.

A' forte luta sustentada pelo autor do *Socialismo* e o autor da *Jerusalém* succedêram outras menos ruidosas e mais fecundas.

A grande transformação do pensamento hodierno, produzida pela ascendencia da Allemanha, o unico *representative man* que teve no Brasil encontrou-o em Pernambuco. Ainda neste ponto o iniciador foi Tobias Barretto na reacção philosophica e no *germanismo*. Eu não conheço maior metamorphose operada em um espirito do que a effectuada no escriptor sergipano.

O chefe da poesia hugoana brasileira fez-se igualmente o evangelista de germanismo entre nós...

A critica foi a grande porta por onde nos foi fazendo conhecer a Allemanha ; a critica em sua totalidade applicada á philosophia, á religião, á litteratura, á politica e ao direito. Tobias Barretto percorreu todos estes districtos da sciencia, sem que sua antiga intuição romantica o perturbasse. Disse Victor Hugo de Sainte-Beuve que este tinha um pouco do

poeta no critico e um pouco do critico em o poeta. O nosso escriptor conseguio separar de todo os dous dominios. Sua phantasia não ennevôava a sua razão.

Desde 1870 que, abandonando quasi totalmente a poesia; atrou-se á critica em seus variados ramos, e mais tarde ao direito. A sua nova intuição elaborada pelo estudo profundo do positivismo, do darwinismo, das escolas de sciencia religiosa allemã, maxime a strauss-bauriana e pela leitura dos historiadores litterarios, como Julian Schmidt e H. Hettner, e dos publicistas, como Mohl e Gneist, derramou-se em variados escriptos. O germanismo de Tobias Barretto firmava-se, quanto á sciencia na intuição monistica do mundo e da humanidade, presuppondo o conhecimento de Comte e de Darwin; e na litteratura promovia implicitamente a applicação do principio da selecção natural entre as nações, fazendo-nos jogar á margem as migalhas da civilisação franceza e mergulhar na grande corrente da cultura allemã. Similhante modo de pensar envolvia por força a necessidade da critica objectiva, isto é, daquella que, não guardando preferencias, estudando os homens e os factos como elles são, lavra o seu juizo sem tergiversar, por mais energico que possa ser.

Mas eis que no Rio de Janeiro só de 1874 em diante é que pela vez primeira os nomes de Darwin e Comte fôram conscientemente pronunciados em publico em conferencias e escriptos, quando em Pernambuco eram de vulgar noticia entre os moços de talento desde 1869 (1).

A critica-sciencia, pois, não nasceu no Rio com a rhetorica do Conego Pinheiro.

Escusado é advertir que o germanismo litterario do escriptor sergipano foi letra quasi sem desconto em certos circulos brasileiros, onde a lingua allemã era um especie de epigraphia *accadeana*.

Especie de *contagium animatum*, a eiva nacional só se apega aos defeitos daquelles que entre nós ousam pensar.

(1) As primeiras exhibições sobre Darwin fôram no Rio de Janeiro as conferencias do Dr. Miranda de Azevedo, em 1875, apparecidas depois em folhetos. — Sobre Comte, os artigos do Sr. Miguel Lemos, a datar de 1874, e publicados em opusculo em 1877.

O que havia de enfesado na poesia de Hugo facilmente propagou-se ; o que ha de vivificante na Allemanha nós o repellimos.

O escriptor dos *Estudos Allemães* foi uma grande intelligencia e um grande coração, mas um homem em certo sentido exclusivista. Seu espirito podia percorrer, sem duvida, larga parte da escala do saber humano, mostrando, comtudo, uma facêta predilecta. Em poesia teve elle um mestre, — um notavel espirito. Sempre produzia por si, com exuberancia d'alma ; et, todavia, em sua paleta havia de ordinario entre outras uma tinta certa ! Em litteratura e critica teve tambem um ideal : a alma de uma raça, o espirito tedesco. Sempre pensava por si, com segurança ; e, todavia, sua penna, que pódia molhar-se em tinta preta, havia de trazer, ás mais das vezes, alguns pingos rubros das preferencias germanicas.

Isto é bom, os iniciadores devem ser arrebatados, systematicos, exclusivos. E' uma condição de victoria.

O autor deste livro, espirito que deseja acertar, foge desses caprichos.

Em poesia, o philosophismo criticista, porque éra a feição do tempo ; em philosophia e litteratura, ainda o *criticismo evolucionista*, e mais a verdade de onde quer que ella viesse. Isto envolvia uma serie de affirmações e negações, que apparecêram nos jornaes de Pernambuco em oito annos, — os que medeiaram entre 1869 e 1876.

Pelo que toca á litteratura, em sua face restricta, no que mais interessa por ora, esse pensamento quer dizer, pelo lado negativo : abandono do indianismo e do lusismo exclusivos, igual desprezo dos sonhos romanticos e do falso realismo ; pela face positiva : nova intuição da poesia em geral e especialmente da americana ; nova concepção da *poesia popular brasileira* e da *historia litteraria* da nação, onde devem pesar todos os elementos *ethnicos* do paiz. Em todo este movimento critico do norte, sem duvida superior á evolução poetica, filiaram-se alguns jovens escriptores, que fôram depois residir e trabalhar em outros pontos do paiz ; taes foram, entre muitos, Celso de Magalhães, Rocha Lima e Araripe Junior.

Eu falei poucas linhas acima em nossa *poesia popular*. No

Rio de Janeiro não se tinha tratado de similhante assumpto antes do excellente escripto do notavel critico Celso de Magalhães, intitulado — *A poesia popular brasileira*, publicado no Recife 1873. Depois é que o Conselheiro Alencar mimoseou os seus leitores com o seu escripto — *O nosso cancioneiro*.

Esta rapida noticia do desenvolvimento de idéas levado a effeito na bella cidade onde estudei, que é a minha patria intellectual, não leva por alvo engrandecer os meus companheiros de lides e muito menos a mim proprio. Restabelecer a verdade de alguns factos e comprimir umas pretenções indebitas, eis o motivo dirigente destas paginas.

Infelizmente do Brasil não se póde dizer o que da Allemanha escreveu o sabio Virchow : « A meu vêr não temos agora mais nada que pedir para nós ; havemos chegado ao ponto em que devemos, sobretudo, propôr-nos, por nossa moderação, por uma certa abnegação de nossas preferencias e opinões pessoaes, fazer perdurar as disposições favoraveis que a nação ha testemunhado a nosso respeito. »

Quem dera que ahi tivessemos chegado (1).

TOBIAS BARRETTO DE MENEZES (1839-1889). — Este iniciador da escola *condoreira* na poesia nacional, mestre do *allemanismo* na critica, doutrinador do *naturalismo* no direito, nasceu na villa de Campos, na provincia de Sergipe, aos 7 de junho de 1839. Seu pae, Pedro Barretto de Menezes, era alli

(1) Para que não haja engano, nem se suscitem duvidas sobre os diversos trabalhadores da escola do Recife nas tres phases, sob o ponto de vista da iniciativa de cada um, dou aqui a seguinte indicação synoptica.

Os propulsores foram estes :

1.ª Phase: — na *poesia* — Tobias e logo após Castro Alves e Victoriano Palhares ; no *romance* e no *conto* — Franklin Tavora ; no *voltairianismo religioso* — Abreu e Lima.

2.ª phase : — na *reacção philosophica* e no *germanismo* Tobias, na *reforma da critica litteraria* e no *criticismo poetico* o escriptor d'este livro ; no *realismo poetico* Celso de Magalhães e Souza Pinto ; no *romance* Luiz Dolzani e Clementino Lisboa ; no *folk-lore* Celso de Magalhãos e logos após o auctor d'este livro.

3.ª phase: — na *intuição nova do direito* — Tobias e depois José Hygino, Clovis Bevilaqua, Arthur Orlando e João Vieira ; na *poesia scientifica* Martins Junior ; no *critica litteraria*, Clovis Bevilaqua, Arthur Orlando Alvares da Costa, na *erudição na historia local* — José Hygino.— E' isto esta é a verdade e esta é a justiça.

escrivão de orphãos; mas o municipio não era populoso e rico, o cartorio quasi nada rendia e o funccionario não passou jamais acima da pobreza.

O pae do poeta tinha genio folgazão e satyrico, pronunciado talento anecdotico e innegavel quéda para as luctas politicas locaes, nas quaes se revelara intelligente, insubmisso e desabusado.

Sua mãe — D. Emerenciana de Menezes — era meiga, de genio suáve e doce, temperamento melancolico e cheio de resignação. Pedro era mestiço accentuado; D. Emerenciana passaria par fidalgamente branca em qualquer parte do Brasil.

Campos demora em uma planicie, quasi na confluencia do riacho Jabibery no Rio-Real. A região é aspera, a terra esflorada a trechos, cheia de arêiaes extensos, contrastados por bellas e frescas moitas de altas quichabeiras nas margens do Real e do Jabibery. E' um pedaço d'essa região, caracteristicamente chamada no Norte — *o agreste* — que é a passagem das terras das *mattas* para a zona dos *sertões.*

A vegetação é falha em geral e de pequena apparencia, excepto, como é o caso em Campos, nas margens dos rios. Predominam as catingas, mangabeiras, guabirabas, quicha beiras e imbuzeiros. E' pronunciada a antithese entre a planicie areinta e esteril e as altas moitas frescas que bordam os rios. O clima é quente, appetitosos os banhos nos poços sob as folhudas ramagens, os luares esplendidos, o ar impregnado do cheiro das plantas campezinas.

Bem se comprehende a selvagem e original poesia que um meio d'esses iria accumulando n'alma intellligente do filho de Emerenciana e Pedro Barretto. Quem viu aquellas paragens entende bem o que vêm a sêr os *roupões de sombra desvestidos pelos quichabáes* e sente a verdade de versos como estes :

« Aos reflexos da lúa que pratêa
Os brancos arêaes de minha terra,
Ao vivo trescalar das guabirabas
Nas aragens de um céo desabafado » (1).

(1) *Dias e Noites*, Rio, 1893; pag. 262.

Tobias estudou primeiras lettras em sua terra natal com o professor Manoel Joaquim de Oliveira Campos, figura notavel na provincia, como poeta, jurista e politico. A convivencia d'este espirito, addicionada á de Pedro Barretto, influiu consideravelmente na formação do talento e da compleixão intellectual do joven sergipano.

Aprendidos as primeiras lettras de 1846 a 49, partiu en 1850 o futuro poeta dos *Dias e Noites* para a cidade da Estancia a cursar a aula de latim do padre Domingos Quirino de Souza e seguir as licções de musica do maéstro Marcello Santa Fé. Na Estancia demorou-se até 1852. No anno seguinte partiu para o Lagarto a completar os estudos de latinidade sob a direcção do famoso professor padre José Alves Pitangueira, em cuja casa viveu até 1854. No anno subsequente abriu aula de primeiras lettras, iniciando d'est'arte, aos deseseis annos, a carreira do magisterio, seu modo de viver mais constante até á morte.

Em 1857, aos dezoito annos, por conselho do Dr. Salustiano Orlando, entrou em concurso para o provimento da cadeira de latim da villa de Itabayana, na qual foi provido, pois que tinham sido brilhantissimas as provas dadas de sua capacidade e competencia no assumpto. Em Itabayana demorou-se até fins de 1860. De dezembro de 1858 existe a bella elegia, em estylo ovidiano, dirigida a seus discipulos, por occasião do encerramento do curso, tendo se seguir o joven professor para Campos em descanço das ferias. E' como segue :

Tandem jam superest tantum valedicere vobis ;
Quando quidem cedo, stante magisterio,
Quod finitum hodie nunquam mihi forte reduci
Possit, aliqui cadat sic literis dociles
Formandi juvenes ; quid ita? certo grave munus
Commissum immerito parvo aliquando mihi.
Vellem, Discipuli, vobis, qui repitis isthuc,
Ut possem sapiehs, in rudibus tenebris
Lumen ego prœferre, erudiens itidem, et vos
Memet, adhuc video, viribus exiguis
Quam doceo ; desunt autem magnæ Sophiæ mî
Principia, atque ideo jam cogor ad studium.

At vos licturus ; desiderio madefit cor
Planctibus obtectis; ergo valete, Boni.
Semper ero, atque fui, inter amicos me numerate.
Vos qui pendo, dabunt tempora temperius. »

Primeira lettras, musica e latim foram as cousas unicas aprendidas por Tobias em Sergipe e elle costumava dizer mais tarde, quando já era mestre profundo de direito no Recife, que *latim e musica* eram as unicas disciplinas que suppunha bem conhecer.

Desde os quinze annos de idade começou a poetar e a escrever trechos musicaes. D'estas primitivas manifestações de seu talento existem ainda algumas amostras de que darei exemplos no correr d'estas paginas.

O anno de 1861 passou-o todo o moço sergipano na Bahia, onde conviveu com o seu parente Moniz Barretto, o famoso repentista e cursou diversas aulas de preparatorios, entre as quaes avultava a de philosophia, sob a direcção do theologo e conhecido orador sagrado Frei Itaparica. Tobias chegara á velha capital brasileira com a intenção de fazer o curso theologico e receber ordens sacras. Deu logo entrada no seminario, onde passou este dia e a noite apenas, retirando-se no dia seguinte pela manhã. Durante a noite passada n'aquelle mansuéto retiro, dizem as lendas correntes a seu respeito, commettera a imprudencia de começar a cantar no silencio do dormitorio uma modinha de seu repertorio sergipense. Esta anecdota era referida pelo padre José Antonio de Vasconcellos; mas creio que é simples crêação lendaria. A verdade é que, sahido do seminario, o irrequieto sergipano vagou pela cidade á procura de certos patricios que não chegou a encontrar n'aquelle dia. A' noite foi ao theatro de São João; assistiu ao espectaculo, findo o qual, um companheiro de occasião levou-o a dormir n'uma estalagem de segunda ou terceira ordem. Poucas horas ahi demorou-se, porque foi acordado aos gritos de fogo.

Effectivamente a estalagem estada a arder. Era de madrugada. Não sem novas difficuldades conseguiu descobrir o paradeiro dos patricios que andava a procurar, e em cuja

casa viveu, ajudando algum tempo parcamente as despezas, todo o anno de 1861.

Foi durante este periodo que, além de outros preparatorios, como o de philosophia, conforme disse, estudou a lingua franceza e passou a mór parte do tempo na Bibliotheca Publica a ler os poetas romanticos, nomeadamente Quinet e Victor Hugo, cujo livro das *Contemplações* mais de perto o prendêra.

Na Bahia fôra companheiro de Rosendo Moniz, de seu irmão Francisco, o musico talentoso, morto ultimamente no esquecimento, e ambos filhos do inegualavel repentista citado linhas acima. Na bella capital bahiana os estudos e leituras o absorveram de todo, deixando-lhe diminuto lazer para a producção; por isso quasi nada alli escreveu. Tenho apenas conhecimento de duas poesias. Uma, consagrada ao *Dois de Julho*, o dia bahiano por excellencia; o poeta m'a recitou por vezes; mas guardei de memoria apenas duas estrophes, que reproduzi em seu livro dos *Dias e Noites* (1).

A outra — *Anhélos* — anda no mesmo volume incompleta e com a data errada, e sobre ella falarei mais de espaço.

As pequenas economias levadas de Itabayana estavam esgotadas desde meiados de 1861 e os preparatorios não estavam prestados, posto que aprendidos em sua quasi generalidade (2).

De Sergipe não vinha recurso algum; era mistér bater em retirada. O desanino principiava a ganhar o espirito enthusasta do pobre ex-professor de latim, que já n'esse tempo havia perdido sua cadeira.

Foi em tal transe, ao travor d'esse acabrunhamento, que se deu o passo a mim referido com lagrimas nos olhos : deitado em sua rêde, lia a collecção de trechos de prosadores e poetas de Charles André; a alma estava ennegrecida pelo desmoronar de todos os planos; n'um momento de impaciencia atirou pelos ares o livro, que foi cahir esparramado a um canto da pequena sala.

(1) *Dias e Noites*, pag. 200, edição de 1893.

(2) Erão : latim, francez, inglez, arithmetica, algebra, geometria, historia universal, geographia, historia do Brasil, philosophia, rhetorica e poetica.

Levantou-se, apanhou-o, estava aberto n'uma pagina, onde se liam uns versos, entre os quaes se achava este : *on perd son avenir par trop d'impatience...* Os temperamentos poeticos, quando atribulados, vêem presagios em qualquer cousa. Aquellas palavras fôram um balsamo para esse espirito acabrunhado. Mas era indispensavel partir e teve de recolher-se a Sergipe. Em Campos passou o anno inteiro de 1862; pois só em dezembro seguiu para o Recife, sem recursos, é certo, porém cheio de esperanças, confiado na mocidade e no talento. Saudou a bella *Veneza transplantada* com a famosa ode *A' Vista do Recife*, escripta a bordo do pequeno paquete que o conduzira do Aracajú. Mas nem tudo foram rosas em Pernambuco para o novo hospede. Poucos dias depois de sua chegada, em janeiro de 1863, era atacado de variola de máo caracter; o lance foi crúel, esteve quasi ao desamparo e escapou milagrosamente á morte. Foi o passo mais afflictivo de sua existencia, segundo m'o revelou sempre.

Uma vez curado, porém, repassou os preparatorios durante 1863, prestando-os todos nos exames do fim do anno.

Em março de 1864 estava matriculado no curso juridico. N'esse tempo fez concurso de latim para o preenchimento da cadeira vaga no Collegio das Artes; apezar de brilhantes provas, não foi provido na cadeira; entrou de novo em concurso da mesma disciplina no anno seguinte. Ainda não foi provido n'ella; o que tambem lhe aconteceu com a de philosophia do Gymnasio Pernambucano, para a qual concorreu em 1867, a despeito de ter sido collocado sempre em primeiro logar. Deveria formar-se em fins de 1868, o que não aconteceu, por haver perdido por faltas, em 1866, o terceiro anno do curso, que só veio a concluir em dezembro de 1869.

Depois de formado ainda residiu no Recife, onde abriu um collegio de instrucção secundaria, sendo que durante o curso academico fôra sempre no ensino que encontrara meios de subsistencia. Leccionava francez, latim, historia, rhetorica, philosophia e mathematicas elementares.

Não metendo em linha de conta os tempos de Sergipe e Bahia, é licito dizer que o periodo de fins de 1862 a principios de 1871 constitue a sua primeira phase do Recife, na qual culti-

vou preponderantemente a poesia, iniciando apenas a acção critica, que encheu o periodo seguinte (fevereiro de 1871 a outubro de 1881) que constitue a phase da Escada, do nome da pequena cidade pernambucana, onde habitou n'esse tempo.

Ao periodo de fins de 1881 a junho de 1889, segunda phase do Recife, pertence a acção juridica, exercida pelo magisterio na Faculdade de Direito. Os factos mais notaveis da vida espiritual do escriptor durante esses tres periodos de actividade são os seguintes : em 1862 publicou — *A' Vista do Recife;* em 1863 — *Pela morte de um amigo*, *Dia de Finados no Cemiterio*, *A' uma Mulher de talento;* em 1864 — *A' Polonia*, *Trovadores das Selvas*, *Amalia*, *Inspiração*, *Mãe e Filho*, *Depois de ouvir a aria final da Traviata;* em 1865 — *Capitulação de Montevidéo*, *Vôos e Quedas*, *Lenda Civil*, *Ideia*, *Voluntarios Pernambucanos*, *Sete de Setembro*, *Pelo dia em que nasceste*, *Leões do Norte*, *Em nome de uma pernambucana*, *Philippa*, além de alguns discursos e um artigo sobre as poesias de *Paes de Andrade;* em 1866 — *Lenda Rustica*, *Genio da Humanidade*, *Os Tabaréos*, *Suprema Visio*, *Contemplação*, *Quando nasceste*, *Amar*, *Supplica*, *A Caridade*, *Carmen*, *Oh! isto mata*, além de um artigo sobre as poesias de *Lycurgo de Paiva* e sustentou uma polemica com Castro Alves; em 1867 — *Polka Imperial*, *Présentimento*, *A Luva* (traducção), *O beijo*, *Leocadia*, *Como é bom! cantai! Malévola*, *A Viuva de Pedro Affonso*, *Luctas d'alma*, *Sê meiga e terna*, *Porque me feriste? A Bottini*, *Adelaide do Amaral*, além de um artigo sobre *Nahum;* em 1868, ao de mais de varias poesias, *Guizot e a escola espiritualista do seculo XIX; Sobre uma theoria de S. Thomaz*, *Theologia e Theodicéa não são sciencias;* em 1869 — *A Religião Natural de Jules Simon; Os Factos do Espirito Humano de Gonçalves de Magalhães*, *A Força Motriz;* e varias poesias; em 1870, redigiu — *O Américano* e publicou, além de diversas poesias, como *Decadencia*, *Volta dos Voluntarios*, *O Rei reina e não governa*, *Diante de um batalhão que voltava da Campanha*, alguns artigos, como *Os homens e os principios*, *Moysés e Laplace*, *Politica Brasileira*, *Notas de critica religiosa*, *Theologia Rationalis confutatio*, *A Religião perante a psychologia*, *Chronica dos desparates;* em 1871 — *A Sciencia*

d'alma ainda e sempre contestada, *Uma Excursão nos dominios da sciencia biblica*, *Uma Lucta de gigantes*, *O Direito Publico Brasileiro do Marquez de S. Vicente*, *A Questão do poder moderador* (principio); em 1872 — *A Provincia e o provincialismo*, *O Atraso da philosophia entre nós*, *O romance no Brasil* (inacabado); em 1873 —*Sobre um Escripto de Alexandre Herculano*, *Auerbach e Victor Hugo*, *Uma Excursão nos dominios da sciencia biblica* (o final); em 1874, redigiu o periodico — *Um Signal dos Tempos*, onde iniciou a publicação de — *A Alma da mulher*, *Principios da estylistica moderna*, *Hartmann e a philosophia do inconsciente*, *R. Gneist como publicista*, *Socialismo em litteratura*, *Carolina Michaelis e a nova geração em Portugal*, *Sobre David Strauss*, *A Musa da felicidade*, *Victor Hugo e o Congresso de Genebra ;* em 1875, redigiu — *O Deutscher Kaempfer* e publicou — *Brasilien wie es ist*, *Ensaios e Estudos de Philosophia e Critica*, *A Comarca da Escada*, *O Desabuso* (periodicos estes dois), e sustentou polemicas com os Srs. Albino Meira e José Carlos Rodrigues; em 1876 — *O Povo da Escada* (periodico); em 1877 — *Aqui para nós*, *A Igualdade* (periodicos); em 1878 — *Ein offener Brief an die deutsche Presse*, *Jurisprudencia da vida diaria* (a proposito do livro do mesmo titulo de R. Ihering); em 1879, redigiu — o periodico *Contra a Hypocrisia*, onde se acha o artigo famoso — *Delictos por omissão;* publicou — *Um Discruso em mangas de camisa*, acompanhado de notas, e proferiu varios discursos na assembléa provincial de Pernambuco, sendo d'esse anno tambem o artigo — *A Questão parlamentar do dia;* em 1880 — *Alguma Cousa tambem a proposito de Meyerbeer*, *O häckelismo em zoologia*, *O dia de Camões*, *Organisação communal da Russia* (começo), *Treitschke e o movimento anti-semitico n'Allemanha* (inacabado); em 1881 — *Traços sobre a vida religiosa no Brasil*, *Ensaio sobre a tentativa criminal*, *Fundamento do direito de punir*, *Uma nova intuição do direito* (começo), *Influencia do salão na litteratura*, *Estudos Allemães* (como revista mensal); em 1882 — *Mandato Criminal* (these de concurso), *Estudos Allemães* (livro), *Theoria da móra*, *Direito autoral*, *Sobre o artigo 10 do Codigo Criminal;* em 1883 — *As Artes e a industria artistica*, *As Flôres perante a industria*, *Préhistoria da littera-*

tura classica alleman, além da polemica com os padres do Maranhão; em 1884 — *Notas sobre a evolução emocional e mental do homem*, *Variações anti-sociologicas* (principio); em 1885 — *Introducção ao estudo do direito*, *Prolegomenos do estudo do direito criminal;* em 1886 conclusão da — *Analyse do Artigo 10 do Codigo Criminal*, formando a 2.ª edição dos *Menores e Loucos em Direito Criminal;* em 1887 — *Recordação de Kant*, *Traços de Litteratura comparada*, *Oliveira Martins e a historia do Povo de Israel*, *Variações anti-sociologicas* (final); em 1888 — *Commentario ao Codigo Criminal* (inacabado), *A Irreligião do futuro de Guyau*, *Questões Vigentes de Philosophia e de Direito*, *Deixemo-nos de lendas*, *Self-government*, polemica com o Dr. José Hygino ; em 1889 a 2.ª edição dos *Ensaios e Estudos.*

Ahi ficam, em ordem chronologica, indicadas as principaes publicações que fez de poesias e artigos pelos jornaes ou em avulso.

Cumpre, porém, acrescentar, para melhor comprehensão dos factos, que, abandonando quasi completamente a poesia de 1870 em diante, atirou-se mais de perto ao estudo da critica, da philosophia e do direito, coincidindo com isso o esquecimento em que foi deixando os seus mestres francezes, substituidos pelos allemães, de cuja lingua se apoderou completamente, acabando por fallal-a e escrevel-a correcta e elegantemente.

Retirado na Escada desde 1871, viveu principalmente da advocacia em que teve amiudadas occasiões de abrir violentas luctas com os juizes da comarça e com os mandões politicos locaes. Montou alli uma pequena typographia, onde imprimiu os periodicos da epocha escadense citados linhas atraz, além de brochuras, como : *Brasilien wie es ist*, *Ein offener Brief*, *Discurso em mangas de Camisa*, *Fundamento do direito de punir*, *Estudos Allemães* (revista), etc.

Em lucta renhida com herdeiros de seu sôgro, teve a casa cercada por capangas, foi insultado, ameaçado de morte e compellido a mudar-se para o Recife.

Era em outubro de 1881. Nos começos do anno seguinte entrou em concurso para o logar de lente da faculdade de

direito, a justa scientifica mais brilhante de que rezam os annaes academicos de Pernambuco. Tirou a cadeira, a despeito da guerra que lhe moveram, a favor do candidato Dr. Augusto de Freitas, o Conselheiro Sousa Dantas e o Dr. Sancho Pimentel, devido principalmente ao alto espirito de justiça do imperador D. Pedro II, que oppôz embargos á deslavada prepotencia dos politiqueiros relapsos.

Curto foi o periodo do magisterio juridico de Tobias Barretto : apenas sete annos incompletos, de 82 a 89, sendo que nos ultimos dois annos a molestia não o deixava comparecer ás aulas. Na Faculdade regeu as cadeiras de philosophia do direito, direito publico, direito criminal, economia politica e pratica do processo. Esta ultima foi a cadeira que lhe coube, quando de substituto passou a cathedratico.

Um de seus primeiros actos, após sua entrada para a Faculdade, foi estimulal-a a dirigir-se ao professor Holtzendorff em apoio da fundação Bluntschli. A carta, para tal fim endereçada ao sabio allemão, foi redigida na sua lingua e era uma bellissima peça. Tobias era o auctor.

Pouco depois teve occasião de, servindo de paranympho ao Dr. Hermenegildo de Almeida, recitar seu celebre discurso sobre a *Ideia do Direito*, em que apostolava a intuição monistico-darwiniana d'essa e de outras crêações humanas. Sahiram-lhe ao encontro os redactores da *Civilisação*, orgão official dos padres do Maranhão. Travou-se renhida polemica, em que a padralhada intolerante cobriu dos mais feios baldões o professor pernambucano.

Prestou aos padres poderoso auxilio o Dr. Antonio Carneiro da Cunha, sob a pseudonymo de *Hunger*. Era isto em 1883. N'este anno appareceu seu bello livrinho — *Menores e Loucos em Direito Criminal*, de que tirou segunda edição mais completa em 1886. N'este ultimo anno abriu o curso de *litteratura comparada*, no qual pronunciou trinta e tantas prelecções, em pequena parte reproduzidas nos artigos sob o mesmo titulo publicados no *Jornal do Recife* (1).

Em 1888, já presa da molestia, que o tinha de victimar,

(1) Acham-se na edição dos *Estudos allemães*, do Rio de Janeiro.

travou com o Dr. José Hygino a prolongada discussão, em que, sob o pseudonymo de *Beslier*, interveiu furiosamente o já citado Dr. Antonio Carneiro da Cunha. Este conceituado medico deliciava-se, entre os maiores insultos e improperios, em pintar o estado morbido do polemista adverso, no claro intuito de o atemorisar, sabendo como os doentes graves são impressionaveis á notificação do pessimo estado de sua saúde e á lembrança da morte proximamente irremediavel.

Carneiro da Cunha publicava pela *Provincia*, jornal de seu irmão José Mariano, cousas como esta : « Se aos olhos de um leigo é de toda a evidencia o mal que o persegue e que lhe attenúa, senão faz desapparecer, a imputação, com *maior clareza se apresenta a mim que tenho acompanhado pari-passu, de visu atque auditu, a decomposição de seu organismo.* »

E' incrivel, dito de sangue frio por um medico intelligente, que nada tinha a vêr com a questão da organisação do *Self-government*, objecto da disputa entre o Dr. José Hygino e seu collega da Academica! E' incrivel; mas é a verdade e traz a data de 7 de dezembro de 1888.

A polemica do Dr. José Hygino e os improperios do Dr. Carneiro da Cunha apressaram no escriptor sergipano *a decomposição do organismo*... Os seis mezes que ainda viveu em 1889 não passaram de uma dolorosa agonia. Não sahia mais á rúa, teve de recorrer a subscripções publicas para manter a grande e pesada familia.

Ainda assim seus desaffectos não o deixavam em descanso; divertiam-se em passar telegrammas, dando-o por morto. Li algumas d'essas falsas noticias, e, ainda aos 19 de fevereiro, me avisava elle : « Devo prevenil-o de uma cousa; se lhe mandarem alguma noticia ou telegramma, *dando-me como morto*, não acceite logo. Ha por aqui gente encarregada de espalhar falsas noticias n'este sentido, afim, não só de incommodar-me, *como de difficultar a arrecadação das subscripções*... » O alvo principal d'estas era tentar uma viagem em busca de melhoras! O mal progrediu, a viagem não se fez, o malogrado escriptor fallecia na noite de 26 de junho

de 1889. Seis dias antes tinha-me soluçado suas magoas n'estas palavras pungentes como farpas : « *Estou reduzido ás proporções de pensionista da caridade publica...* » Que exemplo a futuros escriptores nas regiões brasilicas!

Dados os traços geraes de sua vida, é tempo de vêr o homem de lettras : foi poeta, orador e critico.

Destaque-se a figura do primeiro.

Quando se estuda Tobias Barretto, na qualidade de poeta, a primeira questão a discutir é a de sua precedencia ou não a Castro Alves como fundador da escola, intitulada *condoreira* pelos criticos fluminenses.

Todos eram levados, até certo tempo, a affirmar a antecedencia do poeta bahiano; mas tal assêrto fundava-se em méras presumpções e na illusoria apparencia dos factos. Castro Alves tinha deixado o Recife em 1867, passado á Bahia e logo após ao Rio de Janeiro e S. Paulo, onde se tornara conhecido, crêara adeptos e passára por iniciador de um movimento de que fôra apenas co-participe. Castro Alves, além de ser bahiano, a gente mais feliz do Brasil, era filho de um lente da Academia de medicina da cidade do Salvador, pertencia a uma familia altamente collocada, tinha excellentes relações, entrava na vida rodeado de facilidades. Seu amigo, o poderoso politico e orador — Fernandes da Cunha, incitara-o a ir continuar o curso juridico em São Paulo e déra-lhe carta de recommendação para seu có-religionario, o celebre José de Alencar, potencia litteraria de primeira ordem no Rio de Janeiro. O auctor de *Iracema* recebeu o poeta d'*O Navio Negreiro* na Tijuca com honras principescas. Para o apresentar ao publico do Rio, o que importa dizer ao publico brasileiro, usára do expediente, muito acertado aliás, de dirigir a seu respeito uma carta pela imprensa a Machado de Assis, que respondeu no mesmo tom encomiastico, enaltecendo os meritos do poeta. Este, já muito conhecido no Recife e na Bahia, tornou-se de súbito popular no Rio e São Paulo, para onde pouco depois seguiu. Era um bello exemplar de moço, fino, esbelto, elegante, apto a conquistar todas as sympathias. Os annos de 1868 e 69, que passou nas duas grandes capitaes do Sul, fôram para elle de ruidosos e mere-

cidos triumphos. A publicação das *Espumas Fluctuantes* pouco após, 1870, completou-lhe a nomeada, ainda mais accrescida por sua morte, quasi tragica, logo no anno seguinte. Quem poderia acreditar que tivesse elle em Tobias Barretto, que se deixára ficar no Recife e logo em seguida se asylara na obscura Escada, um antecessor?

E eis ahi como um facto incontestavel, de vulgar noticia em Pernambuco, ficou esquecido e tem de ser demonstrado para ser restituido á historia. A publicação dos *Dias e Noites*, onze annos posterior á das *Espumas Fluctuantes*, contribuiu não pouco para o fatal esquecimento.

Tobias era mais velho oito annos que a auctor de *Gonzaga* e em Sergipe, Bahia e Pernambuco o antecedêra na poesia.

Para proval-o basta cotejar factos e datas. Felizmente existem versos de Castro Alves de 1860 nos folhetos commemorativos dos festejos annuaes do *Gymnasio Bahiano*, onde estudou preparatorios o futuro auctor da *Cachoeira de Paulo Affonso*. Por elles decide-se peremptoriamente a questão de precedencia.

Os falsificadores da historia em prol do poeta bahiano esquecem-se de que este em 1860 era um menino de treze e em 1862 um rapazinho de quinze annos, ao passo que o poeta sergipano na primeira d'aquellas datas era já um moço de vinte e um annos e na segunda, quando chegou a Pernambuco, tinha já vinte e tres, era um latinista eximio e estava na plenitude do talento. Ainda mais : nas *Espumas Fluctuantes* os versos mais antigos datam de 1864, o que mostra ter o auctor desprezado suas composições anteriores, por não possuirem a tonalidade que mais tarde deu a seu talento (1).

(1) Previno uma objecção : na edição de 1884 das *Espumas*, da Casa Garnier, a poesia — *Immensis orbibus anguis* traz a data do Rio de Janeiro em 1860. Ora, toda a gente sabe que Castro Alves só veiu ao Rio em 1868. Aquillo é erro typographico ; a poesia vem na 1.ª e na 2.ª edições das *Espumas* com a data de 13 de outubro de 1869. Igualmente a poesia — *No Meeting do Comité du Pain* traz n'aquella edição Garnier a data de 1861. E' outro erro ; a poesia, que naõ vem na 1,ª e na 2.ª edições da Bahia, é de 1871 e refere-se á guerra franco-alleman de 1870-1871.

Aqui vae a poesia de Castro Alves, em 1860, dedicada ao *Dois de Julho :*

« Eis que chega-se o dia feliz
Para nós Brasileiros fieis,
Que com força e heroico valor
Rebentamos os jugos crúeis.

Eis que chega-se o dia no qual,
Derretidos os ferros servis,
Retomamos a nossa cidade
Ao resôo dos fortes fuzis.

Este dia em que nós orgulhosos
Vencedores no grão Pirajá
Destroçamos com ferro e com fogo
Portuguezes que erravam por cá.

Dia em que nossos pais bem contentes
Se apossando de toda a Cidade,
Entre vivas immensos bradaram
Liberdade ao Brasil! — Liberdade!

Ja nosso peito liberto
Com amplitude batia,
E absorta nossa mente
Sobre a patria revolvia.

E nosso povo abalado
Té dentro do coração
Grandes brados repetia
Com energia e paixão.

Foi assim!... a liberdade
Desta vasta região
Indelevel se plantou
Do povo no coração » (1).

Nada ha n'estes versos que indique o futuro estylo do auctor d'*O Navio Negreiro;* e quem, em 1860, escrevia por essa

(1) *Poesias e allocuções recitadas nos outeiros ou festas literarias, havidas no Gymnasio Bahiano a dois de julho e sete de setembro do corrente anno.* Bahia, typographia do *Diario,* 1860, pag. 10.

fórma, dois annos mais tarde, ainda quasi menino e simples preparatoriano, não podia ter sido o iniciador de um novo momento litterario.

Só dos dezesete annos (1864) em diante, sob a influencia de Tobias no Recife, o futuro auctor das *Vozes d'Africa* tomou o vôo em que depois subiu tão alto.

Para cortar a questão, não seria preciso mais do que reproduzir n'este logar os versos, em 1861, na mesma Bahia pelo poeta sergipano consagrados ao mesmo *Dois de Julho*, e de que restam estas estrophes :

« Na frente dos bellos dias,
Que trajam mais viva luz,
Desfilando entre harmonias
No vasto Imperio da Cruz,
Passa um dia sublimado,
Qual guerreiro namorado,
Valente, bravo e gentil,
Que traz a gloria estampada
Na face meio embaçada
Pelo alento do fuzil.

N'este dia sempre novo,
Entre os applausos do mar,
Entre os ruidos do povo,
Val a Cidade falar...
Actriz magestosa e bella,
Falando só e só ella
Diante de duas nações,
Representa um alto feito,
Que arranca bravos do peito
De emmudecidos canhões... »

Aqui já se sente o estylo que se apurou mais tarde no *Genio da Humanidade*, nos *Voluntarios Pernambucanos*, na *Vista do Recife*. Bastava só isto para matar a questão; mas existe cousa melhor ; existem versos da phase sergipana e bahiana do auctor dos *Dias e Noites*, quando o seu talento era natural, espontaneo, virgem ainda de qualquer influencia do poeta das *Contemplações*. As tendencias *condoreiras* eram n'elle

ingenitas, sem os exageros posteriores a 1861, depois que, o moço brasileiro lêra na Bibliotheca da Bahia as obras do genial vidente da *Lenda dos Seculos* e se apaixonara por ellas.

D'entre taes poesias, das mais antigas escriptas por Tobias, antes da phase do Recife, destacarei apenas *Scêna Sergipana*, *O Beija-flôr* e *Anhélos*, que se devem contar entre as mais bellas devidas á sua penna. A primeira não passa de fragmento de uma composição mais vasta intitulada — *Sergipe*, de que se salvou a estrophe inicial, perderam-se algumas que se lhe seguiam e as estrophes finaes, restando apenas na memoria do poeta, além da primeira, as estancias centraes descriptivas da scêna do banho nos riachos do sertão. E' de fins de 1858, escripta na Itabayana e diz :

« Vêde a bella miseravel
Da minha patria... Eil-a aqui.
Falai-lhe... Como é affavel!
Como vos chama! Segui ;
Qu'ella inda tem seus verdores,
Seus rebanhos e pastores
Desgarrados pelo val...
Tem alli macia alfombra
N'aquelle roupão de sombra
Que desveste o quichabal...

. . . .

E nas almas das donzellas
Toda a graça se contem ;
Quando eu brincava com ellas
Eu era virgem tambem...
Por tardes de bello estio
Via-as despir-se no rio,
Não tinham pêjo de mim...
Meus olhos se deslumbravam
De formas que se arquêavam
Como lyras de marfim.

Quando a dona do vestido
Que eu me apressava em levar,
Dizia : « Como é sabido!
Vem trazer para me olhar... »

Vendo-me então pequenino :
« Quem faz conta de um menino?...
Criança, de que te influés? »
Gritavam corpinhos humidos ;
Esta aqui — de seios tumidos,
Aquella — de olhos azúes...

Nem já me lembra qual era,
Que, em mim se arrimando então,
« Meu noivo, dizia : — espéra! »
Outras vezes : « meu irmão! »
Como acabava depressa
Tanto amor, tanta proméssa
De coração virginal!...
Ah! bellos tempos ditosos
Em que os enganos são gozos
E os beijos não fazem mal!

Um beijo é todo o segredo
Deposto na linda mão ;
Milagre!... pomba sem mêdo,
Brincando com o gavião...
Meio vergada em desleixo,
Com a innocencia em que a deixo,
Na arêia imprimindo o pé,
Com certa graça fraterna
Sufralda, descobre a perna,
E me olha e diz : « o que é? »

Fica-lhe a bocca entr'aberta,
Dizendo sorrindo assim ;
Meu olhar se desconcerta...
Porque não foge de mim?
Tomo-lhe as mãos pequeninas,
Esguias, brancas, divinas,
E, n'um ligeiro abraçar,
Volvendo o corpo em contrario,
Rebenta-se-lhe o rosario,
E ella se põe a chorar...

Chega-se á margem sombria,
As auras partem de lá ;

Rolam na relva macia,
Trepam nas ramas da ingá.
E, humidas como o focinho
De mimoso cachorrinho,
Farejam-lhe a nivea mão,
E vêm ganir-me no ouvido,
Como um quebrado tinido
Das cordas da solidão... »

. . . .

Tinha mais de desenove annos o moço professor, quando escreveu esses versos, reveladores de um poeta completo, senhor da metrica e da lingua; e o seu futuro émulo não passava então de uma criança de onze annos, perdida ainda nas primeiras lettras.

De 1860 é a famosa odesinha — *O Beija-flôr*, uma das producções mais lindas da lyrica brasileira. Tinha o auctor vinte e um annos, quando a imaginou; era um quadro de genero, cujas condições muitas vezes me reproduziu, recitando as quatro estrophes centraes, unicas que conservava de côr. A repetidos rógos, aproveitando um momento feliz, o poeta recompoz o quadro, addicionando ás quatro sextilhas de Sergipe as tres do começo e as tres do final.

Isto em 1870; mas é digno de nota que as estancias dez annos mais velhas são as mais bellas.

Eis aqui :

« Era uma moça franzina,
Bella visão matutina
D'aquellas que é raro vêr,
Corpo esbelto, cóllo erguido,
Molhando o branco vestido
No orvalho do amanhecer.

Vêde-a lá : timida, esquiva...
Que bocca!... é a flor mais viva,
Que agora está no jardim ;
Mordendo a polpa do labio,
Como quem suga o résabio
Dos beijos de um cherubim!

Nem viu que as auras gemeram
E os ramos estremeceram,
Quando um pouco alli se ergueu...
Nos alvos dentes, viçosa,
Parte o talo de uma rosa
Que docemente colheu.

E a fresca rosa orvalhada,
Que contrasta descorada
De seu rosto a nivea tez,
Beijando os maõsinhas suas,
Parece que diz : — nós duas!...
E a brisa emenda : — nós trez!...

Vae nesse andar descuidoso,
Quando um beija-flôr teimoso
Brincar entre os galhos vem,
Sente o aroma da donzella,
Peneira na face d'ella
E quer-lhe os labios tambem.

Treme a virgem de sorpresa,
Leva do braço em defesa,
Vai com o braço a flor da mão ;
Nas azas d'ave mimosa
Quebra-se a flôr melindrosa,
Que róla esparsa no chão.

Não sei o que a virgem fala,
Que abre o peito e mais trescala,
Do trescalar de uma flôr :
Vôa em cima o passarinho...
Vae já tocando o biquinho
Nos beiços de rubra côr.

A moça, que se envergonha
De correr, meio risonha
Procura se desviar ;
N'este empenho os seios ambos
Deixa vêr : inconhos jambos
De algum celeste pomar!...

Forte lucta, lucta incrivel
Por um beijo! E' impossivel
Dizer tudo que se deu.
Tanta cousa que se esquece
Na vida! Mas me parece
Que o passarinho venceu!...

Conheço a moça franzina
Que a fronte candida inclina
Ao sopro de casto amor :
Seu rosto fica mais lindo,
Quando ella conta sorrindo
A historia do beija-flôr. »

As quatro sextilhas intermedias, em que se desenha a enarguêia da moça com a rosa, perseguidas pelo colibri, que ora peneirava sobre a flôr ora sobre os labios da donzella, são de puro estylo hugoano nos bons tempos das *Odes e Baladas* e das *Orientaes*. São, como disse, de 1860, quando Castro Alves escrevia ainda no detestavel gosto dos versinhos ao *Dois de Julho* atraz citados. E cumpre relembrar que então o seu rival de Sergipe não sabia o francez e de Victor Hugo nem o nome conhecia.

Em *Anhélos*, escripta em 1861, na Bahia, nos dias de desesperanças, já o poeta conhecia o grande méstre das *Contemplações;* mas ainda não lhe sacrificava a sua individualidade.

Anhélos foi enviada da capital bahiana ao maéstro José da Annunciação, morador na Itabayana em Sergipe, que a pôz em musica. Desde então é alli cantada, como pude verificar.

E' um brado de revolta de um espirito já abalado pelos desgostos e pela philosophia do seculo. Ouçam este repto de moço :

« N'este mundo, juncado de enganos,
O prazer onde achar eu não sei...
Que é das flôres, que a vida perfumam,
Venturosos da terra? Dizei!

Não olheis para a sombra que passa ;
Quero triste vivêr, êrmo e só...

Minha noiva me espera nas nuvens,
Minha gloria das campas no pó.

Nem tenteis impedir-me a passagem,
Que não curvo a cabeça a ninguem :
Para entrar nos combates da sorte
Tenho azas e garras tambem.

Sou um filho das plagas selvagens,
Onde o peito não teme bater ;
Aprendi os queixumes das rolas,
E a cascata ensinou-me a gemer!

Préste, préste a lançar-me ás alturas,
Tenho as rédeas da morte na mão,
Pelo trilho que as aguias abriram
Trás as ancias do meu coração.

Os tormentos da vida me cabem,
Os espinhos da rosa são meus :
Mas não posso encontrar quem me diga
Onde estão os thezouros de Deus.

Interpello as estrellas que choram,
E as estrellas não sabem dizer;
Falo aos ventos e os ventos respondem :
Tambem nós procuramos saber...

E' assim : tudo tem sua magoa,
Tudo tem sua sombra de horror,
Que, d'envolta com a sombra da terra,
Vae lançar-se nos pés do Senhor!... » (1)

Aqui sente-se já a mão firme e a intelligencia desanuviada de um espirito que pensa. A questão de precedencia está decidida; e, se alguma duvida podesse ainda restar, seria infallivelmente dissipada pel' — *A' Vista do Recife*, escripta abordo do paquete, que conduziu o poeta a Pernambuco, e alli publicada pouco após a sua chegada em 1862. Foram os primeiros vôos verdadeiramente *condoreiros* na poesia brasileira. Foi

(1) Vem imcompleta e com data errada nos *Dias e Noites*, pag. 106.

onde Castro Alves principiou a aprender e com elle Victoriano Palhares e todos os que depois os seguiram. Aprecie o leitor :

« E' a cidade valente
Brio da altiva nação,
Soberba, illustre, candente
Como uma immensa explosão :
De pedra, ferro e bravura,
De aurora, de formosura,
De gloria, fogo e loucura...
Quem é que lhe põe a mão?

Magoas tem que estão guardadas,
Quando as vingar é sem dó!
Raça das Romas tombadas,
Das Babylonias em pó,
Quer ter louros que reparta ;
Vencer, morrer não na farta...
Grande, d'altura de Sparta,
Affronta o mundo ella só!...

Com os seios entumescidos
Do germen de muito heroe,
Tem nos olhos aguerridos
Fulminea luz que destroe.
Detesta a classe tyranna,
Comsigo mesma inhumana,
Vê seu sangue que espadana,
Ri de raiva, e diz : não dóe!...

No seu pisar progressivo
Ostenta um certo desdem ;
Suspendendo o collo altivo,
Não rende preito a ninguem.
Lê no céo seu fado escripto;
Quando o Brasil solta um grito,
Franze a testa de granito,
E diz ao estrangeiro : vem!...

Sim, eu vejo, ainda a espada
Na tua dextra reluz,
Cabocla civilisada
De pernas e braços nús,

Cidade das galhardias,
Que no teu punho confias,
Coeva de Henrique Dias,
Guerreira da Santa Cruz!

Estremecida, ridente,
Como que esperas alguem.
Ouves um som de torrente?
E' a grandeza que vem...
Teu halito alimpa os ares,
Por cima do azul dos mares
Prolongam-se os teus olhares,
Que vão namorar além...

Não te pegam em descuido ;
Teu movimento é fatal.
E a liberdade, esse fluido,
Que fórma o gladio, o punhal,
Nos teus contornos ondula,
Nas tuas veias circula,
E vai chocar-te a medula,
Dos ossos de pedra e cal.

E' um lidar incessante,
Cai-te da fronte o suor ;
Ferve tua alma brilhante,
E tudo é bello em redor.
O assombro lambe-te a planta,
Na estrella, que se alevanta,
Pousado um archanjo canta :
Vai ser do mundo a maior!

Tens aberta a tua historia,
Laboras como um crysol ;
Como um estygma de gloria,
Nos hombros queima-te o sol.
A guerra, a guerra é teu cio,
Fera!... O estrangeiro frio
Se aquece ao beijo macio
Dos teus labios de arrebol.

Assopras nas grandes tubas,
Que despertam as nações ;

Eriçam-se as ferreas jubas,
Uivam as revoluções...
Teus edificios doirados
Vão-se erguendo, penetrados
Da voz dos Nunes Machados,
Do grito dos Camarões!...

Com a morte bebes a vida ;
Não te abalas, não te dóes!
D'oiro e luz sempre nutrida,
Novas idéas remóes,
E' que á voz das liberdades,
Calcadas as potestades,
Germinam, brotam cidades
Do sepulchro dos heroes!

Possa a coragem de novo
Teu bafo ardente inspirar,
E a gloria sahir do povo,
Como tu surges do mar...
O coração te o adivinha,
De fome o ferro definha,
Ruge o gladio na bainha,
Como na gruta o jaguar...

Sejam meus votos aceitos,
Dá-me ver tuas acções,
Dá-me sugar esses peitos,
Que amamentaram leões...
Sahiste nua das matas,
Não temes, não te recatas ;
Contra a frota dos piratas
Açula os teus aquilões... »

Diante d'isto cessam todas as duvidas, e deve-se ir adiante a estudar no seu intimo a indole do poeta.

A quem o aprecia historicamente, e sob o criterio evolutivo, é impossivel que se não imponha a verdade de ter elle, n'esse caracter, atravessado tres periodos bem distinctos : phase sergipano-bahiana (1857-62), phase do Recife (1862-71), phase final da Escada e dos posteriores tempos na capital pernambucana (1871-87). Esta ultima data, anterior dois annos á sua

morte, é indicada pelo facto de ser aquella em que escreveu sua derradeira poesia, intitulada — *A' Augusta Cortesi* (1).

Do primeiro periodo, cuja caracteristica parece ser a de um lyrismo singelo, naturalistico, campesino, restam, além de pequenos trechos esparsos e das poesias atraz referidas, os curiosos versos brancos que occorrem nos *Dias e Noites*, sob o titulo — *Deusa Ignota*, interessantes como documento psychologico (2). E' o periodo ante-hugoano, apto a deixar sorprender o talento e a alma do poeta em toda a sua espontaneidade (3).

Do segundo, peculiarmente condoreiro, cuja caracteristica é, ao lado de muitas cousas doces e deliciosas, muito arroubamento, nomeadamente nas *odes* marciaes, servem de documentos as poesias escriptas, a datar de — *A' Vista do Recife*, dentro da phase indicada. As principaes são : — *Pela Morte de um amigo*, — *A' Polonia*, — *Capitulação de Montevidéo*, — *Vôos e Quedas*, — *Voluntarios Pernambucanos*, — *Leões do Norte*, — *Sete de Setembro*, — *Em nome de uma pernambucana*, — *Lenda Rustica*, — *Lenda Civil*, — *Genio da Humanidade*, — *Os Tabaréos*, *Os Trovadores das Selvas*, etc.

Do terceiro, cuja caracteristica é o abandono do pathos e da declamação hogoana e a volta á simplicidade primitiva, apenas reforçada pelo saber e pela experiencia, são exemplificações todas as peças posteriores a meiados de 1870, como : — *Que mimo!* — *Anno Bom*, — *Impossivel*, — *Nada*, — *Libia Drog*, — *Augusta Cortesi*, — *Sempre bella*, — *Ignorabimus*, *Decadencia*, — *Variação a Heine*, — *Incredula*, *Ainda e Sempre*, — *Por brincadeira*, — *Giuseppina de Senespleda*, — *D. Hermina de Araújo*, — *Desanimo*, — *Uma Sergipana*, etc.

Para se bem comprehender a funcção da escola do Recife, a que me venho ora reportando, cumpre não esquecer que, ao tempo de seu inicio, a poesia nacional atravessava um momento de decadencia. Se se representar por uma extensa

(1) *Dias e Noites*, edição de 1893, pag. 11.

(2) *Op. cit.*. pag. 258.

(3) A este periodo pertencem tres modinhas que se cantam em Sergipe e me foram agora enviadas : *Eu amo o genio... Houve tempo em que meus olhos... Quando á mesa dos prazeres...* que sahirão na proxima edição dos *Dias e Noites*.

linha curva, cheia de altos e baixos a evolução geral da poesia brasileira, se verá que ella começa rasteira em 1592 ou 93 na *Prosopopéa* de Bento Teixeira; eleva-se um pouco de 1670 a 96 em Botelho de Oliveira e Gregorio de Mattos; descamba nos successores d'estes da *Academia dos Esquecidos;* eleva-se de novo de 1760 ou 65 a 1792 com a *escola mineira*, com Claudio, Alvarenga Peixoto, Gonzaga, Silva Alvarenga; desce em seguida com os *ultimos poetas classicos* de 1792 a 1830 ou 36; torna a subir com a primeira e a segunda geração dos *romanticos* de 1836 a 1852 ou pouco depois; descamba de novo, com os successores de Alvares de Azevedo, até 1863; sobe então com o advento de Tobias, Castro Alves, Palhares, Luiz Guimarães no norte, e Varella, Machado de Assis, Luiz Delfino no sul. Como, porém, Machado só mais tarde, na qualidade de romancista, é que deu toda a medida de seu talento, e Luiz Delfino, mais tarde ainda, na qualidade de *parnasiano*, é que se revelou poeta de primeira ordem, e Varella não teve força para crêar escola, não passando de um continuador dos tendencias de Alvares de Azevedo combinadas com as de Casimiro de Abreu; é forçoso concluir que á escola *condoreira* coube representar os ultimos fulgores do romantismo e fechar-lhe o cyclo evolutivo. A linha representativa do desenvolvimento poetico, após os *condoreiros*, baixa de novo de 1870 ou 71 até 1879 ou 80, voltando a subir, com os *parnasianos*, Delfino, Bilac, Raymundo Correia, Alberto de Oliveira, Theophilo Dias e com os divergentes, Murat, Mucio Teixeira, e outros, até encontrar Cruz e Souza e os *symbolistas*, não se podendo, por emquanto, dizer se vae em marcha ascencional ou depressiva, ao findar o seculo XIX e iniciar-se o seculo XX.

Ao despontar o movimento hugoano, os grandes poetas romanticos brasileiros estavam emmudecidos pela mórte, ou pelo cansaço. O tom geral da poesia era o das chatas lamurias de um *lamartinismo* de terceira ou quarto mão.

Na politica acabava de apodrecer no governo o velho partidarismo conservador, que nos asphyxiava desde 1848. A questão Christie, as com o Estado Oriental e com o Paraguay produziam no paiz um enthusiasmo desusado. Lá fóra, no

grande mundo, estavam em todo o seu auge a revolução da Polonia, a guerra dos francezes no Mexico, a guerra civil dos Estados-Unidos. Os movimentos precursores da unificação da Italia e da Allemanha, de Sadowa e de Sedan, da tomada de Roma e da revolução d'Hespanha andavam no ar. Era um periodo de agitação geral. Na poesia universal tinham se calado as grandes vozes de Shelley, Byron, Musset, Vigny, Lamartine, e ainda não se distinguiam as de Leconte de Lisle, Prudhomme, Coppée. Só a forte trompa epica de Victor Hugo resoava nos quatro pontos do horizonte, proclamando os abusos dos reis e as esperanças dos povos. Era natural que o ouvissem no Brasil; e foi o que aconteceu no Recife. Tobias, Castro Alves e Victoriano Palhares, deixando o subjectivismo piegas da poesia corrente, interessaram-se em seus cantos pelas questões publicas, os factos politicos e sociaes, as aspirações geraes humanas ou meramente nacionaes.

Uma tal poesia, tendo a enorme vantagem de ser a expressão exacta de um momento historico, e, n'este sentido, a phase condoreira da escola do Recife é a mais immediatamente nacional de toda a nossa litteratura, não podia ser duradoura. Tinha de viver emquanto se podesse alimentar do enthusiasmo publico; e é por isso que durou justamente o tempo que duraram a guerra do Paraguay e os mais legitimos ardores da primeira campanha pela emancipação dos escravos; e é por isso ainda que, de tudo quanto produziu em poesia, o mais caracteristico é o que se refere a esses dois grandes factos, os cantos marciaes de Tobias e os emancipacionistas de Castro Alves.

Os nomes d'estes dois poetas estão condemnados a apparecer sempre emparelhados na historia litteraria, por sua acção commum, por sua primitiva amisade, por seu rompimento final, que os tornou rivaes. Este ultimo facto deu-se por questões de bastidores, por causa das actrizes Eugenia Camara e Adelaide do Amaral. Os dois brigaram, injuriaram-se mutuamente. Houve polemica litteraria pelos jornaes; mas a litteratura era mero pretexto. Passaram a capitanear dois partidos théatraes, cujo idolos eram as duas actrizes, e a recitar poesias e discursos de parte a parte nas noites de

espectaculo do Santa Isabel... A emulação entre os dois, o desejo de brilhar cada um mais do que o rival não deixava de ter tambem ahi larga parte. E como não mais terei, no curso d'este livro, de falar concurrentemente de um e de outro, direi, desde já, o que penso de um cotejo que se poderia fazer entre ambos. Um inspirou-se mais na natureza e na vida historica e popular da nação, outro mais na vida social; um cantou — *Os Tabareós*, — *Os Trovadores das Selvas*, — *Os Voluntarios Pernambucanos*, o outro — *O Navio Negreiro*, — *As Vozes d'Africa;* um — *O Genio da Humanidade*, — *A Caridade*, — *A Polonia;* outro — *O Livro e a America*, — *Pedro Ivo*. Tobias foi mais lyrico, mais suave, mais terno, quando amoroso; mais crepitante, quando encarrava os grandes assumptos. Castro mais arrojado, mais audacioso, mais vago em geral. As poesias dos *Dias e Noites* são mais para serem lidas, as das *Espumas Fluctuantes* para serem recitadas. Um é o segundo élo da cadeia, de que o outro foi o primeiro e Victoriano Palhares o terceiro.

Mas é preciso vêr mais de perto a natureza intima do talento, poetico do sergipano. Quem lêr attentamente suas producções, notará que ellas se dividem em quatro categorias principaes, desprezando as *satyricas* que são em numero reduzidissimo : *geraes* ou *naturalistas*, *amorosas*, *patrioticas*, *estheticas*. Estas são as inspiradas por espectaculos e festas a que assistia. As outras, quasi todas igualmente inspirações de momento, com terem um caracter mais geral, servem tambem para provar que o poeta cantava sem preoccupações peculiares, ao deslisar dos factos, *au jour le jour*, como os passaros cantam ao clarão matinal. Nada de planos preconcebidos, da concepção solitaria e amadurecida de vastas obras. O moço poeta era uma d'essas naturezas descuidosas, sonhadoras, problematicas, capazes de se inflammarem por qualquer cousa.

D'essa qualidade essencial originou-se exactamente o maior de seus defeitos de poeta : baratear demasiado o seu talento. E' para impressionar o enthusiasmo enorme de que se deixava apoderar muitas vezes diante de actores e cantoras mediocres. A fonte perenne do sentimento era n'elle não raro um

incoveniente : ardia por cousas insignificantes; em tudo achava um encanto, um motivo para transbordar.

Tudo a seus olhos tomava proporções excepcionaes. O Brasil era — *a joven patria de heróes, uma lasca do globo que dá para vinte nações;* a Tamborini tinha — *phrases de ouro na bocca* e sua — *voz era a medida do que vae da terra ao céo;* o rabequista Moniz Barretto — *o genio que ser maior é morrer;* o Recife — *a cidade das galhardias, da raça das Romas tombadas, das Babylonias em pó...* Ao travéz do sensorio do poeta as cousas e os factos se avolumavam; o inspirado só podia cantar o que era grande, e, quando o objecto era pequeno e vulgar, a imaginação suppria o que lhe faltava em imponencia e elevação.

Era um exaggero, até certo ponto desculpavel, porque d'elle têm sido co-participadores todos os bons poetas. Póde-se até dizer que é inevitavel, por ser uma das condições da arte.

Não é sem razão affirmar que a arte só é possivel, sendo vaga, indefinida, indeterminada, e, para tudo dizer n'uma palavra, sendo, em certo sentido, *falsa.* A arte é sempre falsa, cotejada com a realidade núa; porque lhe está sempre acima ou abaixo; mas é sempre verdadeira, cotejada com o estado emocional do poeta, que é, em certo sentido, um visionario.

O poeta sergipano, eu o julgo mais apreciavel nas suas composições *geraes* e *naturalistas*, como — *O Genio da Humanidade*, — *Beija-flôr*, — *A Caridade*, — *Lenda Civil*, — *Lenda Rustica*, — *Tabareós*, — *Anno Bom.* Ahi seu talento é todo objectivista. Nas poesias *amorosas* o admiro pela doçura dos affectos, pureza dos sentimentos, meiguice da imagens, delicadeza das phrases e dos tons. Não existem muitas outras mais docemente ternas na lingua portugueza, e servem especialmente para provar quão desastrada foi a critica, quando só quiz vêr n'este poeta *palavrões* e *gongorismos...* E' mistér não o ter lido ou caprichar em dizer d'elle sempre mal a despeito de tudo.

As inspiradas pelo sentimento *esthetico*, desperto pelos espectaculos dramaticos e peculiarmente pela musica, agra-

dam como modelos de força e de graça, as duas azas do espirito no dominio artistico.

As *patrioticas* são alguma cousa de original, que não encontra muitas congeneres em todas as litteraturas. Aquelle falar tem algo de desusado; são phrases vibrantes que soam como os clarins dos alarmas; trazem á mente a limpidez das espadas, o silvo das balas e o troar dos canhões. E, todavia, não são para mim as suas melhores poesias; acho-o superior nas dos dous primeiros generos.

Mas tudo isto é ainda insufficiente para destacar nitida a figura do poeta.

E' indispensavel estudal-o por tres faces principaes : pelo lado psychologico em suas ideias e sentimentos e peculiarmente na expressão que deu a seus amores; pelo lado da sua intuição nacionalista; finalmente, pelo lado da fórma e do estylo.

Nos seus trabalhos de artista, nos seus productos de imaginação e sentimento, nas poesias e discursos, em summa, é que se póde bem apreciar a nobre grandeza d'alma de Tobias Barretto.

A ironia, a colera, a rudeza, as acerbas invectivas do polemista e do critico desappareciam de todo e as bellas qualidades moraes do seu temperamento tomavam o ascendente, quando elle, esquecidas as luctas em que andava mettido, deixava falar apenas a sua emoção diante das scênas e dos factos que o impressionavam como homem e como estheta.

Especialmente em face da mulher sua emotividade tomava as formas da mais deliciosa candura. Mas não era só ella; todos os grandes phenomenos espirituaes tinham o condão de o exaltar. Nos *Dias e Noites* são innumeras as provas d'isso. Todas as nobres paixões e alevantados anhelos humanos e altruistas acham alli uma nota para os exprimir.

Todas as grandes culminancias intellectuaes e moraes têm alli um harmonioso accôrde.

O *genio*, a supremacia da intelligencia arrancam-lhe sempre phrases de enthusiastico e sentido louvor. As notas variam; mas o preito é sempre ardente.

A' vezes diz assim, mostrando quanta esperança tem no progresso e quanta confiança no valor do talento :

« Falar em genios!... Que me quer nos labios
Esta phrase, este mel d'acres ressabios,
Este riso de dor?
Embrigados do céo, que em aureas taças
Bebem os tragos de infernaes desgraças
Em honra do Senhor!

. . . .

Genio!... é sondar o golphão do ineffavel,
E' ter um coração, monstro insaciavel
D'esperança e porvir,
Calcando o mundo, que lhe diz : padeça!...
Este horisonte aperta-lhe a cabeça,
E elle tende a subir.

Genio!... elle manda á aurora que desponte ;
Sóbe; os futuros roçam-lhe na fronte
Perto, perto do céo...
Sacode-se dos pés a poeira humana,
Nos páramos azues da lucta insana
Levanta-se o trophéo.

Os grandes dias do progresso humano
Custam a vir. O genio soberano,
D'alma branca e louçan,
Cresce, cresce, debruça-se nos montes
E arranca lá dos fundos horizontes
A estrella da manhan!... »

O homem de genio é, como se vê, para o poeta uma como força natural que arranca dos fundos horizontes a luz e a vida.

Nas poesias consagradas a *Arthur Napoleão*, *Mr. Reichert*, *Moniz Barretto* e outras volta sempre a essas effusões em face da supremacia da intelligencia e do genio.

Nos versos a *Mr Reichert* aponta a ideia a radiar na fronte dos homens de talento como a luz d'alva nas montanhas e nas altas torres.

A imagem é bella e suggestiva, apta a revelar o enthu-

siasmo do poeta pelas grandes forças intellectuaes, para elle sempre victoriosas em um futuro qualquer :

Mas que importa? O espaço é grande :
Talentos, astros, brilhae;
Que á luz, que de vós se expande,
O tempo se abrindo vae!
Pelos degráos das edades
Vão rolando as potestades,
Que lá não podem chegar...
Como nas torres, nos montes
A luz d'alva, em vossas frontes
Vê-se a ideia radiar... »

Nos versos a *Moniz Barretto*, alludindo ás luctas do talento, contra as torpezas do mundo maldito, que afinal tem de o contemplar na sua ascenção intermina pelas regiões do ideial e da gloria, prorompe n'estas palavras de inalterada confiança :

O talento em seus fulgores
Banha, embebe as multidões ;
O pasmo atira-lhe — flores,
A inveja vil — maldições...
E elle diz : « não esperdiço,
Tudo se presta ao serviço
Da obra descommunal... »
Para a c'rôa apanha os cultos,
E os motejos, os insultos
Servem pr'a o seu pedestal.

Na linguagem do céo — genio e grandeza,
Na linguagem da terra — pobre artista!
E' assim, porque Deus, baixando á terra,
Se rebuça nas noites tenebrosas ;
Ou, quando ao mundo envia os seus archanjos,
E' sempre n'uma nuvem que os encobre...
Oh! tu és grande sim, poeta do arco!
Tu que sabes tirar notas sentidas,
Filhas do coração, preciosas, fulgidas,
Como joia, que treme em collo alvissimo ;
Notas que saltam, borbulhosas, quentes,

Como rojam da palpebra da moça,
No arfar do seio, as lagrimas primeiras,
A primeira expressão dos seus amores...
Por entre a luz de incendiada sarça
Das intimas visões, diz Deus ao genio :
Que tens tu a teu lado?
A minha lyra.
Calca-lhe o peito, sonda-lhe as entranhas ;
E ella exhala perfumes, brota risos,
Golpha prantos, riquezas, luzes, sonhos...
Que tens tu a teu lado?
O meu thesouro.
Derrama, entorna-o sobre o mundo absorto...
E nesse despenhar de sons angelicos,
Suspiram aves, esvoaçam flores,
Correm auras celestes, redolentes,
Que balançam brincando os lyrios d'alma ;
Passam meiguices, murmurar de affagos,
Tremer de labios, estalar de beijos...
Que tens tu a teu lado?
Oh! uma virgem!
E' tua gloria : abraça-te com ella... »

A grandeza, a elevação dos sentimentos do poeta não se desmente, quando fala dos povos e dos horrores da guerra. A generosidade e o perdão são as cordas mais vibrantes da sua lyra, quando devassa esses assumptos. E' assim em — *A' Polonia*, em — *Sete de Setembro*, em — *Os Leões do Norte.*

Mas, para que fique demonstrado o que affirmo, bastante é citar estes ultimos versos da poesia que traz por titulo — *N'um dia nacional*, escripta em 1865, quando se iniciava a guerra do Paraguay :

« Perante os vendavaes os troncos rangem,
A' face dos leões a grei se esconde,
Ao grito dos heroes as armas tremem.
Cada guerreiro que por nós combate
E' a ira de Deus que se faz homem ;
Tem na espada o relampago, e no peito

O subterraneo palpitar da patria.
Labora a chamma, a serpe se contorce,
A guerra avança, o Paraguay recúa!...
Do seculo que passa o genio ousado,
Que conduz as nações ao grande, ao bello,
Definha e morre alli, como um antigo
Prisioneiro de Francia. As ferreas portas
O Brasil vai-lhe abrir, disséra o povo.
Mas nós, que combatemos e que amamos
As victorias sem sangue, como auroras
Que não têm arrebol ; nós, que vencemos,
Sejamos bons. A obra heroica do homem,
O triumpho, a conquista, o louro, a palma,
Todos os feitos da grandeza humana,
Face á face com Deus, com as obras suas,
Não igualam, não valem na belleza
Uma gotta de orvalho, que scintilla
No calix de uma flor...
No céo, na terra
O que ha de grande, as arvores, as aguas,
A procella com todos os seus raios,
O oceano com toda a sua colera,
Face á face, grandeza por grandeza,
Lucta por lucta, esforço por esforço,
Tambem não valem, no ideal que encerram,
Uma paixão que se no peito esmague,
Um só dever cumprido, um grito, um impeto,
No fundo d'alma comprimido e morto!

Limpas de sangue as espadas,
Limpos de sangue os tropheos,
De gloria as faces banhadas,
Banhados de gloria os céos ;

Açoitam nossos ouvidos
De ethereas harpas os sons...
Perdão aos pobres vencidos,
Guerreiros, sejamos bons! »

Assumpto da predilecção dos nobres affectos do generoso sergipano era a mulher, na sua obra incessante pelo bem, pela caridade, pelo amor. N'este sentido são typicas as peças

intituladas — *A' Caridade*, — *Dia de Finados no Cemiterio* e varios trechos de outras.

Devem ser lidas na integra, limitando-me eu a transcrever aqui a primeira :

« Fazei o bem : sobre a terra
E'. a belleza suprema ;
Tem mais luz do que um poema,
Vale mais do que um trophéo.
Por uma dadiva ao pobre,
Que é de Deos o grande eleito,
Podeis comprar-lhe o direito
De que elle goza no céo.

Se ao grito dos que padecem
O mundo cerra os ouvidos,
Se do prazer nós ruidos
Perdeu-se de Deus a voz ;
De torpezas maculada
Do Christo a veste inconsutil,
Parece que foi inutil
O ter morrido por nós!

Será que o sol da bondade
Vá no occaso se escondendo?
Será que Deus vá descendo
A' força do homem subir?
Por isso de dia em dia
Ganha o vicio mais encantos,
E vê-se a virtude em prantos
E a impiedade a sorrir?

Será que os raios divinos
Tenham emfim resfriado?
Que, indifferente e calado,
O céu nos contemple? Não :
Deus perdoa ao mundo ingrato,
E aos suspiros de quem soffre,
Tem sempre aberto o seu cofre
De amor e consolação.

E desse amor o perfume,
Que alimenta a caridade,

No seio da humanidade
Brotal-o quando Deus quer,
Lançando mão d'uma estrella
Mais viva do firmamento,
Fórma d'ella um sentimento
No coração da mulher.

Nem cremos que ás outras almas
Taes pensamentos assomem ;
Não, não é cabeça d'homem
Qu'estas idéas contém ;
E' da mulher que ellas partem,
Da mulher, que suspirando,
Mesmo sorrindo e cantando,
Ensina a fazer o bem.

Geme a familia do bravo
Que a morte cobrio de louros ;
Que custa abrir-lhe os thesouros
Bondosos do coração?...
E assim fallarem unidas,
Como echos de um só abysmo,
A voz do patriotismo
E a voz da religião?

Se é bella assim a virtude
Face á face com a opulencia,
Derramando aquella essencia,
Que em harmonias se esvae ;
Que custa dar um sorriso,
Dar um obolo, um carinho
A's aves, que não têm ninho,
Aos filhos, que não têm pae?

A caridade inda sôa
Nas fibras do humano peito :
Como no céo satisfeito
Vai ficar o moço Deus,
Jesus, o amigo dos tristes
Quando os astros lhe contarem,
E estas vozes lá chegarem
Nas azas dos anjos seus!... »

. . . .

Versos foram estes recitados n'uma festividade promovida em prol d'alguns infelizes em 1866.

Poeta, digno d'este nome, se adóra a mulher, no seu labutar pelos pobres, pelos desgraçados, é impossivel que não tenha n'alma doces phrases meigas para as crianças desvalidas, e o nosso vate as teve.

Para proval-o basta ouvir estas magoadas palavras, postas na bocca de um filho do bravo capitão Pedro Affonso, quando no Recife se promoveu, em 1867, um espectaculo em favor da familia d'aquelle digno official, reduzida á miseria com a morte de seu heroico chefe :

« De minha mãi os cabellos
A dôr da viuvez espalha...
Meu pae morreu na batalha,
Grandes da patria, escutae :
Não sei quem é que permitte
Que se tenha um máo destino,
Que se soffra tão menino,
Que a gente fique sem pae...

Póde ficar nas florestas
Passaro orphão perdido ;
Existe um desconhecido,
Que não no deixa morrer ;
Manda ao sol que lance um raio
Para aquecel-o no ninho,
E diz : abre o teu biquinho.
Venho dar-te o que comer.

Dorme no berço a criança,
Que perde o seu pae valente ;
Languece, definha, sente
Falta de paterno amor...
Ai! quando as aves se aquecem
Pelos cuidados divinos,
Não acho bom que os meninos
Chorem de frio, Senhor!

O caçador das montanhas
Exclama, sondando o ninho,

Que bello!... meu passarinho!
E ao seio crial-o vae :
Não diz o homem que aspira,
Que atrás da gloria se lança,
Bravo!... achei uma criança
Tenra e mimosa, sem pae!... »

. . . .

Não é embalde, nem é a esmo que vou allegando esses factos e vou documentando esse lado brilhante d'alma do auctor dos *Dias e Noites.*

E' que os seus adversarios, despeitados talvez com as suas franquezas de critico e polemista, timbraram sempre, e timbram ainda, em mostral-o ao publico qual um caracter aspero e sem piedade. E tamanho erro não póde passar sem protesto diante da realidade. E a mais eloquente demonstração está nas poesias inspiradas ao grande sergipano pela paixão amorosa, que o avassalou por duas vezes com a maxima energia. E' n'esse ponto, sobre todos delicado, sobre todos capaz de deixar insinuarem-se escorias menos nobres na pureza do metal dos profundos affectos, que se póde pôr á prova a dignidade nativa do homem.

O poeta sergipano sae remido d'essa provação. Pondo de parte pequenos e inoffensivos galanteios, dirigidos a diversas bellezas pernambucanas, teve elle dois profundissimos amores, que o dominaram por completo. O primeiro foi com a lindissima Leocadia Cavalcanti e levou-o quasi ás portas do suicidio. Desde que a viu, sentiu-se subjugado. Na qualidade de professor d'um dos irmãos da encantadora moça, travou relações com sua familia, frequentou-lhe a casa e teve repetidos ensejos de a vêr, de a conversar e deixar-se submetter de todo ao jugo de cruel paixão.

Animado pela grande consideração pessoal de que era cercado, pensou em casar-se com a aristocratica donzella. O pae d'esta oppôz-se tenazmente.

Prejuizos de nobreza fôram a causa principal da má vontade paterna.

Esse doloroso idyllio durou uns tres ou quatro annos. Durante todo elle, até o desenlace final, o poeta sergipano

andou offuscado e prêso de uma verdadeira adoração. Falou sempre e continuamente a essa mulher em tom de candida submissão, como se se dirigisse a uma santa, a um ser superior e sobrenatural.

Ainda em 1868 assisti, no Recife, ao final d'esse encantamento.

Nos *Dias e Noites* acham-se alguns documentos por onde se póde aquilatar do gráo a que chegou. Digo alguns, porque a mór parte das poesias offerecidas pelo enamorado vate á sua dama nunca veio a lume e, com ella, ficou fóra das vistas profanas.

As existentes no volume impresso são as abaixo indicadas, as quaes devem ser lidas na ordem em que vão aqui enumeradas, por ser essa a do natural desenvolvimento dos factos e da situação psychologica do apaixonado sonhador : ***Penso em ti — Ideia — Hœc olim meminisse juvabit — Pelo dia em que nasceste — Leocadia — Suprema Visio — Amar — E' cêdo — Carmen — Supplica — Contemplação — Tão longe assim — Oh! isto mata — Não faleis em mim — Sê meiga e terna — Porque me feriste — Como é bom!... Cantae — Malevola — Luctas d'alma — Fatalidade.***

Não é sem interesse analysar n'estas paginas esse curioso caso de psychologia humana.

O poeta começa por uma verdadeira invocação, uma perfeita prece ; prosegue n'uma adoração completa, sempre receioso e timido, a pedir á sua alma que se acrysole e depure, até o desenlace, só encontrando palavras de quasi humilhação diante de seu idolo.

Póde convencer-se quem quizer, percorrendo as poesias citadas. Aqui deixarei algumas notações indispensaveis, resumidos trechos comprobativos. A primeira *preghiéra* é em estylo de soluçada e timorata supplica :

Perdôa, se, nas horas que se embebem
No coração, mais cheias de amargura,
Mais pesadas de amor e de saudade,
Penso em ti... Do teu seio moduloso
Sinto a onda empolada em ancias doces
Quebrar-se junto a mim.

Oh! minha estrella,
Noiva dos lyrios, perola celeste,
Lagrima d'anjo sobre mim chorada,
Que te somes no fundo de minh'alma,
Perdôa, se, nas horas do repouso,
Quando da morte me deslumbra o riso,
Tenho desejos timidos de vêr-te ;
Que não agaste do teu anjo as azas,
Que não te acorde; de invejar-te o sonho,
E dar-te um beijo na mãozinha casta
Que deixaste pender fóra do leito...
Perdôa ainda, se arroubado, insomne,
Quando na testa do levante pallido
Menos bella que tu a alva fulgura,
Ruminando a doçura do teu nome,
Nos perfumes, nos bafos matutinos,
Vagos longes de um cantico ineffavel,
Que vem do céo, aspiro a essencia tua...

Oh! não poder te amar com mais candura!
Se este amoroso querer e louco anhélo
Não é amor que se revele aos anjos,
Porque não tenho um coração mais puro?
Cego inditoso, que adormido sonha
Beijar-lhe os olhos peregrina imagem,
Acorda e sente o odor, palpando as vestes
Do sonho certo, que lhe diz : olhai-me!
Blasphema, estorce-se e não póde vêl-o!...
Que horrivel transe! E é assim que eu te amo,
E' assim que te adoro, e não te beijo,
Que não posso dizer-te, e, nesta lucta,
Rindo assisto aos combates tenebrosos
Que se dão na minh'alma, e sempre amando,
Nem de meus olhos este amor confio...

Quizera, virgem, que meus versos debeis,
Meus pensares ao ar soltos, perdidos,
De mistura com as auras vespertinas,
Modulassem de manso aos teus ouvidos ;

Que falassem do céo, da tarde limpida,
Derramando em tu'alma um vago enleio :

Que tu pudesses, entendendo as queixas,
Meus versos, timida, esconder no seio.

E, como a santa da legenda, quando,
Cortando o vôo a virginaes amores,
Teu pae acaso perguntasse : filha,
Que tens no seio? respondesses : flôres... »

O poeta péde perdão até de pensar em sua querida, de pronunciar-lhe o nome, de dedicar-lhe amor, tão casto, capaz de ser revelado aos proprios anjos, e, ainda assim, não se atreve a dizel-o, e deseja mais puro o coração para a poder amar com mais candura. E esse inicial acariciante anhélo, que não se ousa manifestar, expresso em *Penso em ti*, prolonga-se em *Ideia*, em que diz :

« Amo-te muito. Não temas
Que possa dizel-o. Espera...
Comtigo a sós eu quizera
Beijar as mãos do Senhor ;
No ninho das rolas castas,
No calix das flores puras
Guardar as nossas ternuras,
O nosso morrer de amor.

Quizera aquecer-te n'alma,
Candida, meiga avesinha,
Unida ao meu peito, minha...
Como dizer?... minha irman ;
Comtigo brincar á tarde
Na mesma sombra florida,
Respirar a mesma vida
Nos perfumes da manhan.

E á noite, quando medito,
Quando as lagrimas enxugo
No fogo de um verso de Hugo,
Mais duravel que um trophéo,
Pudera ver-te a meu lado
Chegar anciosa e louca,
E dar-me na tua bocca
Alguma cousa do céo.

Pudera ver-te mimosa,
Com a trança desfeita, esparsa,
Movendo as roupas de garça,
Nos meus segredos bulir,
Juntando ao calor, á vida
Do livro amado que leio
O palpitar de teu seio,
E a graça de teu sorrir.

Só tu puderas, passando,
Qual um aroma aos ruidos
De harmoniosos vestidos,
Meu coração acordar,
Derramando enternecida
De amor, de candidos zelos,
O cheiro dos teus cabellos
No fundo do meu pensar. »

E' o tom do mais delicado ideialismo, quero dizer, da expressão mais doce e terna, dada a uma paixão real. Esta, porém, sentia-se crescer e avassallar o animo do descuidoso estudante; pois estes factos se passaram em seu curso academico de fins de 1865 a 68. A obsessão cresceu; mas nunca chegou a perder as fórmas da mais requintada delicadeza :

Tudo que bate no meu peito ancioso,
Tudo que sonho, que medito e creio,
Minh'alma toda é uma só ideia,
Cravada, immovel em teu alvo seio.
. . . .

D'innotos astros na região de neve,
Dos vôos do anjo na altitude immensa
Brilha a pupilla dos teus olhos negros,
Prodigio escuro em que minh'alma pensa.

E sempre á face do revolto abysmo
Do meu sonhar esta visão sagrada :
Teu rosto meigo, tua alvura santa,
Como uma garça á beira mar poisada!...

Tu és o ermo, a solidão florida,
Que a mente exalta de um delirio vago,
Passando n'alma o deslizar da nuvem,
O azul do céo, a limpidez do lago... »

São phrases de *Hæc olim meminisse juvabit;* até ahi não ousa ainda o amoroso sequer queixar-se ; contempla, adóra, recorda-se e embevece-se na recordação. As magoas começam em *Pelo dia em que nasceste;* ahi já ousa interpellar o idolo, mas ainda muito de leve, declarando-se pequeno para tocal-o :

« Por ti conservo sorrisos
Pela dor não apagados,
Como titulos gravados
Em face de mausoléo.
Contemplo o resto de infancia
Que a tua testa alumia,
Qual o fim de um bello dia,
Crepusculando no céo.

Bem sei que sonhas venturas
E a aragem que te balouça,
Franzina, languida moça,
Não te consente pender.
Socega, flôr boliçosa,
Deixa em teu seio innocente,
Vertida em lagrima quente,
Minh'alma se recolher.

Bella!... nem sentes o ruir da vida,
Celeste arroio que te cobre a planta,
Bafejada dos céos, estremecida,
Etherea, limpida, impalpavel, santa!

Fulges, como de orvalho perfumoso
Perola, sôlta ao matinal gotejo :
Noiva do raio pallido, mimoso,
Que no calix da flôr sorve-a de um bejo!

Transparece o candor d'alma sem magoas ;
A noite, ao dia estranha, sobranceira,
Teu trajo sôa, como o som das aguas,
Teu corpo treme e tua sombra cheira...

E tu'alma tambem porque não vôa?
Podiamos subir, vagar atôa
    Pelo infinito sós ;
Eu faria de amor hymnos e preces,
Um ninho para ti... Se tu quizesses,
    Um ninho para nós.

Que receias? teu labio não murchece,
De moça eterna o raio te circumda :
Da fronte o lyrio não descai. Parece
Que uma alma exterior teu corpo inunda.

Como em floreo botão fechas as graças
E de um peito aos anhelos doloridos,
A's ancias loucas, não te volves, passas...
Cuidas que é o soar de teus vestidos.

Edenica romã, que um anjo parte,
E'-te a bocca, entreabrindo-se risonha :
Sou pequeno, bem sei, para tocar-te,
De que tamanho queres qu'eu me ponha?

N'um fio odóro tua imagem sigo,
Teu doce nome como um hymno entôo :
Eleva-me, que amar-te é voar comtigo,
Ser aguia e d'anjo acompanhar-te o vôo.

Eil-a de brilhos no seu throno alçada!
Eu te saúdo, burity do outeiro,
Que balanças a coma alumiada
Do sol nascente ao radiar primeiro.

Ouves? eu amo-te. Inda não sentiste
A mão que acarecia a sombra tua?
Meu amor é o scismar da fera triste,
Fitando estupida o clarão da lua... »

Sempre o mesmo respeito, a mesma timidez, a mesma desconfiança de si, chegando apenas a balbuciar quasi apagados queixumes... O encantamento é completo; e explica-se perfeitamente pelo natural acanhamento do poeta, famoso estudante, é certo, apontado pelo seu talento, glorioso, popular, porém mestiço e pobre, a namorar uma Siqueira Cavalcanti de Pernambuco! Quem sabe do gráo de enthusiasmo que ainda tinha, ha quarenta annos passados, de sua prosapia aquella familia, póde bem aquilatar o estado d'espirito do apaixonado sergipano. Talvez por isso deu sempre o auctor dos *Dias e Noites* ao seu amor pela bella aristocratica pronunciada expressão mystica. Sempre avistava-a entre nuvens,

n'uma região supra-sensivel, celeste, superior, até onde podiam vagamente chegar suas doloridas queixas. Embalado em sonhos, cego d'enthusiasmo, a adoração crescia e alçava o tom, quando a natural meiguice da moça, que sinceramente o apreciava, o encantava em suas conversações.

N'essas horas essa nova Beatriz chegava a fazer parte da comitiva da propria divindade. O poeta tomava-lhe o nome e o cantava, em acrostico e glossa, ao gosto dos ultimos tempos da edade media e do Renascimento. Ouvide :

« Livro de luz em que o Senhor medita
E ás mãos dos anjos não é dado abrir,
Onde as estrellas aprenderam juntas
Com as rosas puras a chorar e a rir,
Alma que serve de alimento ás flôres,
De cuja essencia a creação trescala,
Ingenua e candida, escutando em sonhos,
A voz da santa que do céo vos fala...

Vós sois na terra a encarnação brilhante
Do sacro amor que a vossos paes adita,
Rutila estrophe de um poema d'oiro,
Livro de luz em que o Senhor medita...
Lagrima d'alva que no seio cálido
Da nuvem rubra vos deixou cahir,
Pagina alvissima em que Deus escreve
E ás mãos dos anjos não é dado abrir...

Virgem serena, a cujos olhos timidos
A lua gosta de fazer perguntas,
Biblia celeste de mysterios castos,
Onde as estrellas aprenderam juntas,
Com as brisas tenues, a dizer as queixas
De alguma dôr que só Deus póde ouvir,
Com as ondas cérulas, com as auroras pallidas,
Com as rosas puras a chorar e a rir...

Fronte em que passam d'outro mundo as scismas,
Rosto banhado em matinaes albores,
Peito onde arquejam do infinito as vagas,
Alma que serve de alimento ás flores,

Mimo do sol, que vos attrahe os raios,
E as vossas graças pelo céo propala,
Vós sois a alvura dos eternos lyrios,
De cuja essencia a creação trescala...

E quão piedosas não serão as preces
Dos vossos labios divinaes, risonhos!
Tranças esparsas, joelhada, extatica,
Ingenua e candida, escutando em sonhos,
Por entre os cantos das espheras lucidas,
E os ais sentidos que o universo exhala,
E os sons mellifluos do psalterio angelico,
A voz da santa que do céo vos fala! »

As lettras do nome da mulher amada abrem os versos da primeira estrophe, que é glossada nas seguintes.

Esta poesia em sua exaltação, que só encontra suas eguaes em plena edade media, é uma verdadeira oração, como os adoradores faziam á *Madona.*

O poeta havia começado, repito, pela mais humilde admiração; ia-se sentindo prêso, mas chegava a pedir perdão da ousadia de amar aquella que o captivara. E' a primitiva phase n'esta historia de Tobias e Leocadia. Depois, ás primeiras difficuldades, surgiram as primeiras queixas de um amor, que se revelava fatalmente atordoado, como o fitar da fera ao clarão da lua inaccessivel e prodigiosa. E' a segunda phase. Vem após um periodo de embevecimento mystico, em que as fugazes esperanças acalentam a alma, deixam-na suspensa em extasis, n'um mixto incoherente de sonho, de encantamento, de visões, de desejos, de suspiros, de abafados anhélos, de que *Suprema Visio* é uma das expressões mais typicas existentes em nossa litteratura. Lêde :

« Mostra-me a nuvem, que te trouxe á terra,
Dize-me a estrella que no seio affagas,
Formosa ondina das celestes vagas,
Que ouves bater o coração de Deus.
Deixa que eu possa, d'amoroso affecto,
Morrer... guardar em tua rosea bocca
Minh'alma, est'alma, que se estorce louca,
Tacteando as trevas dos cabellos teus.

Para agradar-te não contei commigo...
Calado e triste, que attracções eu tinha?
Contei sómente com a desdita minha ;
Não achas bello padecer assim?
Não te seduzem meus tormentos rudes,
E as grandes luctas de uma vida escura?
Não te apaixonas pela desventura?
Toca em meu peito, e chorarás por mim...

Se ouso um instante imaginar-te as formas,
A idéa hesita, o coração recúa ;
O inteiro brilho da belleza tua
Do céo as nuvens não me deixam vêr...
Genio das flores, quero abrir-te o seio ;
Quero sondar-te, divinal mysterio ;
Voar, nutrir-me do teu corpo aereo ;
Lagrima d'anjo, quero te beber.

Tarde, bem tarde, quando a mente envolve
Das noites claras o fatal quebranto,
Pedindo aos astros o perdido encanto
De alguma esp'rança, que já não sorri ;
Quando a alma sólta as doloridas petalas,
De ermos suspiros ao profundo abalo,
E' de joelhos que teu nome exhalo,
Que anceio e chóro, meditando em ti.

Nem tenho um anjo, que me apare as lagrimas :
Debalde a lua, que madruga amena,
Vem desgrenhar-se, como que de pêna.
Pallida e loira sobre o peito meu.
E eu digo á lua : devagar... não bulas
Nas maguas fundas de quem ama e chóra,
Vê... não na toques ; ella dorme agora,
E eu sinto o alento do respiro seu.

Oh! quem beijara-lhe a mãosinha casta,
Que vem, no meio de subtis perfumes,
Tirar suspiros, desprender queixumes
Do intimo seio que ella abrio? Senhor!...
Se para ornal-a não descubro flores,
Se embalde mimos pelo céo procuro ;
Peço-vos, dai-me um coração mais puro.
Pará abrazal-a do mais puro amor.

Do que se aspira n'esta vida ingrata,
Um riso, um gesto, uma caricia, um beijo,
Gozo, que mate o meu soffrer... não vejo...
Mas olha, escuta : é o supremo adeus!
Para minh'alma embalsamar-se extatica,
E ao céo voar inebriada e louca,
Cerrada a flôr de tua rosea bocca,
Dá-me o aroma dos cabellos teus. »

Passado esse atordoamento em que o poeta só de joelhos é que achava que deveria falar á sua *Madona*, segue-se um periodo mais humano em que lhe declara o seu amor sem rodeios; mas sempre envolto em radiantes roupagens, em idyllicos murmurios. *Amar*, *E' cêdo*, *Carmen* são a expressão d'esse momento de confiança, certo despertada por fagueiras promessas. E' de notar a perpetua doçura, a inalteravel meiguice, a nunca desmentida delicadeza dos sentimentos e da sua natural expressão em as citadas peças lyricas. Não existem mais mimosas em nossa lingua.

Basta percorrer algumas estrophes d'essas composições para ter a próva, nunca desmentida, de haver sabido o lyrista sergipano para seus transportes amorosos achar sempre as expressões do mais requintado idealismo. Eis aqui :

« Amar é fazer o ninho,
Que duas almas contem,
Ter medo de estar sosinho,
Dizer com lagrimas : vem,
Flôr, querida, noiva, esposa...
Cabemos na mesma lousa...
Julieta, eu sou Romeu ;
Correr, gritar : onde vamos?
Que luz! que cheiro, onde estamos?
E ouvir uma voz : no céo!

Vagar em campos floridos
Que a terra mesma não tem ;
Chegarmos loucos, perdidos
Onde não chega ninguem...
E, ao pé de correntes calmas,
Que espelham virentes palmas,

Dizer-te : senta-te aqui ;
E além, na margem sombria,
Vêr uma corça bravia,
Pasmada, olhando p'ra ti! »

Esse ninho de duas almas, que vagam, embriagadas de luz, de perfumes, pelos paramos celestes, e só descem para perderem-se em campos floridos, onde não chega ninguem; esse ninho que parece vae pender mysterioso do cimo de virentes palmas, ao murmurio das lymphas encantadas, é uma bellissima imagem, só excedida pela lembrança do poeta em realçar a formusura de sua querida, fazendo deter-se diante d'ella pasmada de vêl-a uma corça bravia. Mas o surto lyrico do ideialismo poetico é prodigioso em mutações. Agora é sob a fórma de flôr pendente de orvalhado ramo e que deve ser de leve colhida nas madrugadas longinquas, quando nem ainda começavam os cantos da passarada garrula, que surge a imagem do amor do poeta. Essa collaboração da natureza nos festins d'alma humana é um dos signaes da boa poesia. Eis o mimoso quadro :

« E' cêdo... as avesinhas não cantaram,
Nem d'alva ao longe se présente a vinda ;
Da noite as sombras não se dissiparam,
Ha muita estrella pelos céos ainda...

Venho colher-te. Porém tu me molhas
Com o teu orvalho no florido ramo;
Qu'eu tenho medo de tocar-te as folhas,
Qu'eu tenho medo de dizer-te : eu te amo!

Do céo descido teu olhar supremo
E' o infinito que se entranha em mim.
Scismo em tua sombra ; se te encaro, tremo!...
Se isto é amor, eu nunca amei assim!

. . . .

Rosa dos valles, vem ver como és linda
No liso espelho desta fonte calma :
Queres mais bella, mais brilhante ainda,
Rasga-me o peito, mira-te em minh'alma! »

Vê-se, sente-se a doce illusão do amoroso lyrista n'este periodo mais intenso da esperança. Chega a sonhar o seu amor, cuidado por flôres, em encantado abrigo, a entoar a prece mystica das eternas venturas :

« Ha muita sombra, meu amor, no valle,
No valle ameno em que medito a sós ;
Muita delicia, que enlanguece os olhos,
E muita flor para cuidar de nós...

Alli, nós ambos, pelo céu guardados,
Do amor mais puro no encantado abrigo,
Tu me dirias : em que tanto scismas?...
Abre o teu livro, quero ler comtigo.

Juntos, ouvindo o murmurar das aves ,
Batendo as azas entre os arvoredos,
Mãos enlaçadas, um no outro fitos,
Nós dois unidos, arroubados, quêdos ;

De nossos olhos na linguagem mystica,
Falando presos de amoroso enleio,
Eu te pudera desvendar minh'alma,
Tu me puderas revelar teu seio...

Depois, nas horas em que o pranto é doce,
De uma doçura a que ninguem resiste,
Nós dois, á margem de sereno lago,
Ao pé de um tronco desfolhado e triste ;

Ah! n'essas horas em que o céu é calmo,
Ao vago anhélo dos suspiros meus,
Eu juntaria tuas mãos de sêda,
Mãos de criança para orar a Deus... »

D'estes protestos, d'estas revelações de fundas ternuras resuma a confiança; algum raio da embriagante ventura, que desce do céu do amor sobre os seus eleitos, deveria ter illuminado a alma do poeta. Dias mais escuros tinham, porém, de chegar.

Sob a pressão paterna, alem, talvez, d'outras causas desconhecidas, a *formosa ondina das celestes vagas*, foi-se re-

trahindo aos poucos, não sem lucta e sem constrangimento. Em unisono accórde o coração do apaixonado mancebo, foi desferindo as sentidas notas das situações desenganadas, em accentuado *crescendo* até o rompimento final. Mas ainda ahi, ainda na crise decisiva as magoas do triste fôram sempre como offerendas depostas no altar d'uma divindade. *Supplica*, *Oh! isto mata*, *Não faleis em mim*, *Porque me feriste*, *Como é bom... cantae*, *Malevola*, *Luctas d'alma* são a expressão d'essa ultima phase do idyllio de Tobias e Leocadia do qual a derradeira nota parece estar en *Fatalidade*. Em *Supplica* ouvem-se as primeiras desconfianças; mas com que timidez são expressas ! Quem só conheceu o genio arrebatado do escriptor sergipano em suas polemicas e n'outros passos de sua vida, quasi não póde acreditar que fosse elle capaz de tanta meiguice. Mas é este um signal das grandes almas : os extremos nas fortes paixões.

Supplica parece cochichada á surdina :

« Que brancas fórmas ao meu peito afago !
Não, são chymeras pela mente esparsas;
Não, é a escuma que acolchôa o lago ;
Não, é a alvura de serenas garças...

Não me maltrates, tu, que tens no seio
Tanto rebento de paixões viçosas
D'alma superflua, que amanhece cheio
Do teu sorriso o coração das rosas.

Os astros limpos, a tremer sedentos
Da luz que guardas, como em um thesoiro,
Pedem um fio dos teus pensamentos
Para adornarem suas frontes de oiro.

E a onda pede, para arfar mais bella,
A inquietitude que o teu corpo abala ;
E a aura da tarde supplicante anhela
Pelas essencias, que tua bocca exhala.

Bocca mimosa, que uma aurora encerra,
Que meiga espira virginal fragrancia!
Formou-a Deus para supprir na terra
Das flôres mudas a perpetua infancia.

Boquinha aberta ao matinal rorejo,
Que existe só para sorrir nos prados,
Falar ao céo e receber o beijo
Que Deus envia aos corações magoados.

Olha... se meiga, como tu pareces,
Terna criasses, nos vergeis nascida,
Pobre avezinha, e por amor lhe désses
Na flôr dos labios o alento e a vida ;

Um dia, ingrata, te esquecendo d'ella,
Com quem, tu sabes, ninguem mais se importa,
Quando a lembrança te viesse, oh bella,
Não chorarias de encontral-a morta? »

A nota capital nas ultimas poesias citadas é a do amor que faz o sacrificio de si mesmo, procurando occultar-se, chegando até, em certos passos, a protestar a sua inexistencia. E' singular este mixto de orgulho e humilhação, esta rara mescla de devotamento e receio, de esquivança e attracção. Eis como fala em *Oh! isto mata :*

« Não tenho forças para tanta lucta,
Lucta d'archanjo, que, se mais um raio
Do seio ardente me lançares, caio ;
Que eu já não posso com teu meigo olhar.
Por ti sem vida, abandonado á sorte,
Gósto das noites, que me causam medo,
Gósto da rosa, que me espinha o dedo,
Gósto de tudo que me faz chorar.

Carpindo magoas que comprimo n'alma,
Gemendo queixas de fatal desgosto,
Não sei que nevoa te passou no rosto,
Não sei que sombra nos teus olhos vi...
Mandas que eu fuja, que não mais te adore?
Temes que um sonho revelado seja?
Queres que eu morra, que não mais te veja?
Pois bem ; não temas ; fugirei de ti.

De ti, de mim... que pensarão as rosas,
Quando ao correr das virações macias,

Das tardes frescas nas mansões sombrias,
Me virem triste, lacrimoso a sós?
Oh! isto mata!... E que respondo ás flores,
Quando, insensiveis a meu longo pranto,
Disserem rindo qu'é do teu encanto?
Qu'é da criança mais gentil que nós?

Talvez cuidasses que te amar podesse...
Não que o teu nome nem siquer profiro!
Foi-te contado por algum suspiro,
Por algum astro, por alguma flôr?
Quem é que veio devassar mysterios
Na gruta opaca do meu pensamento?
E' falso, é falso o que te disse o vento...
Mentio a estrella que falou de amor ...»

Melindrado pelas opposições aristocraticas da familia da gentil namorada, o poeta chega a negar o seu amor; mas essas evasivas não passam de novas confissões. E prosegue em *Não faleis em mim* :

« E hei de acabar desventurado e triste,
Falando ás flôres que me não respondem,
Buscando uns olhos que de mim se escondem,
P'ra me não darem illusões de amor?
Hei de acabar!... e do fatal poema,
Sim, deste psalmo que a chôrar desfiro,
O ultimo verso é o ultimo suspiro,
Suspiro eterno de ineffavel dôr.

Qual brava corça das virentes selvas,
Na sombra occulta a se nutrir de espinhos,
Minh'alma pobre, que não tem carinhos,
Amargas penas na soidão remoe :
Pasmando aos mimos da mulher que adoro,
Visão que abraço pelos raios della,
Transido soffro a suspirar : oh bella,
O sol que brilha, tambem queima e doe!

Morrer por ella... que loucura minha!
Longe, bem longe o seu olhar diviso...
Que tenho eu, para pedir-lhe um riso,
Que tenho eu, para adoral-a assim?

Astros da noite, que me olhaes attentos,
Dizei, dizei que esta paixão me mata,
Mas, por amor, não lhe chameis ingrata,
Ride com ella e não faleis em mim... »

O amor, que se procura n'estes versos retrahir e desfarçar, consegue apenas, em *Porque me feriste?* proromper em novas preces. O pensamento, como um raio morto, procura mais e mais acrysolar-se :

« Bem como as flôres, em botão fechadas,
A' espera d'alva, que n'as venha abrir,
No peito magoas, a doer caladas,
Pedem um raio para as expandir.
Fita-me, eu quero do martyrio santo,
Que o céo me outorga, offerecer-te a palma ;
Deixa em teus olhos depurar minh'alma,
E em teus cabellos enxugar meu pranto.

Desde que, ao ver-te, ajoelhei-me absorto,
E á hora extrema o coração bateu,
Meu pensamento, qual um raio morto,
Cahiu-te aos pés e nunca mais se ergueu.
Quiz perguntar-te : por que me feriste?
Fitei-te os olhos e tremi de medo...
Tive receio de morrer tão cedo,
Tendo o desgosto de viver tão triste...

Tu, que sorrindo minha fronte abrasas,
Porque não deixas que te possa amar?
Eu dispensara do meu anjo as azas,
Bastara um anjo para nos guardar.
Fórma visivel de minha alma errante,
Que o meu penoso coração dedilhas...
Oh! minha estrella, que de longe brilhas,
Nada te importa que eu soluce ou cante!

Para em teu seio penetrar a furto,
E haurir o orvalho da pureza em flôr,
Longo... infinito... o pensamento é curto,
Curtos os vôos do meu casto amor.

Quantas e quantas já lá vão perdidas
Lagrimas d'alma, que se quebra em ancias!
Pude nos sonhos aspirar fragrancias...
E achei as rosas de manhã cahidas!

Ai! deste amor o anciar dorido
Cubra, suffoque do mysterio o véo.
Genio dos anjos, se te amei perdido,
Não rias, ouve : dir-t'o-hei no céo...
Fita-me ; eu quero, acrysolado e santo,
Do meu tormento offerecer-te a palma,
Deixa em teus olhos depurár minh'alma,
E em teus cabellos enxugar meu pranto. »

O poeta, como se vê, em revolta contra os obstaculos oppostos á sua felicidade, não prorompe em blasphemias, nem tem palavras duras contra a sua amada. Requinta a doçura e a delicadeza.

Sabe já que nada poderá alcançar; mas as ultimas notas do psalmo que desfere, segundo sua propria expressão, cada vez são mais ternas e mais apaixonadas. A divindade continua a seus olhos a merecer-lhe toda a dedicação.

Obediente ás ordens paternas, a moça pernambucana foi aos poucos cortando as relações com o ardente sergipano. Foi sob a impressão d'esse retrahimento da *formosa ondina* que foram escriptos estes versos de um lyrismo encantador :

« Podes rir e não crêr no que soffro,
Nem ouvidos prestar aos meus ais,
E o festão de esperanças fagueiras
Desfolhar-me na face ; inda mais...

Podes vir laurear-me d'espinhos,
Sem que o pobre uma queixa profira,
Vêr-me triste e dizer : que loucura !
Vêr-me louco e dizer : é mentira !

Podes, bella, a meus olhos cançados,
Que sem ver-te na sombra fallecem,
Ordenar que não ousem fitar-te,
Que os meus olhos chorando obedecem.

Mas querer que minha alma te esqueça,
Mas dar ordens ao meu coração,
Mas impor-lhe que deixe de amar-te,
Prohibir-me que soffra ?... isto não!

Meu amor, este amor que me mata,
De minh'alma no seio profundo,
Traduzindo o silencio dos astros,
Encerrando a grandeza do mundo,

E' a onda que vem do infinito,
Que não geme sequer, nem murmura,
Dos meus olhos trazendo a tristeza,
Dos teus labios a doce frescura.

E' o susto da flor que descora
Por um beijo do sol que na offende ;
O segredo de brando favonio,
Que suspira e ninguem comprehende.

E' a gloria do mar que se ufana
De apanhar a botina e a meia
Da donzella, que foi por brinquedo
Descalçar um pézinho na areia.

E' o orgulho da vaga empolada,
Que se julga mais rica e ditosa
De embalar uma lagrima d'anjo
No batel de uma folha de rosa.

Meu amor é a rola selvagem
De um cabello prendida no laço ;
E' o lyrio que diz : não me mates !
Ao tufão que lhe diz : eu te abraço !

Mas tu foges de mim !... ouve, espera :
Se procuras saber quem eu sou,
Diga o anjo que sempre commigo
Minhas magoas sentio e chorou.

Diga a lua a quem conto os meus sonhos,
A quem dou para ver e guardar
Meu thesouro de lagrimas puras
Que as angustias me querem roubar. »

Mas no poeta lyrico havia já em 1867, anno em que foram escriptos os versos acima citados, a fibra de um luctador sedento de glorias. As grandes aspirações pelo futuro, a consciencia de uma carreira a preencher vieram em auxilio do pobre estudante. Ao idolo adorado péde ainda piedade e compaixão ; mas, entregue aos tufões da sorte, tem a coragem de aguardar futuras glorias, que o hão de valer, porque não as renega. E' a psychologia que transpira de *Luctas d'Alma :*

« Como é sublime o combater de uma alma,
Que abriu as azas aos tufões da sorte !
Leva no seio um oceano amargo,
Transcende as nuvens soberana e forte ;
Toma-lhe o vento as esperanças todas;
Mas não succumbe, mas não foge á morte...
Como é sublime o combater de uma alma,
Que abriu as azas aos tufões da sorte !

Sim ! E que importa que na fronte curva
Presinta o frio de funerea lagem ?
De uma tristeza no fatal suspiro,
De uma lembrança na veloz passagem,
Escuto ao longe o coração, que bate,
E a voz de um anjo, que me diz : coragem !
Sim ! E que importa que na fronte curva
Presinta o frio de funerea lagem ?

Sorte maldita, que me tens ferido,
Tu me venceste, mas eu não me entrego !
Na mente escura, como um vasto globo
De noite negra tacteando cégo,
Encontro as crenças de futuras glorias,
Que hão de valer-me, porque as não renego.
Sorte maldita, que me feres n'alma,
Tu me venceste, mas eu não me entrego !

Possa meu pranto fecundar a terra,
Donde rebentam da piedade as flores ;
E tu, que assistes de minha alma ás luctas,
Sê compassiva para tantas dores.
Morta a palavra pelo soffrimento,
Perdido o riso pelos dissabores,

Possa meu pranto fecundar a terra,
Donde rebentam da piedade as flores... »

O rompimento deu-se em meiados de 1868, depois de peripecias varias que não podem ser aqui narradas.

Os versos a que poz o titulo de *Fatalidade* desvendam, até certo ponto, n'esse transe o coração de seu auctor.

E' para notar ainda ahi a respeitosa admiração do poeta dos *Dias e Noites* por essa mulher que lhe encheu durante cerca de quatro annos a alma de irisados e deliciosos sonhos e da qual nunca mais falou até morrer sem visivel emoção :

Disse ao verme da terra aguia celeste :
« Dóe-me ver-te no pó ; minh'alma é nobre ;
Porque não ousas remontar ás nuvens ? »
« Não tenho azas... » lhe responde o pobre.

« Tenho-as eu ; posso erguer-te ao infinito,
Onde voam as almas que suspiram. »
A aguia e o verme n'um olhar trocado
Se embeberam de luz; e ambos subiram.

As nuvens fogem para abrir caminho
Ao rapido voar da ave altaneira;
E os astros dizem rindo : « vem da terra,
Trazendo aos pés de Deus um grão de poeira... »

Quando assim mais alturas devassavam,
Esta aguia que dizia: « o espaço é nosso,
Vamos juntos ao céo, entras commigo... »
Disse ao ente infeliz: « ai ! já não posso !... »

« Pois agora que o mundo está tão longe,
Que tão alto voaste, é que me deixas ?... »
« Lembrei-me que eu sou grande e tu pequeno,
Tenho pejo de ouvir as tuas queixas... »

E' assim que ao abysmo tormentoso
Meigo sorriso um coração arrasta,
E, na borda fatal do precipicio,
Tu recuas, e eu ?... sumo-me. Basta... »

Depois de taes e tantas citações, bem se comprehende o alvo que tive em vista. Alem de pôr debaixo dos olhos do leitor bellos trechos do lyrismo patrio, quiz desfazer falsas allegações, ainda hoje correntes, sobre o auctor dos *Dias e Noites*, patenteando aos espiritos imparciaes todo o mundo de ternura e de delicadeza existente nos sentimentos do poeta, que foi verdadeiramente uma alma bao, generosa e amoravel.

A segunda paixão sentida por elle foi na cidade da Escada por uma bella morena de nome Maria d'Albuquerque, intelligente *amadôra* do canto e do piano. Tobias residia então na pequena cidade pernambucana, onde tinha banca de advogado. A musica os approximára. Começaram cantando e tocando juntos e acabaram namorados. Teve esse complicado convivio phases varias; mas nunca passou as raias das conveniencias. Deu logar a pequenos *lieder*, notaveis pela intensidade e calor das notas. Eis aqui alguns :

« Vinde commigo ver essa belleza,
Incarnação do espirito das flores,
Ultima nympha que encontrei perdida,
Solitaria na ilha dos amores.

Como cêra mil vezes depurada,
Realça-lhe o candor da fronte linda ;
Natureza cruel e demoniaca,
Da familia de Lelia e de Lucinda ;

Bastos, crespos cabellos de mulata,
Sendo ella aliás de pura raça aryana,
Olhos d'aguia, mãozinhas de criança,
Bocca de rosa e dentes de africana...

E' esta a imagem que peguei n'um sonho,
Sonho de amor, febril e delirante ;
A mais moça, a mais quente das dez virgens,
A que o reino dos céos é similhante... »

Estes versos trazem o titulo de *Por brincadeira*.
Uma vez, porém, n'esse declive, escreve o poeta :

« Tu és morena e sublime
Como a hora do sol posto ;
E no crepusculo eterno
Que t'envolve o lindo rosto
O céu espalha ternuras
D'alvoradas e jasmins...
E passam roçando n'alma
As azas dos cherubins.

Teu corpo que tem o cheiro
De cem capellas de rozas,
Que t'enche a roupa de quebros,
De ondulações graciosas,
Teu corpo derrama essencias
Como uma campina em flor...
Beijal-o !... fôra loucura...
Gozal-o !... morrer de amor !... »

São já os calidos tons dos ardores meridionaes; mas sempre graciosos e em linguagem selecta. Um passo mais e o inflammavel poeta sente-se abalado e a moça, como de razão, esquiva :

« Quando te mostro essa porção de sombras
Que o teu cabello me lançou na fronte
E os ais sentidos que no ermo exhalo,
Pedindo ao ermo que a ninguem os conte ;

Quando te falo no profundo affecto
Que tua bocca me imprimio no seio,
Teus meigos olhos me respondem timidos :
Como é possivel este amor ? não creio.

Como é possivel ?! tens razão... As almas
Não sobem todas á serena altura,
Donde se exepellem deste mundo as maguas
E lá mais vivo o coração fulgura.

Não sobem todas. Entretanto eu soffro,
Ninguem percebe a minha dôr; eu choro,
Ninguem conhece do meu pranto; eu morro,
E tu perguntas com que fim te adoro ?!...

Pódes dizer-me com que fim rebentam
Brancas boninas no deserto? e as aves,
Que o sol saudam, com que fim gorgeiam,
E acordam d'alma as emoções suaves?...

A flor das veigas e dos céos a estrella,
Que meigos prantos entre si derramam! —
A flor não sobe nem a estralla desce,
Qual o motivo por que tanto se amam?... »

Igual sentimento repete-se insistentemente n'estes outros versos :

« Eis-me á borda do abysmo arrastado
Deste amor aos impulsos fataes;
E teus olhos, que assim me levaram,
Já parecem dizer : é de mais!

E' de mais, bem o sei, a loucura
Com que cego cahira a teus pés.
E da poeira de luz, que te envolve
Quiz ousado romper através.

Vi-te bella; encarei as estrellas,
Não achei quem dissesse : onde vais?
E minh'alma perdeu-se nas sombras
De teu negro cabello... E' de mais...

Fazes bem; meu amor não tem azas
Para ao longe comtigo voar;
Pobre, louco, miserrimo e triste...
Eu que tenho? que posso eu te dar? »

. . . .

Entretanto, a bella morena sentia por seu apaixonado sincera inclinação, que não se podia expandir, porque havia entre elles o abysmo das grandes e fundas conveniencias sociaes. Por isto dizia-lhe elle em delicado tom de queixume :

« Um riso, um gesto, umas palavras doces,
Eis a riqueza do teu grande amor!...
Se Deus quizesse reduzil-o a orvalho,
Não ensopava a pet'la de uma flor...

Entretanto, minha alma, que te adora,
Esta alma, que a teus pés cahiu ferida,
N'esse pingo de amor, quasi invisivel,
Acha gozos do céo, que lhe dão vida !... »

E como se ella sentisse mais preza e chegasse até ás lagrimas, teve elle este brado de dôr que poz remate a essa situação desagradavel :

« Ver-te chorar ! E não poder prostrar-me
Dos olhos teus ao infantil quebranto,
E, como o orvalho da manhã nos campos,
Nas minhas barbas imbeber-te o pranto!

Ver-te chorar ! E não poder as lagrimas,
Que tu vertias com virgineo pejo,
N'um cofre d'oiro recolhel-as todas,
Seccal-as todas ao calor de um beijo!...

Que beijo ! O echo dos abysmos d'alma,
Se abrindo aos raios da belleza tua :
Um beijo enorme de oceano immenso
Na branca praia, solitaria e nua !

. . . .

Tu trazes fitas nos cabellos negros,
Nos seios quentes o calor dos ninhos,
Na fronte a sombra do cahir das tardes,
Flôres na mão, no coração espinhos... »

N'estas effusões pela gentil Maria de Albuquerque está-se bem longe do delicioso ideialismo inspirado pela incomparavel Leocadia, é certo ; mas a compostura é ainda completa e a attitude do poeta respeitavel, como respeitavel é tudo quanto sentido e sincero produz o coração humano.

O embevecimento de Tobias diante da mulher, de que até em seus discursos e ensaios criticos existem muitas amostras, não se fez sentir sómente em relação ás suas apaixonadas. Desde os seus primeiros annos no Recife frequentou excellentes ródas e teve optimas e escolhidas relações, que

entreteve sempre com muito carinho. Teve assim ensejo de conhecer e tratar distinctissimas senhoras, solteiras e casadas, pelas quaes foi muito estimado, retribuindo-lhes os nobres affectos com a mais elevada e selecta amisade. A algumas d'estas dedicou poesias que se contam entre as melhores que produziu. Fala-lhes objectivamente, por assim dizer, mas com um arrebatamento, um enthusiasmo, um calor, verdadeiramente raros na amisade. São notaveis taes producções como superiores modelos de estylo e effusão lyrica.

N'esse numero contam-se os versos postos no album de D. Amalia Pinto de Lemos que seria crime não transcrever :

« Que vem fazer em pagina tão alva
Uma idéa mortal, humana, impropria,
Como em fronte infantil ruga sombria ?
Ah ! se ao appello de teus olhos serios
Responde tudo, que palpita e brilha ;
A flôr, a estralla, o coração respondem
N'um canto vago, immaculado, ethereo ;
Possa, minh'alma ennevoada, agreste,
De um nome angelico atirar as syllabas
Ao mar, ao céo, á luz, ao vento, ás aguias,
Capazes de apanhar a poeira fulgida
Do chão que pisas, e, n'um vôo celeste,
Ir, por brinquedo, sacudir as azas
No seio branco da mais linda nuvem...

Feito de riso e doçura,
Aura do céo respiravel,
Teu nome santo, ineffavel,
Tão puro que os labios meus
Têm susto de proferil-o,
Desperdiçar-lhe os odores,
Amalia !... é o abrir das flôres
Pronunciado por Deus !

Bem como do sol reflectem
Os longos raios na lua,
Dardeja na face tua
Paterno olhar do Senhor;
Nem sei o que é mais visivel,

Se do teu rosto a lindeza,
Do teu corpo a subtileza,
Ou da tua alma o candor!...

Mas é verdade que soffres ?...
Tão moça, soffres tão cêdo!
Dize: que angelico dedo
Bolio-te no coração ?
Ou foi a aragem da tarde
Que o teu bordado de sonhos
Esperançosos, risonhos,
Arrebatou-te da mão ?

Dize: no céo, nas espheras
Fitaste um olhar mais triste ?...
Tão terna ás flores sorriste,
Que a alma puderam-te vêr ?
Pois as flores todas, todas,
Já sabem do teu segredo,
E se ellas sabem... tem medo
Que as aves queiram saber.

Os rinhos não são capazes
D'esconder este mysterio ;
Nem mesmo o tumulo é sério,
Para guardar esta dor...
As rosas não são amigas,
A quem abras o teu peito,
Crueis que dizem : bem feito,
Quem te mandou ter amor ?

De um peito debil, nos sonóros rythmos,
Como que se ouve o tropear de instantes
Que vão correndo fugitivos, trepidos...
Não ouças : canta. Que disse eu ? não cantes!
Não ; não recebas do piano os bafos,
Que são veneno para a tua dôr :
Esconde o peito dessas auras frias,
Que passam cheias de saudade e amor.

Dizem que as serpes habitar costumam
Ninhos sem aves, por ahi desertos ;

E a morte gosta de beijar os seios,
Que as magoas deixam para os céos abertos.
Não penses nisso ; em tua fronte limpida
Corre da vida o matinal frescor :
Esconde o peito dessas auras frias,
Que passam cheias de saudade e amor.

Como se calam da esperança os hymnos,
Ruido d'azas que ao teu lado ouviste !
Ao céu perguntas : porque morre a virgem ?
E o céo te escuta num silencio triste.
E' que tens medo de fechar os olhos,
Cerrar os labios e perder a côr...
Esconde o peito dessas auras frias,
Que passam cheias de saudade e amor.

Tudo faz mal ao coração : a folha
Que cahe, o ramo que estremece, a vaga
Que geme á tarde, uma lembraça ao longe,
Um raio tremulo, um olhar que afaga,
Tudo faz mal ao coração : a aurora,
O riso, o pranto, o desfolhar da flor...
Esconde o peito dessas auras frias,
Que passam cheias de saudade e amor. »

A *ouvertura* em versos brancos é solemne ; as oitavas seguintes em redondilha maior, o verso popular por excellencia, constituem uma especie de *allégro* e são das mais delicadamente bellas de nossa lingua, só encontrando iguaes em João de Deus, um dos primeiros lyricos do meio dia da Europa; as oitavas finaes, em versos saphicos, são docemente magoadas, n'aquelle plangente ritornello, ao molde dos velhos cancioneiros, tão do gosto de nosso idioma.

Em igual elevação lyrica adejam as poesias consagradas a D. Paulina Monteiro de Siqueira Calvalcanti, senhóra de rara distincção, um dos mais dignos caracteres femininos da sociedade pernambucana no ultimo quartel do seculo XIX, e esposa do honrado cavalheiro Antonio dos Santos de Siqueira Cavalcanti.

Essa intelligente e illustrada senhora, cujo salão no Recife lembrava os salões parisienses do bom tempo, nascera no

mar, em viagem feita por seus pais á Europa. O poeta, em versos ao seu natalicio, alludindo a essa circumstancia, dizia :

« Sobre as azas cherubicas suspenso,
Deus sobre os mundos estendendo o braço,
Nasceste linda e o oceano immenso
Embalou-te cantando em seu regaço.

Embalde o archanjo do mysterio, triste,
Cerrara os labios do universo mudo :
Os floreos risos que primeiro abriste
De Deus e d'alma revelaram tudo.

Tudo..., o meigo candor das alvoradas,
Das tardes calmas o segredo fundo,
O silencio das noites estrelladas,
Foi por teus olhos revelado ao mundo...

E é se revendo em tua face pura
Que os archanjos de Deus se julgam bellos.
Dize : que é que o teu olhar procura
No céu, na terra em fulgidos anhelos ?

E'a meiguice dos primeiros dias,
Que ao longe exhalam divinaes fragrancias?
Não ; nos olhos ainda balbucias
De anjo e menina as innocentes ancias.

Rindo affagas a candida plumagem
De tua infancia pelas azas prêsa ;
Em cada flôr se estampa a tua imagem,
Teu halito embalsama a natureza...

Sobre as azas cherubicas suspenso ,
Deus sobre os mundos estendemdo o braço,
Nasceste linda e o oceano immenso
Embalou-te cantando em seu regaço. »

E' o lyrismo em sua forma selecta, em seu mais puro esméro. Quatro ou cinco poesias, n'este gosto, teve o illustre sergipano ensejo de dedicar ao anniversario natalicio de sua distintissima amiga. Sempre achava na lyra algum som novo,

exhalado de córdas intactas, e cada vez subia mais alto. Eis-a prova :

« Nós, as estrellas que no ceu pensamos,
As folhas mortas que no pó jazemos,
Os olhos tristes que já não choramos...
Ah ! que a ventura de chorar perdemos !...
De orvalho as gottas pelo chão bebidas,
Porque em seu calix não nos quiz a flôr,
Banhar-nos do anjo no clarão viemos,
E as nossas préces a seus pés depôr.

As auras frescas, de bem longe vindas,
Que a bocca rubra da criança abrimos ,
Nem lhe passamos pelas faces lindas,
Que temos pena de levar-lhe os mimos ;
As rosas murchas, por ninguem colhidas
Que inda podemos reviver de amor,
Banhar-nos do anjo no clarão viemos,
E as nossas preces a seus pés depor...

Assim teu astro, nas ceruleas dobras
Do manto eterno, mais e mais fulgura ;
Nasceste bella, como são as obras,
Todas as obras, em que Deus se apura.
E nesta hora em que naceste, bella,
E a terra encheu-se dos fulgores teus ,
O mar revolto era um bater de palmas,
E o céo azul era a attenção de Deus.

Lembram-se as flores, que sentiram quente
No seio a força desse novo encanto ,
Mais o calor de um coração ardente ,
Que se alimenta de ternura e pranto ;
Lembram-se as flores que aos ouvidos d'ellas
Chegaram tenues os vagidos teus :
E o mar revolto era um bater de palmas ,
E o céo azul era a attenção de Deus... »

Dada a noticia inicial do poeta em Tobias Barretto, em suas relações com Castro Alves, em a ideia geral de sua evolução na divina arte, dos generos diversos que cultivou, e, mais

peculiarmente, indicados os seus sentimentos no que tocava á mulher em geral, aos genios, aos talentos, ás crianças, aos povos, e, ainda mais de perto, apontados os seus affectos no que dizia respeito ás damas que lhe compartilharam o amor ou a simples amisade, não se acha esgotada a tarefa da critica e da historia, por este lado, a seu respeito.

Por mais distincto que se tivesse elle revelado em tudo isso, seria, ainda assim, um poeta de ordem secundaria, se não houvesse su'alma vibrado em altas e magnificas notas diante dos magnos assumptos, os especificos problemas que são a pedra de toque da poesia moderna : o enygma do universo, a humanidade em seu destino e sua grandeza, a morte, a patria, o trabalho, a vida social em suas multiplas feições. Felizmente para tudo isto existem alguns canticos em suas producções.

E' o que me falta mostrar para concluir-lhe o perfil de poeta, até hoje pouco apreciado em seu legitimo valor.

O sombrio mysterio, que vela todas as cousas, é o assumpto de *Vôos e Quedas*, canto philosophico, cheio de elevadas ideias, de fortes pensamentos, escripto em 1865, e que constitue um dos mais authenticos productos da poesia *condoreira* na escola pernambucana. Convem ser lida como documentação da litteratura da epoca. Abre assim :

« Quebrei a cr'ôa de espinho,
Que a minha fronte sangrou :
Como a serpe occupa o ninho
Que o passaro abandonou,
Jaz em meu peito o desgosto...
Do abysmo lava-me o rosto
A onda crepuscular ;
De minh'alma a fibra extrema
Sai nas unhas do problema,
Que não se deixa pegar...

Vêr o mysterio eriçado
Rodeando os mausoléos,
Morrer... subindo agarrado
No escarpamento dos céos,
E' triste! Mas é a vida...
O homem, de tenta lida

Cançado, indagando vai;
Chora embalde, grita, escuta,
E a terra, mãi prostituta,
Não lhe diz quem é seu pai!... »

N'este gosto, n'esta elevação prosegue por mais vinte e duas decimas octosyllabas, que lembram as da famosa poesia *Les Mages* de Victor Hugo, uma das peças typicas do lyrismo romantico francez, na opinião de Brunetière. Os versos do poeta das *Contemplações*, escriptos no mesmo métro e na mesma forma estrophica, revelam mais imaginacão e mais talento verbal; porém muito menos profundeza de ideias.

Em autonomia de pensamento e em instrucção real o poeta brasileiro sobrepujava o seu mestre de estylo francez.

Mais caracteristico ainda do que os *Vôos e Quedas*, no que diz respeito ao problema das origens do universo e dos destinos humanos, é este sonêto, escripto quinze annos mais tarde:

« Quanta illusão!... O céo mostra-se esquivo
E surdo ao brado do universo inteiro...
De duvidas crueis prisioneiro,
Tomba por terra o pensamento altivo.

Dizem que o Christo, o filho de Deus vivo,
A quem chamam tambem Deus verdadeiro,
Veio o mundo remir do captiveiro,
E eu vejo o mundo ainda tão captivo!

Se os reis são sempre os reis, se o povo ignavo
Não deixou de provar o duro freio,
Da tyrannia, e da miseria o travo,

Se é sempre o mesmo engodo e falso enleio,
Se o homen chora e continúa escravo,
De que foi que Jesus salvar-nos veio?... »

Este pensamento da inefficacia do christianismo para a libertação ha humanidade, affirmado agora sem rebuço, já, em epoca muito anterior, tinha o poeta suggerido, sob forma dubitativa, quando disse, nos versos *A' Caridade*, falando do

Christo : *Parece que foi inutil o ter morrido por nós.* Em ambos os casos, porém, sempre com pronunciado comedimento. No puro terreno da arte evitou sempre assumir attitude doutrinaria e philosophante. Das arduas questões da philosophia transportava para a poesia apenas o *perfume*, por assim dizer, ou os *grandes tons* da intuição geral.

E' o que se nota n'este bella synthese da evolução humana, inspirada, ao que parece, pela leitura do *Ahasverus* de Quinet, e que ahi corre sob o titulo de *O Genio da Humanidade :*

« Sou eu quem assiste ás luctas,
Que dentro d'alma se dão,
Quem sonda todas as grutas
Profundas do coração :
Quiz vêr dos ceus o ségredo ;
Rebelde, sobre um rochedo
Cravado, fui Prometheu ;
Tive sêde do infinito,
Genio, feliz ou maldito,
A Humanidade sou eu.

Ergo o braço, acceno aos ares,
E o ceu se azulando vae ;
Estendo a mão sobre os mares,
E os mares dizem : passae !...
Satisfazendo ao anhelo
Do bom, do grande e do bello,
Todas as formas tomei :
Com Homero fui poeta,
Com Izaias propheta,
Com Alexandre fui rei.

Ouvi-me : venho de longe,
Sou guerreiro e sou pastor ;
As minhas barbas de monge
Têm seis mil annos de dôr :
Entrei por todas as portas
Das grandes cidades mortas,
Aos bafos do meu corcel,
E ainda sinto os resabios
Dos beijos que dei nos labios
Da prostituta Babel.

E vi Pentapolis núa,
Que não corava de mim,
Dizendo ao sol : eu sou tua,
Beija-me... queima-me assim!
E dentro havia risadas
De cinco irmães abraçadas
Em voluptuoso furor...
Ancias de febre e loucura,
Chiando em polpas de alvura,
Labios em brazas de amor!...

Travei-me em luctas immensas,
Por vezes, cançado e nú,
Gritei ao céo : em que pensas?
Ao mar : de que choras tu?
Caminho... e tudo o que faço
Derramo sobre o regaço
Da historia, que é minha irmã :
Chamem-me Byron ou Gœthe,
Na fronte do meu ginete
Brilha a estrella da manhã.

E no meu canto solemne
Vibra a ira do Senhor :
Na vida, nesse perenne
Crespusculo interior,
O impio diz : anoitece!
O justo diz : amanhece!
Vão ambos na sua fé...
E ás tempestades que abalam
As crenças d'alma, que estalam,
Só eu resisto de pé!...

De Deus ao immenso ouvido
A Humanidade é um tropel,
E a natureza um ruido
Das abelhas com seu mel,
Das flôres com seu orvalho,
Dos moços com seu trabalho
De santa e nobre ambição,
De pensamentos que voam,
De gritos d'alma que echoam
No fundo do coração !... »

E' um dos bons especimens de poesia philosophica em a litteratura nacional. E' de 1866, do periodo recifence, quando o auctor obedecia ainda á intuição de Hugo e Quinet em cousas d'arte : a phase *condoreira*, qualificativo este dado por Capistrano de Abreu e que ficou admittido e consagrado. De igual periodo, mas de tres annos antes, é a bella ode á morte de J. Macario, companheiro de casa do poeta em 1863 e n'esta data fallecido. E' um mixto de audacia e piedade, de irreverencia e préce, digna de attenção e de estudo. O poeta era um simples preparatoriano; mas já tinha a alma baralhada pela especifica lucta n'ella travada entre o espirito pagão inoculado para leitura dos classicos latinos e o espirito religioso, herança da educação recebida no meio familiar. Estes versos são uma interessante pagina de psychologia, alem do valor lyrico que encerram :

« Olhai... um cadaver de braços cruzados!
Nos punhos cerrados, nos olhos cerrados,
Nos labios cerrados que a morte deixou,
Com as forças eternas, guardando o segredo
De luz ou de sombra! Meu Deus, tenho medo!
Morrer tão depressa, quem foi que mandou?

Tão joven! De joven no seu devaneio
Dissera á esperança : que trazes no seio?
Dissera ao futuro : que fechas na mão?
Do seio da louca vôou-lhe a mentira,
E a mão do phantasma, que larga se abrira,
Foi lá um repouso dos mortos no chão...

Tão vivo! Batia-lhe o peito ancioso,
Sentia nas fibras o harpejo mimoso,
E os cantos, ao longe, das glorias irmans... ,
Mas é que Deus julga-se um pouco tentado,
Que assopra e apaga o olhar destinado,
Que o leito devassa das suas manhans...

E morra quem sonha, quem ama, quem sente
Falarem-lhe as noutes, quem ouve a torrente
Das éras, que descem dos cimos azues...
E morra quem tenta, padece e aspira,

Quem súa, bebendo seus prantos! Mentira!
Minha alma, não temas é Deus, não recues...

Ah, Senhor ! e mais um dia
Que mal vos fazem as rosas?
Nossas corôas mimosas
Porque mandais desmanchar?
Não tendes lá tanta estrella,
Cujos cheiros são fulgores,
Precisaes das nossas flores,
Das perolas do nosso mar?

Era um menino... Contente
De seu intimo thesouro,
Dizia : conquisto um louro
Para leval-o a meu pai.
O coração adiantado
Bateu-lhe a ultima hora.
Cahio. E sobre elle agora
Só uma lagrima cahe...

Lagrima séria, pesada,
Grossa lagrima de chumbo,
Que lá se afunda, retumbo
Dos abysmos sepulchraes;
Mais rica, mais preciosa
Que as joias de vossa aurora;
Pois é um pai quem na chora,
Senhor, que nunca chorais!...

Pensar na morte, que os laureis desfolha,
Pensar na morte, que não tem porvir,
E' na propria caveira, que se antholha,
Tropeçar e cahir ! »

. . . .

A energica imprecação inicial, singularmente expressiva na bella epizeuxis, que representa o cadaver guardando, *com as forças eternas*, *o segredo de luz ou de sombra* dos destinos, nos punhos *cerrados*, nos olhos *cerrados*, nos labios *cerrados*, como em desafio á divindade, a quem se pergunta porque fez *tão derpessa morrer* um joven, céde o passo ás oitavas que são

uma formosa *preghiéra : que mal vos fazem as rozas? precisaes de nossas flôres, das perolas de nosso mar ? Deixae-nos as lagrimas, para nós mais preciosas do que as galas de vossa aurora, vós que nunca choraes!*

O lyrismo n'essas tres oitavas attingiu a esphera da grande arte, eterna e impessoal. Fundo e forma se completam ; um pensamento peregrino toma a expressão simples e transparente dos altos factos moraes.

Os versos consagrados em 1863 á morte de J. Macario são dignos dos inspirados vinte annos mais tarde pelo passamento de D. Hermina de Araujo, já n'este livro referidos. Outro assumpto.

O poeta sergipano consagrou ao labor humano uns versos, isto é, escreveu, como tantos outros, tambem um *Hymno ao Trabalho* (1). E' um cantico enthusiastico em que pinta os operarios de *rir nos labios e callos nas mãos*, no qual prophetisa que *vae o gladio morrer na bainha, vae na gruta sumir-se o leão* e outras maravilhas puramente socialistas. E' uma de suas poesias de assumpto mais geral e dignas de serem conhecidas. Começa por esta estrophe :

« O trabalho é a vida que avança
Em procura do bom, do melhor :
As estrellas do além brilham menos
Do que as gottas do humano suor. »

e acaba por esta outra :

« Que ruido de forjas ardentes !
Que susurro em presença de Deus!
Os cyclopes, vibrando os martellos,
E as faiscas, batendo nos ceus !... »

O enthusiasmo não se desmente em toda ella.

A concepção melhor que se póde ter da poesia consiste em tomar as cousas, os factos, os phenomenos physicos ou sociaes e extrahir d'elles a nota fundamental e typica que lhes

(1) Sahiu em jornaes de Pernambuco em 1874 ou 75. Não vem nos *Dias e Noites*

constitue a essencia, ou o significado superior. N'este sentido, até a cobra, o sápo, a podridão, o mal, o vicio, a feialdade, tudo tem poesia. — E se assim é, se existe poesia até nos factos minimos e á primeira vista insignificantes, que se dirá das grandes crêações, dos altos feitos humanos, da arte, por exemplo ? Por este lado, poucos poetas são tão dignos de apreço como Tobias Barretto. As suas effusões lyricas pela opera e pelo drama, as duas formas d'arte que lhe foi dado em Pernambuco melhor apreciar ; a expressão que deu ás emoções, por ellas despertas em sua alma, são um curioso estudo de psychologia a ser feito por quem tiver gosto e lazer. Numerosas são as poesias inspiradas por esse eretismo esthetico sempre vibrante e prompto a desferir o vôo. As principaes são : *Augusta Cortesi*, *Libia Drog*, *Adelaide do Amaral*, *Julia Tamborini*, *Bottini*, *Giuseppina de Senespleda*, *Ida Giovanni*, *Moniz Barretto*, *Joaquim Augusto*, *Arthur Napoleão*, *Reichert*, *Hermenegildo*. São actores, pianistas, violinistas, cantoras, actrizes, frautistas de talento que fizeram o encanto de suas noites de estheta e pagão, para quem um galho de rozas pela janella tinha mais valor do que bons assados sobre a mêsa. Envio o leitor para o volume dos *Dias e Noites*. Mas para lhe tirar em parte o trabalho ponho-lhe sob os olhos os versos escriptos pelo poeta após a audição da mimosa *polka* a que o seu auctor, o Padre Candido de Figueiredo, poz o titulo de *imperial*. E veja que lindos, que mimosos versos ! Eil-os :

« Esta polka é o nectar dos anjos
Preparado de orvalho e de mel;
E' o som da carreira infinita
De auri-rubro celeste corcel.

E' cascata de vivos diamantes,
Borrifando um tapiz de esmeraldas;
E' o brinco de deusas travessas,
Desfolhando laureis e grinaldas.

Peregrina harmonia de anhélos,
De ternuras, de castos desejos,

Confusão de soluços e prantos,
De suspiros, affagos e beijos...

Esta polka é o halito ardente
De cem pallidas virgens formosas,
Que adormecem, cantando abraçadas
Sobre um leito coberto de rosas.

E' a doce agonia sonóra
Da menina pudica e modesta,
Que murmura, sonhando agastada
De algum sylpho beijal-a na testa...

E' o mêdo da noiva que sente
Mão de sombra tirar-lhe a capella ;
E o seu anjo, escondendo a cabeça,
Canta um hymno, e despede-se d'ella.

São auroras que ao longe sacodem
Aureas franjas de rutilo véo :
Tudo isto guardado n'um sonho,
Tudo isto passado no céo...

E parece que ao som d'esta polka
Falam, cantam visões sobre-humanas ;
E levantam-se, cheios de perolas,
Alvos braços de lindas sultanas.

E parece que ao som d'esta polka
Brandem gladios, que tiram scentelhas,
Multidões de guerreiros gigantes,
Balançando as plumagens vermelhas...

E contempla-se um rosto encantado,
D'esses rostos que Byron descreve,
Como um dia polar, calmo e bello,
Bello filho do sol e da neve.

São arfadas de seios feridos
Por saudosas e gratas lembranças ;
São gaivotas, que batem as azas,
São donzellas, que soltam as tranças.

São mysterios que ahi se descobrem,
Loucas fadas, que rompem as vestes,
Cherubins, que apedrejam com astros
Esse bando de garças celestes.

São edenicos pomos mordidos,
Doces saibos por elles deixados ;
Ternos olhos, que trocam affectos,
Rubros labios a furto osculados...

Esta polka é o amor que enlouquece,
O tormento, o ciume que fala :
E'o sangue, jorrando em golphadas
D'alvo peito que Othello apunhala.

São pedaços de carta amorosa
Lacerada por mão feminina,
Que, animados de amor, se tornaram
Borboletas azúes da campina...

São cochichos das brísas odóras,
São recados de occultos amores,
Que as estrellas recebem das ondas,
Que os archanjos recebem das flôres.

Não ha mais... não sei mais o que diga :
São palavras de mimo e carinho,
Que profere, embalando nos braços,
Joven mãi ao primeiro filhinho... »

A imaginacão do poeta n'um cascatear de *vivos diamantes*, desfere o vôo do enthusiasmo esthetico até chegar a um facto verdadeiramente humano que vale tudo : *as dôces caricias de uma joven mãe ao primeiro filhindo*... E' incontestavelmente muito mimoso. Mas os factos puramente sociaes, a vida humana de todos os dias, as luctas e as desgraças de toda a hora tinham tambem o condão de tanger-lhe as cordas lyricas. Excellente exemplo d'isto são as duas famosas *lendas* a que poz os nomes de *rustica* e *civil*. A primeira é o facto, vulgarissimo ainda em meiados do seculo XIX no interior do Brasil, de vingar pela morte a culpa da deshonra feminina.

E' uma scêna campestre, bella na sua violenta atrocidade, descripta com um vigor de colorido e um movimento de acção verdadeiramente pouco vulgares na patria litteratura.

Eil-a aqui ; é quasi toda em versos brancos, como iguaes nunca escreveu o proprio Gonçalves Dias :

« Como um perfume que embalsama os campos
E as abelhas attrahe á flôr que o exhala,
Vaga o renome da mulher mais linda
Que na selva se vio. Rivaes perdidos
Já no punho mediram-se por ella.
Por ella triste o sertanejo bravo,
Que amostra da corage'a côr e a seiba,
Sangue nos olhos e suor na fronte,
Deixou tombar aos sóes do meio dia
Pelo ermo a cabeça atormentada.

Lá se avista uma choça. Alli se esconde
No seu ninho de palha a ave esgarrada :
Cançada e louca e só, núa se atira
Nesse banho do céo, fervendo em sonhos,
Que é o seu dormir. Sobre ella arregalados
Da noite os astros, através das frestas,
No leito vêem-na estremecida, anciosa
Revelar ao seu anjo espavorido
Daquelle corpo os candidos myterios.
Dívino sangue lhe realça as veias;
E, do somno emergindo á face nitida,
Nas alvas carnes docemente escorrem
Tenues fios azues de ondas celestes.

Abandonada assim, de riso em riso,
De sonho em sonho, dilatando as graças,
Não acorda, desbrocha, abre com as flôres,
E a estrella da manhã lhe accende os olhos
Inquietos, grandes, que borbulham d'alma...
A esmo lavram nos seus lombos rigidos
Louros cabellos, fluctuando esparsos,
Como uma irradiação do sol nos mares.
Basto, abundante, pesa-lhe nos hombros
O massiço das tranças, balançadas,
Como torrentes, que d'um monte cahem,

Em suas ondas rolando arêas de oiro.
E has de vêr : este archanjo é condemnado,
Esta pomba cahio em laço ignobil,
Esta mulher se mancha em lodo infame !

Prostituta, com seios de donzella,
Off'rece aos beijos vis aquella testa
Branca, pendida, como a lua baça,
Lá para o occaso, ao despontar do dia.
E nem sei como os sopros da lascivia
Não lhe murcharam inda os beiços rubidos,
Folhas de riso e mel, que abrem polposas,
Ao biquinho dos passaros implumes,
Que ella tira do ninho e traz no seio.
Por que muda de côr a cada instante ?
Dir-se-ia fluctuarem-lhe no rosto
As sombras vagas de visões angelicas ;
Que altamente se elevam e revoam
De su'alma na escura immensidade
Legiões que passam, candidas, purpureas,
E atraz... o anjo pallido da morte !
O bosque verde, a solidão florida,
As grutas cheias de mysterio e sombra,
Moitas folhudas, onde a rola geme,
E debaixo remoe a corça arisca,
Eis ahi, trescalando, as mil alcovas
Do prostibulo immenso dessa douda.

De bem longe a pomba linda
Fungindo sentou-se aqui :
E pensas que odio finda,
Que não se lembram de ti ?

E' já muito e não se estanca
Dos teus o pranto infeliz ;
Cresce, cresce a barba branca
Do velho que te maldiz...

Em braços d'homem repousas,
As tranças varrem-te o chão :
Por que ensinas essas cousas
A's flores da solidão?

No vicio teu corpo illustre
Não murcha, sempre gentil!
E' como uma flôr palustre,
Que cheira no lodo vil.

De beijos queimada, esqueces
Que a morte vê... pois bem :
Tu peccas e adormeces!...
Espera, o raio ahi vem.

E' noite, bem noite. Na estrada arenosa,
Que em leguas de plaino se vê branquear,
Qual serpe disforme de prata lustrosa,
Que ahi se estirasse dormindo ao luar,

Vae um cavalleiro... Fluctuam nos ares
Ao sôpro do vento, que açoita cruel,
Os fios ligeiros de negros pensares
E as crinas brilhantes de negro corcel.

A senda achatada sumio-se na mata,
E o vulto nocturno com ella embocou.
Do ventre das brenhas, que têm a cascata,
Rugido medonho na mata estrondou.

E' d'onça terrivel, que vae diligente
Na secca folhagem pisando subtil.
Refuga o carvallo na mão do valente,
Como um pyrilampo clarêa o fuzil.

Sua arma querida, que não desfogona,
Diabo!... medrosa!... lhe mente esta vez;
Medroso o cavallo tambem no abandona,
Lançando-o por terra, n'um gyro que fez.

Mas elle, que a queda previne adestrado,
De um salto adiante se firma de pé!
Com as redeas seguras, cabello eriçado,
Lembranças perdidas, nem sabe o que é!...

Ninguem lhe apparece. Cavalga ligeiro;
Palavras soturnas murmura e sorri.
Caminha... e sahindo n'um largo terreiro,
Quem visse-lhe o gesto, diria : é aqui!...

De certo a aragem campestre
Levemente sussurrou
Na palha. Uma estatua equestre
Diante da choça brotou.

Mas eil-o já de pé. N'um braço d'arvore
Enfia as redeas e o ginete espera.
Avança e pára... O coração se encolhe.
Com o ferro em punho, de bainha argentea,
Faz um aceno rapido de sombra,
Como impondo silencio á natureza,
E ao monstro horrivel, que lhe morde n'alma.
Avança e chega. Cede a porta fragil,
E entra lugubre o espectro da vingança.
Na lareira incinzada um lenho ardendo
Brota de um sopro a tocha, que allumia
O miserrimo alvergue. Olhou em roda,
E nos labios correu-lhe um riso tremulo,
Porque ella apparece emfim ! Coitada !

Resona a pobre, despida,
Com o corpo todo risonho,
Suada, lidando em sonho
De amor e beijos talvez...
Como que um tepido orvalho
Sobre ella a noite derrama,
E lingua de etherea flamma
Lambe-lhe a florea nudez.

Elle a vê... sua irmã !... Retira os olhos,
Lança-lhe em cima um véo, que acaso encontra,
Chega-se a ella, trava-lhe do braço,
Sacode-a e diz : acorda, eu vim matar-te !
Mal estremunha, a victima conhece
O seu algoz, que descarrega o golpe,
Rugindo : a um velho pai este offereço,
E mais este que é meu, e, agora morta,
A punhalada ultima, profunda,
Seja este beijo que saudosa envia,
Por despedida, minha mãi... Calou-se.
E o toque desses labios enraivados,
Que poisaram na fronte de um cadever,
Queimando-o, lhe deixou medonho estigma.

Já começava a desbrochar, corando,
A papoula dos céos, a aurora. Os passaros
E as flores confundiam suas preces.
No momento em que as choças humilhadas
Aos pés da Virgem Santa um hymno erguendo,
No levante a sorrir, a alva tremia,
Como cruz de diamante em seio pallido,
E suavissimas vozes de donzellas
Cantavam — *Salve, stella matutina!*
Passava um cavalleiro a trote surdo
De agitado corcel. Com as mãos crispadas,
Olhos torvos, cabeça descoberta,
Que os bafos matinaes não refrescavam,
Era horrivel!... O ancião rustico e forte,
Que madruga, aspirando o aroma puro
Da guabiraba, a se benzer dizia:
« Nunca vi de manhã cara tão feia!... »

E' uma das peças lyricas mais lindas do romantismo brasileiro. Fundo e forma n'ella se ajustam n'uma deliciosa harmonia. Versos soltos tão bem feitos só na obra de Antonio de Castilho se encontram. Este foi, e não Garrett, o mestre incomparavel da metrica em geral e peculiarmente do verso branco em o romantismo portuguez. O auctor das *Folhas Cahidas* e de *Camões* excedeu o d'*A Noite do Castello* e dos *Ciumes do Bardo* por outros dotes e jamais como metrificador. Sectario das tradições bocagianas, no que diz respeito ao esméro da metrica, Castilho chegou a apuros de forma não alcançados pelo vate da *Adosinda*, continuador n'este particular de Filinto Elysio, que nunca possuiu os dotes plasticos do inimitavel sonetista, seu contemporaneo. Na corrente de Castilho e Bocage se collocou Tobias, quanto ao verso em geral e peculiarmente o verso branco ou sôlto, o mais difficil da lingua, por ser o que mais insensivelmente pode descambar na prosa, attenta a falta da illusão da rima. Os versos do genero no poeta dos *Dias e Noites* evitaram sempre esse risco. Melhores não conheço na lingua.

Após a lenda rustica, a scêna da roça, é preciso lêr o drama social da cidade, a lenda civil, a scêna de salão. E' esta:

« A lua é meio loura, o céo sereno.
Desperta, alegre, estremecida, languida,
A noite é uma viuva de quinze annos,
Prostituida envolta em trajos negros...
E' a hora em que, ao ouvido attento, sôa,
No relogio e no peito palpitantes,
O tropél dos momentos que galopam
Fugitivos após do immenso nada.
Branca cidade alvulta ao pé dos mares ;
E os seus templos, em extasis tranquillos,
Erguem as torres, como orelhas fitas
Escutando o silencio das alturas...
Porém lá, d'onde vêm uns sons d'orgia,
Palacio ingente, resfolgando estupido,
Com os seus petreos pulmões, atira aos ares
Baforadas de musica e prazeres
Salão de baile festival, ruidoso,
Tonto de aromas, um paúl de luzes,
Onde batem rasgados, descorbertos,
Corações femininos, impalpaveis,
Que escorregam das mãos cheios de lodo...
E' alli que uma deusa attrae e prende,
Em longos fios de cabellos negros,
Almas sêccas, nutridas nos seus labios :
Luminosa metade de uma sombra,
Isto é, de um marido que a acompanha,
Idiota como um cão... N'um angulo escuro,
Como sua alma, habita o desgraçado.
Dorme, ronca, desperta, horrivel, sujo,
Massa rude. animal, esboço d'homem !
Geme ás vezes tambem; seus ais são uivos...
E ella em baile a sorrir !...

Gracil, mimosa,
Ao aperto do cinto, que a adereça,
Aos abraços do amante, expande brilhos,
Como flôr que rescende machucada,
Inflammavel morena, que esperdiça
De seu rosto suado as bagas de oiro,
E, arfando em ondas de vaidade e seda,
Nos frescores do linho a tez banhando,
Fala, e seu bafo matutino, ethereo,

Embebe as almas, embriaga as flôres.
Collo nú, seios tumidos, que lembram
Rigidos papos de selvagens pombas,
Bocca cheia de perola e doçura,
Tingindo de emocões as faces... ella,
No senho grave, nos olhares fervidos,
No voluptuoso sacudir das tranças,
Dizer parece ao homem que a contempla :
« Eu sou rica, eu sou bella, eu sou... infame. »
Pouco a pouco escoava-se a corrente ;
Cessara o riso, o crepitar do espirito ;
Morrera a lua ; a noite penetrava
Na flôr que abria ; o mar, sultão lascivo,
Babava as plantas da cidade núa ;
Cahia o orvalho ; a terra-mãi chorava
No noivado da sombra e do silencio.
Na sala exhausta as luzes somnolentas
De suave clarão banham as faces
Da senhora, que fulge reclinada
Em colchins de molleza, desleixosa.
Pesa-lhe o sommo na cabeça languida,
Como gotta de chuva em floreo calice ;
Fogem-lhe os olhos tremulos, cadentes,
Que vão lá s'immergir adormecidos
No oceano interior d'alma enfadada...
Está só. De repente se escancára
Porta occulta, que atira um vulto horrivel,
N'uma golphada lugubre de sombra,
Que vem manchar aquella claridade.
E' elle, o triste, o misero que soffre...
Vendo-o, a deidade nem se quer se move ;
O espectro vivo se approxima d'ella,
E com as mãos afagando-a por cima,
Como rasgando a nuvem que a circunda
De luz, de sonho e de deslumbramento,
Ajoelha-se, pega-lhe na dextra,
Querendo-a só beijar... Ella o repelle,
E, dando-lhe com o pé, toda agastada,
Diz-lhe : « Sae-te d'aqui : porque não morres ? »
Ai ! que esta acção bateu-lhe como um raio,
Como um raio aclarando as trevas intimas ;
E o calado, miserrimo indolente,

De um salto poz-se em pé, grande, sublime,
Da estatura de um tronco solitario,
Que range, como dentes de gigante,
Pelos rabidos ventos açoitado...
Com os dedos descarnados, penteando
As crinas do leão, que surge n'elle,
Abre a custo um sorriso tenebroso
De sarcasmo, de insania e de amargura.
Fica assim a pensar, como escutando
O ruido que faz sua cabeça,
Que lhe parece decepada, enorme,
De degráo em degráo rolando tonta
Na escadaria lobrega do inferno.
Treme ; e, com um punhal na mão cerrada,
Aperta a raiva, a sede de vingança ;
Dá um passo, inteiriça-se, e murmura :
« Como os outros vão rir d'este homem mocho!...
Na verdade, que o facto é bem notavel :
Soffrer, soffrer, soffrer, e n'um instante
Dizer : não soffro mais ! Porque não morro ?...
Perguntaste ; pois bem, acceito a morte.
Anda, brinca, sorri, deusa, morena,
Linda, moça, feliz, lasciva... diabo !
Eu sacudo dos hombros esta vida
Salpicada de infamias e miserias ;
Não na quero viver. Minha deshonra
Fica só de uma côr, a côr do sangue...
Uma nodoa sómente, a de assassino !
Ah ! mulheres crueis, falsas... bonitas.
Corrompem-se, e depois que venha um anjo
Amarral-as á cruz pelos cabellos :
Magdalenas, chorosas, penitentes,
De joelhos cahidas, desgrenhadas,
Mendigando perdão... Será verdade
Que Deus crê n'estas cousas ? Não te toco ;
Vai lavar-te, criança enlameada ;
Vai lavar-te, e depois... mas em que fonte?
Inda mesmo que Deus te mergulhasse
Na luz do abysmo, d'onde os sóes borbulham,
E a meus olhos sequiosos, que não choram,
Te mostrasse lavada, branca, núa,
Eu diria ao meu Deus : tem lama ainda !

Como surgindo vão do peito agora
Brios que herdei de minha raça de onças!
Lembra-me que a meu pai contei um dia
Ter visto minha irmã com os pés descalços,
Desvairada, ella só, falando a um homem,
E elle me perguntou : onde a enterraste ?!
Vê meus dedos, repara... elles têm garras,
E eu deixei-as crescer para matar-te ! »
Suffocada de fogo a voz lhe falta,
O infelice recúa. A bella immovel
Tem os olhos cravados no phantasma ;
Arrebenta-lhe estupida risada,
Cheira uma rosa e diz : « Sempre és um bruto!...
Admiro a transição, pasmo de ver-te
Impetuoso e feroz ; mas não me assusto!
Vamos!... grita ao punhal, açula os raios ;
Os despresos, os odios fulminantes,
Que venham sobre mim. Ah! que me importa?!...
Tenho sêde de chamma. Anjo ou demonio,
Sob as azas do sol me aqueço e durmo...
Vaidosa ! e porque não, se é que sou bella?
Sonhos de amores perfumosos, tepidos,
São effluvios de mim ; exhalo-os n'alma
De quantos honro com a deshonra minha...
Bella infame!... Olha, tu, que te parece?
D'este seio é que sahe a estrella d'alva!... »
Oh! dir-se-hia que tinha enlouquecido
A pobre da mulher que assim falava ;
Céga, raivosa, pallida, risonha,
Toda agitada de um tremor esplendido.
Volvendo as roupas, que o seu corpo engolpham,
Ao refluxo da sêda um pé mostrando,
Deixa ver arrendados deslumbrantes,
Como de um oceano a escuma alvissima ;
E, da vaga ao abrir, pula nos olhos
O fulgor de um diamante em charpa de ouro,
Que é da cintura, e serve-lhe na perna...

. . . .

. . . .

O raio doudo, que a mulher vibrára,
Varou chiando o coração do espectro.
« Porque não posso, brada o homem féro,

Metter a mão no fundo de minha alma,
E atirar-te na cara as cinzas d'ella ?... »

. . . .

O negocio vai mal, não cotinúo ;
Que a cousa se complica ; lá se avenham... »

A lucta domestica, a terrivel scêna de ciume é ahi bem e vigorosamente descripta. O poeta era observador, tinha o espirito critico, sabia vêr os factos e sorprender o jôgo das paixões. Mas foi por suas poesias patrioticas que Tobias se tornou mais conhecido no meio brasileiro entre seus contemporaneos e riváes.

Ahi teve notas que lhe foram peculiares, que, uma vez ouvidas, não se confundem com as de todos aquelles que, por occasião da guerra do Paraguay, cantaram os nossos feitos ou estimularam os nossos brios.

D'ellas darei, como amostra, apenas *Os Voluntarios Pernambucanos :*

« Ja fomos a gente ousada
Que um mundo virgem produz ;
Já viu a Europa assustada
Gladios e caboclos nús
Pularem grandes, valentes,
Vermelhos, resplandecentes,
Do abysmo dos occidentes,
Lavados em sangue e luz !...

Hoje a idéa em nossa terra
Fulmina a espada voraz :
Que somos ? Lavas de guerra,
Petrificadas em paz ;
E pois não venham ignavos
Na lingua dos ferros bravos
Deixar os amargos travos
Desse horror que o sangue faz.

O Brasil, de coma intonsa,
Dorme e deixa-se afagar ;
Macio, qual pello d'onça,
Não no queiram insultar :

Os que repousam nas campas,
Sentem que o vento dos pampas
Lhes açoita as aureas lampas,
E os faz com raiva acordar!...

Para estes vultos brilhantes
Morrer... é não combater ;
E' apear-se uns instantes,
Do valle ao fundo descer,
Fitar a noite estrellada,
E, á espera d'outra alvorada,
Dormir nos copos da espada,
Deixando o sangue escorrer!

Que athletas! que espectros grandes!
Lá por onde o sol tombou,
No topo altivo dos Andes
Um cavalleiro estacou...
Susurram vôos angelicos,
Lambem-se os gladios famelicos,
Dir-se-hiam relinchos bellicos
Que o bronzeo corcel soltou!...

Muita coragem, que dorme,
Desperta da guerra ao som :
Fumega o banquete enorme
De ferro e fogo! Está bom!...
Tudo ri, palpita, avança...
Que o rei tambem tome a lança,
Se tem brios um Bragança,
Se tem valor um Bourbon!

O povo sacode o sommo
Da cabeça que descai :
Senhor! d'altura do throno
Vêde a mão de vosso pai,
Limpando todas as frontes,
Passando em montes e montes,
Por cima dos horizontes
A' cata do Paraguay!...

E temos peitos vetustos,
Que batem sempre leaes ;

Amagos d'homens robustos,
Que ainda guardam mortaes,
Antigas, ferventes ascas...
Do tronco saltam as lascas :
Mazeppas, Arabes, Guascas,
Vêde lá : quem corre mais ?...

No coração desta gente
O bravo suffoca o ai.
Que ferros ! o cedro ingente
De um golpe derreira e cai ;
Ceda a republica insana,
Se emfim não se desengana,
Espada pernambucana,
Desembainha-te e vai !

Vaí tu, que não geras fracos,
Cidade, que abres aos sóes...
Cornelia mãi de cem Grachos,
Viuva de oitenta heroes !
Quem ha que o collo te dobre ?
Terrivel, sincera, nobre,
Limpaste as faces de cobre
Das batalhas nos crysóes !

Não fala, não ri, não medra
Comtigo estranha altivez ;
Tu tens nas unhas de pedra
Cabello e trapo hollandez...
Teu bafo, que accende a gloria,
Suspende a poeira da historia
Em turbilhões de victoria ;
Venceste por uma vez !

Levantas o braço forte
E o raio matas na mão !
Como um aceno de morte,
Os Guararapes lá estão !...
Volupias de fogo exhalas,
As petreas juntas estralas,
E pões-te a salvo das balas
Por detrás de Camarão.

Guerreiro a morrer affeito
Defende o Brasil, que é seu;
A hora sôa no peito,
A cicatriz é tropheu.
Da patria as manhãs coradas,
As tardes acaboccladas,
Flores, mulheres amadas,
São estrophes de Tyrteu... »

São estimulos lançados n'alma do Brasil guerreiro nos bellos dias da lucta mais popular que já uma vez foi ferida em nossa historia. O Tyrteu nacional, o Ruckert brasileiro esteve n'altura da situação. Seu patriotismo intratavel tinha alguma cousa de irreductivel e feroz, como o despertar de um mundo selvagem, apenas adormecido pela cultura. A gente ousada, produzida por um mundo virgem, acordava, ao som da guerra, para o enorme banquete de ferro e fogo!... E fomos e avançamos e vencemos. Era a primeira vez que attrahiamos sobre nós a attenção do mundo, ferindo batalhas e praticando feitos que podem ser contados entre os mais brilhantes do seculo XIX. O que houve então de enthusiasmo n'alma brasileira achou sua forma imperecivel na poesia nos inolvidaveis cantos marciaes de Tobias Barretto. *Voluntarios Pernambucanos*, *Capitulação de Montevidéo*, *Leões do Norte*, *Sete de Setembro*, *Partida de Voluntarios*, *Em nome de uma pernambucana* têm, no seu genero, um logar á parte nas patrias lettras.

O Brasil guerreiro, porém, não occultava ás vistas do poeta o Brasil popular, na sua ingenua e deliciosa rudeza. *Os Tabaréos*, *Trovadores das Selvas*, *Anno Bom* são d'isso a prova. O pensador do *Genio da Humanidade*, rutilo cantico synthetico da evolução inteira da especie; o vate naturalista que se tinha n'*O Beija-Flôr* revelado um pintor de genero, capaz de sorprender em sua ingenuidade um trecho da natureza viva; o cyclopico Tyrteu da *Vista do Recife*, d'*Os Voluntarios Pernambucanos;* o meigo sonhados de *Suprema Visio*, de *Leocadia;* o desdenhoso Faust de *Vôos e Quedas;* o mystico de *O Dia de finados no Cemiterio*, tinha, como bom brasileiro, de empunhar a viola campesina e cantar

alguma de nossas lendas, quaesquer de nossos costumes, no estylo despreoccupado das cousas plebéas.

Se o não tivesse feito não teria sido o grande, o completo poeta que n'elle admiro. Vamos ouvir — *Tabaréos*. Conversavam dois camponios, em noite de São João, lastimando-se um dos rigôres de sua amada, rebatendo-o o outro rudemente, quando surge terceiro, um enthusiasta, cheio das innocentes bravatas dos simples :

— « A noite bole-me n'alma,
E eu sinto não sei que pena...
Amor de minha morena?
Quebrantos de seu olhar?
Grossas auras repassadas
De perfumes e lembranças,
Carregam-me as esperanças,
E eu só me vingo em chorar...,

— Chorar? que bem fazem lagrimas?
A' folha sêcca abrazada
Não vale a fresca orvalhada...
Chorar!... eu nunca chorei :
Ergo a fronte, aparo o raio,
Desgraçado e sempre altivo,
Não morro, porque não vivo;
Não choro, porque não sei.

— Não sei ! quem é que não sabe
N'uma lagrima sentida
Alliviar-se da vida,
Que pesa no coração?
Não sabes como são tristes
Os olhos de quem não chora,
Como o teu resto descora
Ao calor deste sertão?

— Deste sertão! é bem duro
Soltar inutil queixume,
Amar, sentir um perfume
De que não se sabe a flôr...
Não me recordes, não fales
No meu rosto descorado,

No meu olhar desvairado :
Não bulas com a minha dôr.

Interrompendo os lamentos,
Calaram-se. Ambos attentos
Ouvem como que um tropel,
Que se augmenta, que se engrossa...
A poucos passos da choça
Nitriu fogoso corcél.

E a todos, que alli se achavam,
— Guarde-os Deus! não me esperavam!...
Disse um moço que esbarrou.
De casa aqui n'uma hora!
São rasgos de quem namora...
Palavra dada, aqui estou!

— Consta-me que ha muito arrojo
Nos festejos de São João,
Vim hoje vêr a novena
E conversar com a morena
Que trago no coração.

Conversar?! e vim disposto
A carregal-a tambem
Nas ancas do meu murzéllo,
Demonio que só eu séllo,
Só eu monto e mais ninguem... —

Olharam-se todos. — Tu és um damnado! —
Disseram. E o moço já estava de pé :
N'um cêpo de angico, depois assentado,
Contava proezas, mostrando quem é.

Conversa o terrivel, que sabe de tudo,
De espectro e phantasma que á noite se vê :
Um diz : — é mentira! O camponio pelludo
De um pulo s'erguendo, responde-lhe : — o que?!

— A noite formosa do Santo Baptista
Tem muitas virtudes, sustenta o rapaz.
Eu conto uma historia da bella entrevista
Que têm os valentes com o diablo sagaz.

Peguei, como ensinam, de um galho de arruda,
Depuz no caminho que s'encruza alli :
Gritei pelo nome da fera sanhuda,
E ao cheiro da herva com poucas eu vi...

Em negro cavallo de arreios de fogo
Figura medonha me diz : aqui estou!
Senti-me medroso de entrar neste jogo;
Não sei... de repente meu sangue esquentou.

Nos olhos, no punho correu-me a coragem;
Que estava montado no meu alazão;
Cravei-lhe as esporas, cheguei-me á visagem,
Tomei-lhe a distancia, metti-lhe o facão.

E o ferro tinia no corpo de pedra,
Faiscas enormes cahiam no chão;
Eu cego bradava : commigo não medra!
Virou-se n'um porco, metti-lhe o facão.

Virou-se... virou-se... piquei o cavallo,
Bem alto dizendo-lhe : é como quizer!...
Lancei-me por cima, queria pegal-o...
E esta?!... O diabo virado em mulher!...

— « Metto o facão na baimba;
Pergunto-lhe : e quem és tu?
D'alto a baixo era Joanninha,
Por alcunha — *Pucassú.*

Mas aqui havia engano :
Como é qu'esta meretriz,
Que morreu, ha mais de um anno,
De cousa que não se diz,

Vinha encontrar-se commigo?
Não acho a causa. Só sei
Que ante a cara do inimigo
Fui firme, não recuei.

Não fugi, não tive medo
Das astucias infernaes.
Ella pedio-me segredo,
Por isto não digo o mais. »

Ja tive occasião de notar que a poesia, que pretende assumir o tom popular só tem merito quando o artista, tomando, por assim dizer, o motivo anonymo, a lenda do povo, sabe revestil-os das roupagens cultas da arte. Fóra d'isso tal genero não produz senão *pastiches* mais ou menos despresiveis. O poeta dos *Dias e Noites* possuia felizmente a verdadeira intuição. Sua musa aldeian não andava de pés descalços, nem dizia as barbaridades de linguagem tão de moda nos máos cultores do genero.

O Brasil não tinha para o poeta sómente a face social, a guerreira, a patriotica, a popular ; tinha tambem uma face politica que lhe não passou despercebida. E se os enthusiasmos juvenis dos tempos academicos, as illusões do periodo que vae em seu poetar de 1862 a 69 não na deixavam bem nitidamente vêr, o mesmo não aconteceu ao homem maduro, que ja tinha deixado os bancos escolares. Por isso, em 1870, escrevia assim em *Decadencia :*

« Nós já não temos caracteres nobres,
Nem voz, nem sombra de Catões e Grachos :
O céo tem pena de nos vêr tão pobres,
O mar tem raiva de nos vêr tão fracos.

Por que não t'ergues, oh ! Brasil, fecundo
Por vastas ambições, por fortes brios?...
Que gloria é esta de mostrar ao mundo,
Em vez de grandes homens, grandes rios?...

Bastas selvas, um céo azul immenso,
Que os corações em flôr bafeja e rega;
Uma terra abrazada como incenso,
Que do sol no thuribulo fumega?

Nada val, se não ha quem se offereça
Para d'alma arrancar-te o negro espinho...
Tudo em baixo!... não surge uma cabeça
Em que as altas idéas façam ninho!...

Donde é que teu primor, patria, derivas?
Por que ao orgulho ingenua te abandonas?
Ai!... as outras nações dizem altivas :
Pitt, ou Bismarck; e nós?... o Amazonas!...

O sceptro é nullo; e os animos languescem
Da indifferença no pesado somno...
Não vêm as horas em que as aguas crescem,
E a onda morde na raiz do throno...

Que o povo fale, isto é, prenda na bocca
A escuma, a raiva, o fel dos oceanos,
E a braza dos vulcões! materia pouca
Para cuspir na face dos tyrannos...

Tyrannos? sim, que matam o progresso,
Que suffocam a luz e o direito,
Para quem toda idéa é um excesso!...
Não ha mais fogo do Brasil no peito!... »

São magoados carmes de quem começava a desilludir-se das grandezas e prosperidades do Imperio. E' um perfeito brado de republicanismo. Era, como foi dito, em 1870; a carreira do poeta estava, pode-se dizer, terminada. Versos ainda elle os escreveria até as vesperas da morte ; mas suas preoccupações principaes estavam n'outra parte. A critica, a philosophia, o direito tinham-no quasi de todo absorvido.

Entretanto, a boa ordem do methodo manda-me que resuma o papel d'esse homem como poeta na litteratura brasileira. E eis aqui este resumo : a acção de Tobias Barretto na poesia nacional foi reagir contra o nosso decadente lyrismo lamartiniano e choramigas, que em 1862-63 tinha chegado ao extremo da banalidade.

A reacção fel-a elle quanto ao fundo e quanto á forma.

Quanto ao fundo, abandonando o subjectivismo infecundo e impertinente e procurando assumptos mais geraes, quer da vida humana em suas diversas gradações, como no *Genio da Humanidade*, bello fragmento em que lançou um olhar sobre a evolução historica do homem, em *A Polonia*, em que pranteou as desditas de um generoso povo revoltado, em *Lenda Civil*, em que tratou de um episodio da vida faustosa dos salões, em *Lenda Rustica*, em que se referiu a um drama da vida sertaneja, em *Os Tabaréos* que se reportam a uma lenda popular da noite de São João, em *Trovadores das*

Selvas que cotejam a vida do campo com a das cidades, em *Scêna Sergipana*, que fala de recordações da infancia nas populações provincianas; quer, especialmente, procurando assumptos patrioticos aptos a estimularem a alma da nação, como em *A' Vista do Recife*, *Voluntarios Pernambucanos*, *Leões do Norte*, *Sete de Setembro*, *Decadencia*; quer, finalmente, aproveitando as emoções altruistas e civilisadoras das artes, como em as poesias dirigidas a *Reichert*, *Bottini*, *Arthur Napoleão*, *Senespleda*, *Moniz Barretto Filho*, *Adelaide do Amaral*, *Cortesi*, *Libia Drog* e outros artistas de talento.

Quanto á forma, a reacção fêl-a elle inoculando nos versos mais audacias de linguagem, mais impetuosidade de movimento, mais colorido de imagens, *ad instar* da reforma de Victor Hugo em o lyrismo francez.

Eis ahi o que foi o chefe da escola condoreira na poesia: um lyrista brilhante pela imaginação, enternecedor pelo sentimento.

Paulina Moser, poetisa alleman, nos interessantes versos que lhe dirigiu, disse que elle no *allemanismo* achara o genio que o havia de levar á posteridade:

« Nationalstolz auf Wahrheit gebaut
Wolt allemal Ehr und Achtung gebührt;
Du, Meneses, hast im dem Deutschthum geschaut
Den Genius, der Dich zur Unsterblichkeit führt. »

Eu o creio bem; mas ainda quando o *teuto-sergipano* não houvesse escripto uma só palavra como prosador, uma só pagina de critica, ou de philosophia, ou de direito, ou de politica, seu nome ficaria garantido por suas producções poeticas, seria sempre lembrado como o iniciador de um consideravel movimento no lyrismo nacional. E' tempo de apreciar o orador.

O que havia de sentimento e imaginativa em Tobias Barretto não fez d'elle sómente um poeta: produziu tambem um ora-

dor. E foi esta uma das mais interessantes notações de seu temperamento. Pode-se até dizer que ella influiu em todas as outras manifestações e qualidades de seu espirito; porque a acção mais intensa de sua intelligencia e de seu saber foi de principio a fim directa e pessoal.

Sua poesia mesma, antes de apparecer nas paginas dos jornaes e periodicos, era por elle *recitada* ante o publico ou no circulo de seus amigos e assumia no calor de sua declamação um brilho, um colorido duplicado.

As ideias espalhadas nos seus ensaios de critica, de litteratura, de philosophia — adquiriam um tom mais incisivo e assimilavel, quando, o que de ordinario acontecia, as expunha em suas longas e attrahentes conversações.

Já nem é preciso falar nos seus estudos juridicos, apanhados naturaes de suas prelecções academicas, singulares mixtos de palestra e eloquencia espontanea. Não é, pois, um erro affirmar ter sido, talvez, a nota mais vivaz d'esse homem a sua acção directa pela palavra, no meio em que se desenvolveu, no circulo dos que o conheceram e com elle trataram, o seu incomparavel talento de *causeur*.

Imaginai um espirito desabusado, habil em fazer um especial consorcio de lyrismo, de *humour* e de erudição; um homem versado n'umas poucas de linguas e nas respectivas litteraturas; uma memoria assombrosa cheia de factos scientificos, de apreciações estheticas, de pilherias e anecdotas de toda a casta, e tereis uma ideia de sua conversação, de seu talento de *prosear*.

O tom era popular e a voz tinha um timbre peculiarissimo. Não se furtava, não se enclausurava, não fugia do grande mundo; ao contrario, ninguem era mais accessivel, mais facil de ser encontrado, porque ninguem era mais amigo de sahir, de andar, de distrahir-se palestrando. Conta-se do afamado hegeliano Vera, o celebre professor de Napoles, que elle dizia gostar de residir nos hoteis para ter ensejo de relacionar-se com muita gente afim de combater os prejuizos. Tobias gostava immenso da sociedade, dos theatros, dos hoteis, dos cafés, não para combater prejuizos, porque não assumia jamais attitudes de reformador, de evangelista, mas

para satisfazer seu espirito inquieto, mobil, sofrego de ruido, de mutações, de effusões novas.

Era um estudioso addiccionado a um temperamento mundano e amigo dos prazeres, equilibrado por não sei que secreta musa que lhe dava ares de perpetua juvenilidade.

Era um amavel conversador ; e por isso quem o ouvia acuradamente ficava para sempre *sous le charme*. D'ahi o prestigio de seu nome na roda de seus intimos, de seus amigos, de seus discipulos. E o orador ? O orador era n'elle aquelle mesmo palestrador, um pouco mais excitado, mais nervoso e mais eloquente pela commoção.

Eu disse, paginas atraz, haver na poesia, após o estylo grandioso da phase recifense de 1862 a 71, o auctor passado, nos ultimos annos, a uma maneira mais singela; e, para experimental-o, basta quem quizer lêr nos *Dias e Noites* as peças posteriores áquella ultima data. O mesmo aconteceu ao seu estylo na oratoria, e em tudo mais.

A primeira maneira era clara e lucida; mas um pouco solemne, devido á influencia de Hugo, Quinet, Pelletan, Michelet e Herculano. O temperamento popular e desabusado do escriptor sergipano acabou logo com isto, com essa solemnidade da sua phase franceza, e o estylo do orador e do prosador, como o do poeta, mudou para um tom simples, corrente, unido, igual, revestindo sempre a masculinidade de um pensamento nutrido de ideias e de força autonomica.

A eloquencia de Tobias Barretto foi uma das mais bellas cousas que pude apreciar na vida.

O orador assomava na tribuna : era um pequeno homem nervoso, excessivamente nervoso ; a figura attrahia logo pela singular expressão do rosto, pela admiravel conformação da testa, pela estranha fulguração dos olhos.

Começava a falar; a voz era forte, vibrante, timbrada, sonora, sem a mais leve aspereza ; era voz acostumada a cantar, percebia-se de subito. Não se deve esquecer que o orador era musico e bom barytono.

O discurso principiava doce, suave, mas não á surdina; era doce, porém logo de principio claro, nitido, de todo intelligivel; o tom era simples; mas a torrente cerrada e abun-

dante. Logo após o calor ia dominando o orador, o accionado se agitava, a imaginação desprendia o vôo; ouviam-se então periodos poeticos, saborosos, bellissimos.

Mas debaixo d'aquelle poeta estava um scientista ; a logica reclamava os seus direitos e appareciam os raciocinios, os argumentos ; ouviam-se então interessantes trechos doutrinarios. Porém aquelle scientista era tambem um mundano, um pilherico, um satyrisador ; surgia o *humour* e as gargalhadas rebentavam espontaneas.

Fiel ao meu methodo de fazer este livro representar o duplo papel de historia e de anthologia litteraria, não devo occultar trechos comprobatorios do que fica affirmado.

Eis um documento do primeiro estylo do orador, quando o lyrismo romantico era a nota fundamental em suas effusões estheticas, e todas as suas ideias tomavam essa coloração; eis como, em 1865, saudou a capitulação de Montevidéo e estimulou novas hostes a partirem para as lides da guerra :

« E' inutil preambular. Um pensamento fraterno, radiante, supremo, fluctúa sobre as nossas cabeças, de parelha com o estandarte da gloria. Accesa em nossas almas a idéa de engrandecimento, sentimo-nos grandes, queremos luctar.

E' neste momento que, afundando-nos na abundancia de uma existencia de moços esperançosa e vivida, achamos, tocamos, alguma coisa de mais, e essa demasia, senhores, é que, somos brasileiros, essa demasia é que ao livro deste povo épico e generoso ajunta-se a estrophe gigantesca e sublime de um de seus rutilos feitos.

O Brasil agita-se, a mocidade o rodeia; o Brasil triumpha, a mocidade ajoelha-se com elle para contemplar nos patrios céus o vôo de suas victorias.

E na face de tudo que tem um pouco d'alma para sentir, um pouco de sangue para derramar, um pouco de vida para morrer, lavra a claridade de um sentimento que absorve todo o viver positivo e ordinario; paixão nobilitante, purificadora, que o coração de um homem mal pode conter, com todos os seus impetos, que tendem ao passado, que tendem ao futuro, com todas as suas avançadas para a morte e para a vida, para o ceu, para a gloria, para a luz, para Deus... e este sentimento, senhores, é o patriotismo.

Póde haver quem diga : tempo virá em que o grito dos alarmas, o lampejar das espadas nada signifiquem; sim, mas lá mesmo adiante, aonde nos promettem levar os pontifices do progresso, quando o gladio tiver sido substituido pela palavra, a força pela idéa, o raio que fulmina pelo raio que esclarece, lá mesmo o homem deixar-se-ha vibrar dessa paixão, que será sempre no seu peito o estremecimento enorme das selvas, dos campos, das solidões da patria.

O Brasil era o colosso da paz; o Brasil, esse pedaço do globo, cuja sombra bastara para eclipsar qualquer sol que se lhe puzesse diante, tolerou por muito tempo os insultos de ridiculas pequenezas.

Dizem que as aguias, só depois de muito soffrer, déterminam-se a punir com a morte as avesinhas insignificantes, cujos pios as incommodam. Tal aconteceu.

O gigante principia a vingar-se, o pantheon da historia começa a renovar-se de grandes vultos, as campas de grandes mortos, os céus de grandes asiros.

A morte que se conquista pela patria, não é uma dessas mortes lugubres, choradas, mysteriosas, communs, não; morrer assim, ao fumegar das batalhas, é desembaraçar-se de um dos enigmas do nosso destino, é resolver o problema da grandeza humana; morrer assim é engrandecer-se.

Parabens aos mortos, que, ao rolarem no abysmo da eternidade, atiraram por cima de nós o manto de suas glorias. Parabens á patria que, com toda força, com toda masculinidade de uma romana, é capaz de desarmar, se os tem, o braço dos seus Coriolanos, lançar no meio dos combates a sua prole de Scipiões, e ver emfim fartas de triumphos as ancias de seu coração generoso.

Montevidéo cahio rendida e precisa que o Brasil lhe dê a mão para levantal-a... eis a victoria!

Fostes chamados... disse mal, offerecestes-vos para dar mais um testemunho da patria e de vós.

E' magnifico. A idéa da morte, que talvez neste momento perpassa em vossas almas rapida e deslumbrante, é a sombra de um anjo que atravessa as immensidades das alturas. O passado é um déserto, o futuro é uma floresta.

Para os povos caminharem é preciso que se corte, que se quebre, que se esmague alguma coisa. A guerra é o alarido da humanidade. As torrentes fazem ruido quando cahem, as nações fazem ruido quando sobem. A guerra é a prece dos povos que se exprimem pela bocca das bombardas.

E o futuro escuta. E' o fogo do ceu que vem lançar por terra os

idolos do mal, despotas e tyrannos que ainda podem viver á luz da civilisação.

E' a occasião, pela historia offerecida, para o forte apparecer, o fraco denunciar-se, o pequeno engrandecer-se.

E aproveitai-a, vós.

Porquanto, nestes tempos corrompidos em que as acções boas, as nobres e assignaladas acções, aos olhos dos homens degeneres, parecem demasiado grandes, impraticaveis, enormes, como os rochedos vibrados pelos heroes de Homero; nesta quadra só se encontra em vós outros todo o vigor e dignidade que tiveram os primogenitos da patria.

Sois pernambucanos; e no moço imperio predestinado, sympathico, Pernambuco é um poder. Provai-o mais esta vez. Não consintais que a idéa vil de uma recompensa inutil embace o lustre de vossas pretensões magnanimas.

Quando dilacerados, ardentes tiverdes empolgado, afagado nos braços a victoria, e quem quer que seja pretender tocar, deixar alguma honra em vossos peitos, em cada um de vós a coragem terá de responder : basta-me a cicatriz.

Soldados, ide, na benção de vossa bandeira, receber os acenos da gloria, os incitamentos do porvir. »

Este tom lyrico mudou desde que, de 1870 em diante, o poeta cédeu o logar ao critico e a influencia germanica se fez sentir no orador e no escriptor. Foi isto na phase da Escada e na subsequente do Recife. Uma cousa, porém, é para notar na oratoria de Tobias, e vem a sêr a qualidade que ella conservou sempre em commum com sua poesia : occupar-se constantemente de grandes assumptos e não descer jamais a algumas demasias de linguagem que uma ou outra vez empregou na critica e mais ainda na polemica. Na poesia e na eloquencia elle se sentia no pleno dominio da arte, adejava alto e tornava-se plenamente impessoal. O patriotismo, o progresso, os dias gloriosos nacionaes, a arte, a educação da mulher, o estado politico e social do Brasil foram os assumptos de seus discursos, quer nos tempos de estudante, quer posteriormente nos dias da maturidade. No *Club Popular da Escada*, na *Assembléa Provincial de Pernambuco* ou na *Faculdade de Direito do Recife* sempre e sempre as palavras do

orador tiveram a elevação dos carmes do poeta, repito; e notação é esta que convem ser feita e póde ser verificada por quem se dér ao trabalho de lêr os discursos d'este escriptor, mal apreciado por quem o conhece sómente através de suas *polemicas* ou de seus *repentes satyricos*.

Natureza multipla e complexa, deve ser julgado na totalidade de suas manifestações e não pelo processo unitario e simplista de seus desaffectos. Eis, n'esta saudação ao *Sete de Setembro*, como falava do caracter moral do progresso e da generosidade de sentimentos que deviamos ter para com aquelles que vencemos :

« E' sempre linda e purissima a face dos dias de triumpho que brotaram do coração dos povos, dias gloriosos debaixo dos quaes enroscam-se entorpecidos, calcados, os seculos de tormentos, e as nações fazem alto para revolver as paginas sombrias do passado e aspirar as fragrancias do futuro.

Nem isto vai contra o progresso, pois que as nações não caminham condemnadas, como essa mulher da Biblia, a não volver os olhos atraz, para não se transformarem em estatuas de sal.

O progresso não póde ser o esquecimento do passado, porque o passado está sempre comnosco, no fundo de nossas lembranças, no cofre de nossas saudades, no seio de nossas glorias.

O progresso não é o ruido das paixões humanas, das paixões mesquinhas que refervem, que se agitam pelo espirito da desordem; elle é menos uma marcha do que uma ascensão; é a vibração de todas as sympathias, o azulamento de todos os ceus, a transfiguração de todos os martyres; é o vôo da civilisação, o vôo da ave lugubre, carregando o Prometheu do Caucaso aos Alpes, dos Alpes aos Andes, dos Andes... aos Ceus, o redemoinhar das coisas em torno dos povos, o redemoinhar dos povos em torno das idéas, o redemoinhar das idéas em torno de Deus.

Mas na gloria de todos não se absorvem as glorias de cada um : temos a nossa historia, devemos abril-a; temos o nosso dia, devemos saudal-o...

E o dia de hoje, a idéa de hoje, o sol de hoje, o sol da liberdade, diante do qual ajoelhamo-nos entoando o cantico dos fortes, tinha já muitas vezes borbulhado do Oriente, quando a tyrannia pudera contel-o, suffocal-o em sua aurora e retirar as mãos ensanguentadas.

Para ella o Brasil grande, livre, isto era um sonho...

E é de notar, senhores, que este sonho que se fez idéa, esta idéa que se fez dia, este dia que se fez gloria, tinha sido em seu principio uma loucura de poetas, de poetas amorosos como Dirceu e Claudio, mas de poetas que procuram, de poetas que sondam, de poetas que acham.

Ainda é de notar que ao tempo em que o direito divino rolava na poeira com a cabeça de Luiz XVI, o direito do povo cahia ludibriado com o pender da fronte de um brasileiro; mas o ultimo suspiro do martyr encontrou logo no espaço o primeiro grito da liberdade, essa grande funcção que Deus deu ao homem, que Bruto deu á Roma, que a Revolução deu aos povos.

Somos livres de uma liberdade adquirida pela força das idéas, sejamos grandes de uma grandeza adquirida pela força do coração.

Somos fortes para vencer, sejamos nobres para perdoar.

Beijemos a mão do passado que é velho, a velhice é uma realeza; apertemos a mão do futuro que é moço, a mocidade é um noivado.

Mandemos as paixões que se calem, e teçamos as corôas do merito.

Nunca poupemos um tributo de louvor á memoria do heróe, a quem já demos testemunho de gratidão, um daquelles vultos que de longe em longe Deus suscita para ajudal-o a impellir o universo nos largos destinos a que elle o conduz; cavalleiro de bronze que contempla o desenrolar dos seculos, grandes ondas da eternidade, estacado, sublime em promontorio de granito.

Sejamos verdadeiros e justos. Estranhos, sejamos amigos; patricios, sejamos irmãos; e, nessa irmandade de sentimentos, combatamos o inimigo commum, confiados, apegados a esse pensamento de gloria, esse pensamento grandioso que fluctúa no estandarte brasileiro... »

São palavras ainda do estylo lyrico de 1865. Quatorze annos mais tarde, eis como falava do poder e da liberdade, e note se o estylo sobrio e forte que coloria sua eloquencia :

« MEUS SENHORES. — Não sei se bem comprehendo o intuito da vossa festa ; não sei se descubro ao longe o alvo que tendes em mira. Como quer, porém, que seja, desde que se trata de uma festa popular, que importa a consagração de um justo renome, pelo culto devotado a um homem de grande merito, apresentando-me entre vós, eu não faço mais do que ceder ao pendor natural que me faz abraçar todas as causas, onde sinto palpitar o coração do povo. E sabendo como sei que a causa precipua é nobre, eu que ha muito já troquei a bluza do poeta pelo casacão do philosopho, e como tal, não

crendo nas finalidades da natureza, descreio tambem quasi tanto do valor das finalidades sociaes, não me dei ao trabalho de reflectir previamente que effeitos de ordem moral ou de ordem politica podem resultar deste ruido de enthusiasmo, deste bater de azas invisiveis, com o qual vem misturar-se, como uma nota dissona, minha palavra selvagem. Não me dei ao trabalho de ponderar, por um lado, as susceptibilidades feridas, os desgostos acordados, os despeitos enfurecidos, e, por outro lado, a sorte que me possa aguardar, pela ousada extravagancia de acceder tão de bom grado ao vosso convite, maximé por ser eu um representante da provincia e não dever dest'arte violar uma das regras sacrosantas da pragmatica dos partidos, que é o deputado divorciar-se inteiramente do povo e dar com o pé na escada por onde subiu...

Não reflecti, não ponderei nada disto. Bem sei, meus senhores, que o liberalismo entre nós, o liberalismo de salão, que tem suas cerimonias e etiquetas de baile, não tolera de boa vontade estas manifestações da praça publica.

Não se distinguindo em cousa alguma pela divisa do seculo, que é o talento de ousar, o liberalismo corrente do nosso tempo, é um trabalho que cança, é um mister que fatiga, sobretudo se se attende que elle se move dentro de formulas economico-mercantis e escreve a sua vida por partidas dobradas.

Mas eu ainda não cancei de ser liberal, o que vale dizer que ainda não cancei de crer na realidade de uma força superior que nos descobre um mundo melhor, que nos impelle para elle; ainda me não senti obrigado a ajoelhar-me diante dos idolos e pedir perdão da minha virtude, a unica, talvez, de que me posso lisongear, a virtude de poder pensar no povo sem pensar no rei, este dous conceitos que para mim serão sempre os dous termos de uma antinomia do sentimento, mil vezes mais inconciliavel que as antinomias da razão. Qualquer que seja o tedio que me inspira o espectaculo das cousas, não cheguei ainda áquelle estado, que produz o desgosto da vida, o estado de incapacidade para crear um ideal. Dahi a espontaneidade, com que me associo a todas as emoções populares; dahi o impeto irresistivel que me faz sorver na taça da liberdade, essa feiticeira de todos os tempos, o esquecimento de mim mesmo, o desprezo do perigo, a paixão do desconhecido, o enthusiasmo do heroismo e talvez tambem um pouco de ingenuidade por chegar a capacitar-me que estas acções do povo tem sempre alguma influencia no animo dos poderosos... A realidade é que a marcha sinistra e tortuosa, que ha levado até hoje o governo do paiz, apenas nos tem deixado como unica liberdade consoladora, como unico

favor da sua longanimidade o direito infecundo de falar, de esvairnos em palavras, o que é tão pouco efficaz para combater os nossos males, quão pouco efficaz seria, para causar dor no coração de um despota, morder raivosa e loucamente no bronze de sua estatua...

Qualquer que seja o sentido que se ligue a esta manifestação, qualquer que seja o valor e alcance politico que se lhe dê, a physionomia moral que se lhe imprima ; ou se tenha como um facto, ainda que não commun, todavia natural e logico, não da logica vulgar, mas da logica do coração, por ser a expressão adequada de um sentimento alto e nobilitante ; ou ao contrario, e de accordo com os principios da velha *sciencia da vida*, que ensina a fazer da submissão e da baixeza uma especie de ingrediente para a felicidade, se considere tudo isto como extemporaneo, inconveniente e prejudicial ; em uma palavra, senhores : ou o murmurio da vossa festa vá soar aos ouvidos do poder, como um grito de enthusiasmo innocente, ou como um grito de rebeldia, como rugido de prazer ou como rugido de colera ; eu vos declaro : não tenho tempo de pensar no perigo, só tenho tempo de pensar na gloria ; commungo na vossa mesa, associo-me a vós, estou comvosco !...

Felizmente não se trata, é bom dizel-o em honra vossa, de render um preito ceremonial, e apenas recommendado pelo ritual do partido, a um desses campeões da boa dita, *honny soit qui mal y pense*, cavalheiros do successo que pelos feitiços da fada, isto é, pelas artes da politica, acordaram uma manhan e encontraram-se celebres. Sim, não se trata de juncar de flores o caminho, por onde tem de passar um favorito de Cesar. Mas isto não é tudo, nem isto só seria capaz de dar ao vosso festim a côr historica de um acontecimento,a côr poetica de uma grande obra. O que aqui mais importa observar e fazer subir á tona da consciencia, é que vós não vos propondes mesmo pagar tributos de admiração vulgar a um deputado pernambucano, simplesmente como tal, a um membro da chamada representação nacional, a um daquelles muitos sacerdotes da theologia constitucional, da metaphysica parlamentar, por cujo encanto, ao proferir palavras santas de misera condescendencia, o *vinho transforma-se em sangue*, isto é, *os ministros da corôa se convertem de repente em ministros da nação*. Não, meus senhores, vosso intuito é mais elevado. Como todas as grandes revelações do espirito popular, tambem esta encerra a sua particula divina, a sua porção de idéal, que eu presumo extrahir e resumir assim : Estais sem duvida pagando uma duvida de justo reconhecimento para com o moço impavido, uma das mais bellas encarnações do *justum et tenacem propositi virum* — sonhado pelo poeta ; ren-

dendo um preito de gratidão ao vosso representante, sim, mas a um que já o era de direito, antes de sel-o de facto, pois ha realmente épocas cheias de lutas a sustentar e de questões a resolver, que nomeiam por si mesmas os seus dignos combatentes : a época actual em Pernambuco é uma dellas, e José Mariano é o seu legitimo interprete. O sentido desta solemnidade não é, pois, queimar algumas bagas de barato incenso diante do idolo de um povo, ou de uma classe delle ; não é *homologar*, por meio do enthusiasmo sincero de uma população avida e sedenta de acções heroicas, os juizos encomiasticos da côrte, esse tumulo da nação, da côrte sempre suspeita de miseria, vilania e corrupção em qualquer grão. O sentido de tudo isto é altamente moral : é a celebração do renascimento de uma raça de gigantes, que parecia extincta ; o sentido de tudo isto é a *glorificação* de um caracter.

Meus sonhores ! Assim como em philosophia natural, o que se chama um *typo*, marca o ponto culminante do desenvolvimento morphologico da especie, da mesma fórma em philosophia social, o que se chama um *caracter*, marca o ponto culminante do desenvolvimento historico de um povo... Mas que é ser um caracter ? Digamol-o em poucas palavras.

Que um mesmo homem, nos diversos dominios de sua actividade, produza muita cousa significativa, não é um phenomeno sorprehendente, pelo contrario, á vista da riqueza da natureza humana, é um facto comprehensivel e facilmente explicavel, pela variedade dos dotes naturaes. Numa só pessoa assentam, como se ella para isso nascesse, diversas formas da vida, do mesmo modo que no actor uma multidão de papeis. Todo homem possue em sua phantasia um Proteu interior, que se transforma a cada passo, que a cada passo toma feições differentes. Esta é a lei commun. Mas tambem contra esta lei de mutabilidade indefinita, contra esta capacidade de transformação, este talento diplomatico da natureza humana, ha espiritos que reagem, não sei se por um privilegio especial, ou por esforço proprio, e tomando nas mãos, por assim dizer, todos os raios esparsos da actividade sem destino, os concentram em um só ponto, e os dirigem a um só fim. São espiritos que se restringem, naturezas que se simplificam, e de uma simplicidade, que até ás vezes nos parece uniformidade monotona. Mas uma tal uniformidade é potente e grandiosa ; em similhantes naturezas toda a riqueza espiritual se converte na firmeza e energia de *uma convicção*. São espiritos, em summa, para quem toda a philosophia humana é philosophia da vontade ; para elles a vida da alma não começa por um acto de pensar, mas por um acto de querer, e em cada um de seus actos

elles parecem dizer : o que eu não sou por mim mesmo, eu não o sou ; eu sou sómente aquillo que pratico ; e d'est'arte para elles até a propria liberdade não é tanto um estado natural, um dom do céo, um presente dos deuses, como antes e sobretudo um resultado do trabalho, um producto, uma obra, uma conquista do homem. Eis ahi o que é o caracter, esse grande fecundador das capacidades humanas, alguma cousa de similhante a aquelle fiel servo da parabola de Jesus, que faz render os talentos, que lhe foram confiados ; o caracter, que é uma força, que é fonte de toda a honradez, e com a honradez a sinceridade, e com a sinceridade até a aptitude ao martyrio, a disposição ao sacrificio.

Traçando assim, meus senhores, uma especie de ideial do homem de bem, eu não faço mais do que tirar os proprios traços da sympathica figura do moço pernambucano. E'elle mesmo que me fornece esta medida accommodada ao tamanho dos grandes homens : é elle mesmo, sim, com a sua vontade de uma só peça, com a sua fé inabalavel, com a sua *personalidade cerrada*, inaccessivel, como um barbaro, aos calculos da prudencia, mas tambem inaccessivel, como um heroe, ás suggestões do poder. E tal acaba de mostrar-se no combate virgoroso em que se empenhou, e do qual não é pequeno resultado a consciencia do dever cumprido.

Entretanto aqui acode-me uma ponderação relevante ; — vós sabeis, senhores, como o bello procedimento do illustre representante de Pernambuco, de quem hoje se póde dizer que *se esperava tudo mas não se esperava tanto*, como a sua attitude parlamentar, ainda que admiravel e bonita, e talvez que mesmo por ser bonita e admiravel, tem suscitado, ao lado da grande corrente da opinião applausiva, uma pequena corrente de opinião desaccorde, quer na direcção do enthusiasmo, quer no modo de julgar e apreciar a efficacia da cousa, a *conveniencia* do acto; — opinando os que se pretendem mais sensatos, os politicos de officio, que no porte de Mariano um pouco mais de reserva, um pouco mais de attenção aos interesses communs do partido não teria sido máo. *Não teria sido máo !...* E' assim que se exprimem negativa, indirectamente por faltar-lhes a coragem de affirmar positivamente... que *teria sido bom.*

Mas isso será exacto ? Será exacto que Mariano foi além do que lhe impunham os seus deveres de politico ? Terá elle por ventura, desconhecendo a velha verdade que o homem não tem sempre bastante força para seguir toda a sua razão, violado a regra de conducta, ou antes a lei social, pela qual todo aquelle, que quer trabalhar e influir de um modo efficaz, deve aprender a subordi-

nar-se, a servir aos grandes partidos, dentro dos quaes se executa o processo da historia ? !... Será isto exacto ? Não de certo. A intransigencia dos caracteres torna-se dureza e asperidade reprovavel, quando elles, *unguibus et rostro*, loucamente agarrados ao seu proposito, querem ser invariaveis, não obstante haver variado a face das cousas ; querem permanecer immutaveis, a despeito de ter-se mudado a posição do mundo. Porém no caso vertente, onde é que isto se dava ? Na desintelligencia do moço deputado com um ministro arrogante, onde é que estava empenhada a salvação do partido, para que fosse preciso, indeclinavelmente preciso, Mariano ceder e recuar ?

Ah ! meus senhores, eu não tinha necessidade de juntar mais esta parcella á minha somma de experiencias, ao meu já tão crescido capital de decepções, sobre o que são, sobre o que valem os liberaes, eu digo, os liberaes *officiaes* da nossa terra. Mas ainda me deixo tomar de admiração e de espanto, em presença de factos de tal ordem, diante deste e de tantos outros documentos de pobreza do liberalismo em acção. Quando a baixeza é um meio de subir e engrandecer, naturalmente a independencia torna-se um crime. E é isto, ao certo, o que se dá em relação aos calmos e prudentes juizes do acto de José Mariano : não estão no caso de comprehender um procedimento, que destôa do modo commum de contemporisar e obedecer.

Houve um tempo, senhores, em que sómente o homem honesto podia ser e dizer-se liberal. Foi naquelles turbidos dias, em que o simples riso de desdem sobre a marcha dos negocios publicos era um motivo de paracer suspeito aos governos. Hoje, porém, a cousa é diversa. Hoje é liberal todo aquelle que sabe especular com felicidade. O liberalismo tornou-se um *artigo da moda*, um *costume do dia*, um *objecto de negocio*. D'ahi a singularidade, para não dizer a impudencia, com que se renega no parlamento o que se proclamou nas ruas ; d'ahi o triste espectaculo da morte dos caracteres, do abatimento dos espiritos, que não ousam ser o que são, que se envergonham do seu passado, para se deixarem arrastar pelo caminho das conveniencias. E' nada existe, com effeito, de mais contristador : o partido liberal, que se adorna de grandes promessas, que se alimenta de esperanças, que vive sempre *com os seus navios de velas desfraldadas á espera de vento, que nos conduza ao paiz da felicidade*, quando as occasiões se levantam bellas e oportunas, quando os ventos sopram favoraveis, tem medo de se fazer ao mar, e recúa espavorido diante dos seus proprios designios !... Nada existe realmente de mais ridiculo e humilhante do que vel-os, com

todos os seus gestos de grandeza e phrases de altivez, curvarem-se resignados ao mando de *quem mais póde*, elles, *pobres* liberaes reproducções photographicas do retrato de Polonio, o fiel companheiro de Hamlet, no celebre drama de Shakespeare. Eis o caso : está o rei com o seu inseparavel, e trava-se entre ambos o seguinte colloquio :

Hamlet : — Vês lá em cima aquella nuvem que tem quasi a fórma de um camello ?

Polonio : — Pelo céo, magestade ! assimilha-se de certo a um camello.

Hamlet : — Mas quer me parecer que é similhante a uma doninha.

Polonio : — Realmente, tem as costas de uma doninha !

Hamlet : — Não : ella parece-me mais uma balêa.

Polonio : — Com effeito, magestade ! E' toda como uma balêa. !...

Ahi tendes a imagem do que se dá com os nossos homens, quero dizer, com os liberaes do dia. E' isto mesmo : a nuvem será doninha, ou balêa, conforme mais agradar ao capricho imperial. E' assim que, por exemplo, o rei dirá : a agricultura está morta, é preciso auxilial-a, e elles acudirão : é verdade, a agricultura está morta, carece de muito auxilio. Mas logo depois, o rei observará que não é tanto assim, que ha cousas mais importantes a auxiliar do que a agricultura ; e todos dirão : é exacto ; para que auxilio á agricultura? Como vêdes, pela bocca de Polonio exprimiu-se antecipadamente o liberalismo da nossa época. A figura comica do régio adulador é a sua mais perfeita encarnação.

Voltando ao centro do assupto : fizestes bem, meus senhores ! Illustres cavalheiros do *Monte Pio dos honorarios* e da *Associação Commercial*, fizestes muito bem em dar assim um testemunho de reconhecimento e admiração pela imponente attitude do vosso nobre comprovinciano. Esta festa é um symptoma da abundancia de sentimentos e affectos elevados, que ainda vigoram no seio deste povo. A acção, que assim praticais, não será destituida de proficuos resultados, ella é a faisca, de que talvez gerar-se-ha o grande incendio; não o incendio revolucionario e destruidor ; eu não sou, não quero ser pregador de revolução ; mas o incendio das grandes paixões sociaes, que é preciso que se inflammem por meio de taes espectaculos, e, ainda mais, por um exame de *consciencia politica*, pela confissão dos nossos erros, pela critica de nós mesmos. A indolencia, o abatimento de Pernambuco, é um phenomeno anomalo, que dá que fazer ao observador philosopho, como póde dar que pensar ao

naturalista o apagamento de um volcão. Importa, pois, que vos reergais e reconquisteis os postos perdidos.

Agora a vós, geralmente a vós, brilhante porção do povo pernambucano, permitti que eu ouse impor uma obrigação. N'esta hora, em que exultais e ardeis de enthusiasmo, talvez o nome de José Mariano já esteja registrado no *livro da condemnação*. E' mister, portanto, que contraiais aqui, neste momento solemne, um compromisso de homens de bem : que nunca, nunca deixal-o-heis ficar só. E contando com o vosso apoio, com o apoio dos vossos brios, o seu triumpho será sempre inevitavel. Se porém está escripto, *quod Deus avertat*, se está escripto no livro das nossas miserias, que tudo será inutil, e que a voz altiva do moço terá de perder-se na algazarra dos festins da immoralidade vencedora, como a voz angustiosa do naufrago no ruido do oceano, eu posso afflrmal-o, e acreditai-me, senhores, José Mariano não curvará a fronte. Quando tudo lhe falte, quando tudo o abandone, parodiando aqui palavras de um grande mestre, restar-lhe-ha sempre e sempre o instincto indomito de uma alma, para quem a macula moral do servilismo é o mal absoluto e irremediavel. Que a sociedade se estrague e role de queda em queda no abysmo da degradação, que os caracteres se apaguem, que a prostituição tome as vestes da dignidade, como Messalina a purpura de rainha ; ainda uma vez vos affirmo : elle não aceita a derrota. Sentirá no seu coração o desprezo da ignominia, e este sentimento far-lhe-ha as vezes de victoria ; continuará a fortificar-se no exemplo dos heróes, e abraçando a estatua dos deuses immortaes, o dever, o pudor, a justiça, adjural-os-ha para que vinguem o seu poder desconhecido !... »

Palavras são estas de 1879, pronunciadas n'uma manifes tação popular feita ao Dr. José Mariano, representante então de Pernambuco em a camara dos deputados. Tobias, n'esse tempo residente ainda na Escada, era membro da Assembléa Provincial pernambucana, onde, entre outros debates, propugnou notavelmente pela educação intellectual da mulher brasileira.

N'este assumpto pronunciou tres dos seus mais notaveis discursos (1).

No *Club Popular* da Escada, por elle crêado, é que proferiu

(1) Vide — *Discursos* —, por Tobias Barretto, Rio de Janeiro, Laemmert et C. editores, 1900 ; pag. 45, 79 e 107.

em 1877 a celebre oração, apparecida dois annos mais tarde em avulso sob o nome de *Um discurso em mangas de camisa*, suggestivo titulo que tanto deu que falar. E' um forte quadro do deploravel estado social e politico do Brasil no ultimo decennio do Imperio. Na *observação preliminar*, que se lê na primeira pagina do alludido opusculo, escrevia o já então critico e philosopho, aos 11 de fevereiro de 1879, estas palavras descortinadoras, até certo ponto, do modo como elle proprio julgava a sua tentativa da crêação de um club politico e a sua posição na pequena cidade pernambucana : « Em setembro de 1877, appareceu-me a ideia de organisar n'esta cidade, e á similhança de outros já algures existentes, um pequeno *Club Popular*. Como todas as lembranças infelizes, que em nosso paiz têm a propriedade de germinar com a mesma rapidez do alho plantado em noite de S. João, segundo a crença vulgar, a minha ideia promptamente *grelou ;* mas tambem, com a mesma promptidão, marchou e morreu. Foi esta ainda uma das muitas illusões de que se tem alentado o meu espirito n'esta bella terra, onde aliás vim sepultar os dois mais caros objectos de meu coração e de minha phantasia : — minha Mãe e meu futuro !... »

Brado é este de dôr que a forma humoristica não consegue illudir e desfarçar. Outros mais graves têr-se-hão de ouvir no correr de seu estudo, como pensador, o que me lembra sêr tempo de passar ao critico.

Mas isto, por motivos de conveniencia da economia interna d'este livro, ficará melhor em volume subsequente, quando houvér de estudar o movimento da critica e da philosophia entre nós a datar de 1870 e annos seguintes.

CAPITULO VII.

POESIA. AINDA SEXTA E ULTIMA PHASE DO ROMANTISMO.

ANTONIO DE CASTRO ALVES (1847-1871). E' um dos nomes mais afamados da moderna poesia brasileira. Tem sido muito lido e muito estudado, quasi sempre n'um tom dithyrambico e encomiastico. Mas ainda ha alguma cousa de proveitoso a dizer a respeito d'elle.

Antes de tudo, umas rapidas notas biographicas. Para isto vou cingir-me ao que existe de mais authentico em tal assumpto, a biographia do poeta escripta por seu cunhado o Dr. Augusto Alves Guimarães, e publicada nos numeros 2 e 5, anno I, da *Gazeta Litteraria* do Rio de Janeiro.

Castro Alves nasceu na camarca da Cachoeira, perto do Curralinho, na fazenda *Cabaceiras*, aos 14 de março de 1847.

Seu pai era medico e mais tarde tirou uma cadeira na faculdade da Bahia. O futuro auctor do *Navio Negreiro* estudou preparatorios no Gymnasio Bahiano sob a direcção do Dr. Abilio Cesar Borges, Barão de Macaúbas.

Em 1862 seguiu para o Recife, onde ainda foi preparatoriano durante dois annos, matriculando-se em 1864. Conservou-se em Pernambuco até fins de 1867, partindo para a Bahia, e, logo em começo do anno seguinte, para São Paulo, de passagem pelo Rio de Janeiro.

Em São Paulo continuou o curso academico, interrompendo-o logo após; porque aos 11 de novembro do mesmo anno de 1868, andando á caça, disparou casualmente um tiro no calcanhar.

Gerou-se-lhe ahi longa e pertinaz enfermidade, tendo de se lhe amputar no anno seguinte no Rio de Janeiro o terço inferior da perna. Depauperado o organismo, sobreveio-lhe a

molestia pulmonar. Teve de demandar de novo as plagas da provincia natal em dezembro de 1869. Seguiu para os sertões, demorando-se em Curralinho e Rozario de Orobó em 1870 até setembro, época em que voltou á capital da provincia, onde falleceu a 6 de julho de 1871.

São as principaes datas de sua vida exterior. Até aqui o trabalho dos biographos (1).

E' mistér analysar e reconstruir a vida psychologica do poeta.

A carreira litteraria de Castro Alves, que abrange apenas o curto espaço de pouco mais de onze annos, pode rigorosamente ser dividida em quatro épocas :

a) phase primitiva (1860-63), tempo dos preparatorios na Bahia e no Recife, restando d'então pouquissimos documentos;

b) periodo aureo do Recife (1864-67), tempo do *Gonzaga* e de grande parte das poesias;

c) época de S. Paulo e Rio de Janeiro, menos de dois annos (1868-69) ;

d) ultima phase da Bahia apenas de anno e meio — (1870-71). Dos onze annos, quatro de pura meninice litteraria quasi nada avultam em sua carreira. Restam os sete ou sete e meio seguintes a contar de 1864 — até a data do fallecimento do poeta.

D'estes sete, quatro, os mais fecundos de sua vida, foram passados no Recife com pequenas estadas na Bahia. Dos tres e meio annos restantes, sómente menos de um (1868 até novembro) passou com saúde. Os que se lhe seguiram foram preenchidos pelos acerbos soffrimentos da molestia do pé e da tuberculose.

Releva, portanto, ficar bem assentado que o poeta, chegando a São Paulo em março de 1868, adoeceu d'ahi a oito mezes em novembro, e retirou-se definitivamente em abril do anno seguinte. Pouco, bem pouco podia ter elle escripto alli. A mór parte de suas producções ou são dos tempos

(1) Vide *Gazeta Litteraria,* ns. citados.

aureos do norte, antes de sua vinda ao sul, ou dos melancholicos dias da Bahia depois d'essa viagem (1).

Pertencem á primeira categoria —, além do drama *Gonzaga*, as poesias — *Hebréa, Duas Ilhas, Visão dos Mortos, Pedro Ivo, O Seculo, Quem dá aos pobres empresta a Deus, Mocidade e morte, Ao Dois de Julho, Tres Amores, Gondoleiro de amor, Sub tegmine fagi, O vôo do genio, A Maciel Pinheiro, Dalila, A Boa Vista, O coração, A uma actriz, O Livro e a America*, e todo ou quasi todo o poema — *A Cachoeira de Paulo Affonso.*

São da segunda especie as poesias — *Dedicatoria, O fantasma e a canção, Poesia e mendicidade, Versos de um viajante, Onde estás? A uma estrangeira, Pelas sombras, As duas flôres, Os anjos da meia noite, O Hospede, Aves de arribação, Os perfumes, A Guilherme de C. Alves, Uma pagina da escola realista, Coup d'étrier, Se eu te dissesse, Saudação a Palmares, Horas de saudade, Fé, esperança e caridade, Deusa incruenta* e *No meeting do Comité du pain.*

Bem se vê que ahi está a maior porção da obra do poeta e o que n'ella ha de mais selecto.

Foram escriptas no Rio de Janeiro e em São Paulo apenas — *O laço de fita, Ahasverus e o genio, O adeus de Thereza, A volta da primavera, Boa-Noite, Adormecida, Jesuitas, Hymno ao somno, No album de L. C. Amoedo, Murmurios da tarde, Ode ao dois de Julho, O tonel das Danaides, A Luiz, A Joaquim Augusto, Immensis orbibus anguis, Canção do bohemio, E' tarde, Quando eu morrer.* Está assim contada e destribuida a quasi totalidade das producções do vate bahiano.

Digo quasi totalidade; porque não estão incluidas n'ellas quatro bem notaveis: *Vozes d'Africa, O Navio Negreiro, Tragedia no Lar*, e *Adeus — meu canto!* — D'estas as duas primeiras são do Recife e Bahia antes da viagem; as outras da Bahia depois d'ella.

Fica assim bem averiguado haver o poeta chegado a

(1) A estada do poeta no sul durou 22 mezes, que tantos vão de fevereiro de 68 a novembro inclusive de 69. Destes 22 mezes — 13 foram passados em S. Paulo.

S. Paulo aos vinte e um annos de idade, na plenitude do talento, já feito nas letras, precedido de fama, acompanhado dos elogios que soube conquistar no Recife, na Bahia e no Rio de Janeiro. Alencar e Machado de Assis encarregaram-se de o apadrinhar contra as invectivas malevolas da inveja do anonymato litterario.

Desde 1864 Castro Alves e Tobias Barretto foram os mais notaveis talentos da faculdade de direito do Recife.

Em 1866 formaram-se os dois partidos theatraes das duas actrizes, que foram a causa do romprimento dos dois poetas. Castro decidiu-se por uma e Tobias por outra. Victoriano Palhares era do lado do poeta bahiano. As duas actrizes tinham muito talento; a diva de Castro Alves era uma livre e ousada mulher ; a outra era timida e recatada.

Tobias tinha dito uma vez :

« Sou grego, pequeno e forte
Das forças do coração,
Vi de Socrates a morte,
E conversei com Platão...
Sou grego, gósto das flôres,
Dos perfumes, dos rumores;
Mas minha alma inda tem fé...
Meus instinctos não esmágo,
Não sonho, não me embriago
Nos banquetes de Phriné!... »

A invectiva era dura, e é fama que então Castro Alves lhe respondera :

« Sou hebreu; não beijo as plantas
Da mulher de Putiphar... »

Dos camarotes e platéa do theatro passou para a imprensa a malfadada lucta.

O poeta bahiano na *Luz* e o sergipano na *Revista Litteraria* aggrediram-se desapiedada e tristemente. Assim quebraram as relações e tornaram-se inconciliaveis, por futilidades, dois grandes talentos, dignos de reciprocamente se estimarem.

Entretanto, Castro continuou a produzir.

Começou e adiantou aquella serie de cantos que intitulou *O poema dos Escravos;* escreveu o drama *Gonzaga ou a Revolução de Minas*, além de outros trabalhos de vulto inferior. Porém elle era um moço ardente e inexperiente. O enthusiasmo pela actriz passou adiante e ella encadêou-o e sugou-lhe a seiva opulenta da mocidade.

E' já tempo de escutar os lamentos do poeta e chorar com elle as suas magoas.

Já doente aos 13 de outubro de 1869 em *Immensis orbibus anguis* pranteava elle :

« Assim, minh'alma, assim um dia adormeceste
Na floresta ideal da ardente mocidade...
Abria a phantasia a petala celeste...
Zumbia o sonho d'ouro em doce obscuridade...

Assim, minh'alma, déste o seio (ó dôr immensa!)
Onde a paixão corria indomita e fremente!
Assim bebeu-te a vida, a mocidade e crença
Não bocca de mulher... mas de fatal serpente!... »

Aos 3 de novembro do mesmo anno em *E' tarde!* falou assim :

« Treda noite! Minh'alma era o sacrario
A lampada do amor velava emtanto,
Virgem flor enfeitava a borda virgem
Do vaso sacrosanto,

Quando Ella veio — a negra feiticeira
A libertina, lugubre bacchante,
Lascivo olhar, a trança desgrenhada,
A roupa gottejante.

Foi minha crença — o vinho dessa orgia,
Foi minha vida — a chamma que apagou-se,
Foi minha mocidade — o tóro lubrico,
Minh'alma o tredo alcouce... »

Estas notas são intensas e verdadeiras; revelam alguns

d'esses soffrimentos intimos, que são sempre os mais terriveis e tenazes e os que mais despercebidos são pelo mundo ignaro.

Devo dizer mais directamente dos livros do poeta.

Castro Alves deixou tres obras : *Espumas Fluctuantes*, *Gonzaga* e *O Poema dos Escravos*.

Este ultimo não ficou acabado. Existem apenas d'elle dois fragmentos, um episodio *A Cachoeira de Paulo Affonso*, um punhado de poesias, sob o titulo de *Manuscriptos de Stenio*.

O *Poema dos Escravos* não era na mente do auctor uma epopéa no velho e commum sentido, a saber, um enrêdo, uma acção especial, desenrolada por personagens typicas. Era antes uma collecção de poesias soltas, desprendidas entre si, referentes, todas, porém, ao facto social da escravidão. E aqui se toca o intimo mesmo do talento do moço bahiano. Quem o lê attentamente nota logo dois tons fundamentaes em sua lyra : — o lyrismo gracioso dos amores, das paixões, das effusões particulares, e o cantar brilhante do socialista, do democrata social. As producções em que predomina o primeiro tom são interessantes ; mas contam muitas congeneres na litteratura brasileira. Aquellas em que sobresae a outra nota — possuem poucas similares entre nós.

Castro Alves em nossa historia litteraria representa um duplo papel. Por um lado, elle foi o apostolo andante, o São Paulo do condoreirismo. Não ficou parado no Recife ; depois de ter alli luctado em prol da nova poesia, passou á Bahia e d'ahi ao Rio e a São Paulo. Estes são os quatro centros intellectuaes mais notaveis do Brasil ; n'elles o poeta fez-se ouvir e creou adeptos.

Sua *maneira* espalhou-se então por todo o paiz. Escusado é dizer que a mediocridade dos máos discipulos foi-se tornando cada vez mais accentuada, até cahir nos mais extravagantes despropositos.

Foi um tempo de verdadeira pathologia litteraria de que o poeta bahiano não foi aliás o culpado.

Por outro lado, tomou elle muito ao serio o seu caracter

de poeta, e concentrou ahi todos os esforços e energias de seu espirito. Quiz deixar obra duravel.

Para tanto largou, por algum, por bastante tempo de parte suas preoccupações particulares, seus ephemeros amores, e lançou olhares curiosos sobre a nossa sociedade. Um facto ahi havia que o impressionou sobre todos, o facto cruel e repugnante da escravidão ; e elle tentou fazer o poema dos escravos.

Ahi vae a sua verdadeira originalidade. Antes e depois d'elle, entre nós e no estrangeiro, alguns poetas tomaram como assumpto de seus cantares o phenomeno extravagante da escravidão. Mas Castro Alves tem entre todos uma nota especial. E' bem verdade que não se collocou em o ponto de vista determinado da escravidão brasileira. Por outros termos, é bem verdade que elle não fez a psychologia nem a sociologia do escravo, não se poz no meio dos captivos, *nos engenhos* e nas *fazendas*, para lhes photographar com nitidez naturalistica o viver pungente e as profundissimas miserias.

O poeta não architectou o romance cruel e *realista dos escravos*. Não; seu caminho foi outro, ensinado, apontado pela indole mesma de seu talento. Ao poeta, bastou-lhe para o excitar e commover o facto geral e indistincto da escravidão. Só isto foi sufficiente para levantar-lhe o sentimento, e este sentimento foi a indignação e a colera. O poeta não desceu a descrever scenas ; alludio rapidamente a ellas e suppôl-as com razão conhecidas de todos. Elle é da familia do cantor dos *Chatiments;* indigna-se, encolerisa-se e larga o azorrague nos verdugos, nos oppressores dos miseros captivos.

O espirito de Castro Alves é o de um tribuno, de um agitador ; sua poesia é a expressão natural de seu caracter, de seu temperamento.

Elle é assim um dos mais nitidos exemplares entre nós do poeta socialista, quero dizer, do poeta que em sua arte preoccupa-se com certas ideias e problemas que se agitam na vida politica e social da nação. Tem-se muito discutido o valor desta poesia. Uns a atacam, outros a defendem.

Que importa isto? Não é exactamente o que se dá com todas as cousas ?

Os que lhe são adversos não se esquecem de dizer que a arte nada deve ter com theorias e systemas quaesquer, scientificos, philosophicos, politicos ou sociaes. Sua base é o sentimento, seu fim é a emoção esthetica, o bello. Nada de hybridismos n'arte. Mas será certo que a poesia deva permanecer sempre na *egoismisação* de nossos affectos, de nossas tendencias individuaes ?

Não será util e salutar lançar de vez em quando as vistas sobre a vida collectiva, sobre a existencia geral ?

Nosso proximo vale bem o sacrificio, se sacrificio ahi existe.

Castro Alves não perdeu seu tempo ; bem ao contrario este paiz deverá sempre lêr todos os bellos versos em que elle foi o porta-voz, a expressão grandiloqua da consciencia da patria. Antes da lei de 28 de setembro de 1871, que declarou livres todos os nascidos no Brasil, a poesia já se havia honrado com as *Vozes d'Africa* e *O Navio Negreiro.*

Eu bem sei que podia agora esquadrinhar os escriptos do poeta e indicar n'elles descuidos e extravagancias. Uma critica elementar iria fazel-o com vantagem ; não o farei eu. E' preferivel ouvir agora alguma cousa do poeta, e seja — *Adeus, meu canto !* — E' assim :

« Adeus, meu canto! é a hora da partida...
O oceano do povo s'encapela.
Filho da tempestade, irmão do raio,
Lança teu grito ao vento da procela.
O inverno envolto em mantos de geada
Cresta a rosa de amor que além se erguera...
Ave de arribação, vôa, annuncia
Da liberdade a santa primavera.

E' preciso partir, aos horizontes
Mandar o grito errante da vedeta.
Ergue-te, ó luz! estrella para o povo,
Para os tyranos, — lugubre cometa.
Adeus, meu canto! na revolta praça
Ruge o clarim tremendo da batalha.

Aguia — talvez as azas te espedacem,
Bandeira — talvez rasgue-te a metralha.

Mas não importa a ti, que no banquete
O manto sybarita não trajaste, —
Que se os louros não tens na altiva fronte
Tambem da orgia a c'rôa renegaste.
A ti que herdeiro d'uma raça livre
Tomaste o velho arnez e a cota d'armas;
E no ginete que escarvava os valles
A corneta esperaste dos alarmas.

E' tempo agora p'ra quem sonha a gloria
E a luta... e a luta! essa fatal fornalha,
Onde referve o bronze das estatuas,
Que a mão dos seculos no futuro talha...
Parte, pois, solta livre aos quatro ventos
A alma cheia das crenças do poeta!...
Ergue-te, ó luz! estrella para o povo,
Para os tyranos — lugubre cometa.

Ha muita virgem que ao patibulo impuro
A mão do algoz arrasta pela trança;
Muita cabeça d'ancião curvada,
Muito riso afagado de criança.
Dirás á virgem : — Minha irmã, espera;
Eu vejo ao longe a pomba do futuro,
Meu pai, dirás ao velho, dá-me o fardo
Que atropela-te o passo mal seguro...

A cada berço levarás a crença,
A cada campa levarás o pranto!...
Nos berços nús, nas sepulturas razas,
— Irmão do pobre — viverás meu canto.
E pendido atravez de dous abysmos,
Com os pés na terra e a fronte no infinito,
Traze a benção de Deus ao captiveiro,
Levanta a Deus do captiveiro o grito!

Eu sei que ao longe, na praça,
Ferve a onda popular,
Que ás vezes é pelourinho,
Mas poucas vezes — altar...

Que zomba do bardo attento,
Curvo aos murmurios do vento
Nas florestas do existir,
Que baba fel e ironia
Sobre o ovo da utopia,
Que guarda a ave — o porvir.

Eu sei que o odio, o egoismo,
A hypocrisia, a ambição,
Almas escuras de grutas,
Onde não desce um clarão;
Peitos surdos ás conquistas,
Olhos fechados ás vistas,
Vistas fechadas á luz;
Do poeta solitario
Lançam pedras ao calvario,
Lançam blasphemias á cruz.

Eu sei que a raça impudente
Do scriba, do phariseu,
Que ao Christo eleva o patibulo,
A' fogueira o Galileu;
E' o fumo da chamma vasta,
Sombra — que o seculo — arrasta,
Negra, torcida, a seus pés :
Tronco enraigado no inferno,
Que se arquêa, escuro, eterno,
Das idades atravez.

E elles dizem reclinados
Nos festins de Balthasar :
— Que importuno é esse que canta
Lá no Euphrate a soluçar?
Prende aos ramos do salgueiro
A lyra do captiveiro,
Propheta de maldição,
Ou, cingindo a augusta fronte
Com as rosas d'Anacreonte,
Canta o amor e a creação...

Sim! cantar o campo, as selvas,
As tardes, a sombra, a luz!

Soltar su'alma com o bando
Das borboletas azues,
Ouvir o vento que geme,
Sentir a folha que treme,
Como um seio que pulou,
Das mattas entre os desvios
Passàr nos antros bravios
Por onde o jaguar passou;

E' bello... e já quantas vezes
Não saudei a terra — o céo,
E o universo — biblia immensa
Que Deus no espaço escreveu?...
Que vezes nas cordilheiras,
Pelas selvas brasileiras
Eu lancei minha canção,
Escutando as ventanias,
Vagas, tristes prophecias,
Gemerem na escuridão ?!...

Já tambem amei as flores,
As mulheres, o arrebol,
E o sino que chora triste
Ao morno calor do sol;
Ouvi saudoso a viola,
Que o sertanejo consola
Junto á fogueira do lar,
Amei a linda serrana
Cantando a molle *tyrana*
Pelas noites de luar!

Da infancia o tempo fugindo,
Tudo mudou-se em redor,
Um dia passa em minh'alma
Das cidades o rumor...
Sôa a ideia, sôa o malho,
O cyclope do trabalho,
Prepara o raio do sol —
Tem o povo — mar violento —
Por armas o pensamento,
A verdade — por pharol!

E o homen, vaga que nasce
No oceano popular,
Tem que impellir os espiritos,
Tem uma plaga a buscar.
Oh! maldição ao poeta,
Que foge, falso propheta,
Nos dias de provação!
Que mistura o tosco iambo
Com o thyrio dythirabo
Nos poemas d'afflicção!...

« Trabalhar! » brada na sombra
A voz immensa — de Deus!
« Braços, voltai-vos p'ra terra,
Homens, voltai-vos p'ra os céos!...
Poetas, sabios, selvagens,
Sois as santas equipagens
Da náo — civilisação.
Marinheiro — sobe aos mastros,
Piloto, estuda nos astros,
Gageiro, olha a cerração! »

Uivava a negra tormenta
Na enxarcia, nos mastaréos.
Uivavam nos tombadilhos
Gritos insontes de réos.
Vi a equipagem medrosa
Da morte, a vaga horrorosa
Seu proprio irmão sacudir...
E bradei : « Meu canto, vôa,
Terra ao longe, terra á prôa!...
Vejo a terra do porvir! ... »

Companheiro da noite mal dormida,
Que a mocidade vela sonhadora,
Primeira folha d'arvore da vida,
Estrella que annuncia a luz á aurora!
Da harpa do meu amor nota perdida,
Orvalho que do seio se evapora,
E' tempo de partir... vôa, meu canto,
Que tantas vezes orvalhei de pranto!...

Tu foste a estrella Vesper que alumia
Aos pastores d'Arcadia nos fraguedos!
Ave — que no meu peito se aquecia,
Ao murmurio talvez dos meus segredos...
Mas hoje... que sinistra ventania
Muge nas selvas, ruge nos rochedos,
Condor sem rumo, errante, que esvoaça,
Deixo-te entregue ao vento da desgraça!

Quero-te assim; na terra o teu fadario
E' ser o irmão do escravo que trabalha,
E' chorar junto á cruz do seu calvario,
E' bramir do senhor na bacchanalha...
Se — vivo — seguirás o itinerario,
Mas, se — morto — rolares na mortalha,
Terás, selvagem filho da floresta,
Nos raios e trovões hymnos de festa.

Quando a piedosa, errante caravana,
Se perde nos desertos, peregrina,
Buscando na cidade musulmana
Do sepulchro de Deus a vasta ruina,
Olha o sol que se esconde na savana,
Pensa em Jerusalém, sempre divina,
Morre feliz, deixando sobre a estrada
O marco miliario d'uma ossada.

E mesmo quando a turba horripilante,
Hypocrita, sem fé, bacchante impura,
Possa curvar-te a fronte de gigante,
Possa quebrar-te as malhas da armadura;
Tu deixarás na liça o ferreo guante,
Que ha de colher a geração futura...
Mas, não... crê no porvir, na mocidade,
Sol brilhante do céo da liberdade!

Canta, filho do sol da zona ardente,
Estes serros soberbos, altanados!
Emboca a tuba lugubre, estridente,
Em que aprendeste a rebramir teus brados!
Levanta — das orgias do presente,
Levanta — dos sepulchros do passado,

Voz de ferro! levanta as almas grandes
Do sul ao norte... do oceano aos Andes!... »

Ainda mais eloquentes do que esta são as *Vozes d'Africa*, a *Tragedia no Lar* e sobre todas o *Navio Negreiro*. Taes poesias foram avulsamente publicadas em folhas soltas em 1870 e 71. Espalharam-se por todo o Brasil, fizeram grande sensação, foram decoradas e eram recitadas nos salões.

Não sei qual o critico illustre que aconselhou o maior cuidado em distinguir na poesia franceza, especialmente na de Victor Hugo, a eloquencia da verdadeira e estreme poesia. Esta observação é exacta e não pode ser illudida.

Ha muitos trechos na poesia romantica, repletos de imagens, cheios de sonoridades, de requebros, de adjectivações, de apostrophes, que são verdadeiros typos, verdadeiros specimens de eloquencia. Entretanto, e por via de regra, nem sempre são os mais poeticos.

Este caracter pertence áquelles em que se nota mais simplicidade, mais sentimento, mais vida intima, mais sinceridade.

Os povos meridionaes, por indole exaggerados e propensos á rhetorica, quasi nunca observam a alludida distincção. Gostam das fortes imagens, dos rendilhados das phrases, do farfalhar das palavras, de toda a exterioridade bulhenta emfim.

Por isso entre nós o que mais agradou de Castro Alves, foram os palavrões, as *bombas*, toda a falsa eloquencia dos versos.

Felizmente salva-se elle na historia; porque teve o bom instincto de escrever bellos pedaços de simples poesia.

Os epigonos se apoderaram do falso estylo e o levaram ao requinte do exaggero : foi a quarta potencia do gongorismo, verdadeira teratologia litteraria.

Na prosa a cousa alastrou ainda mais.

Foi esse por muito tempo o *chic* na arte de escrever brasileira; e era a banalidade chromatisada, a tolice rythmada e faiscante.

N'esse tempo aquillo é que era ter estylo; fóra d'alli toda a gente escrevia mal, não tinha *gosto* nem *grammatica*.

Aquillo sim; era a ultima palavra.

Hoje a preoccupação, o *tic* são outros, e não vêm ao caso expôl-os agora. O que é preciso dizer é que o auctor da *Cachoeira de Paulo Affonso*, no pouco que fez em prosa não foi tão exaggerado como os seus discipulos. Na introducção da *Luz* o foi bastante por imitar Hugo e Quinet; na *Carta ás Senhoras Bahianas* foi menos; no drama *Gonzaga*, felizmente, ainda menos.

Duas palavras sobre este ensaio dramatico para finalisar.

E' uma bella tentativa; tem vida e encerra movimento; ha alli typos bem desenhados. *Gonzaga* e *Silverio* são do numero.

O escravo *Luiz* parece-me falso, é muito eloquente e instruido para a sua condição.

A melhor qualidade do drama é o sôpro de liberalismo, o enthusiasmo patriotico por todo elle espalhado.

Se o grande ideial da arte é tirar do facto particular e isolado a nota humana e universal, que possa ser entendida por todos, Castro Alves, a despeito de alguns descuidos, foi um apreciavel, um notabilissimo poeta.

E' talvez maior que Fagundes Varella, maior que o bom Casimiro de Abreu, maior que Bernardo Guimarães, que muitos de nossos romanticos.

Transporta-nos a horisontes mais amplos; faz-nos assistir a lutas mais fortes, a paixões mais intensas; mostra-nos almas mais activas e mais ousadas. Seu nome não poderá ser senão sempre admirado.

VICTORIANO J. MARINHO PALHARES. — Foi amigo intimo de Castro Alves e seu companheiro nas luctas theatraes. Não chegou a acabar o curso de preparatorios.

Pobre e desprotegido, procurou ganhar a vida e deixou-se por isso de estudos. Teve sempre um talento muito natural e espontaneo, não perdento jamais o gosto das lettras; cultivou sempre a poesia com distincção e amor.

Publicou trez volumes de versos — *Mocidade e Tristeza* em

1866, *Centelhas* em 1870, *Peregrinas* n'este ultimo anno. O estylo é o mesmo do condoreirismo.

Em *Mocidade e Tristeza* predomina o lyrismo pessoal, intimo, subjectivo.

Nas *Centelhas* encontram-se os cantos patrioticos do poeta inspirados pela guerra do Paraguay.

Nas *Peregrinas* avultam poesias de intenção doutrinaria e philosophica.

No lyrismo pessoal esta pequena canção define o estylo do poeta :

« Adeus! Já nada tenho que dizer-te;
Minhas horas finaes trémulas correm.
Dá-me o ultimo riso p'ra que eu possa
Morrer cantando, como as aves morrem.

Ai d'aquelle que fez do amor seu mundo!
Nem deuses, nem demonios o soccorrem.
Dá-me o ultimo olhar para que eu possa
Morrer sorrindo, como os anjos morrem.

Foste a serpente, e eu inda te adoro!
Que vertigens meu cerebro percorrem!
Mente a ultima vez para que eu possa
Morrer sonhando, como os doidos morrem. » (1)

Como esta, ha outras muitas em suas obras. Acho inutil abrir discussão n'este terreno, mostrando a natureza intima do lyrismo pessoal do auctor.

Julgo-o de mais valor nas poesias patrioticas. Estes versos *Ao Brasil* definem-lhe bem a *maneira* n'este genero de composições :

« E' hora de acordar. Rebrame na floresta
O furacão do sul, terrivel, infernal;
Embocca o teu boré, a rubra massa apresta;
Sê outra vez caboclo, oh! filho de Cabral!

(1) *Peregrinas*, pag. 33.

E' duro despertar do somno da ventura
Sentindo arder no rosto a nodoa do baldão,
E eu vejo em tua face alguma cousa escura!
Oh! filho de Cabral, sê outra vez leão!

A trahição rapace esbulha o teu direito;
Retalham tuas leis á ponta de punhal;
Empenna a tua setta, amarra a aljava ao peito :
Sê outra vez Tupan, oh! filho de Cabral.

Ha muito que teu sangue ondeia na campina;
Não mostres tua chaga ao dia de amanhan,
Empunha pressuroso o raio, que fulmina;
Oh! filho de Cabral, sê outra vez Tupan!

E' nada o desarmor de corações corruptos,
Que impellem-te, sem dó, aos turbilhões do mal,
Sem seres Roma, tens Tiberios, Gracchos, Brutos,
Serás sempre o Brasil, oh! filho de Cabral!

Nas garras do tufão, que zune pelos pampas,
Desfraldas orgulhoso o pavilhão gentil.
Esculpirás teu busto em cima de mil campas;
E, filho de Cabral, serás sempre — o Brasil!

Creára Deus em ti um outro mundo á parte,
Qual o segundo Adão, que te perdeu tambem?
O monstro da ambição consegue desvairar-te,
E n'ara da vaidade immolas o teu bem.

Fugiste, ingenuo, á selva, e á beira mar sentado
Sorriste ao viajôr que ao longe appareceu.
Em troca de ouropeis de um munso refalsado,
Leão, deixaste a juba ás plantas do europeu.

O que ganhaste? Um rei! O que perdeste? Tudo!
E' a America rugiu fitando o teu senhor.
Bem tarde conheceste o quanto fôras rudo;
Já tinhas sobre o peito o pé do domador.

Agora... é caminhar com os olhos no horisonte,
Um dia o Pharaó vacilla ante José!

Não ha martyr algum sem resplendor na fronte,
Não ha diluvio algum sem barca de Noé. » (1)

O poeta foi sempre um espirito liberal, progessivo, avido de luz e de gloria.

Collocado entre dois rivaes potentissimos Tobias e Castro Alves, teve força bastante para fazer um nome cercado de nomeada e sympathia.

Nem se pense que, por menos culto do que os dois, tivesse sido um sectario sem autonomia. Não; teve notas suas, originaes; na poesia marcial especialmente possuia um forte vigor de colorido na descripção.

Nada poderia fazer melhor ao leitor do que lhe dar aqui a vêr o quadro em que pinta a batalha de *Riachuelo* :

« Foi prodigio! Riachuelo assombra.
E' custoso pensar n'essa batalha :
Deus alli trabalhou.
Alli da morte diffundiu-se a sombra,
Em manto, que era purpura e mortalha,
E que ao mundo espantou.

O direito de um lado, d'outro a raiva,
Rancor de abutre, o odio sem motivo;
Um capricho do mal.
Fecha-se o tempo, e a morte, qual saraiva,
Fulmina o homen livre e o captivo
Em combate infernal.

A peleja rompeu como um incendio;
Um diluvio de fogo innunda o rio,
Que referve em cachão,
E róla e sóbe e engole o vilipendio
De mistura co'a legião sem brio,
Que defende o falcão.

Foi hora de explosão e de loucura;
Hora sem luz, sem vida, hora de morte;
Uma hora, que é um fim.
Hora que aterra o anjo da bravura,

(1) *Centelhas*, pag. 11.

Hora em que tudo oscilla, até a sorte,
Hora sem outra assim!

Transformou-se em catastrophe a coragem;
Surgiu de unhas de tigre o heroismo;
Foi tudo combustão!
Rasgou-se o rio em horrida voragem,
E sedentos travaram-se no abysmo
A hyena e o leão.

Tudo range, vacilla, chia, estala;
O machado, o vapor, o arpéo, a espada,
Homerico fragor!
Os navios varados pela bala;
A bandeira voando esfarrapada,
E os Brasidas sem côr !...

Luctam, morrem, ou matam nos seus postos,
Os sabres nús faiscam mil centelhas :
Duello de volcões!
Corusca o desespero pelos rostos
Onde as almas reflectem-se vermelhas
Já do céu aos clarões!

Barroso empolga o genio do perigo;
Quasi estatua de chofre se electrisa,
E embocca o porta-voz.
E parte e vôa e cáe sobre o inimigo
Em quem, já fundo, o medo paralysa
O delirio feroz.

A victoria scintilla de repente
Como luz de relampago; a esquadra,
Como um orgão, soou
Nas mil notas do hymno refulgente
Que a epopéa brasileira enquadra,
E que o mundo saudou!... » (1)

São vigorosos e potentes versos, dignos do glorioso feito que descrevem. A este poeta não tem sido feita a justiça que lhe é devida. Seu nome deve ser lembrado como um exemplo

(1) *Centelhas*, pag. 36.

de trabalho, de esforço, de coragem, de dignidade, excelsos predicados que secundaram sempre o seu talento.

Alexandre José de Mello Moraes Filho (1844...) E' um dos auctores mais conhecidos da litteratura comtemporanea brasileira. E' filho do historiador de igual nome.

Por ter sido este a principio um homem de bons haveres, não se julgue ter o filho gozado de larguezas e facilidades para educar-se. Bem pelo contrario.

O velho Melho Moraes decahiu rapidamente de fortuna, por motivos que não vêm ao caso aqui expôr, e o filho teve de luctar com immensos embaraços para instruir-se e abrir caminho na sociedade. Sua juventude foi dura e acabrunhada.

Feitos alguns estudos preliminares, matriculou-se no Seminario de São José do Rio de Janeiro (1) Chegou a receber todas as ordens menores e a pregar sermões em algumas de nossas igrejas. Justamente como Laurindo Rabello.

Em 1867 obteve cartas demissirias para se ir ordenar na Bahia. Por esse tempo já cultivava a poesia em que tinha sido iniciado por Laurindo, Constantino de Souza e, acima de todos, Bittencourt Sampaio.

Na velha S. Salvador o nosso quasi padre travou relações com Lapa Pinto, Castro Alves, Pedro Moreira e Carvalhal; metteu-se nas *republicas* d'estudantes, na litteratura, e deixou de tomar as ordens de presbytero. Tinha renunciado á sua carreira. Mas era só externamente; elle illudiu-se a si proprio ; no fundo, intimamente, continuou a ser o que ainda hoje é, um verdadeiro padre, mais padre do que muitos dos que ahi andam de batina e dizem missas.

Desfeito o designio de ordenar-se, voltou para o Rio, onde começou esse viver difficultoso, impertinente, nullificante da litteratura e do jornalismo em uma terra onde essas cousas existem desorganisadas, nullificadas quasi, pela insidiosa concurrencia estranha.

Mais tarde foi contractado para ir em Londres redigir o

(1) Mello Moraes Filho é natural da Bahia e nasceu em 1844.

Echo americano. A residencia na Europa foi-lhe util; extincto o periodico londrino, o poeta passou-se á Belgica, onde fez o curso medico. As difficuldades vencidas então foram muitas, voltando depois ao Brasil, onde a litteratura tem sido a sua embriaguez.

A principio limitou-se ao puro jornalismo; nos decennios ultimos tem atirado ao publico differentes livros. Todos elles se referem ao Brasil sob qualquer de seus aspectos, porque, como se ha-de brevemente vêr, em tudo que este auctor tem escripto ha uma determinada intuição de nacionalismo.

Todos os seus livros podem-se reduzir a tres classes : poesias, contribuições ethnographicas, collectaneas para servirem á historia litteraria. Veja-se tudo isto rapidamente.

Começarei pelas collectaneas, que se reduzem a tres : *Curso de Litteratura Brasileira, Parnaso Brasileiro, o Dr Mello Moraes — homenagens e juizos posthumos.* Sobre este ultimo nada ha a dizer; é uma simples obra de piedade filial.

O *Parnaso Brasileiro* tem defeitos de gosto e de ordem chronologica; mas é livro util, porque dá uma ideia bem regular da poesia brasileira nos quatro seculos.

O *Curso de Litteratura Brasileira* é obra ao geito do *Cours de Litterature Française* de Charles André, é proprio para as classes de lingua nacional.

A este livro faço duas objecções : — a falta de uma classificação scientifica das materiaes e a ausencia de um resumo historico de nossa litteratura, ou pelo menos notas bio-bibliographicas dos auctores contemplados. A primeira objecção refere-se aos fragmentos em prosa.

Mello Moraes Filho devia aceitar uma boa classificação das sciencias, a de Spencer, por exemplo, e em todos os ramos escolher um fragmento adequado sobre cada uma. Depois passar á parte puramente litteraria e descriptiva, tudo em ordem chronologica.

Na parte poetica devia inserir os representantes de todas as nossas escolas nos quatro seculos. O seculo XVIII, por exemplo, está mal representado ; não se vê acolá o nome de

Gonzaga. Não se diga que este é portuguez; então Anchieta tambem é.

O nome do missionario leva-me a falar da grande novidade do livro, as poesias do padre, traduzidas do tupy e do hespanhol. Ahi mesmo noto uma lacuna.

Mello Moraes deveria incluir os textos originaes ao lado da traducção do padre Cunha. Ha todos os indicios de que este não interpretou bem o pensamento de Anchieta. Pelo menos lembro-me de ter isto ouvido da boca do mais abalisado conhecedor do tupy, que possuimos, o Dr. Baptista Caetano.

Em todo o caso, Mello Moraes é benemerito das lettras em ter contribuido para uma melhor comprehensão do typo do jesuita canarim. Anchieta não é de certo o creador de nossa litteratura, como pensa o poeta, é o precursor della.

Uma litteratura em massa não tem nunca um creador ; tem elementos e tem orgãos. Os *elementos* da nossa são todas as tradições populares provindas das tres raças que constituiram nossa actual população, tradições modificadas pelo meio e pela mestiçagem.

Os *orgãos* são os espiritos autonomicos que têm contribuido para a nossa differenciação nacional.

O Dr. Araripe Junior adduziu algures uma consideração para o estudo do caracter do padre José, e vem a ser uma certa tendencia *jogralesca* de seu espirito.

O achado não será, talvez, de todo infundado; mas n'este ponto, deve-se desconfiar de duas cousas. Primeiramente, é sabido que no tempo de Anchieta a *farça*, a *chacota*, a *satyra* erão generos litterarios em moda, impuham-se até aos espiritos mais serios, ainda que não estivessem em harmonia directa com o caracter do poeta. Era pouco mais ou menos o mesmo que em sentido opposto se viu no tempo do romantismo decadente quando a *lumuria affectada* se fez moda.

Rapazes nedios, sanguineos, sadios, folgazões, desses que, segundo o adagio, *não mandam seu quinhão ao vigario*, choramigavam p'ra ahi, que era uma verdadeira calamidade. Entretanto, tudo falso ! Quem dirá que as *jogralices* do padre não estejam n'esse caso, não esprimam antes um resultado

do systema litterario do tempo do que um temperamento verdadeiramente *terenciano?* Demais, o Dr. Araripe abusa muito d'este genero de explicações. Quasi em tudo elle descobre o *humour*, a *facecia;* os termos *jogral*, *jogralices* vêm a miudo ao bico de sua penna. Quando tratou dos nossos romances *sertanejos anonymos*, elle fundou sua theoria na *jogralidade.*

Agora com Anchieta o mesmo; o mesmissimo, explicando a *Guerra dos Mascates* de Alencar. E' uma preoccupação evidente do critico.

E' bem certo que o *Curso de Litteratura* tem lacunas; mas, em compensação, tem grandes meritos; é o transumpto de uma bibliotheca inteira. Especialmente a litteratura do segundo reinado está bem representada. Estão ali excerptos de cêrca de cem escriptores. O *prefacio* é bem escripto e alentado de bôas idéas em sua quasi generalidade.

As melhores obras de Mello Moraes Filho são as de contribuição ethnographica e, acima de todas, as de poesia. Os livros de ethnographia são — *Cancioneiro dos Ciganos*, *Os Ciganos no Brasil*, *Festas e Tradições populares do Brasil*, *Quadros e Chronicas* (1).

Todo e qualquer estudo que contribúa para o esclarecimento das populações nacionaes, todo e qualquer esforço para fazer a luz sobre as origens, os costumes, a psychologia de nossas classes populares, deve ser bem recebido e encorajado.

A despeito de alguns trabalhos emprehendidos por geographos, geologos, ethnologos e linguistas nacionaes, o Brasil ainda não conhece bem o seu territorio, nem sabe as filiações das tribus indias e africanas, que lhe constituiram grandissima parte da população.

As observações e pesquizas directas são entre nós bem parcas, ainda mettendo em conta as levadas a effeito por europeus ou anglo-americanos, longa ou limitadamente residentes no paiz.

Tomada a ethnographia como base para os estudos historicos e sociaes, quantos problemas não estão ahi a tentar-nos!

(1) Deixo de falar no *Cancioneiro Fluminense* e nas *Serenatas e Sarãos* recentemente publicados, porque não têm caracter de estudos ethnographicos.

O povo brasileiro é o resultado de muitos factores physica e moralmente.

Que devemos aos portuguezes, aos negros, aos indios?

Seria necessario responder a estas questões, e elucidal-as a fundo, sob todos os aspectos. Seria até preciso subdividir cada um d'aquelles problemas capitaes.

Entre os portuguezes vêr a acção dos ilhéos, dos minhôtos e transmontanos, dos alemtejanos, dos algarvios, suas migrações para o Brasil, as direcções de suas correntes, suas preferencias para estabelecerem-se n'esta ou n'aquella provincia, nos tempos da colonia e ainda hoje.

Praticar o mesmo para com os negros; verificar a acção das diversas tribus africanas, suas modificações no meio americano, suas linguas, sua aptidão intellectual, etc.

Qual a contribuição dos negros da costa oriental e qual a dos negros das costas do occidente? Dos negros do grupo *bantú*, do grupo *felupo*, do grupo *mandé*, etc.? Dever-se-hia responder.

Identico processo para os indigenas. Quaes as raças prehistoricas e os seus representantes actuaes? E quaes os povos invasores em suas diversas raças e a contribuição de cada uma d'ellas?

Feito isto, estariamos muito longe de ter esgotado o assumpto. Restaria ainda e sempre investigar o que devemos aos hollandezes, que senhorearam durante annos quasi todo o norte do Brasil. A estada dos francezes no Maranhão não deixou alli vestigios de qualquer ordem, não modificou de qualquer fórma as populações d'aquella provincia?

Quanto a francezes, que lhes devemos pela acção intellectual de seus livros, de sua litteratura que imitamos, de seus costumes, de suas modas que macaqueamos?

A vizinhança dos hespanhóes nas provincias das fronteiras não actúa em qualquer gráo sobre os povos proximos?

Quanto a hespanhoes, a imitação de sua poesia pelos auctores nacionaes no seculo XVII nada influiu? E o tempo que pertencemos á Hespanha nada produziu?

As colonias allemães do Rio Grande, de Santa Catharina,

Paraná e S. Paulo não exercem acção alguma? E o contingente italiano que tende a crescer?

E' mister determinar tudo isto, e ainda assim não ficarão exhauridos os nossos problemas ethnographico-historicos.

Faltaria, por outro lado, determinar a indole, o caracter, o impulso das populações mestiçadas, ponto capital da nossa vida de nação.

Todas estas questões constituem um trabalho colossal, que só poderá ser feito aos fragmentos e no decurso de varias gerações.

E' o grande estudo da demographia apenas iniciado no Brasil.

Mello Moraes Filho, poeta cultor do nacionalismo patrio, tem-se dedicado a alguns d'estes assumptos.

Tomou para objecto de suas pesquizas a raça mais ou menos nomada dos *ciganos*, que são mais abundantes no Brasil do que geralmente se pensa.

Por pouco que tenham os *ciganos* contribuido para o conjuncto da intuição intellectual das classes mais baixas de nosso povo, ainda assim apresenta um certo interesse o estudo d'essa raça, que constitue no velho mundo um dos problemas mais intrincados da ethnographia.

Especialmente na Hespanha e nos paizes slavos os *tziganos* existiram desde os mais antigos tempos em numero consideravel. Mais ou menos mesclados, ou mais ou menos puros, no exercicio de certas industrias, na originalidade de seu viver, na singularidade de sua musica, de suas danças, de sua poesia, elles não deixaram de influir sobre o espirito popular dos slavos e hespanhóes, para não falar de outras nações.

Têm sido o objecto de uma litteratura inteira ; sua lingua, seus costumes, crenças, festas, danças, musica hão sido o assumpto de muitas publicações interessantes. O ponto mais obscuro é o de sua origem e filiação ethnographica, de suas migrações primitivas.

O Cancioneiro dos Ciganos é uma porção de quadrinhas divididas em tres series — *Lyricas*, *elegiacas*, *funerarias*. E' bem verdade que o collector é amigo de alguns ciganos exis-

tentes n'esta cidade e por intermedio d'elles poude relacionar-se com os restos da população d'esta raça residentes aqui no Rio.

O livro offerece, pois, as garantias de uma pesquiza directa e pessoal. As quadrinhas reproduzidas foram ouvidas e colligidas pela proprio auctor. Aquillo tudo é sincero e de primeira mão. E, todavia, tenho duas objecções a oppôr.

A pequena população cigana aqui da *cidade nova*, já mestiçada, sedentaria, desviada de seus habitos primitivos, será um exemplar ethnologico digno de confiança?

As quadrinhas que repete, feitas em lingua portugueza, serão todas produzidas por ciganos? Não serão muitas aprendidas das populações que os cercam? Limito-me a perguntar.

O livro *Os Ciganos no Brasil* constitue a parte critica da obra do auctor por este lado. Acha-se dividido em quatro partes : — *Actualidade e tradições*, *Trovas ciganas*, *Novo cancioneiro*, *Vocabulario*. A primeira e a ultima são as mais apreciaveis.

O alvo do auctor n'estes estudos foi provar que no corpo da poesia, contos, lendas e tradições populares do Brasil não devemos contar, como eu proprio havia feito, sómente com portuguezes, africanos, indios e mesticos d'estas tres raças. Devemos contar tambem com um factor geralmente esquecido, o cigano.

Elle tem razão ; creio, porém, que exaggerou bastante as cousas em certos pontos.

Pode-se bem apreciar no capitulo consagrado ao estudo das superstições. O auctor dá ahi uma importancia por demais saliente ao contigente *calon*.

Convem ouvil-o :

« Entre as raças existentes no Brasil e as colonisadoras as relações religiosas são tão disparatadas como a aproximação dos dous typos zoologicos, completamente extremes — o branco e o negro.

O caboclo bravo, sem a menor idéa de Deus, como attestam os chronistas ; o negro idolatra no periodo mais atrazado da escala dos cultos, protestam contra um ideal definido no regimen espiritual. Os deuses tupy-guaranys, comprehendendo mythos homeo-

morphos e anthropomorphos nem mesmo pertenciam aos nossos indios, segundo investigações de recentes americanistas, mas eram acommodações; as tribus africanas, que para aqui vieram, não iam mais longe nas suas adorações, do que á transmissão que faziam das faculdades rudimentares do seu cerebro pouco denso aos *manipanços*, elevados á categoria de divindades nos candomblés convulsionarios.

Para os negros nunca foram as conjurações as fórmulas do commercio com os fetiches.

Nos *serviços* que conhecemos, ás uncções narcoticas, ás macerações, ás excitações das dansas, ao *pango* e ás beberaragens tetanisantes, attribuimos as acções pretendidamente magicas.

O indio e o negro, no nosso modo de entender, contribuiram apenas para a nossa mythologia popular, o que se verifica com a crença da *Caipora*, das *Uydras*, do *Sacy-serêrê* e dos *Dongás*.

Emquanto a supertições propriamente ditas, augurios, encantamentos e rezas, a collaboração portugueza é evidente, apezar de pouco avultada.

Um factor, porém, com o qual nunca contamos — o cigano — parace-nos ahi representar o principal papel, mais de accôrdo com a indole e tradições da raça, com seu caracter mysterioso e remoto.

O portuguez, como espirito mais pratico, mais preoccupado, por conseguinte menos impressionavel, aceitava o milagre como uma imposição, sem indagar, sem mutilal-o para crear outros deuses.

Na sua fatuidade genealogica, estava engrandecer o culto externo, humanisando a divindade. Dahi o alistamento dos santos no exercito com soldo e patente; a Virgem servindo de madrinha ás crianças; os santos padroeiros de cidades, protectores de namoros e casamentos; a intervenção directa das entidades celestes na vida publica e privada.

Remontando-nos á linguagem dos oraculos, aos exorcismos, a concepções claramente supersticiosas, não deve ser muito o que de Portugal recebemos, explicando-se o facto pelo seu genio nacional.

Navegadores audazes, entregues ás conquistas de terras para o rei, os portuguezes constituiam uma nação maritima. E o terror e o medo, que geram o maravilhoso, seriam para elles elementos perturbadores, incompativeis com o successo de suas temerarias emprezas.

Os homens do mar não sonham ou sonham pouco; a tempestade os desafia, a fadiga os prostra, o oceano canta-lhes ao ouvido uma canção monotona que os adormece.

Sem a floresta, onde em cada arvore se enrosca um fantasma, em

cada montanha se asyla um monstro; sem os sonhos que dão corpo e movimento ás creações bizarras, as superstições são pouco provaveis ou quasi inpossiveis.

O que adiantamos não é negar em absoluto o quinhão que da metropole nos coube de crendices populares; mas é, fazendo o inventario da herança psychica das raças colonisadoras, marcar ao cigano o logar que lhe é indisputavel na formação desse genero de poesia, que tem doutrinado as nossas classes baixas.

Antes de tudo, devemos lembrar-nos que não ha uma abusão, um encatamento, uma oração, que não seja um echo partido das nossas mattas virgens... E as *partidas* ciganas errantes, pelos sertões, ahi vivem ha seculos; e o nacionalismo brasileiro, refractario ás grandes cidades, dellas repercute como uma correnteza á distancia.

Estudando a psychologia dos grupos coloniaes, embora se reconheça a actual mestiçagem do pensamento supersticioso, não é de boa critica attribuir sómente ao portuguez e ao negro o que, pelos habitos e tendencias naturaes, mais pertence ao cigano, natureza credula, fantasiosa, visionaria.

O fetichismo das nações da Africa occidental é o lado bruto do naturalismo; e os contos das fadas, a reza de Santa Helena, legendas cavalheirescas e asceticas da idade média.

Ao portuguez devemos o *Lobis-homen*, a *Mula-sem-cabeça*, o *Pesadello* e algumas rezas, não persistindo o mais. Assim, o systema de *enguiços*, a lenda de *D. Branca*, prognosticos por meio de espelhos, dados, amoras...

Póde-se observar o que é commum nas crenças dos *calons*, reminiscencias do fetichismo dos africanos, o que comprova as influencias pre-historicas da mythologia destes na doutrina sacerdotal daquélles.

Em todo o caso, o que cumpre estabelecer é que na creação informe de nossa theogonia nacional destacam-se quatro individualidades : — o caboclo, o portuguez e o negro, dominando no degrão mais elevado a cigana que lê a sina, que possue um ritual completo de oraculos, de pragas e de exorcismos » (1).

Depois d'estas theses, passa Mello Moraes a citar uma boa porção de superstições que suppõe produzidas pelos ciganos.

Não sei, nem é possivel saber, se elle tem razão n'este ponto ; porquanto eu faço esta observação : as referidas superstições nos vieram de Portugal, d'onde tambem vieram

1) *Os Ciganos no Brasil*, pag. 52 e seguintes.

os ciganos, de forma que a questão reduz-se a estes termos : as superstições, pragas, orações e parlendas, vindas da metropole, foram alli uma obra dos ciganos ?

Tal pergunta não poderá ter jámais uma resposta scientifica; porque presuppõe uma questão ainda mais geral, que é esta : a que povo ou a que raça se deve attribuir a origem das superstições, ainda hoje existentes no meio das populações da Europa ? E' de boa critica attribuil-as a uma raça primitiva especial ? Não serão antes uma collaboração de muitos e variados factores ? Mello Moraes levantou, pois, no Brasil uma questão insoluvel.

Tudo que em nosso paiz se refere a negros só poderá ser proficuamente estudado n'Africa; tudo que se reporta a portuguezes só pode ser bem pesquizado em Portugal.

Ora, os ciganos, que se transportaram para o Brasil, eram portuguezes, o que importa dizer que já vinham desfigurados, complicados ethnographicamente, cheios de ideias e sentimentos extranhos.

A despeito d'estas reducções que faço, a contribuição ethnographica — *Os Ciganos no Brasil* — é livro que merece ser lido ; porque encerra boas paginas e interessantes informações. Como exemplificação do estylo do escriptor transcrevo aqui um trecho do capitulo que trata da familia cigana e do ceremonial dos casamentos n'ella.

E' assim :

« O lar cigano teve os seus estylos particulares, coloridos dos reflexos dos dias antigos.

As leis de evolução, que annullaram os factos isolados, encontram esses pariás na eminencia de uma civilisação no apogeu, de onde, impellidos por forças inconscientes, desceram como homens e ainda rodeam como phantasmas.

Em sua vida, fertil de riscos e aventuras, no templo ou na praça, na cidade ou nos desertos, o habito das outras sociedades jámais marcou-lhes as tradições e os preceitos de uma moral sem quebra.

Surgindo dos nevoeiros pre-historicos ou não, o certo é que elles altearam-se á perfectibilidade sociologica, no tocante á instituição da familia.

Pelo viço de suas legendas, pelo symbolismo das suas manifes-

tações sensiveis, pela inviolabilidade de seu regimen privativo, póde excluir-se de seus costumes a polygamia, a promiscuidade, o incesto, etc., sendo unicamente adoptada entre elles a monogamia como união sexual, estado que assignala o supremo desenvolvimento das collectividades humanas.

Como conjuncto ethnico, o casamento dos ciganos da Cidade Nova abrangia toda uma série de particularidades typicas da raça, dissemelhantes a mais não serem das que se notam nas outras, que mais têm influido no nosso meio.

A intervenção paterna como medianeira dos contractos, os usos excentricos entre os noivos e parentes, a lealdade de revelação que infamava, a prova sacramental do *Gade*, que assentava sobre a virgindade as bases da familia nascente, — imprimiam nesses pactos uma caracteristica sem analogias nas nossas camadas populares.

Na sua convivencia, o escrupulo de *corpo estranho* determina allianças entre parentes proximos e — cousa extraordinaria ! — a infecundidade não os fere, observando nós por excepção, entre essa gente, casos pathologicos, o que tambem se póde explicar pela embriaguez no acto da copula, as privações, as tristezas prolongadas, a miseria, etc...

Em nossas visitas medicas á casa de muitos delles, o que nos fez especie foi a quantidade de surdos-mudos que existe na casta. Attestamos ter prestado os nossos serviços profissionaes a familias, nas quaes dous ou mais de seus membros soffrem deste mal.

Do concurso dos sexos não só transmittem aos descendentes heranças physiologicas e pathologicas, caracteres reductiveis e irreductiveis, como tambem a individualidade moral, que varia como aspecto, mas que não se evapora como essencia.

Referindo-nos aos casamentos, os ciganos do Rio de Janeiro, até 1850, não tinham passado da phase primitiva, assim como ainda hoje as *partidas* de Minas, Bahia e Maranhão, no dizer insuspeito do Sr. Pinto Noites, o mais alto representante dos instinctos nomadas de seu povo.

Delle, que arma a sua barraca ao vento lugubre das nossas florestas e das velhas *runins* com quem privamos, passemos ás informações, que são tanto mais exactas, quanto são elles personagens authenticos.

Em geral o amor não tomava parte nesses actos. Não era necessario, para que as allianças se realisassem, sympathia commum, estremecimento, affecto...

Dahi insuccessos frequentes, que se manifestavam pelo enfado e desprazer de uma vida inteira, da mulher ou do homem, constran-

gidos pelo dever a risos fingidos, e a sorverem resignados a ultima gotta de amargura que lhes envenenava os dias.

Essas nupcias realisavam-se fatalmente, como por desfastio dos pais, que se lembravam de que um filho estava em idade de tomar estado, não assistindo aos da noiva o direito de recusa.

Entre *calons* o dominio da igualdade é absoluto. Negar uma moça pedida a casamento, implica estabelecer uma lucta de preconceitos, em que o provocador terá de ser vencido pelas acusações, expondo a murmurios malevolos e á calumnia uma reputação ás vezes immaculada.

Conhecido o dilemma, o *sim* constituia a regra, a menos que a rapariga não houvesse tropeçado na deshonra.

Os tramites a seguir eram vulgares e as scenas desdobravam-se naturalmente.

Assim, quando um *bato* (pai) tinha um filho, maior de 17 annos, official de justicia ou com um emprego qualquer, dirigia-se com elle á casa de um outro *bato* que tivesse uma filha nubil.

A' distancia, percebidas as intenções, aquelle os recebia favoravelmente, com agrados declamatorios, modos expansivos, ditos chistosos...

Os dous conferenciavam em segredo, por algum tempo.

O rapaz, desconfiado e timido, de pé e afastado escorando uma portada, alongava o olhar de soslaio, estirava o pescoço, suspendia a respiração, apanhando no ar palavras desconnexas.

Se a filha não estava pura, o pai, que por instantes acariciara uma illusão, cobria o rosto de vergonha, lamentava-se e, soluçando, desvendava o mysterio da dor que o pungia.

E esta lealdade não o aviltava diante dos seus, mais tarde sabedores do occorrido, nem no animo do progenitor do malogrado noivo, que o aconselhava de casal-a com um *quiërdapanin*, alvitre aceito sem exame e posto em prãtica de seguida.

O consorsio com estrangeiro importava exclusão ignominiosa da tribu e pela tribu.

O contrario, porém, dava-se quando a mãi de amanhã fosse a virgem de hoje.

O avelhantado *bato*, radiante de jubilo e felicidade, vendo afundar-se no tumulo, mas resurgir no futuro, chamava a filha e, tremulo de contentamento, arrebatado de enthusiasmo, entregava ao homem de sua casta um thesouro de virtudes para riqueza de sua prole.

Então o pai do pretendente dirigia-se a este :

— Aproxima-te; chega-te, meu filho. Olha que teu tio aceita a tua mão e se compraz de que faças parte de sua familia.

O filho, obedecendo :

— Agradeço, meu tio, a honra que me dá, certo de que, emquanto eu tiver um *prato de feijão e uma pitanga*, saberei repartir com sua filha e minha futura consorte.

Nesta occasião apparecia a sogra, com a chusma de filhos, parentes e escravos, endireitando o chale vermelho, pulando de satisfeita, rindo e gritando.

O primo, pai do noivo, enfiava as mãos nas algibeiras do colete, empertigava-se, e depois, com o abraço aberto, corria para ella, tocando-se protestos cordiaes e amistosos.

O noivo beijava-lhe respeitosamente a dextra, tomava a benção ao sogro, inclinava-se diante de sua noiva e um pequeno dialogo se entabolava :

— Só lhe posso garantir, meu primo, que sua filha nunca se arrependerá. Meu filho — não é porque o seja — é muito ganhador da vida : tem quéda para as barganhas, não tem vicios, é humilde e emfim — é bom á boca cheia! Quanto ao ser pobre, todos o são.

— Sim, meu primo, eu sei o quanto elle é bom, e foram sempre esses os meus desejos; o que se quer é fortuna.

— E' verdade, interrompe a reflectida sogra, a sorte é que é tudo.

— Dizes bem, minha filha, accrescenta a avó, é só della que carecemos.

— Quanto á menina, prosegue o pai orgulhoso — é o que se vê : muito *laxinzinha;* é mesmo uma alma de Deus. Dê-lhe seu filho um vestidinho de chita, uns tamancos e banha para os cabellos, quando ella precisar, e é bastante para sermos todos felizes.

— Isso, responde o pai do noivo, terá ella, graças a Deus, porque o menino tem *baque* para o dinheiro e não é *cocanão.*

Terminados os incidentes da negociação, a que os ciganos chamam *dar a barroada*, começavam logo a entrar os tios, compadres, primos e mais parentela, que vinham dar os parabens.

A casa era lavada de ponta a ponta, o soalho coberto de areia, e enfeitavam a talha de ramagens floridas.

Duas ou tres violas, encordoadas de novo, deviam ficar á espera dos tocadores dos *brodios*, que principiavam na noite immediata á do pedido e se prolongavam até á do noivado.

Em todas as direcções partiam emissarios, portadores de participações e convites.

Esta formalidade era de rigor, não se excluindo mesmo os ini-

migos; porquanto, o casamento e a morte são para os *calons* os acontecimentos mais solemnes da vida.

Na manhã seguinte, ao levantar do sol, o noivo, pressuroso, mimoseava a noiva comum enorme ramalhete de cravos brancos e encarnados, e consecutivamente com outras dadivas esponsaes, bem como sabonetes finos, vidros de cheiros, peças de fita côr de rosa, amarella, escarlate, córtes de vestido encarnado, côr de cravo, amarello e azul, lenços bordados de varios matizes, tudo isto acompenhando de jasmins do Cabo, alecrim, cranivas, etc.

Diariamente, para quantos chevagam, estendiam-se esteiras repletas de iguarias exquisitas, ensopados, abundancia de assados e grandes lombos de carne de porco, vianda sobremodo estimada pelos ciganos.

Erguiam-se brindes, rasgavam-se comprimentos, bebia-se com enthusiasmo á saude do ditoso par.

Ao anoitecer, dansas, os *chorados* na viola, os descantes especiaes e os *brodios*...

No dia do noivado, que cahia sempre n'um sabbado, enfeitavam a casa com apparato e gosto. Na porta fincavam bellos troncos de mangueira e a atmosphera que se respirava lá dentro trescalava de odores indistinctos, pela mistura das essencias acres com o fumo do benjoim e alfazema que ardiam.

A's tres para as quatro horas da tarde a habitação fervia de gente, os vizinhos abelhudos estavam attentos e os transeuntes paravam na rua.

No meio da lufa-lufa, as matronas que acompanhavam os noivos, os padrinhos, a familia, encaminhavam-se á freguezia.

Para os actos a que nos referimos, havia quatro madrinhas : duas iam á igreja e duas ficavam.

Recebidos em matrimonio, de volta do templo, atacavam-se girandolas, e, apenas os esposos transpunham o lar, cascatas de flôres cahiam-lhes em ondas sobre a fronte, irisadas e odoriferas.

Os menestreis preludiavam nas violas as suas toadas, os cantadores improvisavam os seus epithalamios inspirados e os convidados, de tochas accesas, formavam alas por onde passavam os recem-casados.

A' meia noite retiravam-se todos para um lado da sala, adiantando-se os noivos e as duas madrinhas.

As violas e as canções vibravam mais fortes.

Sobre um movel, cinco lençóes, alvos como uma hostia, aromátisados com alfazema e salpicados de flores, achavam-se superpostos.

Quatro tochas accesas, encostadas a uma meza, derramavam sobre o linho uma luz de ambar e ouro. As janellas fechavam-se, a inquietação transparecia em todos os semblantes : o rito sagrado do *Gade* ia cumprir-se.

E os padrinhos, que tambem eram quatro, desdobravam os lençóes, os suspendiam acima da cabeça, juntando as extremidades, passando um ao outro os cirios que sustinham, alongando o braço opposto e formavam o quarto onde a sacrificio incruento deveria celebrar-se.

Então nelle entravam os desposados e as duas secerdotizas.

Os instrumentos tangiam mais vigorosos, como que para suffocar algum gemido de dor...

Umas das matronas despia a noiva, deitava-a sobre um leito, introduzia-lhe o dedo indicador no vestibulo da vagina, despedaçava a membrana hymen, enxugando na *camisa de cambraia* as gottas de sangue da virgindade.

Vestida novamente, a um signal ajustado, os padrinhos largavam os lenções e o marido mostrava no *Gade* as *rozas da pureza* aos alaridos do festim.

Depois da musica, dos cantos, das palmas e das flores, o noivo recitava um discurso.

Bravos, trovas, felicitações...

O *Gade*, solemnemente acondicionado n'uma caixinda de preço, embebido de aromas suaves, coberto de folhas de alecrim, ficava pertencendo ao esposo, que o guardava para sempre como penhor de sua alliança.

E o *brodio* recomeçava... » (1)

Ainda no terreno da ethnographia falta dar uma rapidissima ideia do livro — *Festas e Tradições Populares do Brasil*, superior ao que se intitula *Quadros e Chronicas.*

São estas as principaes festas descriptas : *A noite de Natal*, *A vespera de Reis*, *São Sebastião*, *O entrudo*, *O carnaval*, *Quinta-Feira santa*, *Sexta-feira da Paixão*, *A festa do Divino*, *A procissão de S. Jorge*, *A vespera de S. João*, *O dous de julho*, *O sete de setembro*, *O dia de finados.*

Por este quadro bem claro se vê que d'estas festas apenas em cinco *(Natal*, *Reis*, *São João*, *Espirito-Santo* e *Entrudo)* ha folganças de cunho verdadeiramente popular.

(1) *Os Ciganos no Brasil*, pag. 71 e seguintes.

As outras são festas de Igreja e festas patrioticas, queridas do povo é certo; mas onde elle é simples espectador.

Mello Moraes tem em alta escala o sentimento nacional; porém nunca sahiu da cidade da Bahia, onde passou a infancia, e da cidade do Rio de Janeiro, onde reside hoje, dois centros quasi inteiramente improprios para o estudo de tudo quanto se refere ao nosso povo.

Este só pode ser com proveito inquirido e investigado nas villas e aldeias do interior, nas fazendas, nos engenhos, nos *sitios* agricolas, nos sertões, nas praias de pescadores, etc. Mello Moraes tem andado fóra de taes recursos e meios de analyse.

Tudo quanto é possivel colher aqui no Rio entre as classes proletarias, ciganos, negros, velhas pedintes... elle tem procurado enthesourar. Isto não basta. Elle não viu nunca o povo no seu trabalho, nem no seu folgar no interior do Brasil.

Nunca viu um *potirão* para fiagem de algodão, uma *botada* de engenho, umas *partilhas* de rezes em fazendas de criar, um *campear* de vaqueiros, uma *derrubada* de mattas, uma *emenda* de pescaria, uma viagem em *canôas* ao longo de extensos rios, um *safrear* de farinha ou de assucar, um *plantio* e *colhêta* de legumes, emfim um qualquer d'esses muitos afazeres do nosso povo em seus trabalhos, em suas industrias locaes.

Tambem não viu ainda o povo divertir-se; não viu um *samba* com as suas mil cantigas e suas vinte danças diversas, uma festa de casamento na roça, um bando de *Congos* em dia de Reis, um bando de *Tayêras* em dia de Natal e Anno-Bom, um *Bumba-meu-boi* feito em regra, uma festança de *Mouros*, de *Marujos*, um auto do *Cavallo-marinho*, do *Zé-do-Valle*, do *Antonio Geraldo*, do *Cégo*, da *Cabrinha*, etc., etc., ainda hoje representados no norte, e em menor escala no sul do Brasil (1).

E' pena que o poeta e imaginoso escriptor, com a perspicacia de observação de que é dotado, não haja tido amplos

(1) Em 1878 em Paraty, na provincia ds Rio de Janeiro, e em principios de 1888, na fazenda da *Aratingaúba* (municipio da Laguna), na provincia de Santa Catharina, vi algumas d'estas folganças populares.

ensejos de estudar o povo, onde elle se apresenta estreme, puro, original, não mesclado ás classes alheiatorias da Capital Federal.

Dispondo apenas dos recursos que pode aqui encontrar, é admiravel que haja conseguido tantas informações, como aquellas que se nos deparam nas *Festas Populares* e nos *Ciganos no Brasil.*

O auctor tem recorrido a velhos do norte, residentes n'esta cidade, e por via tradicional construiu alguns artigos de seu livro das festas. Por esta fórma descreveu muito bem, por exemplo, o brinquedo dos *Congos*, tambem chamados — *Cucumbys.*

Pelo que tenho dito até aqui d'este escriptor, deixa-se ver bem clara a direcção geral de seu espirito litterario. Emquanto os actuaes auctores patrios quasi todos se atiram esfaimados a busca de um ideial, ou de uma norma no estrangeiro, Mello Moraes entesou seu arco e arrojou a setta n'uma só direcção, e esta direcção é o corpo d'este paiz, a alma d'este povo, o coração d'esta patria. Amar, estudar, descrever esta terra é o seu ideial de artista. E n'este afan, n'este luctar pelo brasileirismo, o passado, as tradições, o viver extincto das gerações que foram, prendem-se-lhe mais ao coração do que o espectaculo da vida presente. E' facil ainda mais aprecial-o, estudando o poeta.

Por esta face analysado, o auctor dos *Cantos do Equador* e dos *Mythos e Poemas* é de ordinario collocado no grupo dos condoreiristas, como sectario de Castro Alves. Isto não é exacto, ou só é admissivel em diminuta parte.

Quando em 1867 os dois poetas se encontraram na Bahia, já Mello possuia fundamentalmente o systema poetico que até hoje tem conservado.

Este systema encerra dois elementos principaes : certa disposição phantasista dos quadros e scenas, determinado aferro a assumptos nacionaes. Aquelle foi aprendido dos romanticos em geral, especialmente Quinet, e este em particular de Bittencourt Sampaio.

Segundo confissões do proprio poeta, taes foram os auctores que mais influiram na sua technica artistica.

A acção de Castro Alves, se existiu, é quasi inapreciavel. Admittida, confessada aquella outra influencia estranha, na obra poetica de Mello Moraes, ainda lhe ficam elementos proprios, de caracter autonomico e original.

Tem mais força do que Bittencourt Sampaio e mais simplicidade e intuição brasileira do que Castro Alves.

A tendencia para os assumptos nacionaes, a disposição do espirito para reflectir os sentimentos, os affectos, as effusões d'alma nacional, era no poeta uma predisposição nativa.

Foi talvez reforçada com a leitura das *Flores Sylvestres* do lyrista sergipano ; mas o que acabou por aferral-o completa e definitivamente ao nacionalismo patrio foi a leitura dos *Estudos sobre a Poesia e os Contos Populares do Brasil* do auctor d'este livro, publicados na *Revista Brasileira* no correr da anno de 1879.

Estes impulsos externos não crêaram no espirito do poeta, repito, inclinações e attitudes novas ; reforçaram apenas tendencias originaes e instinctivas.

De 1880 em diante a producção litteraria de Mello Moraes triplicou e tudo trouxe a côr de suas affeições intimas, que era a côr do céu de sua terra.

Seus dois livros de poesias são os *Cantos do Equador* de 1881 e os *Mythos e Poemas* de 1884 (1).

A critica de taes livros já está implicitamente feita, no que até aqui tenho dito do auctor ; mas é preciso insistir, porque a cousa vale bem a pena.

O talento principal de Mello Moraes é o talento de poeta ; a nota fundamental de sua arte é o lyrismo nacionalista. Dizer isto é dizer muito ; mas este muito é ainda bem pouco para definir a indole d'essa poesia.

Ser *nacionalista* é cousa que se tem dito de muito poeta e litterato, e muitas vezes sem razão. N'este auctor o nacionalismo exhibe qualidades especiaes.

Primeiramente, elle é um nativista n'uma época em que esta qualidade, para muitos, parece ser um crime, n'uma

(1) Ultimamente, a casa Garnier tirou uma edição definitiva sob o titulo unico de *Cantos do Equador*.

época de alheiação quasi completa do caracter nacional, prostituido, aviltado por um sem numero de imitações e de bajulações a estrangeiros. Litteratos e politicos têm perdido a cabeça atraz do sonho pernicioso do estrangeirismo.

A mania do povoamento a todo trance nos politicos, a molestia de plagiar nos litteratos têm abastardado completamente certa parte de nossos homens publicos n'uma e n'outra esphera. Felizmente ha hoje, como sempre, o grupo dos que protestam e o poeta é d'este numero.

Outra qualidade, e essa fundamental do nacionalismo do auctor, é ser elle consciente, assegurado por um plano regularmente organisado e seguido á risca.

D'antes os nossos nacionalistas eram duplamente lacunosos : não abrangiam todos os factores da alma brasileira, e, d'aquelles de que tratavam, não passavam das manifestações exteriores.

Em Mello Moraes a critica intelligente vae mostrar que elle escapou a esse duplo motivo de inferioridade.

Antes de tudo, ella notará a existencia completa do quadro dos agentes que constituiram, differenciaram, integraram o nosso povo.

Natureza exterior, indios, negros, portuguezes e mestiços lá estão. Depois notará que dos indios, por exemplo, não se poz a descrever usanças meramente secundarias. Reproduziu suas lendas, penetrando-lhes assim na psychologia ; quanto aos negros, não declamou sobre o facto da escravidão ; observou a vida do captivo e reproduziu-lhe as peripecias principaes.

Entre as poesias que dão conta de scênas de nossa natureza tropical destacam-se : — *Ponte de lianas*, *A sucuriuba*, *Tarde tropical*, *Floresta submergida*, *Noites do equador*, *Tempestade dos tropicos*.

Dentre as que se referem a assumptos indianos avultam : — *O sangue do jaguar*, *No ceu e na terra*, *A lenda do algodão*, *A tapéra da lua*, *A lenda das pedras verdes*, *A lenda da abobora*.

Nas que têm por assumpto o negro escravo destinguem-se : — *A rêde*, *A novena*, *A ama de leite*, *Partida de escravos*,

Verba testamentaria, *O legado da morta*, *Mâi de criação*, *A feiticeira*, *Ingenuos*, *Escravo fugido*, *A reza*, *Cantiga no eito.*

Os assumptos portuguezes apparecem em *Alma penada*, *Saudação dos mortos*, *Os Immortaes.* Estes ultimos são dedicados ao centenario de Camões...

Os assumptos de intuição brasiliana particular, intuição mestiça, são os mais abundantes. E' bastante referir — *A mulata*, *A tabarôa*, *A caipora*, *No pouso*, *O palacio da mãi d'agua*, *Bem-te-vi*, *Trovador do sertão*, *A sereia do Jaburú*, *A luz dos afogados*, *A endemoninhada*, *A romaria do Bom-Despacho*, *A vespera de Reis.*

Todos estes assumptos foram tratados com graciosidades e mimos de lyrista.

E' já tempo de cital-o sob as suas differentes faces. E' bom vir de mais longe, a natureza; eis a *Tarde Tropical* :

« E' a hora do dia em que das mattas
Desce a sombra da basta gamelleira,
E, saltando das lapas, as cascatas
Espadanam das aguas a poeira...
Em que a onça, lambendo as ruivas patas,
Rente o peito com o chão da cordilheira,
Encurva o dorso e cerra, ao abandono,
Os olhos d'ouro, de fadiga e somno...

Em que o indio perdido na savana
Conta a Tupan seus barbaros segredos...
E a tarde, bella moça americana,
Côa a luz do crepusculo em bronzeos dedos !
Em que as flores vermelhas da liana,
Da ponte de cipós dos arvoredos,
Cahindo ao sopro da macia aragem
S'estendem sob as redes do selvagem !...

Hora de amor, de prece, hora de encanto !
Tu murmuras nos rios transparentes ;
E tens por voz da guaraponga o canto
E o ronco das giboias nas vertentes !
Quando tinges no occaso o claro manto
E além descambas d'esses céus ardentes,

Mão de mysterio, por velar-te a urna,
Ergue no espaço a lampada nocturna!

E' já quasi ao sol posto, quando a terra
Trescala de selvatica harmonia...
Que á cascavel que dorme pela serra
Espanta o silvo da cauan bravia!
E se ruge o jaguár que o fogo aterra,
Aceso á porta da cabana esguia,
Retumbam echos nos rechedos fundos,
— Titans rolando do Equador nos mundos!...

Os cactus em flôr pela clareira
S'illuminam de insectos scintillantes;
E a velha da tribu, a feiticeira,
Evoca os genios da floresta errantes,
E se os lumes sinistros da fogueira
Aos sortilegios lustram mais fumantes,
As corujas nos ares ululando
A' face do crescente vão voando!

Hora de amor, de adoração, de crença,
Ave-Maria! — Estrella dos palmares!
Tu mitigas do escravo a dôr intensa,
A' santa uncção dos mysticos cantares!
Quando baixas do céu, a selva immensa
Manda esperar-te os largos nenuphares...
E o oceano, na vaga que fluctua,
Reflecte de teus pés a meia lua!

Nos braços do lethargo, á frouxa luz
Do sol que morre, — dorme a natureza!
E as rolas pelas moitas dos bambús
Arrulam doces cantos de tristeza!
E o caboclo que leva os filhos nús,
Do Amazonas á rija correnteza,
Penetrando a floresta, em mudo assombro,
A um tem pela mão, — traz outro ao hombro!...

Tardes de minha terra! ó prado! ó flôres!
Bosques cheios de sombra e de harmonias!
Valles e serras, magicos vapores,
Ninho das garças nas lagôas frias!

Vós recordais-me a trilha dos amores,
O colmo das deixadas phantasias,
Por onde essa illusão que a alma nos cança
Pendura as rêdes d'ouro da esperança!

Adeus, ó tarde, adeus! que os horizontes
Cobrem do dia morto o corpo algente...
Turva neblina róla pelos montes,
— Cinzas das azas d'esse sol poente!
Ave-Maria! ao céu quando remontes,
Da natureza eterna ao hymno ardente,
Que a ti subam d'est'harpa os sons finaes
Aos enlevos das tardes tropicaes! » (1)

Depois da natureza vem o selvagem e é bom que se ouça a *Lenda da Abobora :*

« De assalto as sombras, quaes piratas negros,
Tomam as matas asperas, bravias...
O jaguar como um arco empola o dorso,
Se estirando das patas luzidias.

Luzes de estrellas, de macias flammas,
Silenciosas brilham pallecentes ;
Gemem ventos vezanos que aos tapuyos
São oraculos dos magicos parentes...

Aos fogos canibaes de cem fogueiras
Pendem ramas de trevas cavalgadas ;
E os caboclos soturnos, nos espetos
Viram do morto as regiões tostadas.

Um rugido no ar... Jacaré torvo
Da onça o flanco fulvo chicotêa!...
Partio-lhe a cauda a féra... elle sumio-se,
Deixando um rastro de sangrenta arêa.

Aos bailos do terreiro, as feiticeiras
Se encolhem tremulas, atiçando as brazas ;
E grita a *alma perdida* e as aves tontas...
Abrem no espaço rubro as curvas azas.

(1) *Cantos do Equadar*, pag. 28, edição de 1881.

Em alarido enorme as tribus pavidas
Enchem de espanto as naturaes paragens ;
Mutilações de dó... soluços... prantos...
Nos corpos nús funereas tatuagens !

De Yáia o chefe poderoso, a rêde
Na cabana lá está — selvagem horto !
As carpideiras lanham-se, e agachado
Contempla o chefe Yáia o filho morto.

Não quer vasos de terra ! — as igaçabas
São a seus olhos miseros sarcophagos ;
E rincha o *marabá*, e os ritos cumprem-se
A's dansas funeraes dos anthropophagos.

Guarnecendo a maloca, em altos postes
As cabeças das victimas fincadas ;
Os pregoeiros sopram nas buzinas
P'ra traz vergando as frontes gateadas.

De quando em quando, em contracções atleticas,
Um braço armado gira subitaneo ;
O captivo resiste, e ao resistil-o
A massa tomba e se estilhaça um craneo !...

Em confusa algazarra os povos incolas
Na cordilheira buscam tredo acoite ;
E em torno do defunto os fachos ardem
De genios máos esvasiando a noite.

N'uma abobora desforme
Abriu-lhe o sepulchro Yáia :
Foi pertinho da cabana
Por baixo da sapucaia.

Sentou-o no seu jazigo,
Uniu-lhe ao peito os joelhos,
Com seus colares de dentes,
Seus diademas vermelhos.

Um bando de pombas bravas
Mortas ficaram-lhe aos pés,

A cauan que espanta as cobras,
Que lucta com as cascaveis.

De flecha e clava e membys
Cercou a mumia querida :
Para os combates da morte
Levava as armas da vida.

E de vêl-o triste, triste,
Chorando seu filho ahi,
A rola... as rolas gemiam
Nas palmas do licury.

Desce o chefe a montanha : a visital-o
Segue á luz da manhã que além domina ;
Aqui e alli, mil troncos suarentos
E o insecto que zumbe da matina !

Do rochedo aos degraos sobem vapores,
— Erma, vasta e fumante escadaria !...
E o abutre pellado a testa esconde
Debaixo d'aza voadora e fria !

Yáia proseguio... mas avistando
A abobora tumular d'esses caminhos,
Notou que enormes peixes se escapavam
Da planta cheia de algaçaes marinhos.

No terror que o agita, o caso infausto
Leva á óca dos seus, á tribu inteira !...
E as trompas soam nas quebradas longas,
Suppondo auguros a nação guerreira !

Quatro meninos gemeos que attentavam
O chefe — partem, sem demora, inquietos,
Famintos, nús, zebrados, offegantes,
A' grande pescaria em seus desertos.

Reunem-se os pagés, velhos, mulheres,
De labio roto e faces taciturnas ;
E emquanto uns trepam no arvoredo excelso,
Outros se escapam das baixinhas furnas.

Os caboclinhos viram
A abobora — e sem assombro
Ergueram-n'a contentes
Ao pequenino hombro ;

Porem do centro o liquido
Pingando cahe, gotteja,
E dos milhões de póros
Mareja, sim, mareja !

E n'isso assoma Yáia
Grave, sombrio, quedo ;
Elles disparam rapidos
Com indizivel medo,

No chão se abrira o fructo
Que inunda extremos lares...
D'est'agua — o mytho barbaro
Do Genesis dos mares ! » (1)

Depois dos indigenas, os escravos negros em seus soffrimentos.

São d'elles uma copia a *Mãe de criação ;* eil-a aqui :

« Era já velha a misera pretinha ;
Tão extremosa como as mães que o são :
Era escrava... porem que amor que tinha
A'quelle a quem foi mãe de criação !

Cuidava tanto delle... Quando o via
Dos estudos chegar, chegar-se a ella,
Parece que a ventura se embebia,
Como um raio de luz, nos seios della.

Seu filho lhe morrera em tenra infancia...
A sorte do captivo é a dos revezes ;
Ella o criára, e d'alma n'abundancia
O consagrára filho duas vezes.

Quizeram libertal-a ; a liberdade
Tomou como uma offensa e não cedeu ;

(1) *Mythos* e *Poemas*, pag. 33, edicão de 1884.

Depois... « Minha senhora, é caridade
Não me apartar do filho que me deu. »

Scismava alegre tanta scima vaga,
Pedia a Deus por elle tanto, tanto,
Que só de crêl-o auzente era aziaga
A hora que o furtava ao seu encanto...

Mas os tempos passaram ; tudo acaba ;
Nem no senho feliz o foi siquer !
Ha filhos-reptis que cospem baba,
Lethal veneno a um seio de mulher.

Elle o fizera. A'quella que os vagidos
De seu berço acudiu, ó mães bondosas,
Que velára, acalmando os seus gemidos
De criança, nas noites dolorosas,

Levou-lhe ao rosto a mão de matricida !...
A pobre velha lá mordêra o chão :
— « Com meu sangue de escrava dei-lhe a vida...
A seus pés, meu senhor... perdão ! perdão ! » (1)

Alem de todos esses, os mestiços occupam largo espaço nas obras do poeta. Não é preciso ouvir nada mais, alem d'*A Mulata* :

« Eu sou mulata vaidosa,
Linda, faceira, mimosa,
Quaes muitas brancas não são !
Tenho requebros mais bellos ,
Se a noite são meus cabellos,
O dia é meu coração.

Sob a camisa bordada,
Fina, tão alva, rendada,
Treme-me o seio moreno :
E' como o jambo cheiroso,
Que pende ao galho frondoso
Coberto pelo sereno !

(1) *Cantos do Équador*, pag. 125.

Nos bicos da chinellinha,
Quem vôa mais levesinha,
Mais levesinha do que eu ?...
Eu sou mulata tafula ;
No samba, rompendo a chula,
Jámais ninguem me venceu.

Ao afinar da viola,
Quando estalo a castanhola,
Ferve a dansa e o desafio ;
Peneiro n'um molle anceio,
Vou mansa n'um bambaleio,
Qual vai a garça no rio.

Aos moços todos esquiva,
Sendo de todos captiva,
Demoro os olhares meus ;
« Que tentação... que maldicta...
Bravo ! mulata bonita ! »
— Adeus, meu yôyô, adeus...

Minhas yáyás da janella
Me atiram cada olhadella...
Aí ! dá-se ? mortas assim !
E eu sigo mais orgulhosa,
Como se a cara raivosa
Não fosse feita p'ra mim.

Na fronte, ainda que baça,
Me assenta o troço de cassa
Melhor que c'rôa gentil ;
E eu posso dizer ufana
Que, qual mulata bahiana,
Outra não ha no Brasil.

Nos meus pulsos delicados
Trago coraes engrazados,
Contas d'ouro e coralinas ;
Prendo meu panno á cintura,
Que mais realça á brancura
Das saias de rendas finas.

Se tenho um desejo agora,
De meus affectos senhora,
Sei encontral-o no amor.
— Ai! muluta! ai! borboleta!
E' tua sina inquieta,
Tu pousas de flor em flor.

Meus brincos de pedraria
Tocam, fazendo harmonia
Com meu cordão reluzente;
Na correntinha de prata
Tem sempre e sempre a mulata
Figuinhas de boa gente.

Eu gosto bem d'esta vida,
Que assim se passa esquecida
De tudo que é triste e vão!
Um *dito* bem requebrado,
Um mimo, um riso, um agrado,
Captivam meu coração.

Nos presepes da Lapinha
Só a mulata é rainha,
Meiga a mostrar-se de novo;
De sua face ao encanto
Vai-se o fervor pelo santo,
Pr'a o santo não olha o povo !

Minha existencia é de flores,
De sonhos, de luz, de amores,
Alegre como um festim!
Escrava, na terra um dono,
Outro no céu sobre um throno,
Que é meu Senhor do Bomfim!

Na fronte ainda que baça,
Me assenta o troço de cassa,
Melhor que c'rôa gentil;
E eu posso dizer ufana
Que qual mulata bahiana,
Outra não ha no Brasil. » (1)

(1) *Cantos do Equador*, pag. 53.

A parte portugueza é a mais exigua, sem ser a menos notavel. Por brevidade deixo de citar algum trecho probativo, o que tambem faço em relação aos *Nocturnos e Phantasias* que se lêem nos *Cantos do Equador*.

De tudo que ahi fica expendido é facil concluir que a poesia de Mello Moraes Filho possue uma das qualidades mais preconisadas da poesia contemporanea, a objectividade. E assim é; em nenhum de seus livros deu elle entrada a producções puramente pessoaes e subjectivas. Mas essa objectividade é ideialisada; d'ella o poeta extrae aquellas tintas, aquelles tons, que mais se coadunam com a indole de sua intelligencia. Em quanto os outros mudaram de rumo em busca do parnasianismo contemporaneo, elle deixou-se ficar no tradicionalismo, embeber de nacionalismo, como um adorador consciente do pasado, de que não faz segredo nenhum e deseja antes que todos o saibam.

Ao passo que os nossos escriptores hodiernos atiram-se quasi todos á imitação da Europa, o Dr. Mello Moraes vai imperturbavel o seu caminho, e, por isso, como nacionalista, deverá ser contado entre os melhores de nossos poetas. Tem imaginação, delicadezas de sentimento, variedade de tintas, subtilezas de forma, em summa, aquelle vago, « aquelle ponto imponderavel, impalpavel, aquelle atomo irreductivel, aquelle nada que em todas as cousas deste mundo intitula-se a *inspiração*, a *graça*, ou o *dom*, e que é tudo », repetindo a phrase justa do pintor Fromentin.

Luiz Caetano P. Guimaraes Junior (1845-1898). Na seriação dos poetas hugonianos, depois d'aquelles que ficaram analysados, e antes de Luiz Guimarães Junior, deveriam desfilar as figuras de *José Jorge de Siqueira Filho*, *Pedro Ribeiro Moreira*, *Plinio Xavier de Lima* e *Antonio Alves de Carvalhal*.

A falta de documentos, adequados a esse fim, priva-me d'esse prazer.

Surge tambem agora de frente o vulto de *Gonçalves Crespo*. Deve ser elle incluido n'uma historia da litteratura brasileira ?

No começo d'este livro eu disse que deveria nos *tempos coloniaes* reclamar como *brasileiros* todos os nascidos n'este paiz, ainda que se tivessem na juventude retirado para Portugal e de lá não houvessem mais voltado á patria (1).

E' de facil intuição este pensar. Então não existia a nacionalidade brasileira, toda a cultura era, alem d'isso, bebida em Portugal, e o facto do nascimento era o criterio unico para a separação que se quizesse estabelecer entre os escriptores. Hoje, porém, já não é assim.

Um brasileiro que deixa a sua patria, carecedora de seus esforços, e onde se lhe abre grande arena para a actividade, e vae residir, em plena juventude, definitivamente na antiga metropole, alli se educa, faz-se intellectualmente, envolve-se na vida publica, esquecendo-se de todo das velhas relações e tradições que lhe cercaram a infancia, não tenho mais o direito de o reclamar, de o chamar um dos nossos. E' o caso exactamente do auctor das *Miniaturas* e dos *Nocturnos*.

Em compensação para substituil-o tenho em seu tempo alguem e este alguem é *Antonio de Souza Pinto*, auctor das *Idéas e Sonhos*, do *Estudo sobre Pombal*, e d'outros livros d'igual interesse.

Pinto é um producto espiritual do Brasil ; veio de sua terra menino, fez aqui toda a sua educação, formando-se n'uma academia nacional. E' mister voltar-me, porém, para Luiz Guimarães Junior.

E' um filho da escola do Recife ; não foi jámais um condoreirista extremado ; era já um elo natural entre o romantismo brasileiro e o nosso parnasianismo.

N'arte mostrou sempre tendencias, que lhe outorgam este caracter.

Luiz Guimarães era natural do Rio de Janeiro; filho de familia abastada passou a infancia e a primeira mocidade na patria e em Petropolis, como alumno do Collegio Calogeras.

Inclinado desde então aos prazeres e passa-tempos dos salões, ainda mais se lhe apurou essa tendencia em São Paulo

1) Vide o cap. I do 1º vol,

e no Recife, cujas academias cursou com a doce fama de estudante rico.

Depois de formado em fins de 1869, passou rapidamente pelo jornalismo e pelos salões fluminenses, sendo attrahido logo á carreira diplomatica, o mais falso de todos os modos de vida que póde um homem occupar sobre a terra.

Ahi ainda mais se apurou o scepticismo elegante, o dandysmo artistico de nosso compatriota. Elle é quasi um estrangeiro para nós. E aqui releva apontar, desde já, o especial genero de contradicção de nosso publico lettrado á conta de Guimarães Junior.

E é este : quasi todos os que se suppoem com direito a votar no assumpto consideram os seus primeiros livros do Recife o do Rio mais ou menos insignificantes e, quanto ao ultimo, — *Sonetos e Rimas*, — prodigiosamente admiravel. Comprehendo bem a revira-volta. Podem lá ser bons uns livros feios, publicados em papel commun, em typos secundarios ? Não é possivel.

Mas aquelle livrinho gentil, vindo do *estrangeiro*, da patria das artes, de Roma, em edição *chic*, e, logo após, em segunda tiragem de Lisboa, em *reliure* elegante, aquillo sim, é que são versos bellos...

Que coisa bonita! Que *bibelots!* Confesso que não vou por este caminho.

Nunca havia lido nada de Luiz Guimarães. Em 1868 e 69 — conheci-o no Recife e não sei que especie de preoccupação afastou-me d'elle e privou-me em absoluto de lêl-o. Então já o moço fluminense tinha levado á scena o drama *As Quedas Fataes* e publicado na imprensa pernambucana bom numero de poesias e folhetins.

Faço esta confissão, que poderia calar e que a muitos parecerá extravagante, porque d'ella vou tirar uma conclusão favoravel ao nosso poeta e folhetinista.

Li agora, por obrigação do officio, seus livros e declaro que me deixaram agradavel impressão. Não desgostei d'elles; mas justamente na ordem inversa á estabelecida pelo geral dos leitores.

Acho que em sua phase brasileira, entre 1862 e 72 o

poeta foi mais espontaneo, mais sincero, sua arte mais sentida, mais humana; então o contista e o folhetinista era mais despreoccupado, mais vivaz, mais lucido do que depois pareceu ser.

Ouso dizer, pois, que, assim considerados, os *Corimbos* são superiores aos *Sonetos e Rimas.* Estes revelam mais apuros e requintes de *forma;* aquelles simplesmente mais *alma* e esta é tudo em poesia.

A razão parece militar de meu lado. A poesia é uma d'essas intuições e effusões intimas que só têm vida quando partem do coração, bem acalentado e aquecido pelo bafejo da patria.

Assim como a prece e os monologos intimos nós só os fazemos na lingua materna, ainda que vivamos em terra estrangeira e falemos a linguagem alheia, tambem a poesia só pode ser verdadeiramente *vivida* na lingua patria e quando esta nos é transmittida directamente no paiz natal.

Em nossos dias em que se fala tanto de *hypnotismo* e *suggestão*, e mui acertadamente, porque ha muita verdade n'esses phenomenos, é bem possivel fazer d'elles uma applicação á critica litteraria.

A intitulada *lei dos meios*, com toda a sua influencia, não será um caso de suggestão espontanea da natureza e da sociedade ?

Ninguem se pode furtar á acção de seu tempo e de seu ambiente physico e social ; todas as nossas ideias são oriundas das impressões que d'ali nos vêm; o *meio* é, pois, o grande *suggestor* de todos os nossos pensamentos. Taes verdades são ainda mais instantes e inilludiveis n'alma sensivel e facilmente agitavel dos poetas.

Estes, como os insectos que tomam a côr das folhas em que se occultam e repousam, tomam a côr e a fórma da sociedade que os acolhe, e a mais propicia para lhes desenvolver o genio é incontestavelmente a da patria, a da terra natal.

Os *Corymbos* são o repositorio dos cantos do poeta dos dezoito aos vinte e cinco annos, quando elle não tinha sahido de seu paiz e aprendido na diplomacia a arte das *fórmas*

polidas e aptas a esconderem e refolharem o pensamento e o sentir.

Como factura, como mão d'obra, como producto de ourivesaria, os *Sonetos e Rimas* deixam os *Corymbos* muito a perder de vista; como expressões francas de uma alma de rapaz, estes, repito, ganham a palma.

Mas tudo isto é ainda muito generico; é preciso perscrutar mais de perto o auctor; qual o valor e o alcance de seu talento? E' o que é preciso ser dito em poucas palavras.

Luiz Guimarães Junior não foi uma intelligencia apta para a sciencia, a critica, a philosophia, as especulações que exigem profunda tensão de espirito. Na bella litteratura mesma — o romance e o drama lhe eram interdictos, ainda que os tivesse tentado por vezes.

Os generos que lhe ficavam de molde eram a poesia leve, o conto rapido e o folhetim minusculo. A primeira é que lhe assenta melhor.

Em seus livros de poesias não encontrei uma só producção que me parecesse de todo má; tambem não se me deparou nenhuma verdadeiramente superior e imponente.

O poeta não ultrapassa certa distancia em seu vôo; vae a certa altura, é verdade, e deixa-se lá pairar graciosamente; mas não se perde nas nuvens.

Não produz brilhantes raros engastados em finissimo ouro; espalha rubis, turquezas, saphyras e topazios em graciosas joias de ouro medio e faz deliciosas filigranas de bôa prata. Tambem não desce ao estanho e ao cobre.

Não é poeta para alentar a gente nos momentos das grandes dôres, das grandes crises do espirito; é um diligente e prazenteiro camarada para certas horas de descuido ou de enfado.

No conto e no folhetim, no meio de paginas desgeitosas e banaes, contam-se algumas bem nutridas e gostosamente legiveis.

Por este lado sua obra acha-se encerrada nas *Historias para gente alegre*, nos *Contos sem pretenção*, nas *Filagranas*, e nas *Curvas e Zig-zags*.

Sinto pressa de concluir, e quero logo mostar ao leitor as

provas do que lhe tenho affirmado. Vae vêr por si mesmo alguma cousa do poeta e do prosaista.

Dos *Corymbos* aprecie ***Recuerdo :***

« Nós estavamos sós. Triste e saudosa
Surgia a lua no elevado monte :
Cheia de orvalho suspirava a rosa,
Cheia de rosas suspirava a fonte.

Ao pé de nós a aragem murmurava
Nos curvos ramos da mangueira em flor ;
Nos nossos labios a illusão cantava,
Nos nossos olhos despontava o amor.

Nós estavamos sos. Ella tremia
Cravando o olhar nos mudos olhos meus :
O que eu lhe disse, o que ella me dizia
Foi um mysterio que sumio-se em Deus...

A natureza festival sorrindo
Nos attrahia e nos forçava a amar :
Dizia o céo : — como este par é lindo!
Dizia a noite : e como é bom sonhar!

Todo o mysterio que seduz e encanta,
Tudo o que corta a solidão baixinho :
O som d'um beijo, o estremecer da planta.
O vôo das aves, procurando o ninho ;

A folha secca que resvala e freme,
Da lua o raio solitario e vago,
O molle orvalho que nas urzes treme,
A sombra inquieta que pertuba o lago ;

Tudo assistio ao virginal encanto
Das nossas crenças para sempre unidas :
Viram dois rostos confundindo o pranto,
E duas almas confundindo as vidas!

As doidas phrases que a chorar dissemos
D'aquella noite na eternal mudez,
O louco abraço, as juras que fizemos :
— Não se repetem : fazem-se uma vez! » (1)

(1) *Corymbos*, pag. 27.

Dos *Sonetos e Rimas* note *A morte da aguia :*

A bordo vinha uma aguia. Era um presente
Que um potentado, — um certo rei do Oriente,
Mandava a outro : — um mimo soberano.
Era uma aguia real. Entre a sombria
Grade da jaula o seu olhar luzia,
Profundo e triste como o olhar humano.

Aos balanços do barco ella curvava
Ao niveo collo a fronte que scismava.
E emquanto as ondas turbidas gemiam
Ao som do vento em funebres lamentos,
Ella pensava nos longinquos ventos
Que do Hymalaia os pincaros varriam.

Fôra uma infame e traiçoeira bala,
Que do regio fusil negra vassalla,
Invisivel — uma aza lhe partira :
Cheia de luz, tranquilla, magestosa,
Dobrando a fronte branca e poderosa,
Aos pés de um rei a aguia real cahira.

Os bonzos vis, propheticos doutores,
Sondando-lhe a ferida e as cruas dores,
Que um venenoso balsamo tentava
Apaziguar em vão, — diziam rindo :
« Não ha no mundo um exemplar mais lindo :
Vale um imperio. » — E a aguia agonisava.

Um dia, emfim, o animal valente
Resistindo aos martyrios, — largamente
Respirou a amplidão. A aza possante
Abrir tentou de novo. Aberta estava
A jaula colossal que o esperava :
Forçoso era partir. Desde esse instante

A aguia sombria e muda e pensativa,
Solemne martyr, victima captiva,
Terror dos vis, e symbolo dos bravos,
Pedio a morte a Deus. — Pedio-a anciosa,

Longe, porem, da côrte vergonhosa
D'esse covarde e baixo rei de escravos.

Pedio o morte a Deus, o cataclismo,
As convulsões electricas do abysmo,
As batalhas do ar! Morrer n'um grito
Vibrante, immenso, heroico, soberano,
E fremente rolar no azul do Oceano
Como um titão cahido do infinito.

Morrer livre, cercada de victorias,
Com suas azas — pavilhão de glorias —
Inundadas da luz que o sol espalha :
Ter o fundo do mar por catacumba,
As orações do vento que retumba,
E as cambraias da espuma por mortalha.

Emtanto, melancolica, tristonha,
Como um gigante morbido que sonha,
Fitava, ás vezes, o revolto Oceano
Com esse olhar nublado e delirante,
Com que saudava a Cesar triumphante
O moribundo gladiator romano.

O commandante — urso do mar bondoso —
Disse um dia ao escravo rancoroso,
Ao carcereiro estupido e inclemente :
« Leve-a ao convez. Verá que esse desmaio
Basta para apagal-o um brando raio
Do largo sol no rubido oriente. »

Subio então a jaula ao tombadilho :
Do nato dia o purpurino brilho
Salpícava de luz o céo nevado...
E a aguia elevando a palpebra dormente,
Abrio as azas ao clarão nascente
Como as hastes de um leque illuminado.

O mar gemia, lobrego e espumante,
Açoitando o navio; — alem — distante,
Nas vaporosas bordas do horisonte,
As matutinas nevoas que ondulavam,

Em suas varias curvas figuravam
Os largos flancos triumphaes de um monte.

« Abra-lhe a porta da prisão », (ridente
O commandante disse) : « Esta corrente
Para conter-lhe o vôo é mais que forte :
Voar! pobre infeliz! causa piedade!
Dê-lhe um momento de ar e liberdade,
Unico meio de a salvar da morte »

Quando a porta se abrio, — como uma tromba,
Como o invencivel furacão que arromba
Da tempestade as negras barricadas,
A aguia lançou por terra o escravo pasmo,
E, desprendendo um grito de sarcasmo,
Moveu as azas soltas e espalmadas.

Pairou sobre o navio — immensa e bella —
Como uma branca, uma isolada vela
A demandar um livre e novo mundo;
Crescia o sol nas nuvens refulgentes,
E como um turbilhão de aguias frementes,
Zunia o vento na amplidão, — profundo.

Ella lutou, anciosa! Atra agonia
Suffocava-a. O escravo lhe estendia
Os miseraveis e covardes braços ;
Nú o Oceano ao longe scintillava,
E a rainha do ar, em vão, buscava
Onde pousar os grandes membros lassos.

Sobre o barco pairou ainda, — e alçando,
Alçando mais os vôos e afogando
Na luz do sol a fronte alvinitente,
Ebria de espaço, ebria de liberdade,
Como um astro que cai da immensidade,
Afundou-se nas ondas de repente. » (1)

Nas poesias de Luiz Guimarães predominam as impressões pessoaes, subjectivas. Os quadros da natureza exterior são em pequeno numero e de merito secundario.

(1) *Sonetos e Rimas*, 2.ª edição, pag. 13.

Tem poucas, quasi raras, paginas de caracter nacional. Os *Sonetos e Rimas* trazem no genero apenas *A Sertaneja;* os *Corymbos* apenas *A Choça do Lenhador*.

Nos contos e folhetins o auctor é mais abundante em notas locaes, algumas bem apanhadas e descriptas com habilidade e agudeza.

D'este genero se me antolha ser *A Mucama*, que vou pôr sob as vistas de quem me lê :

« E' o mino da casa ; as meninas contam-lhe todos os segredos ; os escravos a respeitam; as visitas reconhecem n'ella a herdeira presumptiva das malicias e indiscreções da familia; e sua vida resume-se em ser a companheira da senhora moça em solteira, e a criada particular da senhora moça quando se casa!

E' a favorita do lar domestico; uma especie de Montespan retinta, azougada, de cabello aprumado, por cujas mãos teem de passar todos os requerimentos que se dirijam á alta sabedoria do conciliabulo familiar. Em Inglaterra chama-se Betty; em França Marton; em Portugal Maria; no Brasil perde o nome de baptismo para grangear o honroso qualificativo de *mucama*.

Contam as chronicas antigas que o melhor meio de se attrahir a confiança dos monarchas, era em primeiro logar angariar a sympathia das favoritas. Ninguem levará a mal essa observação, desde que se lembrar da Pompadour, da La Vallière, da duqueza de Berry, da duqueza de Chevreuse, da Maintenon, da Parabère e de outras estrellas galantes do escandaloso horisonte do seculo XVIII.

Pois no Brasil,e especialmente no Rio de Janeiro, essa pleiade de figuras gentis, essas duquezas, princezas, marquezas, loiras, morenas, infieis, ousadas, encantadoras, resumem-se n'um simples perfil, cujo maior luxo é o de trazer o cabello aspero repartido e empinado, os olhos vivos, o dente claro, o motejo e o *muxoxo* promptos, o vestidinho engommado, a côr envernisadamente negra e uma insolencia á prova dos mais rispidos preconceitos sociaes.

Será preciso nomear a mucama? Quem não a reconheceu já nos rapidos traços, que ahi deixamos, embora toscos e incolores?

Um espirito superior em nossa litteratura, desenhou em quadro de mestre a physionomia garrida, impertinente, cruel, engraçada e arisca do *moleque*, o demonio familiar, o secretario do *senhor moço*, o terror das visitas, e o cofre indiscreto de todos os mysterios da casa e da visinhança!

Só a mesma penna seria capaz de pôr em relevo o typo da mucama

brasileira. Devo-lhe esta venia, antes de metter a mão na custosa seára.

A mucama é uma confidente, — que digo? é uma pessoa da familia, uma parenta e quasi sempre uma filha. Identifica-se com os gostos, os defeitos, os cacoetes dos senhores, a tal ponto que eu ouvi um sujeito perguntar, ha tempos, á minha vista, á mucama, durante o jantar :

— Oh! pequena! devo principiar pelo frango ou pelo carneiro?

Ella respondeu não sei o que, e curvou-se immediatamente, para dizer qualquer cousa ao ouvido da menina.

O sujeito, respeitando o meu honésto pasmo, disse-me rindo :

— E' a mucama de minha filha.

E ao meu ouvido :

— E' um azougue!

A mucama é quem veste a nossa noiva, quem a pentêa, quem lhe ensina o meio de nos fazer ciumes no ar, quem vê primeiro os figurinos da ama e os escolhe, quem nota os defeitos e as bellezas das visitas da casa, quem as despede á porta da rua, quando lhe apraz, quem acompanha a menina á chacara, ao quarto, á cama, e é quem, na hora do noivado, lhe prega o ultimo alfinete, murmurando seja o que fôr que obriga a noiva a corar e a rir diabolicamente.

— E vai se casar sempre com o Santos, nhanhã? perguntou uma á senhora moça, no dia em que esta acceitara o pedido do pretendente.

— Vou. O que é que tem?

— Não era eu! Olhe, d'isso estava elle livre!

— Porque?

— E a verruga do pescoço?

— A verruga?

Os olhos da noiva brilharam, e suas faces tingiram-se de um purpurino arrebol.

— Só hoje foi que eu dei pela cousa ! proseguio o demonio negro. E matisava as palavras de gargalhadas intermittentes. Hoje á hora do chá !

— Mas...

— Ora, tinha que vêr ; uma moça do Cassino, uma moça fregueza da *Notre Dame* e que anda no *coupé* do papai !

— Explica-te ! explica-te !

—Eu lhe conto. Quando a gente veio tomar chá, eu dei para ficar por traz d'elle. Meu dito, meu feito, Não tirei mais os olhos de cima do homem. Conversa pucha conversa ; e abaixa aqui, e abaixa acolá, o certo é que d'uma vez que elle se debruçava para um lado,

o collarinho affastou-se, e eu vi com estes olhos mesmo, uma verruga do tamanho d'um tento com que meu senhor joga o solo !

— Feissima, hein ?

— Deus me defenda ! parecia um besouro... Então, com pena de nhanhã...

— Está bom. Vai te deitar.

— Não quer nada mais ?

— Não, acudio a menina um pouco febril. Vai-te deitar.

No dia seguinte, desmanchava-se o casamento. D'esta vez, a fatalidade rebentou no seio de uma familia sob o aspecto d'uma... verruga ? Qual ? sob o aspecto d'uma mucama !

A mesma menina, atenasada pelo demonio negro, cazou com um biltre que a injuriava dia e noite, para dar razão á mucama. Isso é vulgar !

A mucana consegue dominar todos os representantes da familia, desde o chefe até o ultimo parente. E' muitas vezes o pomo da discordia. Uns defendem-na, outros censuram-na ; outros nem a censuram nem a defendem ; ficando ella na posição altamente historica de Helena, pela qual brigaram os valentes heróes de Homero !

A educação brasileira, que não é por fim de contas o idéal das educações racionaes, deve banir de seu gremio essa figura ironica, traidora e graciosa da mucama.

A mucama é um perigo ; um perigo que se insinúa, quasi imperceptivelmente, á maneira do arranhão do gato ou das febres intermittentes. Depende muitas vezes d'ella o socego do lar domestico, e não é para admirar que o seu espirito infernal sirva de peso na balança das nossas contribuições sociaes e politicas.

Em tempo de eleições :

— Rapariga, vai vêr quando passa o Cunha e entrega-lhe isto. São as chapas da nossa freguezia !

Pouco depois pára junto á janella um Cupido, que costuma cortejar a menina da casa.

— Então, pequena, o que ha de novo ?

— Nada. Só eu que aqui estou á espera do sr. Cunha, para lhe dar as chapas.

— Que chapas ?

— Eu sei ? ! Da freguezia do meu senhor ! Olhe !

E mostra o embrulho.

O Cupido tem uma subita inspiração.

— Oh, pequena, dá cá isso !

— Para que ?

— Ora vamos ! Dá cá, e toma estas !

— Hein ?

— Se me queres bem !... Não sejas má... então ?

E trocam-se os embrulhos.

O certo é que, na apuração das cedulas, o homem entra em casa desorientado :

— Isto só por artes do diabo ! vocifera elle. Rapagira !

Vem a mucana ; olhos serenos, peito tranquillo, e com um sorriso apenas malicioso no canto da boca.

— Entregaste as chapas ao Cunha ?

— Sim, Sr. ! Elle que diga !

— Diabo, diabo !...

E emquanto o derrotado herόe da freguezia arranca os cabellos e as barbas a mãos juntas, a mucama estala de riso, por taz do bastidor da senhora moça !

A mucama está collocada entre o escravo e a familia ; nem é propriamente filha, nem propriamente escrava.

Para ella se inventou um meio termo de censura e de caricia ; um *quasi* beliscão e um *quasi* beijo.

Ella nasceu no mesmo dia em que a menina veio ao mundo ; os gostos, os dissabores, as malicias, as ingenuidades, os caprichos da menina refletem-se n'ella.

Se está pezarosa a senhora, a mucama pezarosa está; se a senhora vive alegre, o mundo descobre esse lisongeiro estado no nariz esperto, no cabello relusente e nos labios perigosos do travesso demonio.

A menina esconde um segredo, dous segredos, o maior segredo de sua alma a sua mãe; á mucama, não. E tente-o !

Ella vem surrateiramente como a cobra, como a pulga, como a traição. Olha para a senhora moça ; tosse de manso ; demora-se em arrumar alguma cousa na *toillete ;* estaca a examinar um vidro de perfume ; pergunta mil vezes se não ha necessidade de cousa alguma, e por fim exhala um retumbante suspiro, com os olhos piedosamente erguidos ao tecto.

— O que tens tu ?

E palavra depois de palavra, phrase em seguida a phrase, questões, reticencias, armadilhas, maliciosas perfidias, até que emfim...

Até que emfim, a mucama ao romper do dia, vai contar á dona da casa, com certo aprumo, tudo quanto a menina occultou ás lagrimas e supplicas maternas.

E' uma raça damninha realmente, mas é o lado espirituoso, é o lado galante, é o lado anecdotico e gentil da escravidão brasileira.

De todos os escravos, o mais perigoso, terrivel, invencivel e fatal, é a mucama. Terrivel, por ser justamente o mais seductor.

Ha pais que dizem, apresentando a filha ao noivo, como o seu melhor elogio :

— Não tem parentes !

Se elles dissessem : — Não tem mucama ! seria cousa de lisongear, com mais vantagem, o espirito e o socego d'um noivo consciencioso.

A proposito de noivo... Um janota fluminense, rapaz esbelto, atoleimado, rico, socio do Jockey-Club, e talento capaz de, no peior bilhar, levar a cabo uma duzia de carambolas em dez minutos, — um moço perfeito emfim ! — estava a pular de cobiça pelo dote de uma herdeira riquissima, cento e cincoenta apolices, dous predios magnificos, madrinha millionaria, etc., etc. !

A menina era galante, mas ingenua, de forma que o sujeito tinha quasi por ganha a partida. Havia, porém, uma barreira no meio da aventura ; e que barreira, Virgem purrissima ! — havia uma mucama !

Pai, mãi, irmão, amigos, todos amaldiçoavam o dia em que o janota pôz os olhos... nas apolices da donzella. A mãe, em varias conferencias intimas tratára de aconselhar a filha.

— Eu tenho mais de vinte annos, mamãe. Ou me caso com elle, ou então a lei...

A lei era um dos recursos a que se prendia a logica do namorado. Em todas as suas cartas elle falava na lei...

A menina sentia-se vencida e fascinada.

A mucama, por capricho ou por commiseração de familia, dicidio-se a cortar a crise.

No momento de se deitar, disse-lhe a senhora moça, com a face incendiada e o seio convulsivo ;

— Se papai não consentir, eu hei de ser tirada por justiça ; Verás !

A mucama deixou de desacolchetar o vestido da menina, olhando-a com certa penetração.

— Nunca me viste ?

— Estou admirada !

— Oh ! oh ! porque ?

— Porque esse moço lhe quer tanto bem como a mim !

— Hein !

— Vamos apostar !

— Estás doida ?

— Vamos apostar, sinhá ! Em sendo horas amanhã eu vou para o portão, e o que se passar, vosmicê verá da janella do jardim.

— Que vaes tu fazer, rapariga ?

— Verá!

Os olhos da mucama fulguravam como duas brazas infernaes. A menina sorrio desdenhosa e entregou-se toda aos ineffaveis arroubos de sua poetica aventura.

Na tarde do seguinte dia, a mucama approximou-se á senhora moça. Estava luzidia, viçosa, enfeitada, rutillante de perversidade e malicia.

— Espere um pouco, sinhá!

— Esperar porque, maluca?

— Pela prova que eu lhe disse hontem. Elle ha de vir buscar a resposta da carta...

— Se tu fizeres alguma cousa...

— Esconda-se vosmicê por traz da persiana e conhecerá quem é o sujeitinho. Tambem póde acreditar, se elle não fôr como os outros, eu mesma lhe direi: — caze-se já, já sem perda de tempo!

— Tola!

A's dez horas da noute, o silencio cercava toda a sumptuosa habitação. A menina, entre a curiosidade e o enleio, acondicionou-se á sombra da persiana. Era a hora em que o janota vinha regularmente trocar entre as mãos da mucama as epistolas amatorias.

Tic, tac, tic, tic, tac, tac...

Lá vinha elle! Chegou emfim! Examinou se alguem o seguia, se alguem o via, se o espreitava alguem... Adiantou-se até o portão. A mucama sahio-lhe ao encontro.

— Então? indagou o janota, estendendo a mão, á espera da carta habitual.

— Hoje não ha, meu senhor!... acudio ella, desfazendo-se em meneios e momos graciosos.

— Tua senhora?

— Não está em casa.

— Como?!

— E' verdade... eu estou só.

— A familia toda sahio?

— Todinha.

E, momentos depois, ouvio-se no silencio da noute, o ruido sonóro d'um beijo.

Immediatamente, porém, estalou uma gargalhada vibrante, acerada, estridente, e o portão fechou-se com estrondo nas barbas do novo D. Juan.

A gargalhada crescia de furia, de expansão e de sonoridade.

Ao mesmo tempo descerrava-se a persiana e surgia o rosto colerico e pallido da illudida enamorada.

— Então, sinhá? Ganhei ou perdi a aposta?

O janota enfurecido tentou abrir o portão. Acordou o feitor, apenas. Ia despertando o alarma na casa. Achou mais commodo retirar-se. Fel-o com a maior prudencia e... presteza.

Quando a mucama approximou-se á senhora moça, mal podia comprimir as risadas que a suffocavam.

A menina olhava-a pasma e muda, sem saber se devia repellil-a ou acarinhal-a.

— Olhe, sinhá — observou o demonio com um ar genuinamente infernal — d'esses homens ha por ahi aos centos, como as moscas. Não vale a pena! Nem para mim!

E enxugou desdenhosamente a face.

Nunca mais se falou no namoro da moça, nem se vio a cara atoleimada do janota. A familia mal sabia a que attribuir tão feliz metamorphose.

Um dia, em segredo, a menina narrou a scena do rompimento á mãe, a mãe ao pai, o pai ao filho; e de commum accordo, decideram alforriar a crioula, conservando-a, porém, no posto de mucama predilecta.

Ella preferio ser ainda, ser sempre, ser toda a vida, mucama; mas... escrava.

Metternich não seria mais diplomata, nem Machiavel mais astuto. « (1)

Luiz Guimarães Junior, por mais que se o queira, é impossivel collocal-o na primeira ordem dos escriptores brasileiros. Vae para a segunda categoria.

Ausente da patria, durante metade da existencia, nunca foi um combatente activo em nossas luctas pela verdade e pelo progresso. Faltou-lhe sempre para tanto a paixão e com ella o ideial.

LUIZ DELFINO DOS SANTOS (1834...) Quem tiver de escrever a historia da poesia brasileira, ao findar a phase do romantismo, antes de passar aos *scientificistas*, *parnasianos* e *symbolistas*, successores do antigo systema, ha de encontrar-se com diversos romanticos, que, presentindo a dissolução das velhas doutrinas, tiveram bastante senso e bastante ducti-

(1) *Filagranas*, pag. 203 e seguintes.

lidade de espirito para tomar assento entre os grupos novos que se iam formando.

D'esse numero é, como se viu, Luiz Guimarães Junior; d'esse numero é tambem Luiz Delfino dos Santos, antigo condoreiro. Ambos vieram abrigar-se aos arraiaes parnasianos.

D'esse numero tambem foram *Celso de Magalhães*, *Antonio de Souza Pinto* e *Generino dos Santos*. Ha apenas uma differença e esta é de importancia capital : estes não se alistaram entre os d'aquelle grupo, collocaram-se n'um ponto de vista especial, alguma cousa, que não é parnasianismo, nem scientificismo, nem o realismo ou o naturalismo, como vulgarmente são interpretados.

E' alguma cousa que não sei que nome possa ou deva ter, que a mim se me afigura uma especie de *conceptualismo* semi-philosophico e semi-poetico, bem equilibrado; porém de pequeno alcance.

Celso de Magalhães, fallecido em 1879, e *Sousa Pinto*, ainda existente em Pernambuco, são mais dois temperamentos de criticos do que de poetas.

Em terceiro e ultimo volume d'esta obra, destinado ao estudo da prosa na epoca romantica e post — romantica, estudo do theatro, do romance, do conto, da historia, da philosophia, das sciencias, da critica, do jornalismo, encontrarei estas duas figuras e me hei de deter ante ellas.

Quanto a *Generino dos Santos*, sua passagem entre os romanticos foi demasiado rapida e não deixou vestigios duradouros; sua melhor florescencia, sob o influxo do positivismo e de novos ideiaes, é phenomeno recente, que fica tambem dentro do termino que pretendo impor a este livro.

Dos velhos romanticos, que passaram a novas doutrinas, só dous devem agora ser contemplados, por terem outr'ora muito batalhado sob a antiga bandeira. Um, Guimarães Junior, já o foi; o outro, Luiz Delfino dos Santos, vae sêl-o.

Não conheço ninguem mais difficil de ser estudado conscienciosamente em nossa litteratura que este poeta.

Dar d'elle uma simples noticia, após a leitura de quinze ou vinte peças publicadas avulsamente nos jornaes, seria por

certo facil. Porem não se trata d'isto ; a cousa é mais seria.

E' um homem que deve ser biographado e cuja vida não se encontra escripta. Não se ha-de ir indagal-a d'elle mesmo. E' um homem que deve ser estudado em seus livros e não os possúe.

Não se ha-de andar por ahi a pescar uma ou outra poesia pelos jornaes.

Pensa-se que elle tem escripto pouco, os seus intimos acham logo meio facil de desmentir a gente, affirmando convictos que o homem possue material para trinta ou quarenta volumes. Só em sonetos tem cerca de tres mil especimens.

Como vêr tudo isto para não se asseverarem erros, que podem ser outras tantas injustiças? Hão de confessar que a cousa é mais difficil do que se póde suppôr.

Vou dizer d'elle o que sei *sine ira ac studio.*

O que penso a seu respeito é ainda hoje fundamentalmente o mesmo que publiquei em 1882 no opusculo — *O naturalismo em litteratura*, e de que hei-de aqui reproduzir o topico principal. Apenas lhe juntarei um appendice mais brando ; porque está é uma obra de historia e aquelle folheto era um simples artigo de polemica.

Fica assim, desde já, prevenida a objecção, que me hão de fazer todos os que se encommodam, quando attenúo um pouco o rigor d'alguns antigos juizos meus á conta de certos escriptores.

Luiz Delfino dos Santos é filho de Santa Catharina, onde nasceu em 1834. Estudou alli alguns preparatorios, ultimando os outros no Rio de Janeiro. Cursou aqui a faculdade medica, doutorando-se em 1857 ou 58, ao que supponho.

Desde tres ou quatro annos antes cultivava a poesia. Fez algumas publicações isoladas, especialmente na *Revista Popular* e no *Jornal das Familias*, pelos annos de 1860 a 64. Depois emudeceu quasi de todo.

O medico absorveu quasi inteiramente o poeta ; não digo bem, porque o poeta continuou a vibrar as cordas de seu instrumento em segredo; a ancia de fazer carreira clinica e

juntar fortuna retirou-o da arena da litteratura activa e confinou-o no mundo dos doentes e dos negocios.

Depois ficou elle rico, e, de certo tempo a esta parte, começou a ter saudades do mundo litterario, do ruido da imprensa, por onde havia passado muitos annos antes como relampago.

As luctas litterarias, porém, têm as suas leis que não são, que não podem ser impunemente violadas.

De seu menospreço provêm todos os defeitos, todas as maculas da obra do poeta. Ser escriptor, especialmente em nosso tempo de lucta e movimento, não é garatujar em segredo tiras de papel e as ir accumulando nas gavetas, nas pastas ou aos cantos da casa; ser escriptor é perseguir um ideial, é traçar um plano de jornada e ir por elle em fóra, é defender uma causa, é ter o instincto da combatividade litteraria e scientifica sempre alerta; ser escriptor é essencialmente ser um luctador sempre na brecha no meio de seu grupo, de seus camaradas, dando a mão aos que desfallecem, sem arredar a arma da face do inimigo.

Cada livro, cada opusculo, cada brochura, que se publicam são outros tantos actos, outras tantas acções da grande peleja.

Cada livro tem a sua historia; e qual é a historia dos quarenta volumes incumbados do Dr. Luiz Delfino dos Santos?

Ninguem sabe. O poeta não tinha, não teve jamais o espirito, o temperamento litterario. O senso do combate pelas letras lhe faltou sempre.

D'ahi quatro falhas impreenchiveis na sua vida de auctor: scindiu sua carreira, o que é sempre um mal; perdeu o melhor tempo, a phase da mocidade para apparecer e luctar; abandonou os seus coevos, os seus companheiros naturaes, que cresceram a seu lado sem o conhecer; appareceu tarde, depois dos cincoenta annos, no meio de uma geração de estranhos, que não o podiam estimar como camarada ou como irmão. A cada um o seu dia. Não se joga inpunemente com o tempo.

Segue-se d'ahi que o poeta catharinense não tenha merecimento? Absolutamente não.

Pelo que tenho lido d'elle cheguei a esta conclusão que me parece verdadeira : em sua esthesia poetica predomina a imaginação e faz quasi completa ausencia o sentimento.

Ora, a imaginação só por si, sem a fonte caudal do sentir, só intermittentemente pode fazer obra boa. D'ahi a desigualdade tão manifesta que salta logo diante de quem lê as producções do auctor. Por uma ou duas poesias boas, deparam-se-nos depois cinco e seis aleijadas, extravagantes.

Os principaes defeitos de Luiz Delfino, falta de livros apparecidos a proposito e que fossem outros tantos actos e outras tantas phases de sua evolução, falta de interesse por nossas questões nacionaes, falta de sentimento, e o estylo palavroso e affectado, já foram por mim apontados em 1882 n'estes termos :

« E' um escriptor sem livros!... Bello chefe, grande general sem batalhas !... Sua posição é commoda ; mas seu merito, como factor nas lutas nacionaes, é nenhum. Nunca se decidio, nunca tomou um partido em nossas lutas. Este signal é tambem caracteristico e eu chamo a attenção do leitor para elle.

Ninguem conhece as suas opiniões scientificas, politicas, ou litterarias. Sabe-se apenas que tem publicado, a largos intervallos, algumas poesias bombasticas pelos jornaes do Rio de Janeiro.

E' pouco, é muito pouco. Ter a cabeça erguida, querer intimidar a gente com chefias, e não ter escripto, discutido, lutado; conservar-se como um incognito, e, emquanto os outros se batiam peito a peito, emquanto a sua geração sustentava nos hombros os encargos intellectuaes da patria, ficar ahi para um canto, como um burguez a enriquecer, é prova de grande tino pratico, é prova de uma grande força de vontade para libertar-se das necessidades da vida, mas não é prova de um temperamento litterario, de uma organisação de poeta.

Nada seria se a sua fortuna lhe tivesse vindo pelas letras, como a de Victor Hugo ou a de Zola, por exemplo. O Dr. Luiz Delfino será tudo ; mas não é, não foi jamais um factor intellectual no Brasil. Através do poeta eu quero vêr o ho-

mem ; quero vêr o patriota, quero vêr o espirito imbuido de uma idéa, tendo a seu cargo a defesa de uma causa.

Onde, em que tempo o Dr. Delfino ha combatido em prol de qualquer cousa? Elle não tem, pois, o direito de carregar o sobrolho e olhar de soslaio para aquelles, que o não enxergam no caminho. Sim ; neste paiz, nos ultimos trinta annos, poetas e romancistas, criticos e jornalistas, medicos, legistas, engenheiros têm escripto folhetos e livros; têm travado na imprensa cem batalhas. Em qual d'ellas foi visto o Dr. Luiz Delfino? Como pensa elle em politica, em philosophia, em critica litteraria, em sciencia? Qual é a sua opinião sobre o indianismo, o nacionalismo litterario, a poesia popular, o romantismo, a reacção naturalista, a philosophia da arte, a historia litteraria do paiz ? Que pensa elle sobre todas estas questões que todo poeta de hoje deve conhecer e responder com segurança e vistas proprias ? Nada, absolutamente nada. Vive a sonhar com o *Levante* por imitação e porque elle é um desterrado no meio das nossas letras.

Não conhece o paiz e por isso nossos problemas não o tocam.

Vejamo-lo em suas producções.

Neste ponto seja minha primeira affirmação a seguinte : é um poeta palavroso, emphatico, desigual, obscuro e aspero. Não tem sentimento, não tem idéas, nem originalidade. E' o mais perfeito exemplo que conheço da *mecanica versejadora* nos tempos modernos. E' um diletante que faz versos por luxo ; a poesia é para elle um traste de salão, ou um bom coupé para sahir á rua.

O estylo é bombastico e martelante ; é imitado de Victor Hugo deturpadamente. Atordôa os ouvidos e o bom senso ; mas não commove ; não tem graça, nem delicadezas de expressão e sentimento. O fundo é mesquinho. Sua esthetica litteraria é a de um romantismo turbido, furioso. Se não tem delicadezas, se não tem o sentimento natural e simples. tambem não tem força.

Quando o verso lhe sae corrente é mais pelo habito, por uma adaptação mecanica, do que por ser sentido. Os seus versos

novos publicados na *Gazetinha* mostram essa dextreza do habito; os mais antigos da *Revista Popular* são insupportaveis.

E' um espirito que tem pretenções á amplitude; mas é arido e desconnexo. E' o romantismo na phase esteril da nullidade latente.

Tem um lexicon poetico escolhido a dedo. As palavras : *sandado*, *ebriez*, *ebrioso*, *lubrico*, *leão*, *colossal*, *enorme*, *curva*, *curvatura*, *ebriado*, e outras apparecem obrigatoriamente em seus versos. Mecanisação da memoria.

Temperamento de burguez, educado litterariamente no tempo do romantismo palavroso, sem larga intuição, sem grande talento, o dr. Luiz Delfino da arte só possue as exterioridades. Alma placida e enfastiada, procura illudir-se a si e aos outros com o retintim das phrases.

Não existe um só pensamento, uma só tendencia na litteratura brasileira de que elle fôsse o auctor. »

Esta pagina de reacção, contra exaggeros que se começavam a espalhar em torno de Luiz Delfino, é verdadeira em sentido geral; porem é incompleta. Eu então só quiz vêr os defeitos do poeta, deixando totalmente de lado o merito, qualquer merito que elle por ventura possuisse.

Como resenha da face esdruxula e extravagante do talento do cantor catharinense, parece-me completo o quarto transcripto.

Mas não basta; a historia precisa de alguma cousa mais.

Não se trata só de apontar defeitos; porque se um typo litterario não tem merito algum, então deve ser excluido dos livros de analyse.

Se é incluido é porque tem alguns titulos, que o amparem e esses titulos devem ser francamente apresentados á apreciação da posteridade.

Eu disse em principio que o Dr. Luiz Delfino é um talento muito desigual em suas producções : grandes defeitos no meio de bellezas.

Se pois mostra bellezas é que seu espirito possue qualidades bastantes para as produzir. Indicar essas qualidades

é o que falta e é o que vou praticar agora em nome da imparcialidade historica.

São estas : o poeta possue vigor de imaginação, facilidade, abundancia, elevação de tom, brilho de tintas.

Creio que está dito tudo. As ideialisações, os quadros, as creações do auctor podem não ser placidos, bem equilibrados, de desenho correcto, de contextura segura, bem delineada e logica.

Nunca se mostram em compensação rachiticos, enfezados, nullos. Ha sempre n'elles, pelo menos, certa grandeza de intuitos, certo vigor descriptivo e pitoresco de fórma, certa *aisance* que indica o artista de pulso forte.

Estou bem certo de que, se o poeta publicar agora e de pancada tudo o que tem escripto, o bom e o ruim, não fará grande favor a sua fama. Se praticar uma selecção e publicar uns dous ou tres volumes do que possuir mais perfeito e acabado, muito fará por sua gloria e poderá occupar um alto logar entre os mais valentes lyristas de nosso paiz.

Devo cital-o, e, na difficuldade de fazer uma escolha inteiramente acertada, limito-me a mostrar as primeiras estrophes das — *Solemnia Verba* :

« Revôlta a entranha, gottejando sangue,
Polluta a carne, rôta e palpitante,
Olhos sem lume, o corpo inerte e exangue,
Lecerada, qual tronco de gigante,
Que o raio lasca, e que do vento a sanha
D'alto a baixo derróca da montanha...

Nas vascas d'agonia a Hespanha estava !...
Embalde a liberdade austera e honesta
Mascula força e um novo ardor lhe dava
Quer erguel-a... brodaram-lhe : não presta.
Mas... vem um rei ; abate-a ; e (cousa estranha !)
Bastou : 'stá viva : resurgiu a Hespanha !... —

E' ella !... Vede-a... é ella !... Embraça o manto,
Que pela espalda cáe-lhe longamente ;

No olhar... prazer, enleio, orgulho, espanto :
A regia c'rôa lhe illumina a frente ;
E por meio do povo, que é-lhe espolio,
Rasga a estrada de Apio ao Capitolio.

Para saudar o imperio, que surgia,
Dentre as brumas da asperrima tormenta,
Que inda montes e valles envolvia,
A primavera festival rebenta,
E, espedaçando o manto das neblinas,
Ergue a fronte enrolada de boninas.

Iris de paz atou o céu á terra,
Chiou no campo o hymno da charrua,
E o clangoroso som da voz da guerra
Por valles, montes, serras, não estua :
Riem-se as esperanças e os desejos,
Musicas bricam pelo ar e harpejos.

Ha como o esvoaçar do anjo da gloria
Desde os seus Piryneos ao Guadarrama!...
Que pagina voltou-se á sua historia ?
E esse heróe, que a voltou, como se chama ?
Que Odysséa essa mão recem-chegada
Vae escrever na pagina voltada ?

Das velhas cathedraes nos campanarios
Uns gigantes molossos bronzeados,
Negros espectros, feios, legendarios,
Ladraram de alegria, ou de assustados,
Interrompendo o seu profundo somno,
Porque subia Affonso XII ao throno.

Longos réptis de bronze ajoelhados,
Como leões a um domador de féras,
Nos seus moitões de ferro acorrentados,
Com carcereiros de feições severas,
Saudam roucos, como a populaça,
Ao ultimo que os doma, e os vence e passa.

Em Madrid os altissimos senhores
Pompeiavam librés de varias côres :

Como um riso dè Deus o sol brilhava ;
Forrava o céu um céu de galhardetes,
E entre gritos, repiques e foguetes,
Ria-se austeramente a Calatrava ! !...

Os cantores de todas as victorias
Os servos vís de todos os traidores,
Thuriferarios de ficticias glorias,
Beijando o pó dos pés aos seus senhores,
Só estes veem a vida, a paz e flores
Onde os mais veem grilhões, miseria, horrores.

Mas onde andavas tu, ó linda escrava ?
Por onde, e em que dourados devaneios
Por um momento rugidora e brava
Ensanguentavas teus formosos seios ?
Qual era a tua idéa e o teu caminho,
Nua, descalça, rôta, em desalinho ?

Descabellada, em lubrica loucura,
Grande, como uma estranha divindade,
Palpando as trevas de uma noite escura,
O que buscavas tu na liberdade ?
Por onde, escrava de cem reis, tu vôas,
Sceptros partindo, e espedaçando c'rôas ?...

E tropeçou nas corôas dos senhores !...
E tropeçou na espada dos bandidos ;
Tropeçou nas bandeiras multicôres,
Nos punhaes dos seus principes vencidos !...
Em cada passo um abysmo escancarado,
E em cada abysmo um grito do passado !

Como em hartos rochedos seculares,
Tropeçavam seus pés nas cathedraes !...
E amoedando os vasos dos altares,
Moldando em arma os bronzes colossaes,
E os bureis, como labaros, brandindo,
Ant'ella os monges foram-se reunindo...

Foi-lhe barreira a igreja, o padre, o monge,
Os escribas da lei degenerada ;

E a pobre liberdade ia de longe
Vendo a cruz do Calvario alevantada...
E á louca multidão, que além se espraia,
Ella ouvia bradar : — crucificai-a.

Um povo repassado da ferrugem
Das cadeias, e tendo a alma vincada
Dos velhos élos, como as vagas mugem
Quando se alteiram na procella irada,
Ergueu-se ; e as roucas vozes ecoaram ;
— Que é dos nossos grilhões, que nos roubaram ?... —

Surgiu embalde a voz omnipotente
Sobre o murmurio desse ingente mar ;
Como o rugido do leão fremente,
Passou a voz de Emilio Castellar.
— Vae com teus sonhos, lhe gritava o povo,
Nossos grilhões... nossos grilhões de novo. —

Armada sentinella do futuro,
Immovel, como estatua num rochedo,
Via sem odio, sem paixão, sem medo,
Em convulsões do povo o mar impuro,
E na tremenda agitação que lavra
Da boca sáe-lhe um sol : — era a palavra. —

Aquelle mar que cresce, ferve, estúa,
Como leão nas jaulas indomado,
Elle arremessa a voz candente sua,
Como um Cyclope um monte derrancado ;
E monte a monte — Encelado moderno —
Cáe dentro desse mar seu verbo eterno.

— Vós, que vendeis a vossa liberdade,
O que sereis na historia ? O que ser ha de
Quem sem pejo alma vende, um monstro enorme,
Cabeças a milhões, e um só molosso,
Que embriagado sobre o sangue dorme,
Inda a rugir famelico de um osso.

Erguei-vos, povos, ergue-te, nação ;
Crava os olhos no espaço luminosos ;

Tu és a força, o indomito leão,
Porém na jaula e em somno vergonhoso :
Falta-te a idéa, falta-te a vontade...
Tens a força e não tens a liberdade !

Só darás uma prole corrompida,
Terra da Hespanha ? terra grande outr'ora,
Quando pugnava independencia e vida,
E enchia a historia de clarões de aurora,
E enchia o mundo de fulgentes brilhos !...
Oh ! Hespanha, onde estão teus grandes filhos ?

Evoca. Rasga as pedras tumulares,
Quebra o ossario dos teus velhos soldados,
Ergue o lençol dos annos seculares,
Enche as cryptas poentas dos teus brados,
Chama, evoca outra vez, ó povo ingrato...
Responde o Cid ?... Acode o Viriato ?...

Os grandes capitães não vem. Passaram.
Não tens direito mais ao teu reclamo ;
Dormem. Podem dormir que trabalharam ;
Patria, que, ainda assim mesmo, eu tanto amo,
Porque emfim mesmo assim envilecida
E's minha patria, oh ! eu te devo a vida.

Porque não fundaremos na justiça
Um grande imperio, Castellar bradava.
Temos sido o repasto da cobiça,
Hespanha, deixa emfim de ser escrava,
Oh ! patria de minha alma, Hespanha minha,
De ti mesma levanta-te rainha.

Acabemos de vez a vil tutela,
Dos que se creem legitimos senhores
De vós, soberdos filhos de Castella ;
Fujam de vez os olhos oppressores,
A lei por vós formada e vos aceite,
Seja o unico rei que se respeite.

Bella esperança que o porvir nos doura,
Berço, ninho de amor, que nos embala,

Mimosa e doce como a moça loura,
Que aos tenros filhos com carinho fala,
Ama-te o velho, adora-te a criança.
Bello sol de alegria e de esperança.

Não temais, reis do mundo, o gladio della :
Não é a liberdade algoz tremendo ;
Como o sol passa em horas de procella
A face d'ouro em nuvens escondendo
Mas sempre sol e rei da immensidade...
Assim é elle... o sol da liberdade...

Vejo-te, Hespanha, soberana e bella,
Ao banquete da paz chamando os povos,
Firmando emfim galhardamente nella
A conquista dos teus direitos novos...
Viva a paz, que engrandece e que consola...
E' a paz a — Republica hespanhola. —

E o que é a paz ? Sabei, ó hespanhóes ,
E' o vosso salario ao lar fruido,
O campo roteado, o filho instruido...
São estes os pacificos heróes,
Que hão de renhir batalhas á miseria,
E a luz plantar nos coruchéus da Iberia... » (1)

E' impossivel continuar a citação, por demasiado longa. O que ahi fica é mais que sufficiente para representar o estylo do poeta, quando elle era um sectario do condoreirismo.

Hoje sua maneira tem-se modificado no sentido do puro parnasianismo. Victor Hugo deixou de ser seu mestre ; Leconte de Lisle exerce hoje esta funcção. Quem quizér conhecer do caminho andado pelo poeta, basta que leia d'elle o bellissimo quadro intitulado *Tres Irmães* e o compare a *Solemnia Verba*. Avaliará a distancia.

Creio poder concluir com segurança : O Dr. Luiz Delfino dos Santos não está destinado a representar na historia,

(1) *Revista Brasileira*, Tomo 1.º, pag. 290 e seguintes.

como por ahi apregoaram em certa época admiradores seus, o primeiro papel, a primeira figura de nossa poesia. Bem longe d'isso. Tambem não ficará no logar inferior que já um dia, em utilissima reacção, lhe assignalei. Sua posição será bem consideravel, principalmente como poeta de imaginação.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

INDICE

LIVRO IV

Terciera epoca ou periodo de transformaçãò romantica.
(1830-1870)

Paris. — Typ. H. Garnier, 6, rue des Saints-Pères. 391.11.02.